unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ANDRÉ LUIZ FAHL BOVO

"RIO CLARO ESTARÁ NO BRASIL?" – PERSEGUIÇÃO, PRECONCEITO, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA A IMIGRANTES E DESCENDENTES DE ALEMÃES, ITALIANOS E JAPONESES EM RIO CLARO-SP DURANTE AS GUERRAS MUNDIAIS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO - SP
2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ANDRÉ LUIZ FAHL BOVO

"RIO CLARO ESTARÁ NO BRASIL?" – PERSEGUIÇÃO, PRECONCEITO, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA A IMIGRANTES E DESCENDENTES DE ALEMÃES, ITALIANOS E JAPONESES EM RIO CLARO-SP DURANTE AS GUERRAS MUNDIAIS

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Rio Claro – SP

2026

B783"

Bovo, André Luiz Fahl
"Rio Claro estará no Brasil?" : Perseguição, preconceito, exclusão e violência a imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses em Rio Claro-SP durante as guerras mundiais / André Luiz Fahl Bovo. -- Rio Claro, 2026
432 f. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. História do Brasil. 2. Guerras Mundiais. 3. Imigrantes e Descendentes. 4. Geografia da mídia. 5. Rio Claro – SP. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ANDRÉ LUIZ FAHL BOVO

"RIO CLARO ESTARÁ NO BRASIL?" – PERSEGUIÇÃO, PRECONCEITO, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA A IMIGRANTES E DESCENDENTES DE ALEMÃES, ITALIANOS E JAPONESES EM RIO CLARO-SP DURANTE AS GUERRAS MUNDIAIS

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. BERNADETE APARECIDA CAPRIOGLIO DE CASTRO
IGCE / UNESP / Rio Claro (SP)

Prof. Dr. PAULO ROBERTO TEXEIRA DE GODOY
IGCE / UNESP / Rio Claro (SP)

Profa. Dra. DANIELA CRISTINA LOPES DE ABREU
ASSER / Rio Claro (SP)

Prof. Dr. FABIO ALEXANDRE DOS SANTOS
UNIFESP / Osasco (SP)

Profa. Dra. MARIANA BARBOSA DE SOUZA
UFLA / Lavras (MG)

Conceito: Aprovado

Rio Claro (SP), 11 de março de 2026

Todos devem deixar algo para trás quando morrem, (...) Um filho, um livro, um quadro, uma casa ou parede construída, um par de sapatos. Ou um jardim. Algo que sua mão tenha tocado de algum modo, para que sua alma tenha para onde ir quando você morrer. Não importa o que você faça, (...) desde que você transforme alguma coisa, do jeito que era antes de você tocá-la, em algo que é como você depois que suas mãos passaram por ela. (...) Faz muitos anos que meu avô morreu, mas se você levantasse a tampa de meu crânio, por Deus, você encontraria, nas circunvoluções de meu cérebro, as marcas profundas de seus polegares. (BRADBURY, 2020, p.190-191)

Dedicado aos meus ancestrais, de qual origem for,
Alemães, italianos, suíço-alemães ou portugueses,
mas especialmente

A meu avô Waldemar Alfred Fahl (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à banca examinadora, formada pela minha orientadora prof.ª dr.ª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro e pelos doutores prof. dr. Paulo Roberto Texeira de Godoy, prof.ª dr.ª Daniela Cristina Lopes de Abreu, prof.ª dr.ª Mariana Barbosa de Souza e prof. dr. Fabio Alexandre dos Santos, pela atenção dispensada na leitura, correção e apontamentos para a presente pesquisa, as quais acatei dentro das possibilidades e do tempo disponível, tentando realizar modificações em harmonia a todos as distintas e diversas orientações dos pareceres.

Agradeço ao Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro "Oscar de Arruda Penteado", pela atenção despendida, auxiliando-me no acesso aos documentos, os quais foram fundamentais para a existência da tese. Também sou extremamente grato a todos os funcionários e responsáveis pelo Arquivo, cujo esforço hercúleo permite a manutenção, recuperação e divulgação dos documentos históricos de nosso município.

Meus agradecimentos às comunidades alemã, italiana e japonesa de Rio Claro, pela sobrevivência, preservação e recuperação das memórias, valores e práticas da nossa cultura, apesar dos muitos pesares enfrentados no passado, presente e, quiçá, no futuro. Agradecimento a todos que se interessaram verdadeiramente pela pesquisa, tenham sido entrevistados ou não, tanto no mestrado como no doutorado, pelo carinho, dedicação, interesse e participação direta, além da coragem de se envolverem em uma pesquisa a respeito de um período cruel, doloroso e traumático. Também agradeço à minha família e meus pais, pelo apoio e carinho.

Por fim, agradeço à Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador, pelas vitórias, derrotas, ganhos e perdas que obtive nesses anos. Não menos importante, O agradeço pelos amigos e inimigos, aos ganhos e às perdas e decepções. "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco." – 1 Tessalonicenses 5:18.

Resumo

A tese trata-se da continuação e desdobramento da dissertação "Uma época de restrições e impedimentos: Alemães e descendentes em Rio Claro - SP na 1ª metade do século XX (1914-1945)" de 2019. Dito isto, a pesquisa analisa a perseguição às etnias alemã, italiana e japonesa, no município de Rio Claro - SP, durante as guerras mundiais (1914-1945), mas situando-a historicamente, entre o século XIX e o pós 1945. Nossos recortes se basearam nas questões étnicas e municipais, com outros elementos subordinados a tais quesitos. Historicamente, a imigração ao Brasil foi considerada como incentivadora à vinda de imigrantes. Contudo, trazemos outro foco: o da violência etnocultural. Tal problemática impeliu-nos a investigar fontes ligadas à perseguição, além de memórias silenciadas. Objetivamos explicar a criminalização da cultura dos imigrantes, através do exame das articulações entre imprensa, intelectualidade e repressão política. Buscamos evidenciar as implicações da perseguição nos silenciamentos familiares e documentais, esperando que o trabalho auxilie as etnias a resgatar elementos históricos, identitários e culturais. Nossa análise se concentrou na hemeroteca do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro; mas utilizamos também entrevistas, atas, discursos políticos, produções radiofônicas e cinematográficas. A análise se baseou em metodologia multidisciplinar, enfocando o silenciamento e seus resquícios documentais, para investigar a questão étnica da escala local ao global. Com isso, constatamos o planejamento dos ataques na Primeira Guerra, que atingiram instituições simbólicas, residências e comércios. Na Segunda Guerra, atestamos a cooperação entre a ditadura varguista e o ideal assimilacionista na criminalização e degradação da cultura imigrante. A análise documental cruzada nos permitiu sustentar que o silenciamento é resultado da união entre poder estatal, apoio intelectual e coerção cultural. A pesquisa contribuiu com uma nova visão sobre os grupos étnicos, demonstrando que a análise das violências etnoculturais sofridas é fundamental para entender essas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; Guerras Mundiais; Imigrantes e Descendentes; Geografia da mídia; Rio Claro – SP.

Title in English: “Is Rio Claro even in Brazil?”: Persecution, Prejudice, Exclusion, and Violence against immigrants and descendants of Germans, Italians, and Japanese in Rio Claro, São Paulo, during the World Wars

Abstract

This thesis is a continuation and expansion of the dissertation "An Era of Restrictions and Impediments: Germans and Descendants in Rio Claro - SP in the First Half of the 20th Century (1914-1945)" from 2019. That said, the research analyzes the persecution of German, Italian, and Japanese ethnic groups in the municipality of Rio Claro - SP during the World Wars (1914-1945), but situating it historically between the 19th century and the post-1945 period. Our focus is based on ethnic and municipal issues, with other elements subordinated to these aspects. Historically, immigration to Brazil has been considered an incentive for the arrival of immigrants. However, we bring another focus: that of ethnocultural violence. This problem compelled us to investigate sources linked to the persecution, as well as silenced memories. We aim to explain the criminalization of immigrant culture through an examination of the connections between the press, intellectuals, and political repression. We seek to highlight the implications of persecution in familial and documentary silences, hoping that this work will help ethnic groups recover historical, identity-related and cultural elements. Our analysis focused on the newspaper archive of the Public and Historical Archive of Rio Claro; however, we also used interviews, minutes, political speeches, radio and film productions. The analysis was based on a multidisciplinary methodology, focusing on silencing and its documentary remnants, to investigate the ethnic issue from the local to the global scale. With this, we observed the planning of attacks in the First World War, which targeted symbolic institutions, residences, and businesses. In the Second World War, we attested to the cooperation between the Vargas dictatorship and the assimilationist ideal in the criminalization and degradation of immigrant culture. The cross-documentary analysis allowed us to argue that silencing is the result of the union between state power, intellectual support and cultural coercion. The research contributed a new perspective on ethnic groups, demonstrating that analyzing the ethnocultural violence they have suffered is fundamental to understanding these communities.

KEYWORDS: Brazil History; World Wars; Immigrants and Descendants; Media Geography; Rio Claro – SP.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - Explicações, Motivações e Descrição dos Capítulos 13

In.1 Objetivos 14

In.2 Descrição dos capítulos 15

In.3 Motivações pessoais a pesquisa 16

In.3 Motivações pessoais a pesquisa – parte II 20

CAPÍTULO 1: Delineação da Pesquisa: Recortes e Materiais 21

1.1 Recorte espacial, temporal e humano 22

Espacial 22

Temporal 23

Humano 24

1.2 Documentos utilizados 26

1.2.1 Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro "Oscar de Arruda Penteado" 29

Hemeroteca 29

Coleção Rio Claro de Fotografias 30

Atas da Câmara de Rio Claro 30

1.2.2 Relatos 31

1.2.3 Descrições dos documentos do DEOPS 32

1.2.4 Documentos digitais brasileiros 32

Fundação Biblioteca Nacional 32

Arquivo Nacional 33

Obras de Rui Barbosa e Barão do Rio Branco 33

1.2.5 Documentos digitais estrangeiros 34

Diversos jornais estrangeiros 34

Filmes e documentários do período 34

CAPÍTULO 2: Contexto Histórico – Rearranjos do Século XIX 35

2.1 Mundo em turbulência – novos mercados, potências e problemas 36

2.2 Os Imigrantes – a busca da prosperidade e o conflito na frustração 46

2.3 Rio Claro – o município na consolidação das comunidades e seus conflitos 58

CAPÍTULO 3: Aspectos Teórico-Metodológicos – Cultura e silenciamento 65

3.1 Ponderações gerais 66

3.2 O indivíduo e a malha cultural que o precede e o compõe 67

Culturicídio 70

Devir 71

Culpabilidade das etnias e da sociedade? 73

3.3 A multitude de silenciamentos 74

Escutar o grito abafado 74

Silenciamento Social 79

Silenciamento Interno 84

Silenciamento Intelectual/Acadêmico 89

CAPÍTULO 4 – Parte I: "Rio Claro estará no Brasil?": 1900-1938 – Conflitos sociais, perseguição a alemães na Primeira Guerra Mundial e sociedade no período entreguerras 96

4-I.1 Início de século tumultuoso 97

Assassinato do Coronel Diogo Salles pelo imigrante Ângelo Lungaretti 97

A greve dos ferroviários e sua repressão em 1906 100

Breves conclusões sobre o início do século XX 108

4-I.2 Primeira Guerra Mundial e a comunidade alemã de Rio Claro 108

A paz termina em pedradas 111

Rio Claro, o Brasil e o Mundo 118

Trucidem os alemães! Mas quem são os alemães? 126

As charges de "A Picareta" 137

O conflito entre o coronel Marcello Schmidt e o jornalista Rubem Faro 146

O Alpha e a vigilância aos alemães 156

Nova onda de manifestações com o fim da guerra 159

Os conflitos entre O Alpha e O Dia 161

Breve conclusão quanto à Primeira Guerra Mundial em Rio Claro 168

4-I.3 Entreguerras e a questão étnica 169

Revolução 1932 171

Momentos prévios à Segunda Guerra ou Rio Claro entre 1934 e 1938 173

A exoticidade oriental e a imigração de "amarelos" 174

O caso Arthur Lucchini Bilac 177

A questão judaica em Rio Claro 187

4-I.4 Breve conclusão 189

CAPÍTULO 4 – Parte II: "Rio Claro estará no Brasil?": 1939-1945 – As comunidades alemã, italiana e japonesa acusadas, excluídas e vitimadas durante a Segunda Guerra Mundial 190

Rio Claro, um município ditatorial? 191

O que poderia se saber do Nazismo e Fascismo? 192

Anticomunismo 202

Outros preconceitos 214

A questão religiosa 222

A perseguição assimilacionista se estabelece 236

Portugueses são estrangeiros ou nacionais? 258

Amigos Italianos, o que aconteceu com vocês? 261

Realidade Brasileira 269

Os tenebrosos japoneses 281

Aproveitadores, golpes e imposições 288

Quinta-colunismo 292

Brasileiros! De pé pelo Brasil! 302

Último ano da Guerra e seu fim 314

Os silêncios que bradam do passado 320

Os estudos após a guerra 321

4-II.1 As ondas de rádio aos ouvidos de Rio Claro 321

Algumas Notícias de Guerra 328

Discursos de Vargas 330

A Marcha do Tempo 333

Espírito da Vitória 334

Radioteatro nas Américas 335

Variedades 336

Seriam as músicas apenas divertimento? 337

4-II.2 Rio Claro vai ao cinema 340

A luta moralizante contra o cinema 340

Aprender com o cinema! 343

Mussolini Fala! (1933) e filmagens do Eixo 346

Confissões de um Espião Nazista (1939) 350

O Grande Ditador (1940) 355

Alô, Amigos! (1942) 359

Os Filhos de Hitler (1943) 361

Produções sobre a aeronáutica 363

Os "nipões" no cinema 366

Rio Claro no cinema 368

Breve conclusões sobre o cinema em Rio Claro e as etnias analisadas 371

CAPÍTULO 5: História Deteriorada – Consequências das Narrativas Incriminatórias 373

A pacata Rio Claro 374

5.1 O pós-guerra 375

A Shindo Renmei em Rio Claro 376

As imigrações voltam à discussão 382

O anticomunismo retorna 387

5.2 O tempo foi passando, mas o estigma permaneceu 389

5.3 O preconceito sobrevive até hoje, mesmo que enfraquecido 391

O preconceito exercido na internet 391

5.4 Diário da Província – um filme sobre a história de Rio Claro 394

CONCLUSÃO – Para Um Obituário do Silenciamento 398

C.1 Conclusão acadêmica 398

Relações entre a dissertação de mestrado e a tese de doutorado 398

Resultados específicos 400

Resultados gerais 401

Conclusões pessoais 402

Síntese da conclusão 402

C.2 Conclusão destinada aos grupos étnicos 403

Problemas que ainda enfrentamos 403

Em defesa de uma mudança dos nossos padrões comportamentais 404

Algumas propostas sinceras ou a proposta dos 3 R's 405

REFERÊNCIAS 408

Entrevistas realizadas 423

Filmografia 424

Gravações radiofônicas 425

APÊNDICES 427

A.1 Apêndice A – Carta Convite 427

A.2 Apêndice B – Roteiro de Entrevista 428

A.3 Apêndice C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) 430

INTRODUÇÃO

Explicações, Motivações e Descrição dos Capítulos

A realização da tese parte de um aprofundamento e ampliação da dissertação "Uma Época de Restrições e Impedimentos" (BOVO, 2019), a qual agregamos ao enfoque os grupos italianos e japoneses na análise. Procuramos melhor compreender o indivíduo em sua complexidade histórica, etnocultural, social, política, evitando deixar (supostas) contradições em aberto. Ampliamos o escopo documental utilizado e não nos furtamos da possibilidade de constante adição de fontes, questionamentos e métodos, conforme as nossas possibilidades.

Desse modo, a pesquisa dialoga com a precedente e trará questões e informações já anteriormente discutidas, mas sobre novo olhar e com uma gama maior e mais diversificada de documentos. Claramente não se visa, com isso, realizar autoplágio, pois, como o leitor de ambas notará, se trata de um diálogo com o que já fora produzido e, em caso de reaparecimento de conteúdo similar, este ocorre devido à necessidade de fazê-lo.

O planejamento da pesquisa fora pensado para que pudéssemos realizar contribuições acadêmicas, sociais como um todo e, também, mais especificamente, às comunidades abordadas, ou seja, todo e qualquer indivíduo que possua relação e ancestralidade com os grupos étnicos enfocados. Nos organizamos na tentativa de não deixar elementos e intenções ocultas, contudo sabemos que tal situação não é completamente possível, mesmo assim buscamos não esconder qualquer relação entre pesquisador e a pesquisa.

Dessa forma, esperamos que a pesquisa responda questionamentos referentes à presença dos grupos étnicos alemães, italianos e japoneses no município de Rio Claro, evidenciando as perseguições sociais, econômicas, políticas e, sobretudo, culturais no período das Guerras Mundiais, mostrando seu gérmen no século XIX e as consequências no pós-Segunda Guerra e na atualidade, assumidamente inserindo a pesquisa como parte desta última.

Nos esforçamos em realizar um estudo que apesar de estar enfocado no município de Rio Claro, Estado de São Paulo, e consequentemente suas particularidades tanto estaduais quanto municipais, não crie uma teoria excludente às outras regiões, reconhecendo e incentivando seu orgulho e pertencimento étnico por onde quer que estejam ou se originem.

In.1 Objetivos

Ambicionamos alcançar resultados não apenas acadêmicos, mas memorialísticos, sociais e étnicos. Para tanto, intencionamos situar nossa escrita e apresentação de forma que consolide e perpetue memórias, demonstre os (des)caminhos que formam o país e seus grupos, desperte os pesquisadores familiares à lacuna histórica do período das guerras e a importância de entendê-la, além de estimular o ressurgimento de práticas culturais e da possibilidade de reafirmar o orgulho étnico identitário dos grupos estudados. Academicamente visamos defender uma leitura que abarca a complexidade cultural de grupos que passaram por períodos de silenciamento, e de como isso afeta a formação das comunidades e de seus membros.

Com a realização das entrevistas e da divulgação, mesmo que parcial, de documentos históricos, visamos a consolidação memorial e a injeção de questões por vezes negligenciadas na análise da história do município, seus grupos e famílias. A criação do documento oral permite o diálogo com as fontes escritas, imagéticas (que possuam ou não movimento) e outras auditivas, aparecendo questionamentos fundamentais sobre a história e a interação espacial.

Nossa defesa de uma metodologia que abarque a complexidade da cultura silenciada, abrangendo conceitos, ideias e métodos de diversas áreas, em uma clara abordagem transdisciplinar e multiescalar, situando o indivíduo nessa trama a qual ele se forma e atua. Assim, busca-se compreender o conjunto e as ponderações que são feitas, evitando afirmar ou ler "contradições" na ação de pessoas ou grupos, vendo os múltiplos fatores em jogo na tomada de decisões, dos valores que se ligam, da forma de pensar, do que conquistam ou perdem em sua trajetória. As análises então enfocam como as etnias e os indivíduos puderam transitar, negociar, modificar e utilizar das condições apresentadas nestes períodos persecutórios para garantir sua sobrevivência, interesses, planos etc.

Visamos, portanto, examinar o processo de silenciamento das etnias e as decorrentes cicatrizes culturais. Para tanto iremos contextualizar o século XIX, abordando a formação das comunidades e os conflitos iniciais, tanto na questão do trabalho, quanto dos atritos entre sua cultura e as imposições de um ideal de brasilidade. Identificar e investigar os principais acontecimentos e construções intelectivas a respeito dos grupos étnicos, sobretudo no período das Guerras Mundiais, para assim evidenciar a violência ditatorial culturicida, cuja fundamentação no ideal assimilacionista transformava o orgulho cultural identitário em traição à nação. Por fim, constatar as consequências de tais perseguições, além da gradual recuperação de dados culturais e memoriais.

In.2 Descrição dos capítulos

A organização dos capítulos, apesar de possuir uma lógica, não deve ser entendida como fixa ou imutável, havendo ligações diversas, tridimensionais, as quais não conseguem se efetivar perfeitamente em sua consolidação textual, inevitável e inerentemente bidimensional. Incentivamos que o leitor note os pormenores que não puderam se mostrar claramente ou, até mesmo, crie ligações, pois não reconhecemos o ato de ler como atividade passiva.

Estipulamos que o "**Capítulo 1: Delineação da Pesquisa – Recortes e Materiais**" demonstraria, brevemente, os meios que possibilitaram balizar a pesquisa, explicando as delimitações, as escalas e os documentos utilizados, ou seja, a demonstração de suas fronteiras analíticas e o conteúdo a ser trabalhado, a saber: os períodos analisados; os espaços que interagem; as populações inseridas; e os conjuntos e utilidade das fontes consultadas.

O que visamos no "**Capítulo 2: Contexto Histórico – Rearranjos do Século XIX"** é a contextualização tanto dos povos enfocados, quanto da situação global envolvida nas suas migrações continentais ou mesmo internas. Estabelecemos uma análise tríade, porém interligada, que se verá por toda a pesquisa, onde trabalhamos os grupos, as questões brasileiras e as internacionais envolvidas. Damos especial atenção às condições de suposta receptividade e suas complicações, sem deixar de aprofundarmos na experiência dos imigrantes. Focamos, portanto, no século XIX, período de intensa imigração alemã e italiana para o município e, também, de discussões a respeito da aceitação ou não de asiáticos em território nacional.

Ao termos explicado a construção da condição social dos imigrantes presentes e vindouros, pudemos, no "**Capítulo 3: Aspectos Teórico-Metodológicos – Cultura e silenciamento",** aprofundar nosso embasamento interpretativo na compreensão e elucidação das questões propostas. Compreender a cultura dentro das tramas de silenciamento, pois ao mesmo tempo que ela é elemento formador de um indivíduo e sua família, ela também não é alheia às questões sociais, econômicas, intelectuais e políticas. Nesse interim buscamos demonstrar como a política ligada ao ideal de assimilação se metamorfoseia na perseguição e silenciamento cultural, com a exclusão daqueles cuja etnia é vista como indesejada. Essas construções do passado se adentram na sociedade e o indivíduo sofre, ao exercer sua identidade étnica, com acusações de extremismos políticos, de ser um iludido, preconceituoso e/ou racista.

A análise dos documentos referentes ao período enfocado, o das guerras mundiais, será realizado no "**Capítulo 4: 'Rio Claro estará no Brasil?'**", com o posicionamento das

comunidades na cidade e as flutuações sociais de tolerância e repressão. Os documentos avaliados, analisados e comparados são variados e visam uma compreensão complexa da situação e das formas que os indivíduos se depararam com estes momentos históricos. Visamos com isso mostrar a parte da genealogia cultural destes grupos e como afetou em sua atualidade, defendendo que a interpretação de "perda" cultural é uma visão equivocada a respeito da história de tais comunidades. Combatemos, portanto, as leituras de avaliação cultural, as quais, atropelando os processos históricos, anacronicamente espera uma imutabilidade temporal, como uma imitação do passado e/ou da população dos países de origem.

No "**Capítulo 5: História Deteriorada – Consequências das Narrativas Incriminatórias**", abordamos as sequelas do período persecutório e as narrativas que dele nasceram, centrando-nos no período após a Segunda Guerra, sobretudo quanto a *Shindo Renmei*. Apesar de se tratar de um capítulo conciso, intencionamos mostrar o contexto etnocultural no período posterior à guerra, na manutenção de velhos estigmas, até de violências.

Por fim, na "**Conclusão – Para Um Obituário do Silenciamento"**, realizamos a descrição dos resultados específicos e gerais, além de uma síntese conclusiva. A última parte é dedicada, de maneira mais pessoal, aos grupos étnicos que foram abordados, na expectativa de que a pesquisa possa auxiliá-los na manutenção e recuperação memorial e cultural.

In.3 Motivações pessoais

A existência de tal subcapitulo é possível por nos contrariarmos à perspectiva da viabilidade de um distanciamento completo entre o pesquisador e sua pesquisa ou, até mesmo, da necessidade de haver tal afastamento. O pesquisador, portanto, possui laços familiares com a comunidade alemã e italiana da cidade, como de intensa amizade com a nipônica (e também da portuguesa, espanhola, africana, dentre outras que não são o enfoque da análise), sendo tal fato comum nos estudos acadêmicos, não somente os do município, mas nos estudos em todo o país. Assim, este distanciamento é ilusório ou mesmo maquiado, com os pesquisadores frequentemente encontrando fatos de seus ancestrais nas pesquisas, ou mesmo sendo parentes distantes de outros acadêmicos da área.

Dito isso, iniciamos o breve e parcial comentário das motivações pessoais a realização da pesquisa, cujo gérmen foi uma conversa que tive com meu Tio Odimir Fahl nas festas de Natal de 2012 (como está nos agradecimentos de minha dissertação). Tal gérmen não se deu

em uma situação inusitada, ao contrário, os comentários e as relembranças familiares sempre foram constantes nas reuniões. Contudo, o modo que a conversa fora nitidamente planejada, com o ímpeto de recontar a história por ele vivida e o que lembrava do que lhe fora transmitido, foi o que exerceu a faísca primordial a um pesquisador que, apesar de sempre ter sido apaixonado pela história familiar, não havia conjecturado a possibilidade de pesquisar o próprio passado de forma acadêmica. Assim, tomando cerveja com meu tio, conversando sobre nossa história, que a minha carreira de estudos verdadeiramente começa.

Entretanto, os questionamentos não se iniciaram aí, sendo presente em toda trajetória de vida. Por qual motivo meu nome fora esquartejado antes de meu nascimento? Ausência dolorosa que carrego até hoje[1], por pedido de meu avô, o mesmo que se emocionou ao saber que a linhagem de sua filha também continuaria e – nos poucos anos que tive minha maior honra, a de seu convívio – tentou me ensinar o alemão. O que levava o mesmo homem que pediu para ocultar o sobrenome germânico, querer passar a sua cultura que estava vinculada a este, para o neto? Algumas conjecturas familiares se provaram mais corretas, principalmente nos estudos e nas conversas que tivemos ao realizar o mestrado e, agora, o doutorado.

Em 1917 a *Deutsche Schule*, a "Escola Alemã", foi apedrejada, com isso Waldemar Alfred Fahl, no seu quarto e último ano no colégio, teve que parar de frequentá-la, o que não o impediu de adquirir conhecimento nas mais diversas áreas e de ajudar todos os filhos até onde cada um seguiu. Sabíamos, pois nos foi transmitido, que tal vandalismo se efetivou conjuntamente à Igreja Luterana, mas sem grandes detalhes, tal como se fosse um movimento espontâneo da população. Ao realizarmos a pesquisa, contudo, vemos que essa diminuição do relato se fez presente também em outras famílias, ocultava-se que o movimento tinha sido organizado, que casas e comércios também foram atacados e que a concentração da massa se deu em um movimento pró-guerra organizado na Praça da Liberdade, praça central do município juntamente ao Jardim Público. Onde estariam os familiares nesse interim? Moravam próximos a Escola e a Igreja, mas tudo que sabemos é do fim abrupto dos estudos de meu avô, além da impossibilidade de meu tio-avô Aníbal Fahl estudar no colégio, único dos 6 irmãos que não o frequentou (mas falava alemão, aprendido com a família).

Quanto a Segunda Guerra sabemos que os bisavós escutavam pelo rádio os acontecimentos com grande preocupação, nas reuniões de família existiam momentos em que

[1] Escrevi essa parte quando ainda estava com o nome incompleto, o próximo subcapítulo de continuação das questões pessoais comento a respeito

as crianças deviam deixar o recinto, nos quais os adultos falavam entre si, em alemão, distantes da nova geração. Vale ressaltar que a família já havia ramos miscigenados e que se faziam presentes nestas reuniões, sendo os conteúdos das conversas uma incógnita. São questões que nos ocultaram, algumas destas crianças, hoje já idosos, aprenderam alguma coisa de sua língua ancestral, mas de maneira esparsa. Quanto ao posicionamento político do período pouco ou nada sabemos, somente da tristeza da guerra estar ocorrendo, ajudarem com mantimentos os combatentes (principalmente o bisa Otto Rathlew)[2], e até mesmo um getulista posteriormente à guerra[3], no caso uma tia-avó, mas por questões trabalhistas, não culturais. De todo modo, o medo é nítido, mas anteriormente críamos ser apenas um modo de ser cotidiano, uma quietude "normal" da época. Erro que fez uma lacuna tão grosseira quase passar desapercebido até academicamente na família, comigo inicialmente, antes do mestrado, a pensar em fazer uma trajetória familiar que nada mais era que uma ligação da imigração (1846) a uma atualidade, algo comum em livros de memória familiares, com o padrão: imigração século XIX e as condições da vinda – progresso econômico até o início do século XX – lacuna das guerras mundiais com vagas informações genealógicas – período pós-guerra até a atualidade do trabalho contando pormenores familiares e eventuais reuniões buscando juntar diferentes galhos da árvore familiar.[4] Obviamente não consideramos essas produções ruins, são fundamentais, porém a lacuna é comum e evidente.

Quanto à família paterna um acontecimento desastroso, a morte prematura de meu avô, Jayme Bovo (devido à doença de Chagas em 1954), acabou por ofuscar parte da rememoração, sendo difícil delimitar se o desconhecimento de certos aspectos se deu mais por um possível silenciamento interno ou se a catástrofe acabou por concentrar o foco para ela. Dessa forma, um trauma étnico pode ter sido encoberto, mas não eliminado, por outro, familiar, o qual impactou diretamente a sobrevivência imediata. A presença da família é marcada pela linha férrea, sendo que Jayme era funcionário da Companhia Paulista e morava com sua família na Vila Alemã, criando laços com famílias italianas e alemãs do local.

[2] A história é de que ele fazia cestas de mantimentos e os dava aos combatentes nos trens, supomos que sejam os revolucionários de 1932, tendo em vista que também ajudaram monetariamente o movimento.

[3] O que nos parecia uma contradição, mudando nossa visão após o mestrado e doutorado, pois apesar de reconhecermos nesse ditador e seu regime um dos grandes marcos persecutórios, não havia posicionamento possível na sociedade que não tivesse sido germanófoba em algum momento em sua trajetória histórica.

[4] Opto por chamar de "árvore familiar" e não "árvore genealógica", pois a palavra "genealógica" comumente decai em grave erro biologizante, com o popular engano de fazer um "teste genético" para "saber mais sobre a família", o que é impossível, já que estamos falando de cultura e não de genética.

Evidentemente isso nada mais é do que uma ínfima parte do que conheço da história de minha família paterna (italiana) ou materna (alemã), mas serve para elucidar uma pequena parte que a pesquisa acaba por me tocar quanto à formação histórica etnofamiliar e na concepção, construção, edificação e desenvolvimento dos indivíduos que a compõe. Sendo que tais questões acabam, naturalmente, por se mesclar às minhas questões e traumas de vida, pois como qualquer um, fui construído, atuo, mantenho, modifico e construo minha herança cultural, a qual passo e passarei adiante, acadêmica, socialmente e/ou de maneira intrafamiliar.

Em resumo, a motivação da pesquisa se baseou: na tristeza de ter um nome incompleto (o qual por vezes foi usado por ignorantes para atacar o meu orgulho familiar materno); na busca pela compreensão de lacunas na manutenção memorial familiar; no questionamento do motivo da ausência de elementos culturais (a questão da língua ou quanto a demonstrações, eventos, reuniões culturais por ex.); além da negação ou troça a quem porta com orgulho sua origem/cultura. Espero que a pesquisa possa exercer alguma influência para que descendentes desses povos possam se autoafirmar com menos medo, e que se importem menos com eventuais discriminações (mesmo as academicamente homologadas) que falem atrocidades deles ou de seus ancestrais, seja para criminalizá-los ou para lhes negar a cultura étnica.

Depois de um longo período de perseguição, diminuição, humilhação, trauma e supressão, que haja um renascimento do discurso de nosso orgulho e presença espacial, sempre em comunhão com outros grupos e povos, além de, mais do que óbvio, inclusão de indivíduos que sejam de mais de uma etnia e/ou mestiços como parte, sem qualquer diferença, do conjunto étnico, pois a presença em mais de um grupo não faz com que deixem de ser igualmente de todos que o formaram. Esperamos que também se intensifiquem as possibilidades de manutenção memorial e de recuperação de dados e formas étnicas, a reocupação de espaços, uma maior intensidade de consolidação coletiva, a tanto tempo desafiada e impedida socialmente através de estigmas e humilhações. Por fim, a motivação à pesquisa é abrir um diálogo com os grupos abordados e com todos aqueles que simpatizem com nossa cultura, problemas e novas questões, sempre de maneira amigável, próxima e acolhedora, possibilitando que nosso município se torne cada vez mais tolerante e afetuoso com o nosso belo e diversificado vitral étnico, com menos pedras acusatórias a ameaçando ou a atingindo.[5]

[5] A comparação metafórica aqui é, como ficará evidente na leitura da tese, ao apedrejamento da Igreja Luterana durante a Primeira Guerra Mundial. Ensejamos que os vitrais do templo e o vitral da diversidade étnica, imigrante ou não, sejam protegidos e não mais estilhaçados, como foram na primeira metade do século XX.

In.3 Motivações pessoais – parte II

Resolvi acrescentar essa segunda parte às minhas motivações, no objetivo de total honestidade para com o leitor, o que não deixa de ser uma pequena quebra no planejamento e estruturação de nosso texto. Durante a realização da tese, dos seus inúmeros percalços e dificuldades, aconteceu o que me foi o pior deles, perdi minha tia Ondina Fahl Verna, minha segunda mãe, no dia 22 de setembro de 2024.

O caro leitor perceberá certa flutuação de humor decorrente desse acontecimento, pois como podem saber, a tese não se escreve diretamente do início ao fim como uma linha contínua, apesar de assim o parecer quando finalizado. Escrita espirituosa, dedicada, delicada e até mesmo combativa vão aparecer descoladas de outros parágrafos e linhas melancólicas, pensativas, até mesmo deprimidas e desesperançosas. Também já adiantarei uma questão levantada na primeira parte das motivações pessoais, dado que está ligado à minha tia, que nos deixou para se unir aos nossos ancestrais.

A questão ligada é a do meu nome verdadeiro, suprimido nos documentos oficiais, o qual é André Luiz Fahl Bovo, nome que minha tia sempre me tratou, de maneira correta e acolhedora. Nos seus presentes, seja de aniversário ou natal, se não o nome inteiro, lá estava minhas siglas, as verdadeiras, completas, para me presentear: A.L.F.B.

Seria de uma injustiça tamanha de minha parte o não comentário desse carinho especial, além do reconhecimento familiar e etnocultural que ela sempre apontou orgulhosamente! O orgulho temerário de ocultação para minha proteção, provinda de meu amado avô Waldemar Alfred Fahl, se completa com o orgulho reanimador e ressurgente de sua filha, minha tia, Ondina Fahl Verna. Duas vidas em períodos distintos e de conflitos específicos, mas que se evidenciam no meu nome, com esse paralelo vivo em minha vida e família.

A tese terminaria com a minha afirmação do real nome, mas dado os acontecimentos de 2024, e por ter descoberto que as leis referentes à mudança (ou acréscimo) de nome tinham sido facilitadas, não apenas optei por tratar do tema no início da tese, como acrescentar o meu sobrenome materno, podendo então finalmente assinar com meu nome verdadeiro.

CAPÍTULO 1

Delineação da Pesquisa – Recortes e Materiais

Qual a importância de delinear a pesquisa? Tal questão não se faz evidente no título da tese? Por qual razão se faria necessária a constatação de limites e fronteiras, as quais (apesar de terem sido variáveis durante a formação e realização da pesquisa) se mostram no decorrer de toda a leitura do trabalho? A resposta a tais questionamentos é simples, porém fundamental, ela se alicerça no que defendemos sobre a sinceridade, nos diversos âmbitos, os quais são interligados, ou seja, a acadêmica, a narrativa, até mesmo a étnica, entretanto que tal seja feita mantendo-se a compostura e a polidez. Demonstrar o processo de construção, as intenções e o foco são importantes por alguns motivos, tanto educativos quanto explicativos.

Mostrar as delimitações ajuda a esclarecer os pontos, as motivações e conclusões alcançadas, as quais poderiam ser outras conforme o processo demarcador e a intenção que esse possui. O enfoque acaba demonstrando certo posicionamento, o qual pode dialogar com outrem, quiçá criticá-los, mas é fundamental para deixar evidente (ou o mais próximo que este conseguir) o pensamento e a busca do pesquisador. Sempre necessário afirmar que, apesar de justificar e defender um recorte, a delimitação apresentada não é, e nem deveria ser realmente, considerada única ou sem defeitos.

Também a demonstração das fronteiras balizadoras da pesquisa permite, mesmo que não seja o mentor ou o meio ideal para tal, ajudar novos ou já experientes pesquisadores a organizarem suas ideias e materiais. Seja para seguir, acrescentar ou criticar, alguma noção ou pensamento novo podem surgir ao ter contato com a circunscrição que estipulamos para realizar o presente trabalho.

Dito isso, começaremos pelos recortes e enfoques gerais e, então, comentaremos dos conjuntos documentais que utilizamos, com uma breve explicação desses e como nos centramos em seu uso. Desse modo, não visamos citar cada documento utilizado ou consultado, os quais estarão ao fim da bibliografia no item “documentos utilizados”. Também esperamos que esteja claro que apesar destas discussões esbarrarem, ou mesmo serem interseccionados com questões metodológicas, estas terão seu aprofundamento no devido capítulo específico, no caso, o terceiro.

1.1 Recorte espacial, temporal e humano

Os recortes necessários para a realização de uma pesquisa devem ser profundamente demonstrados, para que a visão efetivada pelo pesquisador seja compreendida, além de que é impossível captar toda a realidade e sua complexidade. Contudo, por ser uma pesquisa que visa abarcar questões complexas e sensíveis, os "recortes" efetivados serão no sentido de focos predominantes que ditarão as escalas analíticas conforme as (im)possibilidades e ligações com o cerne principal do tema que estiver em voga no capítulo.

Espacial

Espacialmente o foco dado é o município de Rio Claro, cuja história de seu crescimento e urbanização está intimamente ligada às imigrações alemã e italiana, com a posterior vinda e contribuição nipônica. O município demonstrava a presença de tais imigrantes, havendo conflitos e problemas com estes desde a sua vinda, com o posterior "desaparecimento" de sua afirmação, ou ao menos sua redução, após a Segunda Guerra Mundial.

Importante destacar que a história do município precede as delimitações que foram feitas à temática do trabalho, sendo esse passado também exposto brevemente e até mesmo dialogando com o recorte que efetuamos, contudo sem maiores detalhes ou questionamentos. Dito isto, incentivamos o leitor interessado no período anterior da história do município, ou mesmo do espaço físico que levaria à sua formação, a consulta das seguintes obras clássicas: de 1977 "Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)" de Warren Dean e "Rio Claro: Sesquicentenária" de 1978 feita por Oscar de Arruda Penteado et al.

Para a realização da pesquisa, foi fundamental abarcar múltiplas escalas espaciais, com o diálogo dos acontecimentos do município com o estado de São Paulo e o Brasil de maneira geral. Tal formulação é característica da micro-história, em sua costura e elaboração narrativa, visando responder determinadas questões ao unir e embater diferentes escalas:

> um contínuo vaivém entre micro e macro-história, entre close-ups e planos gerais ou grandes planos gerais [extreme long shots], a pôr continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico por meio de exceções aparentes e causas de breve período. Essa receita metodológica desembocava numa afirmação de natureza decididamente ontológica: a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea. (GINZBURG, 2007, p.269)

Dessa forma, o foco é o município de Rio Claro, mas conforme as discussões e ligações se fizeram favoráveis ou necessárias, seja para mostrar a complexidade inserida no município ou para complementar alguma documentação incompleta ou escassa, buscamos a sua comparação a um quadro geral, brasileiro e mundial. Portanto, quando for preciso, outros locais e suas relações podem aparecer, mas sempre visando responder a algum questionamento ou contexto que penetra ou perpassa o município.

Temporal

O contorno temporal que utilizamos pode ser pensado em três ou em um continuum incompleto. O período mais evidenciado, questionado e revisto é o que engloba os conflitos mundiais, porém as estruturas analisadas e sua trajetória se iniciam nos meados do século XIX, e as consequências traumáticas do período persecutório começam no período pós-guerras indo até a atualidade, na qual expectamos que a pesquisa tenha a sua influência no surgimento de um quarto período, de ressurgimento e reafirmação do orgulho identitário etnocultural.

Tal abordagem visa compreender, abordar e se inserir no diálogo de diferentes tipos de duração, realizando similar processo de escala que citamos de Ginzburg, mas também temporalmente. As divisões temporais que nos referimos é a conhecida classificação de Fernand Braudel (1978; 1983), de longa (estrutural), média (conjuntural), curta (e até curtíssima, a do evento) duração, tendo em vista que o trabalho acaba por abordar, e discutir, a relação dessas durações, as quais podem ser explicadas como:

> A longa duração, pertinente às questões estruturais, explica as questões mais intrínsecas e definidoras de um objeto permitindo-nos conhecer a sua essência, aquilo que constitui a sua matéria mais profunda. (...) A média duração, pertinente às questões conjunturais, econômicas e sociais, explica as questões constitutivas de um objeto à medida que ele se constrói na sua relação com o mundo em um nível afeto à vida material, à organização social do trabalho e à conformação do quadro institucional e cultural de uma sociedade. (...) A curta duração relaciona-se com o tempo individual e com o tempo presente dos acontecimentos. São manifestações daquilo que se engendrou na longa e na média duração sendo por elas explicadas. No entanto, a curta duração está ligada ao poder criativo de um ente social (indivíduo ou grupo de indivíduos), que efetiva uma ação, naquele momento estudado, na medida em que põe em prática uma vontade, que, em geral, é coletiva. (POBLET, 2011, p. 60)

Lembrando que, mesmo essa sobreposição e diálogo que visamos realizar entre as durações já estão, de certo modo, presentes no próprio pensamento de Braudel, tendo em vista

que as durações convivem e se sobrepõe, se atravessam, são demarcações de análise a uma questão e objeto, conforme o foco do pesquisador:

> O tempo que nos arrasta, arrasta também, ainda que de maneira diferente, sociedades e civilizações, cuja realidade nos ultrapassa, porque a duração de sua vida é bem mais longa que a nossa, e porque as balizas, as etapas para a decrepitude não são nunca as mesmas, para elas e para nós. O tempo que é nosso, o de nossa experiência, de nossa vida, o tempo que traz as estações e faz florir as rosas, que marca o escoamento de nossa idade, conta também, as horas de existência das diversas estruturas sociais, mas com um outro ritmo. (BRAUDEL, 1978, p. 123)

Dessa forma, visamos fazer questionamentos estruturais referentes ao país, com uma duração que vai de meados do século XIX à atualidade, nos concentrando nas conjunturas políticas e culturais do período das guerras mundiais, através de certas questões, acontecimentos e eventos de tais anos. Sendo assim, indubitavelmente, nosso foco são as discussões conjunturais dessa primeira metade do séc. XX, sem com isso deixar de abordar questões que a ultrapassam e foram afetadas por esta, desembocando numa atualidade em que intencionamos auxiliar aos grupos e à sociedade de Rio Claro na superação, ou ao menos em sua tentativa, dos traumas e complicações culturais herdadas do período persecutório.

Humano

Os grupos humanos enfocados são os de etnia alemã (entendido num sentido mais amplo, incluindo suíços, austríacos e grupos alemães que viviam em outros países), italiana e japonesa que tiveram em algum momento de sua história pessoal ou familiar ligação com o município, sobretudo no período das guerras mundiais. Outras etnias também aparecem conforme as relações de submissão e perseguição social, tais como africanos, indígenas, mestiços e portugueses, além da sociedade por vezes referenciada pelos documentos de maneira generalizada. O pertencimento a uma etnia foi estipulado nas bases de possuir alguma ancestralidade do grupo (total ou parcial), sem a menor consideração à tez, genética ou à "raça", pois defendemos que a única definição e delimitação étnica correta é a cultural.

A base da escolha desses grupos humanos tem raízes na ideia de Walter Benjamin, a de "escovar a história a contrapelo", saindo da narrativa oficial, dos considerados importantes, grandes figuras de algum período, dando voz e posicionando sua visão analítica para com os que foram oprimidos, aqueles cuja história não foi considerada, por vezes até menosprezada. Tal concepção é bem explicada por Michael Löwy, onde o pesquisador passa a

> tomar em consideração a cultura dos vencidos, da tradição cultural dos oprimidos, da cultura popular desprezada e ignorada pela cultura oficial da elite. (...) O passado permanece presente na memória coletiva das classes e das comunidades étnicas: a tradição dos vencedores e a tradição dos oprimidos se opõem inevitavelmente. Durante séculos, a história "oficial" (...) não só foi dominante, como também praticamente a única a ocupar o cenário político e cultural. (LÖWY, 2011, p. 25-26)

Contudo, a principal influência na escolha dos grupos na presente tese se baseou no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, apresentada ao final do prefácio da obra de Thomas Davatz que ele mesmo traduziu (a qual tem importância indiscutível nos estudos da imigração no Brasil, sobretudo do Estado de São Paulo, com nomes e sobrenomes que aparecem no nosso enfoque, o município de Rio Claro). O trecho em questão aproxima-se indiscutivelmente das concepções da história a contrapelo, dos silenciados, da população subjugada:

> Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história. (HOLANDA, 1941, p. 44-45)

Estas multidões abarcam em si uma vasta gama de grupos e culturas, com intensa variação interna, indo além de uma dicotomia dominador-dominado. O ato de escutar estas pessoas demonstra um espectro multifatorial de questões, que evidenciam a complexidade das relações humanas, a qual minora divisões que possam parecer nítidas. Assim, o ato de ir a contrapelo, além de um posicionar-se com o antes emudecido, é uma crítica inerente às simplificações, maniqueísmos e às construções narrativas hegemônicas e excludentes.

Tendo isso em vista e, também, a temática da pesquisa, já deixamos evidenciado que a perspectiva que priorizamos é a dos grupos étnicos enfocados e seus indivíduos, sejam estes imigrantes ou descendentes, independente de qual geração for, tampouco se são ou não mestiços. Não visamos com isso ocultar ou apagar os problemas e equívocos cometidos pelos membros destas culturas, longe disso, buscamos compreender até mesmo os perpetradores das ações mais abjetas contra os grupos elencados. Contudo, o que deve ser deixado claro é que, se fossemos nos basear somente no discurso hegemônico, levando em conta apenas essas vozes mais ruidosas, toda sorte de enganos se manteria e os perseguidos e silenciados se manteriam amordaçados. Dessa forma, o enfoque humano e a perspectiva predominante (porém não única) será, sobretudo, o dos perseguidos, visando eliminar o seu silenciamento e trazer à tona o que for possível de sua história e do que foram obrigados a passar, seja pelo governo, pela sociedade como um todo ou, até mesmo, por aqueles de mesma origem.

1.2 Documentos utilizados

Façamos uma breve introdução aos documentos utilizados, suas respectivas fontes e análise geral de sua obtenção e conteúdo. Não objetivamos com isso afirmar que esgotamos tais fontes documentais, ao contrário, incentivamos não somente ao leitor que se aventure pelas mesmas veredas, como possa ir além, utilizando da descrição e ponderação aqui realizada como mapa inicial para planejar e se arriscar nas próprias buscas.

A realização da pesquisa, acaba por envolver uma delimitação prévia e planejamento do que intenciona procurar e dos locais com melhores possibilidades de encontrar, pois:

> o trabalho em arquivos impõe necessariamente operações de triagem, de separação de documentos. A questão é saber o que triar e o que abandonar. Acontece às vezes que, em razão de suas hipóteses, o historiador já tenha escolhido o que iria coletar e separar; sem dúvida, isso lhe retira disponibilidade, ou seja, essa aptidão a granjear o que não lhe parece imediatamente necessário e que, mais tarde - nunca se sabe - poderia se revelar indispensável. (FARGE, 2009, p. 71)

Como bem afirma Farge, a própria construção de uma hipótese, mesmo que se tente manter aberta à novas possibilidades, sempre implica na limitação e eliminação de certos documentos do quadro geral, portanto, realizamos tal discussão para que futuros pesquisadores possam ser auxiliados ou discutir com os recortes aqui usados.

Devemos realçar que os documentos descritos estão sujeitos a alteração temporal, seja de acréscimo ou infortúnio desaparecimento, conforme as vicissitudes que a passagem do tempo traz. Assim, futuras revisões de tais fontes documentais devem se mostrar frutíferas, seja pela restauração de documentos e consequente disponibilização, sua digitalização ou, quiçá, descobertas de novos fragmentos, edições, gravações ou o que for, e em caso de trágico desaparecimento ou recolhimento de acesso, o questionamento da sua ocorrência.

Devido às adversidades que podem vir a afetar um conjunto documental, não devemos com isso desconsiderar documentos cuja serialização esteja comprometida ou incompleta, tendo em vista que a continuação de sua existência ou destruição pode ter motivações que expliquem e forneçam respostas aos questionamentos de uma pesquisa. Mesmo que a extinção tenha se dado de maneira natural, por falta de cuidados, ou por alguma motivação, não anulam o fato de que tiveram sua presença na sociedade e contato com os indivíduos de sua época, influenciando também, de igual maneira, outras produções e concepções do período, com a sua ausência a dificultar o que podemos explicar desse passado, mas por terem existido, mesmo que

não tenhamos mais acesso, impactou a realidade. E mesmo que haja documentos sem um conjunto, ele pode ser pensado e inserido em um questionamento mais amplo, o agrupamento de documentos, apesar da facilidade dos que possuem uma longa série conservada, não deve excluir resquícios. Tal questão é bem explicada por Ginzburg:

> O limite mais grave da história serial aflora justamente através do que deveria ser o seu objetivo fundamental: "A identificação dos indivíduos com o papel que representam como autores econômicos ou socioculturais". Essa "identificação" é duplamente enganadora. Por um lado, põe entre parênteses um elemento óbvio: em qualquer sociedade, a documentação é intrinsicamente distorcida, uma vez que as condições de acesso à sua produção estão ligadas a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio. Por outro, anula as particularidades da documentação existente em benefício do que é homogêneo e comparável. (...) Que o conhecimento histórico implique a construção de séries documentais, é óbvio. Menos óbvia é a atitude que o historiador deve adotar em relação às anomalias que afloram na documentação. (...) Todo documento, inclusive o mais anômalo, pode ser inserido numa série. Não só isso: pode servir se analisado adequadamente, a lançar luz sobre uma série documental mais ampla. (GINZBURG, 2007, p.262-263)

Também fundamental é termos a noção de que os documentos possuem em si história: como e por quem foram criados, de que modo foram planejados, a quem foi direcionado e os que tiveram contato, a sua possibilidade de existência, arquivamento e o esforço de sua manutenção, o que foi perdido, por qual motivo o foi e o que a sua destruição pode nos dizer. A fundamental importância do detalhamento e análise dos documentos e da manutenção de sua existência é explicada, magistralmente, por Marc Bloch:

> A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações. À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas de que fez uso. (BLOCH, 2001, p. 83)

Seguindo o pensamento de Bloch, há a necessidade de método e recorte documental, mas sem deixar de se surpreender e descobrir novos caminhos que a pesquisa possa se deparar ao analisar documentos, discutir sua teoria e reavaliá-la. Desse modo, apesar da variabilidade documental parecer inicialmente imprópria ou desconexa, se mostrará intimamente ligada em seus meandros e amparada teórico-metodologicamente.

Cremos ser fundamental uma abordagem em que o pesquisador explica e especifica os arquivos, conjuntos e documentos consultados, tendo em vista sua interrelação, entre os

acontecimentos e fatos selecionados dentro de um já recorte documental. O pesquisador, portanto, não deve esconder o seu papel ativo na escrita do conhecimento, permitindo que o seu processo seja mais bem desconstruído e analisado por outrem a detalhar suas fontes e o trilhar de sua análise e os percalços enfrentados. Edward Hallet Carr explica a relação fundamental e de completude entre o pesquisador, seu recorte, suas análises e todo o andamento e modificações decorrentes do contato e reanálise ou adições posteriores de documentos:

> O historiador começa com uma seleção provisória de fatos e uma interpretação também provisória, a partir da qual a seleção foi feita – tanto pelos outros quanto por ele mesmo. Enquanto trabalha, tanto a interpretação e a seleção quanto a ordenação de fatos passam por mudanças sutis e talvez parcialmente inconscientes, através da ação recíproca de uma ou da outra. Essa ação mútua também envolve a reciprocidade entre presente e passado, uma vez que o historiador faz parte do presente e os fatos pertencem ao passado. O historiador e os fatos históricos são necessários um ao outro. O historiador sem seus fatos não tem raízes e é inútil; os fatos sem seu historiador são mortos e sem significado. Portanto, minha primeira resposta à pergunta "Qué é história?" é que ela se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado. (CARR, 1996, p. 65)

E como a construção narrativa ao ser apresentada baseia-se numa escolha, a qual ao mesmo tempo determina e seleciona as fontes históricas utilizadas, por ela também é delimitada. O narrar, mesmo que acadêmico e seu empenho de uma busca e tentativa de imparcialidade, não possui meios de abarcar tudo que existe e, mesmo que a totalidade fosse possível, a costura da escrita envolve a ligação de interpretação, citação de fontes (em seus mais variados formatos vale ressaltar), diálogo com outros autores, objetivos, múltiplas intenções, públicos alvos, dentre outros elementos, em uma trama tecida e apresentada por um pesquisador (que também é formado e formador de outra diversidade de texturas estruturais). A tensão entre as evidentes limitações do passado e a unicidade do trabalho realizado pelo pesquisador através de suas perspectivas e intenções, é explicada por Monika Fludernik:

> O historiador não é livre para inventar sua própria estória; o único espaço para especulação é nas áreas de indeterminação entre os pontos fixos providos pelas fontes históricas. Apesar dessas restrições, o discurso histórico não conta uma única, inequívoca estória uma vez que cada historiador tem uma visão particular das coisas e tende a enfatizar certos aspectos do período e dos eventos sendo descritos enquanto omite outros (...) Toda história, ademais, pode ser rastreada/traçada a uma perspectiva particular. Ela denuncia a visão do autor, sua nacionalidade e lugar de origem, o período em que ele(a) escreve (ou escreveu), e é tecido para um público leitor o qual possui certos preconceitos, convicções históricas e expectativas. A história, assim como a historiografia, nunca é objetiva, por maior que seja o seu compromisso em dizer a verdade. (FLUDERNIK, 2009, p.3)

Dessa forma, especificaremos a documentação que utilizamos, permitindo assim a constatação do que e como foi utilizado, permitindo melhor leitura do processo de seleção dos tipos documentais analisados. Aprofundemo-nos, portanto, nos conjuntos que utilizamos e como o fizemos, começando pelo Arquivo Histórico de Rio Claro, passando pelos nacionais e por fim os internacionais.

1.2.1 Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro "Oscar de Arruda Penteado"

Os documentos conservados, restaurados e disponibilizados pelo Arquivo Público e Histórico de Rio Claro foram de fundamental importância para a pesquisa, pela sua grande variedade documental, organização e profundidade.

Hemeroteca

Os jornais do município de Rio Claro foram o tipo documental mais aprofundado na pesquisa, o qual nos possibilitou a ligação com outras fontes documentais da história do Brasil e do mundo. Tal condição se efetivou no observar das questões que se apresentavam nas páginas e se solidificavam pela cidade, realizando o diálogo do interior com o total da nação, e do interior com o global, na presença de mídias imagéticas, sonoras e cinematográficas, na defesa de ideias, na discussão do que se passa fora e dentro do município.

A pasta documental intitulada **Jornais Avulsos** apresenta jornais cuja produção se faz majoritariamente perdido ou não compilado, tratando como o nome já diz, de jornais os quais não estão armazenados em sua seriação, ou se encontra parcialmente. A existência de tal pasta nos é sempre a rememoração do nosso contato com uma pequena parcela das representações do passado, nos obrigando a notar e considerar as lacunas memoriais e documentais que existem e, também, a ponderar quais ligações com a sociedade cada documento sobrevivente possui. Dos avulsos, utilizamos os números conservados do "**A Picareta**", datados do ano de 1917, cujo recorte demonstra o seu teor satírico, hipotisamos que a sua conservação se deu, julgando a partir do conteúdo em comum, pelas referências ao político coronel Marcello Schmidt e a polêmica instaurada com ele, por discrepâncias políticas e por ser descendente de alemães.

Por outro lado, utilizamos também o jornal "**O Alpha"**, enfocando principalmente no período da Primeira Guerra, e a mudança gradual da visão da sociedade a respeito dos

imigrantes alemães. Tivemos acesso de 1901 a 1927, sendo que concentramos nossa análise no período do primeiro conflito mundial, no qual o jornal traz nova perspectiva que pudemos comparar sobre o preconceito étnico do período, além disso, o jornal estipula ligações com outros do município e os da capital, permitindo aprofundar a rede de imprensa.

Para os anos próximos ao contexto da Segunda Guerra e do Estado Novo, os jornais que obtivemos acesso a uma mais completa serialização (com algumas edições perdidas ou períodos em que o acesso fora proibido devido à condição material delicada) foram o jornal **Diário de Rio Claro** e o **Cidade de Rio Claro**, os quais apresentam aspectos específicos e devem ser esclarecidos. Não devemos vê-los como os únicos jornais do período, erroneamente os super ou subvalorizando, pois foram, e ainda o são, parte significativa da imprensa no município, pela quantidade produzida e sua penetração social. Devido a sua relevância, não devemos desconsiderar o efeito da censura sobre sua produção, havendo assim dupla necessidade analítica, a das ligações sociais e das impossibilidades impostas pela ditadura varguista, lembrando o fato de que o Diário fora apedrejado nos idos de 1917 por suposta germanofilia, enquanto que o Cidade era de propriedade de imigrantes e descendentes de italianos influentes e políticos do município (durante o período da Segunda Guerra), portanto, são jornais que certa proximidade com as comunidades enfocadas. Do Diário consultamos de 1933 a 1947, excetuando o primeiro semestre de 33 e o ano de 35 por condições físicas e, por ausência, os de 1936 a 38 e 45. O Cidade consultamos do segundo semestre de 1934 ao fim de 1947.

Coleção Rio Claro de Fotografias

Dos conjuntos de imagens nos focamos principalmente naquelas pastas referentes às famílias do município, da economia, indústrias e comércios, políticos e movimentações partidárias, grandes acontecimentos, locais de presença dos imigrantes e, também, os de reunião da cidade tais como cinemas e teatros.

Atas da Câmara Municipal de Rio Claro

Consultamos alguns anos do século XIX, mas demos especial atenção ao XX, principalmente de 1913 a 1937, abordando as questões referentes à Primeira Guerra Mundial e, também, notando a importante constatação do fim temporário das atas devido a instauração da

ditadura do Estado Novo. Conseguimos com as Atas a obtenção da construção narrativa da política local aos acontecimentos que levaram a ações violentas de parte dos munícipes, as quais afetaram e ofenderam diretamente parte da classe política rio-clarense do período, possuidora de ancestralidade germânica.

As Atas, portanto, permite diálogo direto com documentação jornalística do município e do estado, nos possibilitando a comparação discursiva também com a memória transmitida pelos grupos. O abrupto fim das atas em 1937 também nos serve como aviso para a análise documental referente a esse período, onde não somente o poder é deslocado, como a censura crava suas garras profundamente nas possibilidades de criação documental, memorial e representacional dos meios de comunicação e, principalmente, no que diz respeito aos supostos "súditos do eixo", "quinta colunas" e outros tidos como indesejados, seja por posicionamento político ou por ancestralidade específica. Tal constatação, a do início da ditadura e do apoderamento dos poderes estaduais e municipais, é feita pelo transcritor do Arquivo após a ata do dia 20 de outubro de 1937:

> Esta é a ultima sessão da Camara Municipal de Rio Claro, antes do chamado "Estado Novo", decretado por um golpe do ditador Getulio Vargas em 10/11/1937, e que determinou o fechamento do Congresso, das Camaras Estaduais e Municipais. Essas instituições só voltaram a funcionar em 1945

1.2.2 Relatos

Reutilizamos as entrevistas feitas no mestrado (BOVO, 2019) e os respectivos documentos que as famílias confiaram à pesquisa, mas não nos fechamos a estas, buscamos a realização de novas entrevistas. Os relatos obtidos anteriormente estavam focados na história dos germânicos do município, a partir desta foi possível angariar informações a respeito de outras comunidades, notadamente a de italianos, contudo, fez-se necessário a realização de novas entrevistas para complementar o entendimento desta comunidade e a nipônica.

Os **critérios de inclusão** foram: I - Ter mais de 18 anos; II - Possuir ascendência total ou parcial de imigrantes alemães (incluso austríacos e suíço alemães), italianos e/ou japoneses, não importando quão próximos ou distantes estão temporalmente desse ancestral ou ancestrais, tão menos importando a predominância dessa ancestralidade frente à(s) sua(s) outra(s); III - Ser residente do e/ou ter relações com o município de Rio Claro – SP; IV - Ser de uma (ou mais) família(s) que no passado teve (tiveram) alguma ligação, vínculo, contato e/ou moradia no município de Rio Claro – SP. **Os de exclusão** foram: A) Menores de 18 anos; B) Sem vínculos

pessoais e/ou familiares com o município de Rio Claro – SP; C) Sem qualquer ancestralidade de imigrantes alemães (incluso austríacos e suíço alemães), italianos e/ou japoneses.

1.2.3 Descrições dos documentos do DEOPS

Nosso contato com os documentos referentes ao DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social), atualmente no Arquivo de São Paulo, se deu através da "Coleção Inventário Deops", publicados pela Imprensa Oficial do Arquivo do Estado e organizada por Maria Luiza Tucci Carneiro, cujos volumes detalham os casos com uma breve descrição e o local de seu acontecimento. Conjuntamente, utilizamo-nos da bibliografia produzida a partir de pesquisa a tais documentos, no caso a coleção "Histórias da Repressão e da Resistência".

1.2.4 Documentos digitais brasileiros

Abordamos acervos disponibilizados por diversas instituições brasileiras de conservação documental e memorial, visando estabelecer ligações diretas ou indiretas para com o município, dito isso, nosso olhar não teve por objetivo a compreensão total ou análise aprofundada destes conjuntos em si (se comparado aos do Arquivo de Rio Claro), pois sua realização se transformaria em uma pesquisa à parte, com especificações, problemas, questões e hipóteses próprias. Portanto, a busca se baseou em encontrar citações diretas ao município ou a elementos que se fizeram presentes nesse, abordando-se, portanto, uma vasta possibilidade documental, tais como jornais com citação direta e, transmissões de rádio, filmes, cinejornais que eram nacionais (e aparecem suas programações nos jornais do município).

Fundação Biblioteca Nacional

As buscas de jornais se basearam sobretudo na **Hemeroteca Digital Brasileira** da **Fundação Biblioteca Nacional**, no qual concentramos a pesquisa principalmente nos jornais do estado de São Paulo, notando não somente a circulação de jornais da capital no município, como o diálogo estabelecido entre a imprensa e o poder de diferentes localidades, corroborando com a nossa perspectiva de teia informacional complexa.

Arquivo Nacional

Quanto à consulta a certas transmissões de rádio, nos utilizamos dos áudios disponibilizados pelo **Arquivo Nacional**, nos quais buscávamos sobretudo notícias, programas e discursos da época enfocada. Deparamo-nos com produções de intensa participação e colaboração estrangeira, notadamente dos Estados Unidos, havendo programações de rádio em que as produções nacionais e as dublagens das norte-americanas se intercalavam, isso quando já não eram planejadas e feitas em parceria mútua e elogiosa às relações bilaterais.

Por se tratar principalmente de relatos políticos e documentais, transmitidos pelas rádios, tais conjuntos documentais nos permitem explorar a penetrabilidade discursiva na sociedade, sendo uma das principais ferramentas da ditadura varguista. Não nos esqueçamos que além do rádio caseiro, em diversos municípios havia também alto-falantes públicos com programação de determinada rádio local. Sendo assim, o acesso aos discursos nacionais proferidos, sem dúvida, e por obrigação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), foram possibilitados e sua influência indispensável na manutenção e aceitação da ditadura.

Obras de Rui Barbosa e Barão do Rio Branco

As obras de Barbosa e do Barão do Rio Branco foram utilizadas devido ao fato de sua ação nas relações internacionais do Brasil, seus pensamentos e valores atuarem diretamente no pensamento brasileiro e em sua organização social, afetando indubitavelmente o pensamento e a política do país. Destacam-se em seus discursos como encaravam a vinda de imigrantes e o papel que estes deveriam exercer na sociedade, o imigrante a favorecido e aquele a ser preterido, com indiscutível teor assimilacionista.

Do Barão de Rio Branco destacamos os seus discursos referentes aos imigrantes no século XIX e a motivação que levava a sua escolha, além de críticas à problemas enfrentados com certos grupos por suposta não conformidade adaptativa aos ditames nacionais. Quanto a Barbosa, o mesmo se evidencia, com um teor germanófobo mais notável, sendo um dos maiores colaboradores na criação da imagem do imigrante indesejado como espião invasor.

Não visamos com isso diminuir ou manchar a história ou a memória destes indivíduos, a busca é em compreendê-los e analisar as consequências dos seus discursos na história nacional e sobretudo a dos grupos enfocados. Se comprova com as suas falas, e seus postos de poder e

influência, a atuação que tiveram na construção de um projeto de nação, nos conflitos e interesses que estavam imbuídos, além de como seus posicionamentos afetaram profundamente não apenas os grupos imigrantes, mas todo o conjunto de culturas que compõe o país e a interpretação destes sobre a pátria.

1.2.5 Documentos digitais estrangeiros

Os documentos estrangeiros utilizados possuem ligação mais à estrutura nacional como um todo, do que citação direta ao município. O seu uso objetivou mostrar a ligação que os lugares passam a ter em todo o mundo, num combate de conquista territorial de influência política, econômica e sobretudo informacional, revelando uma complexa rede de meios de informação, com discursos em ondas de rádio, folhetos, jornais, até mesmo cinemas.

Diversos jornais estrangeiros

Realizamos, mesmo que brevemente, procuras nos sistemas de jornais estrangeiros, objetivando nesse caso referências diretas ao munícipio, o que se mostrou frutífero quanto ao primeiro conflito mundial, mas não ao segundo, cremos que devido a intensa censura da ditadura varguista, a qual dificultou o acesso de notícias às agencias de informação. Intencionávamos por tal busca, a constatação de uma rede de informações global, além de evidenciar que os excessos cometidos no município acabaram nas páginas de jornais americanos, ingleses e australianos.

Filmes e documentários do período

Buscamos o contato com filmes e documentários, os quais passaram nos cinemas de Rio Claro, sejam nas versões dubladas no período, posteriormente ou legendadas. Reconhecemos que o ideal seria a dublagem antiga, mas isso não necessariamente se fez possível em todos os casos, mesmo assim podemos, ainda que parcialmente, possuir uma compreensão do que fora transmitido, mas sem os detalhes adicionais da tradução e influência do DIP. De todo modo, é possível notar a inconteste relação com os Estados Unidos na presença de filmes tratando sobre os “invasores infiltrados”, como em produções infantis de animações.

CAPÍTULO 2

Contexto Histórico – Rearranjos do Século XIX

A presença de imigrantes no Brasil, principalmente quando nos referimos a agrupamentos e levas maiores de indivíduos, é resultado de uma multitude de fatores globais que permitiram, ou ocasionaram, intensos processos de migrações, tanto internos quanto internacionais. Vale ressaltar que essas movimentações abundantes estão intimamente relacionadas às mudanças no ordenamento de poder político e econômico, além de transformações dos meios produtivos, com acentuada intervenção dos países hegemônicos e das novas potências emergentes no quadro global, em novos processos de dominação de mercados e controle de territórios, o que estremeceu a composição e arrumação do poderio de todos os continentes.

Nesse interim, uma série de reacomodações se fizeram necessárias, as quais não necessariamente se mostraram pacíficas ou sem complicações profundas, numa série de tentativas que os resultados não eram de fácil predição. Acresce o fato de que, mesmo quando se organizava uma nova adequação social, sua coesão se mostrava efêmera, apesar das tentativas de manutenção sem maiores ou significativas oscilações. As "transições", assim o são nomeadas devido a uma leitura posterior, pois apresentaram diversos modelos e situações que se mostraram transientes, porém intencionavam ser permanentes, tendo em vista que eram, em dado momento, a ordem mais vantajosa possível. Independentemente disso, constata-se a ebulição dos quadros a nível global, com comunidades inteiras se movimentando, criando raízes em novos locais e sendo, não raramente, objeto de disputa ou usadas como bode expiatório.

Organizamos tal discussão em três subcapítulos, seguindo o padrão analítico da micro-história, partindo de uma escala ampliada e aprofundando nas questões que aparecem até chegar nos processos locais mais específicos e como este afeta e é afetado pelo quadro total. Começamos, dessa forma, abordando as modificações que apareciam no quadro global e das relações internacionais, no processo de reordenamento dos poderes e das divisões de dominação entre as nações, passamos então para discussão dos indivíduos e grupos que acabaram por transitar pelo globo, enfrentando e convivendo com situações intensamente diversas, finalizando com a discussão de tais condições e conflitos especificamente no município de Rio Claro, seja pela delimitação espacial ou agentes ligados a este.

2.1 Mundo em turbulência – novos mercados, potências e problemas

O século XIX apresenta um período de reestruturações em todo o mundo, de mudanças sociais, fronteiras nacionais, reunificações, rupturas, novas alianças e conflitos, com considerável avanço tecnológico e das condições de vida, independente de apresentar diversas turbulências e convulsões das mais variadas escalas.[6] A Europa passa pelo fim do período napoleônico, intensa industrialização, reunificações da Alemanha e Itália, o neocolonialismo, avanços nas artes, ciências e filosofia. Na Ásia a dominação europeia se consolidava, com as guerras do ópio e a partilha da China, a abertura dos portos japoneses pelos americanos e a consequente Revolução Meiji. Nas Américas, os Estados Unidos tiveram a Guerra de Secessão, além de seu constante crescimento no palco mundial e controle da América Central e a do Sul, a qual passava por conflitos e mudanças de fronteiras. De igual modo, o Brasil estava nesse turbilhão, onde questões internas e externas dialogavam, a pressão inglesa ao fim do tráfico e à escravidão, a necessidade de repensar as produções econômicas, além das guerras que esteve envolvido, como a da Cisplatina e a do Paraguai, sem contar as Revoltas Regenciais.

O período napoleônico e o seu fim no início do século XIX trouxe não apenas mudanças políticas, como a difusão dos ideais da Revolução Francesa pela Europa e pelo mundo. O impacto das ações napoleônicas, sobretudo o Bloqueio Continental, permitiram um período de crescimento econômico europeu que não se manteria com o fim de seu governo (DREHER, 1984, p. 33). Com as ideias que se espalharam, houve uma diversidade de atos políticos que afetariam também a economia e o processo de emigração:

> A partir de 1840, um novo elã revolucionário colocou a Europa em crise, elã que se animou e generalizou-se em 1848. Mas os princípios básicos da ordem de Viena ainda sobreviveram e o movimento revolucionário foi controlado, senão mesmo esmagado. Cantões suíços revoltaram-se em 1847, reinvindicando democracia e federalismo e desencadeando a crise européia. Lutava-se por democracia na Alemanha e na Itália. (...) O avanço da revolução industrial pela Europa coincidia com essas novas idéias e aspirações, tanto mais que a crise de 1848, sufocada à força, colocava milhões de europeus a caminho da emigração, como excedentes demográficos. Criticava-se a sociedade e o Estado. Três ideias-força européias fazem curso e afetam as relações internacionais: nacionalismo, democracia e interesse popular. (...) No início da segunda metade do século XIX, o quadro europeu prenunciava, pois, relações internacionais intensas e agitadas, sob o impulso dessas novas forças econômicas, políticas, espirituais e demográficas. (CERVO, 2001, p. 74-76)

[6] Apesar da pesquisa não estar enfocada em questões econômicas, aos interessados em uma compreensão mais abrangente da economia mundial, abrangendo aspectos tais como a chamada "longa depressão" de 1873-1896, recomendamos duas obras de Hobsbawm: "A era do capital" (1996) e o capítulo 2 "Uma economia mudando de marcha" de "A era dos impérios" (1988).

As mudanças, sobretudo o aparecimento de novas potências no quadro europeu, foram se desenvolvendo gradualmente. O processo neocolonial já dava lentos passos, alcançando maior velocidade na segunda metade do século XIX:

> Até meados do século XIX, a expansão dos europeus para fora não apresentou um ritmo acelerado. O imperialismo contentava-se em estabelecer bases para operações futuras e em desfechar golpes localizados, como na China e no Egito. À medida que o século avançava, as pressões tendiam a crescer sobre a China, o Japão e o continente asiático e o africano, havendo contribuído para tanto a percepção dos europeus de que os Estados Unidos e a Rússia teriam acelerado seu ritmo expansionista antes de 1850. Com a ascensão de Bismarck e a emergência alemã, os europeus também iriam movimentar-se, com mais determinação, mesmo porque procuravam satisfazer novas necessidades da expansão do capitalismo no continente, abrindo mercados para excedentes industriais e para aprovisionamento de matérias primas. (CERVO, 2001, p. 74)

Processo determinante nessas remodelações territoriais e do quadro de poder foram, sem dúvida, os de reunificação de dois países assolados pela divisão interna em sua história, a Alemanha e a Itália, sendo estes também determinantes para a imigração ao Brasil:

> Em 1871 ocorreu a unificação da Alemanha e o novo governo imperial suspendeu, por conveniências internas, a emigração autorizada de alemães para o Brasil. A Itália, por sua vez, concluíra sua unificação no ano anterior, porém com problemas diferentes, isto é, com o fantasma da superpopulação e do desemprego crescente. Passa, por isso, a estimular a emigração de seus cidadãos sem-trabalho do norte do País. (STAHLBERG, 1999, p. 23-24)

Nesse avanço europeu pelo mundo, o continente asiático veria uma reordenação de poderes, com o crescimento de uma potência local. Resultado da queda do shogunato Tokugawa e seu ideal isolacionista, com sua demasiadamente complexa rede de influência para controlar os senhores feudais, erigia-se destes escombros novamente o império japonês, apresentando características opostas, através de sua ambição modernizadora e a centralização do poder:

> Os ocidentais ameaçavam o Japão desde os sucessos alcançados na China na década de 1840. Em 1853, duas esquadras, uma russa e outra norte-americana, entregaram ultimatos, exigindo liberdade de navegação e abertura comercial. (...) O novo imperador acabou chegando às idéias do xógum e, com o golpe de 1868, concentrou poderes para executar o projeto de modernização nacional, inaugurando a era Meiji. (CERVO, 2001, p. 101-102)

O Brasil também passava por períodos de reestruturação, com a vinda da família real no início do século, em 1808, decorrente da invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, conquista sua independência em 1822, iniciando o período imperial no país, fora a Guerra da Cisplatina encerrada em 1828 e iniciada 3 anos antes, na qual o país perdeu considerável

território. Aliado a tais adversidades, acrescia a influência e interferência externa no país, com a Inglaterra exercendo pressão para o fim do tráfico e posterior fim da escravidão:

> Em março de 1850, o todo-poderoso Gladstone ameaçava obrigar o Brasil ao cumprimento dos tratados **a ponta da espada e pela guerra até o extermínio**; e pode-se acreditar que isto significava alguma coisa mais que simples figura retórica... O governo brasileiro, vendo a ineficácia dos seus platônicos protestos, apoiados embora nos mais "sólidos princípios do direito das gentes", como eruditamente proclamava nas suas notas da chancelaria do Império, mas que não traziam a sanção dos canhões e das baionetas, teve afinal que ceder. A lei promulgada em 4 de setembro de 1850, seguida de outras providências e da enérgica atitude do Ministro Eusébio de Queirós, estancou por completo, em menos de dois anos, o tráfico africano. Efetuaram-se depois de 1852 apenas dois desembarques, sendo contudo apreendidos os negros contrabandeados. (PRADO JR, 1963, p.85)

Nesse entretempo do fim da escravidão e consolidação do trabalho livre, houve diversas tentativas de negociar a manutenção do uso de trabalho escravo, as quais foram malogradas, convivia-se nesse intermédio experiências, provenientes de mão-de-obra imigrante e branca. Para tanto, certos ajustes deveriam ser feitos quanto a questão da propriedade das terras brasileiras, fazia necessário dar um preço às terras e assegurar o poderio dos fazendeiros, que se baseava em suas propriedades e a expansão de sua produção, assim, não se podia, nem era vantajoso, dar a imigrantes partes do território de graça:

> Instrumento para obter a valorização fundiária foi, sem dúvida, a lei de terras de 1850, não permitindo a concessão gratuita de terra, forçando, portanto, a idéia de que à terra corresponde um valor monetário. A lei devia resolver o problema de acesso à propriedade fundiária, inclusive tendo em vista a grande expectativa que havia com relação à promoção da imigração. (PETRONE, 1984, p.32-33)

Tal modelo[7] fora utilizado não somente para esses fins, era um mecanismo fundamental para prender o trabalhador livre à terra, limitar o seu progresso financeiro, para criar uma mão-de-obra que ficasse nos cafezais. Se conseguissem se livrar rapidamente de suas dívidas e/ou prosperassem demais, partiriam para roças de subsistência, arriscariam novas empreitadas ou retornariam ao país de origem. Fora isso, a lei legitimava o poder dos fazendeiros como donos de suas terras, conforme a legislação vigente de como se poderia adquirir propriedades, colocando outras formas na ilegalidade, ficava assim largas porções nas mãos dos fazendeiros, que não intencionavam perde-las ou ter concorrentes (MARTINS, 2010, p. 124-125).

[7] Para uma leitura mais aprofundada sobre a lei de terras de 1850, consultar a obra "Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850" de Ligia Osorio Silva (2008)

Outro fator para a compreensão do incentivo à imigração europeia foi a política racial e seu ideal de branqueamento, a qual defendia um processo de troca populacional e mestiçagem para a mudança racial no país, objetivando diminuir as características africanas e indígenas do fenótipo e da "raça" brasileira. Contudo devemos notar que tal construção sobre raça é histórica e socialmente variável no tempo e espaço e que não há apenas um pensamento racialista/racista, mas sim várias concepções convivendo e discutindo para a sua predominância.

Podemos notar no trabalho de Roberto Guedes a discussão sobre a questão racial no Brasil, em como as classificações eram dadas conforme condições sociais, econômicas e intelectuais. A partir de seu estudo, notou que, no século XVIII e mesmo no XIX, indivíduos e famílias que "mudavam" de cor/raça durante o passar do tempo e o distanciamento do passado de escravizado, sendo tal alteração acompanhada ou ocasionada devido às suas mudanças de condições sociais, posses, conquistas de postos, números de pessoas escravizadas sob seu julgo, posição militar, entre outras, e não à aspectos fisionômicos, biológicos:

> As listas produzidas em uma sociedade escravista demonstram uma hierarquia fluida da cor, e sua mudança sugere negociações dos lugares sociais de pessoas/famílias. Desse modo, uma sociedade estamental-escravista comporta uma certa fluidez; daí que a mudança de cor implicaria uma aliança entre grupos subalternos e as elites dirigentes. A mobilidade social, não acessível a todos, e manifesta na mudança de cor, contribuía para a manutenção das hierarquias sociais, das regras, posto que se dá em meio a negociações entre subalternos e elites dirigentes, o que implica preservar a deferência e a assimetria, reconhecendo o poder e o *status quo* instituídos e a incorporação de parcela dos grupos subalternos. (...) a hierarquia e a posição social manifestadas na *cor* eram fluidas e dependiam de circunstâncias sociais, sendo reatualizadas, negociadas. É a perspectiva relacional que deve ser considerada. (...) Era a mobilidade social que transformava um pardo em branco, um branco em pardo, um pardo em negro... (GUEDES, 2007, p.351)

A mudança gradual de uma concepção e denominação das "cores" e "raças" de posição social e condição legal para uma questão fisionômica durante o século XIX, é notada por Peter Eisenberg (1989) ao dialogar com a afirmação de Warren Dean (1977) de que em 1872 o recenseamento passou a diferenciar aspectos físicos e sociais, havendo aí uma mudança na concepção e delimitação do que é a cor e a raça de um indivíduo.

> Achamos que os termos "pardo", "mulato" e outras palavras indicando uma cor mais clara ou um fisiotipo mais parecido com o dos portugueses tendiam a significar também uma condição legal de livre. Por estar livre, uma pessoa de cor "parecia" mais clara, da mesma forma que se diz no século XX que o dinheiro embranquece uma pessoa de cor. Se essa hipótese for correta, então as transformações nas proporções de pardos e mulatos entre a população de cor têm menos a ver com mudanças nos fisiotipos do que com mudanças nas maneiras pelas quais esses grupos foram percebidos. A partir de meados do século XIX, tornou-se mais comum perceber escravos como "pardos", e pessoas livres de cor, incluindo alforriados como "negros". (...) no caso da característica da cor, parece que inicialmente a sociedade tendia a

> identificar determinadas cores com determinadas condições legais. Posteriormente, no decorrer do século XIX e talvez a partir do crescimento do grupo de pessoas livres de cor, a sociedade começou a valorizar mais a cor como um elemento independente da condição legal (EISENBERG, 1989, p.269-270)

A Ideia de raça como vimos não é um conceito homogêneo ou atemporal, a sua definição e delimitação é variável temporalmente e não sem contradições e discussões. Contudo, há elementos estruturais de predileção, os quais podem ser erroneamente traduzidos nos períodos de maneira anacrônica pelo pesquisador, pois o posicionamento da pretensa escala de "superioridade" (sic) não é sinônimo de aceitação absoluta ou indiscriminada de um grupo. As concepções raciais brasileiras definitivamente privilegiaram a imigração de europeus ao país, contudo o desejado era a sua raça e não a sua cultura.

O ideal do embranquecimento foi algo que penetrou na sociedade brasileira como um todo, com a ideia da cor da pele sendo ligada cada vez mais a questões sociais e políticas. Mutava-se, desse modo, as concepções raciais, sem perder esse passado de percepções, onde ser de determinada cor dizia mais sobre sua condição do que de fisionomia, fusionava-se às novas definições delimitadoras ligadas à aparência e origem biológica, emergia assim o ideal do branquear, através de mistura de "raças":

> a disseminação, inclusive entre os "não-brancos", de um ideal que hoje chamamos de "branqueamento": um ideário historicamente construído (uma "ideologia", um "mito") que funde *status* social elevado com "cor branca e/ou raça branca" e projeta ainda a possibilidade de transformação da cor de pele, de "metamorfose" da cor (raça). Ao atuar como interpretação do mundo (das relações sociais), esta construção ideológica foi fundamental para a manutenção da ordem social. Chamar a atenção para a cor de pele escura (ou "traços raciais negróides") de alguém era uma grave ofensa, sobretudo para aqueles que buscavam ascender socialmente. Enquanto as palavras "negro" e "preto" estavam intrinsecamente associadas à vida escrava, a cor branca estava ligada ao *status* de "livre". (HOFBAUER, 2006, p. 177)

Seria, portanto, o embranquecimento da população uma tentativa de destruição cultural dos povos originários e/ou escravizados? A resposta é complexa, pois apesar do indubitável desprezo às populações não brancas, crer que a presença de culturas imigrantes fosse bem-vista é um engano simplista e anacrônico, tendo em vista que o ideal assimilacionista estava em voga e se objetivava o embranquecer da população, mas não a presença ou mescla cultural. Havia no país até mesmo movimentos contra a imigração, incluso a de portugueses e italianos, sendo ainda mais pesados aos de origem alemã, que também apareciam em escala considerável:

> O ideal de assimilação estava presente no discurso sobre a imigração no Império e produziu conflitos especialmente com os alemães. Afinal, a religião evangélica

> luterana professada por parcela significativa desses imigrantes era motivo de discórdia com a igreja católica, na época com poderes temporais associados ao Estado. (...) os alemães são chamados de "raça hostil", protestante em hábitos e índole, antagônica ao Brasil católico e latino. A imigração, nesse caso, aparece antes como processo de invasão de estrangeiros, repulsiva e ameaçadora da singularidade nacional. (...) Por outro lado, os imigrantes portugueses, não obstante a herança colonial, base da nacionalidade, também foram alvo de preconceito e xenofobia. A lista de estereótipos varia, mas é a mais óbvia possível na desqualificação, sobretudo quando são mencionados os supostos "defeitos da raça" — indolência, falta de inventividade, grosseria, ineficiência, aversão ao trabalho e assim por diante. Além disso, não representam mais uma das raízes da formação nacional, tornando-se, nessas representações estereotipadas, apenas um grupo de imigrantes inassimiláveis, endogâmicos, ansiosos para enriquecer e retornar a Portugal. Apesar da sua qualificação latina e católica — características que, supostamente, garantiam a rápida assimilação — os italianos (e, da mesma forma, os poloneses) não escaparam desse tipo de adjetivação negativa. Pode-se dizer que a estereotipia tem relação com as características sociais mais marcantes da maioria dos imigrantes: a condição de colonos (portanto, trabalhador braçal, cultivador do solo) e a pobreza e seus apensos (o analfabetismo e a incultura). A própria legislação, ao definir imigrante como passageiro da 3‘ classe dos navios estava associando a categoria com a condição social de pobre. Há uma dupla estigmatização na configuração do colono estrangeiro, ao mesmo tempo imprescindível no processo de ocupação territorial e na produção agrícola, portanto, valorizado inclusive por ser "branco europeu", igualmente desprezado pelas elites por seu distanciamento em relação à cultura nacional, mas também através da associação com o trabalho na colônia. Eram, sobretudo, os substitutos dos escravos. (SEYFERTH, 2005, p. 9)

O que podemos constar com isso é um conjunto de conflitos, de dicotomias, as quais se originam no século XIX e vão se estender pelo século XX: a do ideal de brasilidade contra o de embranquecimento; o de se miscigenar para "aumentar o status" e a repulsa ao estrangeiro invasor; o de privilegiar o branco/europeu e o de usá-lo como bode expiatório/acusatório a todo e qualquer problema social; entre outras oposições. Os conflitos discursivos são evidentes, porém, de toda forma, houve a entrada dessas populações no Brasil, que abordaremos agora depois de notarmos esses embates para a vinda.

Uma das primeiras tentativas em larga escala na introdução de imigrantes europeus no país, se tratou das iniciativas do senador Nicolau de Campos Vergueiro principalmente com populações de origem germânica, maiormente suíço-alemães e dos reinos que formariam a Alemanha posteriormente, mas também havia ali austríacos. A empreitada fora organizada e planejada com profundidade, abrangendo todas as etapas necessárias para angariar essa mão-de-obra, incluindo nessas as questões prévias ao convencimento das famílias à aventura de uma nova vida em terras distantes, mas não somente, a persuasão também passava pela política:

> Vergueiro fez grande propaganda de seu sistema na Suíça. Demonstrou às comunas de vários cantões que esta era uma oportunidade única para aliviar a densidade demográfica sem planos de difícil execução. Bastava adiantar o dinheiro das passagens aos interessados, o qual lhes seria reembolsado pela firma Vergueiro e Cia. Muitas comunas aceitaram de bom grado a proposta, aparecendo logo grande número

> de famílias que se apressaram em candidatar-se (...) Os contratos assinados pelos imigrantes ainda na Europa tinham muitos pontos desvantajosos para eles. Não foram, ao que acreditamos, bem observados, nem foram estudados pelos homens que desejavam encontrar em outras terras uma solução para seus problemas pessoais. (WITTER, 1986, p. 30-31)

Os meios para adentrar no imaginário das populações europeias e, com isso, trazer ponderação a respeito de um recomeço no Brasil, basearam-se em intensa propaganda e acordos políticos firmados com os governos europeus. As mensagens contavam descrições elogiosas às possibilidades produtivas em uma terra rica, de fácil plantio, onde prosperariam rapidamente, com seus custos providenciados pelo fazendeiro, que cobraria aceitável taxa de juros, fácil de quitar. Atentava-se, sobretudo, à possibilidade de conseguirem um pedaço de chão:

> Os guias de imigrantes e outras publicações de propaganda para atrair mais gente para o país sempre frisam a existência de terras em abundância e demonstram como o acesso a elas é fácil. Mesmo as publicações de propaganda do estado de São Paulo chamam a atenção sobre os lotes disponíveis e como era fácil economizar na fazenda de café para comprar depois uma pequena propriedade. (PETRONE, 1984, p.55)

Entretanto, as condições se mostraram outras, com problemas que vinham desde o começo, antes da viagem, piorando com a chegada e as avultosas diferenças culturais e excessos cometidos na tentativa de controle das famílias imigradas. Começava assim um dos primeiros entraves que os estrangeiros enfrentariam, a do controle descomedido e até violento feito nas fazendas, o que resultaria em contendas, as quais se apresentariam até o fim do período cafeeiro. Tal situação se apresentou também com os italianos posteriormente, provocando na vida dos imigrantes intensa frustração, pois havia uma lacuna entre a propaganda e o que se deparavam:

> as idéias, amplamente difundidas nos países de emigração, de que no Brasil existiam terras em abundância, de que havia facilidade de acesso à terra, de que o trabalho não era muito árduo e de que se podia enriquecer facilmente. Enfim, que era extremamente fácil "fazer a América", no país onde bananas e laranjas estavam ao alcance de todos... E o imigrante ao chegar, em vez de receber um lote pronto para cultivar, cheio de bananeiras e de laranjeiras, tinha que se contentar com um lote coberto por densa mata virgem, que precisava ser derrubada para se construir o rancho e para se plantar. (PETRONE, 1984, p.70-71)

Em Ibicaba o controle fora pensado em diversos níveis, econômico, propagandístico, censura, enfim, os meios planejados objetivavam o manejo dos trabalhadores conforme as deliberações do fazendeiro, que os dominaria através da dívida contraída. Os meios econômicos de restringir a liberdade dos imigrantes iam além das despesas angariadas na vinda, as compras cotidianas deveriam ser realizadas diretamente no armazém da fazenda, a qual utilizava de

preços abusivos, fora o aluguel dos equipamentos e o terreno cedido para a roça familiar ser de baixa qualidade, dificultando a subsistência e, consequentemente, qualquer prosperidade.

Para manter o fluxo de imigrantes, informações sobre desvantagens na vida do cafezal deveriam ser abafadas, assim, a todo escrito que saísse da propriedade era impositivo que fossem aceito seu conteúdo por algum funcionário de confiança ou pelo próprio fazendeiro. Um conflito de narrativas não seria aceitável, isso desencorajaria os possíveis interessados, optando por não arriscar colocar não apenas a si mesmos, como toda a sua família, em risco. Evitava-se que o colono soubesse de condições mais favoráveis no Brasil, limitando a sua permissão de locomoção para, assim, não ver as medidas espoliativas que estavam em vigor nas fazendas:

> Podemos observar que a administração da fazenda limitava os direitos de locomoção aos seus empregados. As saídas da colônia estavam condicionadas ao beneplácito do administrador. Os diretores de colônias de parceria não estavam acostumados a tratar com trabalhadores livres, pois permaneciam vinculados à mentalidade escravista. (...) o diretor de Ibicaba devia tratar com os imigrantes parceiros e com os negros escravos concomitantemente. (...) Ibicaba tinha procurado servir, desde o início, de modelo para o sistema de parceria e, ao mesmo tempo, ser uma empresa auto-suficiente. Dessa forma, dentro de seus limites foram montados estabelecimentos especializados no abastecimento de seus habitantes. Nela funcionaram desde o armazém, onde se encontravam os produtos mais diversos, até o açougue e a farmácia. Procurava-se, ao mesmo tempo em que se facilitava a vida de cada qual, limitar também as possibilidades de contato entre o colono e a gente das redondezas e vilas vizinhas. (WITTER, 1982, p.58-59, 67-68)

As condições chegariam, contudo, a tal ponto que não conseguiram conviver com o que lhes fora imposto, as dívidas possuíam taxas demasiadamente pesadas, os terrenos para sua sobrevivência não eram dos melhores, os preços de mantimentos na fazenda eram abusivos. Organizaram-se, então, para protestar as suas condições precárias, as quais um dos colonos, Thomas Davatz, tentara alertar, por cartas, a terra natal e teve complicações com Vergueiro:

> O final do ano de 1856 e o início de 1857 marcaram dias de grande agitação em toda a região vizinha de Ibicaba. Os colonos residentes na fazenda organizaram um movimento de protesto que dava idéia de um levante armado. Entretanto, parece-nos que a pretensão dos "amotinados" era a de se fazerem ouvir pelas autoridades brasileiras. A data escolhida: 24 de dezembro de 1856 – véspera da festa máxima da cristandade: o Natal. O "levante" teve seu princípio nas altercações travadas pelo mestre-escola Davatz com os membros da família vergueiro, o senador e seu filho Luís, apoiados estes pelos diretores do estabelecimento agrícola Jonas e Schmid. (WITTER, 1986, p. 59)

Tal movimento fora pensado de maneira organizada, porém, essa não conseguiu se manter, com o descontentamento se alastrando e o mestre-escola, Thomas Davatz, líder do movimento, que havia achado meios de enviar seu relatório de insatisfações para a Europa,

tendo que aturar reações enérgicas e questionamentos exasperados pelo fazendeiro. Os suíços desconfiados que o compatriota poderia estar sendo atacado, estouraram a Revolta de Ibicaba. Davatz, prestando esclarecimentos aos fazendeiros sobre o relatório que havia escrito e enviado, fora avistado por um infante, o qual, ao contar aos outros o que vira, causou grande comoção, pois imaginaram o pior e, assim, os colonos foram em seu amparo. Chegando ao local se depararam com Davatz bem, que os acalma, sem haver casualidades (WITTER, 1986, p. 61).

Apesar da revolta ter sido pacífica, com ameaças e não violências diretas, isso não impediu que notícias sobre Ibicaba (por vezes exageradas) e os escritos de Davatz se espalhassem pela Europa. Além disso, divulgaram-se as condições precárias de sobrevivência e, por conta da informação e da imaginação serem próximas, se ampliavam consequentemente a gravidade dos fatos conforme a predileção da inventividade humana. O governo brasileiro diante de tal condição procurou realizar obras propagandísticas que pudessem realizar uma "corretiva" aos boatos e desencorajamentos que decorriam das informações do que ocorrera:

> A revolta de Ibicaba e o panfleto de Davatz tiveram realmente repercussão no intercâmbio com países fornecedores de imigrantes (principalmente Suíça e Alemanha). Tanto pesaram na aquiescência da saída de seus habitantes com destino ao Brasil que o governo brasileiro teria subvencionado uma publicação elogiosa sobre o sistema de colonização em nosso país. Tal publicação ressaltava as atitudes benevolentes dos fazendeiros equiparados a "verdadeiros pais" dos colonos. Esta obra, publicada em 1863, foi recentemente traduzida para o português. É de autoria de Joseph Hermeyer e tem o título *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Nela é narrada a permanência de "Jorge" na fazenda São Jerônimo, em São Paulo, pertencente ao senador Queiroz. Ficava próxima a Ibicaba e o autor procurou mostrar seu desconhecimento das crises da colônia Vergueiro e narrar as vantagens da vida do colono no Brasil. Embora não procure abertamente desdizer Davatz, tenta, pelo menos indiretamente, atenuar os efeitos que parecem ter causado a obra do mestre-escola de Ibicaba. (WITTER, 1986, p. 65-66)

Contudo, as tentativas de mudar a opinião europeia não tiveram resultado, sendo a consequência, dos escritos de Davatz e das notícias da revolta, uma lei, o chamado Rescrito de Heydt, que fora interpretado no Brasil como proibição da imigração (mesmo não o sendo). O Rescrito em questão se relacionava com uma lei anterior, ambas feitas pela Prússia:

> A "lei referente ao transporte de emigrantes" de 1853, permitia celebrar contratos de fretamento só a cidadãos prussianos que provassem a sua integridade e responsabilidade ante as autoridades do lugar onde moravam. Visava esta Lei a eliminar situações precárias, pelas quais os imigrantes, geralmente inexperientes, eram explorados por agentes inescrupulosos. (...) em 1859, foi promulgada outra lei que se tornaria tão comentada, tanto na Alemanha quanto no Brasil, (...) o *Rescrito de Heydt*. August von Heydt foi banqueiro, Deputado e Ministro durante dois decênios, especializado em matéria de transportes. Sua lei foi discutida até 1900, sendo interpretada como proibição da emigração, o que não foi. Diante das queixas, em grande parte justificadas, sobre a situação desanimadora de muitos emigrantes

> alemães no Brasil, as concessões anteriormente concedidas aos agentes, com base na Lei de 1853, foram canceladas, sendo agora o transporte dos emigrantes controlado pelo próprio governo. Complicava-se, desta forma, a atividade dos armadores e dos agentes, mas eliminavam-se as situações precárias tanto na Alemanha quanto no Brasil. (HUNSCHE, 1986, p. 37)

Um período de ponderação então se instaurava, em reflexão aos acontecimentos do sistema de parceria, durando esse entretempo até o fim da Guerra do Paraguai. As informações que rondavam a Europa não eram elogiosas, o conflito bélico tomava principalmente as atenções no Brasil e, os problemas constatados com a Revolta de Ibicaba, foram fatores a serem levados em conta e estudados para então angariar incentivos a outra imigração maciça:

> Externamente também a "Revolta dos Parceiros" influiu profundamente nos rumos da imigração. O relatório/livro de Davatz, publicado na Europa, criou rumores embaraçosos para os propagandistas da imigração para o Brasil. Já não era sem questionamento que as famílias saíam de suas municipalidades e vinham tentar a sorte no Brasil. As repressões do livro/relatório de Davatz somadas às notícias da Guerra do Paraguai certamente foram os maiores responsáveis pela mudança de rumos da nossa história da imigração (...) A partir de 1870, já com novos contingentes, o novo fluxo se estabelecia, basicamente com italianos. (WITTER, 1986, p. 70)

Com o fim da Guerra do Paraguai e os últimos anos de escravidão no país, houve uma nova rodada de estímulos à imigração, porém a discussão não se limitou à vinda de imigrantes europeus, havendo posteriormente debate a respeito de obter levas de populações asiáticas. Nesse quadro de estímulo, certos aspectos, que geraram descontentamento e a dissolução da parceria idealizada por Vergueiro, foram repensados, notadamente o incentivo a imigrantes que seriam culturalmente mais próximos, os mediterrânicos ou ibéricos, visando assimilação.

Contudo, a consolidação dos italianos no estado de São Paulo também apresentou contendas diversas, com reclamações e relatórios indo à Europa, com a Itália tomando certas medidas a respeito, tal qual o "Rescrito de Heydt" quatro décadas antes, realiza o chamado "Decreto Prinetti" em 1902, o qual teve impacto diminuto quanto à vinda de imigrantes. Entretanto, não deixava de evidenciar descontentamentos e uma ação do governo italiano a respeito de relatórios que recebiam, sendo uma proibição mais a imigração subvencionada:

> No final do século XIX, em virtude de denúncias sobre más condições enfrentadas por imigrantes italianos nas fazendas paulistas, a Itália procurou inibir a emigração daqueles que não tivessem condições de se manter no Brasil. Contudo, isso não conteve o movimento emigratório em direção a São Paulo. Maior êxito alcançou em 1902, no que ficou conhecido como "Decreto Prinetti", (...) que acabou freando a vinda ao país de italianos subsidiados pelo governo brasileiro estadual e federal, mas não a emigração espontânea. (BASSANEZI, 2019, p. 67)

As discussões a respeito da vinda de não-europeus eram quase unânimes, definitivamente não desejavam mais habitante algum da África, tampouco populações provenientes da Ásia se assim fosse possível, já que eram considerados como raças inferiores (sic). Como exemplo da concepção que as discussões sobre raça e imigração no Brasil tinha para com asiáticos, podemos ver na obra de Rogério Dezem, o que foi chamada de a "Questão Chinesa" no congresso agrícola realizado em 1878, onde essa população fora definida com:

> Adjetivos como "fracos", "indolentes", "depravados", "narcotizados pelo ópio" somavam-se a acusações de que essa raça traria a "decadência física e degradação moral" da raça brasileira. Esses elementos prestavam-se para compor os discursos formulados contra os *chins* e que foram reforçados pelo debate no Congresso Agrícola. Persistindo nos debates posteriores, e que circulavam no contexto da chamada "Questão Chinesa" em 1879, esses elementos tinham um duplo caráter: racista e político (DEZEM, 2005, p. 75)

Nesse interim, todavia, amplos incentivos foram proporcionados por empresas japonesas ao Brasil para receber certo contingente de seus trabalhadores, o que forçou a aceitação de uma pequena parcela da entrada total de imigrantes aos de origem asiática. Apesar de serem vistos de maneira pejorativa:

> Em 1895, foi assinado o tratado de comércio entre os dois países e em 1897, uma das empresas de emigração, existentes na época, obteve um contrato pelo qual se propunha a enviar 2 mil emigrantes trabalhadores para o Brasil, porém a crise cafeeira ocorrida, um ano antes, impediu a concretização da viagem (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1986, p. 91)

Entretanto essa tentativa inicial programada para os anos finais do século XIX se viu malograda, mas o planejamento iria adiante, com a vinda de japoneses prorrogada em dez anos e, a partir disso, iniciava-se o fluxo em escala considerável dessas populações.

2.2 Os Imigrantes – a busca da prosperidade e o conflito na frustração

Apesar de não serem os únicos grupos perseguidos no Brasil durante o período das guerras mundiais, estes, para além do foco da pesquisa, possuem certas similaridades históricas em sua formação, com um passado imperial forte, processos de unificações que falharam, além de ameaças e conflitos externos. Em tais países apresentaram-se então um esfacelamento do poder, uma visão de unidade a ser (re)conquistada, um pujante apreço e incentivo às produções culturais (que também possuíam seus percalços), vigilância com poderes internos que poderiam se tornar hostis e receio dos Estados vizinhos unificados e, consequentemente, mais poderosos.

Contudo, não devemos ver tais países ausentes de poder, mas que sua concentração quando não fugaz, era insuficiente para a unificação ou frágil em comparação a grandes potências, as quais, não raramente, acabavam por exercer influências sobre quais setores, grupos e poderosos acumulariam capacidades militares e econômicas nestes países fragmentados.

Nestas sociedades certos valores de tom militarista acabaram por ter campo fértil, com guerras internas e influências externas constantes, quando não invasões, tornavam o contato com o elemento bélico aspecto fundamental e necessário do cotidiano. Tal condição de vida, pela situação dada, apresentava-se, na sociedade como um todo, um cotidiano de natureza marcial, violenta, a qual adentraria na sua concepção de mundo e valores. Podemos constatar isto, seguramente, nos países de origem dos grupos que enfocamos, na presença de duelos e uma cultura de conhecimento que girava entorno do conflito físico, havendo escolas de esgrima e códigos de comportamento voltados a esse pensamento. Vemos os duelos fazendo parte de toda sociedade alemã, fugindo ao escopo dos nobres e se apresentando entre burgueses e classes mais baixas, com presença até nas organizações acadêmicas, país onde a presença de cicatrizes de combate eram desejadas e portadas com distinção (ELIAS, 1997); quanto aos italianos, país imbuído na cultura mediterrânica das *vendettas,* é que surgem as primeiras normalizações da prática de duelo na idade moderna e, mesmo em locais de cultura mais burguesa tal qual o nordeste do país, a prática era tida em predileção para a resolução de problemas (KIERNAN, 2016); e os japoneses reconhecidos pela extensa cultura marcial, com escolas que abordam desde combates com todo tipo de armamento até as mãos desnudas, com seus códigos de conduta sendo aplicados até na prática de coleta de cabeças em batalha (TURNBULL, 2006).

Este passado provocou 3 questões importantes para os imigrantes. A primeira, quanto ao lento processo de concentração de poder a partir da segunda metade do século XIX, implicando em reunificações ou recentralização do poder nos países (antes dispersa em pequenos reinos numa teia complexa de relações feudais), o que acarretou complexos e difíceis reordenamentos sociais impelindo contingente a migrar. Posteriormente, a segunda questão, fora o crescimento e expansão militar de seus países de origem, ocasionando conquistas territoriais e os fatídicos acontecimentos das guerras mundiais, com países de todo globo acusando não apenas as nações envolvidas, mas culpando e perseguindo os imigrantes e descendentes, por vezes já mestiços, o que se apresentou no Brasil e no município de Rio Claro (que trataremos no capítulo 4). A terceira fora parte do processo de estigmatização de sua cultura, de interpretação de seus atos, conteúdo de argumentação ao controle e repressão que sofreriam (analisados no cap.4 e suas consequências no cap.5).

Como vimos, as agitações e reordenamentos do poder político e econômico do século XIX permitiram novas possibilidades aos países, principalmente àqueles que estavam a entrar no quadro das grandes potências no último quarto do século, notadamente os países cuja a unificação se tornara possível, no caso a Alemanha unificada por Bismarck e iniciando o segundo Reich com o Imperador Wilhelm II, a Itália com o reinado de Vitor Emanuel II e, na Ásia, o Japão com a retomada do poder imperial com o Imperador Meiji sobre o já unificado, porém enfraquecido, shogunato Tokugawa. Ainda que o crescimento do poder possa, inicialmente, parecer uma melhoria aos habitantes destes países, o processo fora tumultuoso, com graves mudanças nos quadros sociais, em um reordenamento que abalou a vivência dos mais miseráveis até os grandes detentores de poder, nobres ou burgueses.

Desse modo, os imigrantes não devem ser vistos apenas como pertencentes a uma classe, condição, ordem, poder social, no processo de reorganização dos países e do intenso crescimento tecnológico, o qual promovia um aumento populacional e a mecanização de trabalhos manuais, considerável parcela populacional se via excluída dos novos círculos de poder, comércio, ofício, operariado ou agrícola. Devemos evitar com isso, o erro, por vezes socialmente usado para diminuir os imigrantes, em claro tom elitista, de que estes eram uma massa homogênea de miseráveis, esfomeados ou expulsos, o que em si já é um ato questionável, pois mesmo se o fossem, ou quando realmente o foram, tal afirmação em nada acrescenta a discussão e só demonstra um ataque a certos grupos humanos que formaram e compõe o país.

Dito isto, quem eram esses imigrantes? O que faziam em suas terras natais? Como poderiam se arriscar de tal forma? Uma coisa é certa, o processo dos povos que vieram ao país teve que contar com determinante grau de coragem por parte dos imigrantes, tendo em vista que diferente de outros países, o mudar de continente significava mudança de pátria, pois já estavam em situação delicada no processo ou na conclusão da unificação, não havia assim colônias que fossem de uma potência recém-formada. Tal condição é vista a exemplo com os italianos (e com os alemães não eram, de forma alguma, diferente):

> Os italianos sempre tiveram espírito aventuroso, no contexto de um conjunto de pequenos Estados que não participaram do grande banquete colonial ultra-oceânico. Para o português, o espanhol, o francês, o inglês ou o holandês podia ser fácil aventurar-se em novas terras, na verdade simples prolongamento da Mãe Pátria; (...) não era igualmente fácil para os italianos (...) A *expatriação*, para além do Atlântico, era um verdadeiro ato de desarraigamento da Mãe Pátria. Uma segunda motivação, sempre em linhas gerais, pe aquela do *exílio voluntário*. Muito frequentemente o pioneirismo era acompanhado pela inarredável necessidade de deixar sua própria terra por incompatibilidades de caráter político ou religioso. (PETRONE, 1984, p. 63)

É inegável, entretanto, que a sua presença se dava por motivações variadas, mas também incontroverso é que havia um grande contingente de campônios, de todo modo, mesmo os de origem rural se direcionavam inicialmente para o trabalho no cafezal:

> Sabe-se que nem todos os imigrantes eram de origem rural; muitos foram os que vieram das cidades e que tinham algumas habilidades e experiencias nas atividades manufatureiras. Embora num primeiro momento se dirigissem para as atividades agrícolas, pois apenas desta maneira conseguiam as vantagens oferecidas pelo governo, e porque o objetivo deles era a propriedade fundiária, depois de algum tempo viam-se compelidos a produzir manufaturados para atender à demanda dos vizinhos e outros colonos. (PETRONE, 1984, p. 63)

A presença dessa diversidade de trabalhadores por vezes foi vista como as causadoras de certos obstáculos, quando não fracassos, de alguns empreendimentos agrícolas:

> A explicação, frequente que se dava ao malogro dos esforços sucessivos para a colonização, não apenas nessa época como ainda mais tarde, foi a circunstância de se engajarem geralmente os colonos entre o proletariado urbano da Europa Central mais do que entre camponeses. A alegação parece realmente fundada e Tschudi, em documento onde relata suas observações sobre os colonos em São Paulo no ano de 1858, refere esta coisa surpreendente: de uma lista de 87 pretensos lavradores, como tais contratados no Velho Mundo para os estabelecimentos de parceria, apenas treze se tinham dedicado a atividades agrícolas em suas terras de origem. Dos restantes, 42 eram operários de fábricas, 6 sapateiros, 4 carpinteiros, 9 alfaiates, 3 soldados, 2 pedreiros, 2 ferreiros, 2 vidraceiros, 2 tanoeiros, 2 músicos ambulantes, 1 jornaleiro, 1 confeiteiro, 1 pintor, 1 serrador e 1 mestre escola. (HOLANDA, 1941, p. 17)

Como vimos, era o esperado que o excesso populacional possuísse origem diversificada, com as reestruturações efetivadas na Europa, toda sorte de pessoas se veria sem as antigas possibilidades de sobrevivência, independente de qual fosse o seu berço, as atividades que faziam ou onde moravam. Contudo, viam uma possibilidade de tentar novas oportunidades, mesmo que distantes de seus saberes, com isso se deparavam assim em uma situação hostil, a qual um contratempo poderia pôr tudo a perder, até mesmo quando conseguiam progredir, se não atentassem à compra de sua terra pessoal, depois de anos de trabalho, acabariam por adquirir espaço inutilizável e sem valor:

> Se muitos imigrantes conseguiram atingir uma situação econômica razoável, outros enfrentaram anos de penúria, chegando muitos ao fracasso completo. As causas são as mais variadas, desde os infortúnios pessoas, como mortes e doenças em família, até a não adaptação do imigrante às condições do novo meio ambiente (...) O imigrante enfrentou dificuldades de toda ordem. Em muitas áreas de colonização havia problemas de demarcação de lotes, dando origem a constantes litígios. A compra por parte do imigrante de um lote na planta igualmente podia reservar surpresas desagradáveis: as terras eram impróprias a agricultura por serem pantanosas ou muito acidentadas (PETRONE, 1984, p. 69, 73)

Devemos abordar que tais condições não se deviam somente às ambições e obtenção de vantagens partindo de brasileiros sobre o imigrante, os poderosos e políticos europeus nesse aspecto não diferiam demasiadamente de seus similares no novo continente. Não raro foram os casos de famílias se depararem com novos membros da família, desconhecidos, os quais sequer sabiam o nome, a procedência ou sobrenome, com problemas físicos ou mentais incapacitantes, postos entre os seus não por serem realmente de seu núcleo, tão pouco por bondade e generosidade de seus corações, mas pelos políticos de sua terra natal, que queriam se ver livres dos "indesejáveis", empurrando os causadores de seus transtornos aos que emigrariam (TSCHUDI, 1954, p.136-137). O que já era tarefa dantesca se via ainda pior, ao chegarem teriam que resolver a própria vida, enfrentando toda condição adversa, controle por parte dos fazendeiros, realizar um serviço que não necessariamente tinha conhecimento e, mesmo sendo agrícola havia disparidades no estilo de cultivo entre os continentes, acabavam por descobrir que foram incumbidos de resolver questões sociais de onde nem mais estavam.

Entretanto, tais questões não apareceriam para eles no seu processo de convencimento. Não há quem se disporia a passar por golpes ou a assinatura de documentos confusos a eles se o que fosse dito revelasse as verdadeiras intenções. Ao contrário, tudo que era publicado e falado demonstrava a grandeza de possibilidades e de um futuro promissor:

> Por meio da imprensa, da publicação de folhetos e pela lábia sedutora de certos sub-agentes, souberam angariar emigrantes, pintando-lhes em cores vivas um brilhante futuro, na América do Sul. Uma vez chegados nos locais de imigração, os colonos percebiam o embuste, mas, tomados de grande desânimo, deixavam-se estar, sendo poucos os que souberam reagir na hora. (TSCHUDI, 1954, p. 145-146)

Aqueles que foram seduzidos pela propaganda, passaram a imaginar uma prosperidade rápida, na qual, após realizar certa fortuna, ou ao menos angariar fundos razoáveis a uma vida tranquila, voltariam à Europa. Por outro lado, a própria ausência de retorno já indicava que a propaganda não era das mais factuais:

> A propaganda oficial, por conseguinte, acenava sempre com a promessa de futura posse de terra para os imigrantes em perspectiva. Mas os panfletos otimistas não tinham praticamente valor algum, comparados aos relatos enviados por parentes e conterrâneos. Teria sido ainda mais eficaz a remessa de dinheiro, ou a volta de ao menos uns poucos trabalhadores à cidade natal, depois de "fazer a América". É claro que nada disso ocorreu entre os trabalhadores contratados. (DEAN, 1977, p. 122-123)

Mesmo ficando no passado os sonhos de riqueza ou retorno à pátria, independente dos constantes problemas que enfrentaram, o seu maior sonho continuava o de prosperidade

econômica ou, ao menos, garantir a sua subsistência nesta terra desconhecida, sendo essa forma de pensamento predominante em todos os povos que se enraizaram apesar dos pesares:

> Em todas as memórias, cartas e relatórios de autoria de imigrantes, destaque especial merece a preocupação com o acesso à propriedade fundiária. Alemães, italianos, poloneses, ucranianos e outros, gente proveniente do meio rural, onde foram assalariados, meeiros ou parceiros, ou mesmo filhos de pequenos proprietários, gente de origem urbana, artesãos, operários, etc., todos sonham com a obtenção de um pequeno pedaço de terra para cultivá-lo e dele tirar o sustento da família. (PETRONE, 1984, p. 56)

Dentre esses entraves, frustrações e problemas, os quais se apresentaram por toda a história da imigração, desde os vindos no século XIX aos que aqui chegaram na primeira metade do XX, existiram tentativas de angariar informações por parte dos países europeus a respeito das condições de vida de seus compatriotas. Não devemos imaginar a todos apenas como interessados em tirar o máximo proveito às custas do trabalho e da inocência dos colonos, preocupações genuínas e determinantes aos fluxos populacionais eram questões tratadas delicadamente e poderiam afetar permanentemente relações políticas e econômicas entre os países e, também internamente, pois nessas levas outras ramificações familiares ficavam, podendo gerar protestos e convulsões sociais de indignação quanto às condições de vida dos entes queridos no novo continente. O gérmen do que seria a Revolta de Ibicaba e os seus resultados seria exatamente essa preocupação, considerando que:

> Quando Thomas saiu da sua terra (Fanas, no Cantão de Guisões, vale de Prätigau, Suíça), no dia 8 de abril de 1855, acompanhado na ocasião de sua família e de mais um grupo de quarenta e dois concidadãos, entre adultos e menores, Davatz recebeu instruções específicas para, quando se instalasse no Brasil, enviasse relatórios minuciosos das condições de vida e trabalho dos colonos já moradores no país, para o devido conhecimento das autoridades de doze grandes municípios da região de Prätigau. E, também, que reportasse sobre o tratamento que receberiam ele e seus acompanhantes suíços, entre os quais alguns suíço-franceses (...) Esta incumbência ele aceitou de bom grado, pretendendo cumprir a promessa dentro do mais breve tempo possível. Esta tarefa lhe foi pedida, por se tratar da pessoa mais capaz no grupo, pois Thomas, na Suíça, era mestre-escola de profissão, dotado de uma cultura geral superior aos demais. (STAHLBERG, 1999, p. 37-38)

Ao chegar nas terras de Vergueiro, Thomas Davatz iria assim observar atentamente tudo que lhe acontecia e que ouvia sobre os anos precedentes de experiência de parceria. Não deixou de haver tentativas dos fazendeiros de acomodá-lo e dar-lhe boas condições, visando conquistar ponderações favoráveis, o que impulsionaria a vinda de mais imigrantes suíços:

> Destinaram-lhe uma das melhores casas da colônia e o cargo de mestre-escola. Em janeiro de 1856, ele escreveu seu relatório, no qual revelou o descumprimento de cláusulas, que constavam do contrato, criticando o tratamento concedido aos colonos.

> (...) Em dezembro de 1856, tanto o Sr. Jonas, diretor da colônia, como Luiz Vergueiro, tomaram conhecimento de suas intenções. Eles o ameaçaram de maneira velada. A única forma de reverter essa situação embaraçosa e ainda gozar de privilégios seria escrever um relatório com dados positivos. Depois de pensar muito sobre o assunto, Davatz finalizou o documento, apontando as irregularidades. Depois disso, ele passou a ser tratado como agitador. Segundo suas próprias palavras, não só os suíços aderiram ao movimento, que era pacífico e pretendia apenas o estabelecimento de um inquérito, que seria conduzido em instância superior. Através de terceiros, ele conseguiu enviar essa correspondência aos Grisões, burlando o denunciado esquema de controle da correspondência dos colonos. (HEFLINGER, 2009, p. 45-46)

O resultado, como já vimos, foi a Revolta de Ibicaba, que tratamos no subcapítulo anterior, a qual fora sem feridos, porém teve grande impacto para os fazendeiros e todo o futuro fluxo imigratório. Com a divulgação das denúncias levantadas por Thomas Davatz e a notícia da revolta se espalhando pelo mundo, a situação dos imigrantes ficou em evidência, com vigorosas reações internacionais e nacionais. Iniciava-se um confronto de narrativas que impactaria diretamente o fluxo imigratório, sendo as vozes propagadas: I) a dos imigrantes por Davatz; II) a de autoridades europeias com emissários, destacando Heusser e Tschudi, enviados para a análise da situação das condições dos imigrantes e a realização de relatórios especificando o que fora observado; III) um último grupo narrativo era a dos financiados pelos fazendeiros, não somente com os agenciadores, que já se alastravam pela Europa, mas também penas contratadas visando elogios aos donos das fazendas e a diminuição, até mesmo humilhação, dos revoltosos, procurando reanimar o fluxo de entrada de imigrantes.

Podemos ver nos relatos do emissário Tschudi certa intenção de imparcialidade, mas não devemos deixar de levar em conta que era suíço, além de que, como qualquer outro ser humano, não era alheio a certas influências e erros que acabam vindo a acontecer independente do zelo dedicado. Apesar disso, é notável a honestidade que aborda sua observação e análise das condições dos imigrantes, não tomando necessariamente lados, apresentando críticas tanto a fazendeiros, colonos, funcionários nacionais ou arregimentados entre os estrangeiros e, não menos importante, realiza ponderações sobre o próprio relatório que está escrevendo. Por esse mesmo motivo, de seu rigor analítico, que já o utilizamos em outros pontos desse subcapitulo, porém, para elucidarmos o presente parágrafo, citamos o seu encontro em Rio Claro com certos indivíduos de Ibicaba chamados a conversar sobre os ocorridos:

> Mandei vir a Rio Claro os colonos da fazenda Ibicaba que desejavam falar comigo. Vieram os representantes de 32 famílias desta fazenda. Não me foi possível investigar até que ponto suas queixas se justificavam, pois falava apenas com os acusadores, sem ter ocasião de ouvir a outra parte. Queixavam-se eles, como a maioria dos colonos, da taxa cobrada por cabeça, ou comissão, considerando mais injusta ainda a exigência visto que pagavam a dita taxa à própria companhia que lhes fizera emigrar e em cuja

> fazenda trabalhavam. Outros reclamavam contra os cafeeiros, o solo pedregoso, as más colheitas. Estavam satisfeitos com o administrador, o antigo cônsul suíço, sr. Perret-Gentil, mas as queixas contra o diretor alemão da colônia eram muito graves, e, segundo me confirmaram em outra parte, justificadas, pois o homem levava, com sua brutalidade e infâmia, os pobres colonos ao desespero. (...) A Casa Vergueiro & Cia., que teve a pretensão de possuir em Ibicaba uma verdadeira fazenda modelo, viu miseravelmente periclitar a fama que desfrutava em toda a Província, procurando, por isto, vingar-se de sua derrota moral nos colonos suíços. (TSCHUDI, 1954, p. 181-182)

Se destaca no trecho acima um aspecto, a de evitar conclusões por não ter podido ouvir o lado do fazendeiro, porém por qual motivo não o pode ter feito? Tal conversa se realizara em Rio Claro, devido aos entraves postos por Vergueiro ao emissário adentrar sua propriedade, através de promessas que iria junto ao suíço em data futura, a qual Tschudi desconfiou:

> Não me enganei, porém, quando supus que tal promessa não passava de um ardil de Vergueiro, pois quando voltei a Santos, em Setembro, ele ainda lá estava. Escrevi ao sr. Vergueiro pedindo-lhe que me repetisse a declaração verbal que me fizera, por escrito, e recebi, efetivamente, à minha chegada a São João do Rio Claro. Nesta carta justificava sua recusa dizendo que achava supérflua minha visita à colônia! Receava ainda que os colonos se amotinassem de novo, não lhe sendo, caso isto acontecesse, possível reprimí-los! A estas ridículas razões respondi, em carta que enviei de Rio Claro, que nas inúmeras colônias que já visitara os colonos suíços se tinham sempre portado corretamente; que todos os fazendeiros podiam dar de bom grado o atestado de que não eram demasiado exigentes; e que não era lícito supor que na sua fazenda os colonos fossem piores e mais irrequietos que os demais lavradores de toda a Província. E, assim sendo, lastimava as medidas injustificadas que tomou. (...) fui procurado pelo administrador de Ibicaba, que me convidou a visitar a fazenda. Como resposta, mostrei-lhe a carta que seu patrão me endereçara. O sr. Perret-Gentil mostrou-se muito indignado e assegurou-me que o sr. Vergueiro não o havia posto ao corrente do que se passava, nem lhe tinha dado ordens para que recusasse visita minha. Insistiu muito comigo para que o acompanhasse, achando absurdo o argumento aduzido por Vergueiro, relativo à possibilidade de nova revolta organizada pelos colonos durante minha presença na colônia (TSCHUDI, 1954, p. 179, 182)

Também é comentado em seu relatório a constatação de casos em que a proposta de parceria se realizou sem maiores problemas, como por exemplo a experiência do Comendador Sousa Barros, com alemães do norte, do Holstein, os quais diferentemente dos suíço-alemães, conseguiram contrato parcialmente mais brandos e, provavelmente por questões de familiaridade ao tipo de trabalho, conseguiram se desvencilhar rapidamente das dívidas impostas (TSCHUDI, 1954, p. 184). Outras colônias são analisadas também, sem deixar de relatar sucessos e fracassos do sistema aplicado com os suíços no Brasil.

Por outro lado, emergiram escritos cuja procedência era a de penas de aluguel, as quais, diferentes das cartas escritas por colonos que realmente se adaptaram a parceria e que outros eram forçados a assinar, ou cartas completamente forjadas que a subscrição de nomes não era

menos impositiva, os novos relatos, verdadeiras obras, eram contratadas visando o elogio. Dentre estas destaca-se pelo despudor aos elogios aos fazendeiros e na virulência e sordidez dos ataques aos parceiros revoltosos, a obra "O que Jorge conta sobre o Brasil", escrito por Joseph Hörmeyer, como podemos ver no enaltecimento descomedido:

> E o patrão e sua família, que infelizmente nem sempre estavam na fazenda, eram o amor e a bondade em pessoa. As senhoras da família visitavam os doentes e até levavam para a fazenda doentes perigosos, para melhor tratá-los, instalavam escolas de costura para nossas mulheres e môças, ofereciam enxovais a casais de noivos e eram verdadeiros anjos da beneficência. (HÖRMEYER, 1966, p. 104)

Vale ressaltar que a fazenda que Joseph ou "Jorge" se instalara não foi a Ibicaba, mas a São Jerônimo, que não deixava de ser próxima, tal condição era esperada, pois seria descabido e pouco eficaz uma resposta às denúncias feitas no mesmo local destas. Entretanto, a exaltação às condições propícias no Brasil e a constatação da estonteante amabilidade dos fazendeiros e, sobretudo, de suas senhoras, apareciam ali descrições aviltantes aos parceiros, que ultrapassavam os limites do grotesco e chegavam ao absurdo em sua ambição propagandística:

> Como se vê, com experiência, as condições se modificaram muito favoravelmente para o colono meeiro. Não obstante, as colônias dessa espécie desapareceram quase todas e, que eu saiba, só dois fazendeiros mandam vir colonos; são os filhos de Vergueiro e o comendador senhor Sousa Barros. E por que isso? Simplesmente porque tiveram com os colonos experiências muito tristes. Muitos sem mais nem menos, fugiram sem pagar as suas dívidas; outros preferem nada fazer para a liquidação de suas dívidas e só cuidar da própria bolsa; outros ainda deixam arruinarem as cerejas ou as colhem verdes ou meio maduras, no que, por preguiça, ainda quebram os ramos. (...) Acrescentem-se a ilimitada rusticidade, o vício da embriaguez e a ingratidão de muitos colonos. Sei por exemplo, que, numa fazenda, os colonos pediram ao patrão que fornecesse vestidos de sêda às suas mulheres e filhas e a eles próprios cerveja inglêsa e vinho português, como adiantamento. E como ele, em sua incompreensível bondade e fraqueza, condescendeu, os colonos cometeram tantos desatinos que a guarda nacional do município teve de ser chamada e conduziu presos para a cidade, alguns chefes dos amotinados. (HÖRMEYER, 1966, p. 108)

Não visamos, obviamente, com tal crítica difamar os fazendeiros e canonizar os parceiros, porém fica evidente os excessos narrativos feitos nessa tentativa de resposta às denúncias aos idos de Ibicaba. Também não contrariamos que certos fazendeiros realmente possuíssem certa proximidade com os colonos, o que estamos demonstrando é uma estrutura de controle das comunidades e das narrativas a respeito dos cafezais. Podemos ver, por exemplo, no trabalho de Bassanezi uma outra ordenação, em uma fazenda com italianos principalmente, mas que possuía os mesmos fins, um modelo que aumentava o contato do fazendeiro ao colonato em questões propícias e nas desfavoráveis com os administradores:

> O conde procurou, inclusive, estabelecer certa proximidade paternalista com aqueles que trabalhavam para ele. De acordo com depoimentos de ex-colonos, ele "tomava cafezinho" nas colônias com alguma frequência, e sua esposa, a condessa, costumava oferecer bolos para os trabalhadores do terreiro e providenciar o enxoval para bebês nascidos na propriedade. O casal Prates e seus familiares também participavam de festas religiosas e profanas realizadas na fazenda e assistiam a espetáculos artísticos realizados por lá, abertos a todos os empregados, inclusive aos de outras fazendas e aos habitantes da vila vizinha. Dessa forma, cultivaram entre muitos trabalhadores a fama de "homem e mulher de bom coração". Conseguiam, assim, neutralizar vários dos eventuais antagonismos com seus empregados e vizinhos, enquanto deixavam para o administrador o papel de anteparo aos inevitáveis conflitos (BASSANEZI, 2019, p. 54)

Todavia, como já vimos, a tentativa de reviver a boa opinião europeia fora malograda, com o retorno de um fluxo massivo somente ao fim do século XIX, com destaque aos italianos, começando essa segunda grande leva aos cafezais. Como sabemos, as medidas que eram tomadas pelos fazendeiros no controle dos colonos nem sempre eram amigáveis ou pacíficas, com ameaças, violências físicas e morais, fora o contato com a própria população já existente, que nem sempre se dava de modo amigável, sendo tal situação podendo ser vista com italianos:

> É possível que os italianos no Brasil sentissem tanto antagonismo contra os donos das terras quanto os trabalhadores rurais; assim, reclamações trabalhistas dos agricultores constituíam razão suficiente para provocá-los. O jornal *Fanfulla*, publicado em italiano, cujos leitores quase certamente pertenciam à classe média urbana baixa, publicava notícias constantes sobre essas disputas, nunca deixando de citar se um capanga era negro ou mulato. (DEAN, 1977, p. 174)

Mudava-se a procedência dos imigrantes, o sistema que se utilizava nas fazendas tornava possível a sobrevivência dos colonos, apesar de ainda ter múltiplos problemas, os quais se apresentaram na mais diversa gama de estrangeiros, não sendo questões tão diferentes entre os alemães, italianos e futuramente os japoneses. De certa forma, mesmo sendo situações específicas enfrentadas por cada grupo, os tipos de problema não variaram tão bruscamente: problemas com dívidas, comportamentos excessivos por fazendeiros ou administradores, imposição de injustiças por impossibilidades de reclamações (ou ao menos que fossem efetivas), problemas nas terras destinadas à sua subsistência etc.

Eram condições que, apesar de diferentes, tinham as mesmas dificuldades, porém sintonizadas o suficiente para evitar maiores controvérsias, o foco era fazer o mínimo visando conseguir o máximo. Se compararmos o que vimos dos germânicos de toda procedência em Ibicaba com o que fora vivido pelos italianos, podemos notar um maior apreço aos de procedência mediterrânica, mas continuavam sujeitos às imposições dos fazendeiros, há a

diferença de que conseguiam realizar reclamações, mas a utilidade destas eram irrisórias, por vezes somente a pilheriar e irritar os seus contratantes devido às frustrações que tinham:

> Finalmente, os trabalhadores suportavam grandes doses do paternalismo demonstrado antigamente em relação aos escravos. A fazenda com frequência era um enclave de jurisdição particular, onde o fazendeiro agia como juiz e fazia cumprir as leis com a ajuda de pistoleiros. (...) Vistos de longe, desde a casa-grande, os italianos pareciam servos mais satisfatórios do que os africanos emancipados, mas isso era uma ilusão. Os imigrantes recorriam à lei e aos tribunais, protestavam nas salas dos cônsules e até mesmo publicavam anúncios no jornal local para provocar os patrões. (DEAN, 1977, p. 173)

Nessas miríades de problemas enfrentados, os imigrantes eram culpabilizados pelos acontecimentos, os desacordos no trabalho e os choques culturais inevitáveis, mesmo assim continuaram a ser vistos como solução desejada frente ao trabalhador nacional, com os procedimentos de sua vinda, e como seriam vistos e tratados, se modificando conforme o período. Um dos elementos que se destacaria nesse complexo processo é a diferença cultural, que distanciava o imigrante do conjunto nacional, proporcionava uma coesão grupal e, com isso, possibilidades de ativismos e ações políticas, cujas discussões traziam consigo.

Podemos ver em publicações do Barão do Rio Branco o pensamento a respeito da vinda de europeus ao país, posição essa significativa e representante dos poderes políticos e econômicos nacionais, consequentemente, das ideias desenvolvidas pela intelectualidade do país sobre os aspectos formativos da nação e, que também, fundamentariam a concepção simbólica da república. A sua leitura a respeito da Revolta de Ibicaba e a consequente defesa de italianos e ibéricos ao país, são elementos elucidativos do que era esperado dos imigrantes, quanto ao trabalho e cultura. Percebemos suas ponderações sobre o sistema de parceria, e o descontentamento quanto ao Rescrito de Heydt, no jornal "A Nação", 30 de julho de 1872:

> o senador Vergueiro tentou inaugurar na província de São Paulo o sistema de colonização direta, por meio de contratos de parceria. Em virtude desses contratos, o colono, chegado ao termo de sua viagem, achava, em uma fazenda já produtora, casa, alimento, trabalho e o direito à metade do produto líquido dos frutos que colhesse. Como podia, pois, este sistema motivar queixas de tal ordem, que determinassem o governo prussiano a expedir a circular de 3 de novembro de 1859? Não se podendo pôr em dúvida a honradez dos fazendeiros de São Paulo, que haviam celebrado contratos dessa natureza com emigrantes alemães, só há uma hipótese para tais queixas: ou que mal se acomodassem os colonos com os nossos hábitos e costumes ou que em seu espírito nascesse infundada desconfiança sobre a exatidão e a veracidade das contas que lhes eram feitas. (RIO BRANCO, 2012, p. 70)

Quanto a sua inclinação em defesa da mão de obra italiana vemos no mesmo jornal, de 12 de janeiro de 1874, o seguinte:

> A assimilação dos italianos com os brasileiros seria com certeza mais fácil que a dos alemães. Os que conhecem as nossas colônias alemãs, se se impressionam agradavelmente com os hábitos de ordem, de economia e trabalho que aí podem ser observados, devem ter verificado com um certo pesar que o trabalho da assimilação vai nelas um caminho muito lento. Em compensação a imigração italiana do rio da Prata, oferece sob este aspecto, um caráter muito diverso. Se não é esta uma razão para abandonar a colonização alemã, deve ser parte para que procuremos atrair essa corrente que vemos encaminhada do país clássico das artes para uma certa parte da América do Sul. A facilidade com que o italiano emigra vem juntar-se a outras considerações para que essa imigração deva ser vista como utilíssima ao Brasil. (RIO BRANCO, 2012, p. 192)

Se os imigrantes alemães eram preteridos por sua difícil "assimilação", sendo preferível a italiana por supostamente apresentar maior facilidade para o abrasileiramento, a posição para com os asiáticos não era elogiosa. As concepções formuladas a respeito dessa população iam além de uma impossibilidade ou intensa dificuldade de assimilá-los, pois acreditavam que o oposto ocorreria, em uma deterioração da sociedade brasileira, pois os viam como:

> Sem força moral, sem fé, sem futuro, sem idéia de melhoramento, a raça chineza, estacionaria de uma civilização duvidosa, inerte ao progresso, há de ceder o logar, e ser exterminada pelas nações provectas da Europa e da América. A civilização chineza é um obstaculo, porque ella disse ao homem – parai, quando o destino lhe brada – marchai. A civilização chineza quis tornar o homem animal, quis embrutecel-o. (CONGRESSO AGRÍCOLA apud DEZEM, 2005, p. 76)

Assim se apresentavam no Brasil os 3 grupos que enfocamos, os japoneses vistos como moral e laboriosamente decadentes, os alemães de difícil trato e tendência a não se misturarem e, os italianos que, apesar de serem bem-quistos para a vinda, eram desejados aspirando que sua cultura fosse desgastada pelo tempo. Apesar de podermos dividir essas construções aproximadamente por grupo no século XIX, elas já indicavam possibilidade de serem vistas em um espectro de mescla; e no XX, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, essas três formulações se apresentariam ainda mais de maneira homogênea para todos os grupos supracitados conforme o momento, podendo ser justificativa para suas perseguições. Trata-se, portanto, de construções narrativas que são instrumentalizadas conforme a conveniência e proveito daquele que a utiliza, a exemplo poderíamos falar de descendentes ou mesmo imigrantes utilizando da "assimilação" para se declararem brasileiros e evitarem repressões, eliminar politicamente um oponente ao constar a sua origem, realizar falsas denúncias para minorar a competitividade de concorrentes econômicos, exaltar a proximidade de sua cultura à nacional para tentar mantê-la o melhor possível, dentre tantos outras possibilidades de uso que discutiremos no capítulo 4.

2.3 Rio Claro – o município na consolidação das comunidades e seus conflitos

O município de Rio Claro acabará atraindo esses imigrantes, tanto diretamente na vinda das fazendas de café do próprio, ou de localidades próximas, no século XIX, como posteriormente, quando estes vão tomar uma vida mais urbana, se aproximando do comércio e da vida operária na estrada de ferro, como também na obtenção de sítios ou mesmo de casas com quintais, onde vão continuar suas práticas agrícolas, apresentando, não raramente, uma convivência destes saberes no cotidiano e em sua sobrevivência. Porém, independente e indiscutivelmente terem feito parte do avanço e formação do município, não devemos ver Rio Claro como um palco passivo, onde aqueles os quais elegemos como atores principais em nossa narrativa agiriam confortavelmente e em protagonismo único, ao contrário, já havia grupos populacionais e poder estabelecido na então chamada São João Batista de Rio Claro e, assim, devemos entender como se efetivou tais diálogos, os quais nem sempre foram amigáveis.

Apesar da história do município preceder a vinda de imigrantes, com o seu surgimento sendo referente à interiorização do país, a expulsão de grupos indígenas e servindo como ponto de parada para os caminhos onde havia se descoberto ouro (PENTEADO et al, 1978), para os objetivos da pesquisa vamos nos focar no período o qual os imigrantes que iriam para o município já estavam no país. Desse modo, buscamos nos concentrar em 3 situações que abordam os grupos analisados, sendo elucidativo para a construções das relações estabelecidas entre o poder, a sociedade local e os grupos, podendo compreender melhor as especificidades do município. As referidas situações são: a resposta e interpretação sobre a Revolta de Ibicaba, a discussão política e racial sobre a vinda de imigrantes asiáticos, e os conflitos que decorreram do choque cultural entre o poder e organização social estabelecida com os imigrantes italianos. Comecemos, entretanto, relembrando os impactos que tais imigrantes exerceram no município, antes de aprofundarmos nas situações acima citadas, abordando sua influência nos hábitos cotidianos e a presença nos âmbitos econômicos e mesmo políticos do século XIX.

Os grupos de estrangeiros e seus descendentes foram responsáveis profusamente em mudanças que se encontrariam nas cidades, tendo em vista que no cultivo pouco ou nada afetaram (HOLANDA, 1941). Em sua inserção no centro urbano, os imigrantes não desperdiçavam seus conhecimentos adquiridos no então recente passado nos cafezais e roça de subsistência, aplicando-os em seus quintais e variando a alimentação e os produtos disponíveis nos mercados, além de, ao juntar com seus saberes de ofício, iniciariam uma cultura de indústria doméstica (SANTOS, 2002). Nas dificuldades enfrentadas, o temor de falência por dívidas que

os assombrava, as frustrações que acumularam desde a vinda, as violências sofridas e as ameaças que receberam, foram fatores determinantes para que essa população agisse com inventividade e atuassem de modo polivalente para primeiramente conquistar sua sobrevivência e, posteriormente, conseguir não somente progredir, mas deixar algo aos descendentes, além, é claro, de terem sido e serem parte indispensável do que forma Rio Claro.

Não podemos, todavia, olvidar que o progresso do município teve parte de sua formação na aceitação, mesmo que parcial, por parte dos fazendeiros, da emergência de uma nova classe, com imigrantes e descendentes conquistando certas terras, mas sobretudo, nos seus avanços nos setores urbanos. Obviamente isto não teria ocorrido se não fosse de grande vantagem aos fazendeiros e sua produção:

> Seria mais válido afirmar que o desenvolvimento econômico de Rio Claro deveu-se a concessões que os fazendeiros tiveram de fazer a outras classes sociais, a fim de evitar a perda de suas propriedades. Tiveram de ceder aos imigrantes italianos muita terra para as culturas de subsistência, o que lhes possibilitou ganhar dinheiro que multiplicou as funções econômicas da cidade. (...) Contratos anuais estimulavam métodos de cultura extrativos; a administração era especulativa e pouco racional. A classe média urbana, relegada a transações de pequena escala, procurava monopolizar o comércio dos pequenos proprietários e dos trabalhadores rurais (DEAN, 1977, p. 185)

Constata-se assim o caminhar duplo, até simbiótico em alguns momentos, entre o poder já estabelecido e os novos integrantes da nação e, mais especificamente, do município. Contudo, essa relação nem sempre foram de benefício mútuo, com uma longa história de estranhamentos e embates. O dono dos cafezais trazia os imigrantes, estes por sua vez ao se verem livres do trabalho agrícola iam para os centros urbanos, nos quais exerciam o conhecimento que trouxeram consigo, avançava assim as cidades e suas as estações férreas, as quais levavam a produção de café aos portos. O conflito era evidente, porém a comunidade imigrante e o poder local necessitavam um do outro. Tratemos, pois, de algumas formulações, acontecimentos e relações que aconteceram mais especificamente nessa localidade com os grupos enfocados, seja conflitos diretos ou dificuldades que encontraram impostos ao seu desenvolvimento.

Com os acontecimentos da Revolta de Ibicaba de 1856, a Câmara Municipal de Rio Claro realizou uma sessão extraordinária no dia 23 de fevereiro de 1857, visando discutir o que tinha acontecido e a realização de pedido para a defesa do município, com o medo de uma insurreição que pudesse se espalhar para além da fazenda, como podemos ver na transcrição:

> Expendeo o Presidente da Camara, as razões que o obrigavão a convocar esta Camara extraordinaria, razões que é conhecido por todos a vista do o ocorrido na Colónia

> Senador Vergueiro, e que sendo da attribuição desta Camara zelar pela tranquilidade dos seus Municipes, que éra de parecer que se officiasse ao Ex.mo Presidente da Provincia pedindo uma força para obstar qualquer insurreição que daquela Colónia possa arrebentar, e sendo apoiado unanimemente passou-se a officiar ao mesmo Ex.mo Snr Presidente da Provincia neste sentido. O Vereador Gonçalves d'Oliveira pedio a palavra, e indicou que se officiasse ao Ex.mo Governo da Provincia pedindo esclarecimento se o encarregado da cobrança da Capitação pode ou não receber dos Colónos tanto portuguezes e estrangeiros, e se no numero destes estão sugeitos os Protestantes, e nesse sentido unanimemente foi deliberado que se officiasse; E não havendo mais nada a tratar foi a presente lida, e aprovada (RIO CLARO, 1857)

O documento enviado pode ser lido nos "Annaes do Parlamento Brazileiro", e foi usado para corroborar os temores de uma insurreição de suposta sociedade secreta de suíços, como podemos ver no trecho a seguir:

> E sendo sabido que os malfeitores se refugião nos lugares menos povoados onde ha força da autoridade, o desenho que acabamos de fazer mostra que neste município começa seu asylo, donde se deduz a necessidade de destacar nessa villa uma força respeitavel para destrui-lo em todo o extenso districto, protegendo ao mesmo tempo os vizinhos. Tal era o estado desta localidade, quando novas occorrencias tornárão mais necessaria e mais ampla aquella medida. V. Ex. ha de estar melhor informado que nós do acontecimento na fazenda Ibicaba; mas o que por aqui corre e é sabido sobra para aterrorisar uns e desanimar outros, e isto quando um grande movimento agrícola imprimido pelos Srs. Vergueiro e C., com a importação de colonos e com o exemplo de sua applicação pratica, se tinha apoderado da população, achando-se já estabelecidas muitas colonias e projectadas outras. Nós ignoramosa urdidura do trama, mas são factos incontestaveis que os colonos suissos da colonia – Senador Vergueiro – se organisárão debaixo da direcção de uma sociedade secreta, que se armárão, que estão em correspondencia com outras colonias, contando não só com sua cooperação, como a dos escravos e de Brazileiros descontentes; fallão em formar um Estado livre. Não tememos que eles consigão seus damnados fins, mas tememos o estrago do rompimento. Elles se conservão ainda armados e altivos, é indispensavel desarma-los e fazer-lhes conhecer a sua impotencia; isto só se póde operar sem derramamento de sangue, e com dignidade, com uma força respeitavel, e eis o que pedimos incessantemente a V. Ex., a quem Deus guarde por muitos anos. Paço da câmara municipal do Rio Claro, 23 de Fevereiro de 1857 (BRASIL, 1857, p. 156)

Isadora Moura Mota (2021) elenca importante discussão a respeito de tal documento, a de qual seria a motivação do temor, tão menos a probabilidade, de uma ação conjunta e organizada com imigrantes e escravos visando derrubar, ou mesmo liquidar as fazendas cafeeiras e seus respectivos donos. Tal fato se daria pela já existência de organizações de escravizados visando a própria liberdade, as quais eram instigadas por imigrantes colonos, de diferentes origens, realmente a se rebelarem. Havia, portanto, verdadeiro temor que uniões entre trabalhadores livres estrangeiros com os escravizados estivessem se organizando e, os problemas que já se apresentavam poderiam escalar, pondo em risco a vida dos fazendeiros e suas famílias, de igual modo às notícias de insurreições que chegavam de outros países.

Interessante notar que, provavelmente, partindo da perspectiva do pânico instaurado, a tal sociedade conspiratória teria se formado no processo logo após a Revolta de Ibicaba, quando diversos colonos de fazendas próximas se dirigiam para conversar com Davatz, vendo uma possibilidade real de realizar suas reclamações sem consequências costumeiramente pesadas:

> Em quase todas as colónias das proximidades, os parceiristas já tinham chegado à conclusão de que eram vilmente explorados. A-pesar-disso, porém, sentiam-se demasiado fracos para qualquer reação contra seus poderosos patrões. E ousavam tanto menos semelhante reação quanto já tinham experiência de como, sempre que um colono, mesmo com carradas de razão, decide recorrer aos juízes de paz locais, não só não retira disso a menor vantagem como acaba ainda mais prejudicado do que antes. Quando os colonos da vizinhança souberam do que tínhamos feito em Ibicaba e também dos nossos planos, associaram-se prontamente aos esforços que empreendíamos. Começaram então a surgir constantemente emissários, cartas, lamentos e apelos para que fizéssemos com que a tão anunciada comissão de inquérito também os visitasse, para que transmitíssemos à mesma comissão suas queixas, antes que ela fosse verificar a situação *in-loco*, e além disso, para que não renunciássemos ao programa traçado entrando, por exemplo, em um acordo com a casa Vergueiro. E' certo que muitas vezes a multidão desses emissários dava a Ibicaba o deplorável aspecto de um centro de reunião dos colonos de outras fazendas, além de contribuir para a opinião de que tínhamos uma existência inativa e relaxada — o que não deixava de dar à casa Vergueiro um excelente pretexto para se queixar dos seus parceiristas. (DAVATZ, 1941, p. 179-180)

O que podemos notar, com a ata e o documento enviado pela Câmara de Rio Claro, é o início da perseguição que assolaria os imigrantes e descendentes até a metade do século XX, contudo, apesar de se apresentar modificações no passar do tempo, é o padrão que se estabelecia entre o uso do temor social e de um bode expiatório, a questão econômica da elite e a influência estrangeira nos interesses nacionais. A divisão entre exageros e real crença na situação que relatam é difícil delimitar, quiçá impossível, pois levando em conta o contexto do período, as informações se desencontram, com conflitos sociais reais e o impacto difícil de se demarcar, a distância com os imigrantes devido a diferença linguística (no caso dos protestantes, também religiosa), oferece campo fértil para que o imaginado, o inventado e o factual se entrelacem.

Apesar dos japoneses chegarem ao Brasil no século XX, a sua vinda fora planejada e discutida com intensidade. Com a já problemática Revolta de Ibicaba, se fazia necessário pensar grupos que poderiam melhor se adequar às condições brasileiras. Ao mesmo tempo que procuravam vantagens possíveis dos imigrantes e seus saberes, havia a questão racial que o conhecimento do período considerava real e relevante. Desse modo, havia intensos percalços para a vinda de asiáticos de maneira geral ao país. Seriam os asiáticos uma opção viável, que se integre e promova a melhoria (sic) racial ao repor e miscigenar aos grupos escravizados?

Tais questionamentos eram realizados, como já vimos, em âmbito nacional, mas devemos notar a presença de um político rio-clarense nessa discussão da "questão chinesa":

> Uma outra voz manifestou-se como contrária à vinda de trabalhadores chineses para o Brasil: Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, representante de Rio Claro em São Paulo. Levado pelo "enthusiasmo patriótico", afirmou que a imigração chinesa não servia à Nação brasileira, fundamentando suas idéias nas obras de vários autores de sua lavra. (DEZEM, 2005, p. 75-76)

Sua concepção de desconsideração aos asiáticos, por vezes, os colocava de maneira deletéria até as mais que estigmatizadas populações africanas, julgando-os menos capazes fisicamente que estes últimos, pois, seguindo o pensamento racista do período, ele

> em sua obra chamada *Reflexões sobre a Colonização no Brasil*, publicada em Paris em 1878, (...) mostra, baseado em trabalho aparecido nos Estados Unidos, que "a raça africana não pode ser apontada para preencher a lacuna da falta de braços em um país como o nosso". Deixa igualmente bem claro que os asiáticos apresentariam desvantagens bem maiores. (...) Enfim, a idéia do autor é de que, se os escravos negros forem substituídos por asiáticos livres e se estes também forem dirigidos para núcleos coloniais, os europeus, que não vinham em número maior por causa da escravidão, abandonarão de vez a idéia de emigrar para o Brasil. Em todo o seu livro fica patente que, acabando a escravidão, têm-se que importar europeus para aumentar o vigor da "raça". (PETRONE, 1984, p. 40-41)

Como já tratamos, visão diversa a dos asiáticos fora evidenciada para com a imigração de origem italiana, tendo predileção, junto com a de ibéricos, sobre as outras correntes existentes ou possíveis de trabalhadores ao país, o que não fora diferente em Rio Claro. Grande quantidade de italianos e suas famílias iriam para o município, inicialmente aos cafezais, porém também sendo fundamentais na formação do operariado da cidade nas estradas férreas.

Pudemos ver que certas estruturas no município estavam se formando a respeito dos imigrantes, aos de origem alemã a visão de serem possíveis conspiradores e subversivos da ordem pública, os japoneses, que nem estavam próximos de sua vinda, já estavam sendo excluídos e rebaixados, porém e os italianos? Apesar do pensamento assimilacionista privilegiar a vinda destes imigrantes, isso não significou ausência de confrontos, longe de um padrão paradisíaco, complicações apareceram, mesmo que sem maiores polêmicas, ou ao menos com menor reverberação, em comparação ao que foram os debates e consequências que orbitaram a Revolta de Ibicaba.

O que podemos notar é uma maior dificuldade de progresso, provavelmente por questões de escassez de oportunidades, frente a comércios e lojas que estavam a se consolidar

com os imigrantes germânicos anteriores, ou mesmo frente a outros italianos que já vinham com uma capacidade econômica considerável, voltado mesmo aos centros urbanos, fora os que vinham já com intensos investimentos. Tal situação é elencada por Dean:

> Não se pode afirmar, como o fazem alguns historiadores, que o imigrante "médio" ou que "muitos" imigrantes se tornaram proprietários de terra. Em Rio Claro poucos conseguiram esse feito. Os 300 e poucos mil-réis necessários para repatriar uma família de imigrantes eram mais fáceis de juntar que a média de 6 000 mil-réis para a compra de uma pequena propriedade. Os compradores, de qualquer maneira, eram em geral imigrantes da classe média urbana, e não lavradores. Luiz Piccoli, que chegou ao município como colono, logo se mudou para a cidade e se instalou como moleiro. Ele disse para o neto que trabalhar na fazenda não era maneira "de ficar rico". Piccoli progrediu realmente na cidade; comerciou com café e chegou a ter sete fazendas. (...) Quando Angélica foi dividida pela última vez, em 1924, Pedro Rossi, cujo pai fora colono, e que então possuía um sítio perto de Lopes, vendeu a parte que herdara e comprou 90 hectares, inclusive a anacrônica sede construída pelo barão de Grão Mogol, para onde se mudou. (...) Todavia, nada existe na propriedade afora o mínimo essencial (...) É uma vida dura, difícil. (...) Herdeira do município foi a classe média urbana, constituída de uns poucos antigos colonos mas, na maioria, de imigrantes que na Europa tinham vivido em cidades, e tinham chegado com uma ocupação, um capital e relações familiares. Ao tempo da Primeira Grande Guerra os italianos estavam em condições de exigir dos alemães, suíços e portugueses de classe média paridade nos negócios da cidade. O processo não foi inteiramente isento de rancor, mas se completara até a Segunda Guerra. Casaram-se com as filhas dos fazendeiros falidos, e depois casaram-se entre si. Á medida que prosperavam e compravam lotes e casas na cidade, sítios suburbanos e, finalmente, as fazendas repartidas, ao mesmo tempo o poder econômico e político da capital do estado penetrava mais a fundo no município. (DEAN, 1977, p. 180, 182)

Dean comenta bem desse crescimento italiano que fora sendo conquistado aos poucos, ao menos a parte de seu contingente que não vieram com os bolsos cheios, contudo discordamos com esse conflito rancoroso que comenta, pois notamos o oposto, uma aproximação acentuada e mesmo miscigenação do elemento germânico com o itálico já nos fins do século XIX e início do XX no município, tanto entre os mais ou menos favorecidos.

Por fim, devemos destacar um último aspecto quanto aos conflitos que tiveram palco no município, ponto este válido também para outras localidades, a respeito da consolidação documental desses embates. Quando falamos de poder, a análise tende a centralizar seu foco nos aspectos políticos e econômicos, contudo o campo judicial é outra esfera fundamental de autoridade e dominação. Dada a formação do poder local, as condições não eram profícuas para a realização de denúncias ao que era enfrentado nas fazendas ou mesmo, em menor intensidade, na vida urbana, tendo em vista que os poderosos fazendeiros quando não políticos influentes, conquistavam espaços e posições na justiça:

> Quaisquer disputas referentes aos contratos seriam decididas, sem recurso, pelas autoridades municipais – isto é, pelos juízes nomeados pela Câmara Municipal. Em

> Rio Claro e Limeira os próprios juízes eram fazendeiros também, e aplicavam a rigorosa Lei de Serviços, de 1837, especialmente promulgada para cobrir os contratos com imigrantes. Um trabalhador dispensado por justa causa tinha de pagar de imediato a soma total devida ao fazendeiro. Se não pudesse, poderia ser condenado sumariamente a trabalhar em obras públicas "enquanto fosse necessário" (...) Um trabalhador que abandonasse o serviço sem aviso prévio deveria ser preso onde estivesse e posto a trabalhar em obras públicas até ganhar o dobro do que devia ao empregador. Esses dispositivos poderiam equivaler à prisão perpétua e à mendicância para o resto da família. A lei também estipulava que um trabalhador que tivesse cumprido seu contrato receberia uma certidão de seu empregador. Qualquer um que empregasse um estrangeiro que não tivesse tal documento era passível de pagar o dobro da dívida do trabalhador ao antigo empregador, e o trabalhador poderia ir preso por evasão. (DEAN, 1977, p. 101-102)

Alguns casos evidenciam a confluência de poderes, com a população estando à mercê de condições impositivas sem maiores possibilidades de denúncia, defesa ou protesto. Um acontecimento comentado por Dean salta aos olhos, situação que se desenrolou na estação ferroviária e demonstra o condicionamento até da polícia a inação frente a crimes, dependendo de quem o perpetrador o for:

> documentos falam de surras aplicadas por capangas e, às vezes, pela polícia. Um jornal de Rio Claro noticiou em 1901 que um advogado local, contratado por um grupo de colonos de Araraquara, foi atacado, ao saltar do trem, por dois fazendeiros e seus pistoleiros, enquanto a polícia assistia impassível. Outros acontecimentos violentos permanecem semi-apagados, e talvez deformados na memória; uma senhora idosa, antiga lavradora, contou que seu marido sempre acreditara que o pai dele, doente de febre amarela, fora envenenado por um capanga a fim da não espalhar a doença. Os imigrantes deviam estar constantemente alertas, dispostos a enfrentar força com força, pois os capangas ainda constituíam o principal meio a que recorriam os fazendeiros para lidar com trabalhadores militantes. (DEAN, 1977, p. 170-171)

Estavam assim as comunidades imigrantes coibidas a certas situações no município de Rio Claro, não impossibilitando seu progresso, mas possuía entraves solidificados, com as construções de estereótipos direcionando um fluxo de receios e descontentamentos com estes grupos, que poderiam ser usadas para afetá-los como um todo ou algum membro específico. O imigrante desse modo estava atrelado, antes mesmo de sua vinda, a um determinado papel, cingido a uma interpretação que outrem fazia de si, independente de suas qualidades individuais ou da especificidade de sua comunidade no país ou mais especificamente no município. Havia, portanto, elementos que apesar de serem contrastantes atuaram na formação e crescimento de Rio Claro, que por um lado tem importante contribuição destas comunidades e, por outro, de um poder local já consolidado que investia largas somas e transformava, conjuntamente com os grupos imigrantes, o município e sua urbanidade em parte indispensáveis ao vantajoso processo de produção, transladação e venda do café.

Capítulo 3

Aspectos Teórico-Metodológicos – Cultura e silenciamento

Após termos descortinado os processos de recortes que formularam e germinaram a pesquisa no capítulo 1 e, a contextualização dos quadros globais, municipais e dos grupos étnicos no capítulo 2, podemos agora devidamente nos aprofundar nas questões mais específicas e complexas dos intricamentos teórico-metodológicos. Vale destacar novamente, tal qual já fizemos na Introdução, que apesar do texto se apresentar em uma sequência, essa se dá pelo processo natural da escrita e a escolha de posicionar o capítulo teórico como sendo o terceiro é uma escolha explicativa, o seu conteúdo, métodos e procedimentos foram utilizados em toda a tese, a qual, reiteramos, fora pensada como um todo.

Explicaremos certos aspectos fundamentais para a compreensão de nossas afirmações contrárias ao conceito de aculturação, assimilação e similares e sua aplicabilidade tanto com relação aos acontecimentos com as comunidades do município de Rio Claro, como nossa oposição ao uso destes em âmbito geral. Para tanto, esmiuçaremos as concepções culturais utilizadas, a formação do indivíduo tendo como uma das principais bases, porém não única, a de sua origem étnico-cultural, além de como esta se relaciona com a própria construção do passado elaborada pelo seu grupo, sua família, por si mesmo e o conflito dessas com a da sociedade como um todo e, não menos importante, com as formulações acadêmicas. A cultura é um aspecto complexo e que permeia minuciosamente em todas as questões e relações humanas, enquanto é afetada também por estas e, em casos de violências e repressões, acaba por apresentar mecanismos de defesa, principalmente o aceitar traumático das mordaças.

Desse modo, dada a complexidade e caráter plurifacetado da questão a ser abordada, a da perseguição e das interpretações destas, tanto no período quanto suas consequências, se faz necessária uma abordagem de assuntos relacionados ao funcionamento da sociedade, o papel do indivíduo e sua inserção em diversos aspectos sociais, o papel da mídia, do poder e da *intelligentsia* na formação nacional, além, é claro, dos meios de perseguição e as diversas formas de silenciar o tido como indesejado. Não olvidaremos das questões referentes às ligações entre o pesquisador e a pesquisa, a qual se faz presente independente de qual caso for, assim, não escondemos que a tese se insere nesse quadro e, juntamente com os entrevistados, possuem objetivos referentes às construções feitas a respeito da cultura dos imigrantes e descendentes.

3.1 Ponderações gerais

Devemos relembrar ao leitor que a presente tese é uma continuação da dissertação de mestrado, de nome "Uma época de restrições e impedimentos: Alemães e descendentes em Rio Claro - SP na 1ª metade do século XX (1914-1945)" (BOVO, 2019). Realizamos essa rememoração, pois os assuntos aqui trabalhados teórica e metodologicamente são um seguimento às discussões estabelecidas na dissertação. Sendo assim, apesar de tentarmos deixar o capítulo o mais compreensível e completo possível, recomendamos que, caso possuam alguma dúvida ou dificuldade de compreensão, consultem esse trabalho anterior.

Outro aspecto fundamental a se destacar é a delimitação do que está a ser analisado e, também, por quem faz a análise, os contextos e motivações. A investigação destaca aspectos da convivência humana que são parte de uma complexa rede entre o material e o imaterial, pensado e feito, imaginado e concretizado, ideia e ação, realidade e especulação, individual e grupal, enfim, são questões que embarcam o que se passa na mente dos indivíduos e na concretude que opera. Nessa divisão interligada, contudo, pode haver problemas interpretativos graves em que uma metodologia mal aplicada pode não apenas não reconhecer o espectro de intensidade entre o subjetivo e o objetivo, ou quiçá ainda pior, invertê-los.

Tal questão é elencada pela definição de dois tipos de falácia por Arnold Joseph Toynbee (1976, p.60-61): a patética e a apática[8]. A primeira é a de ver características humanas ou de vida como aspectos de objetos inanimados, no sentido de personificá-los, como se possuíssem vida e subjetividade em si tal qual um ser vivente. Por outro lado, e mais interessante à nossa análise, há a falácia apática, que dá características naturais e inanimadas a seres humanos, subtraindo sua subjetividade, analisando seus rastros históricos como se fossem objetivos, facilmente quantificáveis, completamente racionais e lógicos, numa estrutura determinística, desconhecendo desvio, problemas, ocultações, erros, esquecimentos e apagamentos. Assim sendo, uma pesquisa analisando questões subjetivas, não pode se olvidar da compreensão da abstração e o trajeto desta com a materialidade e como ela se apresenta.

[8] Tradução nossa para "Pathetic Fallacy" e "Apathetic Fallacy" respectivamente.

3.2 O indivíduo e a malha cultural que o precede e o compõe

Como já abordamos no mestrado (BOVO, 2019), o conceito de *Habitus* é fundamental para a nossa análise cultural, o qual se baseia em um processo tempo-espacial que une coletividade/grupo, família e indivíduo, onde certos comportamentos, valores, modos de agir e pensar são interiorizados, tanto por relações de poder, como pelo desdobramento da história, seja pelas vivências cotidianas rotineiras ou por eventos extraordinários/específicos/únicos. Dessa forma, unimos a concepção de vários autores na elaboração mais abrangente de *Habitus*.

Norbert Elias (1994; 1997) o interpreta levando em conta a história nacional de um povo, ao analisar os alemães. Por outro lado, Pierre Bourdieu (2025) vai analisá-lo, principalmente, baseado no posicionamento social, ou de classe, que o indivíduo está inserido. Não menos importante, devemos levar em conta as concepções de cultura enquanto limitadora da nossa concepção de realidade, a "janela flexível e invisível" que defende Ginzburg (2006, p. 20-21), ou o "aquário" de Paul Veyne (2009).

O cotidiano, as formas de pensar e viver de nossa família, sociedade, intelectualidade, poder etc., acabam determinando aspectos do que entendemos como a realidade ou a verdade, os quais, por vezes, passam inquestionados, mas que são historicamente influenciados, formulados, determinados e discutidos (VEYNE, 2009, p 19, 32). Entretanto, isso não significa que não haja certa liberdade individual, nas escolhas, tomadas de ação, na compreensão de quais são as possibilidades disponíveis, uma liberdade controlada, subordinada, aos elementos que a constituem (GINZBURG, 2006, p. 20). O indivíduo acaba entendendo o mundo através desses "filtros" interpretativos da realidade, os quais vão dar a unicidade da leitura que a pessoa faz dos acontecimentos e da vida como um todo (p.72).

A identidade, dessa forma, acaba sendo definida por esse aparato cultural que forma o indivíduo e o une a grupos nos quais vive, sendo essa relação de troca com as pessoas do cotidiano e de legado e/ou continuação daqueles que o precederam:

> A identidade pessoal define-se, antes de tudo, em referência aos ancestrais e aos pais; o indivíduo de uma tribo designa-se primeiro como "filho de" e depois por um nome que pode ser de um parente, de um patriarca, de um profeta, de um santo, do qual não somos o único titular. Mais amplamente, definimo-nos em referência à nossa cidade, nosso estado, nossa nação, nossa religião. Nossa identidade não se fixa afastando-se, mas, ao contrário, incluindo os seus ascendentes e as suas filiações. [...] Na realidade, de certa maneira, nossos pais e nossos ascendentes estão em nós; suas marcas, estreitamente associadas em nossos genomas, ressuscitam sem parar a presença deles em nós. Carregamos, de maneira confusa, indistinta, essa multiplicidade de seres que sobrevivem, assim, além da morte. Além disso (como já dissemos),

> inconscientemente, mil modulações de voz, modos de comportamento, hábitos mentais, inscreveram-se em nós por mimetismo em relação a nossos parentes próximos. Nossos ascendentes estão incluídos em nossa identidade. (MORIN, 2005, p. 86-87)

Nesse aspecto, vemos uma união possível entre Morin, Elias e Bourdieu, unindo identidade e *habitus*, onde o passado é internalizado no indivíduo, através do aprendizado de suas condições e conflitos sociais. Os mortos sobrevivem nos indivíduos pela extensão dos seus modos de vida, de interação, comportamento e pensamento.

Desse modo, reforçamos que o nosso enfoque é dado às questões de perseguição étnica e cultural a alemães, italianos e japoneses no país, reconhecendo que estes, assim como todos os outros grupos, são plurais e possuem diversas subjetividades em si. Seria errôneo, anacrônico e por vezes até preconceituoso, qualificar a origem étnica como o único determinante do indivíduo (apesar de concordarmos com Morin de que é o principal).

A pluralidade do cotidiano, nos faz ter diversos tipos de associações a uma ampla gama de grupos, os quais pertencemos ao mesmo tempo:

> Na vida normal, nós nos vemos como membros de vários grupos — pertencemos a todos eles. A cidadania, a residência, a origem geográfica, o sexo, a classe, a política, a profissão, o emprego, os hábitos alimentares, os interesses esportivos, o gosto musical, os compromissos sociais etc. de uma pessoa são o que a tornam membro de vários de grupos. Cada um desses agrupamentos, aos quais a pessoa pertence simultaneamente, dá a ela uma identidade específica. Nenhum deles pode ser considerado como a única identidade da pessoa ou a categoria singular de associação. (SEN, 2015, p. 24)

A compreensão dessa intensa pluralidade é fundamental para entender a complexidade do tipo de sofrimento que teve o perseguido, conforme suas outras condições materiais de vida. Tal leitura é importante, como ressalta Gertz (1991, p.10-12), para compreender os alemães no Brasil, defendendo uma "leitura globalizante", ou seja, abarcando a complexidade vivenciada socialmente no cotidiano, não sendo assim uma análise reducionista. Nosso enfoque, apesar de estar na questão da perseguição etnocultural, tem que entender essa complexidade para ver como esses ataques eram efetuados, internalizados e quiçá respondidos, conforme o posicionamento do indivíduo com seus outros *habitus* além do étnico, dos *campos* ou *grupos sociais* aos quais participa.

Compreendamos, pois, que o indivíduo é plural, carregando em si diversas identidades, grupos que o formam, condições escolhidas ou impostas, que dão liberdade ou o constringe a

determinadas situações e oportunidades (SEN, 2015). Cada um vai, a partir dos acontecimentos que depara, exercer algumas características específicas em detrimento a outras, tal prática pode ser devido à liberdade de escolha pessoal ou a uma imposição por outros indivíduos/sociedade de focar em determinado aspecto de sua vida, ou na forma que outrem o veem e classificam (OLIVEIRA, 2023, p. 74). Por se apresentar em uma diversidade de identidades, o indivíduo pode manipulá-la a seu proveito, evitando problemas e angariando aliados e até benefícios (p. 77-78).

A isso podemos dar alguns exemplos, pensando em alguns indivíduos em condições específicas, não estranharíamos que sua lealdade e expressão identitária variassem durante a vida, ou mesmo que um aspecto fosse predominante de modo constante. Uma pessoa LGBTQIA+ pode, devido aos preconceitos com relação à sua sexualidade e gênero, acabar focando nessa identidade em detrimento da sua etnia, condição social ou econômica, formação etc. devido às violências sofridas. Da mesma forma uma pessoa de pele preta pode desenvolver aspectos de identidade racial, devido ao racismo sofrido, e não necessariamente estar envolvido a questões da sua etnia italiana (etnia e raça não são a mesma coisa, logo, partindo da concepção da pesquisa: etnia é ligado à cultura hereditária, enquanto raça é apenas imposição social por preconceito genético/fisiológico) herdada de seus pais adotivos, tampouco a sua heterossexualidade será algo que tomará seu foco. As combinações e as possibilidades de dedicação e lealdade principal variam de modo incontável, conforme o indivíduo se apresenta, escolhe, herda ou é imposto a determinados grupos, sejam étnicos, culturais, políticos, sociais, culturais, de gostos e um infinito *etecetera* de possibilidades.

Voltando ao enfoque da pesquisa, notaremos como a origem foi operacionalizada no período das guerras mundiais. Tanto o descendente dos grupos étnicos específicos, como a sociedade como um todo, dialogará com as origens étnicas para conseguir vantagens ou prejudicar outrem. Não estranhará o fato de um indivíduo usar, por exemplo, a origem italiana de um oponente político para atacá-lo, mas, também, se orgulhar de ter essa mesma origem em outro momento. Ou de indivíduo de origem alemã, ao que tudo indica orgulhoso de sua etnia, ser a favor do Brasil contra a Alemanha na Primeira Guerra Mundial e, mesmo assim, ser recebido a ofensas, injúrias impressas, casa apedrejada e toda sorte de impropérios e violências, simplesmente por ser descendente de alemães.

O indivíduo não deixa de ser um só “Eu”, mas esse é formado por uma diversidade de fatores e condições, abrindo a possibilidade de manejar as identidades decorrentes, servindo

como coordenador dessa multiplicidade, com ativamentos ou desligamentos conforme a condição se apresenta (OLIVEIRA, 2023, p. 64-65).

Culturicídio

> O governo, ao descobrir [ou imaginar] que um crescente números de cidadãos olha-o com medo e ódio, aumentará o tamanho e o poder da polícia secreta para se proteger. [...] A única alternativa foi sugerida sarcasticamente pelo dramaturgo Bertold Brecht (perseguido pela polícia secreta da Alemanha Oriental, como não suficientemente comunista). "Se o governo não confia nas pessoas", Brecht perguntou inocentemente, "por que ele não as dissolve e elege um novo povo?" Nenhum modo foi criado até agora de eleger um novo povo, então o governo vai continuar espionando o povo existente com cada vez mais vigor. (WILSON, 2013, p. 219)

Concordamos em parte tanto com Wilson como com Brecht. Defendemos que, as ações assimilacionistas, aculturativas, nacionalizantes, de abrasileiramento, ou qualquer outro nome que teve, tem ou venha a ter, trata-se de uma tentativa de "eleger um novo povo", ou ao menos reformá-lo, totalmente ou em partes. Ao mesmo tempo, o medo do perseguidor e do perseguido se retroalimentam, em um verdadeiro moinho satânico do terror: o governo busca encontrar redes de espiões e sabotadores infiltrados, intensificando as medidas persecutórias; os indivíduos vão se silenciando e retraindo para evitar problemas, o que é visto como tentativa de ocultar algo ilícito; obriga-se então que estes rejeitem a própria cultura/identidade/orgulho étnico; acabam por não serem acreditados, então intensifica-se a busca e perseguição, e assim as asas do moinho giram.

Os métodos utilizados são o da estigmatização dos aspectos culturais de um grupo, transformando-os em adjetivação deletéria, excluindo socialmente, impedindo seu orgulho (GOFFMAN, 2004). Entretanto, há outros meios igualmente destrutivos de ataque e diminuição etnocultural, o do não reconhecimento (OLIVEIRA, 2023, p. 35).

Há, contudo, estratégias para a dissolução desses ataques deletérios, os quais se iniciam pelo autorreconhecimento e autorrespeito, primeiro passo pela recuperação identitária e cultural (OLIVEIRA, 2023, p. 55, 57). Tal posicionamento é uma resposta a imposições de características fixas para a delimitação da etnia, características as quais podem ser variáveis internamente, formando um todo étnico que é plural (p. 39). Desse modo, a etnia possui sim características que a marcam, são simbólicas, mas não necessariamente delimitam os indivíduos, tampouco os exclui por não terem um ou outro aspecto elencado (p. 36-38).

Devido a isso, evitamos qualquer denominação que não seja diretamente a do étnico, sem colocar adicionais impositivos além da origem familiar (e não a racial). Desse modo, contrariamos diretamente concepções que marcam os grupos étnicos por linguagem ou por cobrança endogâmica. Ou seja, não concordamos com a nomeação de grupos étnicos como "falantes de língua x", pois a língua é uma característica cultural, a qual é fonte de orgulho, mas nunca excludente, pois "a língua é um meio, não um fim em função do qual se deve decidir tudo" (CERTEAU, 2012, p.158). Tampouco consideramos "mestiço" como se fosse uma etnia, pois o termo somente demonstra um indivíduo que é formado por mais de 1 etnia, sendo que, independentemente do número, o indivíduo faz parte de todos igualmente.

Devir

Devemos tomar cuidado para que os grupos étnicos não fiquem presos no ressentimento histórico, ou seja, não fiquem em condição que "se alimentam da imagem dos antepassados oprimidos, mas não do ideal dos descendentes livres" (BENJAMIN, 2023, p. 17). Para um grupo historicamente perseguido, torna-se fundamental o devir, o vir-a-ser, fazendo com que seus membros, cada vez mais, tornem-se quem realmente são.

Para tanto, o passado é fundamental para o presente e o processo do devir, visando o futuro, pois:

> O passado é absoluta *e* irrecuperavelmente passado. Mas, ao mesmo tempo, o passado é presente e contém futuro. Ele limita as possibilidades vindouras e libera outras, está previamente dado em nossa linguagem, está gravado em nossa consciência, assim como no inconsciente, em nossos modos de conduta, em nossas instituições e em sua crítica. (KOSELLECK, 2021, p. 149)

Desse modo, a história do grupo étnico acaba por apresentar as – e ser, ela mesma, uma das – ferramentas, ou dispositivos, que as comunidades podem se utilizar para (re)construírem-se e/ou (re)formularem-se. O devir, desse modo, é o novo pelo retorno, antigas formas em condições e concatenações inéditas, tendo em vista que:

> não existe eterno retorno possível a não ser através da forma do devir. Será o eterno retorno do mesmo? Pode-se afirmar que o ciclo das metamorfoses é um eterno retorno das formas, mas não um eterno retorno do mesmo. [...] Na dimensão da continuidade, as coisas mudam, têm uma história, mas não se metamorfoseiam, não têm nenhuma possibilidade de voltar já que avançam em direção a uma espécie de infinito. Quando, afinal, segundo me parece, as formas existem em número finito. No mundo em que

> estamos, não há potencial ilimitado, seja nas formas ou na energia... estamos em um mundo finito, as línguas são *corpus* finitos. (BAUDRILLARD, 2003, p. 49-50)

Também importante, é a constatação que o devir pode surgir do conflito internalizado nos indivíduos de grupos que foram perseguidos, havendo uma quebra do que foi imposto. As imposições, ofensas, menosprezos realizados pela cultura dominante sobre as etnoculturas, podem ser bem exemplificadas:

> Como pode o Outro, exceto se for estúpido, psicopata ou iluminado, querer ser diferente, sem concessão, sem nem mesmo o desejo de se converter ao nosso evangelho universal? Tal é a arrogância do Império – como na alegoria de Borges (*Os Povos do Espelho*): os povos vencidos são exilados atrás dos espelhos, condenados a refletir a imagem dos vencedores (mas um dia eles começam a parecer-se cada vez menos com os seus vencedores e, finalmente, quebram os espelhos e voltam a atacar o Império). (BAUDRILLARD, 2007, p. 36)

A "quebra do espelho", que Baudrillard comenta citando Borges, é o que chamamos aqui de devir étnico, que pode ressurgir contra a imposição do nacionalismo assimilacionista, suas consequências e manutenções que perduram até a atualidade. Podemos afirmar que, o devir étnico, possibilita às comunidades fortalecerem aspectos enfraquecidos, reviverem práticas, retornarem sua presença espacial, reaproximar seus membros, recriarem e completarem o que está incompleto ou perdido, além de reinventar e mesmo criar cada vez mais novas características. Não é devido ao fato de que, no passado, certos elementos foram perseguidos, tolhidos e estigmatizados, que não possamos na atualidade renascer essas características que nos precede e nos forma:

> A história nos fornece um duplo ensinamento: que um povo pode desaparecer, mas também que um povo pode renascer, que as comunidades humanas saem por vezes engrandecidas das piores aberrações, oferecendo-nos desse modo admiráveis exemplos de ressurreição. Assim, duas filosofias estão diante de nós: uma é fonte de pavor e desespero, outra de coragem e resistência. Esta nos esmaga sob o irremediável, aquela nos liberta, nos conclama a desfatalizar o mundo. (BRUCKNER, 2008, p. 123)

Assim, o devir faz ressurgir, ou melhor, fortalecer o grupo étnico. Mesmo no caso de um passado de destruição e até aniquilação cultural, o devir se torna possível, tendo em vista que resquícios da cultura sobrevivem e podem voltar a florescer, por vezes até tomando o lugar daqueles que a tentaram destruir (MORIN, 2005, p. 218).

Culpabilidade das etnias e da sociedade?

Uma questão referente ao indivíduo e sua identidade e orgulho étnico, quiçá considerado um problema, é quanto aos problemas e erros cometidos pelo(s) grupo(s) que descende. Tal questionamento não é apenas focado nos grupos étnicos perseguidos pela pesquisa, mas pode ser ampliada para outros grupos ou a sociedade como um todo. Seguindo o conselho de Pascal Bruckner, nos casos de erros e crimes cometidos por nossos grupos e/ou sociedade, "devemos sentir orgulho de nós mesmos *contra* nossos crimes, porque os reconhecemos e os recusamos" (BRUCKNER, 2008, p. 121), também evitando se criar uma "aristocracia dos reprovados", que aumenta o próprio sofrimento frente ao dos outros para assim alcançar merecimento (p. 131). Também aqui devemos evitar outro erro comum, o de buscar impossibilitar reconciliações com a sociedade, deixando de procurar elementos comuns, apesar das diferenças (p. 160), pois a maior vitória sobre os criminosos do passado (sejam eles quais forem, o que ou quando tenham feito) é a coexistência pacífica (quando não hibridizante) entre indivíduos de trajetórias históricas e passados distintos, quiçá conflitantes (p. 179-180).

Não devemos esquecer que todos possuímos algum ancestral (ou nós mesmos podemos ser) injustiçado, faz-se assim imperioso não nos portarmos como vítimas dos acontecimentos desse passado cobrando "justiça" por tudo que possa ter acontecido (BRUCKNER, 2008, p. 165); pior ainda, deixando de reconhecer as próprias imperfeições e erros do passado, como se existisse, e fizessem parte, de um grupo historicamente incólume (p. 167). Nessa esteira, colocamo-nos, assim como Bruckner, ao lado de Frantz Fanon, que não se vê no direito de cobrar sentimento de culpa dos brancos, tão menos de reparação pelos seus ancestrais escravizados (p.178). Poderíamos trazer uma breve e parcial discordância de tal posicionamento, pois ensejamos sim que a presente pesquisa incentive posicionamentos, ações e conquistas sociais, políticos, econômicos, mas sobretudo culturais, dos grupos étnicos perseguidos, sem com isso – e aqui concordamos novamente com Fanon – culpabilizar a sociedade ou seus grupos, tampouco exigindo reparos, mas sim a aceitação de nosso ressurgimento/fortalecimento, o qual, esperamos seja feita em comunhão com outros renascimentos culturais.

3.3 A multitude de silenciamentos

Como poderíamos escutar os gritos abafados de tempos passados? Dar voz aos que foram calados à força, direta ou indiretamente, sob pena de sua extinção ou possibilidade ainda pior? O silêncio, daqueles que buscamos a todo custo escutar, vem juntamente ao ato daquele que silencia ou que obriga o outro a se silenciar. Abordar a ausência é restituir os resquícios e as migalhas dos que foram emudecidos e ouvir o discurso orgulhoso do impositor e suas acusações, é reconstruir o que fora abafado, além de compreender e analisar os procedimentos e métodos que os torturadores da fala aplicaram. Quando abordamos tal documento, nos vemos em situação semelhante à de Foucault ao analisar a questão da patologia psicológica, em que a uma dada sociedade temporal e espacialmente delimita quem é o desviante e toma certa atitude para com este, como a de exclusão (BERT, 2013, p. 23), ou seja, para compreendermos o silenciado, temos que analisar, também, o silenciador e seus métodos.

O silenciar vai além de um ato ou imposição, o calar possui uma lógica intrínseca a condições e situações, há a necessidade de que a ausência seja feita, porém essa é específica e mesmo sufocada com outras obrigações, de afirmar o oposto, negar o conhecimento, aniquilar o passado e constranger, quiçá eliminar, quem se oponha a tais circunstâncias. O silenciamento, como veremos, pode ser extremamente ruidoso, se soubermos analisar as suas possibilidades.

Escutar o grito abafado

Para conseguirmos estudar e acessar informações a respeito de uma questão complexa, sensível e delicada, devemos ter a noção de que o silêncio se lê, ou se escuta, nas brechas das brechas. Por possuir uma condição volátil e arredia, o silenciamento serpenteia pelos documentos, oculta-se aqui e ali, sendo por vezes, e inesperadamente, encontrado sem subterfúgios, por outras e, até mais comumente, de modo indireto. Como diria Walter Benjamin "não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie" (2023, p.13) e, não menos importante ou esclarecedor para resolver o silenciamento "Só terá o dom de atiçar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer" (2023, p.12), tais constatações benjaminianas, munidas conjuntamente com um questionamento do conhecimento (histórico incluso) e sua relação próxima com o poder, sua manutenção e propagação, de

Foucault, nos permite pensar meios de ler a "história a contrapelo", ou o que é mais difícil, ler o que foi não-dito, perdido, silenciado ou enforcado.

Para isso, certos preciosismos documentais devem ser evitados, tais como alguns herdados da herança positivista de privilegiar documentos escritos a outras fontes, ou a fazer uma leitura serial, quantitativa, não raramente simplória, de um largo corpus documental. Tais questões são fundamentais, sem deixar de levar em consideração que o silenciamento também não é uno, apresentando diversas características, estando por vezes aliada à própria destruição e apagamento do passado. Como podemos ver em Michel-Rolph Trouillot, o silêncio possui em si uma história, além de sua realização ser feita em diferentes momentos:

> E uma mirada abrangente sobre a produção histórica mundial ao longo do tempo sugere que os historiadores profissionais não definem sozinhos a armação narrativa em que se inserem suas estórias. Com demasiada frequência, alguém de fora já terá entrado em cena e terá definido o ciclo de silêncios. [...] Silêncios ingressam no processo de produção histórica em quatro momentos cruciais: no momento da criação do fato (na elaboração das *fontes*); no momento da composição do fato (na elaboração dos *arquivos*); no momento da recuperação do fato (na elaboração das *narrativas*); e no momento da significância retroativa (na elaboração da *história* em última instância). [...] qualquer narrativa histórica é um conjunto específico de silêncios, o resultado de um processo singular, e a operação necessária para desconstruir estes silêncios variará de acordo com eles. (TROUILLOT, 2016, p. 57, 58)

Pensamos, assim, que o "oculto" se mostrará de diferentes formas e em diferentes condições, conforme salientado por Trouillot. Vimos no processo de pesquisa que certos silenciamentos eram: (a) direto, nas fontes, com a censura, o assassinato, desaparecimento, o não falado e consequentemente não mantido na história; (b) na composição de arquivos documentais, com queima de livros, indivíduos que preferiram se silenciar (ou não conseguiram se pronunciar) até a morte, o que era considerado importante ou não; (c) construção narrativa também se baseia na formulação do que será abordado dentro dos outros dois recortes anteriores, na construção e transmissão da tradição oral em uma família, dos usos políticos de determinado período, a forma que algo é recuperado ou assinalado e; (d) como a história é escrita sobre isso, reforçando os silenciamentos, ou pior, fortalecendo processos de estigmatização histórica, dando razão e vazão às construções elaboradas por ditadores, jagunços, assassinos, perseguidores.

Assim, trazer à luz o que fora escondido ou apagado, implica uma abordagem referente aos "agentes" históricos, aos indivíduos que viveram esse período, tanto para com os vivos ou os que já faleceram. É uma conversa, discussão, debate, apoio e confronto com essas pessoas

que nos precederam. Como afirma o historiador do século XIX, Jules Michelet, sobre o contato do pesquisador para com os mortos:

> O historiador [...] vê com frequência em seus sonhos uma multidão que chora e se lamenta, a multidão dos que não têm o bastante, que desejariam reviver. Essa multidão é todo o mundo, a humanidade. Amanhã nós o seremos. Homens de 100 anos, nações de 2 mil anos, bebês mortos ainda lactantes, todos eles dizem que quase não viveram, que mal começavam [...] que, se tivessem tido o tempo de se reconhecer e se preparar, teriam talvez aceitado seu destino, que teriam parado de errar assim em torno de nós. [...] Mas não é apenas uma urna e lágrimas que esses mortos nos reclamam. [...] É-lhes necessário um Édipo para lhes ensinar o que queriam dizer suas palavras, seus atos, que eles não compreenderam. [...] É preciso mais, é preciso ouvir as palavras que nunca foram ditas, que ficaram no fundo dos corações (vasculhem os seus, elas ali estão). É preciso fazer falar os silêncios da História, essas terríveis pausas, em que ela não diz mais nada e que são justamente seus acentos mais trágicos. Somente então os mortos se resignam ao sepulcro. Eles começam a compreender seu destino, a ali reconduzir as dilacerantes dissonâncias a uma harmonia mais suave [...]. Os espectros se acalmam e se apaziguam; deixam fechar novamente seus caixões. Eles se vão, acalentados por mãos amigas, adormecem e retomam seus sonhos. (MICHELET *apud* CABANEL, 2011, p. 20)

Giorgio Agamben (2008) – juntamente com o historiador francês – defende esse diálogo com os mortos, assassinados, silenciados, fazendo-se de porta voz àqueles que foram massacrados, que não sobreviveram ou, se conseguiram, não encontraram ou conseguiram meios de expressar os horrores vividos. É o testemunho dos sobreviventes por "delegação", "pseudotestemunhas" que contam o relato daqueles que não sobreviveram (2008, p. 43). Aprofundando tal questão, há 3 tipos de testemunha (2008, p. 150-151) que o autor aborda e que compararemos à presente pesquisa:

(I) *testis* é aquele que testemunha sobre algo que ocorreu entre dois sujeitos, que para nós acaba sendo os relatos indiretos, do que foi visto, ou conhecido, mas não necessariamente vivenciado;

(II) *superstes* que viveu profundamente o evento, afetado não apenas diretamente, mas que pode contar o que viveu e sobreviveu, é aqueles que viveram os fatos, sentiram a perseguição, foram humilhados, sentiram o medo do período;

(III) *auctor* que relata algo que aconteceu antes de existir, questões que precisam ser confirmadas e validadas, é o caso do herdeiro da memória, dos pesquisadores (eu incluso), que vão testemunhar algo que não fora vivido ou observado diretamente.

Desse modo, constatamos que diversos indivíduos estudados, seja por escritos deixados ou entrevistas realizadas, acabam podendo ser vistos como uma amálgama destes tipos.

Indivíduos que viveram o período, sofreram, viram ou ficaram sabendo de outras perseguições, e que também mantém uma tradição oral e a passa adiante, são os três ao mesmo tempo e possibilitam até outros tipos de informação (como veremos adiante, há uma diferença entre a tradição oral e o vivido). Sendo assim, há diálogos estabelecidos em um só indivíduo e seu relato, condição essa que é notada e defendida mesmo por Bakhtin, através dos conceitos de *dialogismo* e de *polifonia*, também o de *gêneros do discurso* se pensarmos na construção do enunciado conforme o posicionamento do agrupamento social/campos que o indivíduo estiver partindo a sua fala. O indivíduo carrega em si diversas outras pessoas, suas ideias, pensamentos, ao mesmo tempo convive com diversas facetas da própria existência (e a de outrem).

Indo na questão do *auctor* segundo Agamben, lembra-nos também Pierre Bourdieu (2025) quanto a questão do *habitus*, ou seja, da história internalizada, do "morto se apropria do vivo", através das continuações de padrões e estruturas mentais, sociais, étnicas, econômicas e assim por diante. A propagação da tradição oral, ou mesmo das práticas e valores cotidianos, estão internalizadas as vivências dos antecessores, com os descendentes "assumindo" (mesmo que em partes, pois há a individualidade) o posto legado, com seus benefícios e problemas. Não à toa que Halbwachs (2006) estipula o contato, entre gerações e indivíduos, temporalmente distantes, através da memória, processo no qual a história se incorpora, com personagens familiares e sociais se tornando "conhecidos", mesmo sem terem se conhecido em vida. Ampliando a questão, unindo Bourdieu a Halbwachs, não somente a procissão ancestral vive e dialoga com o presente, como assume-o, continuando suas problemáticas. Edgar Morin (2005, p.92) vai além, compreende essa ligação entre a memória das pessoas falecidas e a sua posse nos indivíduos que recordam, havendo um elemento mimético, o qual em termos elisianos/bourdianos pode ser comparado ao *habitus*, mas não apenas, Morin exemplifica como, nos sonhos, conseguimos criar e simular a personalidade daqueles que conhecemos, esse processo de "possessão" por ele abordada pode ser ligado à subjetividade individual criada pelo *habitus* e também a questão do íntimo, do imaginário e do sonhado.

Nessa troca sincera, defendida por Michelet e Agamben, devemos escutar, trocar e até ensinar os mortos (e a nós mesmos, levando em conta Bourdieu, Halbwachs e Morin) a respeito do próprio passado. Esse ouvir o que não fora dito, é uma questão que Koselleck (2021, p.115-118) também traz ao tentar estudar os sonhos, algo vivenciado pelo indivíduo e não solidificado em documento, aspecto íntimo, mas que não deixa de ser uma realidade histórica, já que vivenciado em comunhão com a realidade física/material, influenciando-se mutualmente e estabelecendo os sensos, pensamentos, interpretações do indivíduo para com o que o cerca. A

subjetividade é, assim, elemento indispensável para compreender a história, incluindo-se aí toda construção e elaboração real ou fictícia, pois impactante no indivíduo, seus grupos e espaço.

Assim, não há, ou não deveria de haver, documentos preteridos em detrimento a outros, mesmo aos críticos de fontes não tradicionais – ou seja, as não escritas, imagéticas, de oralidade, espaciais, etc – devem ver todos os documentos como de igual importância. Tais problemáticas não são novas e, infelizmente, continuam atuais, tendo que ser ainda combatidas nas pesquisas que se utilizam da fotografia (KOSSOY, 2001), cinema (NÓVOA, 2008; BARROS, 2008) ou da história oral (PRINS, 2001). O trabalho com o silêncio, ainda pior, por se utilizar de toda possibilidade de resquício, acaba tendo que enfrentar direta ou indiretamente tais problemas, além das críticas decorrentes, obrigando ao pesquisador ir além do contrapelo, alcançar a derme, os músculos, os ossos, a medula, os neurônios e, por que não, a alma! Tentar alcançar o imaginário, mesmo que de modo indireto, não excluindo as ficções como elemento constitutivo da realidade (KOSELLECK, 2021).

Desse modo, certos tipos de "obrigações" metodológicas não podem ser atendidos, seja por conta do recorte temático que em nada se beneficiaria, ou pelo próprio documento não oferecer informações suficientes de sua construção, manutenção e divulgação. A exemplo, apesar de ser uma leitura fundamental de José D'Assunção Barros (2023) a respeito da necessidade multifatorial do documento jornalístico, uma análise de cunho serial, apesar de basal quando o foco documental é o jornal, para o nosso recorte não seria tão útil, por 2 problemas: (1) a censura do período, ou seja, há uma interferência direta e documental no que é transmitido e (2) o impacto de eventos para uma etnia não precisa, necessariamente, ser prolongado no tempo, podendo ser ocasional com consequências que vão ser interiorizadas e perdurarão no tempo. De igual modo, Boris Kossoy (2001) elenca diversos fatores para a análise fotográfica, contudo nem sempre temos acesso a informações como quem tirou, a mando de quem, o equipamento, o momento exato ou mesmo outras fotos para contrapor, há fotos (e filmagens) que são resquícios, documentos que sobreviveram por esforço estrênuo de indivíduos, instituições, arquivos, o que for, e não necessariamente informações mais aprofundadas sobreviveram ao tempo ou chegaram a tais protetores documentais e memoriais.

Quanto a esse aspecto, o historiador Carlo Ginzburg nos traz importantes posicionamentos metodológicos a tais temas e documentos, cuja problemática nos cobra a atenção ao detalhe, é o chamado Paradigma Indiciário (1989). Por vezes, não se trata de um largo corpus documental que nos permitirá analisar uma questão específica, mas sim aspectos

indiretos, pequenos e que uma análise mais centrada não notaria. Não menos importante, também devemos pensar com Ginzburg, como informações gerais e específicas dialogam, processo que foi feito magistralmente em "O Queijo e os Vermes" (2006), cuja análise do pensamento religioso de um moleiro, e a sua perseguição, fora possível na análise do detalhe e do embate documental. Para entender o moleiro Menocchio, não apenas foi lido os seus depoimentos à inquisição, mas as denúncias populares que foram feitas contra ele, a defesa de seus familiares e as análises dos inquisidores. O pensamento do perseguido religioso, contudo, não era devidamente apresentado nestes depoimentos, os quais visavam livrá-lo da morte, tampouco o de seus denunciadores, que delatavam conforme o que tinham entendido. Desse modo, Ginzburg, utilizando-se dos indícios deixados, vai analisar as leituras realizadas por Menocchio, as pessoas com quem discutia, a forma que ele aprendeu a ler e interpretar textos, a sua linha argumentativa e a concatenação de ideias.

Se tal processo analítico não pode nos dar a forma exata da cosmogonia e cosmovisão de Menocchio[9], podemos de toda maneira compreendê-la mais profundamente, ao abordá-la de diversas frentes e seus pormenores. De modo análogo, estudar perseguidos étnicos, imprensa censurada e documentos ditatoriais, nos cobra também sagacidade e olhar atento aos indícios, resquícios, detalhes, que podem parecer insignificantes a um recorte inicialmente, mas que se mostram peças-chaves (quando não as únicas) para a compreensão e estudo de um período.

Silenciamento Social

> Assim como o mais vil escritor tem seus leitores, o maior mentiroso também possui os seus crentes; e muitas vezes acontece, que se uma mentira for aceita por apenas uma hora, ela terá feito a sua função e não é necessário mais do que isso. A falsidade voa, e a verdade vem manquitolando atrás dela; de modo que quando os homens deixam de ser enganados, já é tarde demais, o gracejo acabou, e o conto já teve seus efeitos: como o homem que pensa uma boa réplica quando o debate mudou ou a companhia partiu: ou o médico que encontrou um remédio infalível, após o paciente estar morto. Considerando que a disposição natural em muitos homens é mentir, e das multidões em acreditar, tenho estado perplexo com o que fazer com aquela máxima tão frequente na boca de todos, que "A verdade prevalecerá" (SWIFT, 1711, p. 81-82, tradução nossa)

Começamos o questionamento do silenciamento social com um trecho de Jonathan Swift que nos é elementar para a compreensão do processo de imposição do silenciamento, a

[9] nisso poderíamos entrar na discussão se há algum meio de acessar a "realidade em si" ou "a verdade", assunto que já discutimos no mestrado (BOVO, 2019, p. 92-96)

sua função de se espalhar, atraindo as “massas”, a sociedade, enquanto aquele que sofre a calúnia demora a conseguir – e se conseguir – dar a resposta, por vezes em momento ou intensidade que nada altera a condição imposta. Tal construção nos traz de volta a discussão de Guy Debord (1997) quanto a manipulação social pelos meios de comunicação, e de Baudrillard (1991; 2001) na medida que os manipuladores também são manipulados pelas, e acreditam em, suas invenções. Não menos importante nos relembra Gustave Le Bon, na questão da mentalidade das massas, da permeabilidade desta das ideias apresentadas, que Paul Virilio (2005), citando Le Bon, vai notar e argumentar o uso no e do cinema.

Igualmente, não devemos desconsiderar ou menosprezar o papel das massas na mídia, não as colocando como sendo apenas influenciadas pelo poder, mas também exercendo o seu quinhão de vontades e desejos:

> A ilusão comum sobre a mídia é que ela é usada por aqueles que estão no poder para manipular, seduzir e alienar as massas. Uma interpretação ingênua. A interpretação mais sutil, a irônica, é exatamente oposta. Por intermédio da mídia, são as massas que manipulam aqueles no poder (ou aqueles que acreditam estar no poder). É quando os poderes políticos pensam que eles mantêm as massas onde querem que as massas impõem a sua estratégia clandestina de neutralização, de desestabilização de um poder que se tornou paraplégico. É impossível decidir; e no entanto as duas hipóteses são válidas, já que qualquer interpretação da mídia é reversível. É precisamente nesta reversibilidade que repousa a ironia objetiva. (BAUDRILLARD, 2001, p. 60)

Desse modo, ao analisarmos conteúdos de mídia, sejam eles quais forem, temos que levar em consideração essa influência múltipla, podendo chamar até mesmo de um *campo*, se seguirmos o pensamento de Bourdieu. Eis o embate do poder político com o da imprensa, das massas, das etnias, dos artistas, dos intelectuais, dos trabalhadores etc., em conquistar o seu espaço, legitimá-lo e buscar meios de alcançar destaque ou até hegemonia nos meios de comunicação. Tal processo é facilmente visto no uso dos jornais, na relação mútua entre seu editorial, influência ou censura política e posicionamento da sociedade; nisso implicam os interesses e ações da diversidade de indivíduos envolvidos, tanto na sua produção, quanto no seu consumo, havendo uma troca que pode ser amigável ou desencadear uma série de violências e vandalismos (BARROS, 2023, p. 53-59, 115-117). Não menos importante, é considerarmos a existência de uma diversidade de posicionamentos que serão demonstradas midiaticamente, as quais também se apresentarão no sentido de conter outros tipos de mídia presentes, tais como críticas de cinema, matérias cine-jornalísticas, a programação de rádios, a venda de livros e/ou jornais, enfim, há uma diversidade que se incrustam reciprocamente (p. 156).

Nas questões de violência, não podemos esquecer que os meios de comunicação possuem uma relação direta, enquanto meio de propagação ou participação dos atos contrários a indivíduos, grupos, países etc.:

> sem os meios de comunicação não haveria terrorismo. E é verdade que o terrorismo não existe em si, como ato político original: ele é o refém dos meios de comunicação, assim como estes o são dele. Não há fim nesse encadeamento da chantagem – todo mundo é refém do outro, é o fim do fim de nossa relação chamada "social". Aliás, existe um outro termo por trás de tudo isso, que é uma espécie de matriz dessa chantagem circular; são as massas, sem o que não haveria meios de comunicação nem terrorismo. (BAUDRILLARD, 1996, p.39-40)

Nesse campo é que se constrói o inimigo, através de uma intelectualidade (que terá o seu subcapítulo específico) e da absorção de tais construções pela sociedade. Os processos de estigmatização então aparecem, estereotipias depreciativas, nas quais o indivíduo se vê preso, sendo julgado pelos outros, diminuído, prejudicado, tanto social, econômica ou politicamente (GOFFMAN, 2004). O "inimigo", assim, é criado para realizar a união da sociedade para combatê-lo, nele são vistas as características deletérias, que degradem sua moral e a sua imagem, até chegar ao ponto de se tornar monstruoso (ECO, 2011). Contra o "inimigo" é construído também o papel "vítima" e de um "salvador", estipulando-se os "papéis" sociais tomados e/ou impostos, conforme os desenvolvimentos da sociedade (HAN, 2017, p. 96-97). A demonstração da ação do "inimigo" se baseará conforme o momento de sua presença, a qual tende a ser vista como aprofundando-se lentamente, num processo contaminante:

> quatro modos de ataque e de defesa, de ofensiva e de defensiva, uma espécie de genealogia. Os lobos, os camundongos, as baratas, os vírus. Inicialmente, o inimigo é frontal: são os lobos – o que é também válido para o inimigo humano –, erguem-se barricadas, constroem-se baluartes, reconstitui-se a cidade da Idade Média, em todo caso, oferece-se uma resistência frontal. O inimigo é visível, sabemos quem deve ser enfrentado [...] Em seguida, aparecem, não mais os lobos, mas os camundongos: trata-se de um inimigo subterrâneo, a defesa frontal deixa de existir, é necessário inventar outra coisa, uma profilaxia, uma higiene, tentar jugular esse inimigo menos perceptível... Depois, vem uma outra geração de inimigos: são as baratas, que deambulam, não no espaço com três dimensões, mas em todos os interstícios. Diferentemente dos camundongos, elas circulam por toda parte, torna-se muito difícil reduzir seu número, é necessário modificar todos os modos de defesa. A quarta fase: são os vírus; encontramo-nos então, em uma quarta dimensão viral, em que já não existe resistência possível... (BAUDRILLARD, 2003, p. 95-96)

Poderíamos exemplificar e explicar, do segundo ao quarto "modo" da presença do suposto inimigo, da seguinte forma:

> os camundongos são todos os sistemas secretos, a intriga, etc.; as baratas correspondem aos parasitas de todos os sistemas com a impossibilidade de poder canalizar as coisas; mas o vírus é pior porque é a própria informação; o vírus é, por excelência, portador de informações e, ao mesmo tempo, destruidor de informação. (BAUDRILLARD, 2003, p. 96)

Assim, há uma classificação gradual da "inimizade", na qual o oponente vai desde fora até invadir o mais íntimo dos aspectos de sua "vítima" (HAN, 2017, p. 192-194). Nos meios midiáticos, portanto, temos que nos atentar para a linguagem utilizada, a qual pode aproximar ou distanciar, estabelecer laços ou violências, ver diferenças ou forçar a equalização delas (p. 213-215). Nisso entrará a procissão de adjetivos, imputando o estigma aos "detratores" da sociedade, causando medo na sociedade e incentivando atitudes populares e governamentais contra esse inimigo em comum (ECO, 2011).

A construção de imagens, assim, também deve ser tomada e analisada com cuidado, pois é parte integrante da violência midiática. As imagens, principalmente as fotografias e as filmagens, contém em si um elemento de "realidade", cujo processo de obtenção lhe daria autenticidade, mostraria as coisas como "realmente são", o que não é necessariamente verdade, sendo que os criadores/manipuladores de tais produções podem as utilizar para iludir ou enganar (BARROS, 2008, p. 51-52; KOSSOY, 2001, p. 109, 117; NÓVOA, 2008, p. 25, 33-34). Também fundamental, é reconhecer que os personagens fictícios, que se apresentam em uma história, possuem uma "existência", pois impactam na realidade daqueles que tiverem contato com eles (por livros, filmes, imagens etc.), fazendo parte do imaginário e das ações da sociedade (BLOCH, 1998, p. 188; KRIPKE, 2011, p. 63). Seja então no uso de desenhos, fotos ou gravações, a cautela é fundamental para que o pesquisador não acabe tomando-as como real, deixando de realizar questionamentos quanto a sua produção e conteúdo ou sua recepção.

O discurso, de tal modo, é multifatorial, não sendo apresentado somente na linguagem escrita ou falada. Ele é construído e policiado, fazendo com que haja aqueles "verdadeiros" e "falsos" conforme a composição das características assim elencadas pela hegemonia (FOUCAULT, 2014, p. 32-33). Também fundamental é analisar quem pode ou não realizar o discurso, quais os meios de controlar a entrada de novos atores, seja pela forma ou por qualificação, dividindo e delimitando os que possuem legitimidade, como políticos, cineastas, jornalistas, intelectuais etc. (p. 35-38). Devemos então compreender os modelos de coerção, sem deixar de buscar analisar os discursos dos excluídos, como eles se estabelecem e dialogam ou conflituam entre si (p. 56-57, 65-66). Outro aspecto que o discurso pode trazer é de ser

verdadeiro ou falso, ser constituído de tentativa de ser fidedigno ou não. Assim, as notícias e testemunhos falsos podem ocorrer, não sendo necessariamente por má-índole, mas por imprecisões, confusões e boataria, tornando fundamental ter uma visão crítica e comparativa entre os discursos (BLOCH, 1988; 2001).

A conquista do espaço de transmissão de mensagens, de diversas mídias, apesar de fundamental, ainda mais em um período de conflito mundial, não deixa de apresentar problemas na sua propagação, com erros, confusões, dúvidas, ligações descabidas, adições, complementações, enfim, elementos externos à mensagem elaborada e que a modificam de alguma forma. Devemos compreender que a mensagem não é limitada à fala, ela é escrita, imagética, arquitetônica, radiofônica, cinematográfica, e a mensagem acaba por circular entre esses meios, o que não deixa de apresentar distúrbios em sua transposição de fronteiras.

Será através dessas mensagens, discursos elaborados, intelectualmente discutidos, politicamente legitimados, consensualmente acordados pela sociedade, que se fará a perseguição e até eliminação daqueles que não sejam "integráveis":

> O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. [...] O estado de exceção não é uma ditadura (constitucional ou inconstitucional, comissária ou soberana), mas um espaço vazio de direito, uma zona de anomia em que as determinações jurídicas – e, antes de tudo, a própria distinção entre público e privado – estão desativadas. (AGAMBEN, 2004, p. 13, 78)

A construção do inimigo, assim, é voltada para os opositores políticos e a todo grupo que não se "encaixe" na sociedade. No caso da presente pesquisa, veremos que, na ditadura varguista, inicialmente são os opositores políticos os perseguidos e utilizados para dar os dois golpes, de 1930 e 37, posteriormente, conforme o ideal de nacionalização crescia e o Brasil tendia ao lado dos Aliados, vão ser os grupos étnicos "do Eixo" a serem visados, pelo discurso do combate ao inimigo interno, a "guerra civil" contra os "espiões" ou "membros da quinta-coluna", que não se integram e formam "quistos" que seriam leais aos inimigos.

Por fim, faz-se necessário discutir a imposição social ao indivíduo em renegar sua etnia e sua cultura, repudiar o que o forma, seu passado, identidade, orgulho, de forma a distanciá-lo do estigma atrelado à sua origem e aos grupos que a compõem, até como estratégia de sobrevivência. A internalização de tal situação, as consequências destas, trataremos mais profundamente no seguinte subcapítulo, contudo, já podemos adiantar o trauma da imposição

e completa necessidade de abjurar-se a cultura de maneira pública para que possa ter condições sociais de sobrevivência ou, até mesmo, não ser perseguido ou correr o risco de ser preso ou desaparecer. Seja no trato individual ou público, pela fala ou escrita, quando o fato de sua ancestralidade é notado, pior ainda questionado, lhe é imperativo o dever de afirmação de um passado distante, de sua não proximidade, que se trataria de outros povos, que desconhece ou, que ele em si não é deste grupo e sim do grupo/sociedade de seu questionador.

A "confissão" de sua autoanulação, por vezes, não precisa sequer aparecer na indagação, ela é esperada, para então aqueles que a ouvem possam se fazer convencidos (ou não) de tal ato e, desta forma, aceitar o indivíduo como parte da sociedade e não como espião/inimigo infiltrado. Tal dinâmica do confessar é explicado por Foucault:

> Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 1988, p. 61)

O ato de confessar, entretanto, acaba por envolver, necessariamente, o âmago do indivíduo que confessa, seja pela necessidade de fazê-lo ou pela violência do processo. Além de admitir ou assumir questões que não são ou alguma vez o foram de sua responsabilidade, de seus familiares ou grupos, afetando a imagem social que possui, há um processo mútuo, de internalização desse processo.

Silenciamento Interno

> fixou-se no meu pensamento a ideia de que eu não era para os outros aquilo que até agora, dentro de mim, havia imaginado que fosse. [...] A ideia de que os outros viam em mim alguém que não era eu tal como eu me conhecia, alguém que só eles podiam conhecer olhando-me de fora, com os olhos que não eram os meus e que me davam um aspecto fadado a ser sempre estranho a mim, mesmo estando em mim, mesmo sendo o meu para eles (um "meu" que, portanto, não era para mim!), uma vida na qual, mesmo sendo a minha para eles, eu não podia penetrar, esa ideia não me deu mais descanso. *Como suportar em mim este estranho? Este estranho que eu mesmo era para mim? Como não o ver? Como não o conhecer? Como ficar para sempre condenado a leva-lo comigo, em mim, à vista dos outros e no entanto invisível para mim?* (PIRANDELLO, 2023, p. 17, 27)

Pirandello, grande teatrólogo italiano, aborda a construção da autoimagem em comparação àquela que os outros possuem, da visão social e sua intensa variabilidade sobre o indivíduo, sobre o esforço deste de apreender essas formulações imagéticas de si, no empenho e ansiedade de as tentar controlar, na infinitude de conflitos que acontece entre o que pensa de si com a construção que os outros lhe fazem, sendo que esses outros podem ser pensados a nível individual, grupal, social. As imagens construídas exercem impacto no indivíduo de 3 formas, no conflito que essas ao serem internalizadas exercem com a autoimagem, nas consequências da visão e ação dos outros por conta de tais construções (na escala que for, de outras pessoas até o governo nacional ou visão internacional) e, por fim, a tentativa traumatizante de controlar, ou sobreviver, a como todos o veem. É a constatação que Nietzsche realiza sobre:

> **O que os outros sabem de nós**. O que sabemos de nós mesmos e o que guardamos em nossa memória, para a felicidade de nossa vida, não é tão decisivo como se pensa. Chega um dia em que aquilo que os outros sabem de nós (ou julgam saber) caem sobre nós – e a partir de então reconhecemos que isso é o que há de mais poderoso. Arranjamo-nos melhor com a má consciência do que com a má reputação. (NIETZSCHE, 2020, p.72)

A perseguição acaba por ser introduzida à cultura, ao comportamento, valores, pensamentos, autoimagem, enfim, ao *habitus* daquele que possua as características do perseguido, no caso a herança étnico-cultural dos povos julgados, ao qual fora imposta a impossibilidade de não ligação ao Eixo. Pior ainda, na covardia de fazê-los acreditar e, conquistando tal feito, de fazerem aceitar que eram realmente a construção deteriorada, estigmatizada e apodrecida daqueles que odiavam intencionalmente ou não os grupos étnicos, seja por fervor político, heroísmo nacional, o que seja. Quanto a isso, podemos rememorar Edgar Morin, na constatação, tal como Pirandello, de que mesmo que sejamos únicos, "moramos" nos outros e os outros "moram" em nós, em nossa mente, direcionando atos e pensamentos (MORIN, 2005, p.94-95). Assim, o perseguido existe no perseguidor e vice-versa, o que foi vivido é internalizado para ambos os lados, as construções do que sejam o "outro" e o "si mesmo", as representações e embates tornam-se parte deles.

Não visamos, com isso, afirmar que não haja uma qualidade intrínseca a cada indivíduo, tampouco que não exista também diferenças grupais de experimentação da realidade, ou seja, a visão de mundo. Contudo tal gradação existe e realiza o diálogo entre o particular, o grupal e o geral. A unicidade da experiência, a qual possui elementos que não podem – ou não facilmente

– ser descritos e explicados, é formada por essa diversidade de posições que o indivíduo possui em uma sociedade, e as relações estabelecidas nestas.

Levando em conta se tratar da primeira metade do século XX, temos que compreender a complexidade desse período, que ele e seu momento posterior estão ligados:

> Em 1914, inúmeros Europeus foram arrastados num turbilhão de que, se pensarmos bem no assunto, só agora começamos a emergir lentamente. Designamos as sequências de acontecimentos ocorridos entre 1914-1918 e 1939-1945 como Primeira e Segunda Guerra Mundial, como se s termos "primeira" e "segunda" fossem contentores onde se conservam somas de acontecimentos conceptualmente diferentes. Na verdade, ambos constituem uma sequência contínua, uma guerra de trinta e um anos, cuja sombra nuclear vai até 1990. Esses vasos comunicantes de violência, delírio, desejo de vingança e trauma atravessam todo o século até o seu termo. Apoderam-se de outras gerações e geram enfermidades hereditárias psiquicamente complexas. De um ponto de vista sociopsicológico, temos de reparar no facto de as épocas pós-guerra durarem mais do que a própria guerra. (SLOTERDJIK; HEINRICHS, 2001, p.34)

Dessa forma, o indivíduo temporalmente situado, carrega em si o passado, seus traumas e problemas, com seus mortos assumindo a vida dos vivos (BOURDIEU, 2025). Inclui-se nisso a visão de outrem, de como agem e tratam os indivíduos e seus grupos, o que também possui em si uma historicidade, a qual nem sempre fica circunscrita ao seu período, suas interpretações e medos reaparecem, atualizando e inserindo o passado no presente. Essa ameaça que vem do passado, do que aconteceu às etnias, sua estigmatização, e a crença social da realidade desta construção passada e da sua "possível" volta. As alternativas possíveis que a história poderia ter tomado coexiste com a que vivemos, não deixando de se relacionarem:

> Todos os acontecimentos que não advêm continuam a devir. Com certeza, eles não ocorreram, mas há m outro modo de ser além da existência e sua incidência sobre o próprio acontecimento, aquele que ocorreu, é considerável. Portanto, o que ocorreu poderia virtualmente [...] devir outra coisa, o que é pode ter vindo a ser; além disso, não é sua finalidade que comanda o acontecimento, mas todas essas alternativas que, segundo cremos, teriam desaparecido. O devir de tais alternativas faz parte da existência supostamente real deste ou daquele acontecimento. (BAUDRILLARD, 2003, p. 110)

O que estava desaparecido retorna, está incluso no próprio acontecimento. Mark Fisher (2022), a partir do pensamento de Jacques Derrida, aprofunda o conceito de assombrologia[10], o qual podemos ver nas condições das comunidades étnicas, de maneira prejudicial e de contínuo

[10] Realçamos que o conceito de Fisher possui grande amplitude de significados e abordagens, as quais nem todas se encaixam à presente pesquisa

acanhamento. A assombrologia permite entendermos como algo que não exista, não exista mais ou nunca tenha existido, consiga agir sobre os viventes. Torna-se, então, a compreensão do retorno e permanência do que já não é/está mais presente, ou daquilo que não aconteceu, nunca se materializou, mas que mesmo assim se faz presente (FISHER, 2022, p. 36-37). O fantasma que assombra, assim o faz pelo passado e seu imaginário correlato, podendo tanto ser os indivíduos que não querem desistir da assombração, ou o inverso (p. 42). Há, portanto, uma internalização dessa condição, os problemas (ou fantasmas) retornam pelo medo que temos de que retornem, de sofrer nova exposição e, com ela, todas as dificuldades associadas (p. 57, 59).

Podemos afirmar então que a perseguição continua a assombrar em 2 modos complementares, interna e externamente aos grupos. De maneira intestina a rememoração do período se junta à sua precaução historicamente aprendida, tornando o medo de retorno, seja das acusações de serem inimigos ou das ações violentas e restritivas sofridas, ameaça sempre real. Fora do grupo, o estigma de invasores e de uma compreensão histórica de que os grupos eram realmente e em sua totalidade inimigos (por vezes incentivada pela academia), criam na sociedade o medo de que afirmações identitárias sejam inequivocadamente demonstrações de extremismos que aviltam à nação e seus povos.

Diversas produções culturais acabam, mesmo que involuntariamente, alimentando essas assombrações de tempos passados e de futuros distópicos, seja por documentários, filmes, seriados e afins. Não podemos nos esquecer a penetração simbólica que estes realizam, criando nos indivíduos experiências únicas e sentidas como reais, mesmo que sem o perigo associado (MORIN, 2005, p. 135). Tais experiências podem ser benéficas ou maléficas ao indivíduo, pode incentivá-lo ou oprimi-lo, gerar entendimento ou reascender conflitos, permitir a convivência ou reanimar os fantasmas do passado.

Em uma sociedade massivamente contrária à sua cultura e identidade, é impossibilitado ao indivíduo encontrar meios, grupos, situações, ligações, embasamentos, conhecimentos, posições, que não estejam vinculados em sua construção, em algum momento, à estigmatização e diminuição de sua cultura. Por vezes, erroneamente, é posto em um pedestal, de culpa ou adoração, certas personagens ou acontecimentos, não apenas para facilitar o posicionamento da memória, como para mantê-la, formulando assim padrões, os quais vão assombrar com possíveis erros de análise. Apesar de Vargas ter sido um marco na perseguição étnica a esses grupos, os seus sucessores e antecessores, como a sociedade vista como um todo, não eram tão diferentes assim. Barão do Rio Branco, Ruy Barbosa, Wenceslau Brás, Eurico Gaspar Dutra,

são apenas alguns dos poucos exemplos a mais elencados pela pesquisa, contudo não passam de exemplos esparsos e novos pedestais de uma amplitude persecutória aos grupos étnicos, e como veremos no próximo capítulo, pessoas pró e contra o varguismo acusavam-se mutualmente de quinta colunas, apoiadores dos "invasores e espiões do eixo" e assim por diante, mas tais situações não se limitavam à política, iam pra economia, intelectualidade, ofícios, serviços, em toda a sociedade. O que seria uma posição notadamente e especificamente alemã, italiana e japonesa (mas também judaica, espanhola, polonesa, dentre outros perseguidos) dentro de um quadro destes? Existir socialmente implicava invariavelmente uma posição que em algum momento ou de alguma forma o estigmatizava.

Aliado a tal fato, assim como todo e qualquer grupo, havia, há e haverá, conflitos internos, erros e acertos, associações e perseguições, então além do silenciamento internalizado de fora, do outro, existe também o silenciamento do semelhante, ou se cairia na velha e já maçante falácia de um modelo específico de "(etnia) de verdade"? A violência política, seja partindo de nazistas, fascistas, imperialistas, mas também de anti ou pró varguistas, comunistas, socialistas, anarquistas etc., se apresentavam entre os de mesma origem. Trata-se do erro monolítico e a busca de destruí-lo que perpassa por toda a presente tese, a partir da constatação da complexidade de cada indivíduo e de sua sobreposição, contradição e negociação estabelecida entre os diversos grupos (étnicos, econômicos, políticos, intelectuais etc.), mas também internamente a estes, que o indivíduo se encontra e atua.

Entra nessa questão um importante *mea culpa*, quando fora afirmado que a boa visão de Vargas, apesar do conhecimento de um período completamente prejudicial à sua família e etnia, feita por um dos entrevistados, teria se dado pela efetiva propaganda do DIP no distanciamento da imagem de Vargas das violências efetuadas nas sociedades e etnias[11], que se trata de hipótese completamente possível e razoável realmente, a qual em minha análise continua sendo a leitura correta, contudo, o erro está em achar uma "contradição" nessa posição especifica, pois fica a pergunta: que tomada de posição não se faria tal contradição? A opção por uma tomada de lado implica nesta situação sempre escolha desfavorável, já que o estigma de sua etnia fora usado por todos. À guisa de observação, não visamos diminuir também a leitura de que é correta a crítica que fizeram à figura do político em questão, extremamente longe disso, pois a captura varguista, a perseguição e as vítimas, não deixam de ser um fato e, a percepção dessa ligação no período, entre o político e a repressão, estar correta.

[11] Mais especificamente a entrevista com Milton Schneider em meu mestrado de 2019.

Quando a sociedade, hegemonicamente, nos seus mais diversos grupos e condições, possui preconceito, estigmatizando certas identidades, torna-as impossíveis de não se relacionarem com questões que as visam destruir. Mais um aspecto deve ser levado em conta nesse questionamento, para que exista essas estruturas e elas se mantenham é necessário ação intelectual, histórica, que corrobore com elas. A história não é um saber neutro, a sua formulação impacta a sociedade e seus indivíduos, pois:

> O passado pesa tão severamente sobre o presente e o futuro, que esses dois últimos domínios do tempo raramente têm sentido sem ele. Caso tomem a forma da linguagem com que pensamos e falamos, das instituições dentro das quais atuamos, da cultura na qual existimos, ou até mesmo na paisagem física na qual nos movimentamos, as restrições que a história impõe aspergem nossas vidas, como faz o oxigênio em nosso corpo. (GADDIS, 2003, p.162)

Silenciamento Intelectual/Acadêmico

Produzir conhecimento não é um processo neutro, quando se trata de um passado próximo, com pessoas que o viveram ainda vivas, o suposto distanciamento já dubitável toma aspectos adicionais de problematizações, pois a escrita pode enveredar mais facilmente a caminhos de elogio, ocultação, invenção ou crítica, pelas paixões do pesquisador e educador estarem diretamente ligadas ao estudo, apesar de sempre estar presente na construção do saber, nesse caso toma características de ação direta no social. Com isto, não que haja necessariamente dolo (mas não devemos nos furtar de tal possibilidade), o escritor e seus pares podem usar do conhecimento e de sua manipulação para fins os quais mais estão no agir no presente do que na análise e compreensão do passado (ou mesmo do presente), criando-se diversas concepções deturpadas e que afetam a todos. Em síntese, apesar do conhecimento não ser neutro em si, mesmo ao trabalhar de modo íntegro, nada impede de que pesquisadores, pensadores, instituições e governos manipulem e adulterem o conhecimento.

Tal processo é chamado por Maffesoli (2010, p.11) de *silenciadores oficiais*, impondo apenas os pensamentos permitidos, o que deve ou não ser aceito, descartando o que possa diferir desse todo. Não foge dessa análise uma construção moralizante, do que é tido como correto e bom e que, em "defesa" desses ideais, se realizam atrocidades justificadas (p. 42).

A *damnatio memoriae* na roma antiga tratava-se da condenação e exclusão da presença do indivíduo indesejado na história, raspavam-se afrescos, reescreviam documentos, modificavam documentos e estátuas, ressignificavam o passado, destruía a fama e as relações

que possuíram em vida (VARNER, 2004). O uso do passado, e sua alteração, contudo, não é específico apenas à antiguidade (ou aos movimentos ditatoriais da contemporaneidade), ela possui em si uma história, uma "história da reescrita da história", com a manipulação de elementos, indivíduos, construções, textos, objetos que carregaram no passado, ou possa carregar no presente, peso simbólico (BONDANELLA, 1987). A história e sua materialização espacial acabavam sendo um campo de batalha discursivo, com as narrativas hodiernas direcionando-as conforme os seus interesses e objetivos, um exemplo é o atrito no uso da Antiguidade para justificar ou criticar a escravidão durante os processos de abolição nas Américas (MALAMUD, 2009; 2019). Também devemos ter consciência de que a ciência em nada altera essa condição, os seus procedimentos e métodos são influenciados, suas conclusões por vezes direcionadas, a própria coleta das informações a serem analisadas podem representar o pensamento focado; ou seja, de modo análogo, o conhecimento científico não deixa de estar no meio de uma complexa teia de influências múltiplas e que alteram a sua prática, ensino e divulgação (BOURDIEU, 2025, p. 276-278).

Tal como na antiguidade, o controle da memória e do saber em geral trata de importante elemento constituinte do poder e as delimitações da produção do conhecimento. Com isso, não podemos ter uma visão inocente do papel dos pesquisadores e de sua influência, sejam eles ligados a qualquer que seja seu posicionamento, da sua estratégia de uso das fontes e da bibliografia disponível:

> Observei que os críticos selecionavam frequentemente as citações que são desvantajosas para o autor, aquelas que são a expressão mais banal do discurso desses críticos a fim de reciclarem, em seguida, esse discurso em seu favor... Trata-se de uma boa estratégia jornalística... A citação nunca é inocente, até pode ser uma arma – aliás, também a referência, se funcionar como citação, porque não há referente original. No fundo, tudo está na estratégia... (BAUDRILLARD, 2003, p. 23)

A importância do controle da memória e da história é explicada, magistralmente, por uma das obras literárias mais citadas quando o assunto é governos ditatoriais e/ou sociedades distópicas: "1984" de George Orwell, onde a escrita e modificação da história é arma fundamental para a manutenção do poder. Trata-se de um espaço de legitimação, de construção do "princípio de realidade", daquilo que é óbvio e fixo no passado, de modo que qualquer realização de questionamento é facilmente notada. Nem mesmo o falsificador, o controlador da narrativa acaba tendo contato com o passado em si, pois é um processo endêmico de reescrita e reconstrução, como vemos:

> Você se dá conta de que o passado, a partir de ontem, foi abolido? Se sobrevive em algum lugar, é em um ou outro objeto sólido, sem palavras associadas, como aquele pedaço de vidro que está ali. A esta altura não sabemos absolutamente nada sobre a Revolução e os anos que a antecederam. Todos os registros foram destruídos ou falsificados, todos os livros foram reescritos, todos os quadros foram repintados, todas as estátuas, todas as ruas, todos os edifícios foram renomeados, todas as datas foram alteradas. [...] Eu *sei*, naturalmente, que o passado foi falsificado, mas eu jamais teria condições de provar esse fato, mesmo que tenha sido eu mesmo o autor da falsificação. Depois que a coisa está feita, nunca resta nenhuma prova. A única prova está dentro da minha cabeça, e não tenho nenhuma certeza de que outro ser humano partilhe minhas lembranças. Aquela foi a única ocasião, em toda minha vida, em que tive em meu poder provas concretas *depois* do facto acontecido – anos depois do fato acontecido. [...] O passado é tudo aquilo a respeito do que há coincidência entre registros e memória. [...] Decorre ainda que, embora seja possível alterar o passado, o passado jamais foi alterado em nenhuma instância específica. Isso porque nas ocasiões em que é recriado na forma exigida pelas circunstâncias, a nova versão passa a *ser* o passado, e nenhum outro passado pode ter existido algum dia. (ORWELL, 2009, p. 185, 251)

Não apenas a escrita da história é modificada, a sua espacialização igualmente é obliterada, ou melhor, refeita. A mudança de nomes de ruas e edifícios, a alteração de estátuas, o desaparecimento de referências aos lugares e os seus habitantes indesejados, tudo faz parte do processo de alteração do passado. Não bastando a existência de uma nova bibliografia, é necessário a eliminação da antiga, igualmente não é suficiente que um indivíduo afirme essa história, é preciso que haja um consenso igualmente correligionário a tais concepções, o qual vai legitimar sua leitura nos documentos disponíveis, ou seja, os que não foram destruídos e aqueles modificados.

Neste processo de reconstrução são apontados os inimigos, os quais vão igualmente variar conforme os interesses do poder. Sem com isso deixar que a intensidade esmaeça, a mudança tem que ser constante e implacável, não permitindo que maiores questionamentos sejam elaborados, apenas que o novo inimigo não é novo, é o que "sempre" foi e será (ECO, 2011, p. 29-30; ORWELL, 2009, p. 251-252).

Igualmente importante é a coadunação espacial a tal proposta, tendo em vista que a paisagem demonstra o passado dos habitantes que ali viveram, atuando e modificando materialmente o lugar, colocando elementos de sua subjetividade, seus valores, ideais, incluso suas memórias (MORAES, 2005, p. 15-16). É a interconectividade do tempo e do espaço, a qual também é feita entre os homens, numa complexa rede de símbolos e vivências que entram em contato, conflito e trocas (ELIAS, 1998, p. 81, 106).

O passado, assim como outros temas e assuntos, acaba sendo controlado por uma intelectualidade, a qual pode ser acadêmica, política, social, econômica, ou uma mescla delas,

o que influencia não apenas na construção memorial, como na documentação que será ou não conservada, o que será (im)possibilitado para o futuro:

> o problema da produção e da guarda dos documentos vem se constituindo como um desafio para o mundo todo [...] em especial para países como o Brasil. Entre as dificuldades encontram-se as de caráter técnico, como a falta de armazenamento adequado, de instituições responsáveis pela conservação e arquivamento e a ausência de uma política de arquivos. Além delas, existem motivos de natureza diversa, como a política. Ou seja, há que se levar em conta, entre outros fatores, os períodos de repressão, durante os quais as fontes documentais são postas fora de circulação, ou questões como 'a quem interessa guardar ou não guardar'" (WITTER *apud* BILAC, 2001, p. 22)

Contudo, de maneira diferenciada à ficção ou da destruição governamental/ditatorial, o controle pode ser feito de maneira mais funcional e eficaz com suposta liberdade, ainda mais aliado a uma concepção "revolucionária" ou "subversiva", mas que apenas presta vassalagem à narrativa já preestabelecida apesar da estética ou do estilo de escrita vanguardista. O poder pode manejar os limites da discussão, abarcando até certo ponto o contraditório, e o que o indivíduo pode modificar, sua atitude frente ao saber e a sociedade como um todo:

> O poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de "poder-saber" não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em redação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determina as formas e os campos possíveis do conhecimento. (FOUCAULT, 1999, p. 27)

Obviamente que não podemos considerar que o poder tenha o controle de tudo, como se fosse absoluto, sem meios de contrastá-lo. Apesar do poder conseguir controlar o passado – através da construção do saber histórico e de qual documentação será ou não conservada –, é inegável que há processos e tentativas de escrita histórica e manutenção documental feita por outras esferas da sociedade, tanto no aspecto comercial quanto grupos sociais dedicados à escrita da história. Até mesmo nas condições mais atrozes, há a tentativa de resistir, de manter o seu espaço, os documentos históricos e a sua testemunha, que contrariem a violenta imposição da narrativa oficial:

> O salvamento das bibliotecas judaicas e dos rolos da Torá, resistência *cultural*, e essa resistência do *testemunho*: páginas encontradas dentro de um frasco de vidro escondido perto do crematório II em Auschwitz, páginas descobertas dentro de uma

> garrafa em Radom, relato do calvário dos judeus de Plock etc., procedem de um mesmo princípio contra a destruição em curso (RABINOVITCH, 2004, p. 86)

Tal processo, comentado por Rabinovitch, é uma resposta ao "bibliocídio" cometido pelo nazismo, quando bibliotecas judias foram queimadas, juntamente com outras construções (CONFINO, 2016, p.235). Não menos importante, é a constatação que a própria posse de livros poderia significar a eliminação do indivíduo, os livros possuíam um perigo que não poderia ser menosprezado, assim aos inimigos não poderiam ser dado esse direito (p. 239). O pensamento totalitário buscava o controle da narrativa, de justificação ou de normalização de suas atrocidades, com planos sendo feitos até para engrandecer os atos de extermínio e destruição, com criação de museus, escrita de livros didáticos etc. (p. 271).

A história, assim, é um constante espaço de luta, de embate, com o passado e seus mortos nunca estando realmente livres da necessidade de defendê-los. Não devemos nos esquecer dos embates pela memória das vítimas, independentemente se é a história oficial ou o revisionismo, as tentativas de destruição e reescrita do passado aconteceram, acontecem e acontecerão, as quais podem ser chamadas de *memoricídio* e até de nova morte aos afetados/falecidos, isso quando não são criminalizados e tornado em vilões ou monstros (VIDAL-NAQUET, 1988). Sendo que tais construções acabam permeando a sociedade, influenciando-a, é a chamada *endosmose epistêmica*, com as construções intelectivas chegando à população e moldando a sua forma de pensar (DABASHI, 2009).

Torna-se, assim, impossível não reconhecer que o campo acadêmico, de construção do saber (e incluso outros campos de saber, como a mídia ou a escolarização), trata-se de um campo de batalha, de conflito, de busca de hegemonias. Dentro de tal espaço que podemos esperar, ou tentar realizar, alguma reconciliação. Partindo da concepção de Pascal Bruckner (2008, p.227) quanto as possibilidades/técnicas de reconciliação, vemos que as 4 se aplicam à presente pesquisa (mesmo que certas medidas estamos combatendo e historicizando):

> 1 – **Esgotamento** – não se pergunta sobre o que aconteceu no período – vemos isso, em nossa pesquisa, de modo presente em diversas esferas: acadêmicas, étnicas e midiáticas. Trata-se da tentativa de evitar a continuação dos conflitos, não se procura sobre a questão para que os problemas e discussões não (re)apareçam. Tal questão esteve ligado intimamente à próxima medida possível (2).

2 – **Esquecimento Voluntário** – realizar um pacto de silêncio – dentro das etnias vemos isso sendo reproduzido pelo intenso medo do e no período enfocado, com muitos optando em silenciar as lembranças e vivências, criando lacunas memoriais e históricas. Fora delas, percebemos tanto na sociedade como um todo, as esferas de poder e acadêmicas um desinteresse (mesmo que não completo) em abordar uma questão conflituosa, optando por mudar o enfoque a outros temas.

3 – **Anistia** – supressão/apagamento do passado, podendo chegar à criminalização de tratar sobre o assunto – etnicamente vemos essa questão com o passar do tempo, em que o silenciamento vai diminuindo, deixando opaco o que foi vivido nestes momentos complexos. O apagamento, contudo, se vê com força na sociedade e sobretudo com os poderes políticos e militares envolvidos, tendo no período analisado realizado queima de arquivos, destruição documental ou até mesmo "desaparecimento" de descontentes. Afetando a existência das fontes, trabalhos que seguem um pensamento próximo ao dos positivistas históricos, de apego à fonte escrita, escreve a história desconsiderando tais acontecimentos, pois as "fontes disponíveis" contam outros "fatos" e conflitos.

4 – **Discussão Pública** – cria-se o diálogo, diversificado, entre vítimas, culpados e/ou a sociedade em geral – nesse aspecto vemos uma união, a qual defendemos que continue e intensifique, entre a sociedade, os grupos étnicos e a academia. Apesar de estar longe de uma condição ideal de trabalho memorial e histórico, a abordagem apresentada por algumas pesquisas traz o diálogo necessário a respeito desses acontecimentos e memórias sensíveis. Não devemos, contudo, ser ingênuos e esperar que todos os trabalhos estejam realizando um diálogo sincero e direto, sob o disfarce do "diálogo" podem exercer as imposições de silenciamento, apagamento e revitimização dos grupos étnicos, acusando-os de serem os detratores e até culpando-os por problemas que possui origens anteriores sequer à vinda dos primeiros membros de suas comunidades. Por outro lado, vemos trabalhos referentes às memórias do período e das vítimas, daqueles que sequer puderam se expressar.

Aproximando-nos novamente da discussão que elencamos anteriormente, do contato, defesa e diálogo com os mortos (como defendido por Michelet, Benjamin, Agamben, Bourdieu, Morin, dentre outros), podemos ver que o meio, ou método, de dar descanso e proteção aos falecidos, trata-se exatamente da escrita da história, pois:

> O crime sempre excederá as possibilidades de perdão, e as memórias serão sempre muito mais numerosas: os defuntos não serão vingados nem os sofrimentos penalizados, as feridas não se fecharão. (...) Só a história escrita, contada, pode oferecer a esses milhões de mortos a sepultura que merecem. Uma coisa é certa, nós só estamos no início desse mecanismo: todas essas palavras de sofrimento, essas reminiscências dilacerantes vão se multiplicar, uma vez que a única violência inadmissível é a dissimulação, o mutismo. (BRUCKNER, 2008, p. 229)

Quiçá a questão levantada por Benjamin possa ser respondida, talvez a escrita (ou o conflito na escrita) da história seja uma possibilidade de evitar a "vitória" do inimigo que "nunca deixa de vencer", que controla hegemonicamente a(s) narrativa(s). Combater o "mutismo" é o combate ao "silêncio", é dar novamente voz aqueles que tiveram sua fala, ou até sua vida, tolhida por um governo ditatorial.

Ao menos, podemos evitar os males de uma "história única", hegemonicamente totalizante e impositiva, quando não estigmatizante, aos grupos étnicos, estando presentes e trazendo a pluralidade da narrativa e documentação histórica (ADICHIE, 2019). Obviamente, mantendo-se a luta para que o *memoricídio* não tome conta nem da história dita oficial, como das suas vertentes e discussões, pois combater uma história impositiva não deve ser sinônimo de aceitação do absurdo e da atrocidade. A crítica pode, e deve, voltar contra até mesmo as narrativas e defesas que realizamos, tomando cuidado para não cair em construções preconceituosas e/ou deixar de reconhecer nossas limitações e parcialidades incontornáveis:

> Nosso conhecimento de qualquer acontecimento passado é sempre incompleto, possivelmente impreciso, ofuscado por evidências ambivalentes ou historiadores preconceituosos, e talvez até distorcidos pelo nosso patriotismo e por nosso partidarismo religioso. [...] Mesmo o historiador que acredita não ser parcial em relação a seu país, raça, credo ou classe denuncia sua predileção na escolha de materiais e nas nuances dos adjetivos que adota. (DURANT; DURANT, 2005, p. 10)

Não menos importante, é destacarmos que não nos imaginamos possuidores da verdade "em si", reconhecemos e utilizamo-nos da *indução pessimista*, trazendo o questionamento que tal como outros conhecimentos já foram tidos como corretos no passado, as nossas construções atuais podem e bem provavelmente se mostrarão problemáticas no futuro (LAUDAN, 1981). Também nos faz imperioso o reconhecimento que a presente tese está inserida no *campo* acadêmico, mesmo que se objetive o diálogo e a abertura com a sociedade e grupos perseguidos, não podemos deixar de ter o discernimento que estamos incrustados, ou ao menos atravessados, pelas relações acadêmicas de construção do saber (BOURDIEU, 2013; 2025).

Capítulo 4 – Parte I

“Rio Claro estará no Brasil?”

1900-1938 – Conflitos sociais, perseguição a alemães na Primeira Guerra Mundial e sociedade no período entreguerras

Adentremos agora na primeira parte do período enfocado na pesquisa. Momento de transição do século XIX para o XX, onde os problemas pretéritos se conservam, mas sem deixar que novos se apresentem e tomem a dianteira. Nesse aspecto, analisaremos os conflitos sociais que aparecem nesse interregno, os quais trazem o gérmen da novidade, seja esta construtiva ou destrutiva para a sociedade e seus grupos.

Analisaremos, portanto, o caso do assassinato de um coronel por um imigrante italiano, onde os processos judiciais vão apresentar novas características, divergindo do poder do século XIX, onde o fazendeiro era o empregador, o político e a justiça. Outro caso fundamental que abordaremos é a Revolta realizada pelos trabalhadores da Companhia Paulista, a qual possuiu um forte apelo popular, com todo o município de Rio Claro colaborando, os comerciantes sendo solidários e, não menos importante, o jornalismo militando a seu favor. Apesar desse apelo social, juntando uma diversidade de indivíduos, a repressão foi violenta.

Com a década de 1910 aproximando-se de seu fim, submarinos alemães torpedeiam navios brasileiros. A distante guerra europeia chegava às costas brasileiras, com mortos e feridos. Quem seriam os culpados? Estariam apenas em ações navais ou já teriam invadido o país? Era o surgimento do espião invasor, o qual por vezes nasceu na terra que “invade”, era a estigmatização étnica ao imigrante e descendente de alemães. Não havia saída: se tinha sobrenome alemão, independente da sua lealdade ao Brasil, era um inimigo!

Findada a guerra a sociedade iria tentar se reorganizar, apesar dos conflitos vividos anteriormente. Contudo, novamente, despontaria as novas sementes da conflagração, que resultariam em movimentos totalitários, uma ditadura e violência assimilativa.

Comecemos, então, a abordar essa trajetória conflituosa, onde o que é diferente tem de ser vigiado, excluído e rechaçado.

4-I.1 Início de século tumultuoso

O alvorecer do século XX, na "pacata cidade" de Rio Claro, se mostraria conturbada e violenta. O município era marcado pela presença de comunidades imigrantes, notadamente a alemã e a italiana, as quais, além do trabalho nas fazendas e sítios, estavam presentes em outro marco, econômico: a Companhia Paulista. Abordaremos, assim, o interregno entre o início do século até a Primeira Guerra Mundial, focando-nos em 2 casos específicos: o assassinato cometido por um imigrante italiano e; as greves dos ferroviários e sua repressão. Devido ao enfoque da pesquisa, não adentraremos às minúcias de tais casos, mas analisaremos a presença e atuação das comunidades imigrantes, e as ações contra elas.

Destacamos que não nos deparamos com a comunidade nipônica, pois, evidentemente, não havia ainda se formado, com os fluxos de imigração ainda por chegar e se estabelecer no município. Contudo, não devemos ser imprudentes, além do racismo para com o elemento asiático, os problemas que os outros imigrantes enfrentaram iriam acabar por afetá-los posteriormente. Mesmo ainda não presentes, os dispositivos e mecanismos persecutórios eram desenvolvidos e testados nos imigrantes, ali estava dado e, cada vez mais, "aperfeiçoado" a perseguição que os afetariam igualmente.

Assassinato do Coronel Diogo Salles pelo imigrante Ângelo Lungaretti

Um dos casos mais notórios de conflito entre imigrantes italianos e fazendeiros é o caso Lungaretti, em que o coronel Diogo Salles, irmão do presidente da República, foi assassinado com um tiro no peito. Vale destacar que a colônia italiana de Rio Claro participou do julgamento, contratando um dos melhores advogados do período, em resposta ao contato já conflituoso desses com a família Salles (SANTOS, 2002, p.124). Por outro lado, vemos também que a colônia estava preocupada com possíveis problemas, mantendo-se pacífica:

> Embora o crime de Ângelo Lungaretti despertasse no seio da colônia italiana de Rio Claro uma certa simpatia, ela se manteve ordeira e calma. Temendo repercussões maiores é que foi prontamente enviado ao presidente Rodrigues Alves o telegrama do Conde Antonelli [...] lamentando o assassinato de Diogo Eugênio de Salles pelo italiano Ângelo Lungaretti, crime que teve repercussão em todo o Estado. (PEREIRA, 1985, p. 41, 38)

Interessa-nos do caso entender alguns aspectos específicos, principalmente quanto às relações entre a população imigrante e as autoridades. Do julgamento, temos conhecimento de certos momentos e grupos depondo:

> Em resumo, os depoimentos do inquérito dividem-se em três grandes blocos; o primeiro, composto pelas primeiras testemunhas convocadas, é composto por colonos da Nova América e seu conteúdo é, em linhas gerais, desfavoráveis a Angelo. Abordam a discussão ocorrida entre o coronel e os colonos, indicam uma atitude desafiadora por parte dos lombardos e pouco mais informam. O segundo bloco, em que estão presentes os familiares, apresenta uma questão ignorada pelos demais, a saber, as tentativas de sedução realizadas por Raul Salles, mas também prejudica o jovem colono: sua mãe atribui o fato de Angelo portar a arma "por motivo de pinga", Isabel, sua irmã, diz que o jovem "era de bons costumes e que só uma vez deu um soco em seu pai e sua mãe", enquanto Perina afirma que a garrucha era "para matar o seu pai e sua mãe, visto seu pai e sua mãe se opunham ao casamento dele [...] com uma moça da colônia". Nenhum dos familiares vincula o crime ao assédio de Raul. O terceiro bloco, no qual depõe o jovem coronel com mais três colonos seus, é francamente desfavorável ao acusado, Salles afirma que "tanto ele como seu pai constantemente recebiam queixas" dos lombardos, pois "sempre [tinham] questões com seus patrícios maltratando-os", sendo impossível sua permanência na Nova América porque semeavam "a discórdia entre os colonos pelas constantes rixas que levantavam". Raul ainda "supõe que houvesse um trama político para tratarem contra a existência do seu pai, e Longaretti fosse o instrumento escolhido". Os três colonos insistem no comportamento inaceitável dos lombardos, que "portavam-se muito mal, [...] sempre com rixas com os colonos seus patrícios", mas destacam o fato de seu falecido patrão gozar "de muita estima entre os seus colonos porque [...] tinha o costume de tratar aos seus empregados com urbanidade, pelo que sempre conquistava a estima dos mesmos, sendo de igual conduta seu filho [...]", não havendo assim na colônia "o mais leve murmúrio contra o coronel". (FERREIRA, 2005, p. 85-86)

Dos 3 grupos depoentes podemos fazer algumas suposições referentes ao que relataram, questionando até que ponto suas falas eram verdadeiras, tanto no sentido de serem obrigados a defender uma posição, como no de não conseguirem se expressar devidamente. Assim afirmamos, pois havia uma questão linguística do processo, usada nesse caso para prejudicar o imigrante, direcionando os depoimentos pela sua incompreensão da língua portuguesa:

> Esta imagem vai sendo construída até o ponto em que um dos irmãos pede um intérprete, afirmando que entendia mal o português. A nomeação do intérprete, e certamente não apenas ela, fez com que o plano parricida de Angelo desaparecesse dos depoimentos ao júri. Podemos desenvolver a hipótese, a partir desta constatação, que do desconhecimento do português pelos Longaretti levou a um direcionamento nos depoimentos, revelando um jovem cruel, frio e capaz de premeditar e até vincular seus atos a interesses políticos rivais aos do salismo. (FERREIRA, 2005, p. 33)

A questão das diferenças das línguas nos elucida como ela era utilizada para os fazendeiros conquistarem os seus intentos, possuindo uma vantagem inerente aos discursos e narrativas feitas em português. Tal condição é um contraste que vale apontarmos, na medida em que os italianos eram preferidos pela "assimilação mais fácil", por outro, distanciamentos existentes também eram explorados. O ideal assimilacionista (e sua violência) convivia com o abuso do poder, o qual era possível a partir das diferenças étnicas e culturais, desejando que o italiano perca suas características ao mesmo tempo que se aproveita delas para prejudicá-lo.

Outro elemento que elencamos é o da imposição, sendo que esta era resultado dos conflitos entre italianos e fazendeiros. O poder dos coronéis era exercido pela força física, eram os donos dos municípios, com ligações à polícia e com alguns exercendo o cargo de juízes (DEAN, 1977, p. 101-102). Sendo assim, depoentes eram "convocados" para o julgamento:

> O episódio prosseguiu como verdadeira caça às bruxas, movimentando tanto Analândia, onde pessoas foram espancadas pela polícia a fim de se conseguir depoimentos favoráveis aos Salles quanto em São João Batista do Ribeirão Claro, onde a facção política de Diogo Salles, naquele momento, se constituía oposição e, onde aconteceria o julgamento (SANTOS, 2002, p. 124)

Não vem ao caso do presente recorte da tese todos os pormenores judiciais, mas vale citar que Ângelo Lungaretti foi julgado duas vezes, sendo condenado a 12 anos, permanecendo preso até 1908, quando é absolvido devido a mudanças políticas ocorridas, voltando com sua família para a Itália (SANTOS, 2002, p.124). De todo modo, vemos os imigrantes estando no meio de embates e disputas políticas, com o poder estabelecido determinando o que seria o certo e o errado. Lungaretti acaba, mesmo que não fosse sua intenção, escancarando a complexidade das relações sociais, entre a justiça, política, economia e identidade étnica.

Apesar da gravidade do caso, não vimos uma repercussão que deteriorasse a relação para com as pessoas de origem italiana, como o foi na Revolta de Ibicaba com os germânicos. Entretanto, afirmar que não houve nenhum problema seria um grosseiro equívoco, pois os problemas existiam de toda forma, mas não ao ponto do desinteresse pela imigração italiana, ou das violências aculturativas/assimilativas, como o foi com os alemães. Por serem de origem latina, as atrocidades assimilacionistas não os tiveram tanto na mira, mesmo quando um imigrante assassinou o irmão do presidente da República. A estigmatização mesmo assim ocorreu, se tornando um grupo "estrangeiro" no país e que poderia apresentar algum perigo, sua cultura e existência na sociedade seria visada, perseguida e reprimida.

O conflito para com os italianos não deve ser, portanto, minorado, tampouco desconsiderado, sendo estes também vítimas, com casos de violência física, como já vimos no capítulo 2 com Warren Dean. Tais casos são uma sobrevivência dos confrontos entre imigrantes e fazendeiros, inicialmente com os alemães e, posteriormente, com os italianos, conforme o fluxo de imigrantes do período. Entretanto, enfoquemos agora em uma situação que envolveria as comunidades de modo mais amplo, com vários indivíduos envolvidos e até presos.

A greve dos ferroviários e sua repressão em 1906

As populações imigrantes carregavam consigo um arcabouço amplo de conhecimentos, dos quais se fariam utilizar em todos os aspectos da sociedade. Dentre esses aspectos destacam-se conhecimentos de ofício, de operários, comerciantes, educacionais, entre outros, que seriam fundamentais para o processo de urbanização. Apareciam e despontavam, assim, italianos e alemães em diversos campos sociais, não necessariamente fechados a uma classe social.

Como já discutimos anteriormente, o imigrante (e descendente) estava presente nos mais diversos processos da economia majoritariamente cafeeira do período. Do trabalho braçal na fazenda, no comércio que permitia o funcionamento das cidades, no operariado urbano ferroviário permitindo o escoamento das produções, além do ensino, escolar e/ou familiar, que os permitia um diferencial formativo no trabalho e, até mesmo, no campo intelectual.

A importância das estradas de ferro, assim, trata-se de um fato inegável. Com o município estando ligado por seu funcionamento, simbólica e literalmente, permitindo o acesso de bairros afastados e seus produtos, do contato com o mundo pela exportação do café, da diminuição das distâncias pelas estradas, com a vinda de pessoas de outras localidades, enfim, as vias traziam nova vida e poder ao município.

Como Bilac (2001) nos mostra, as populações de imigrantes vão tomando posicionamentos no município de Rio Claro, mesclando-se aos poderes locais, participando dos embates para conquista da chefia, tanto econômica quanto política. Nacionalmente, tal período é marcado pelo poder oligárquico do coronelismo, com nomes poderosos que descendem de grandes famílias que datam, por vezes, até o período colonial brasileiro. Contudo, como Bilac trabalha, novos elementos vão sendo introduzidos, mesmo que com dificuldades:

> A entrada de imigrantes na política, além de não ser frequente, era vista com restrições. [...] à defesa dos habitantes mais antigos contra os *estrangeiros* e a outra, à

> defesa dos já instalados na política contra os que procuram entrar, caracterizando-se por lutas entre grupos ou rivalidades regionais. (BILAC, 2001, p. 72)

É reconhecido que os imigrantes se faziam presentes e se misturavam, mesmo a contragosto dos fazendeiros:

> A literatura sobre essa questão mostra que as relações entre os fazendeiros e os estrangeiros foram bastante contraditórias. É digno de nota o alto número de casamentos realizados entre as famílias dos dois grupos. Não obstante, a disposição em aceitar essas uniões resultava, por parte da elite rural, de um cálculo racional, o que não a impedia de sentir um certo desdém pelos imigrantes (BILAC, 2001, p. 73)

Vamos além, o município apresentou questão única e de destaque, com um descendente de imigrante que chegou ao posto de coronel:

> em Rio Claro, desde o Império, os imigrantes participaram das Câmaras Municipais, embora de forma tímida. Esta participação alargou-se significativamente na Primeira República, época em que se firmou a liderança política de um "coronel" filho de imigrantes. Não temos indícios desse mesmo fenômeno em outras cidades do interior paulista. (BILAC, 2001, p.73)

Não entraremos em pormenores políticos, mas para se ter uma noção geral de como estes funcionaram, lembremos que o coronel Schmidt entraria em conflito com o já estabelecido Joaquim Salles, de família tradicional brasileira, exercendo historicamente o poder na região. Estabelecia-se, assim, um embate, o qual iria chegar até a questão do presente subcapítulo, com Schmidt defendendo as greves operárias:

> Como se sabe, nessa época dois partidos políticos rivais se degladiavam na cidade: o grupo jacobino, liderado pelo Coronel Marcelo Schmidt, e o jagunço, comandado pelo Coronel Joaquim Salles. Se os jacobinos preponderavam no âmbito municipal, os jagunços imperavam no plano estadual. Era óbvio que o primeiro grupo visse com muita simpatia o movimento grevista e tudo fizesse para atrapalhar as medidas conciliadoras emanadas do governo estadual. O Coronel Marcelo, que no início do movimento grevista se achava em sua fazenda no bairro da Assistência, correu logo para a cidade a dar apoio aos operários da Paulista. O comércio começou a cerrar as portas. A cervejaria "Rio Claro" suspendeu suas atividades. As aulas do Gabinete de Leitura Rio-Clarense foram suspensas. A vida da cidade transtornou-se. (PEREIRA, 1985, p. 14-15)

Salta-nos aos olhos três aspectos importantes: a união entre um "coronel" imigrante com os operários fortemente marcados pela presença de origem estrangeira, a sociedade se

colocando ao lado dos ferroviários e, não menos importante, o processo de crescimento de Schmidt ao poder, ao se colocar do lado dos grevistas e dos munícipes como um todo. Não visamos com isso santificar a figura de Schmidt, entendemos se tratar de posicionamento e relação proveitosa ao mesmo. Porém, não deixa de ser notável certa união entre os imigrantes e, também, como os alemães vão ser acusados de elitismo, independentemente de sua atuação, realizando verdadeira reescrita da história. Tal situação, para sermos justos, de reescrita, aconteceu também com Schmidt para com Salles, quando mandou demolir o monumento comemorando a luz elétrica no município (ZUCCOLOTTO, 2018, p. 118).

A greve foi geral no estado de São Paulo, com diversas cidades aderindo, sendo esta conflagrada por uma junção de motivos: contrariedade à obrigação das Caixas Beneficentes; aumento da jornada com redução salarial; demissão de trabalhadores devido à modernização; conflito com chefes e inspetores; e transferências de oficinas (SANTOS, 2006, p. 108).

Quanto a adesão do município como um todo à greve, vemos logo na notícia do dia seguinte ao seu estouro, no Alpha:

> Arrebentou hontem, como noticiamos, a gréve dos empregados da Companhia Paulista.
>
> Em toda a linha não trafegou nem um trem; as officinas, armazens e as demais repartições, desta cidade, com excepção apenas do telegrapho, conservaram-se fechados. [...] Os operarios mantiveram-se na mais admiravel calma reuniram-se hontem, ás oito horas da manhã, no edifício da Liga Operaria, receberam ordens do Conselho Administrativo e retiraram-se para as suas residencias, não se notando pelas ruas ou pelas proximidades da estação e officinas, o menor agrupamento.
>
> A' noite houve nova e concorridíssima reunião, falando em pról dos operarios os srs. Drs. Teixeira das Neves Junior e José Ignacio de Figueiredo, o academico Antonio Covello, professor Libero Braga, Irineu Martins, tenente Soares Franco e outros. Dissolvida a reunião na melhor ordem, continuou o Conselho Administrativo da Liga em sessão secreta, resolvendo insistir no seu proposito, mantendo as reclamações de que se fizera echo.
>
> [...] A's 2 1/2 da tarde, na estação, foram affixados dois telegrammas, dos srs. Max Mundt e dr. Monlevad, convidando os guarda trens e machinistas, a comparecerem hoje ao trabalho, sob pena de serem dispensados do serviço.
>
> Estes despachos em nada intimidaram os grevistas, que persistem no seu intento. [...] Nutrimos, no entretanto, a esperança de que os operarios sejam os victoriosos, porque de seu lado estão o direito, a razão e a justiça.
>
> E' necessario que o sr. dr. Monlevade comprehenda que o operário, embora pobre, tem brio, tem dignidade e que não é, como s. s. pensa, um inanimado ou uma simples machina de trabalho, que é tratada a ponta pés.
>
> Operarios! Dai uma licção de civismo aos potentados!
>
> Vós, que sois indubitavelmente uma potencia, derrocai por uma vez o poderio estupido dessa caterva que pretende escravizar-vos!
>
> Avante, operarios! Prosegui na vossa lucta! Não arredeis um passo do justo e acertado proposito, na defeza da vossa vida, da vossa honra, da vossa liberdade,

> mostrando que sois homens e que possuis os mesmos direitos daquelles que querem vos oprimir!
>
> Avante! Ao vosso lado estará a opinião sensata do publico que rejubila-se com a vossa victoria.
>
> (O Alpha, 16 maio 1906)

Os comerciantes estavam apoiando completamente o movimento, excetuando-se, compreensivamente, o básico, o essencial e urgente. Não menos importante, nota-se o jornal apoiando sobremaneira os grevistas. Também se destaca a atitude de firmeza do operariado frente às ameaças de demissão efetuada pela Companhia, os quais chegaram a realizar, mesmo com o risco de perder o emprego, reuniões para discutir a greve, enquanto chegavam ao município, pelos trilhos, guardas policiais sendo levados por trem, conduzido por Adão Gray:

> Continuam ainda em gréve, na mais pacífica attitude, os empregados da *Paulista*, membros da Liga Operaria, por isso que não foram satisfeitos os seus desejos.
>
> A poderosa Companhia contínua inflexivel ante as solicitações de 3 500 operarios que reclamam a destuição de tres empregados perfeitamente substituíveis.
>
> À sua relutancia, porém, não se prolongará — é forçoso que transija —porque a isso a obrigará a força do direito.
>
> À sua prepotência e o seu prestigio já contam uma arranhadura: os operarios, intimidados a comparecerem hontem ao serviço, sob pena de perderem os seus empregos não compareceram e nem foram substituídos.
>
> Hontem effectuaram os grévistas mais tres reuniões, ás 8 horas da manhã, ao meio dia e ás 7 1/2 da noite, todas muitissimo concorridas, principalmante a ultima, que teve logar no theatro, com a presença de cêrca de duas mil pessoas. Falaram por essa ocasião diversos oradores, cada um mais fluente.
>
> A Liga, firme na sua resolução, e prestigiada pelo commercio e por toda a população, mantem-se inabalavel e conscia de sua victoria.
>
> Ao meio dia de hontem, mais ou menos, chegou inesperadamente a essa cidade um trem, tendo como guarda o sr. capitão J. Franco, conduzindo uma força composta de 22 praças, 1 sargento, 1 cabo e 1 corneta, sob as ordens do alferes José Cacauzi.
>
> Por acharem se os trilhos engraxados ou ensaboados por mão extranha esse trem teve a sua marcha prejudicada, avançando apenas até Campinas, alli pernoitando, donde hontem partio pela manhã, para chegar aqui, como já dissemos, ao meio-dia.
>
> A machina veio guarnecida por cinco praças armadas de carabina, sendo 3 no limpa trilhos e 2 no *tender*, e conduzida pelo sr. Gray, chefe da repartição de machinas de Jundiahy, que tinha como auxiliares dois empregados das officinas.
>
> A's 2. 40 da tarde regressou a machina, ainda guarnecida de praças.
>
> Em transito por Piracicaba, procedente da capital, chegou hontem a esta cidade o sr. Julio Sorelli, delegado da Federação Operaria de São Paulo que veio especialmente declarar que aquella associação, presta todo o apoio moral e material à Liga Operaria do Rio Claro.
>
> Circulavam hontem boatos de que chegará hoje aqui a administração da Companhia bem como o conselho executivo da Liga Operaria de Jundiahy, para tratarem de um accordo,
>
> (O Alpha, 17 maio 1906)

O trem levando os soldados se depararam com diversas armadilhas feitas pelos grevistas, que cortaram a água ao longo da linha, colocaram sabão e graxa nos trilhos e caldeiras, romperam fios telegráficos e mexeram nas chaves de estrada, levando mais de 10 horas para chegar em Campinas de Jundiaí (DE LUCA, 1986, p. 80). As esperanças e boatos de um acordo não se concretizariam, a vinda dos guardas era a resposta que iria ser dada às demandas dos operários. As discussões não tiveram resultados, com a parte da repressão não cedendo aos pedidos que eram realizados (SANTOS, 2002, p.179). O jornal O Alpha vai realizar no dia 26 de maio um breve resumo do que aconteceu, indo desde o começo da greve até a inesperada e violenta repressão enfrentada pelos operários:

> Mantêm se desde o dia 15 até hoje, em gréve, os operarios da Paulista, oppondo-se ao trabalho como um protesto aos desatinos e violencias de um empregado superior que gosa das melhores sympathias da directoria da poderosa Companhia.
>
> A Atitude dos membros da Liga, nesta cidade, tem sido a mais pacífica possivel, razão porque não lhes faltou o conforto e a solidariedade do comrmercio e de toda à população.
>
> Escolhendo para seu legitmo representante o ilustre advogado sr. dr. J. Teixeira das Neves Junior, este, como os demais oradores, inclusive o sr. Sorelli, delegado da Federação Operaria de S. Paulo, nas repetidas e extraordinariamente concorridas reuniões, sempre aconselharam calma, muita calma, até o momento final.
>
> Mas á Companhia e ao proprio governo, não convinha tal situação: era mister agitar; era necessaria a violencia, era imprescindivel a perseguição, para que tivessem occasião de pôr em pratica os mais tenebrosos planos.
>
> Não era sufficiente o numeroso contingente de soldados do 1º e 4º batalhões, foi necessaria a vinda de vinte praças de cavalaria!
>
> Alem da ostentação da numerosa força, do espectaculoso brilhar de sabres e espadas, fervilham secretas, e soldados á paizana, empunhando grossos cajados.
>
> A cidade, à despeito da sua monotonia costumeira, foi de momento transformada em praça de guerra!
>
> Na ultima reunião realisada no theatro, com a antecipada annuencia do dr. delegado, o que era desnecessaria se vigorasse a lei básica da Republica, não foram pronunciadas palavras sediciosas nem aconselhadas medidas extremas, e, no entretanto, ao findar-se, quando todos se retiravam para seus lares, crentes na victoria de sua causa, na justiça e protecção do governo de um paiz livre, são presos Francisco de Castro Peres e Foryunato Pizzocaro, cidadãos distinctissimos, honrados e laboriosos operarios e o sr, Sorelli, delegado da Federação Operaria de S. Paulo, escoltados por dez praças, mettidos em um carro da Paulista e enviados immediatamente, ás 10 horas da noite, para a capital!
>
> No dia seguinte já não foi permittida mais reunião de operarios, sendo a cavallaria incumbida de varrer as ruas, dispersando grupos e atropelando despreoccupados transeuntes que se dirigem a seus lares!
>
> E nessa contingencia continuaremos, porque a força aqui está e a greve perdura, apezar das affirmativas da sua extinção.
>
> (O Alpha, 26 maio 1906)

> Entre as victimas da prepotencia, conta-se o estimado rio-clarense sr. Antonio Witzel, machinista da Paulista, preso em S. Carlos e remetido, como grande criminoso, para S. Paulo, com grande apparato de força.
> (O Alpha, 26 maio 1906)

A contradição entre aceitação e prisão fica evidente. Não bastasse a violência que caiu sob os operários, até mesmo uma reunião que foi permitida pelo delegado resultou em presos encaixotados para a capital. Proibia-se, então, as reuniões, com a cavalaria pronta para realizar os ataques a todo transeunte, sendo ou não operário, e com a artilharia pronta para utilizar de seus canhões e bombardear a cidade (SANTOS, 2002, p. 183-184). Não somente os operários, todos os munícipes viraram, quiçá pelo seu apoio, alvo da repressão. Contudo, a imprensa continuava a se expressar, com a escrita sendo incisiva e defendendo as vítimas. Os relatos das prisões e o conflito no meio jurídico eram discutidos abertamente:

> Os srs. Drs. Angelo Mendes, José Maria Mendes de Almeira e Dario do Amaral apresentaram ante-hontem a um dos juízes da capital um pedido de *habeas corpus* em favor dos cidadãos Giulio Sorelli, Francisco de Castro Perez e Fortunato Pizzoccaro, que foram presos nesta cidade e remetidos para a capital.
> (O Alpha, 27 maio 1906)

> Entre as muitas victimas do mandonismo do sr. conselheiro Prado, que reduzio os briosos operarios a míseros escravos e a policia em capitães do matto, conta-se o nosso amigo João José dos Santos, digno guarda-trem, preso em S. Carlos, conservando retido toda uma noite na casa das machinas e remettido escoltado para a capital
>
> – Soubemos que ao distincto machinista sr. Antonio Witzel, aqui residentes e preso em S. Carlos, não foi permittido telegraphar á sua virtuosa esposa, noticiando o occorrido.
> (O Alpha, 27 maio 1906)

É notável no jornal a comparação dos policiais a capitães do mato, e dos operários a escravos, por dois motivos: I) não é a primeira vez que problemas trabalhistas são comparados à escravidão, vide o que discutimos no capítulo 2 quanto aos problemas enfrentados por imigrantes em sua relação com os fazendeiros; II) não fazia 20 anos que acontecera a Abolição, as memórias do período mantinham-se na mente das pessoas, que haviam passado ao menos sua infância quando ainda existiam escravizados. Podemos pensar isso por diversos vieses, seja pelo reconhecimento do absurdo da escravidão, da compreensão da manutenção das diferenças sociais de poder e/ou da proximidade da figura do operário (notadamente imigrante) com a dos

setores nacionais precarizados pelo passado (principalmente os escravizados), o que pode indicar um processo de aproximação de tais contingentes em busca de seus direitos.

No dia 27 de maio, vale destacar, até o entregador de jornais foi preso para investigações (SANTOS, 2002, p. 182), o que nos demonstra o conhecimento do poder referente à militância jornalística, atuando como forma a mediar seus escritos, juntando repressão policial e censura de imprensa. O poder estava atento à união estabelecida entre operariado, sociedade e imprensa, por isso impossibilitou reuniões, reprimiu manifestações e dificultou a distribuição de jornais.

Apesar das lutas dos ferroviários e do apoio do jornal "O Alpha", dos comerciantes, advogados, políticos e munícipes em geral, resistindo às violências policiais, o comunicado do fim da greve foi lançado no dia 29 de maio:

> Por mais esforços que os jacobinos e elementos da Liga Operária fizessem, o certo é que o movimento começou a se esvaziar. Assim é que, no dia 29 de maio, a Liga lançou um comunicado concitando os operários a voltarem ao trabalho. O chefe de polícia da Capital, Dr. Augusto Meireles dos Reis, publicou nesse mesmo dia uma proclamação ao povo declarando que o movimento iniciado no dia 14 havia terminado. Os principais incitadores da greve em Rio Claro, como Castro Peres, Fortunato Pizzocaro, o anarquista Lorelli, Antônio Witzel e outros, foram presos, de nada valendo o pedido de *habeas corpus* impetrado pelo Dr. Teixeirinha. (PEREIRA, 1985, p. 15)

A repressão, contudo, continuou e conseguiu ser ainda mais grave, indo até para espaços privados, como podemos ver:

> A 31 de maio de 1906, na cidade de Rio Claro, maltas de agentes, acompanhados de soldados armados, invadem os lares dos ferroviários em greve, esbordoando mulheres e crianças e prendendo homens, que são depois espancados nos xadrezes e enviados sob escolta as oficinas da Cia. Paulista obrigados a trabalhar. A Liga Operária de Rio Claro tem sua sede invadida e fechada pela polícia, sendo seus móveis e biblioteca removidos para São Paulo. (DIAS *apud* BILAC, 2001, p. 80-81)

A truculência do Estado e as mortes suspeitas, não se davam apenas nas ditaduras que o país enfrentou, seja anteriormente à revolta da paulista, na ditadura da espada, ou posteriormente a ela na ditadura de Vargas (30-45) ou dos militares (64-85). Assim afirmamos, pois a comemoração do retorno de operários presos nos traz um elemento diferenciador e de destaque já para o período:

> Procedentes da capital, via Piracicaba, chegaram hontem á tarde a esta cidade, os laboriosos e consideradissimos operarios snrs. Antonio Witzel, Francisco de Castro

> Perez e Fortunato Pizzocaro, tres das muitas victimas da arbitraria policia a serviço da poderosa e arrogante Companhia Paulista.
>
> Felicitando-os por terem se livrado de algum *suicídio*, congratulamo-nos com a população rio clarense, pelo regresso, ao seu seio, daquelles briosos cidadãos
> (O Alpha, 01 junho 1906)

O trecho "Felicitando-os por terem se livrado de algum *suicídio*" é sintomático da violência do poder brasileiro. O ato de "suicídio", ou melhor, de "suicidar" um indivíduo, já era passível de realização, sendo um meio não oficial de se livrar de dissidentes. Apesar de não terem sido "suicidados" na prisão, torna-se impossível não lembrarmos o caso de Vladimir Herzog, "suicidado" em 1975 (JORDÃO, 1979). Os meios ocultos, silenciosos e sádicos de violência e eliminação já faziam parte dos métodos do poder anteriores à Primeira Guerra, sendo elementos tão conhecidos que até comentários populares e satíricos a respeito eram feitos. Desde as violências dos fazendeiros e seus jagunços até a repressão da revolta de operários, o município e os grupos étnicos tinham conhecimento do perigo que poderiam ser submetidos.

A isso se une o fato de que mesmo após findada a greve, a força policial manteve-se nas oficinas de Rio Claro, com a sala de espera servindo como armazém de armas (SANTOS, 2002, p. 188). A sua presença, pode ser explicada pelos problemas econômicos acarretados pela greve, com 80% da produção de café tendo sido retida, fora outros setores (SANTOS, 2006, p. 108-109). Era a união do controle social com a repressão, pois, após a greve ter sido eliminada, o poder mantinha ali suas garras, evitando qualquer ressurgimento da revolta, direcionando e indiretamente intimando a população a manter-se tranquilizada.

O estudo das revoltas da Companhia Paulista em Rio Claro, mostra-nos alguns aspectos interessantes e relevantes. O município era marcado pela presença da Companhia e suas oficinas, onde havia considerável número de imigrantes e descendentes como operários (como todo o município, na verdade). As greves não se limitaram à Rio Claro, percebemos o contato deste para com outros da região, assim como o olhar atento da capital para com os entraves e, depois, intensa repressão. Desse modo, já notamos um conhecimento das comunidades quanto a violência e destruição que poderiam enfrentar de modo coletivo, como: imposição de comportamentos (no caso de fim da greve e início forçado dos trabalhos); repressão policial violenta a manifestações pacíficas; invasões truculentas e desnecessárias de seus lares; prisões arbitrárias e até inesperadas; além da participação de outros municípios e da capital na defesa ou destruição da greve, ou seja, Rio Claro era observada, recebendo não apenas o escrutínio de fora, como ações diretas e participativas em suas questões.

Expressamos que a comunidade participou massivamente pelo fato de todo o município, e não somente essas etnias específicas, ter apoiado a greve. De toda forma sua presença foi notável, e comerciantes de todas as origens aderiram em apoio aos laboriosos ferroviários em sua luta (DE LUCA, 1986, p. 82). Não menos importante é notar quão rápida foi a reação e desmantelamento da revolta, mal durando um mês, isso mesmo tendo apresentado uma união quase em uníssono do município, com importantes poderes econômicos e políticos ao lado operário, mas, independentemente disso, a repressão foi fulminante.

Breves conclusões sobre o início do século XX

De município "pacato", pudemos ver, Rio Claro possuía apenas a fama. Os conflitos entre imigrantes e fazendeiros, já marcados pela Revolta de Ibicaba, teve um assassinato que marcou as relações com os italianos, o caso Lungaretti, onde o irmão do presidente Campos Salles, o Diogo Estevão de Salles, foi morto.

Quando a Companhia Paulista, depois de realizar cortes de funcionários e salários, causou a ira de seus funcionários, a greve fora instalada de modo conjunto nos municípios. Em Rio Claro a presença de imigrantes foi de destaque, com o coronel Marcello Schmidt, que crescia em poder, sendo um de seus defensores, além da presença massiva de alemães e italianos como parte do operariado, com alguns nomes se destacando entre os grevistas, posteriormente presos e levados até a capital. Apesar de tal movimento não ter sido exclusivamente dessas comunidades imigrantes, tampouco a sua origem levada em consideração para a repressão, não deixava de ser uma "prévia" do que se seguiria, na Primeira Guerra intensamente contra os alemães e, depois, estes acrescidos aos italianos e japoneses durante a Segunda Guerra.

4-I.2 Primeira Guerra Mundial e a comunidade alemã de Rio Claro

O primeiro conflito mundial se desenrolaria na Europa entre os Aliados (Inglaterra, França e Rússia) e a Entente (Alemanha, Império Austro-Húngaro e, inicialmente, a Itália, mudando de lado no segundo ano de conflito). Em Rio Claro, as comunidades conviviam com certa tolerância, podendo haver ocasionalmente algum problema. Isto até 1917 e 1918, quando a questão se intensificaria e que será o foco de nossa análise. Assim optamos pela quantidade

de acontecimentos e questões levantadas nestes anos, com ameaças e violência direta, vigilância total e perseguição social e cultural.

Devido aos ataques sofridos por submarinos alemães, a existência de uma comunidade germânica na cidade começa a causar incômodos, assim, eis que a questão etnocultural entra em discussão pública. Artigos vão tentar definir quem era ou não alemão, a que ponto podem ou não ser culpabilizados, se apenas devem ser vigiados e perseguidos se falarem algo impróprio ou, se devido à sua origem, todos serão visados e apontados. O alemão inimigo é apenas aquele que deprecia o Brasil em favor da Alemanha? Apenas o imigrado é perigoso ou seus descendentes, filhos e netos, também são? A busca por reparações pode ir até quais consequências? Essas perguntas vão sendo discutidas e respondidas nas páginas dos jornais, com intensas variações conforme o passar do tempo e dos acontecimentos cotidianos.

Devemos, contudo, salientar que o processo de estigmatização dos alemães já estava ocorrendo, antes de qualquer problema chegar ao município de Rio Claro. Podemos ver nos escritos de Ruy Barbosa, de 1916, referências pouco elogiosas aos alemães devido à guerra que ocorria, comparando-os aos hunos:

> Diante dos quinhentos mil guerreiros com que ÁTILA invade a Gália, as cidades abrem as portas, as guarnições recuam até o Loire. Aí se renovam as mesmas cenas da invasão do Império do Oriente, onde as chamas devoraram cidades e cantões inteiros. [...] Quadro horroroso, no meio do qual se eleva sobranceira a cabeça de ÁTILA. [...] Não diríeis que é a mesma torrente de inumana crueldade a que borbota de novo pela Europa, desde agosto de 1914? O gênero humano tem contado com horror o número de cidades belgas e francesas [...] sistematicamente bombardeadas, saqueadas, queimadas, reduzidas a montões de entulho calcinado. […] Cidades abertas. Cidades industriais. Cidades campesinas. Cidades de arte. Cidades de história. Cidades de ensino. Cidades arcaicas e semimortas. Cidades inocentes. Cidades invioláveis e sagradas. Mas nem assim poupadas, antes imoladas, por isso mesmo, ao ídolo do terror. (BARBOSA, 1916/1981, p. 168-169)

Do mesmo ano, Barbosa vai defender que há o perigo de invasão alemã nas Américas, realizando, assim fortes críticas à manutenção da neutralidade:

> O sentimento brasileiro está comigo; e (até onde posso avaliar, à distância, o das outras repúblicas latinas deste hemisfério), não sente de outro modo o continente americano. Todas essas democracias, irmãs da nossa, que escaparam de ser recativadas pela Santa Aliança no século dezenove, sentem instintivamente a repulsão do militarismo absorvente, que, não respeitando oceanos, estende para as mais civilizadas regiões do orbe a vista cobiçosa. As questões jurídicas da guerra atual e o problema hodierno da neutralidade, são, portanto, um terreno comum a toda América, especialmente à

> América do Sul, onde já existe, em mapas germânicos, uma *Germânia Austral*. (BARBOSA, 1916/1981, p. 179)

Eis que reaparece a noção de “perigo alemão”, do projeto de conquista supostamente coadunado pelas comunidades alemãs no Brasil. Mesmo assim, o medo da “Germânia Austral” ainda não tinha feito seu impacto na mente das pessoas, por enquanto.

A ideia, conceito, termo, pensamento de "perigo alemão", sua germinação e surgimento preciso é de difícil delimitação. Defendemos que diversos acontecimentos poderiam ser postos como os passos iniciais ou de consagração deste estigma, tais como: A rebelião dos mercenários alemães de 1828 que atacaram D. Pedro I (TRESPACH, 2019); a Revolta de Ibicaba de 1856 entre suíço alemães e Vergueiro (HEFLINGER, 2009); 1871 com a vitória alemã sobre a França (WILLEMS, 1980, p. 46); a seita religiosa e guerra da Revolta dos Mucker de 1873 (PETRY, 1957); dentre outros. Entretanto, podemos afirmar que este cresce, de modo geral, e com força, em meados da década de 1870 e com o medo das comunidades na região Sul, assim sendo, as referências ao tal perigo que apareceram e aparecerão estão ligadas e nomeadas, provavelmente, devido a essa questão. Apesar de que, para e mais importante à nossa análise, o "perigo alemão" no estado de São Paulo já tinha se apresentado, mesmo que sem esse nome, no medo das elites quanto a Revolta de Ibicaba e suas possibilidades de intensificação. Alia-se a tudo isso, a estereotipia dos alemães, como sendo utilitarista, beberrão, não integrável e preconceituoso (NADALIN; FABRIS, 2013, p. 23). Não excluímos também a possibilidade de todos esses elementos, quiçá até outros, serem todos igualmente fundamentais para a compreensão mais ampla do "perigo alemão" e sua narrativa.

Podemos ver, inicialmente, que o conflito não diria respeito aos teuto-rioclarenses, os quais, desde que não apresentado defesa à causa alemã da guerra, seriam considerados parte da comunidade e aliados contra a Alemanha:

> Como se sabe, A nossa colonia allemã é muito grande e muito estimada, constituindo boa parte da familia rio-clarense. Entretanto, as condições em que o rompimento se deu, são do molde a não ferir susceptibilidades, razão porque, passada a primeira emoção, os germanicos, quer natos, quer de origem, continuarão no mesmo estado de amisade até hoje mantido entre nós, pois são todos dedicados amigos de Rio Claro e cidadãos morigerados. (O Alpha, 11 abril 1917)

Pensemos, contudo, por outro viés, apesar da afirmação de que tais famílias eram parte do município, a própria necessidade de realizá-la já demonstra o desconforto para com a sua

presença. O desagrado para com a comunidade iria escalar progressivamente, mesmo que o posicionamento não fosse unânime. Conforme o grau de perseguição aumentava degrau a degrau, cada indivíduo/instituição/grupo se posicionava nessa escada persecutória, chegando a ter discussões entre eles de até que ponto era permitido perseguir e, de quem deveria ser considerado germanófilo por não atacar/ofender suficientemente os alemães do município.

Ruy Barbosa, desde o dia 1º de fevereiro de 1917 defendia que o Brasil não deveria aceitar o bloqueio marítimo imposto pelo império alemão, argumentando a favor do país quebrar sua neutralidade (SILVA, 1975, p. 146). Também vemos que o seu empenho de levar o estigma para as comunidades alemãs estava prosseguindo, em discurso de 14 de abril de 1917 ele vai falar da infiltração que estaria ocorrendo pelo mundo, de espionagem e sabotagem:

> Dado esse trabalho da política alemã, que rasteja por toda a parte, que em todas as profundidades mergulha, que se infiltra em todas as camadas, que suborna todos os interesses, que invade todas as esferas, essa política de intriga e peita, de conspiração e revolta, de incêndios e máquinas infernais, essa política de espionagem e contaminação universal, que se projeta até ao seio da administração dos países em armas contra ela; dada a brutalidade cínica desse elemento que se resgatou de todas as leis divinas e humanas, e que em tudo se sente, jogando, comprando, espreitando, ameaçando, tramando, nem mesmo a guerra declarada basta, para assegurar uma nação, quando ela não tenha os olhos abertos sobre os que a governam, de que eles não a esqueçam, não a comprometam, não a sacrifiquem. (BARBOSA, 1988, p.48)

Os problemas estavam para chegar, o medo do alemão invasor começava a tomar forma e influenciar a sociedade. Os posicionamentos de Barbosa definitivamente teriam um impacto nas comunidades alemãs de todo o país, não nos esquecendo que era um dos principais nomes da chamada “Liga Brasileira pelos Aliados”, que reunia políticos, jornalistas e intelectuais brasileiros, cuja pressão conseguiu até retirar o então ministro das Relações Exteriores Lauro Müller de sua pasta, devido à sua origem; além disso, aprofundavam e difundiam o medo do “perigo alemão” e se opunham à imigração e aos imigrantes alemães (CLARO, 2014).

A paz termina em pedradas

A ideia de retaliação aos torpedeamentos de navios brasileiros era veiculada pela nação, com todo o descontentamento gerado pelas perdas decorrentes. Vemos a notícia das intenções que empregados da área de navegação estavam planejando realizar contra os alemães no país:

> — A «Gazeta de Notícias» diz saber que o pessoal empregado em importante companhia de navegação resolveu, caso qualquer navio ou vida de brasileiro seja atingida pelos submarinos, tomar immediata desforra atacando as casas dos allemães aqui residentes.
> Esta informação tem sido muito commentada em todas as rodas, receiando-se que a nota possa ter confirmação em vista da suggestão dessa folha.
> (O Alpha, 15 fevereiro 1917)

Apesar dessa notícia ter sido veiculada no jornal "O Alpha", as questões contra os alemães de Rio Claro não estavam maturadas, a comunidade era parte da sociedade e não havia animações quanto à sua estadia. O município convivia com os alemães, sem maiores dificuldades momentaneamente, o problema foi que outros municípios começaram a notar e apontar essa relação que desaprovavam. Podemos ver comparações de Rio Claro a outras localidades e seus problemas, transformando o município em exemplo a não ser seguido. Eis que as acusações de germanofilia começavam a aparecer, como uma cobrança "externa" para que houvesse demonstrações e tratassem do "problema" germânico presente:

> **Rio Claro e o conego**
>
> A cidade de Rio Claro, como sempre, envergonhando o Estado! O facto della ser uma das unicas cidades que, até agora, não se manifestaram sobre o grande momento, não é estranhavel, visto achar-se debaixo do dominio «absoluto» de germanophilos e especimens semelhantes a V. de Castro.
>
> Por tudo isto, aconselhamos ao "ilustre" conego Valois que se mude para o Rio Claro, de corpo e alma, e assuma a direcção suprema do germanismo local, pois só assim terá garantida a sua reeleição na próxima legislatura. Além disso, Rio Claro, actualmente, póde servir de reducto inexpugnável ás suas ambições politicas.
>
> 14 da Abril de 1917.
>
> *Sphinx*.
>
> (D'sO Estado de São Paulo».)
> (O Alpha, 17 abril 1917)

Conhecedores da desaprovação dos olhos que rodeavam Rio Claro, dos artigos críticos ao município em jornais vizinhos, alguns planos de manifestações patrióticas começaram a ser realizados. O dia 15 de abril teria então a resposta, com um dia amplo de manifestações e discursos nacionalistas:

> Contrariamente ao que *Calabar Junior* escreveu pela secção livre do *Jornal do Commercio*, de hontem, Rio Claro não se conservará indifferente ao que se passa em todo o Brasil, em relação ás manifestações de solidariedade ao governo da Republica, em face do torpedeamento do "Paraná" e conseguintemente do desrespeito ao pavilhão nacional.
>
> A nossa cidade, onde se aninham, nos mais expressisivos laços de camaradagem, todos os elementos nacionaes e extrangeiros, tem tambem uma historia

> politica e jámais se submetteu a quaesquer actos que podessem desfazer a sua tradição honrosa.
>
> A prova de tanto é a sua conducta civilisada não querendo, quando a effervescencia de momento poderia provocar, uma exaltação popular, expor-se a qualquer incidente que perturbasse um patriotismo sadio. Hoje, esse mesmo povo que tem O seu nome ligado aos feitos da Republica no Brasil, cumprirá o seu dever civico, pondo-se ao lado do sr. Wenceslau Braz no gesto honroso de desaggravo á affronta soffrida pelo Brasil.
>
> Um *meeting* se realisará no jardim publico, ás 6 horas da tarde, fallando, além de outros oradores, o sr, dr. Anatole Salles.
>
> Na Sociedade Italiana, com presença do exmo. sr. agente consular da Italia, especialmente convidado, fallará o joven Ruben Faro e á frente de nossa redacção o sr. Epaminondas Arruda.
>
> Além dessas manifestações, para que serão convidados todos os brasileiros e outras pessoas solidarias com a patriotica causa, a nossa camara, em reunião de amanhã, segundo estamos informados, votará uma moção de applausos ao governo federal pela sua attitude honrosa diante do torpedeamento do "Paraná" em que foi postergado um direito internacional, sacrificadas vidas de brasileiros e desrespeitadas as nossas prerogativas de paiz neutro.
>
> Estamos convencidos de que as manifestações de hoje se verificarão dentro de todo o respeito e ordem e isso será mais um attestado da nossa cultura.
> (O Alpha, 15 abril 1917)

Estavam convencidos de que nenhuma desordem ocorreria, mas o dia 15 iria se mostrar o oposto do esperado. As manifestações durariam o dia todo, passando por diversas partes da cidade, onde realizavam paradas e faziam discursos entusiastas de nacionalismo. Um resumo do que foi o dia 15 pode ser visto na descrição parte por parte feita pelo "O Alpha", desde os movimentos patriotas até os excessos violentos:

> Rio Claro, desmentindo as mofinas das secções livres das folhas paulistanas, entrou, ante-hontem, no contingente nacional das cidades que vêm apresentando o seu beneplacito ao governo da União, relativamente ao seu patriotico gesto de rompimento de relações com a Allemanha, em desaggravo á affronta recebida com o torpedeamento do vapor "Paraná".
>
> Obedecendo uma convocação feita por esta folha por um grupo de brasileiros, reuniu-se na tarde de domingo, no jardim publico, grande massa de povo.
>
> Tocando no coreto a banda do "Gremio", como signal da festa nacional, ás suas ultimas notas assomou á tribuna o talentoso moço Ruben Faro que, impugnando, numa bonita oração, o acto germanico affrontoso aos nossos direitos, recebeu calorosos applausos. [...] Depois disso, a reunião, á frente um grupo de moços empunhando o pavilhão nacional e outros dos paizes alliados, deslocou-se rumo á Sociedade Italiana, á rua 3, onde, com muita emoção orou o sr. Pedro Alcantara, que recebeu, das pessoas que enchiam o predio, entre ellas o agente consular italiano, a quem se endereçava a saudação, fartos applausos.
>
> Respondendo a essa saudação fallou, no idioma de Dante, como representante do paiz nosso irmão, o sr. Caetano Pezzotti que profligou o gesto tedesco, protestando a sua solidariedade ao Brasil.

> Num fremito de enthusiasmo, o povo partiu seguindo até à residencia do dr. Achilles Ribeiro, integro juiz de direito desta comarca onde orou com a sua eloquencia patriotica, o joven Ruben Faro.
>
> Respondeu aquelle illustre magistrado, com palavras cheias de patriotismo e medidas na sua compostura de primeira auctoridade da comarca. Calorosamente applaudido, o dr. Achiiles foi succedido com a palavra pelo seu visitante dr. Mario Aranha a quem uma voz da multidão increpou de germanophilo.
>
> O illustre moço, num arroubo patriotico, declarou-se um soldado brasileiro, desfazendo o ambiente anti-patriotico que se lhe cervava. [...]
>
> Depois o prestito, formado de uma multidão que enchia ruas e deslumbrava as vistas de todas as exmas. famílias postadas nas janellas, dirigiu-se á nossa redacção. [...] Estava a avenida 4 litteralmente cheia nos seus primeiros quarteirões. Destacado para saudar O ALPHA fallou o moço José Pezzotti, De uma das janellas da nossa redacção, respondeu o nosso companheiro Sebastião Camargo.
>
> Sempre precedido pela banda do Gremio, o povo dirigiu-se ao jardim onde o joven Ruben Faro, um dos encarregados do meeting, ordenou a dissolução.
>
> Foi pena que, depois de todo esse brilhantismo, se verificassem alguns actos que, si bem contados á conta de moleques, em conluio com alguns exaltados que se diz serem elementos de fóra, sendo apedrejados o «Diario», algumas casas allemãs e outras assim presumidas como a do sr. Germano Müller, brasileiro e auctoridade polícial, fabrica de calçados Hoffmann, companhia internacional.
>
> Foi de notar o que se fez na Escola Allemã, onde, além de apedrejamento do collegio, onde ha muitos internos brasileiros, se destruisse muros do templo lutherano,
>
> Essa nota dissonante, estamos seguros—não obedece ao civismo do nosso povo ordeiro e sim a pessoas sem responsabilidade, que aproveitando a opportunidade, se prestaram a uma instigação impatriotica.
>
> O dr. delegado, que garantiu, com o seu minusculo destacamemto, a redacção do Diario, procedeu com toda a calma, conseguindo evitar factos graves.
>
> Tendo sido, como foi, perturbada a ordem, s. s, pediu reforço para S. Paulo, tendo chegado hontem, pela manhã 30 praças do 4.º batalhão, sob o commando do alferes Fernando de Oliveira Moraes.
>
> (O Alpha, 17 abril 1917)

A maior parte dos ataques teria ocorrido após a dissolução da manifestação, contudo conseguimos perceber que o próprio ato possuía tom acusatório e violento, omitido da descrição, onde vemos um rapaz sendo acusado de "germanófilo" e tendo que se defender. Mais do que isso, temos a transcrição da ata da Câmara Municipal de Rio Claro do dia seguinte ao apedrejamento, no qual o presidente da sessão, José Ribeiro de Almeida Santos Filho, relata:

> [...] Assim dizendo, quero que fique ainda constatada a nossa reprovação aos actos de irreflexão levados ao excesso e mesmo a selvageria, commettidos pelo grupo que perambulou pelas nossas ruas em a noite de hontem, movimento muito de louvar se houvesse terminado como teve principio. Devemos timbrar em declarar que, para honra dos fóros de civilização da nossa cidade – jamais desmentimos – não cabe aos dirigentes dos nossos poderes constituidos, tão pouco aos orientadores da politica dominante o labéo da responsabilidade pelas violencias [desateriaes] verificadas na ultima noite.

> Fui presente ao meting organizado no Jardim Publico, como simples espectador acompanhando o desfile da passeata até a residencia do Ex.mo Dr. Juiz de Direito, momento em que nada pronunciava a ira que mais tarde se desencadeou.
>
> Fui presente ao meting para certificar-me do que diriam os seos oradores, moderados apesar do seu patriotismo, mas os seos promotores não tiveram entre os grupos que reuniram, o prestigio bastante para evitar que até mesmo compatricios nosso – aliás autoridades - simplesmente por serem portadores de sobre nome de origem Germanica, fossem desfeiteados e soffressem damnos materiaes, pela sanha de irresponsaveis desconhecedores até dos comesinhos sentimentos de humanidade.
>
> Compatriota e brasileiro como quem mais seja, desejo a consignação de uma reprovação a ates actos que só produziram o effeito de empanar e diminuir o brilho do comicio patriota a que assistimos. [...]
>
> (RIO CLARO, 16 abril 1917)

Segundo o relato, os problemas se apresentaram já nas manifestações, com indivíduos de sobrenome alemão sendo marcados e sofrendo danos materiais. Apesar de não delimitar o horário, o relato indica que tenha acontecido durante o "*meeting*" também momentos problemáticos. De todo modo, o apedrejamento foi a casas particulares, comércios e à Escola Alemã e Igreja Luterana, ou seja, foi visada toda a sua presença no município: religiosidade, educação, trabalho e até vida familiar. Já estava ali destacado, por vias destrutivas, os objetivos persecutórios, de se libertarem espacial e culturalmente dos alemães e seus "aliados", ou seja, aqueles que não concordassem com tais excessos.

Devemos realizar comparação com os dados obtidos e trabalhados no mestrado (BOVO, 2019), onde vimos diversos questionamentos a respeito de como foram os atos de violência. As entrevistas e documentos mostravam uma suavização do que aconteceu, como sendo algo esporádico e rápido, abordando o apedrejamento da Escola e Igreja, com poucas referências de casas particulares e/ou comércios também sendo alvos. Juntando as análises, podemos afirmar que tais relatos atenuantes são resultados destes períodos na cultura, *habitus* e tradição oral dos indivíduos: evitam os detalhes e aprofundamentos, para refrear o retorno de tais problemas. O que nos é inédito com a análise dos jornais, é a continuação persecutória que se seguiu, nos dias seguintes aos apedrejamentos, repetindo-se no fim do mesmo ano e do seguinte.

Quanto ao dia 16, outra manifestação foi realizada, na qual imposições foram feitas aos descendentes de alemães e os "germanófilos" para que não tivessem problemas:

> —Da força hontem chegada foram destacadas guardas para o *Diario do Rio Claro* e casas allemãs que pediram garantias. [...]

> —Ainda hontem, sem que se registrasse factos desagradaveis, repetiram-se as manifestações patrioticas da vespera.
>
> A avenida 1 esteve cheia e apenas alguns mais exaltados, exigiram que se desfraldasse o pavilhão nacional em casas tomadas como germanophilas. A sua exigencia foi promptamente attendida evitando-se, desse modo, qualquer incidente. [...]
>
> —Hontem o povo continuou suas manifestações, enchendo a avenida 1. As casas de brasileiros de origem germanica, hastearam em suas fachadas o pavilhão do Brasil. (O Alpha, 17 abril 1917)

Como medida protetiva, contra outra ordem de apedrejamentos, as casas de descendentes tiveram que colocar a bandeira brasileira em suas portas para evitar ataques. Mesmo a presença de guardas no local não evitou que os "mais exaltados" impusessem o hasteamento à parte da população.

No dia 18, o jornal O Alpha realizou uma apuração completa do ocorrido do dia 15 ao dia 17, mostrando que não foi um movimento de uma madrugada as ações excessivas de patriotismo. Destaca-se no artigo a crítica feita ao policiamento, afirmando que não haveria razão para este; as propriedades alemãs comprando e procurando bandeiras brasileiras para "mostrar solidariedade", ou seja, evitar vandalismos; e o manifesto de italianos de apoio ao Brasil e de distanciamento de atos questionáveis:

> Promovendo meios de evitar desacato a propriedades allemãs, a nossa cidade está perfeitamente policiada.
>
> Com todo o respeito, grupos de patriotas percorreram hontem a cidade dando vivas ao Brasil. A policia, de modo muito circumscripto, fez distribuir um boletim que reproduzimos em outro logar. À ignorancia da sua determinação, que quasi importa num estado marcial, deu origem a que cidadãos pacatos, innocentemente reunidos fossem, no jardim publico vitimas de susto quando a policia desembainhou os seus espadins.
>
> Esse acto, cujo protesto foi trazido ao nosso conhecimento, importa num desrespeito ao proprio, paiz, evitando que o povo conserve livres os seus direitos de expansão patriotica, dentro dos limites da ordem. Si se tratasse da reproducção de casos anteriores, a força tinha razão de medidas extremas.
>
> Entretanto, quando o povo, ordeiro dá os seus vivas e morras como, em todo o Brasil, hoje se dá, uma exhibição armada poderá ser causa de incidentes deploráveis.
>
> E' necessario, portanto, que as auctoridades que garantem a nossa ordem procurem agir com calma uma vez que actos subversivos não reclamem energia.
>
> E' o que desejamos, uma vez que a policia tem a obrigação de estabelecer a ordem e nunca promover a exaltação publica.
>
> —Hontem chegou a esta cidade um piquete de cavallaria. Desse modo, com os reforços de 70 praças ante-hontem e hontem chegados, forma-se um total bastante para qualquer emergencia subversiva seja suffocada. O que convem é que os serviços sejam feitos sem os assomos bellicos de hontem, o que impor- ta em medida extrema, sem aviso previo, como fazem os submarinos do kaiser. [...]

> —As propriedades allemãs foram hontem garantidas bem como o "Diario do Rio Claro"
>
> A cidade conservou-se com toda a calma. [...] Deus queira que Rio Claro, fóra o temor que amedrontra a nossa policia, requisitando forças, sem nenhuma razão, de momento a momento, possa voltar á sua normalidade.
>
> —Os estabelecimentos allemães e casas particulares assin tidas, tiveram hontem o pavilhão nacional hasteado. A procura de bandeiras tem sido enorme, o que demonstra a solidariedade do elemento germanico à nossa causa ou seja um respeito á lei que nos protege.
>
> Tudo isto é brilhante e não há, absolutamente, nenhum motivo para desacatos.
>
> Assim devemos seguir como seguir deve, assim, todo o Brasil.
>
> —Uma commissão de distinctos italianos subscreve hoje um manifesto de solidariedade ao Brasil, solicitando para elle o apoio de todos os seus compatriotas bem como abstenção de quaesquer actos que possam desfazer a epopeia que hoje se verífica em face dos acontecimentos que determinaram o momento historico que atravessamos.
>
> (O Alpha, 18 abril 1917)

As manifestações foram intensas e não fechadas a um dia, havendo sua continuação nos dias seguintes, mesmo com a presença dos guardas armados. A presença requerida destes militares era criticada, mas após o caso de apedrejamentos, o medo era destas perderem o controle, não necessariamente uma preocupação genuína com o grupo alemão.

Adicionalmente, deparamo-nos com uma notícia que poderia indicar uma (suposta) manifestação da comunidade alemã ao ataque promovido:

> **As ameaças da Colonía Allemã**
>
> Faço sciente ao publico desta cidade que hontem o sr. Antonio Hoffmann chamou particularmente o meu cunhado (sr. Benedicto Athayde) e commnunicou-lhe que a Colonia Allemã tinha lhe avisado de que eu estava "marcado" como um dos chefes das depredações contra a egreja allemã. E os senhores membros da Colonia tiveram a ousadia de avisar que eu me deveria retirar do Rio Claro por dois mezes! Como se nos estivessemos na Belgica sob as botas do Kaiser!
>
> Eu estive na manifestação como bom brasileiro que sou para desaffrontar a honra da nossa Patria ultrajada pelos piratas, mas não arremecei pedras como pretendem os calumniadores allemães.
>
> Sou filho de italiano e cidadão brasileiro e portanto nada temo do odio dos inimigos da nessa querida Patria. Aqui estou e aqui ficarei deixando os mentirosos gritarem, Não apedrejei casa de allemães porque não sou covarde como os germanophilos que perseguem os inocentes.
>
> Durante os ataques contra o "Diario" eu estive ao lado do sr. Rubem Faro para acalmar os patriotas exaltados.
>
> Basta, porque os calumniadores não merecem mais palavras!
>
> *Mario Luiz Segante*
>
> (O Alpha, 20 abril 1917)

Não vimos continuação da questão, se foi real ou invenção, não havendo frutificação dessas ameaças ou de sua acusação. Mesmo assim vale o destaque, também pelo nome que reaparecerá novamente mais adiante, o de "Rubem Faro", um dos oradores da manifestação e cujo jornal que era diretor realizava ataques e ofensas à comunidade alemã. O que nos revela essa notícia, é a animosidade que existia, e que o conflito poderia se tornar mais violento, pois mesmo diante da possibilidade da ameaça ser falsa, ela foi tomada como válida dada a visão e interpretação que tinham a respeito dos alemães. O medo que sentiam da comunidade imigrante tornava tais ameaças como reais, independentemente do que pode ou não ter ocorrido.

Tal como abordamos no mestrado (BOVO, 2019), há alguns relatos de fora que comentam de encontros, ou possibilidades desses, mais diretos e violentos durante a noite do apedrejamento de 15 de abril. Como o relatório de Keller (1919) que tratou da quase ocorrência de resposta alemã armada imediatamente ao apedrejamento da escola e igreja, visando proteger o pastor Kölle; tal qual o comentário de Luebke (1987, p.138-139) sobre os vândalos forçarem o pastor a beijar a bandeira do Brasil após as depredações.

O que sabemos ao certo é que as atitudes alemãs rio-clarenses foram a de afirmarem lealdade ao país hospedeiro, comprarem e hastearem bandeiras para evitar mais ataques e de pedirem ajuda policial para garantir sua segurança. Não afirmamos ser impossível que alguns tenham se posicionado a favor dos torpedeamentos e/ou tenham ameaçado pessoas que supostamente teriam feito parte dos apedrejamentos. De toda forma, o estranhamento e a vigilância se aprofundavam, e os apedrejamentos não ficariam apenas como discussão no município, a sua ação tornava-se conhecida e noticiada.

Rio Claro, o Brasil e o Mundo

Rio Claro, cidade do interior de São Paulo, viu-se criticada externamente pela sua "inação", realizaram-se, assim, protestos que duraram alguns dias. Excessos ocorreram, bem como em outros locais do país, os quais eram noticiados conforme a violência observada. Os ataques a casas, comércios e até jornais aconteciam nas cidades possuidoras de uma comunidade germânica (DARÓZ, 2024, p. 91-92), com tais acontecimentos reverberando pelo país e pelo mundo, que também notariam e relatariam os atos de violência.

A situação, desse modo, não poderia ser considerada apenas local, pois a relação entre as escalas é evidente: o que acontecia fora implicava no município, e o que ocorria nele

implicava ao mundo. Pensando em escalas não apenas geográficas, mas também humanas, as relações que se estabeleciam entre nações, estados federais, municípios, grupos, famílias até chegar no indivíduo, dialogavam e se interiorizavam.

Os ataques sofridos foram noticiados pelos jornais paulistanos, como podemos ver nos seguintes excertos, tratando dos ataques e do pedido de ajuda da polícia:

> **O Brasil e a Allemanha**
> ***Os ultimos acontecimentos***
> A repercussão em S. Paulo
> **Os comícios de hontem**
>
> [...] EXCESSOS EM RIO CLARO
>
> O sr. secretario da Justiça e da Segurança Publica recebeu comunicação do delegado de policia de Rio Claro de que ali se realizaram manifestações patrióticas, durante as quaes exaltados praticaram excessos perturbando a ordem.
>
> Em vista disso, sua exc. determinou que embarquem hoje, pelo primeiro trem, para aquella cidade trinta praças para reforço do destacamento local.
>
> (Correio Paulistano, 16 abril 1917)

> **OS SUCCESSOS DE RIO CLARO**
>
> De Rio Claro, o delegado regional, sr. dr. Juvenal de Toledo Piza, telegrafou hontem ao sr. dr. Thyrso Martins, delegado geral, comunicando que a cidade se encontra aparentemente calma, mas que correm boatos alarmantes de que os operarios da companhia Paulista vão adherir á agitação patriotica que se tem manifestado nestes ultimos dias.
>
> Deante disso, o sr. delegado geral fez seguir para Rio Claro, pelo trem das 16 horas, um piquete de 15 praças de cavallaria e telegrafou á directoria da Companhia Paulista pedindo que invertiesse junto aos seus operarios no sentido de demovel-os da idéa de se associarem ao movimento.
>
> Hontem mesmo, a directoria da Paulista respondeu ao sr. delegado geral garantindo que não se dará a adhesão dos operarios, pelo que nada se deve temer da parte delles.
>
> O delegado do Rio Claro telegrafou novamente, á noite, communicando ter chegado o piquete de cavallaria, que vai ser empregado no policiamento da cidade.
>
> (Correio Paulistano, 18 abril 1917)

Os excessos, assim eram noticiados, contudo, as manifestações e ações violentas também chegavam ao conhecimento de outros países – os quais similarmente possuíam problemas com sua comunidade imigrante alemã –, como podemos ver:

> RIO DE JANEIRO, April 21.-The Brazilian steamship Corcovado, from Funchal April 12 for Havre, was chased by a German submarine en route, it was learned today, and was compelled to take refuge in a Spanish port. A report is current that the Brazilian steamer Belem has been torpedoed by a German submarine, but this is without confirmation. With the exception of Porto Alegre, where there have been strikes and anti-German demonstrations, and Rio Claro, where some disorders of little

> importance occurred, the manifestations in Brazil have been of a purely patriotic character-simply a protest against the torpedoing of the steamer Parana. At the present time order has been re-established everywhere. It is impossible, however, to conceal the fact that the calm is rather on the surface. In the present state of feeling the smallest event would cause an outburst. (The New York Times, 22 abril 1917)[12]

De modo similar ao The New York Times, pudemos constatar outros jornais com escrita similar aos acontecimentos de Rio Claro, mesmo que com pequenas alterações e cortes na informação, alguns mais curtos ou longos. De todo modo, encontramos a notícia nos jornais norte-americanos: "New York Herald" de 19 de abril de 1917; no "The Los Angeles Times"[13], "St. Louis Post-Dispatch"[14], "The Montgomery Advertiser"[15], "Evening Star"[16] e "New York Tribune"[17], datados de 22 de abril de 1917. Quanto aos jornais ingleses, alguns exemplos foram: "The Evening Star"[18], "Bradford Daily Telegraph"[19], "Hartlepool Northern Daily Mail"[20], "Burton Daily Mail"[21], "Sunderland Daily Echo and Shipping Gazette"[22], "Dundee Evening Telegraph"[23] (Escocês), "Lincolnshire Echo"[24] e "Globe"[25] de 18 abril de 1917; "Newcastle Journal"[26] de 19 abril 1917; "The Civil & Military Gazette"[27] de 20 abril 1917. Deparamo-nos, até mesmo, com jornais australianos dando notas sobre o assunto, como: "The Bendigo Advertiser"[28], "Goulburn Evening Penny Post"[29] e "The Sun"[30], de 19 de abril de 1917.

Não se trata, obviamente, de notar grandes diferenças, tendo em vista que a matéria é do mesmo conjunto associado de imprensa. O que demonstramos, com isso, é que a revolta em Rio Claro chegou a se tornar notícia de atenção internacional, mesmo que em pequenas notas.

---

[12] Disponível em: https://archive.org/embed/sim_new-york-times_1917-04-22_66_21638_0
[13] Disponível em: https://archive.org/embed/sim_los-angeles-times_the-los-angeles-times_1917-04-22
[14] Disponível em: https://archive.org/embed/per_st-louis-post-dispatch_1917-04-22_69_246
[15] Disponível em: https://tile.loc.gov/storage-services/service/ndnp/au/batch_au_dickerson_ver01/data/sn84020645/00517017164/1917042201/0287.pdf
[16] Disponível em: https://tile.loc.gov/storage-services/service/ndnp/dlc/batch_dlc_koozbanian_ver01/data/sn83045462/00280658996/1917042201/0151.pdf
[17] Disponível em: https://tile.loc.gov/storage-services/service/ndnp/dlc/batch_dlc_thompson_ver02/data/sn83030214/00206532130/1917042202/0443.pdf
[18] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0001708/19170418/056/0003
[19] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000629/19170418/165/0006
[20] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000377/19170418/057/0003
[21] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0001119/19170418/018/0001
[22] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000289/19170418/122/0006
[23] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000563/19170418/004/0001
[24] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000332/19170418/049/0003
[25] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0001652/19170418/026/0003
[26] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0000569/19170419/204/0010
[27] Disponível em: https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/viewer/bl/0003221/19170420/037/0004
[28] Disponível em: https://trove.nla.gov.au/newspaper/article/90121819
[29] Disponível em: https://trove.nla.gov.au/newspaper/article/98884681
[30] Disponível em: https://trove.nla.gov.au/newspaper/article/221978384

De modo comparativo, ao vermos as memórias mantidas dos ataques, percebemos que as tentativas de abafar a questão tiveram um "adversário" à altura: os apedrejamentos estavam em jornais do município, do Brasil e no estrangeiro, ocultá-los completamente se tornava difícil. A notícia, literalmente, havia rodado o mundo.

Apesar da repercussão dos excessos ocorridos, vemos um artigo de seção livre do jornal "O Estado de São Paulo" sendo publicado no "Alpha", comemorando a "libertação" de Rio Claro, onde a população sabia fazer o "germanismo" fugir através de pedradas:

> **Secção livre**
> **Rio Claro está de pé!**
>
> Os brios do povo rio-clarense foram, finalmente, desaffrontados. A extraordinaria manifestação de hontem não permitte mais nenhuma duvida sobre o profundo divorcio da população toda com o germanophilismo dominante na localidade.
>
> As vaias, as formidaveis assuadas dirigidas ao orgam germanophilo offícial attingiram em cheio os seus chefes.
>
> E a confiança do povo nos seus actuaes "representantes" deve ter desapparecido por completo, como consequencia logica dos acontecimentos,
> Na imminencia de uma guerra com o paiz que alli conta com adeptos fervorosos no poder, O povo acaba de assumir a mais digna das atitudes, manifestando aberta e fervorosamente o seu devotamento á patria.
>
> Está encetada a libertação daquelle povo do jugo "absoluto" do germanismo que O asphyxia ha longos annos.
>
> Agora, já não se pode aconselhar ao "ilustre" conego Valois de Castro que se mude para o Rio Claro, porque, ainda que lá elle tivesse a protecção dos germanophilos do poder, o povo saberia correl-o a pedradas daquella altiva cidade.
> 16—4—1917.
>
> PATRIOTA.
>
> D"'O Estado de S. Paulo".
> (O Alpha, 18 abril 1917)

Era o ato de "aprovação" do olhar externo ao município, ao menos por enquanto. "Rio Claro está de pé!" poderia simbolizar as manifestações somente, um pedido de nacionalismo em momento sensível da história nacional. Contudo, a afirmação de "germanofilismo" e o elogio dos apedrejamentos nos mostra um posicionamento de ataque étnico incluso, simbiôntico ao pensamento nacionalista. Também demonstrava o controle que exerciam sobre o município, que foi cobrado e atendeu às demandas.

Além da influência externa direta, vemos os "problemas" nacionais chegando, referentes aos agrupamentos alemães pelo Brasil, mesmo que não falassem de ou sobre Rio Claro. Os casos mais numerosos e diretos eram o do pavor da "germanização" que supostamente estaria ocorrendo na região Sul, com maior quantidade de imigrantes alemães:

> O numero de allemães existentes no Rio Grande do Sul
> Telegrapham do Rio que um conhecedor do Estado do Rio Grande do Sul fez uma estatistica, a qual revela que, para uma população de .... 1.782000 habitantes, que é aproximadamente a do Estado, ha 360200 individuos de origem allemã, (O Alpha, 20 abril 1917)

Devido às quantidades, o pânico da germanização se instaurava, com a constatação de que esses grupos estavam exercendo sua cultura e identidade. Vemos então uma notícia, vinda de Florianópolis, que discorda da teoria da germanização do Sul, contra-argumentando:

> **A GERMANISAÇÃO DO SUL**
>
> Dizem de Florianopolis que o "Dia" publicou, ha dias, sob o titulo "Verdadeira verdade", um editorial tratando da campanha sobre a falada germanisação deste Estado.
>
> Nesse artigo, tratou dos boatos alarmantes em circulação, sobre a existencia de submarinos e aeroplaos, de depósitos de armamentos e concentração de allemães no território do Estado, boatos cuja improcedência o general Barbedo acaba de proclamar, sob a responsabilidade do seu cargo e do seu nome.
>
> Diz aquelle jornal que essa campanha visa fins partidarios e affirma estar restabelecida a verdade dos factos, porquanto não ha o apregoado perigo allemão.
>
> Acerescenta o «Dia» que o unico culpado de alguns inconvenientes que têm occorrido no Éstado com relação á colonisação allemã, é o governo, que fundou nucleos de immigrantes de uma só raça, abandonando-os á propria sorte sem nada fazer para a sua nacionalisação, como em Blumenau e Urussanga.
>
> Em Blumenau, acrescenta aquella folha, fala-se a lingua allemã, em Urussanga, bem, como em Nova Trento, Nova Veneza e Nova Belluno se fala o idioma italiano.
>
> Sobre os filhos de italianos nascidos no Brasil os consules da Italia querem intervir, como se a lei italiana regesse os destinos dos filhos de italianos nascidos no Brasil.
>
> Contesta ainda o "Dia" o fundamento para os receios de um "perigo allemão" e termina o longo editorial elogiando a administração e a personalidade do coronel Felippe Schmidt, que é o unico visado nessa campanha de mentira e de odios pequeninos.
> (O Alpha, 12 junho 1917)

Alguns elementos se destacam na notícia, principalmente a coexistência do ideal assimilacionista com a contrariedade de um "perigo alemão" na região. De igual modo aos conflitos políticos que desenrolavam em Rio Claro, onde descendentes de imigrantes alemães conseguiram postos políticos, o Sul sofria uma onda de boatos visando atacar esses líderes de origem germânica. A acusação então volta-se ao governo, que não tem se empenhado na "nacionalização" dos imigrantes, com a língua alemã predominando em alguns municípios, sendo também comentado daqueles que a predominante é o italiano, onde uma influência dos cônsules italianos é criticada. O artigo, assim, acaba nos mostrando a questão do "perigo

alemão", da "necessidade" de nacionalização e uma crítica às comunidades italianas. Apesar de serem "latinos" como a parte portuguesa da chamada brasilidade, os italianos estavam incomodando pela sua presença cultural.

As ideias de infiltração e espionagem não eram apenas dos estados sulinos e sudestinos, como vemos na notícia referente ao suposto aparecimento de dois alemães para observarem um paiol de pólvora no Nordeste:

> **A espionagem em Pernambuco**
>
> A policia de Recife teve, ha dias, denuncia do apparecimento de estrangeiros no paiol de polvora, situado no logar denominado Imbiribeira
>
> Aberto inquerito pelas auctoridades, depuzeram varios soldados dalli, havendo indicios vehementes de que dois allemães se approximaram do paiol.
>
> O inquerito prosegue.
>
> (O Alpha, 23 junho 1917)

O medo e decorrente vigilância aos "inimigos infiltrados" eram processos que se fortaleciam mutuamente. No dia 25 de outubro de 1917 era declarado o decreto nº 3.361, do reconhecimento da guerra contra a Alemanha, em resposta ao recente afundamento de um navio brasileiro (DARÓZ, 2024, p. 101-103). Conjuntamente, o sentimento de vingança, que já estava presente, intensificava-se com a sequência de notícias do perigo, com os torpedeamentos sendo a razão de explosões desse descontentamento.

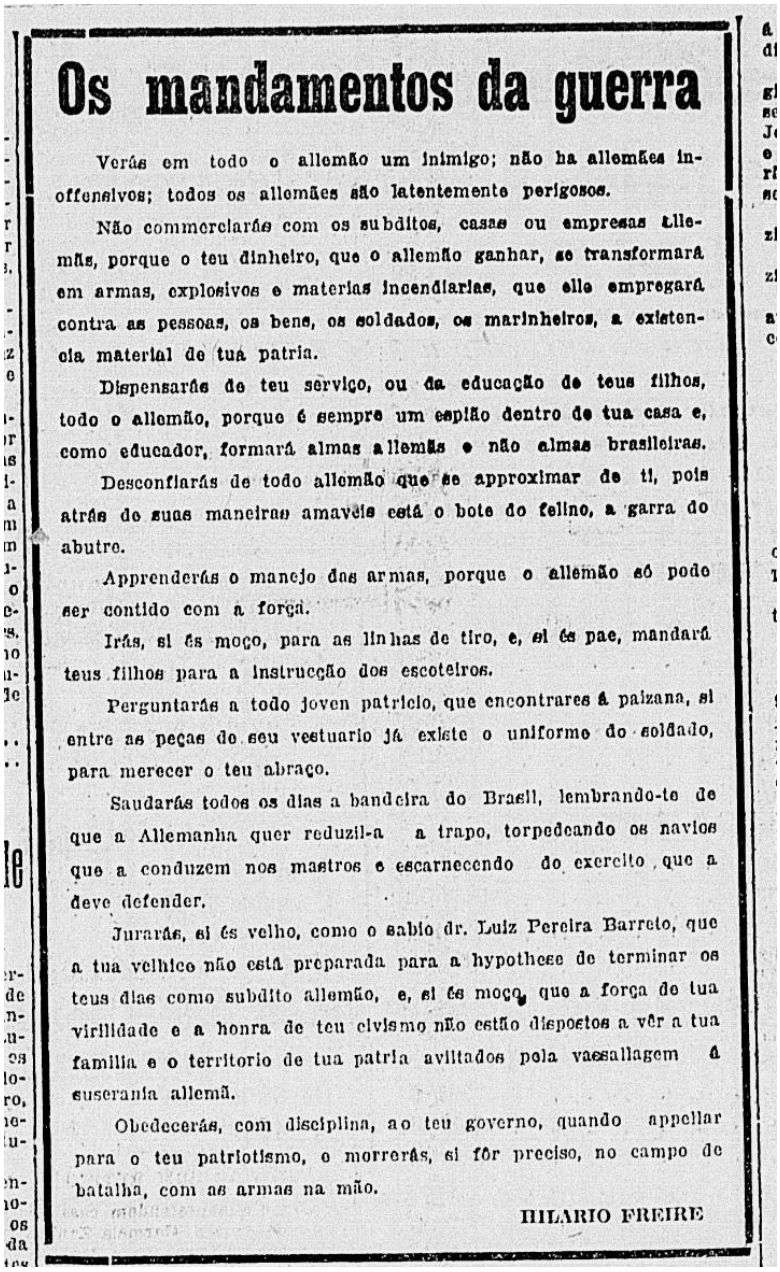
Os ímpetos, de tal modo, motivados pelo revanchismo e pelo medo da ação de supostos espiões infiltrados nas comunidades de origem alemã, vão se tornando incontroláveis. Com isso, novas ondas de ataques voltam a assolar o grupo étnico, com planos violentos abarcando todo o território nacional:

> **Ataques ás propriedades allemãs**
>
> O QUE DIZ A «GAZETA DE NOTICIAS»
>
> Referindo-se aos ataques de que têm sido victimas algumas casas allemãs, no Rio Grande do Sul, em Petropolis e no Rio de Janeiro, o matutino carioca "Gazeta de Noticias" diz que essas explosões são perfeitamente justificáveis:
>
> "Desde agosto de 1914, que o publico do Brasil, francamente alliadophilo, exigia guerra e emquanto isso tinhamos, por obra dos dirigentes, em que todos confiavamos, a neutralidade modelar, Agora continuamos a apoiar a acção do sr. presidente da Republica, mas achamos imprescindível o assalto ás casas alemãs. [...] Precisavamos de desabafar e este desabafo foi aquelle que primeiro estava ao alcance de nossas mãos. Não nos envergonharemos com elle... Povos que se gabam de ser mais civilisados que nós fizeram peor. E nós estavamos, como estamos, convictos de que a organisação germanica entre nós é uma coisa formidavel, que se não destruirá com simples decreto. [...]"

> O sr. presidente da Republica, porém, é que não poderia permittir que se estabelecesse o saque no Rio de Janeiro. Ao governo impunha-se a repressão. Todavia, ella foi feita pela policia com uma fatta de senso, com um energumenismo tão evidente e tão reprovavel que o articulista chegou a receiar pelo successo. A pata de cavallo, parece-lhe, não é o melhor dique para conter justas expansões patrioticas. Felizmente, o policiamento está agora confiado também ás forças do Exercito, que se vêm desempenhando dessa missão com grande criterio e correcção.
> (O Alpha, 7 novembro 1917)

A imprensa estava corroborando com os ataques, justificando-os, como atos esperados e até necessários. Um dos argumentos é a "organização germânica entre nós", a qual necessitaria força física para contenção, era a construção do "perigo alemão" dando os seus frutos. Novamente, vemos a crítica à ação policial no impedimento dos ataques, o que é evidência da hegemonização do argumento do "revide", de que a depredação (e até saque ou assassinato) seriam justificáveis contra esse grupo da sociedade.

Os sentimentos contrários a Alemanha continuavam a se fortalecer e a inconformidade com os ataques trazia um desejo de vingança militar. O assunto era cotidiano, com os jornais de todo o país trazendo notícias do conflito na Europa, e os ataques a navios brasileiros vinham a fortalecer ainda mais o ímpeto da população. Fortaleciam-se os argumentos e discussões a respeito do que se deveria fazer com os alemães, suas propriedades e seu envolvimento social. Aparece então nos jornais do estado, com reimpressões em vários dias, um conjunto de "mandamentos" que deveriam seguir para combater esse inimigo (imagem 1) e, em Rio Claro, no "Alpha" do dia 11 de novembro.



Os mandamentos da guerra

Verás em todo o allemão um inimigo; não ha allemães inoffensivos; todos os allemães são latentemente perigosos.

Não commerciarás com os subditos, casas ou empresas allemãs, porque o teu dinheiro, que o allemão ganhar, se transformará em armas, explosivos e materias incendiarias, que elle empregará contra as pessoas, os bens, os soldados, os marinheiros, a existencia material de tua patria.

Dispensarás de teu serviço, ou da educação de teus filhos, todo o allemão, porque é sempre um espião dentro de tua casa e, como educador, formará almas allemãs e não almas brasileiras.

Desconfiarás de todo allemão que se approximar de ti, pois atrás de suas maneiras amaveis está o bote do felino, a garra do abutre.

Apprenderás o manejo das armas, porque o allemão só pode ser contido com a força.

Irás, si és moço, para as linhas de tiro, e, si és pae, mandará teus filhos para a instrucção dos escoteiros.

Perguntarás a todo joven patricio, que encontrares á paizana, si entre as peças de seu vestuario já existe o uniforme do soldado, para merecer o teu abraço.

Saudarás todos os dias a bandeira do Brasil, lembrando-te de que a Allemanha quer reduzil-a a trapo, torpedeando os navios que a conduzem nos mastros e escarnecendo do exercito que a deve defender.

Jurarás, si és velho, como o sabio dr. Luiz Pereira Barreto, que a tua velhice não está preparada para a hypothese de terminar os teus dias como subdito allemão, e, si és moço, que a força de tua virilidade e a honra de teu civismo não estão dispostos a vêr a tua familia e o territorio de tua patria aviltados pela vassallagem á suserania allemã.

Obedecerás, com disciplina, ao teu governo, quando appellar para o teu patriotismo, e morrerás, si fôr preciso, no campo de batalha, com as armas na mão.

HILARIO FREIRE

Imagem 1 Os mandamentos da guerra. Fonte: Correio Paulistano, 24 novembro 1917.

Os mandamentos criados e espalhados eram diretos e combativos. Neles, deve-se duvidar de todos os alemães, demiti-los de seus serviços, impedir de serem educadores, isolá-los comercialmente, duvidar até de seus bons intentos, pois são traiçoeiros. O inimigo só é contido pela violência, assim, o brasileiro tem que estar apto a manejar armas, estando sempre atento às ordens nacionais e dedicar a própria vida a elas. O conteúdo é claro, só um problema começava a aparecer: alemães são inimigos, mas quem eles são?

Trucidem os alemães! Mas quem são os alemães?

Quem é alemão ou não? Os nascidos no Brasil são brasileiros ou alemães? As respostas a essas perguntas serviriam para delimitar os receios e, não menos importante, para apontar e atirar suas pedras. No ano dos ataques, tal discussão se fez presente:

> **Cautella com os allemães!**
>
> Do vespertino paulistano *A Gazeta:*
>
> «Ainda a proposito da resolução do sr. secretario do Interior de dispensar, como dispensou, todos os indivíduos de nacionalidade allemã que exerciam cargos públicos nas repartições de sua pasta, temos recebido numerosas cartas, todas ellas lembrando a urgente necessidade dos demais membros do governo tomarem medidas idênticas.
>
> Agora que o sr. presidente da Republica, em vista do torpedeamento do «Guayba» e do «Acary», está disposto a tomar represalias em relação aos allemães estabelecidos no paiz, não é razoavel que allemães, ou filho de allemães, continuem a ocupar empregos officiaes, continuem a receber dinheiros do governo. E' facto comprovado que os boches, estejam onde estiverem, trabalham sempre pela divisa fatidica da «Deutschland uber alles», Não hesitam deante das maiores trahições para bem servir á patria, á custa de intrigas e de espionagem no exercicio de cargos publicos, onde têm ao alcance dos olhos, por vezes, documentos da maior importancia, é uma imprudencia inqualificavel, de que oxalá não tenhamos que nos arrepender.
>
> Hoje um missivista nos chama a attenção para outro facto de não menor gravidade. Trata-se da existencia de allemães em varias linhas de tiro. Eles allegam ter nascido no Brasil e que são pois brasileiros; mas a realidade é que não só pelas leis alemãs, como «de facto», filho de alemão, embora nascidos nos pontos mais diferentes do globo, embora nascido na lua, – é alemão. Neto de allemão – é allemão! Cuidado com eles!
>
> (O Alpha, 7 novembro 1917)

Imigrantes, seus filhos e/ou netos, tenham nascidos aonde for, no Brasil ou “na Lua”, continuam sendo alemães, continuam perigosos, sendo necessário vigiá-los. O texto é direto, a ancestralidade é determinante para a consideração de quem é quem, a perseguição étnica fica evidente no discurso. Essa notícia é importante para notarmos que a referência ao “cuidado” é a todos os alemães, não àqueles que, porventura, venham a atacar a honra brasileira. Quanto a isso iremos ver diversos exemplos de que essa “distinção” era falsa, além de facilmente burlada e confusa, tendo em vista que “ofender” ou “contrariar” o país poderia ser visto como um simples orgulho étnico (mesmo apoiando o Brasil), desejo de manutenção cultural e linguística, ou por simplesmente possuir um sobrenome germânico.

Politicamente, algumas medidas eram tomadas, ordenando fechamento de sociedades alemãs, vigilância intensa, além de pedidos para que não sejam atacadas propriedades alemãs enquanto se "mantiverem submissos". Como vemos:

> O sr. dr. secretario da Justiça e Segurança Publica telegraphou hontem ao dr. delegado de policia desta cidade ordenando a s. s. mandar fechar incontinenti todos os clubs e sociedades allemães existentes aqui e exercer, ao mesmo tempo, a mais severa vigilancia sobre os inimigos da Patria,
>
> O dr. Carlos Pimenta já deu começo ao cumprimento dessas ordens.
>
> (O Alpha, 7 novembro 1917)

> **O MOMENTO**
>
> (De um telegramma do sr. Presidente do Estado ás Camaras Municipaes)
>
> **Unam-se todos os paulistas, sem distincção de partidos e de crenças, resolvidos a cumprir sem vacillações as ordens do Governo da Republica, merecedor da confiança que toda a nação n'elle deposita.**
>
> **Respeitem-se a vida e as propriedades dos subditos allemães domiciliados no Estado, emquanto elles se mantiverem submissos ás nossas leis e ás nossas auctoridades e evitem-se atentados contra a Segurança publica.**
>
> **6-11-1917**
>
> (O Alpha, 8 novembro 1917)

Tendo por base os conselhos emitidos pelo poder, a população vai começar a tratar com entusiasmo sobre o seu descontentamento quanto à presença da comunidade alemã no município. Dentre os mais exaltados, podemos ver uma matéria assinada por "THALES", na qual é proposta até a morte de imigrantes e descendentes:

> **Inaudito**
>
> E' incrivel, mas é uma cruel verdade o que estamos vendo e ouvindo de brasileiros, filhos de allemães!
>
> Dessa grande e laboriosa colonia allemã, desses que vindos de ha longos annos, colonos e hoje lavradores e pequenos industriaes (e não dessa turba de aventureiros mais ou menos instruídos, mettidos no commercio e nas empresas, que só se locupletam para a Germania), temos tido o concurso nobre para o progresso do Brasil.
>
> Filhos, netos daquelles honrados teutos, que embalaram os seus berços as brizas brasileiras, que cresceram crestados ao nosso sol faustoso, que gosam de nossa mais carinhosa sociedade, eil-os agora (com poucas raras excepções), os primeiros, os mais atrozes, os mais demonstrados propagandistas da guerra [...]
>
> Fihos e netos daquelles antigos e modestos e sãos e nobres homens, aqui educados na escola da liberdade e na liberdade magnanima do coração brasileiro, batem-se arrogantes pelo ideal germanico da força para subjugar os direitos mais santos, cujo respeito e veneração são o pedestal da nossa civilisação ! !
>
> Filhos e netos daquelles que, honestamente, vingaram a vida e progrediram neste Brasil, á sombra da generosidade e grandeza moral dos seus cidadãos, não se

> dignam de sentirem o grande sentimento de gratidão aos hospedeiros de, seus paes e avós, não se conformam de pôrem-se ao lado dos brasileiros, seus irmãos de berço!!!
>
> [...] Eil-os ahi, até hontem, nas suas repartições, nas suas officinas, nos lugares publicos affrontando aquelles extrangeiros residentes no Brasil, e cujos governos foram lançados á guerra por essa Germania do militarismo.
>
> Ei-los, hoje, com o desafogo de almas onde não se aninham a respeito e a magnimidade, em contorções de caracteres nojentos que não comprehendem os deveres de gratidão e amor á sua terra natal, o Brasil, aos seus irmãos, amigos e compatriotas, a sabujarem sobre o nome do Brasil, a defecarem, porcos e nojentos pela bocca immunda, sobre a dignidade da mãe pátria !
>
> [...] frios e sem entranhas, assistindo jubilosos os tão vis quanto barbaros ataques á propriedade navegante e á vida da maruja e do passageiro no livre Oceano, sob a bandeira de sua patria, o Brasil, esses macabros entes, filhos e netos dos allemães, renegaram de si todo o amor e qualquer respeito da parte dos Brasileiros.
>
> Elles são mais nefandos que os ingratos, são mais torpes que os desbriados, são mais hediondos que os traidores. Para elles e contra elles, os Brasileiros só têm um dever— suffocar-lhes na garganta o último alento da vida nefanda.
>
> Para elles e contra elles não ha outro direito do Brasileiro sinão a mão pesada de vingança e da desaffronta, atirando-os inanes ao monturo.
>
> Esse é o nosso brado.
>
> Para se evitar esse justo e necessario termo á conducta infame desses netos e filhos de allemães (mas Brasileiros de nascença), é mister que os poderes publicos delles tomem conta, é urgente que os patrões os expulsem, é mister que sejam urgentemente alijados de suas posições e empregos
>
> **THALES**.
>
> (O Alpha, 10 novembro 1917)

Posicionamentos interessantes, principalmente se contrastarmos com o ideal assimilacionista, a gana por "abrasileirar" o imigrante é contraposta com uma classificação inescapável, de que não são e não devem ser vistos como brasileiros. Se, por um lado, há as tentativas de "nacionalizar" as comunidades, com defesa de uma educação brasileira, ensino do português e repressão cultural, também há a perseguição indiscriminada, não por posicionamentos políticos indevidos, mas pela origem étnica. Apesar de parecerem opostas, tais estratégias de violências etnoculturais (quando não físicas, ou mesmo assassinas) são dois lados de uma mesma moeda, os quais são ativados conforme o interesse do momento: coerção assimilacionista, ou vigilância, com possíveis agressões, se "necessário".

Vimos que alemães, filhos e netos – segundo Thales, por vezes os filhos e netos sendo até piores – são os indivíduos que merecem destaque e, quiçá, serem atirados "inanes ao monturo", ou ao menos que percam seus serviços. Entretanto, recordemos o capítulo 2 da presente tese, os "alemães" do município não eram apenas da Alemanha (ou de regiões e microestados que formá-la-iam), contavam também com suíço-alemães e austríacos, podendo haver de outros locais da Europa. Assim, suíços e austríacos também deveriam ser perseguidos?

O sobrenome diferenciado já seria suficiente? Podemos ver casos em que tais diferenciações são tentadas, mas não aceitas.

A afirmação de serem suíços, austríacos, dinamarqueses, holandeses, ou qualquer outro povo é compreensível. Por um lado, havia realmente imigrantes de tais localidades, por outro, seria uma tentativa de evitar a sanha persecutória e violenta. Independente de qual fosse o caso, os detratores não deixaram de perceber tais questões. Vemos a seguinte declaração feita por Conrado Krettlis a respeito de sua origem, que se afirma filho de suíço e nascido em Piracicaba:

> **Declaração**
>
> Afim de evitar mal entendido, devido ao meu sobrenome, declaro que sou BRASILEIRO nato, natural de Piracicaba e filho de Suisso, nada tendo que ver, portanto, com a Allemanha.
>
> Rio Claro, 12 de Novembro de 1917.
>
> *Conrado L. Krettlis*
>
> (O Alpha, 13 novembro 1917)

De toda forma, essas tentativas foram notadas não somente pelos jornais de Rio Claro, mas também os de São Paulo, chegando a citar nomes de descendentes. Podemos ver, ainda nessa questão referente às origens, um comentário sarcástico de 1918:

> **Os "boches" em Rio Claro**
>
> **Recusam-se a fornecer esclarecimentos ao collector federal**
>
> O sr. Renato Aranha, collector federal em Rio Claro vae responsabilisar todos os subditos allemães que deixaram de responder, sobre os bens que possuem, ao questionario remettido pela Delegacia Fiscal do Estado.
>
> "Não nos admira que tal haja acontecido, – escrevem os collegas d' "O Alpha" – pois em Rio Claro não existe allemão algum... desde que nos veiu o estado de guerra.
>
> Podemos mesmo assegurar que os "nossos" allemães são todos agora suissos e dinamarquezes... Em compensação, a esses sobrepuja o numero dos mais perigosos: os germanóphilos despudorados".
>
> (O Combate, 18 outubro 1918)

"Desde que veio a guerra" em Rio Claro os "alemães são todos agora suíços e dinamarqueses", comentário irônico sobre as tentativas de distanciamento, uma indicação para a perseguição não se importar com tais afirmações. Quando recuperamos a entrevista de Marcos Baumgartner (2019), vemos que ele afirma ser de família suíço-alemã, que realmente é sua origem; tal asseveração nos pareceu interessante, pois além da manutenção da memória da família e etnia, podemos nos questionar até que ponto a afirmação de serem suíços não estava ligada às tentativas de evitar maiores problemas, ficando gravada na tradição oral interna.

A busca era também pela demissão de alemães de seus empregos, principalmente aqueles ligados à infraestrutura ferroviária, ao exército ou polícia e à política:

As vias-ferreas e os allemães

A Companhia Mogyana de Estradas de Ferro dispensou ante-hontem á tarde todos os seus empregados de nacionalidade allemã.

—A Companhia Paulista de Vias Ferreas procederá da mesma fórma, pois, a directoria já deu ordens nesse sentido.

(O Alpha, 8 novembro 1917)

Os allemães e a Guarda Nacional

Tendo chegado o conhecimento do sr, ministro da Justiça que varios subditos allemães possuem patentes de officiaes da Guarda Nacional, s. exa. resolveu tratar desse assumpto junto ao commando superior da mesma milicia, no sentido de terminar com tão perigosa situação.

(O Alpha, 9 novembro 1917)

Contudo, quem deveria ser considerado nessa onda de demissões? As discussões eram para que fossem todos que possuíssem sobrenome alemão, com os jornais de São Paulo citando aqueles que possuíssem essa origem, além de pessoas próximas e amigos, criminalizando-os igualmente como germanófilos:

Os germanophilos na Paulista

Uma carta a "O Combate"

Escrevem-nos:

"Sr. redactor d'O COMBATE.

Appello para os seus sentimentos patrioticos, afim de que lembre, pelo seu sympathico jornal, á directoria da Companhia Paulista, a necessidade de despedir de sua estrada os nossos inimigos *boches*. Em todas as repartições da estrada, existem em abundancia os germanos, teuto brasileiros e germanophilos. Os seus administradores, graduados, ao que parece, são todos germanophilos, motivo por que, certamente, os nossos inimigos não são incommodados. [...]

O chefe das officinas de Jundiahy é filho de allemães e germanófilo de gêmma. Chama-se Gustavo Storch. O seu ajudante chama-se Conrado Foelck, filho de allemães e germanófilo irritante e dentro das officinas tanto de Rio Claro, como de Jundiahy, existe grande numero de empregados allemães e polacos, russos e austríacos, que são todos germanophilos.

Machinistas existem alguns germanophilos. [...] Nas estações posso apontar alguns chefes de estação como germanophilos vermelhos: o de Rio Claro um tal João Lima, brasileiro; o seu ajudante, Antonio Schemberg, que se diz suisso; em Cordeiro, um tal Campos, brasileiro; [...].

Como se vê, s. redactor, as repartições da Companhia Paulista estão prenhes desta gente que está ao lado da Allemanha, quer sejam allemães, teutos, ou brasileiros e portuguezes; estes na maioria são quasi todos germanophilos e monarchistas"

(O Combate, 26 novembro 1917)

"Empregados alemães e polacos, russos e austríacos, que são todos germanófilos", a intolerância era intensa a ponto de toda etnia que se diferenciasse da latina (ou mediterrânica) fosse vista com receios. Destaca-se também o "Antonio Schemberg", o qual não sabemos se a grafia do nome está correta – e nem esperaríamos que os perseguidores se importassem com a escrita devida –, mas que nos lembra do nome do pai de uma entrevistada, Lizelote Augusta Eichenberg Palota (2019), cujo pai era Jorge Antonio Eichenberg, dono da Padaria Suíço-Brasileira, porém não podemos confirmar se tratava da mesma pessoa, ou quiçá um parente.

A violência a suíços não era inédita, pois não havia diferenciação para as origens germânicas, com propriedades destes sendo igualmente alvo:

> Hontem, ao meio dia, dois menores apedrejaram várias janelas do Sanatorio Suisso, quebrando alguns vidros.
>
> Havendo logrado saber o nome dos precoces malfeitores a policia vae chamar ambos a sua presença.
>
> (O Alpha, 26 setembro 1918)

Diversas populações imigrantes, assim, eram visadas como alvos de ataque, por serem "boches", não somente povos germânicos, como também de origem eslava e, se apresentasse amizade ou proximidade, até mesmo portugueses e brasileiros poderiam ser considerados inimigos. Vem à mente em tais condições um largo grupo étnico de origem latina (ou mediterrânica), mas que apresenta diferenças consideráveis à composição brasileira: os italianos. Os quais, enquanto comunidade, se posicionaram a respeito dos acontecimentos internacionais e locais, como podemos ver no jornal "A Notícia" de São Paulo em 1915:

> **Allemães e italianos**
>
> Dizem de Rio Claro:
>
> No dia 31 de Maio p. p. a colonia allemã d'esta cidade reuniu-se no edifício da "Escola Allemã" para precisar a sua attitude em frente da colonia italiana d'aqui durante a guerra que acabou de estalar. Resolveu-se de não alterar as relações amistosas que até agora vigoraram n'esta cidade entre as duas colonias e de evitar quanto possivel qualquer conversa a respeito da guerra. O sr. Jorge Winkler foi encarregado de communicar esta resolução da colonia allemã aos italianos no logar competente.
>
> Tendo a colonia italiana d'esta cidade tomado a mesma resolução n'uma assembléa anterior, espera-se que as boas relações de amizade entre os Allemães e Italianos, que até agora reinaram n'esta cidade continuarão tambem no futuro, pelo qual todos fazem votos.
>
> (A Notícia, 04 junho 1915)

As relações entre os alemães e italianos eram boas, optando por não deixarem afetá-las pelo que ocorria na Europa, concepção sinérgica de ambas as comunidades. Contudo, em outro anúncio, feito pela comunidade italiana após os ataques de submarinos alemães, lemos:

> ITALIANI
>
> Il comitato Pró Patria di questa cittá, considerando l'ora storica qua attraversa il mondo e di conseguenza anche la generose Nazione che ci ospita, sente il dovere imperioso di associar-se col maggiore e sincero entusiasmo alla voce unisona di protesta e di sdegno del generoso popolo Brasiliano, contro la boldanza germanica che colpestando ogni diritto sansionato dal mondo civile, lo feriva proditoriamente nei suoi piu sacrosanti diritti di popolo libero.
>
> Il comitato é piu che sicuro, che l'intera colonia si associ con fervore alla nobile nazione che ci ospita.
>
> Si augura, ansi nutre certezza, che si astenga di partecipare agli atti di rappresaglia a cui parte del popolo voglia condurre ad effetto; questo per la dovuta ubbidienza alle Leggi della Repubblica, non dando cosi agio ai nostri nemici edai loro accoliti di sfruttare a danno nostro, simili atti.
>
> Per esternare la nostra solidarietá al nobile popolo Brasiliano, basta per'ora il nostro grido forte e sincero
>
> VIVA IL BRASILE!
>
> Rio Claro, 18 Aprile 1917.
>
> Il Comitato.
>
> (O Alpha, 18 abril 1917)

O discurso é contido, aconselhando a participarem dos movimentos de protesto, demonstrando entusiasmo e apoio aos brasileiros e sua recepção. Próximo ao final, aconselha que não participem de atos de represália que a população deseja realizar, assim obedecendo às leis da república e impedindo que acusações fossem feitas contra os italianos. Comparado a outros escritos, constatamos que este não é um anúncio tão exaltado, apesar de conter alguma intenção violenta contida, em razão de evitar problemas com a justiça ou aos "inimigos" (provavelmente se referindo aos alemães). Se tal afirmação era um sentimento genuíno de raiva, ou demonstração performática de desprezo, é difícil de delimitarmos, sendo possível que ambas as hipóteses sejam verdadeiras, independente da proporção de cada.

O receio com alemães era difundido, aconselhando vigilância e desconfiança máxima. Exemplos internacionais eram usados como justificativa para que tais problemas não se repetissem no Brasil, aconselhando duvidar de todos indiscriminadamente:

> **Cuidado com os "boches"!**
>
> Acaba do verificar-se em Nova York mais um crime praticado pelos allemães: foram pelos ares, devastados por um incendio, os grandes depositos de provisões de John Steamship Provision Company. Grandes partídas de provisões de todos os generos, destinadas aos alliados, foram destruidos.

> Isso deu-se nos Estados Unidos, onde o serviço da policia secreta contra a espionagem e contra a obra dos allemães, é admiravelmente bem feito. O que não succederá entre nós, que somos um povo simples, de boa fé incuravel? [...] Não basta a acção do governo para fiscalisar os allemães e impedir que elles levem a effeito as devastações que tenham ideado. É necessária a vigilancia de todo povo.
>
> Devemos ter sempre presente no espirito que cada allemão é um espião consummado e um inimigo que procurará fazer-nos todo o mal de que fôr capaz.
>
> Póde ele dissimular como entender os seus propósitos.
>
> Póde dizer que é hollandez, brasileiro naturalizado etc.
>
> Cada um de nós precisa estar sempre de olhos bem abertos para vêr o que elles fazem e levar ao conhecimento das auctoridades o que estiver preparado contra os nossos interesses e contra o nosso paiz. Não ha povo menos sentimental do que o allemão. Devemos acompanhal-os neste terreno, vendo tudo com olhos desconfiados e praticos. Isso não quer dizer que os aggridamos sem motivo, que lhes destruamos a propriedade quando elle fôr innocente. Mas convem repetir que com elles toda vigilancia é pouca.
>
> (O Alpha, 17 novembro 1917)

O artigo aconselha a agressão "apenas" quando houvesse motivos, mas que desconfiassem de todos, cuja vigilância não deveria ser menosprezada. A totalidade dos alemães deveriam ser vistos como espiões dispostos aos piores atos, podendo até mesmo disfarçar sua origem ao "dizer que é holandês, brasileiro naturalizado etc.". Assim, retornamos à questão das diversas origens sendo questionadas, com a afirmação de que a população não deveria contar apenas com a vigilância policial, mas realizar a própria (veremos posteriormente como O Alpha agiu nisso, abrindo espaço para denúncias anônimas serem publicadas).

Participar de alguma indústria marcada como sendo tipicamente alemã também trazia perigos, e até a cerveja foi vista como elemento de invasão e destruição do país. Não se reconhecia o alemão étnico como sendo parte constituinte do Brasil, apenas possuir o sobrenome de tal origem já era motivo suficiente para questionamentos, com o seu serviço e produção vistos igualmente como "infiltração", como lemos em "O Combate" os trechos abordando Rio Claro:

> **A cerveja e os boches**
>
> **A proposito da Comp. Antarctica**
>
> Um dos processos de infiltração "boche" no Brasil tem sido o fabrico da cerveja. [...] Em Rio Claro, o portador de todas as acções da Cervejaria "Rio Claro" é o allemão Julio Stern. O gerente era o allemão Winkler e o fabricante outro allemão: Huschmann. [...] Agora, depois da guerra, é natural que toda essa gente faça profissão de fé brasileira; mas é bom não nos illudirmos: o pangermanismo propaga-se até pela cerveja – "*Deutsch bier uber alles !...*"
>
> (O Combate, 21 janeiro 1918)

Nem mesmo a cerveja passaria incólume, de igual forma ao que foi feito ao operariado das ferrovias, nomes eram citados conforme as cidades e suas funções. Os nomes apresentados foram o do dono de ações, fabricante, gerente, faltando o de funcionários, os quais cremos não terem sido citados por desconhecimento, dificuldade de obter a informação ou por falta de espaço na página de jornal. O medo do pangermanismo e dos "infiltrados" decai até na pretensa afirmação da superioridade da cerveja alemã. Não menos importante, é a afirmação de que não adianta proferir a sua lealdade e identidade ao Brasil, limitando até mesmo as estratégias de sobrevivência, de rejeitar socialmente a cultura étnica e adotar a brasileira.

Vejamos então o artigo que nomeia a tese "Rio Claro estará no Brasil?", cuja questão é mister à problemática da perseguição aos imigrantes e descendentes. Apesar da tese abordar outros grupos étnicos, vemos que Rio Claro é notada e apontada por sua população de origem estrangeira e, mesmo que os preconceitos e violências variaram no tempo, as culturas desses grupos (alemães, italianos e japoneses, e certamente outros também inclusos) foram indubitavelmente afetadas, diminuídas, podadas, criminalizadas, proibidas e estigmatizadas. Apesar do artigo ser longo, optamos por transcrevê-lo em sua totalidade, devido à sua importância ao tema e à presente pesquisa:

Rio Claro estará no Brasil?

Os chefes politicos daquella localidade parecem delegados do kaiser

Situação afrontosa aos brios nacionaes

Não são recentes nem poucos os rumores de que o situacionismo rio-clarense tem decididas sympathias pela criminosa Allemanha, pelos seus homens e pelas suas coisas.

Como é natural, taes rumores, insistentes e graves, chegaram até nós. Já têm mesmo ecoado, com espanto geral, nas columnas da nossa grande imprensa.

Nós, entretanto, reluctavamos em dar-lhes credito, tão monstruoso se nos afigurava o facto de, em estado de guerra como nos achamos com a Allemanha, existir numa cidade paulista um agrupamento germanófilo, a dirigir lhe a politica e a imprimir orientação aos seus destinos.

Suppunhamos que população alguma de nosso territorio toleraria o dominio dos admiradores da "kultur", quando estamos talvez na imminencia de ir morrer nos campos de batalha da França para que o solo da nossa gloriosa aliada seja limpo dos brutos que ali querem implantal-a.

Mas, nenhuma duvida é mais possivel. Temos a prova de que a situação rio-clarense é germanophila. E, como patriotas cumpridores dos nossos deveres, a denunciamos aos bons brasileiros.

E' bem verdade que o germanophilismo impéra em Rio Claro.

Não se infere outra coisa do ultimo acto praticado pelos chefes politicos rio-clarenses. Senão, vejam os nossos leitores.

Deve realisar-se no proximo dia 25 a primeira eleição de juizes de paz do districto de Santa Gertrudes, ultimamente creado no municipio de Rio Claro.

Pois bem. Para essa eleição, são candidatos recomendados e sustentados pelo partido situacionista rio-clarense os srs. :

Bruno Meyer
Guilherme Wilk
Guilherme Sachs Filho

Todos allemães ou de origem germanica, como se vê peles seus nomes!!!

E' o que se lê em noticia publicada pelo "Diario de Rio Claro", orgam official do partido situacionista rio-clarense, em seu numero de 20 do corrente.

Saibam ainda os leitores que esse jornal, que, como ficou dito, "é orgam official do partido dominante em Rio Claro", foi tenaz propagandista da causa allemã naquella cidade, naturalmente com immenso gaudio dos chefes daquelle partido, um dos mais graduados dos quaes se chama **Schmidt!**

Como tudo isto é revoltante

Numma occasião em que um homem de valor intelectual de Lauro Muller é posto de lado, perde o lugar de ministro do Exterior, em attenção ao justo melindre nacional, só por ser **Muller**, é incrivel que os **Sachs, Wilks** e Comp. estejam tão commodamente installados pelo interior do Brasil!

Não. Não póde ser assim. O povo brasileiro precisa reagir contra os seus inimigos, francos ou disfarçados, se não quizer suicidar-se.

O povo rio-clarense que não se submeta á imposição humilhante dos politicos germanophilos, que lhe querem dar juizes allemães.

Appellamos mesmo para a Commissão Directora do Partido Republicano Paulista. O caso de Rio Claro merece a sua attenção.

Quem sustenta, ali, a situação germanophila?

Será o protector dos famosos "grileiros" de Pennapolis, entre os quaes, aliás, estão quase todos os chefes do situacionismo rio-clarense, como se vê pela celebre escriptura de partilha a que os jornaes desta capital deram a mais ampla publicidade?

Seja quem fôr, cumpre á Commissão Directora não consentir que aquelles, que vivem á sua sombra e acobertados com o manto de seu prestigio, concorram para implantar-se o germanismo em nosso Estado.

A menos que não se queira considerar Rio Claro como fazendo parte da Allemanha, ou da Russia do bolshevismo...

Os agentes allemães na Ukrania não servem melhor á politica do kaiser do que os chefes politicos rio-clarenses.

Se elles tivessem, acaso, de indicar nomes para a eleição de juizes de paz em Santa Gertrudes, subscreveriam com certeza a indicação feita pelo directorio politico de Rio Claro.

Os tres "boches" apresentados seriam naturalmente de sua inteira confiança.

Mas, uma localidade brasileira, a apresentação, hoje, de alemães, verdadeiros ou falsificados, pouco importa, para a eleição aos cargos publicos, é uma affronta aos brios nacionaes.

Protestemos, pois, com toda a energia, contra o procedimento ignominioso dos politicos de Rio Claro, apontando-os ao desprezo e á vigilancia dos patriotas.
(O Combate, 23 agosto 1918)

Anotação de nomes "inaceitáveis", o poder sendo "germanófilo", a crítica à presença de alemães, mas também a crítica à Rio Claro e seus habitantes por "permitirem" tal quadro se apresentar. Fomos de "alemães que falem mal do Brasil", para "todos os alemães", então para seus filhos e netos; o próximo passo mirou nas outras nacionalidades germânicas (e que faziam e fazem parte do alemão rio-clarense) como suíços e austríacos, ampliou-se então a todos os

sobrenomes diferenciados de origem estrangeira, como poloneses, russos, dinamarqueses, holandeses (e quiçá até outros mais). Englobou-se então todos aqueles que fossem amigos ou que criticassem os excessos que os alemães sofriam e, por fim, todo um município, por supostamente não rechaçar o suficiente os "boches". É um crescendo persecutório: começa no "inimigo", então acrescenta o que "parece inimigo", "o amigo do inimigo" até chegar em todos, é o avanço de um perigo externo até ele estar em todos os cantos e lugares, até mais, ao ponto da indiferenciação de qualquer um.

Não deixa de nos ser sintomático e necessário comparar à imagem do "quinta-coluna" durante a ditadura de Vargas, que estigmatiza as comunidades étnicas e todos aqueles que não concordem com a sua repressão. Não visamos defender aqueles que realmente cometeram crimes ao país, longe disso, mas o que vemos é todo um conjunto populacional à mercê da interpretação alheia e justificada de levar pedradas e de ser ameaçado. Mais trágico é que as argumentações, ao menos nos processos iniciais, não são de todas ilógicas, como a de não permitir ofensas ao país em uma situação de guerra, mas fica nítido que isso se torna (ou sempre foi) uma desculpa para realizarem toda sorte de atrocidades aos grupos étnicos.

Por fim, trazemos a análise da situação de Rio Claro, ainda pelo O Combate, no qual acusa as elites políticas de serem formadas por "boches" ou por "germanófilos", com a população sendo influenciada pelas supostas artimanhas dos poderosos:

> **Em Rio Claro**
> ***A dansa dos "boches" e "grilleiros"***
> Como os politiqueiros querem fingir prestigio politico
>
> Já denunciámos ao publico, pelas nossas columnas, o aferrado germanophilismo dos politicos que, infelizmente, com a cumplicidade da Commissão Directora do P. R. P., desfructam o poder na bella cidade de Rio Claro, que quiséramos vêr mais patriotica e competentemente dirigida.
>
> As decididas sympathias dos chefes rio-clarenses pela raça germanica levaram n'os, ainda recentemente, como sabem os nossos leitores a apresentar e eleger tres *boches* indubitáveis (vejam se os seus nomes: *Meyer, Wilke, Sachs!!*) para juízes de Santa Gerrrudes, que, como não se ignora, é districto de paz situado no municipio e comarca de Rio Claro.
>
> Pois bem. Acabamos de descobrir um plano engendrado pelos *boches* do situacionismo rio-clarense para impor o seu dominio ao pobre povo da terra do indaiá.
>
> O plano não é novo e, ao que sabemos, já uma vez foi posto em pratica pelos admiradores do kaiser que infelicitam o Rio Claro, para intimidar e embahir a população local.
>
> Trata-se do processo de *épater* as simples e incautas gentes do interior, levando até lá sob qualquer pretexto, os figurões da nossa politica, com os quaes em festas e banquetes os exploradores do lugar timbram em mostrar grande camaradagem, como que para dizer ao povo: – Se não fores dócil ao nosso jugo, contamos com o apoio

> incondicional dos elementos officiaes para dominar-te e estrangular as velleidades de emancipação que tiveres.
>
> Assim foi que, segundo informações seguras que obtivemos, no anno passado, logo depois do torpedeamento do "Paraná" e das vibrantes manifestações patrióticas que se lhes seguiram em Rio Claro, os chefes germanophilos dessa localidade sentindo se interiamente desprestigiados e repudiados pela opinião publica, quebraram lanças para levar áquella cidade o sr. presidente do Estado e outros membros do governo, afim de, em tão luzida companhia, se valorisarem aos olhos do povo. [...]
> (O Combate, 16 setembro 1918)

Para sermos justos, o artigo não chega a ser tão generalista como o anterior, mas não deixa de colocar os munícipes como influenciáveis. A generalização aos alemães permanece, com citação de sobrenomes, além da acusação de controle da população via medo e ameaças.

As charges de "A Picareta"

Realizamos, à parte, a análise imagética apresentada pelo jornal "A Picareta", devido a sua importância para compreendermos os pensamentos e imaginários deletérios aos alemães, seus descendentes e àqueles que defendessem ponderação na perseguição. Apesar de poucos exemplares terem sobrevivido, a maior parte deles permite um olhar quanto às representações da sociedade a respeito do grupo étnico alemão, como já vimos nas citações anteriormente e, agora, nas charges. Fazemos a inferência de que tais exemplares foram conservados devido aos conflitos entre o seu diretor Rubem Faro, com o coronel Marcello Schmidt e o dono do jornal "Diário do Rio Claro" major José David Teixeira; porém reconhecemos que podem ter sido apenas coincidências do destino histórico.

Como havíamos comentado, no mestrado (BOVO, 2019, p.116), a representação satírica e facilmente reconhecível do capacete com ponteira alemão, atrelado ao Kaiser e seu exército, tornava-se elemento comum para as charges. Lemos a importância e o peso simbólico de tal capacete durante toda a guerra, em um artigo de "O Alpha" logo após esta ter findado:

> **<u>O capacete allemão</u>**
>
> Era o symbolo sagrado da patria germanica e o maior orgulho dos allemães. Além delle, é verdade, havia um outro, no culto do qual os germanicos todos se embeveciam: os ponteagudos e herectos bigodes do Kaiser. Nesse par de bigodes tão famoso e no capacete prussiano estava concentrada a essencia da educação e do pensamento collectivo allemão.
>
> Ser prussiano e usar bigodes a Kaiser, ou então não ser gente – era lá todo o sonho doirado do bom patriota, do honesto cidadão. Eça de Queiroz, que tinha aquelle

admiravel segredo todo seu de encobrir a verdade com a suave e branca cortina de sua ironia, apanhou numa phrase que ao depois ficou celebre todo o ridiculo e grotesco dessa educação e desse pensamento collectivo, dizendo, ou fazendo dizer a um personagem allemão de sua obra que *o brilho do capacete allemão era o sol que illuminava o mundo*.

O grande mestre da moderna arte portuguesa de dizer definiu naquella phrase todo o orgulho, toda a philaucia do patriotismo allemão. [...]

O sol, o sol luminoso deste seculo é outro e vem de outra parte e de outro lado do oceano. Elle agora vem, reparador e sadio como a luz que abençoa, não do pobre e do miserrimo capacete vencido, mas das lampadas electricas da Estatua da Liberdade, que iluminam a bahia de Nova York, illuminando o novo e o velho mundo, ele vera dos lábios de Wilson!

Raul de Sá.

(O Alpha, 21 novembro 1918)

Imagem 2 Que rebanho! Fonte: A Picareta, 16 setembro 1917.

O jornal "A Picareta", desse modo, utilizou-se de tal imagética para a crítica a seus desagrados políticos, acusando-os de traidores germanófilos, chamando pelo termo pejorativo "boche", o que, consequentemente, acabava por mirar na origem étnica de figuras públicas. Na imagem (3) de 3 de junho de 1917, o referido jornal realizou uma charge com tais elementos, mas foi além, com um poema satírico juntamente.

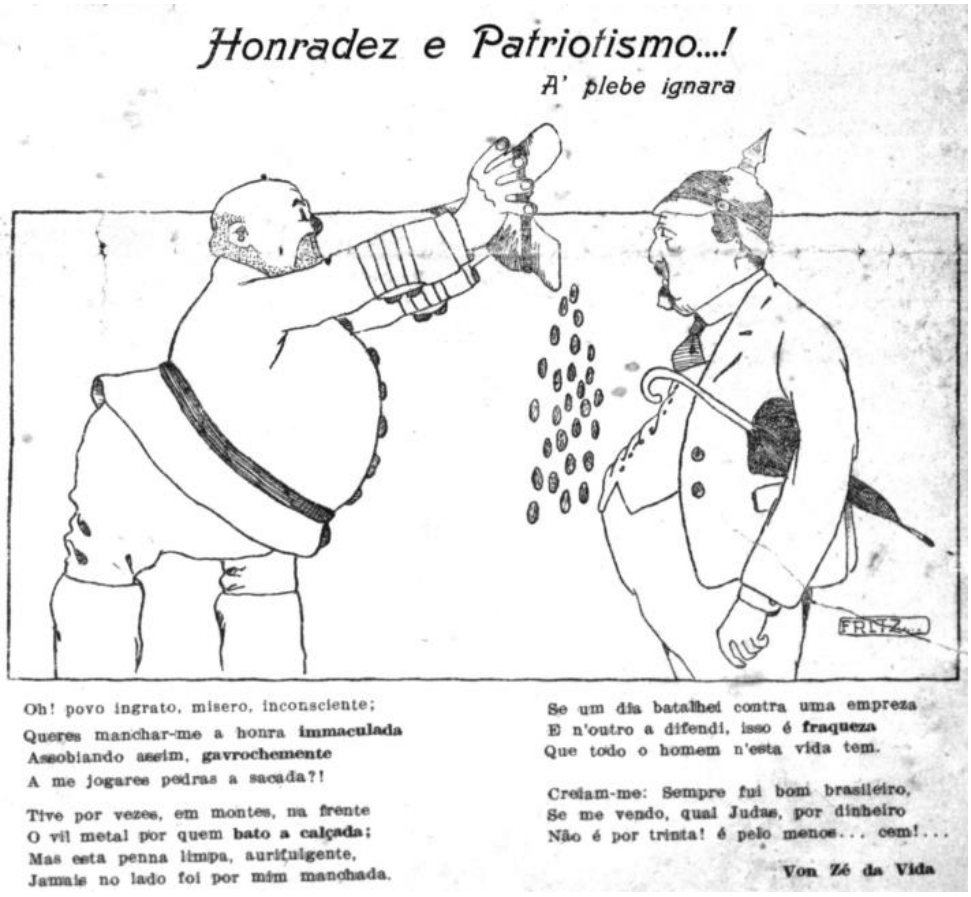


Imagem 3 Honradez e Patriotismo...!. Fonte: A Picareta, 3 junho 1917.

Os versos se referem a acontecimentos marcantes do município: o trecho "Oh! Povo ingrato, misero, inconsciente;/ Queres manchar-me a honra immaculada/ Assobiando assim, gavrochemente/ A me jogares pedras a sacada?!" ironiza os apedrejamentos às residências de pessoas com origem alemã e; "Creiam-me: Sempre fui bom brasileiro,/ Se me vendo, qual Judas, por dinheiro/ Não é por trinta! é pelo menos... cem!..." se refere à estratégia de sobrevivência que alguns tentavam, de afirmarem-se brasileiros frente à própria ascendência. Tais comentários são direcionados ao coronel Marcello Schmidt que, meses antes, teve (ou ao menos foi ameaçado de ter) a residência apedrejada e, também, se distanciou de sua origem se afirmando um orgulhoso brasileiro republicano. Tal situação está ligada aos conflitos dele com um dos responsáveis por "A Picareta", o jornalista Rubem Faro, sendo que estes novos ataques atuaram para aprofundar a inimizade. A imagem apresentada, à direita, caricaturiza o major José David Teixeira (cujo jornal foi apedrejado), apresentando aspectos de sua aparência:

> Invariavelmente trajando terno cinza, chapéu da mesma cor, relógio com corrente sobre o colete, o indefectível guarda-chuva pendente do braço, o andar pesado e lento, as costas arqueadas pelos anos [...] Todos na cidade conheciam o Major como *Zé David*. Ele mantinha seu *Diário do Rio Claro* às duras penas (PEREIRA, 1985, p.49)

Imagem 4 Major José David Teixeira no batente em foto com sua família em 1910. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro

A assinatura "Von Zé da Vida" trata-se, assim, de uma ridicularização do apelido do major "Zé David", juntamente humilhando sobrenomes de origem alemã, tendo em vista que ele era acusado de ser germanófilo pelo pasquim. Comparando à outra caricatura do major (imagem 5), o vemos sem a estereotipia de germanófilo, na edição de 24 de junho de 1917, acompanhado de um poema ofensivo, devido aos embates entre o major e Rubem Faro:

Imagem 5 AO "INTEGRO". Fonte: A Picareta, 24 junho 1917

AO "INTEGRO"

Do barrigudo Harpagão,/ Do conspícuo "moconhó",/ Não teremos compaixão:/ Pical-o-emos sem dó.

Da penna fazendo harpão,/ Reduziremos á pó/ O pai d'essa aberração/ Que é, – "**A sogra do Totó**"

Ao balofo Gargantua/ Depois d'uma tunda rija/ Exhibiremos na rua.

Para que o povinho incauto,/ Conheça o vil cevandija,/ Que se diz da lei arauto.

Mephistofelis

(A Picareta, 24 junho 1917)

Imagem 6 Major José David Teixeira. Fonte: Diário do Rio Claro, 1 setembro 1972. Disponível em: https://www.j1diario.com.br/ha-50-anos-no-diario-do-rio-claro-1o-de-setembro-de-1972

No mesmo número em que se apresentou a charge "Honradez e Patriotismo...!", constatamos outra, onde um homem incomoda uma senhorita (imagem 7). Na legenda, que cria a cena retratada, a moça alerta-o que importuná-la atrairia a atenção dos jornalistas de "A Picareta", contudo, ele a responde que o pasquim não mais circulará graças às "secções livres" (referência ao jornal "Diário de Rio Claro"), ao Pimenta (delegado responsável pelo controle das manifestações) e pelo "Zé da Vida" (o major José David Teixeira).

Imagem 7 Visões da Epocha. Fonte: A Picareta, 3 junho 1917

Outra charge, datada de 16 de setembro de 1917 (imagem 8), já analisada no mestrado, nos traz novas oportunidades de leitura. A construção imagética acaba por estar ligada à questão da educação étnica do município, assunto que a sanha assimilacionista enraivava-se, acusando de que além de impedir a nacionalização, acabava por criar inimigos infiltrados no país. Ao escrever "nunca estender as nossas mãos aos operários, que afinal não nos podem oferecer banquetes nem dispensar proteções...", tenta ligar o elemento germânico não somente a uma elite, como também satirizar o medo que a comunidade alemã sentiu, a qual foi protegida de novos ataques pelas forças policiais. A crítica preconceituosa a todo teuto-descendente, também visava ao inimigo declarado do Jornal: o coronel Schmidt.

Contudo, achamos interessante essa afirmação referente ao suposto descaso aos operários, tendo em vista que Marcello Schmidt foi um dos principais aliados e defensores das Revoltas ocorridas na Companhia Paulista em 1906 (BILAC, 2001, p. 77). Tal "descaso" origina-se do grupo político, em uma reunião realizada, não ter convidado o chefe das oficinas da Paulista, o inglês Adão Gray (que, vale destacar, foi o funcionário que levou a polícia da capital para Rio Claro, nos idos da greve de 1906):

> Até que ponto chegou a politica dos boches! Antes de distribuírem os convites para o banquete, "elles" reuniram-se em secção extraordinaria para deliberarem á quem deviam envial-os.
>
> Depois de acalorada discussão assentaram que estes deviam ser enviados aos da "panella", aos boches... e, para não dar muito na vista, á alguns italianos também.
>
> Assim fizeram; não se dignando enviar um aos operários, representados nesta cidade na pessoa do sr. Adão Gray – chefe geral das officinas da Paulista – a impulsionadora, a veia vital desta decadente cidade.
>
> Desculpar-se-ão dizendo terem-se esquecido, (!) mas a verdadeira causa daquelle sr. não ter sido convidado, foi, por ser sua nacionalidade ingleza, e, como bom inglez saber defender a causa alliada, dando exemplos de patriotismo aos brasileiros degenerados.
>
> Bem disse alguém pelas columnas do "Estado" que Rio Claro dormia sob as botas do kaiser.
>
> (A Picareta, 16 setembro 1917)

Imagem 8 ESCOLA DE PATRIOTISMO. Fonte: A Picareta, 16 setembro 1917

Quanto a imagem (8), vemos o professor dando aula, sua representação indica-nos tratar de sátira ao José David Teixeira, devido ao cavanhaque e a presença de seu icônico guarda-chuva. Uma alternativa é desta ter sido direcionada ao pastor e professor Theodor Albert Kölle, o qual também usava cavanhaque com bigode, mas, por sua vez, portava óculos (imagem 9). Tampouco excluímos a possibilidade da imagem ser uma mescla de ambos.

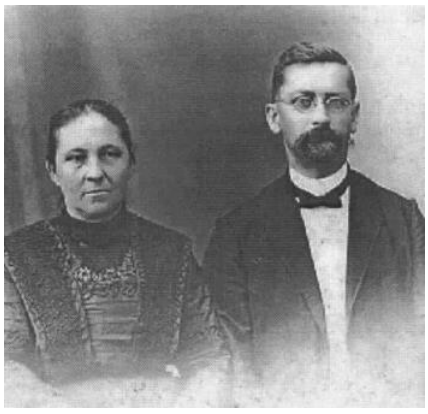


Imagem 9 O casal Theodor Albert Kölle e Julia Zink Kölle 12-02-1914. Fonte: NOBRE, 1998.

O cenário é, evidentemente, o Colégio Alemão de Rio Claro, visto como um problema devido à germanofobia do período, aos ideais assimilacionistas de nacionalização e aos

acontecimentos da guerra. A escola aparece em condições precárias, possivelmente aludindo ao apedrejamento sofrido. No fundo, há um mapa do que seria a "Allemanha" e, logo abaixo, o grafite "Deutschland über alles", representando o dito "perigo alemão". Na parede há um pequeno quadro do kaiser Wilhelm II, a quem a escola supostamente seria leal. Os alunos da educação alemã são mostrados bebendo álcool, fumando, cochilando ou brigando, todos estão equipados com o pickelhaube (o capacete de ponta), juntamente com fardas militares.

Imagem 10 Professor e alunos da Escola Alemã. Rio Claro (SP), c. 1900. Fonte: Museu da imigração. Disponível em: https://museudaimigracao.org.br/uploads/portal/acervo/fotografias/MI_ICO_AMP_008_001_039_001.jpg

A Escola Alemã era visada, um marco no município, o que fazia com que não apenas os olhos locais a observassem, como podemos ver na "apuração" feita pela "Gazeta de Noticias" e pelo "O Imparcial" do Rio de Janeiro:

> **Uma escola allemã em Rio Claro**
> **Cento e dezesseis alumnos forçados a aprender allemão**
> S. PAULO, 4 (A. A.) – Apurou-se que em Rio Claro uma escola allemã, com 116 alumnos, só ensinava o idioma allemão.
> (Gazeta de Noticias; O Imparcial, 05 novembro 1917)

Em uma escola étnica, os alunos eram "forçados a aprender alemão". O uso das palavras não é inocente e deixa evidente o sentido que queriam dar à manchete. Era o medo do perigo da "germanização" do Brasil, daí o tom de constatação do "absurdo" na manchete. O problema

não era posicionamentos políticos, era o de serem imigrantes e descendentes, assim o preconceito étnico exercitava a violência assimilativa.

Também devemos fazer uma outra retroativa e lembrar que em Rio Claro, antes do ataque, foi veiculado uma notícia sobre o perigo da germanização do Sul. A principal causa elencada pela matéria era a educação promovida pelos imigrantes, cuja prole não tendo os meios de estudo garantidos pelo Estado, estudavam em escolas feitas e mantidas pela comunidade:

> **Um editorial da "Gazeta de Notícias"**
>
> A *Gazeta de Notícias*, tratando, em sua edição de hontem, da germanisação do sul do Brasil, reconhece que o perigo existe, mas julga que o meio de ervital-o não será o de cortar, depois da guerra, o nosso intercambio commercial com a Allemanha, como pretende o sr. Ruy Barbosa, e tempo de impedirmos a immigração allemã, como parece desejar o sr. Medeiros e Albuquerque
>
> [...] No grupo dos teuto-brasileiros que sabem ler, só 21,05 % aprenderam em escolas públicas... Porque? Naturalmente porque naquellas regiões as escolas custeadas pelos poderes publicos são escassas. Se diffundirmos a instrucção, se multiplicarmos as escolas, de modo que os filhos dos colonos alli aprendam, não só a nossa lingua, como a educação civica que os ensine a amar a terra onde nasceram, o perigo da germanisação do sul do Brasil será dentro em pouco, apenas uma "blague".
>
> Por isso, em S. Paulo, nunca houve um perigo italiano, como no Rio não ha um perigo portuguez... O problema resume-se, pois, numa simples questão de ensino. Agora, se permittirmos que os colonos allemães eduquem os seus filhos á prussiana, se não lhes dermos escolas brasileiras, então a germanisação será fatal, até reconhecendo-se que ella data de mais de cincoenta annos e que o sul do Brasil continúa a ser perfeitamente brasileiro...
>
> (O Alpha 11 março 1917)

Tais eram as bases argumentativas que levariam ao apedrejamento do colégio, e a posterior humilhação em charge efetuada pelo "A Picareta", de evitar que o país deixasse de ser "perfeitamente brasileiro". Assim, a imagem mostrar uma escola com construção decadente, juntamente com os elementos de estigmatização germânica, implicava diretamente nesse imaginário do Colégio Alemão como construtor de infiltrados, odiadores do Brasil e degenerados, mesmo após a depredação realizada.

Em resumo, mesmo que poucos números de "A Picareta" tenham sobrevivido, elas possibilitaram o acesso a algumas charges. A nossa seleção e análise de 5 destas, permitiu-nos constatar certas concepções e representações do município quanto a comunidade alemã. Também, pudemos melhor compreender as referências contidas nas imagens. Entretanto, reconhecemos que nosso escrutínio teve por enfoque os aspectos de preconceito etnocultural, mesmo que este tenha se apresentado mesclado a outras questões do período, sejam sociais,

políticas ou econômicas, que fogem ao nosso recorte. De toda forma, ficam-se demonstradas as construções humilhantes, ofensivas e acusatórias aos alemães e descendentes (e seus amigos/simpatizantes, como no caso do major José David Teixeira), sua importância econômica, seu sistema de ensino (há a possibilidade de que tenham atacado a religião luterana em algum número perdido, mas não afirmamos devido ao fato de não existir indícios diretamente disso) e às tentativas de se protegerem, seja pela necessidade de proteção policial ou o processo de se distanciarem da identidade de sua origem.

O conflito entre o coronel Marcello Schmidt e o jornalista Rubem Faro

Depois dos ataques do jornal O Alpha, conjuntamente com as matérias satíricas e ofensivas, recheadas de charges de A Picareta, os ânimos que já estavam intensos, conseguiram chegar a um novo patamar. Não devemos nos esquecer que uma das especificidades do município, como bem notado por Maria Beatriz Bianchini Bilac (2001), era de possuir um imigrante alemão como um de seus coronéis locais, o qual apesar de não ser originário de Rio Claro, passou a fazer parte desta comunidade. Como já dissemos anteriormente, não temos o desejo de santificar a imagem de Schmidt, mas não devemos deixar de reconhecê-lo como vítima de perseguição étnica e que, sendo um poderoso membro da política, tinha meios de responder aos ataques, de forma nem sempre amigável. Apesar de ser um coronel diferenciado devido à sua origem e à defesa aos operários nas revoltas de 1906, ele era um coronel e, como os outros, possuía alguns modos de conduta que eram esperadas e até cobradas quanto à manutenção de sua imagem.

Quando houve o torpedeamento do navio brasileiro, Schmidt fez parte da votação a favor da moção de solidariedade ao Brasil. Por ser conhecedor dos estranhamentos e revoltas violentas da população, o coronel reforçou a sua lealdade de brasileiro, independente de qual fosse a sua origem, como vemos:

> Da accôrdo com o regimento, realisou-se hontem a sessão ordinaria da camara municipal. [...]
>
> Dentre' elles, nessa norma, foi approvada a moção de solidariedade ao governo da União e do Estado de applausos a attitude do Brasil em face do torpedeamento do "Paraná". Apresentada esta e assignada pelos nove vereadores presentes, o sr. Almeida Santos pronunciou um bello discurso justificando a nossa situação e profligando os actos que deslustraram as manifestações de ante-hontem, nesta cidade.
>
> O coronel Marcello Schmidt, pedindo a palavra, acto continuo, procurou desfazer, segundo sua duvida, uma atmosphera germanophila que suppunha creada em torno de sua pessoa. "Sou, como admirador de Floriano Peixoto e republicano

> convicto, um brasileiro que obedece, no momento actual, a mesma divisa do epico marechal na sua resposta aos inglezes—A' bala". A sua bonita oração, que demonstrou que a sua origem não desfallecia os seus sentimentos patrioticos de filho do Brasil, foi respondida pelo vereador cap. Irineu Penteado que patenteou que as suas duvidas não tinham fundamento porquanto todo o Rio Claro reconhecia, "além do seu bairrismo, o seu nome de brasileiro."
> (O Alpha, 17 abril 1917)

A transcrição da ata dessa sessão da Câmara de Rio Claro, traz outro detalhe que não aparece na notícia, o discurso de Marcello Schmidt e de Irineu Penteado foi mais longo, abordando as violências ocorridas no município:

> [...] pedio a palavra o Verreador Marcello Schmidt e pede a palavra pela ordem, [...] Diz que não falla de rosto vendado pela vergonha que nos acabrunha neste momento, pelos lamentaveis acontecimentos que se desenrolaram hontem nesta cidade, por que tem certeza que n´elles não tomou parte nenhum eleitor do partido que elegeu esta Camara. [...] E por amor a seu partido é que falla neste momento e falla de pé em respeito a Patria e homenagem aos seos grandes servidores, por naquelle momento não se tratava apenas dos iteresses do municipio, mas de toda a patria brasileira; que é preciso não confundir o verdadeiro patriotismo com o falso; que o primeiro nobilita e engrandece e o segundo só avilta e deprime. [...]
>
> O Snr Ireneo Penteado, diz ser forçado a dizer duas palavras. Affirma que o povo rioclarense e o grande partiido Republicano Historico, não descreo nem um momento, do patriotismo do Coronel Marcello Schmidt, que antes de germanophilo é brazileiro, de quem a 30 annos recebe ensinamentos.
>
> (RIO CLARO, 17 abril 1917)

Buscava-se o distanciamento de sua origem étnica para melhor conviver e atuar no município, ao mesmo tempo que tentava direcionar o patriotismo para evitar novos ataques, porém sua estratégia discursiva acabou se mostrando infrutífera. De igual modo, por terem acolhido a demonstração do coronel alemão e por terem outros de descendência similar em suas fileiras, os políticos de Rio Claro serão considerados "germanófilos", quando não "kaiseristas" ou mesmo "boches". A afirmação de lealdade ao Brasil ou o seu passado de ações políticas não tiveram importância para aqueles que discordavam de sua atuação, os quais realizaram críticas, sarcasmos e ofensas. Desse modo, temos um coronel que detêm poder considerável, mas que possui pontos possíveis de ataque devido à conjuntura histórica mundial.

Por outro lado, o jornalista Rubem Faro crescia em sua profissão, era um dos responsáveis pelo "A Picareta" e realizava sua função em outros jornais do município e de outros locais do estado de São Paulo. Assim, não somente pode ter sido elemento propagador

dos “problemas” de Rio Claro, como utilizou-se de tal influência para se defender do que aconteceu no conflito quase físico que teve com o coronel.

Excluindo um dos jornais do “A Picareta”, que sobreviveu à passagem do tempo (e de difícil leitura dada as condições), tivemos contato com esse conflito, sobretudo, lendo jornais de fora do município. Um destaque é ao já comentado “O Combate”, jornal dirigido por Nereu Rangel Pestana e com grande circulação na capital São Paulo e no interior – sendo reconhecido pela historiografia pelo seu papel nas greves de 1917, autodeclarados “republicanos radicais” (RIBEIRO, 2024, p. 41-52) –, realizou perseguições aos alemães de modo geral, com longas manchetes atacando os de Rio Claro, participando desse conflito entre Schmidt e Faro.

Em um artigo, resumindo o início do caso, podemos ver referência às caricaturas que mostramos anteriormente, as quais são elencadas como motivação ao ataque, juntamente ao afirmarem que o coronel havia consumido grande quantidade de álcool; ao final do artigo é transcrita a explicação de Schmidt, publicado no “Diário do Rio Claro”:

> **Mais um attentado em Rio Claro**
>
> Há um anno, publica-se em Rio Claro o hebdomadario *A Picareta*, do qual é director responsavel, por termo assignado na Camara Municipal, o sr. Rubem Faro, estudante e bastante conhecido naquella cidade.
>
> Fazem parte deste jornalzinho francamente independente, que por ser humorístico não deixa de ser patriota e germanophobo, os srs. João Fina Sobrinho, redactor, e Benedicto Nascimento, gerente, todos com os nomes no cabeçalho.
>
> [...] Em seu numero de 16, publicou sob os titulos “Escola de Patriotismo” e “Que Rebanho!”, dois *clichés* com legendas em que criticava o germanophilismo dos mandões de Rio Claro.
>
> Isto irritou-os, bem como o seguinte trecho de uma secção “Falla-se”:
>
> “... Que o ‘coroné viva os secretários’, antes de ir ao goético banquete, foi a certa venda e alli ‘chammuscou’ enorme ‘lombada’ de pinga, e que por causa disso, ninguem lhe tolerava as baforadas”.
>
> O coronel Marcello Schmidt julgou este trecho offensivo á sua honra e sem usar dos meios que a lei lhe faculta, resolveu tomar um desforço pessoal do director do jornal, sr. Rubem Faro, que, aliás, não é o autor da pilheria injuriosa.
>
> Por isso, ante hontem, ás 7 horas da noute, no ponto mais central de Rio Claro, de punhal em punho tentou aggredir aquelle moço, em companhia de seu filho Candido e de seu sobrinho Tedesco, armados de revolvers.
>
> O sr. Faro conseguiu fugir e vindo á Capital foi queixar-se ao dr. Thyrso Martins, delegado geral, pois o delegado de Rio Claro, dr. Carlos Pimenta, terá naturalmente a sua acção tolhida.
>
> E’ lastimavel que um homem de edade e posição social, desça a estes processos, quando ha leis que punem os abusos da liberdade de imprensa.
>
> Entretanto, taes factos provam apenas que o “prussianismo” impera mesmo em Rio Claro...
>
> ***
>
> Sob os titulos – “O coronel Marcello Schmidt enxovalhado – Um desforço que honra” – eis os termos com que o “Diario do Rio Claro” se refere á aggressão:

> "Tendo esse pasquim denominado 'A Picareta', que se imprime em S. Paulo e espalha-se de quando em quando nesta cidade, enxovalhado, em o seu numero de domingo ultimo, o tanto querido quanto respeitado chefe politico rio-clarense sr. coronel Marcello Schmidt, s. s., vindo hontem á cidade, tirou do inditoso moço Rubem Faro, redactor responsavel do pasquim, justo desforço que o honro, conforme a declaração a seus amigos, que o sr. coronel Marcello faz hoje neste 'Diario', e que vae publicada na nossa sexta pagina".
>
> Leia-se agora a declaração do sr. Schmidt:
>
> "AOS MEUS AMIGOS – Tendo lido em um pasquim que se distribue nesta cidade, que tem como redactor o individuo Rubem Faro, uma alusão insultuosa à minha pessoa, vim hoje a esta especialmente para desaffrontar-me, cortando a chicote a cara do tal individuo.
>
> A's sete horas da noite encontrei-o no Hotel Chegadinho, no salão de bilhares onde se achavam umas dez pessoas conhecidas; infelizmente a covardia do tal pasquineiro auxiliada pelas fortes pernas da sua juventude, impediu que a ponta do meu chicote cortasse as deslavadas faces do cretino, pois não me foi possivel alcançal-o na grande corrida que deu em volta do jardim do hotel, até desabalar pela rua a fora.
>
> Aos meus amigos rogo não se incommodarem com o incidente nem com as prováveis occurrencias vindouras, pois toda e qualquer affronta não tolerarei, aconteça o que acontecer.
>
> Rio Claro, 19 de setembro de 1917
>
> MARCELLO SCHIMIDT
>
> (O Combate, 21 setembro 1917)

Mesmo na explicação do caso, o escritor de "O Combate" demonstra estar ao lado de Rubem Faro na questão, sem deixar de acusar a "germanofilia" presente em Rio Claro. Como veremos mais adiante, a explicação é baseada no relato de Faro. Também é notável como o ataque aos alemães é posição sem necessidade de explicações, assim destacamos pela indiferenciação que isso acarretava. De todo modo, vemos o mesmo jornal comentar outro depoimento que defendia Schmidt, chamando-o de "kultur" rio-clarense, mesmo que o defensor fosse de origem diversa:

> **A "kultur" rio-clarense e A PICARETA**
>
> O sr. deputado Almeida Prado Junior, defendendo o sr. Marcello Schmidt, no caso d' "A Picareta", escreveu ao "Correio Paulistano" uma carta em que se lê o seguinte trecho:
>
> "O meu amigo agradece ao 'Estado' os seus conselhos, e está, como eu, convencido de que, para os bandidos que, não tendo coragem precisa para assaltar peito a peito, na estrada, a sua victima, se acobertam por traz de um pasquim e atassalham a reputação alheia a troco dos tostões dos incautos, o processo mais efficaz é o do trançado da Casa Fuchs."
>
> Como se vê, os situacionistas de Rio Claro não são prussianos apenas nos actos: esse pedacinho podia ser subscripto pelo sr. Bethmann Hollweg. O proprio *kaiser*, que se denominou o primeiro caixeiro-viajante da Allemanha, faria com prazer aquella *réclame* à casa Fuchs...
>
> O que vale é que o "Correio Paulistano não pensa como o sr. Almeida Prado Junior. Em face das injurias do "Correio da Manhã" ao sr. Rodrigues Alves, não pediu

> para elle o *trançado* da casa Fuchs. Mimoseou-o com homenagens, qualificando-o de "jornal conceituado", "imprensa bem orientada", "orgão verdadeiramente patriotico"...
> (O Combate, 21 setembro 1917)

Na edição de mesmo dia, é feita a transcrição completa de outro injuriado, dr. Mario de Camargo Aranha, no qual afirma ter também tido um embate com Faro:

> O caso de Rio Claro
> **Agora apparece em scena o promotor**
>
> A secção "A Pedidos" do "Diario de Rio Claro", de hoje traz seguinte declaração datada de hontem, do dr. Mario de Camargo Aranha, promotor publico, da comarca:
>
> "Sabedor de que Rubem Faro, que pelo pasquim 'A Picareta' tem gosmado insultos á minha familia, se achava nesta cidade, vim hontem da Fazenda com o intuito de desaffrontar-nos.
>
> Hoje, ás 5 horas da manhã, eu e dois irmãos o encurralamos em um carro da Paulista, e ahi, por tal forma se retractou, humilhou-se, amesquinhou-se o vil canhalha, suplicando misericordia, que não pudemos vencer o nojo de partir a páo a cara sórdida desse corrupto perdido.
>
> O meu pae, a quem por se achar enfermo occultamos o asqueroso pasquim, sente o immensuravel pezar de não poder, actualmente, cortar a relho o rabo desse miseravel cão. O tempo trará o desfecho deste caso."
>
> Não há duvida que semelhante attitude vae muito bem a um promotor publico...
> (O Combate, 21 setembro 1917)

Seriam então 2 conflitos que aconteceram contra Faro, com a do Schmidt tendo maiores decorrências. De toda forma, é inegável que certos conflitos cara a cara ocorreram, e foram com os ânimos exaltados. No "Correio Paulistano" vemos o lado de Marcello Schmidt dos acontecimentos, comentando também suas motivações:

> **Liberdade de imprensa**
>
> Escreve-nos o sr. coronel Marcello Schmidt:
>
> "Sr. redactor do 'Correio Paulistano' – Dada a minha actual residencia muito distante desta cidade só hoje me chegou ás mãos e pude ler a grave accusação a mim feita pelo conceituado "Estado de S Paulo", sob a epigraphe "Liberdade de imprensa", e na qual se me expõe como um despota mandão de aldeia, como se Rio Claro, cidade civilizada e um dos baluartes da Republica tolerasse essa especie anachronica dos antigos chefes do sertão.
>
> As informações a essa illustre redacção foram adulteradas, como passo a demonstrar.
>
> Nunca em caso algum, fui acompanhado por capangas, parentes ou amigos para repellir qualquer affronta; e não seria agora, para castigar a chicote um pelintrão, que me faria acompanhar por um sobrinho e um filho débil e doentio.
>
> Tambem não ha nenhuma allusão a minha pessoa nas caricaturas e arengas do "herr professor", nem nas demais diatribes a boches, etc., nem nunca tive a ver com

> aggressões e descortezias de tal jornal a diversas pessoas e senhoritas desta cidade, apenas lamentando que se distribuísse aqui tal especie de "jornal literario".
>
> A allusão á minha pessoa, que deu causa ao meu desforço, está claramente na columna onde se faz a apreciação do banquete oferecido pela municipalidade nos salões da Sociedade Philarmonica ao exmo. presidente do Estado, no dia 1.o do corrente, e para o qual recebi honroso convite. Essa columna tem o titulo: "Da farra na Philarmonica". O illustre redactor do "Estado" poderá ver com seus olhos que a mim se attribue "ter ido antes a uma venda tomar enorme lambada de pinga", etc., a mim que só abuso do café.
>
> Houve, portanto, lamentavel engano da parte da redacção do "Estado", vendo allusão a mim nas taes caricaturas; não sou nem nunca fui professor de cousa alguma.
>
> Devo tambem esclarecer um ponto, que é não ter eu ha mais de quatro annos nenhuma direcção ou influencia no Partido Republicano Historico desta terra, sendo nosso chefe o distincto dr. Almeida Prado Junior, querido amigo de todo este povo.
>
> E' verdade que os rio-clarenses me distinguem com sua amizade, valiosa moeda com que generosamente me pagam os insignificantes serviços prestados durante uns vinte e cinco annos, a esta terra e á Republica.
>
> Ainda agora, sem o pretender, presto este de dar o exemplo para se iniciar a campanha contra os processos de Apulchro de Castro que sorrateiramente se quer implantar nesta cidade.
>
> Estou informado de que o tal individuo, si tem parentes nesta cidade, aqui não reside, mas sim nessa capital, onde tambem se redige e imprime o tal jornal.
>
> Como velho republicano não deixo de respeitar a liberdade de imprensa, sem por isso deixar as outras liberdades em segundo plano.
>
> Contando com a generosidade de v.s., dando abrigo nas columnas dessa conceituada folha a esta tosca cartinha, pois não sou homem de letras, nem mesmo collaborador de "jornaes literarios", termino manifestando o meu pensamento que julgo conciliar todos os interesses, respeitando a nossa Constituição.
>
> O mofineiro fica com a liberdade de difamar-me; eu fico com a liberdade de desforçar-me como quizer ou como puder e com as armas que julgar mais adequadas, e o illustre redactor do "Estado" com a liberdade de criticar e verberar o meu procedimento.
>
> Assim gosaremos todos da mais ampla liberdade, salvo melhor juizo.
>
> Antecipando agradecimento sou de v. s. atto. obr. cr. – Marcello Schmidt. – Rio Claro, 22 de setembro de 1917."
>
> (Correio Paulistano, 23 de setembro 1917)

Importante notarmos a diferença da explicação de Schmidt para com o artigo de "O Combate" de 21 de setembro, quanto às motivações do ataque a Faro. O coronel contraria a leitura de que as charges apontavam para ele, dizendo não ser professor ou ligado às acusações de ser "boche", entretanto o oposto vemos nos casos analisados, com Schmidt sendo sim indicado com termos pejorativos dada a sua origem. Não menos importante é constatar que a ofensa era tão generalizada que, mesmo não se referindo especificamente a um indivíduo, a interpretação do leitor poderia apontá-lo mesmo assim. A parte de acusá-lo de embriaguez que é reconhecida como ofensa direta, acarretando a sua tentativa, em sua versão solitário e sem punhal, de ferir a face de Faro com um chicote. Schmidt termina a sua escrita com ironia,

defendendo a liberdade do seu algoz escrever, dele golpear e do redator dos jornais de onde for de criticar tal ato, garantindo que "Assim gozaremos todos da mais ampla liberdade". Este final demonstra o seu poder e os aspectos de coronelato, que não deixava de ter sua posição de elite na sociedade por ser perseguido étnico, tampouco limitaria suas possibilidades de ação.

Outro jornal entra em tal discussão, é "O Parafuso" de São Paulo, o qual vai realizar artigo sobre os ataques sofridos por jornalistas pelo interior, como vemos o trecho em que cita especificamente Rio Claro:

> **Como se entende em S. Paulo a liberdade de imprensa**
>
> [...] Em Rio Claro, o redactor d'*A Picareta* soffreu duas aggressões e teve que fugir para S. Paulo, acovardado em face dos seus truculentos inimigos. Em Rio Claro! Fôsse em S. Carlos, na Faxina ou em Santa Cruz do Rio Pardo, e o facto nada nos admiraria. Mas pensávamos que o feudo do coronel Marcello Schmidt fosse mais civilizado. [...] (O Parafuso, 29 setembro 1917)

No mesmo jornal, mas do mês de outubro, vemos a versão de Rubem Faro do que aconteceu entre ele e Schmidt, trazendo a informação de como as testemunhas se posicionaram quanto ao que viram:

> **A aggressão a um jornalista em Rio Claro**
> **Uma carta do snr. Rubem Faro a "O Parafuso"**
>
> **Meu prezado confrade sr. Benedicto de Andrade.**
>
> Só hoje me é possível aproveitar do seu generoso convite para estabelecer a minha defesa pelas paginas do "Parafuso". Propositalmente esperei que os meus adversarios exgottassem todo repertorio infamante com que procuraram justificar a covardia dos seus actos. Aguardei que o inquerito sobre tentativa de morte de que fui victima proseguisse sem a minima intervenção da minha parte, confiado unicamente na consciencia de cada uma das testemunhas. [...]
>
> "A Picareta", orgam de propriedade de um grupo de moços rio-clarenses, colaborado por distinctas senhoritas e do qual eu tenho a honra de ser director, desde o seu inicio, não era bem visto por certos elementos, aos quaes a nossa independencia visivelmente contrariava.
>
> O torpedeamento do "Paraná", seguido da quebra de relações do Brasil com a Allemanha, tinha repercutido em todo o paiz. Em todas as cidades do interior do nosso Estado se organizavam manifestações de solidariedade ao acto do governo nacional. Apenas Rio Claro não se manifestava, apezar do indiscutivel patriotismo de seus habitantes.
>
> A nós, moços independentes e patriotas, não nos preoccupava a causa desse silencio; a nós competia agir.
>
> Foi quando os redactores d' "A Picareta" resolveram improvisar o magnifico comicio, que no dizer da "Gazeta do Povo" de Rio Claro – "foi a maior e mais bella manifestação collectiva que até hoje se viu nesta cidade".
>
> O "Alpha", da mesma cidade, noticiando o brilhantismo da manifestação, lamentava que alguns irresponsaveis praticassem actos de vandalismos, explicando

> que taes actos, estão apontados – "a conta de moleques em conluio com certos exaltados que se diz serem elementos de fora".
>
> Dahi o odio que despertei em alguns germanophilos poucos tolerantes, que começaram por me intrigar com o situacionismo local, apontando-me como instigador de disturbis, com fins politicos. E' de notar que nunca fui eleitor; não exerço, nem sou candidato a exercer empregos públicos; tampouco tenho parentes politicos, e não seria agora neste momento doloroso de abastardamento de caracter, que eu faria a minha adhesão á politicalha.
>
> Baseavam-se no facto de não termos convidado officialmente a municipalidade!
>
> Tratando-se de uma iniciativa particular, fizemos appello publico por meio de boletins, e demos a palavra no comicio a todos que dela quiseram fazer uso. [...]
>
> Os meus "austeros" adversarios aproveitaram a opportunidade e com o cynico pretexto de defender familias ultrajadas, (?!) publicaram pelos "A Pedidos" do "Diario do Rio Claro" uma mofina anonyma e injuriosa em que eu era offendido em meus brios de filho extremoso. Nada pouparam os tartuffos; nem mesmo pessoas de minha familia, a quem enviaram cartas anonymas.
>
> Até então, não julgava os meus inimigos capazes de tantas baixezas, de tantas infâmias! O tempo, porém, veiu demonstrar que não são apenas covardes difamadores; [...] terminaram por desfivellar a mascara e empunhar o punhal homicida, tendo por capangas pessoas de suas famílias. [...]
>
> Na noite de 19 de setembro em uma casa da rua 3, daquella cidade, os meus adversarios, reunidos, esperavam que os meus famulos indicassem a minha presença em qualquer ponto da cidade. Estava eu nos bilhares do "Chegadinho", em despreoccupada palestra com os amigos Alcides Rocha e João Ramalho, quando vejo o coronel Marcello Schmidt que, brandindo um punhal arremetia contra mim. Corri, logrando escapar pela porta do quintal.
>
> Na porta que dá para a rua estava Candido Schmidt, filho do coronel, de revolver em punho, tendo sido contido dos seus designios criminosos pelo jovem Accacio Rocha. Lá, tambem estava Tedesco Schmidt, sobrinho do coronel, que teve o pudor de não exhibir armas. Fugi para o quintal, emquanto Marcello, vendo-se impossibilitado de matar-me, substituira o punhal por um chicote. Apresentei á policia o nome de oito testemunhas. Tres, acabo de ser informado – tiveram a nobre coragem de dizer a verdade: **elles viram o punhal, elles viram o revolver.**
>
> Os outros... nada viram... ou esqueceram... Dois homens se distinguiram naquela cidade pela probidade com que desempenharam a missão de jornalistas: o correspondente do "Estado de S. Paulo", enviando á redacção desse jornal um telegrama que é resumidamente a expressão da verdade; e o digno director da "Gazeta do Povo", que publicou uma imparcial e verdadeira noticia da scena criminosa.
>
> Eu sei, estou informado, intimado mesmo a calar-me sob pena de soffrer novas aggressões. Não importa. Esta é a verdade e si ainda existe uma justiça nesse paiz, o resultado do inquerito fallará mais alto do que a minha voz. [...]
>
> RUBEM FARO.
>
> (O Parafuso, 20 outubro 1917)

Como esperado, é dele a afirmação que Schmidt estava acompanhado na sua tentativa assassina (ou apenas de revide segundo o coronel), também há, compreensivamente, o reclame das ofensas de que ele foi vítima. O que se destaca em seu relato, à nossa análise, é o comentário sobre as testemunhas, da qual apenas três de oito corroboraram com sua versão do

acontecimento. Qual seria a motivação para a rejeição? Apesar de realizarmos uma pesquisa e trabalho sobre o preconceito étnico, não podemos virar maniqueístas e ver um mundo de "vilões" e "mocinhos", temos que pensar igualmente os dois lados. O motivo de rejeitarem pode ter sido o medo de retaliações de um coronel, que não disfarçava o seu poder e muito menos as suas ações. Rubem Faro foi ativo e orgulhoso de seu preconceito e perseguição, mas não menos ativo e afirmativo foi Marcello Schmidt em exercer a sua força. Ambos se viam justificados, em suas formas de ver o mundo e os acontecimentos mundiais e/ou locais, e igualmente viam o detrator como inerentemente errado e injustificado.

Os conflitos, entretanto, não ficaram fechados ao passado, as concepções sobre os alemães e as figuras de destaque de Rio Claro se manteria. Mesmo posteriormente aos desentendimentos entre Schmidt e Faro, vemos o jornal "O Combate" satirizando o medo de alemães e descendentes de Rio Claro à nova onda de apedrejamentos que se aproximava. Junto de Schmidt, Teixeira dono do "Diário do Rio Claro", foram postos como "kaiseristas":

> **DE RIO CLARO**
> **Von Schmidt e herr Zeziko temiam manifestações pro-alliados**
> **A policia as prohibiu, mas o povo as realizou assim mesmo**
>
> Quando chegou a esta cidade a noticia da derrota da Allemanha, apavorou se o kaiserismo local. Haveria forçadas abdicações, como em toda a Allemanha?...
>
> Houve um telephonemas. Logo, cumprindo uma recomendação do dr. Eloy Chaves, secretario da Justiça, o dr. Estevam de Negreiros Guimarães, delegado de policia desta cidade, procurou os jornaes afim de solicitar o seu auxilio no sentido de lembrar á nossa população "a inconveniencia de quaesquer manifestações enthusiasticas diante das victorias das forças que se batem pela liberdade dos povos cultos". O dr. Eloy Chaves declarou ao dr. Negreiros que não admitisse, de modo algum, a sahida de manifestantes pelas ruas de Rio Claro, "essa bella cidade que s. s. visita frequentemente, que tanto adora e que considera como uma segunda terra sua".
>
> Diante disso, o oficialismo respirou. Não lhe seria necessario tomar passagens para a Hollanda...
>
> O povo, porém, não esteve pelos autos. Entendeu que o luto de cada um não devia eclipsar o jubilo collectivo, nacional. E, de facto, com uma banda de musica á frente, numerosa manifestação percorreu as ruas, aclamando os alliados e os seus partidarios.
>
> Teria graça, realmente, que interesses de campanário se superpusessem ao regosijo mundial pela victoria da Liberdade e da Civilização!
>
> *(Do correspondente)*
>
> (O Combate, 18 novembro 1918)

"Von Schmidt e herr Zeziko" eram as figuras principais a se direcionar os ataques. De modo interessante, assim como vimos no "O Alpha", isso era uma "justificativa", a qual servia para realizar os ataques indiscriminados. Se o "Alpha" desejava trucidar os alemães que fossem

contra o Brasil, o "Combate" era contra os poderosos locais. A explicação de ambos era propositalmente aberta e inconclusiva, ao mesmo tempo que "especificava" quais seriam os perseguidos, os elementos delimitadores poderiam ser facilmente impostos a todo e qualquer alemão ou descendente. As consequências estão no apedrejamento de casas, ameaças a famílias, fechamento da Escola Alemã e a depredação da "Igreja Alemã". Seriam todos esses alemães contrários ao Brasil, sendo súditos do *kaiser*? Ou todos seriam da elite local coronelista? Independente do motivo que fosse inventado, servia igualmente de justificativa aos ataques.

O próprio Rubem Faro continuaria com elementos de estigmatização étnica em suas críticas ao município, sem esconder o desagrado aos sobrenomes germânicos:

> **Em Rio Claro**
>
> A proposito de uma festa que, segundo os jornaes, é promovida pelos elementos germanófilos naquela cidade, com o **vandalico** sacrifício de quinze perús.
>
> A firma industrial que aqui domina,/ Meyer, Wilk, Schmidt & Comapnhia,/ De perús e gallinhas, nesse dia,/ Vai fazer a mais barbara chacina.
>
> Quem conhece essas aves de rapina,/ Cuja fome voraz nada sacia,/ Logo viu que sem bródio não podia/ Acabar esta farra clandestina
>
> Em matéria de boia logrou fama/ O "bochismo", que em tudo mette o dente/ E da pança tem feito o seu programma.
>
> Come tudo que encontra, por principio;/ Seu ideal á papar tranquillamente/ O dinheiro que rende o município.
>
> **Rubem Faro**
>
> (A Rolha, 24 setembro 1918)

Os conflitos não foram amigáveis, obviamente não temos como saber o que aconteceu entre os dois, contudo é certo que a figura única de Marcello Schmidt, um dos poucos casos em que um imigrante se torna coronel (BILAC, 2001, p.73), trouxe situações igualmente únicas. Ao mesmo tempo que detinha poder no município, era perseguido pela sua origem; se foi um dos principais defensores dos movimentos operários, posteriormente foi chamado de elitista; se deixava evidente o seu posicionamento a favor do brasil, continuava sendo chamado de "boche" germanófilo. Por outro lado, não devemos desconsiderar que os coronéis eram de cometer atos

violentos, e o jornalista, mesmo que ligado a jornais com matérias e charges preconceituosas e xenófobas, pode ter sido ameaçado por essas práticas típicas do poder.[31]

Mantendo-se neutro, ou a favor de qualquer um dos lados desse embate, uma coisa é evidente e inconteste: o preconceito étnico a alemães. Assim afirmamos, pois independente do poder que o indivíduo carregasse ou não, o ataque voltado à sua origem era uma das armas disponíveis, ofender os "boches" era em si um discurso hegemônico e aceito. A germanidade, a identidade e orgulho cultural, independente de se mostrar a favor do Brasil contra a terra ancestral, era motivo de estar marcado, às vezes só bastando ter um sobrenome diferente. Ninguém estava livre do preconceito e perseguição, nem os poderosos. Os críticos não iriam deixar de usar esse tipo de ataque, sem consideração de que todo um grupo de indivíduos era estigmatizado, excluído e perseguido juntamente. Era o momento em que a etnia, origem ou "raça" importava mais do que as solidariedades de classe, o preconceito étnico colocava todo germânico como sendo um "boche", independendo se era um colhedor de café, sitiante, operário, comerciante ou coronel, tampouco se possuía ou não formação, se tinha envolvimento na política ou mantinha-se afastado, a diferenciação não importava: eram alemães.

O Alpha e a vigilância aos alemães

O jornal "O Alpha" possuía uma linha editorial opinativa a respeito das questões noticiadas, envolvendo-se e militando quando imaginava necessário. A presença de um inimigo atroz, infiltrado e pronto a apunhalar a população, acabou sendo um dos alvos de sua militância. A forma de atuação que encontraram foi a de participarem na vigilância aos "inimigos" da nação, abrindo espaço para que as pessoas pudessem enviar relatos e denúncias ao que presenciassem de "errado":

> Tudo pela Patria
>
> **A colaboração dos leitores**
>
> Na emergencia actual, achamos de uma necessidade promente, fazer convergir todas as forças patrias, em defesa de nossa soberania, ameaçada constantemente pela espionagem alemã. Onde está um inimigo nosso ou um de seus alliados, está a cilada, está o perigo imminente que nos póde ameaçar, sem que o possamos evitar ou reagir, si chega a manifestar-se.

[31] Tais questões podem estar relacionadas aos conflitos entre coronéis e seus "currais", o que não abordamos devido ao recorte temático da pesquisa. Aos interessados em tais conflitos recomendamos a leitura de "Coronelismo, enxada e voto" (LEAL, 2012), e em Rio Claro a já citada "As elites políticas de Rio Claro" (BILAC, 2001).

> Cada cidadão, portanto, deve ser uma sentinella, sempre alerta e sempre prompta a desmascarar machinações que possam prejudicar, directa ou indirectamente, ao brasileiro como a qualquer de nossos alliados, descobrir manejos mysteriosos, vigiar pessoas suspeitas, denunciar os que continuam à manter transacções commerciaes com os inimigos e seus alliados; apontar ao despreso dos verdadeiros patriotas, os nacionaes e os alliados que são germanophilos, suprema vergonha que merece um castigo severo, e aquelles que, contra todos os ditames da honradez, conservam em suas casas commercises, em suas industrias o em suas officinas, subditos allemães, austriacos, bulgaros e turcos.
>
> TUDO PELA PATRIA, deve ser a nossa divisa. É pela Patria, pois, devemos pôr de parte todo e qualquer sentimentalismo, todo e qualquer interesse pessoal, truncando de uma vez toda e qualquer transacção com quem menosprezou de nossa soberania, arrastando o Brasil a uma guerra sem precedentes.
>
> Para isso, abrimos uma secção, na qual todos poderão collaborar, afim de que as nossas auctoridades, mais completa orientação possam ter, para agir com severidade.
>
> Avisamos, porém, que não daremos attenção ás cartas anonymas. Toda e qualquer missiva deve vir assignada, embora a assignatura seja de único e exclusivo uso da redacção. A hora que atravessamos é de gravidade e cada um deve ter a coragem de combater abertamente o inimigo, para ser digno dos que hoje pejam pela Civilisação do mundo, contra a barbarie dos hunos modernos.
>
> Alerta, pois, e TUDO PELA PATRIA !
>
> VEDETA.
>
> Toda a correspondência deve ser endereçada a *Vedeta*, nesta redacção.
> (O Alpha, 10 novembro 1917)

A imprensa tornava-se, espontaneamente, uma ferramenta persecutória, mesmo que as intenções fossem de proteção da pátria. Afirmavam que não seria dada "atenção às cartas anônimas", contudo, os nomes não foram publicados juntamente das denúncias. A folha ficava aberta às boatarias, cuja origem é de difícil delimitação, com o medo, a maldade e o fervor patriótico sendo elementos de construção, expansão e modificação dessas informações que corriam na sociedade. Esses "invasores traidores" então deveriam, pela lógica, estar em maquinações, leviandades contra a vida de seus hospedeiros, como vemos na suposta pretensão de envenenamento de reservatórios:

> Correndo há dias insistentes boatos de que allemães aqui residentes pretendiam envenenar a agua dos reservatórios locaes, o dr. Delegado de policia destacou para aquelle local duas praças, incumbidas de fiscalisar os referidos reservatorios.
>
> Procedeu muito bem a auctoridade, porquanto toda vigilancia exercida sobre os boches é pouca, pois são elles capazes de tudo.
> (O Alpha, 10 novembro 1917)

O jornal passava adiante o boato e incentivava a ação vigilante da sociedade e da polícia, aprofundando a construção sobre os "boches" de inimigos imorais e descontrolados. Os

combatentes do "germanismo" rio-clarense, assim, teciam elogios para a abertura de uma seção colaborativa e denunciadora. Poderiam reverberar seus discursos e ataques, com um anônimo elogiando copiosamente a iniciativa e aproveitando para realizar as suas críticas e percepções do que ocorria em Rio Claro:

> **A colaboração dos leitores**
>
> [...] Agora outra:
> "Senhor redactor d'O ALPHA.
> Acho optima iniciativa a de abrir uma secção, para os leitores denunciares os patriotas *ursos* e os espiões como os germanófilos mais perigosos.
> Aqui em Rio Claro o sangue allemão está alastrando. Porém, o mais triste, é o ver a gente, empresas com capitaes quasi inteiros de pessoas pertencentes ao grupo alliado, e que permittem-se na testa dellas pessoas inimigas.
> Tem diversas aqui, é só abrir os olhos e... zás: vê-se o quanto vale o patriotismo de certa gente.
> Do Leitor amigo
> J.
>
> (O Alpha, 15 novembro 1917)

"Aqui em Rio Claro o sangue alemão está alastrando", era a preocupação do "leitor amigo" para com o município. Demonstração do "perigo alemão", o problema era a existência da comunidade primeiramente, a base da argumentação, sua premissa, para então vir as discordâncias sociais, políticas ou econômicas, com aqueles que não estivessem na "luta", questionassem seus métodos ou não quisessem se envolver, sendo classificados como "germanófilos", duvidando de seu patriotismo. Até possuir empregados e amizades com "boches" poderia representar uma aliança ao inimigo.

O conflito estava chegando ao seu fim na Europa, vinham novos motivos de manifestação, comemorativa da vitória sobre os "boches", um momento de júbilo. Novas demonstrações seriam assim realizadas, era o fim do período de barbáries *kaiseristas*.

Nova onda de manifestações com o fim da guerra

Eis que chegava o tão aguardado dia do fim da Primeira Guerra Mundial, com ele era esperado comemorações, ainda mais depois de todos os atos anteriores e vigilâncias exercidas. As festas em Rio Claro foram marcadas pelo enterro simbólico do *kaiser* Guilherme II, com ampla participação dos munícipes na comemoração:

O enthusinamo pela queda da Allemanha

O enterro symbolico do tyranno allemão

A noticia de haver sido o armisticio assignado hontem pelos plenipotenciarios allemães foi conhecida hoje, nesta cidade, às primeiras horas da manhã, por diversos telegrammas procedentes de S. Paulo.

Logo que tivemos conhecimento da grandiosa nova, affixámos um cartaz á porta de nossa redacção, para que a noticia fosse mais rapidamente divulgada por toda a cidade.

O regosijo em Rio Claro é geral.

—Os estabelecimentos commerciaes, as sédes das associações e grande numero de predios particulares hastearam o pavilhão nacional ao lado do das nações alliadas.

O trabalho nas officinas da Companhia Paulista foi suspenso, cerca das dez horas da manhã, por determinação da directoria da importante empresa, em Jundiahy.

A' uma hora, mais ou menos, a corporação musical do Gremio Recreativo foi chamada ás officinas da Paulista, ali executando muitas peças do seu repertorio, achando-se as confortaveis dependencias da Companhia literalmente repletas de empregados de todas as categorias, dentre os quaes devemos destacar cerca de 800 operarios, os quaes vibravam de um enthusiasmo justissimo.

As officinas estavam completamente embandeiradas.

Cêrca das duas horas, a banda musical dirigiu-se á residencia do sr. Adão Gray, chefe das officinas, onde executou diversas peças. [...]

Hoje, desda ao meio dia, até ás 3 horas, effectuou-se o solenne enterramento do militarista allucinado e monstruoso imperador Guilherme II.

Carregado por diversas pessoas, que se revesavam, ia na frente o caixão funebre, dentro do qual se encontrava extendido um homem com expessos bigodes postiço a marca registrada do imperador nefasto.

Pelos manifestantes era levado em triumpho o retrato do marechal Foch, sendo que outros expunham ao ridiculo uma caricatura do kaiser, mimoseseado com um par de orelhas — incommensuraveis.

Tomavam parte na explosão de enthusiasmo mais de mil pessoas, muitas das quaes levavam bandeiras, lênços, paletots, etc.

O feretro foi conduzido, diversas vezes, das officinas até a avenida 8 e viceversa, sempre no interior das propriedades da Paulista.

A satisfação popular é extraordinaria; ouviam-se, durante o percurso do enterro, o bimbalhar de sinos e campainhas, ruido de latas, gritos de alegria, ete.

Pouco antes das 4 horas, o sequito funebre começou a percorrer as ruas do centro da cidade, as quaes se achavam apinhadas de povo.

O enterramento do kaiser foi de uma solennidade a toda a próva, desabafando-se o povo com um prazer indescriptivel.

(O Alpha, 12 novembro 1918)

A aglomeração estava entretida com o festivo dia, os operários realizavam o enterro do *kaiser*, com sátiras, brincadeiras, músicas, ovacionando o fim do conflito. As ruas apresentavam a flâmula verde e amarela içada nas casas e comércios, seja por real felicidade ou medo de novos apedrejamentos, quiçá ambos. Vemos então uma descrição detalhada de como foi a sequência de eventos, informando-se até o horário:

O enthusiasmo pela queda da Allemanha

Hontem, ás 4 ½ horas da tarde, os manifestantes que levavam a efeito o symbolico enterro do kaiser, ao passar defronte da redacção dessa folha, prorromperam em vivas, emquanto o caixão fúnebre era alvo da curiosidade dos transeuntes. [...]

— Pouco depois das 5 horas, o enthusiasmo publico augmentou ainda mais, sahindo a percorrer as ruas da cidade a corporação musical do Gremio Recreativo.

Os manifestantes levavam em triumpho as bandeiras de todas as nações vitoriosas.

Durante a passeata, foram cumprimentados muitos cavalheiros e as auctoridades municipaes, policial e judiciarias

A's 5 ½ horas, extraordinaria multidão, precedida da banda musical, deteve-se em frente da nossa redacção, tendo o sr. Miguel A. Brandolezzi produzido um enthusiastico discurso sobre a atitude d'O ALPHA, "a única folha rio-clarense que, desde o inicio da grande guerra, se colocou desassombradamente ao lado da causa dos alliados, sem temer as ameaças dos germanóphilos nem os arreganhos dos teutónicos mais exaltados". [...]

— Diante da redacção do *Diario* os manifestantes provocaram um ligeiro incidente, devido ter essa folha, em tempos, se collocado ao lados dos súbditos do kaiser.

Da sacada da redacção, o jovem redactor do *Diario*, José David Filho, verberou a conducta hostil da multidão, confessando que "apesar de ter sido germanóphila, a orientação do jornal era patriotica e em favor dos alliados, *desde que se deu o torpedeamento do "Paraná"*.

— A' noite, estiveram na redacção desta folha vários moços, os quaes nos apresentaram queixa de que um soldado da policia sacára do seu facão e investira contra um grupo de manifestantes, no largo da Santa Cruz.

Como esse acto não excede de uma violencia punivel, aqui registramos a queixa, certos de que as providencias não se demorarão por parte do sr. Tenente Villariço, commandante do destacamento.

(O Alpha, 13 novembro 1918)

O movimento que se associou às festas, saiu pelas ruas exaltando ou enxovalhando a quem julgavam como "germanófilos", com elogios ao "Alpha" e críticas ao "Diário do Rio Claro", no qual o redator concordou parcialmente com os acusadores, mas afirmando completa lealdade ao Brasil desde o primeiro torpedeamento. O jornal então apresenta uma queixa de "vários moços", de que teriam sido ameaçados por um policial com um facão em punho. Ambos os casos, de cobrança ao "Diário" e o de excesso policial, demonstram-nos como estava o fervor social quanto ao assunto, com situações de conflito podendo ocorrer seja pelos manifestantes, pelos alemães ou pela polícia.

De igual modo, o município de Santa Gertrudes também foi noticiado realizando similar enterro simbólico ao de Rio Claro:

Enterro do kaiser em Santa Gertrudes

Do nosso correspondente em data de hontem:

> A nossa população, esquecendo-se por uns instantes da fatídica epidemia que avassala todo o nosso Estado, e em regosijo pela assinatura do armisticto, promoveu hoje, mais ou menos ás 3 horas, com toda a pompa que o caso exigia, o symbolico sepultamento do tyranno mais cruel que se é dado conhecer em toda a historia do mundo, o famigerado usurpador Guilherme II, o kaiser, que por intermédio de meios violentos sonhava apoderar-se de todos os poderes soberanos do mundo. Mas tal não sucedeu; e o povo agora, sentindo a necessidade de desabafar-se deste sentimento que o opprimia, promove esta solennidade com geral satistação [...]
>
> Os edifícios principaes desfraldaram todas as bandeiras alliadas e a população demonstrou geral agrado pelas manifestações realisadas.
>
> No auge da alegria, foram soltados foguetes em profusão, para se tornar bem patente o fogo sagrado do dever.
> (O Alpha, 14 novembro 1918)

Podemos dizer que as manifestações públicas de festejo à vitória foram comuns, mas nem todas as localidades apresentaram conflitos intensos. Algumas práticas acabam por se difundir, sem necessariamente despertar os mesmos problemas, apesar de que não excluímos a possibilidade de perseguições acontecendo em Santa Gertrudes também, ou dos fogos terem sido direcionados a propriedades alemãs.

O fim da Primeira Guerra representaria então o fim das perseguições e problemas com alemães? A resposta é negativa. A construção do inimigo foi detalhada, trazida ao cotidiano, era um estigma que as pessoas de origem germânica não poderiam se ver desvencilhadas facilmente, o "perigo alemão" se tornava uma verdade aos olhos amedrontados da população. Não apenas isso, como denúncias de ameaças e violências voltavam à tona, não pelas páginas de "O Alpha", mas de um boletim e posteriormente pelo "O Dia", cujos escritos iriam questionar o posicionamento persecutório incontrolado.

Os conflitos entre O Alpha e O Dia

Apesar da imprensa participar, majoritariamente, da perseguição, vigilância e violência aos alemães, não podemos afirmar que inexistiam vozes dissonantes, que se apresentaram criticamente frente à escalada persecutória. O jornal "O Alpha", que veiculava diversas matérias exaltadas contra o grupo alemão, se ofendeu com as críticas realizadas por outro boletim:

> **Um boletim insolente para os nossos brios**
>
> Foi hoje profusamente distribuído pela cidade um boletim insultuoso para os sentimentos da nossa população e mandado editar por algum allemão ou por algum germanóphilo, um desses innumeros parasitas que abundam em Rio Claro.

> O fim de semelhante publicação, intitulada "Ao Povo" e assignada abusivamente por *Alguns brasileiro*, é "verberar publicamente o insólito e covarde procedimento dos arruaceiros que, nas noites destes ultimos dias, a titulo de patriotismo, andaram pelas ruas da cidade, bêbados até mais não poder, praticando actos da mais repugante e infame barbaria."
>
> E assim, nesse diapasão ignobil, foram ali estampados mais sete longos períodos de affronta ao nosso povo, á extraordinaria multidão que se associou ás manifestações, em regosijo á estrondosa victoria dos alliados.
>
> Não trepidamos em pôr em duvida a completa carencia de dignidade de quem se prestou a redigir o insolito boletim.
>
> Para que não pairem suspeitas sobre a conducta dos proprietario das oficinas onde foi editada essa publicação, solicitamos-lhe destas columnas seja-nos apontado o nome do auctor ou auctores do insolente boletim, procurando ferir de perto, sob a capa do anonymato, a reputação da sociedade rio-clarense.
>
> Nenhum brasileiro deve acobertar as acções nefastas praticadas contra os brios de um povo, e o seu editor, naturalmente, não se prestará a desempenhar tal papel, sob pena de sacrificar a sua dignidade para egualar á catérva dos miseraveis.
>
> (O Alpha, 14 novembro 1918)

Nesse momento, era desconhecida a procedência do dito "boletim", mas a crítica que ele abordava é notadamente o pensamento daqueles que sofreram ataques discriminatórios feitos pela "extraordinária multidão", com o posicionamento adotado pelo "O Alpha" de silenciamento de críticas também presente. Nesse trecho de 14 de novembro de 1918, parece-nos que o boletim foi uma ofensa generalizada, contrário ao orgulho e brio brasileiros. Contudo, vejamos outros trechos deste, que "O Alpha" citou no dia 20, no qual detalha os atos cometidos:

> **Um boletim insultuoso para os nossos brios**
>
> Confórme noticiámos em nossa edição de quinta-feira ultima, intermediarios do germanophilismo local fizeram distribuir profusamente pela cidade, na noite de 13 para 14 do corrente, um boletim insolente, do qual já estampámos um periodo, cuja linguagem libérrima escandalisou a nossa população.
>
> Damos a seguir, mais um trecho da insultuosa publicação:
>
> "Queremos verberar o procedimento do grupo de desordeiros que na noite de sexta-feira para sabbado, andou pelos arrabaldes de Rio Claro, pondo em sobresalto famílias respeitáveis de cidadãos que aqui residem e que si não são brasileiros pelo nascimento, o são todavia pelo amôr que têm á nossa patria, o são pelo trabalho honrado, o são pelos filhos brasileiros que têm nupcias aqui contrahidas.
>
> "Sómente repugnancia e odio mesmo, desperta o acto dos vandalos que, proferindo os maiores impropérios, ébrios e armados de facas e trabucos, andaram a pôr de sobresalto distinctas e acatadas famílias, como por exemplo foi desrespeitada e insultada mesmo, a família do sr. Francisco Bartels e outros cidadãos de nacionalidade allemã aqui residentes.
>
> "Ora, isto é infame, é revoltante e porque *somos brasileiros* e porque nos orgulhamos desse nome, é que vimos protestar contra tudo que com esse mesmo nome, se fez e praticou de selvagerias e barbarismos"."
>
> O boletim, como dissemos, é assignado por *alguns brasileiros*, os quaes, entretanto, deixaram de responder ao repto que lhes lançámos, talvez por não dispôrem de prompto de uma falsa certidão de nascimento.

> Soubemos que, no mesmo dia em que foi espalhada a aviltante publicação, o dr. Estevam de Negreiros Guimarães, delegado de policia, teve uma conferencia com os funccionarios superiores das officinas da Paulista, afim de procurarem estes abortar a manifestação hostil que diziam estar projectada contra os indigitados auctores de semelhante offensa á dignidade publica.
>
> A ser exacto tal passo dado pela auctoridade, cremo-nos no direito de censural-a, visto que primeiramente lhe competia não envolver-se com um movimento cuja realização era problematica, e sim chamar á sua presença o editor de tão insolito boletim, para que este declinasse o nome do allemão que o mandou a prêlo.
>
> Dirá o dr. Estevam não ser propheta para adivinhar quem seria o culpado, mas isto resalta á razão sem mesmo se ter necessidade de recorrer ao occultismo: Si o caracter dos typos ali empregados não é idêntico ao desta folha, nem do *Diario*, nem das typographias Conrado ou Costa, é claro que se assemelha muitissimo com o das officinas d'*O Dia*, o pequeno semanario editado á rua 8, nº 108.
>
> O seu proprietario, que está ausente desta cidade ha cerca de um mez, não teria permitido a impressão de tão pesadas offensas ao nosso povo; é patente que alguem terá se aproveitado disso para dar largas ao seu descommedido germanophilismo, prestando-se ainda a redigir os seus termos, para melhor gaudio do *boche* que o mandou estampar.
>
> Afinal, nunca será perdido o tempo empregado contra os germanophilos; por isso, torna-se imprescindivel que o dr. delegado coadjuve a nossa acção, chamando os culpados á delegacia e admoestando-os pela sua péssima attitude perante o povo.
>
> Isso será tanto mais agradavel para o publico e de consequencias mais satisfactorias para a propria auctoridade, do que, repetindo se a insolencia, tenha o povo de agir por si mesmo, para desmantelar a audacia dos seus criminosos offensores.
>
> (O Alpha, 20 novembro 1918)

O boletim relata ações de violência e ameaça armada, feitas pela turba, contra as famílias de descendentes de imigrantes alemães. Em momento algum transparece qualquer germanofilismo ou desprezo ao Brasil, com os autores descrevendo a si como "somos brasileiros" e assinando com "alguns brasileiros", repudiando veementemente os atos de vandalismo e ofensas proferidas. Algumas palavras são, realmente, mais duras e até grosseiras, porém de leveza inquestionável se comparada ao que era escrito sobre os alemães, ou os atos cometidos contra estes. "O Alpha" não se conteve apenas em criticar o delegado que impediu nova onda de violências, dessa vez organizada por funcionários das ferrovias, o jornal ainda defendeu que quem deveria prestar esclarecimentos seriam os redatores do boletim e não os planejadores de novos ataques.

Seguindo o seu ativismo, o redator do jornal continua os seus questionamentos e começa a realizar acusações às oficinas que poderiam ter impresso o dito boletim. Não menos importante, "O Alpha" atiça a população a continuar os seus ataques "justificados", além de impor ao delegado que interrogue os responsáveis pelo "O Dia".

A perseguição se daria a toda e qualquer oposição de pensamento, e as críticas contra "O Dia" iriam se intensificar, com diversas acusações sendo veiculadas:

> **Um boletim insultuoso para os nossos brios**
>
> A attitude d'"O Dia" e as suas absurdas evasivas
>
> [...] *O Dia* nega haver subido de suas officinas o boletim insultuoso, e nós, todavia, sem receios de qualquer sorte, sem discrepancia, não hesitamos em continuar a assegurar que as offensas ao nosso povo foram alli impressas, com auctorisação do director-interino daquelie semanario, e com a circumstancia ainda mais grave de terem sido redigidas pelo mesmo *jornalista* ao serviço de um *boche* despeitado.
>
> O ponto essencial de toda essa questão é deixar patente quaes os verdadeiros auctores e cumplices da publicação do alludido boletim em que o nosso publico foi grosseiramente ofendido em seus brios por atrevidos allemães, acobertados abusivamente com a falsa assignatura de – *alguns brasileiros*. [...]
>
> – Pedimos ha dias ao dr. Estevam de Negreiros, delegado de policia, que coadjuvasse a acção dessa folha no sentido de serem abortados todos os ímpetos dos *boches* e dos germanophilos despudorados.
>
> Hoje, soubemos que a auctoridade, attendendo ao nosso appello, chamou á sua presença o encarregado das officinas d'*O Dia*, intimidando-o a não dar á publicidade qualquer folheto, boletim ou jornaes, sem submetel-os á sua censura, de accordo com as instrucções do delegado geral.
>
> (O Alpha, 25 novembro 1918)

A junção do poder físico ao poder midiático estava demonstrada, não que fossem uma coisa só, mas utilizavam-se mutualmente conforme a possibilidade. Em um momento em que a imprensa estava sendo observada de perto pelo poder, a discordância no posicionamento quanto a um tema hodierno podia fazer com que acusações fossem disparadas. De toda forma, se o boletim era feito pelas oficinas de "O Dia", e se foi escrito pelos e para os alemães, o jornal "O Alpha" conseguiu influenciar para calar ambos.

O posicionamento do jornal não deixaria de ter seus críticos, mas a resposta a eles acaba por ser igualmente esclarecedora, como podemos ver:

> **Um boletim insultuoso para os nossos brios**
>
> [...] Nós brasileiros, filhos de um paiz grandioso, que concede a todos a mais ampla liberdade, sob todos os pontos de vista, valemo-nos sempre do art. 72 e seus parágraphos, até mesmo em prejuiso dos interesses vitaes do torrão patrio. São effeitos da largueza de coração que nos é peculiar; são os preciosos legados que herdámos dos nossos antepassados.
>
> A's vezes, uma avalanche humana abre um parenthesis aos parágraphos daquelle decreto da Constituição e faz violar o lar de um extrangeiro. A policia córre a salvaguardar a integridade da habitação e pisa á multidão a patas de cavallo, sem siquer dar-se ao trabalho de sondar sobre o movel da violenta explosão não contida pela onda revolta de sêres humanos.

> Toda a liberdade tem limites. A propria lei nos observa que é livre em qualquer assumpto a manifestação do pensamento, sem dependencia de censura, respondendo, entretanto, cada um pelos abusos que commetter; sendo assim, a liberdade não é illimitada, pois há sempre um direito que se antepõe ao abuso, para cerceal-o quando necessario. E ai de nós si assim não fosse!
>
> Para não nos afastarmos da legitimidade dessa asserção, vamos a uma suposição que cabe perfeitamente ao caso do boletim.
>
> O Brasil rompera as suas relações com a Allemanha e contra ella manifestou-se para logo em estado de belligerancia. Alguns allemães – referimo-nos aos mais atrevidos – indignados com o enthusiasmo publico, em suas ruidosas manifestações, e aproveitando-se da liberdade que lhes confere a nossa Magna Carta, sahem á praça publica a blasphemarem insultos e bradarem que lhes será um dia de immenso jubilo aquelle em que **lavarem as suas casas com sangue** dos brasileiros e dos italianos!
>
> Todo o homem que ama a sua patria e deseja vêl-a cada vez mais respeitada, deverá calar-se ante as ameaças vociferadas por esses audaciosos allemães ou alliadóphobos?
>
> Não! Sentindo pulsar mais forte o seu patriotismo, esse homem não deve aliciar gente para sómente apedrejar os lares dos insolentes hospedes; deve reunir-se, conglobar-se á numerosa massa, e arrancar do **interior** de sua morada esses perniciosos elementos, para trucidal-os na praça publica, afim de servir de exemplo.
>
> O sacrificio dessas vidas visará apenas o bem-estar da propria nação, da propria collectividade.
>
> Conservar-se em silencio nessas occasiões equivale a dar-lhes apoio contra a nossa patria, pois é sabido que quem poupa o seu inimigo nas mãos lhe **morre**.
>
> [...] Finalisando o seu artigo, o sr. Calheiros quer fazer crêr que "a attitude d'O ALPHA obedece innegavelmente a algum interesse occulto, que não chegará, provavelmente, ao fim collimado".
>
> Há, com effeito, um interesse capital e não occulto, em nossa attitude: Sanear da sociedade os elementos perigosos para a sua tranquillidade, apontando-os um a um, sem hesitação, á execração publica, afim de receberem o correctivo a que fizerem jús. (O Alpha, 2 dezembro 1918)

A crítica à severidade policial já foi por nós vista anteriormente, em 1906, na Revolta da Paulista, doze anos antes da suposta "truculência" que visava defender a propriedade e a vida dos imigrantes e descendentes. Assim afirmamos, levando em consideração o que o próprio artigo nos diz, de que deveriam, além de apedrejar os lares, trucidar seus moradores. A justificativa era que supostamente alguns despudorados teriam falado em assassinar brasileiros e italianos, logo seria correto "sanear" a sociedade dos "elementos perigosos" ou dos "insolentes hospedes". Não nos esqueçamos que um dos locais apedrejados foi a Escola Alemã, a qual comportava um internato, além da Igreja Luterana, dos comerciantes e lares familiares que tiveram que buscar bandeiras do Brasil para não terem ainda mais danos. Afirmar a existência de um não contado número de alemães, supostamente blasfemadores do Brasil em praça pública, é noticiar uma imprecisão, não se falam os indivíduos propagadores de tais insultos, mas a justificação do apedrejamento lá está. A defesa do "corretivo" é para aqueles

que supostamente “merecem” a correção, merecedores não nomeados e individualizados, cuja característica apontada é serem alemães e supostamente contra o país hospedeiro.

Similar interpretação tiveram os críticos d’“O Alpha”, que não deixou de realizar a sua defesa, de que nunca defenderam a matança indiscriminada, como vemos:

Falsas interpretações

> [...] Confórme muito a proposito destacámos, *O Dia* finge não comprehender o que com altivez expuzemos e nos pergunta qual o pretexto em que nos baseamos para dar ensejo **ao massacre de allemães** aqui domiciliados ou filhos destes, **só pelo facto de descenderem de um paiz nosso inimigo**.
> [...] E’ claro que não dissemos e jamais aconselhariamos a matança de allemães, só pelo facto de serem descendentes de uma raça hoje nossa inimiga.
> [...] Em face dessas circumstancias, só restará aos brasileiros dignos desse nome o recurso do sacrificio dos insolentes hospedes, sejam elles allemães ou não, e isso em proveito unico do bem estar da propria nação que nos serviu de berço. [...]
> Trucidar allemães que offendem a dignidade do nosso paiz é obra muita diversa do que trucidal-os – só porque tiveram a infelicidade de deixar num paiz barbaro o cordão umbellical.
> (O Alpha, 12 dezembro 1918)

O posicionamento do próprio “O Alpha” não nos deixa dúvida, era o de incentivo à violência a imigrantes e descendentes, poderíamos dizer que despudoradamente. A justificativa de que seriam apenas aqueles que “ofendem a dignidade de nosso país” não se sustenta, sendo uma desculpa, pois efetuado os ataques, toda fala daqueles que sofreram a violência seria descreditada, deixando ao criminoso como detentor da “verdade” e os comparsas como “testemunhas fidedignas” dos acontecimentos. O mesmo é feito para aqueles que tentem mediar ou evitar os ataques descomedidos aos alemães, “sejam eles alemães ou não”, assim como “O Diário do Rio Claro”, cujo dono não era alemão e foi apedrejado, ou “O Dia” que a “altivez” d’“O Alpha” fez com que fosse investigado por discordar de suas afirmativas de trucidamento. Não se trata aqui de parcialidade de nossa parte, pois, como vimos anteriormente, os ataques não eram criticados e, quando o eram, diversas justificativas a estes eram dadas, fora isso, as demonstrações culturais, de orgulho étnico, identitário e até a sua educação, poderiam ser vistas como uma “ofensa” ao Brasil.

A defesa de “trucidar alemães que ofendem a dignidade de nosso país” corrobora com a nossa leitura, não se defendia limites às demonstrações de descontentamento, não se tratava apenas de apedrejar casas e ameaçar alemães, devia-se trucidá-los, atentar contra suas vidas,

aterrorizá-los. A correção às "falsas acusações" acabou mais por confirmá-las do que as corrigir, reafirmando a intenção destrutiva e não rejeitando-a.

Ao pensarmos o dito "boletim" e o posicionamento de "O Dia", notamos uma tentativa de resposta ao que aconteceu, havia ainda a possibilidade de tentar falar, de imprimir e distribuir o seu lado do acontecido apesar de toda a violência. O que nos denuncia outros momentos, em que a censura estava tão enraizada que sequer um resquício de palavra pôde ser feito (veremos sobre na Segunda Guerra). Não menos importante, conseguimos escutar o silêncio abafado desses alemães através da escrita persecutória executada pelo "O Alpha", tendo em vista que não há (ao menos por enquanto, quem sabe encontrem e disponibilizem no futuro) como acessar os jornais de "O Dia" do período, ou do boletim que pode ter sido imprimido em suas oficinas.

As perseguições sociais, políticas e midiáticas se manteriam, a construção e aplicação do estigma foram efetivas. Na segunda metade do ano de 1919, aconteceu a dissolução de alguns meios de repressão:

> Os allemães Internados no Brasil
>
> O governo da União resolveu não fazer a repatriação dos subditos allemães internados, como medida de defesa nacional, na ilha das Flores e no Sanatorio Naval da Nova Friburgo. Por esse motivo o ministro da Marinha mandou suspender todas as restricções impostas á liberdade de que anteriormente gosavam os referidos subditos, os quaes se deverão retirar, até 15 de outubro proximo dos respectivos campos de concentração, tomando livremente o destino que lhes aprouver.
>
> O governo facilitará entretanto, a localisação dos subditos allemães, até egora internados, nas colocias agricolas, desde que os mesmos manifestem esse desejo.
> (O Alpha, 30 setembro 1919)

Embora a repressão aos alemães tenha sido intensa, e os estigmas sobre sua cultura e identidade tenham sido normalizados, o ímpeto vingativo contra esse grupo iria arrefecer. Adormecida a perseguição mais intensa e ameaçadora, os ataques assimilacionistas continuariam, mas sem a arma de correlacionar a cultura indesejada a um inimigo em guerra (apesar de que rememorações da "Grande Guerra", depois conhecida como "Primeira Guerra", seriam utilizadas para atacar o grupo). Os elementos de perseguição étnica estavam então delimitados e até testados, veremos a repetição destes na Segunda Guerra Mundial, com estratégias de violência voltada à destruição cultural e identitária.

Breve conclusão quanto à Primeira Guerra Mundial em Rio Claro

Comparando às nossas afirmações e teses levantadas no mestrado, pudemos comprovar algumas inferências e hipóteses com os aprofundamentos realizados acima. **1)** Primeiramente, fica confirmado como o relato dos acontecimentos variam intensamente conforme a pessoa/instituição que o pronuncia, a distância temporal do ocorrido, além das estratégias sociais e étnicas dos que contam, mantém e constroem o passado/história. **2)** Em segundo lugar, confirma-se o que foi apontado por Scarano (1969) e Castro e Wehmuth (1974), de que há certa vergonha, ou estratégia, de emudecimento frente a esse período por todo o município, independentemente das origens. **3)** Terceiro, porém não menos importante, fica evidente a tese da proteção étnica devido as perseguições e violências sofridas; com a manutenção histórica comunitária (como o livro da Igreja Luterana), e a transmissão da história familiar oral ou escrita, demonstrando que os próprios afetados no período tenderam, posteriormente, a amenizar os acontecimentos e sua gravidade para que, além de proteger a si e a seus descendentes, também permitisse novamente uma melhor convivência com a sociedade. **4)** Quarto lugar, é provável que a memória sobre o apedrejamento da Igreja Luterana e do Colégio Alemão tenha se mantido mais fortemente, frente a outros aspectos e até mesmo detalhes (ou outros apedrejamentos), devido ao fato de sua repercussão a nível nacional e internacional.

Em nossa análise, consideramos indubitável que houve perseguições étnicas intensas ao elemento germânico no município, independentemente de ter nascido na Alemanha ou no Brasil, tampouco importou a quantidade de ancestrais dessa procedência para acontecer os insultos e violências. Também afirmamos que tais atos, tanto de violência, por parte da sociedade, quanto de proteção, por parte do grupo étnico, foram motivados por questões de escolhas conforme a variedade de interesses envolvidos, sejam econômicos, políticos, sociais, de sobrevivência, ou o que for. Não menos importante, já nesse período, constata-se um golpe deletério e profundo nas possibilidades de manutenção de certos aspectos etnoculturais, os quais se deteriorariam ainda mais na Segunda Guerra.

As teorias de confronto/inimizade mostram-se perfeitamente também, no esquema do lobo, camundongo/rato, barata/besouro e vírus (que abordamos no capítulo 3). Os alemães são o "lobo", quando o ataque aconteceu aos submarinos brasileiros, são inimigos de fora atacando o país, e a comunidade não necessariamente é parte desses ultrajes militares. Tornam-se "ratos", quando são vistos parcialmente, uma fração de sua comunidade, como sendo inimiga da população, detratores infiltrados no Brasil, os quais devem ser enfrentados e até certo ponto

contidos. O estágio de “barata” é a indiferenciação entre o imigrado, o seu filho, neto ou qualquer outro descendente, a seguir caem gradualmente as delimitações entre “parte amigável” e “parte inimiga”, tornando-se todos deletérios e perigosos, incluso aqueles da sociedade local que tentam ser ponderados para com o “inimigo”. Por fim, com esses ponderados e a própria comunidade imigrante tentando se proteger, vão ser considerados “vírus”, tal qual uma infecção que não somente ataca o país, como visa transformar a sociedade em seus asseclas, supostamente contaminando as informações, estando espalhados por todo lugar e expandindo (de alguma forma) seus números.

Apesar deste esquema também ser possível até certo ponto nos problemas, perseguições e conflitos prévios à Primeira Guerra Mundial, devemos reconhecer que esta demonstra o processo de maneira completa e profunda. Os teuto-rio-clarenses (ou como queiram chamar) vão sofrer todo o processo persecutório, com violências materiais, simbólicas e até mesmo físicas decorrentes do aprofundamento do “perigo alemão” em Rio Claro. Vão de serem considerados uma comunidade pacata e leal ao povo brasileiro, gradualmente, à inimigos sórdidos, que visam destruir tudo e todos em prol do Kaiser. Tal processo, como veremos, se fará presente também na Segunda Guerra, adicionando-se aí a censura da informação e a imposição da autorrejeição etno-cultural-identitária.

4-I.3 Entreguerras e a questão étnica

Como breve introdução ao subcapítulo, podemos afirmar que o interregno dos grandes conflitos mundiais demonstraram alguns aspectos específicos: nova aceitação dos (ou ao menos tolerância aos) germânicos no município, além de uma breve recuperação de seus aspectos culturais; o fortalecimento da presença italiana e as boas relações que esta estabelece tanto com a sociedade local, como notadamente entre os imigrantes, destacando-se os alemães e os japoneses, havendo miscigenação etnocultural; as revoltas, revoluções e até golpes ocorridos (Revolução Paulista 1924, Golpe de 1930, Revolução de 32, Intentona Comunista 1935 e Golpe do Estado Novo 1937), não necessariamente trouxeram a questão étnica no município.

Desse modo, nesse momento intermediário os alemães vão ter uma lenta recuperação de sua presença no município, devido ao fim das perseguições e discriminações. Não se trata de considerar como solucionado os problemas enfrentados, longe disso, já era uma comunidade marcada com cicatrizes profundas, mas que conseguiu um “respiro” breve, o que se mostrou

longe de reparar os danos sofridos. Quanto aos italianos, estes estavam em pleno crescimento, tanto social, econômico, político, enfim, se tornando um elemento que diminuía o distanciamento entre imigrantes das mais diversas origens com a sociedade local (isso se manterá posteriormente, como veremos no pós-guerras).

Nem por isso devemos imaginar que tenha sido um período sem conflitos ou problemas à nível nacional, com o Partido Democrático (PD), apresentando ideias preconceituosas aos grupos étnicos imigrantes, a partir de ataques no jornal Diário Nacional, o que não impediu que houvesse imigrantes em seu bojo, enquanto seu opositor PRP (Partido Republicano Paulista) tinha alguma aproximação aos imigrantes, a qual a importância também não deve ser superestimada (FAUSTO, 1991, p. 46-47; BILAC, 2001, p. 73-74). Rio Claro com a quebra da bolsa em 1929, ainda continuará a produzir café, mas outras produções irão crescer, tais como o algodão, cana de açúcar e cereais, além de apresentar um considerável crescimento urbano e do centro industrial, e de seus grupos emergentes (incluso imigrantes) (PENTEADO, 1978, p. 93; BILAC, 2001, p. 30, 84-85).

Internacionalmente a década de 1920 viu as relações entre os Estados Unidos e a Europa, ou melhor, aos imigrantes europeus, se deteriorarem, com o aparecimento de leis restritivas à imigração devido à visão de que representavam um perigo nacional; além dessa diminuição, cessaram a imigração de asiáticos e judeus (TOYNBEE, 1976, p. 111-112; ORWELL, 1944/2017, p. 91). No velho mundo a década apresentou o crescimento dos movimentos totalitários, com 3 ditadores, Mussolini, Hitler e Stalin, aparecendo e crescendo em seu poder político e propagandístico, que se consolidariam na década de 30 como respostas não democráticas ao capitalismo e sua recente quebra (ARENDT, 2012; DIKÖTTER, 2022).

Um fato curioso do período, constatamos na entrevista com Evaldo Isler (2025), na qual é relatado o desaparecimento de seu avô Oscar Hauptmann. Oscar foi procurar emprego com alguns familiares na capital do estado, São Paulo, em agosto de 1925, seus irmãos (tios-avôs do entrevistado) relataram que ele, ao virar uma esquina, simplesmente sumiu. Tal situação se tornou uma incógnita à família, a qual não sabe o que aconteceu, com os irmãos de Oscar tendo voltado a Rio Claro e seguido com suas vidas, evitando o assunto. A mais afetada foi sua filha Olivia Hauptmann Isler (mãe do entrevistado), que durante toda sua vida quis saber e tentou descobrir onde seu pai poderia estar, ou o que teria acontecido com ele, mas infelizmente não obteve sucesso. As conjecturas que os familiares elaboraram são várias, tais como: os irmãos não queriam contar ou talvez não soubessem mesmo o que houve; ele fugiu e formou outra

família em São Paulo ou na Europa; tenha falecido, seja por ter se acidentado, suicidado, ou sido sequestrado e/ou assassinado. Para a presente tese, este desaparecimento destaca-se, pois ocorreu em meados da década de 1920, relativamente distante do fim da Primeira Guerra, mas também do golpe de 30 e, ainda mais, do de 37. Apesar da germanofobia não ter desaparecido entre as guerras, não nos deparamos com nenhuma questão ou motivação para violências físicas diretas a essa etnia na década, o que não impossibilita que tenham acontecido. Assim, o máximo que podemos acrescentar é a dúvida, uma nova possibilidade do destino de Oscar: talvez o desaparecimento esteja relacionado às perseguições étnicas aos germânicos e, o silêncio dos irmãos podendo ter sido motivado por medo.

A comunidade nipônica em Rio Claro estava em vias de se estabelecer e fortalecer. Não devemos nos esquecer que a imigração japonesa inicia no país no século XX, com as populações enfrentando o preconceito racial aliado à distância linguística entre o português e o japonês (os alemães também tiveram dificuldades, mas a comunidade já era histórica, com netos e até bisnetos de alemães a compondo, fora que, apesar de línguas com diferenças acentuadas, ao menos o alfabeto, em sua maioria, é igual), o que dificultava o envolvimento com a sociedade. Deparamo-nos com algumas situações que envolveram os japoneses na Revolução de 32, mas trata-se de observações distantes, sem participação, sequer compreensão, do que acontecia.

Revolução 1932

Não iríamos, desde o mestrado (BOVO, 2019), aprofundar a Revolução de 32 (apesar de ser um estudo necessário e importante para compreender o município), tendo em vista que a questão não decaiu tanto na origem dos indivíduos. Contudo, já havíamos abordado tal período devido a alguns fatores. Quando conversávamos com as pessoas, antes mesmo do projeto de pesquisa do mestrado, havia certa confusão dos mais idosos entre o período das guerras e a Revolução de 32, com alguns notando a diferença, mas sem conseguir especificar o momento dos acontecimentos pessoais e/ou familiares, e outros até confundindo por completo (o que é compreensível, tanto pela idade, como por não serem obrigados a saberem minuciosamente o passado). Outro motivo é que buscávamos encontrar uma "reaproximação" da comunidade (no caso a alemã) com a sociedade, uma nova união pelo bem comum, pela luta política, mas se tratou de uma concepção/hipótese infrutífera e que discordamos atualmente, pois a participação, rejeição ou desconsideração do conflito não passou por questões diretamente étnicas, e sim por outras identidades, lealdades e motivações.

De toda forma, mantemos o estudo específico da Revolução para tratar de sua influência no município e, consequentemente, nos grupos étnicos enfocados. Com intensa participação, tanto monetária, como até mesmo enquanto combatentes, as comunidades alemã e italiana sentiriam os impactos de tal conflito. Entretanto, comecemos a questão com a comunidade nipônica, a qual não esteve envolvida tão intensamente no conflito (afirmamos isso para o município de Rio Claro especificamente, com base em nossa pesquisa).

Das entrevistas realizadas, o contato dos japoneses no município com a guerra foi o de distanciamento. Carlos Yabuki (2025) relata que seu pai escutava explosões ao longe, enquanto os responsáveis da fazenda diziam para que os colonos ficassem em suas casas. Eram imigrantes recentes, vindos em 1929, a distância da língua e sua pouca estadia faziam com que sequer entendessem ao certo o que estava acontecendo. A comunidade japonesa, assim, estava em vias de ser construída, havendo já alguns no município, mas as questões ainda giravam mais sobre o trabalho braçal do que o seu estabelecimento e convívio com a sociedade. Tal condição também vimos na entrevista com Dirce Akamine (2025), cuja família veio em 1937, portanto posteriormente à Revolução de 32.

Por outro lado, a participação de alemães e italianos foi mais notada, principalmente com as doações monetárias e de alimentos. Um destaque foi a entrevista com Luiz Paulo Bressani (2025), em que seu pai foi um dos combatentes na Revolução, contudo ele não contava maiores detalhes de seu passado, tampouco da participação do conflito.

Dos jornais, deparamo-nos com a notícia da construção de um memorial, o conhecido popularmente no município como “soldado desconhecido”:

> Em memoria dos rio=clarenses tombados no campo da lucta
> deverá ser erigido um marco no Cemiterio Municipal
>
> De accôrdo com o relatorio ultimamente publicado, sobre os seus patrióticos trabalhos em pról do movimento constitucionalista, em poder da directoria da Associação Commercial restou um saldo em dinheiro, sendo tomada a deliberação de aplical-o em um marco symbolico, contendo os nomes dos rio-clarenses que heroicamente tombaram no campo da lucta.
>
> Em sua reunião do dia 20 ultimo, aquella directoria resolveu tratar agora de prestar essa justa homenagem aos nossos bravos conterraneos, approvando que o marco seja erigido no Cemiterio Municipal. Assim, em data de hontem, o presidente da Associação, sr. Humberto Cartolano, oficiou ao sr. dr. prefeito, pedindo a concessão de um terreno perpetuo para nelle ser realisado o projecto que venha dizer bem alto dos nossos sentimentos no culto aos mortos.
>
> (O Diário do Rio Claro, 26 setembro 1933)

Nos dias posteriores à tal notícia, notamos a participação de sobrenomes diversos nas doações em homenagem aos soldados mortos em combate. Como defendemos na tese, a questão não era étnica, a identidade em questão e a lealdade que motivava estas atitudes eram a de serem paulistas e/ou, mais especificamente, rio-clarenses.

Momentos prévios à Segunda Guerra ou Rio Claro entre 1934 e 1938

Apesar de nosso enfoque ser as perseguições étnicas, devemos, contudo, entender suas flutuações, de igual forma que analisamos, mesmo que brevemente, o caso Lungaretti e a revolta operária da paulista de 1906 como interregno entre a formação das comunidades alemãs e italianas até a Primeira Guerra, nos faz imperioso analisar o que é noticiado, pensado e vivido até a eclosão da Segunda Guerra. Veremos as comunidades integradas à sociedade, mantendo sua cultura étnica e identitária, com trocas culturais, convivências e incentivos mútuos.

Pudemos ver, tanto no "Diario do Rio Claro" como no "Jornal Cidade", notícias e notas escritas em alemão e italiano, apesar de tais jornais serem, obvia e majoritariamente, escritos em português. Conseguimos, também, notar o crescente conflito de posições políticas quanto aos movimentos políticos, incluso os autoritários, do período, a saber: comunistas e socialistas, sobrevivência dos velhos embates da elite entre seus partidos, o integralismo, getulismo, fascismo e nazismo. Percorreremos, assim, o conflito nos meios de comunicação, que precederam a guerra e a perseguição das comunidades de imigrantes do "eixo".

Observaremos como a propaganda agia, com notícias de todo mundo e dos mais diversos escritores e jornalistas. Demonstraremos como as certezas eram flutuantes e, o que tomamos contemporaneamente como certo, era apenas mais uma forma de pensar no mercado das ideias. Analisaremos afirmações que notadamente contrastam com as ideologias defendidas, contudo tal era o procedimento de propaganda, o que torna complexo a noção de um movimento nazista único e unificado, que já se mostrava como um espectro contraditório na Alemanha, tornava-se ainda mais amplo, generalizante e falso quando tentava se propagar pelas Américas.

A respeito da comunidade japonesa de Rio Claro, poucas informações nos sobressaíram à análise, porém notamos uma considerada gama de artigos abordando a imigração de modo geral, a cultura nipônica e os eventos que transcorriam na Ásia envolvendo o Japão. Tais são importantes para compreendermos como a figura dos japoneses era construída, tanto por informações fidedignas, como por mitificações e preconceitos (raciais e étnicos).

A exoticidade oriental e a imigração de "amarelos"

Em nossa pesquisa, duas condições prévias à guerra, e do envolvimento do Brasil nela, chamaram-nos a atenção: o oriente, mais especificamente o Japão, em sua diferença cultural ao Ocidente e aos "brancos", seus costumes, poderio político e; a vinda desse contingente populacional ao país. Não vimos, contudo, uma oposição veemente nos artigos, não por serem favoráveis à vinda de asiáticos, muito pelo contrário, mas pelo fato da comunidade nipônica em Rio Claro estar em vias de formação, com poucos imigrantes e descendentes presentes.

Comentários, a respeito da cultura e pensamento nipônico, eram feitos destacando as suas diferenças, transformando-as em "excentricidades", apelando ao choque e incompreensão de comportamentos tão díspares ao dos brasileiros. Um artigo de 1934 vai abordar a questão do *Bushido*, o código de honra samurai que se espalhara pelo exército japonês, o que não deixa de representar um temor a mais pela "ameaça amarela":

> **Bushido, ou a religião militarista**
> **Os officiaes japonezes obedecem a um codigo de honra heroico e barbaro, embuido de espirito feudal**
>
> *(Serviço especial da U. J. B. para o "Diario do Rio Claro")*
>
> De um artigo de André Viollis, para "Grapouillot", de Paris, extrahimos os seguintes dados sobre o militarismo no Japão:
>
> "Para se comprehender a attitude actual do exercito japonez e as razões que levaram a officialidade a formar um nucleo fascista dentro dos quarteis, é necessario conhecer o modo pelo qual se forma o espirito das novas gerações officiaes. [...] Recebem os candidatos ao officialato uma educação impregnada de patriotismo, e são educados desde cedo numa escola de rigorosíssima disciplina.
>
> O bushido, cuja traducção é "via do guerreiro", é uma nova religião, comprehendendo o culto do Imperador, e sobretudo um codigo de moral, que todo o japonez que se preza, principalmente os officiaes, não pódem infringir sem grave mácula. [...] Isso tudo, bem entendido, depois de uma coragem á toda prova e completo despreso pela morte."
>
> Se a honra o exigir, o jovem official deve estar prompto a sucumbir não sómente aos golpes do inimigo, como aos proprios golpes.
>
> Certos casos de suicídio no Japão são por isso classicos. Depois de cada tratado, de cada accôrdo considerado vergonhoso ou deshonroso para o paiz, apparece uma verdadeira epidemia de suicídios entre os officiaes. [...]
>
> Ao mesmo tempo que isso succedia, muitos theatros e cinemas do paiz levavam á scena uma peça representando o sacrificio dos "tres heróes de Shangai", tres obscuros soldados que se prestaram a lançar bombas contra as fortificações do inimigo, saltando com ellas, para poderem ter certeza do resultado das explosões. Esses tres soldados de Shangai não passam de precursores dos cinco mil voluntarios que se apresentaram ás autoridades da marinha, para tripularem, em caso de guerra, os torpedos vivos que serão lançados contra navios inimigos, tendo um marinheiro como tripulante, afim de garantir-se a exactidão do tiro.
>
> E essa a officialidade que conta o Japão para proxima guerra, bem proxima, talvez...
>
> (Diario do Rio Claro, 15 março 1934)

O distanciamento cultural era enfocado, destacava-se o perigo de sua moral militarista, intimamente ligada à sua cultura e educação. Apesar de não falar dos imigrantes, essas concepções fundamentariam as violências assimilativas, através de fechamentos de escolas e proibição da língua japonesa.

Tais concepções dos asiáticos e sua "excentricidade" iriam implicar na não aceitação de sua imigração, vista como deletéria à "raça" brasileira e um perigo desnecessário em vista de outras possibilidades de imigrantes. Um artigo vai tratar exatamente de tal questão, sem deixar de fazer as descrições racialistas do período, descrevendo a fisionomia e uma suposta "psicologia" dos japoneses:

A immigração japoneza

M. da Cruz

(Copywright da U. J. B. para o "Diario do Rio Claro")

O mundo inteiro está preoccupado com o Japão. Os artigos, nos jornaes, são aos milhares, nas nações da America e da Europa sobretudo. Mussolini, por varias vezes, tem escripto estas phrases lapidares: – "A Europa esquece-se de que existe uma Asia." – "O perigo amarello bate á porta".

Como na imprensa brasileira tem apparecido varios artigos acerca da incoveniencia da immigração japoneza, assim como na Assembléa Constituinte se succedem os discursos *pró e contra*, mas, sobretudo *contra*, é bom conhecermos, numa ressumpta, os grandes traços psychologicos do povo nipponico.

[...] E' um povo formado de elementos da raça mongolica e tartara, com traços anthropologicos diversos, isto é, dolicocephalos e brachicephalos altos e baixos, sobretudo baixos, leptorhimicos e mesorhimicos, leptoprosopes, mesoprosopes e, sobretudo, chamoeprosopes. Em geral o japonez é baixo, tendo as pernas curtas e o thorax longo. [...]

Escreveu um jornalista brasileiro, que ha pouco correu o Oriente, que os chinezes e japonezes dizem *que a raça branca é ingenua, mostrando no rosto, claramente, o que lhe vae na alma*. Que grande verdade! Nós olhamos para a cara de um japonez e, perante o seu estoicismo, ficamos na mesma. Achamos até difícil fixar a physionomia delles. Achamo-los todos parecidos, todos *sósias* uns dos outros. Cousa curiosa, os amarellos dizem que, nós, brancos, exalamos um cheiro de carne morta.

E' um povo sobrio, resignado, activo. Numa revolta que houve, no fim do seculo passado, em S Francisco da California, entre os chinezes e japonezes, escreveu Eça de Queiroz que a razão principal era que os *coolies* chinezes e japonezes faziam grande concorrencia a todos os outros povos, pois que cobravam, por qualquer serviço, pouco mais de metade do que os outros cobravam. E Eça de Queiroz conclúe: – E' natural; não precisam de ganhar tanto como os outros, porque comem quase só arroz, porque gastam com a sua alimentação muito menos que um "yankée", um portuguez, um italiano, um francez...

(Diario do Rio Claro, 01 abril 1934)

Vale destacarmos a origem da noção de “perigo amarelo”, a qual, segundo o artigo, foi falado por Mussolini, o futuro aliado de Hiroito. Segue-se então uma descrição do que seria a “raça” japonesa, para melhor entendê-la, trazendo supostas descrições físicas e mentais. Destaca-se as concepções preconceituosas de ambos os lados no artigo, exaltando-se consequentemente as diferenças entre os brancos e os asiáticos.

A ideia da “ameaça amarela” se fazia presente, principalmente ao notar os avanços e conquistas militares que os japoneses faziam na Ásia e sua vitória contra a Rússia no início do século. Deparamo-nos com um artigo que embate duas visões preconceituosas do período, a de que os “amarelos” não estariam à altura de ameaçar os brancos e, por outro, a da estigmatização baseada no medo e do perigo que representavam:

A ameaça amarela

Porque ousamos refutar o insigne Nitti : : : : :

Ludovico Rosas

O ultimo trabalho do illustre politico e sociólogo F. Nitti publicado no “Estado de S. Paulo” é, como tudo que lhe sàe da penna, uma proveitosa lição de factos vesada num estylo que suggestiona e penetra.

Abordou o ex presidente do Conselho de Ministros da Italia pre-fascista, com agudeza de espírito que lhe é propria, o actualissimo thema – *As Raças de côr e a Guerra*, muito a proposito em vista do conflito ítalo-ethiope, que elle se abstém de commentar por motivos de facil comprehensão. [...]

Diz o preclaro emigrado politico italiano, no inicio de um capitulo intitulado “O equivoco do poder do nuemro”: – “Pensar que, por augmentarem em numero, possam as raças de côr representar um perigo para as raças brancas, é simplesmente prva de ignorancia. Numero não é poder; em todos os tempos, os povos que têm dominado o mundo quasi nunca foram os mais numerosos. E’ necessario repetir que jamais houve nos tempos modernos um exercito de amarellos ou muito menos uma fróta de negros que já ameaçasse a Europa”. [...]

E quase ao fim do capitulo: – “O Japão nunca encontrará verdadeira resistencia na China. Não porque seja o Japão, e haja sido sempre um povo guerreiro, mas nenhuma força humana logrará embargar a expansão japoneza na Asia.” [...]

Vislumbramos [...] evidente contradição nos trechos transcriptos, pois que se o numero não é poder, a expansão japoneza na China jamais seria coroada de êxito e teria redundado em fracasso para os nipponicos a guerra victoriosa que sustentaram com a Russia no principio deste seculo. [...] Porem, emsmo que taes razões não militassem a favor dos nossos argumentos, nem por isso deixaríamos, contraditando a these de Nitti, de afirmar que os brancos se acham ameaçados por gente de côr.

São de côr os japonezes, povo que alem de guerreiro, como reconhece o escriptor italiano, forma hoje um contingente humano de quase cem milhões. [...] Ha trinta annos, tendo emergido, por artes do almirante Perry, de recolhimento a que se tinham votado desde o fracasso da missão de São Francisco Xavier, os japonezes, com menos de cincoenta milhões de habitantes, quebraram o prestigio do colosso moscovita. De que façanhas não serão capazes agora que são mais de noventa milhões, estão senhores de todos os segredos da moderna technica de guerra [...]

Por isso, o perigo amarelo é uma realidade e se corporificará num futuro proximo, porque um povo intelligente, disciplinado, patriota até o fanatismo como o

> japonez não se sujeita a perecer de inanição como os párias desfibrados do mosaico hindu. [...]
> Rio Claro-17-10-35
> (Cidade de Rio Claro, 19 outubro 1935)

O conflito de visões estigmatizantes é notória, por um lado é visto como um povo "de cor" e consequentemente inferior aos brancos, por outro são vistos como perigosos por serem inteligentes e numerosos. Não menos sintomático do racismo do período é a afirmação que nenhum "exército de amarelos" ou "frota de negros" conseguiria ameaçar a Europa, a dita superioridade branca era inconteste. Ao mesmo tempo eram povos vistos como violentos, militarizados, inteligentes e expansionistas.

A visão de "inferioridade" e de "perigo", apesar de contrastantes, conviviam e se retroalimentavam no preconceito aos asiáticos. Estas visões não eram desconhecidas no município de Rio Claro, tampouco inéditas aos seus políticos. Os novos grupos imigrantes que chegavam ao município vão ter sua imagem aos poucos construídas, como distantes, perigosos e inferiores. Evidente que não eram todos os munícipes que pensavam assim, mas de igual forma ao que acontecia com alemães e italianos, tais construções não deixavam de ser as narrativas predominantes e hegemônicas dos grupos. A comunidade nipônica rio-clarense em suas vias de concretização já era assim atacada, com diversos estereótipos que vão se intensificar ao estourar da Segunda Guerra, os quais vão acarretar violências.

O caso Arthur Lucchini Bilac

Deparamo-nos nos anos de 1936, 1937 e 1940, com um caso referente à (in)eligibilidade do candidato Arthur Lucchini Bilac a vereador de Rio Claro. O jornal Cidade de Rio Claro, de propriedade da família Cartolano – de origem italiana, influente política e economicamente no município – que vai publicar a denúncia do caso. A questão que estava posta era que o senhor Bilac não poderia ser eleito vereador, por ser ele italiano, havendo longa discussão a respeito se ele poderia ou não exercer o cargo. Tivemos, assim, o lado de Humberto Cartolano na discussão, através de seu jornal. Não visamos aqui aprofundar demasiadamente as questões referentes ao conflito partidário do período, tampouco os pormenores do caso, mas exemplificar como as lealdades identitárias variavam conforme os interesses postos à mesa.

Não nos esqueçamos que o jornal Cidade publicava em suas páginas as notas da Sociedade Italiana e do grupo fascista de Rio Claro, as quais eram escritas em italiano. De que a Rádio Clube de Rio Claro, a PRF-2, associada ao jornal Cidade e de mesmo proprietário, realizava irradiações em homenagem às comunidades imigrantes. Não menos importante, o Partido Constitucionalista apresentava vasta gama de origens de seus políticos no município, dentre eles o próprio Cartolano, de origem italiana, porém nascido no Brasil. O mesmo pode ser dito do Partido Republicano Paulista, a diferença era que Bilac teria nascido na Itália e, portanto, seria inelegível.

Vejamos alguns pequenos trechos de notícias do caso, pois o jornal publicou grande quantidade de páginas sobre o assunto, com todos os seus pormenores, os quais não são de interesse da presente pesquisa e análise. Desse modo, comecemos pelo recurso do Partido Constitucionalista contra o político, posto em artigo dos dias 30 de abril e de primeiro de maio:

> **A INELEGILIBIDADE DO SR. ARTHUR LUCCHINI BILAC**
> **Recurso interposto pelo dr. Penteado Stevenson, como procurador de candidato do Partido Constitucionalista**
>
> [...] Arthur Lucchini Bilac, aproveitando-se dos favores liberalizados pelo decreto federal, n....19.710 de 1931, fez-se registar na escrivania de Paz de Rio Claro como nascido no districto de Laranjal, municipio de Tietê deste Estado, a 12 de fevereiro de 1887, assim realisando prova tardia e inoperante da nacionalidade brasileira como abaixo se provará.
>
> O sobrenome Bilac é uma interpolação capciosa que o impugnado fez accrescer ao nome seu de baptismo e ao que poderia receber de familia.
>
> No entando é elle natural da Italia e seu nome é e só pode ser Arthur Lucchini, filho de Francisco Lucchini e de dona Amalia Bonanni Lucchini, com nascer naquelle paiz, em Carrara, a 1.o de março de 1885.
>
> Dando-se como brasileiro na sua solercia, candidatou-se á edilidade municipal de Rio Claro, comquanto flagrantemente, patentemente e irretorquivelmente inelegível. [...]
>
> O impugnado não é, nunca foi brasileiro e só brasileiro será quando regularmente se naturalisar. Mais outra vez deve ser tido como inelegivel. [...]
> mais facil haverá de ser para o impugnado candidatar-se para um cargo na bella Italia do que neste Brasil, porque a nossa Constituição requer para elegibilidade a condição insofismável de brasileiro nato. [...]
> (Cidade de Rio Claro, 30 abril 1936; 01 maio 1936)

O argumento dado, era que ao estrangeiro, mesmo naturalizado, não era dada a possibilidade de ser eleito, assim era divulgada a posição da acusação:

> **OS EXTRANGEIROS NÃO PODEM SER ELEITOS**
> **Prevalece nas eleições municipaes o art. 3.º par. 7º das Disposições Transitorias da Constituição Federal :::::::**

> [...] Já por demais exahurimos o assumpto em continuos editoriaes, e mesmo o extraordinario recurso interposto pelo dr. Ocar Stevenson contra a elegibilidade do candidato perrepista desta cidade, esclareceu a matéria. Mas precisamos voltar ao assumpto, citando agora um accordão do Egregio Tribunal de Justiça Eleitoral, referente ao mesmo: o de nº 2.703, publicado na sessão de 20 de Abril de 1936, que nos seus números 8.º e 9.º o seguinte:
>
> 8º.) – que em nosso regime republicano, sempre se consideraram as camaras municipaes como orgãos do poder publico [...]
>
> 9º. – que o Egregio Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, em consultas expressas, resolveu unanimemente decidir que as eleições municipaes devem ser redigidas pelo art. 3.º § 7.º, das citadas Disposições Transitorias (sessão de 12-7-1935 "eoutras")
>
> Diante do pronunciamento claro e insophismavel do venerando órgão da Justiça Eleitoral brasileira, cremos não haver mais duvidas quanto á ineligibilidade de cidadão extrangeiro, naturalisado ou não.
> (Cidade de Rio Claro, 09 maio 1936)

Dadas as discussões, que já se faziam públicas pelo jornal, as afirmações de defesa eram postas, porém, como era de se esperar, enviesadas pelos interesses do dono da publicação e de seu partido:

> **Arthur Lucchini Bilac**, o cidadão italiano, presidente da Camara Municipal de Rio Claro, declarou ante-hontem, em cartório, nos autos de Cancellamento de Registro, que, sendo Juiz de Paz, o escrivão do Registro Civil é que o induziu a fazer o seu registro de nascimento como brasileiro, e que está de pleno accordo com o cancelamento do mesmo. [...]
> (Cidade de Rio Claro, 19 julho 1936)

Após a confirmação do próprio para a eliminação de seu registro, o jornal Cidade questionaria: "**Arthur Lucchini Bilac**, presidente da Camara de Rio Claro, eleito pelo P. R. P, não está mais registrado em nenhum cartório de Registro civil. O seu registro falso foi cancelado, sendo italiano, como é, deverá ser punido?" (Cidade de Rio Claro, 22 julho 1936).

A luta pela inelegibilidade de Bilac no jornal continuava, com comparações a um caso ocorrido em Minas Gerais. Na cidade mineira, similarmente, um político nascido na Itália teve o seu mandato de vereador cassado e, consequentemente, os votos a ele anulados, retirando-o do poder local. Era um argumento sólido, comparativo, mostrando uma condenação aplicável:

> **A qualidade de brasileiro nato para as primeiras eleições municipaes – Annullação das cédulas contendo o nome de candidato inelegivel**
> **Uma decisão que põe em fóco o caso Lucchini**
>
> A luminosa decisão do egrégio Tribunal Regional de Justiça Eleitoral de Minas Geraes, [...] anniquilando a pretensão de um extrangeiro eleito vereador á Camara Municipal de Campos Geraes, é de palpitante interesse para todos os rioclarenses, de

> nascimento ou de adopção, em virtude do caso Lucchini, prestes a ser decidido pelo collendo Superior Tribunal Eleitoral. [...]
>
> Está perfeitamente esclarecido nesse topico que não são apenas annullados os vótos dados ao candidato Caiate, mas as cédulas em que o nome do referido candidato está escripto, o que implica em desconto para a legenda e alteração do quociente.
>
> Correm assim perigo de morte as 112 cedulas que constam o nome do sr. Arthur Lucchini.
>
> Em verdade, como podem subsistir taes cédulas se o sr. Lucchini é hoje uma pessoa morta perante as leis brasileiras?... [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 29 julho de 1936)

Mesmo após uma intensa campanha contra Bilac em julho, o mês de outubro de 1936 se mostraria o mais caricato nas discussões, com o jornal separando páginas inteiras da edição de 27 desse mês para rememorar o ainda recente caso, além de noticiar os novos passos dados judicialmente. Como vemos, a primeira página carrega inteiramente uma charge ao político:

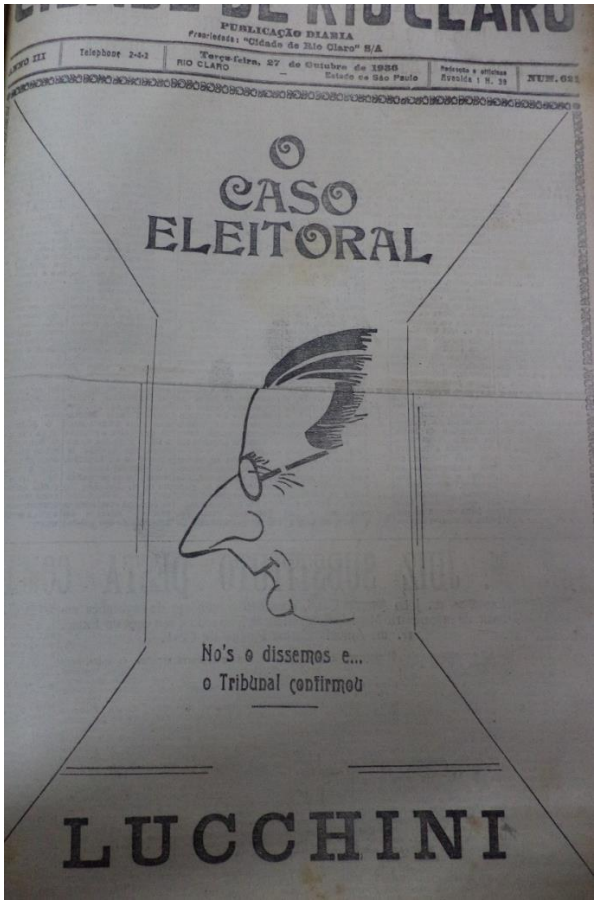


Imagem 11 O CASO ELEITORAL LUCCHINI. Fonte: Jornal Cidade de Rio Claro, 27 outubro 1937.

O referido número do dia 27, trouxe todo o andamento das discussões nos jornais, na justiça e até nos diários oficiais. Entretanto, peguemos excertos de duas notícias, do mesmo dia, explicando o julgamento efetuado:

> **O SR. LUCCHINI NÃO E' BRASILEIRO!**
>
> **Não é de Laranjal! ... Não é mais vereador!**
>
> **ASSIM DECIDIU O EGREGIO TRIBUNAL SUPERIOR DA JUSTIÇA ELEITORAL**
>
> O Egregio Tribunal Superior, julgando hontem no Rio, em ultima instancia, o rumoroso caso eleitoral de Rio Claro, desfechou no "brasileiro nato" de Carrara o golpe de misericordia, isto é, reconheceu-o como subdito de S.M. Victor Manoel III e cassou lhe o diploma de vereador, proclamando assim a validade, para todos os effeitos, do que dispõe o art. 3.o paragrapho 7.o das Disposições Transitorias da Constituição Federal, que diz não prevalecerem inelegibilidades para as primeiras eleições dos órgãos de qualquer poder, "excepto as qualidades de brasileiro nato e goso dos direitos politicos". [...]
> (Cidade de Rio Claro, 27 outubro de 1936)

> **O JULGAMENTO DO CASO LUCCHINI NO SUPERIOR TRIBUNAL ELEITORAL**
>
> Foi julgado hontem pelo Egregio Superior Tribunal Eleitoral o recurso interposto pelo sr. Oswaldo Stein Sichlitler contra a eleição do sr. Arthur Lucchini Bilac á Camara Municipal de Rio Claro.
>
> De inicio, o Tribunal decidiu que o extrangeiro pode ser eleito vereador, excepto para as primeiras eleições, de accordo com o art 3 § 7.o da Constituição Federal.
>
> A seguir, resolveu cassar o mandato do sr. Arthur Lucchini, reconhecendo dessa maneira a nacionalidade italiana do recorrido.
>
> Depois de tomados os votos dos srs. Ministros o Ministro dr. Hermenegildo de Barros presidente do Tribunal, declarou que tendo sido cassado o mandato do vereador Arthur Lucchini Bilac, devia ser convocado o candidato que houvesse obtido maior numero de votos, a seguir ao excluido, sem cogitação do partido a que pertença
> (Cidade de Rio Claro, 27 outubro de 1936)

Algo acabava por ser notado, invariavelmente, pela sociedade: o fato dela ser formada por grande número de imigrantes e seus descendentes. Ao ver os lados em disputa, o que resplandece é a presença, de ambos os lados, da origem estrangeira. Tal "contradição" não foi rejeitada, tampouco deixou-se de haver lealdade identitária à sua etnia/origem, o que podemos ver é um processo de acomodação da narrativa para o conflito nesse aspecto. Assim, em fins de novembro do mesmo ano, vemos um artigo elogioso às comunidades imigrantes, alemães e italianas, do município, ao mesmo tempo que exerce a sua defesa da inelegibilidade de Bilac por motivos legais inicialmente, mas a continuação desta por, segundo eles, questões morais:

> **A collaboração dos extrangeiros**

O direito dos extrangeiros dignos á participação na vida politico administrativa municipal, no Estado de São Paulo, só poderá ser recusado por espíritos tacanhos, que não sabem ou não querem apreciar o quanto de valiosa ao progresso e civilisação paulistas tem sido a collaboração do elemento alienigena. [...]

Rio Claro não é uma excepção. Ao contrario: desde a vinda, ha muitos decennios, de varias centenas de elementos de origem germanica, os europeus, e os italianos em particular, num labor continuo e profícuo, numa operosidade pioneira, em proveitosa competição com os antigos paulistas e os brasileiros de outras regiões, concorreram para a valorisação e productividade da gleba e o estupendo desenvolvimento da vida urbana em suas múltiplas e caracteristicas feições. [...]

Extrangeiros, filhos de extrangeiros ou netos de extangeiros constituem hoje quase dois terços, pelo menos, da população do Estado de São Paulo. Em tal situação seria anti-natural negar ao alienigena, de longa permanencia e manifesta identificação com a vida paulista, a faculdade de participar activamente dos governos municipaes, em perfeita igualdade de condições com os brasileiros natos, seus filhos ou seus nétos.

Assim o comprehenderam os legisladores de São Paulo ao elaborarem a Constituição do Estado e a Lei Organica dos Municipios, modelos de liberalismo, bôa comprehensão do meio ambiente e de caracteristicas peculiares mais pronunciadas aqui que em outros Estados.

Mas, sobrepondo-se a esses dois elementos básicos da nova organisação social e administrativa de São Paulo, como lei primacial que todas as demais subordina, temos ahi, subscripta por todos os constituintes a Carta Magna do Brasil, cujo art. 3'o paragrapho 7'o das suas Disposições Trasitorias exige para as primeiras eleições dos órgãos de qualquer poder, a qualidade de brasileiro náto e o goso de direitos politicos.

Disseram os illustres juízes do E. Superior Tribunal Eleitoral, em seu pronunciamento definitivo de 26 de outubro, ao alludirem ás Constituições dos Estados que permitem ao brasileiro naturalizado o exercicio do cargo de vereador:

"Certo, porem, é que nenhuma dessas Constituições poderia dispensar a qualidade de brasileiro nato para as primeiras eleições municipaes, contrariando o preceito da Constituição Federal".

Não tendo sido revogado esse preceito constitucional, é obvio que em São Paulo, como em qualquer outro Estado, só os brasileiros natos podiam candidatar-se, nas primeiras eleições, ao cargo de vereador.

O caso de Rio Claro tem um aspecto único: não houve aqui, como occorreu em outros municípios paulistas, a participação eleitoral franca e clara, do extrangeiro que não usou de subterfugios e não escondeu, como se isso constituísse um crime, a sua verdadeira nacionalidade. O candidato Lucchini usou e abusou de todos os recursos para se insinuar como brasileiro náto, praticou successivos delictos e ao disputar a eleição nem mesmo eleitor era, porque o titulo que possuía representa va o produto de uma serie de falsas declarações, com mentiras quanto a idade, natalidade e nome, conforme provaram os documentos em que se fundou a decisão ao E. Superior Tribunal.

Pelas condemnaveis acções que praticou, Lucchini, se é legalmente inelegivel nas primeiras eleições municipaes, é moralmente inelegivel em todos os futuros pleitos, porque é indigno de participar de qualquer poder o extrangeiro que burlou as leis brasileiras e iludiu com artimanhas a confiança nacional.

(Cidade de Rio Claro, 21 novembro 1936)

Depois de vários jornais, diversas notícias e até charge de página inteira, parecia que, logo no começo do ano seguinte, a questão Lucchini teria se resolvido. O fim do caso fora anunciado no jornal, já com os referidos possíveis nomes a substituí-lo:

> **RESOLVIDO EM DEFINITIVO O CASO LUCCHINI**
>
> [...] Tudo induz a crer, portanto, que, depois do julgamento de ante-hontem e sr. Arthur Lucchini não é mais vereador á Camara Municipal de Rio Claro, ficando encerrada uma contenda que o Partido Constitucionalista local provocou, firmado em razões que a mais alta Justiça do Paiz acceitou nos seus pronunciamentos.
>
> Na hypothese de ser chamado o um supplente do Partido Republicano Historico, a vaga cabe ao sr. João Nalin, ficando dessa maneira o legislativo municipal com dois representantes do districto de Corumbatahy, em virtude de se encontrar em exercício o sr. pharmaceutico Antenor Chiossi, da bancada peceista.
>
> (Cidade de Rio Claro, 30 janeiro 1937)

Apesar de "resolvido", a discussão voltaria à tona novamente. Em novembro de 1937, Rio Claro recebeu e hospedou membros consulares italianos. Devido a tal fato, uma série de eventos e homenagens foram programados, planejados e realizados. Dentre estes, a prefeitura realizaria algumas falas, as quais ficara acertado que o senhor Arthur Bilac não se pronunciaria, contudo, o decorrer dos acontecimentos foi diferente do que os opositores dele desejaram:

> **A Italia é a segunda patria do sr. Lucchini!...**
>
> Renegando a patria italiana e insultando, pelos seus advogados, as autoridades consulares do seu paiz, o sr. Lucchini Bilac, falando em nome de Rio Claro, sauda os successores das autoridades injuriadas!!!
>
> O que ocorreu domingo ultimo no gabinete do prefeito, quando da visita protocolar dos srs. Regente Consular e Vice-Consul da Italia, é um facto da mais alta gravidade, em que foram simultaneamente menoscabadas a mais alta côrte de justiça do Brasil, a representação do grande pais latino e a colonia italiana de Rio Claro. Só uma situação desmoralizada, atrabiliária e insensata, como é a do P.R.H., era capaz de praticar a acção reprovavel que vamos contar.
>
> Haviamos nós relatado, em nossa edição de 6 do corrente, uma scena registrada na Prefeitura, entre o chefe do executivo e a commissão que nesta cidade preparára a recepção dos illustres visitantes. Como constava do programma a visita á Prefeitura, a commissão queria saber do prefeito quem saudaria as autoridades consulares, ficando assente que o sr. Arthur Lucchini Bilac não usaria da palavra, dada a sua condição de italiano que renegou a patria.
>
> Concordou o prefeito com essa incompatibilidade do sr. Lucchini e prometteu falar ou designar outro orador. Pois bem: recebidos na Prefeitura os srs. Cav. Giovanni Beteloni, Regente do Real e Imperial Consulado da Italia em São Paulo e Conde Cav. dr. Carlos Nicoloni, Vice-Consul em Campinas, depois dos cumprimentos de praxe, quem é que havia de falar?
>
> Os rioclarenses, habituados a scenas dessa natureza depois da ascenção dos actuaes mandantes, já sabem que foi o sr. Lucchini que falou em nome do municipio de Rio Claro! E' verdade, o sr. Lucchini falou e disse, ao final, mais ou menos, que amava a Italia como sua SEGUNDA PATRIA!

> Disse isso na presença de dezenas de italianos aqui residentes e que conhecem, em todos os pormenóres, o ruidoso caso do seu falso registro de nascimento e a sentença da E Suprema [...]. O local e a solenidade não permittiram que a colonia italiana, desfeiteada com essa imprudencia, assumisse uma attitude energiva. Os dignos visitantes naturalmente não conheciam os motivos que impediam até mesmo a simples presença do sr. Lucchini numa solenidade a que comparecessem autoridades diplomaticas ou consulares da Italia. [...]
>
> Comprehendam bem, as pessôas sensatas que testemunharam o inconcebível acontecimento de 7 do corrente, na Prefeitura, os aspectos e significados que esse acontecimento reveste: de um lado, as mais altas autoridades consulares da Italia no Estado de São Paulo, inclusive o successor do sr. Horacio Graziani; de outro lado, teimando em se dizer brasileiro nato, apesar da certidão vinda de Carrara e do que decidiu a Justiça Superior do Brasil, o homem que renegou a patria italiana e que autorisou os seus advogados a injuriarem e a cobrirem de insinuações infamantes a representação consular da Italia em São Paulo...
>
> Não ha vestígio de um absurdo igual na historia da humanidade! Só a *diplomacia* do P. R. H. poderia ocorrer um paradoxo semelhante!
> (Cidade de Rio Claro, 09 novembro 1937)

O conflito perdurava, logo no dia seguinte, a notícia provocante, com título em italiano, comentava sobre o ocorrido. Podemos ler as intenções de colocar Bilac em oposição à sociedade rio-clarense, incluso a comunidade italiana, afirmando a situação como uma grande ofensa a todos, aos munícipes, às colônias, aos consulares, ao Brasil e à Itália:

> **La Patria non si nega, si conquista**
>
> O dístico acima, que é simultaneamente uma exhortação patriotica e uma recordação dos deveres que todos os italianos têm para com o seu nobre paiz, é como que um lemma da colonia italiana de Rio Claro e apresenta-se, com expressivo destaque, a todos que frequentem ou visitem a Casa de Italia.
>
> A PATRIA NÃO SE NEGA – diz a divisa cívica. Entretanto, nas recentes festas levadas a effeito na Casa de Italia em honra dos hospedes illustres srs. Regente Consular da Italia em São Paulo e Vice-Consul em Campinas, compareceu na qualidade de *brasileiro nato*, a despeito do que a Justiça do Brasil já decidiu [...]
>
> LA PATRIA NON SI NEGA, SI CONQUISTA – segundo o dístico patriótico da Casa de Italia. A essa solemne divisa responde o situacionismo electro-historico delegando poderes para o representar na Prefeitura e na mencionada Casa de Italia a uma pessoa que, tendo nascido em Carrara, Italia, se fez registrar como nascido em Laranjal, Estado de São Paulo!
> (Cidade de Rio Claro, 10 novembro 1937)

Interessante notarmos como cada parte da disputa acomodava o seu orgulho identitário dentro das condições apresentadas. Arthur Lucchini Bilac não deixava de ter a sua consideração étnica, assim, apesar da sua oposição exigir o seu silêncio, houve ali uma tentativa de conciliar etnia e política novamente dada a situação de seu caso. E os opositores, também descendentes

de imigrantes, orgulhosos de sua origem, utilizaram-se da referida questão para atacar Bilac, sem com isso, necessariamente, diminuir sua etnia.

Vemos em 1940, já sob as garras da ditadura varguista, uma breve nota, não mais os grandes noticiários de páginas inteiras e de dias seguidos sobre o caso, como nos anos anteriores. A breve notícia presente dentre outras em "Fatos & Notas", lê-se:

> O sr. Arthur Lucchini Bilac, em processo transitado pelo fôro de Rio Claro, teve cancellado, por sentença do sr. Juiz de Direito dr. Antonio Carlos Pererira da Costa o seu registro de nascimento no Cartorio do Registro Civil desta cidade; esse mesmo sr. foi considerado pelo Supremo Tribunal Eleitoral inelegivel vereador, por ser estrangeiro, de nacionalidade italiana. Tendo o mesmo obtido o certificado de reservista, como brasileiro, foi considerado sem effeito o despacho relativo, como se verifica do seguinte despacho publicado no "Diario Official" de 14 deste mez, Secção Federal, de S. Paulo:
>
> "Fica sem nenhum effeito o despacho dado no requerimento de Arthur Lucchini Bilac, cuja petição tem o n. 002354, datada de 10 de agosto de 1938, o qual se acha publicado no "Diario Official" deste Estado de 20 de junho de 1939.
>
> E' preciso que este cidadão apresente a sua próva de idade, sem o que não se poderá expedir a sua certidão de quitação com o serviço militar.
>
> A presente resolução é amparada no despacho exarado pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra na representação da "Cidade de Rio Claro" áquella autoridade, ficando a mesma arquivada nesta C. R.".
>
> (Cidade de Rio Claro, 17 março 1940)

O conflito foi intenso em 1936 e 1937, com o último comentário (ao menos que nos deparamos) a respeito em 1940 acima transcrito. A partir disso não encontramos novas referências ao caso Lucchini. Um dos motivos é que Arthur Lucchini Bilac faleceu em 1941:

> **Os professores do Instituto Comercial de Rio Claro,**
>
> profundamente chocados com o infausto passamento de seu inesquecível Diretor,
>
> **Sr. Prof. Arthur L. Bilac,**
>
> vêm convidar o Professorado rio-clarense, ex-alunos do Instituto Comercial de Rio Claro, assim como aos amigos do finado, para acompanharem os despojos mortais de pranteado extinto, saindo o féretro ás 17 horas de hoje, da Rua 3 nº 1046.
>
> Por este áto de caridade cristã, agradecem penhoradamente.
>
> (Cidade de Rio Claro, 05 agosto 1941)

O acontecimento foi detalhado no Diario do Rio Claro, explicando o motivo da morte, a sua condição de saúde e a surpresa que foi o inesperado colapso cardíaco:

> **Prof. Arthur Bilac**
>
> Às 20.10 horas de ontem faleceu o prof. Arthur Bilac.
>
> Embora ha alguns mêses enfermo e acamado ha uns vinte dias, nos corações amargurados de sua dedicada esposa e de seus queridos filhos e parentes; e nos

> corações de seus amigos renascera, nestes últimos dias, a esperança de que o prof. Bilac resistisse à enfermidade. No entanto ontem, pelas 20 horas, quando palestrava com médicos e amigos e pessoas que o visitavam, vitimou-o um colapso cardiaco. A triste noticia espalhou-se rápidamente, a todos enchendo de profundo pesar. [...]
>
> Fundador e diretor do Intituto Comercial de Rio Claro, sempre se manteve à testa dessa conceituada casa de ensino, batalhando durante muitos anos até o presente, pela educação da mocidade. [...]
>
> O DIARIO compartilha da grande dôr que dilacera os extremosos corações da viuva e filhos do prof. Bilac, em quem sempre contou um grande amigo e brilhante colaborador.
>
> O Prefeito Municipal, considerando o falecimento do sr. prof. Artur Bilac, ontem ocorrido, uma perda irreparável para a coletividade rio-clarense pelos serviços prestados ao municipio, como presidente da extinta Camara Municipal, resolveu decretar luto oficial por tres dias e determinou fosse o pavilhão nacional hasteado em funeral.
>
> (Diario de Rio Claro, 05 agosto 1941)

Nos dias seguintes, haveria algumas notícias lamentando a perda de Rio Claro, com as homenagens póstumas e comentários a respeito do funeral e do enterro. Era o fim do conflito, sem documentos de Carrara, defesas de elegibilidade ou contra ela, sem mais pronunciamentos. Emudecia-se Bilac e, juntamente, seus opositores, ambos importantes para o município como um todo e à comunidade de imigrantes e descendentes, mais especificamente a italiana. Mais interessante ainda é notarmos que o conflito, entre o ex-prefeito Cartolano (1935-1936) e o vereador presidente da Câmara Bilac (1936-1937), durou de 1936 a aproximadamente 1940, ultrapassando a existência da Câmara eleita, que durou de 1936 até a dissolução em 1937 com o segundo golpe de Vargas, ficando apenas o prefeito Francisco Penteado Júnior (PENTEADO, 1978, p. 52; CRÔNICA, 1983; GARCIA, 1996, p. 58-60).

De todo modo, fica-se demonstrada a questão de que as múltiplas identidades não apenas coexistem no indivíduo, como conseguem conviver com contradições e embates. O jornal de um descendente de italianos, que publicava artigos favoráveis à Itália e à sua comunidade de imigrantes em Rio Claro, era o mesmo que buscava impugnar a eleição de um italiano (ou ao menos descendente de...) para vereador municipal. Comprovamos, então, a noção de que as identidades são instrumentalizadas pelos seus membros, os quais agem conforme as respectivas possibilidades contingenciais e mesmo de momento. Se o pesquisador quiser realizar uma análise profunda dos indivíduos, é necessário compreender as complexidades que os formam. Afirmamos isso, pois, se não entendêssemos que o indivíduo é em si, múltiplo, o caso acima seria uma contradição e um contrassenso. Fechando apenas à compreensão da questão étnica, simplificando os indivíduos como circunscritos apenas à essa qualidade, veríamos um caso em

que: um italiano (nascido no Brasil) acusa outro italiano (supostamente nascido na Itália) de ser italiano e, logo, por ser estrangeiro, não poderia ser vereador...

Também reforçamos que não objetivamos qualquer ofensa a nenhum dos lados desse conflito, tampouco nos posicionamos em prol de um deles. Reconhecemos que são nomes importantes ao município e suas comunidades étnicas, políticas, comerciais e educacionais, entretanto, o embate, independente de quem possuía ou não a razão (ou se ambos possuíam), tratou especificamente de questões étnicas pertinentes à pesquisa. Afirmamos também que abordamos apenas um breve recorte do caso e que, aos interessados nas discussões político-partidárias do período, há uma fonte rica de informação nos jornais quanto a esses conflitos.

A questão judaica em Rio Claro

Apesar de não termos nos deparado, diretamente, com alguma referência a uma comunidade judaica no município, não rejeitamos que essa tenha existido no período. Afirmar que não havia descendentes de judeus seria, a nosso ver, um absurdo, pois há diversos casos de "cristãos novos" e de mesclas étnicas entre os grupos já na Europa. Assim, o que conseguimos assegurar, pelas matérias jornalísticas e pelas entrevistas, é uma ausência de denotação ou autoidentificação comunitária desse grupo. De toda forma, a discussão sobre o povo semita era uma ocorrência global, tanto com seus apoiadores quanto detratores, numa vasta gama de posições, as quais não devem ser desconsideradas ao pensar qualquer localidade do período.

Deparamo-nos com artigos antijudaicos em 1935, com um ataque integralista ao cinema norte-americano, "influenciado pelo judaísmo internacional" e, consequentemente, representando o que o movimento via como decadência inevitável da cultura e influência estadunidense (tal artigo é abordado no subcapítulo dedicado ao cinema). Contudo, também havia vozes de crítica ao antissemitismo, ou semitofobia, como por exemplo, a pesada crítica de João de Scantimburgo-Filho à obra do notório integralista Gustavo Barroso e sua "História Secreta do Brasil", o qual, não esqueçamos, foi um dos tradutores e divulgadores no país dos "Protocolos dos Sábios de Sião" (CARNEIRO, 2003, p. 98-99), obra conspiracionista do século XIX. A crítica de Scantimburgo foi na seção de livros:

LIVROS PUBLICADOS

HISTORIA SECRETA DO BRASIL Gustavo Barroso *(cia. Editora Nacional)*

João de Scantimburgo-Filho

> [...] Não é de admirar, porem, que o sr. Gustavo Barroso seja inverosimilhante. Para esse autor a Historia é uma arte e não uma sciencia. [...] Segundo autores de reconhecida capacidade podemos dizer que contra o sr. Gustavo Barroso a historia é uma sciencia.
>
> O sr. Gustavo Barroso não devia qualificar seu presente livro, que promete desdobrar-se em outras series, á maneira de um filme cinematographico dividido em episódios, como histórico. E' elle, antes, a externação da opinião do autor com referencia ao papel do judaísmo e da maçonaria no Brasil. Para o sr. Gustavo Barroso tudo que aconteceu no Brasil foi produto de judeus. Pullulam, portanto, no seu livro os judeus: judeus para cá, judeus para lá, judeus para aqui, judeus para acolá, judeus algures, judeus alhures. Judeus e judeus. O sr. Gustavo Barroso desventrou judeu no Brasil, em caudaes. A judiaria universal inteira fez aqui seu quartel-general.
>
> Este livro é, sem duvida, substancioso, é, mesmo, succulento, tem excessos de citações, por que se prova a convicção que o autor tem do scepticismo de todos para com sua semitophobia.
>
> Que ninguem leva muito a serio a questão racista do judaísmo como elemento pernicioso lá isso é uma verdade incontestável. A questão de raças não chegou a ocupar o pensamento dos brasileiros, sendo essa questão mesma, de secundaria importancia para todos que habitam, nascidos aqui ou não, o Paiz. O cruzamento de raças aqui operado, a natural liberalidade da Terra proporcionando facilidades de vida, condicionaram o pensamento brasileiro dentro dessas mesmas liberalidades, afastando a hypothese de choques racistas.
>
> O sr. Gustavo Barroso, com sua semitophobia, é mais um inadaptado no ambiente brasileiro. Ninguem o comprehende. [...]
>
> Tenho a certeza de que a consciencia cultural da Nação achará neste recalcitrante semitophobo um fantasioso, porque parecem excessivamente exaggeradas as suas afirmações, as opiniões que ventila com uma apostólica perseverança.
>
> A "Historia Secreta do Brasil", a meu ver, não constituirá motivo de orgulho da já extensa bibliographia do sr. Gustavo Barroso, assim como não enriquecerá em muito a "Brasiliana" da Cia. Editora Nacional, cousa já *a priori* aprehendida pelo Editor que numa nota procura justificar-se do lançamento deste livro racista, appondo até as conclusões do autor, opiniões suas repassadas de um bom senso agudo e bem opportuno.
>
> (Cidade de Rio Claro, 24 janeiro 1937)

É inegável a influência do integralismo em Rio Claro, o qual apenas não aprofundamos, pois, seria uma pesquisa à parte e fugiria do recorte analítico voltado ao étnico da pesquisa. Contudo, afirmar uma unicidade de pensamento também nos parece forçado, o que vemos é um campo de discussão aberto e que não trazia, ao menos imediatamente, algum questionamento ou conflito, já que não havia, ou ao menos não se mostrava, uma comunidade judaica rio-clarense organizada e ativa (WIAZOVSKI, 2001). Sendo assim, o conflito ficava abafado ou desconsiderado, ao menos nos aspectos de confrontos e violências diretas (mas reconhecemos que ausência de prova não é prova de ausência, podendo sim ter havido conflitos).

Durante o segundo conflito mundial, e até mesmo antes, alguns comentários e notícias foram feitos a respeito da perseguição violenta aos judeus, mas esses demonstram claramente se tratar de um assunto externo, o qual influía na interpretação a respeito dos alemães, logo dos imigrantes e descendentes por decorrência lógica, mesmo que indiretamente. Não menos importante, mesmo que se trate do pós-guerra, as notícias das atrocidades nazistas foram sendo descobertas aos poucos e divulgadas gradualmente nos jornais. Não vimos manifestações referentes a tal genocídio com grande intensidade, seja pela sociedade em geral como por um grupo étnico semítico local. De toda forma, o conhecimento das atrocidades acabará estigmatizando novamente a população alemã de Rio Claro, a qual mesmo não tendo participado do Holocausto (ou Shoah), teve a marca da brutalidade ligada à sua cultura.

Portanto, a questão judaica não foi um destaque no pensamento local, o que vemos são preconceitos que foram difundidos no mundo todo. Podemos, assim, elencar algumas hipóteses, as quais não se alçarão além desse nível, tais como: o judeu rio-clarense não chegou a existir, pois rejeitada a sua imigração, acabou por ser exterminado; ou os descendentes de judeus desconheciam sua origem, ou souberam ficar silenciosos a respeito dela, evitando problemas.

4-I.4 Breve conclusão

O começo do século XX apresentou uma grande e intensa variedade de acontecimentos, os quais variavam em igual intensidade. Se em um momento a população do município está unida pelo bem comum, em uma disputa pelas reinvindicações operárias, em outro essa mesma população apedreja casas, comércios, escola e igreja por estarem ligados a um grupo étnico que, supostamente, estariam tramando contra a sociedade receptora. O papel da imprensa não ficava de fora de tais questões, sendo socialmente militante daquilo que acreditava. Entretanto, da mesma forma que exercia o seu brio para a defesa das causas populares, incentivava a vigilância e ameaça indiscriminada a um grupo pela sua origem.

Não menos interessante, é quando a acusação étnica é feita entre membros de uma mesma comunidade, numa disputa de forças e adequações políticas. Acusa-se o outro por ser da etnia a qual também se faz parte, caso exemplar para a compreensão das negociações e manipulações identitárias.

As ligações sociais são, pelos exemplos citados, variáveis e de difícil delimitação. Fazendo um “pacato” município ver-se, inesperadamente, convulsionando em conflitos étnicos.

Capítulo 4 – Parte II

"Rio Claro estará no Brasil?"

1939-1945 – As comunidades alemã, italiana e japonesa acusadas, excluídas e vitimadas durante a Segunda Guerra Mundial

A presença das comunidades alemã e italiana estavam consolidadas em Rio Claro. Os alemães ainda sentiam o peso da intensa perseguição sofrida, os italianos cresciam em número e em posição social. Para além desses havia também a comunidade nipônica, ainda pequena, com os seus membros vindo ao país e começando a aprender o português para então se relacionar mais facilmente com a sociedade e, também, com outros imigrantes.

As ideologias políticas pululavam por todo o mundo, conquistando novos adeptos e buscando alçarem-se ao poder. Nesse processo, movimentos totalitários os mais diversos chegariam ao interior paulista, invadindo a sociedade como um todo, incluso a dos grupos étnicos. O indivíduo se veria então numa encruzilhada de informações variadas, contrastantes, por vezes até contraditórias, porém que o impactariam de toda forma.

Nessa convulsão informacional e cultural, surgiria então a proposta de seu apagamento: as práticas e imposições de nacionalização, onde o diferente era visto como deletério e que "ser brasileiro" era uma obrigação. Repressão étnica e tentativa de culturicídio desfilavam em cores auriverdes, afirmando serem apenas preocupação com o país e com o seu futuro.

O crescimento totalitário na Europa acabaria por ocasionar uma nova guerra, a qual impactaria o mundo inteiro novamente. Nesse momento, entretanto, não seria apenas os alemães a serem visados, os italianos e japoneses seriam igualmente postos na mira persecutória social, midiática e ditatorial.

As mudanças se apresentavam intensamente, o que antes era visto com bons olhos e incentivado, podia passar a ser sinônimo dos piores crimes imagináveis. Novamente o indivíduo se encontrava em um turbilhão de acontecimentos e interpretações, os quais mudavam a sua posição na sociedade.

Rio Claro, um município ditatorial?

Antes de adentrarmos novamente no argumento de nossa tese, temos que, por honestidade intelectual, demonstrar questões que desabonem (ao menos se forem mal analisadas, como veremos logo no próximo subcapítulo) os grupos étnicos. Desse modo, alguns pronunciamentos e notícias dadas positivamente aos regimes ditatoriais europeus apareceram nos jornais, notadamente anúncios do partido fascista, os quais eram escritos em italiano ou em português, com algumas notícias escritas em ambas as línguas.

> **A colonia italiana de Rio Claro, commemora hoje, o XII anniversario da "Marcha sobre Roma"**
>
> Hoje, não só na Italia, como em todos os recantos em que existem patricios do Duce, commemora-se com grandiosidade patriotica o XII anniversario da "Marcha sobre Roma"
>
> Rio Claro, que possue uma numerosa colonia italiana, também irá commemorar essa data de orgulho dos "camisas negras", que tem trazido sua grande patria em posição invejavel no mundo.
>
> Virá de S. Paulo, o illustre cav. Uff. Tito Tuccimei, que falará ás 20 horas, na Sociedade Italiana, sobre o thema:
>
> "Il Fascismo di fronte alla questione sociale".
>
> (Cidade de Rio Claro, 27 outubro 1934)

Apesar de não termos nos deparado com a formação de um partido nazista no município, pudemos ver notícias que não eram tão desfavoráveis, havendo até mesmo algumas escritas por jornais alemães do período e mandados, traduzidos em português, para Rio Claro. Diferente do caso italiano com o fascismo, não encontramos escrita em alemão que fosse referente ao nazismo, tampouco a seu elogio ou propagação, sendo a língua ancestral usada majoritariamente em notícias de eventos da Igreja Luterana e algumas do Instituto Koelle.

Em um artigo sobre o aniversário do terceiro reich, vemos os comentários típicos do período, os quais iam até pelas vias da admiração, pelo seu combate ao comunismo:

> **O terceiro anniversario do terceiro Reich**
>
> Do observador politico da I. B. R *(Para a "CIDADE")*
>
> O proximo dia 30 de Janeiro verá passar pela 3ª. vez uma data que se tornou grandemente significativa para a Allemanha actual.
>
> Para o espectador extramuros, tres annos de politica de um paiz representam, sem duvida, um período assaz curto. Quem conheceu, todavia, a Allemanha de antes de 1933 e a revê hoje, notará indubitavelmente uma serie de transformações ainda que ao observador extrangeiro um fenômeno local seja de difícil comprehensão. [...]
>
> Em principios do anno de 1933 a Allemanha estava a pique de se tornar victima do chaos bolchevista. [...] Adolf Hitler desviou a Allemanha do sossobro a que a teria condemnado o regime bolchevista, prestando, mesmo, se examinarmos os factos recentes da politica mundial, um serviço inestimável tambem aos outros povos do

> orbe. [...] Estas rápidas linhas não comportam a enumeração das modificações que se processaram na vida do povo allemão em sentido social, cultural, politico e econômico, os quaes são uma consequencia das directrizes particulares que Hitler imprimiu ao seu governo... [...]
>
> Se os adversarios de Adolf Hitler não se cansavam de apregoar, tanto antes como depois de haver o mesmo ascendido ao poder, que Hitler significava a guerra dentro de 4 a 6 semanas, os successos reaes deram, no entando, provas em contrario. E as noticias actuaes se encarregam de esclarecer que a consciencia de sua nova vida, da Allemanha numa vontade ferrea de ascender aos píncaros do progresso, atravez de uma competição pacifica com todos os outros povos, ao lado dos quaes ella deseja desenvolver sua actividade.
>
> (Cidade de Rio Claro, 29 janeiro 1936)

A Alemanha estaria supostamente em 1933 "a pique de se tornar vítima do caos bolchevista", e quem teria impedido? "Adolf Hitler desviou a Alemanha do soçobro que a teria condenado o regime bolchevista", o qual teria sido "um serviço inestimável também aos outros povos do orbe". Um contra-argumento aos críticos de Hitler então é realizado, alegando que as afirmações de militarismo não se comprovaram, que a guerra não tinha acontecido e que a Alemanha estava no progresso e na "competição pacífica com todos os outros povos". Não há comentários referentes às perseguições nazistas à judeus, tampouco o seu avanço militarista, o qual apesar do articulista rejeitar, estava ocorrendo em preparação ao avanço pela Europa.

Rio Claro, ideologicamente, possui complexidades que tornam uma classificação difícil, quiçá impossível, tendo em vista que os integralistas estavam profundamente ligados aos fascistas; mas também há casos de ligação não menos fecundas entre integralistas e comunistas, seja por amizades, defesa de ideias e até ações político-sociais com os operários da estrada de ferro (BRUSANTIN, 2003, p. 78-81, 87, 136, 174, 190-191).

O que poderia se saber do Nazismo e Fascismo?

Quando abordamos um período conturbado, com ideologias e movimentos políticos de alto teor propagandístico, há o perigo de se cair em interpretações e análises anacronicamente ingênuas. Sabemos atualmente como o nazismo e o fascismo se portavam, o que defendiam e realizavam, tais condições de conhecimento não são os mesmos que se apresentavam no passado. Logo, colocar todos que tiveram dúvidas, ou tenham sido enganados pela propaganda, como sendo fiéis seguidores, acaba por ser um posicionamento historicamente anacrônico e até enviesado. A propaganda de um regime é pensada com relação ao público-alvo e, quanto mais

profunda as habilidades propagandísticas, maior é a variação de suas defesas e falas para alcançar os seus objetivos. Desse modo, nazismo, fascismo, integralismo, getulismo e mesmo outros movimentos buscarão minorar seus defeitos e problemas, com contradições sendo ferramenta da propaganda e não um defeito dela.

Anteriormente à guerra, não somente havia elogios aos movimentos totalitários, notadamente o fascismo, como também críticos que viam, em 1933, como um movimento em agonia, caminhando para o seu fim:

> **A agonia do Fascismo**
>
> **ANDRADE SILVA**
>
> (Da U. B. I. especial para o "Diario do Rio Claro")
>
> Ninguem mais desconhece que o fascismo entrou em agonia e que se ainda não fracassou, na propria Italia, deve-o exclusivamente ao sr. Mussolini, á sua theatralidade magnifica e contagiante.
>
> Isso seria negativo num paiz anglo-saxão.
>
> Os povos latinos, porém, adoram os heroes mesmo que esses heroes sejam de operetas.
>
> Dahi a permanencia do "Duce" á frente dos destinos do povo italino.
>
> Agora, quando já ninguem desconhece essa verdade, surge no Brasil um manifesto, de pura ideologia fascista, assignado por alguns intellectuaes brasileiros. [...] Como todos os manifestos, daquelles que o antigo regimen politico era tão fertil, fala em forças moraes, soerguimento racial, disciplina, energia de acção, etc.
>
> Não se dignou estudar o antagonismo de raças, costumes e temperamentos dos dois povos.
>
> Nem siquer esses rapazes procuram saber, em outras fontes, si o fascismo italiano está ou não fracassado.
>
> O povo brasileiro, porém, já está tendo consciencia da sua força e já sabe perfeitamente quaes são os seus montoros honestos. [...] A Republica de 89 não fez outra cousa do que prometer e não cumprir.
>
> E essas promessas mesmo sò vinham em epocas de eleições, quando os dirigentes ou os candidatos aos postos de mando precisavam dos votos das suas victimas. [...] O soffrimento, a experiencia e a pregação da obra social da sua libertação da tyrania, deram-lhe uma noção exacta dos phenomenos contemporaneos.
>
> Os intellectuaes brasileiros que subscreveram o documento fascista á nação, perderam o seu tempo.
>
> Esse regimen está em franca e absoluta agonia.
>
> (Diario do Rio Claro, 10 agosto 1933)

Apesar de suas críticas terem certo sentido, é nítido o engano do autor, sendo o momento de franco crescimento de tal movimento totalitário. A crítica a propostas amplas e vazias, o poder do líder Mussolini se colocando acima a qualquer procedimento lógico ou planejado, apesar de fazerem sentido quanto a profundidade intelectual dos movimentos e seus manifestos, tais são feitos com motivos propagandísticos e, nesse aspecto, foram bem-sucedidos. O articulista confunde a falta de aprofundamento do discurso com o avanço ou decadência do

movimento, sendo que independentemente de haver vozes críticas, mesmo no "mundo anglo-saxão" citado, tanto Mussolini quanto o fascismo não eram mal-vistos, algo que Orwell criticou em sua época, sobre ingleses de diversas e divergentes vertentes políticas admirando o ditador italiano (ORWELL, 1943/2017, p. 54-55, 59).

Em outro artigo, vemos a relação entre nazismo (posto no título como "racismo", o que não está errado), fascismo e integralismo, no qual é notado o movimento tomando aspectos organizacionais rígidos, com o uso de camisetas com cores específicas, visando fácil diferenciação social. As comparações são feitas em diversos países, comentando-se até, mesmo que brevemente, da perseguição aos judeus na Alemanha, como lemos:

> **Rascismo, fascismo e integralismo**
>
> Espalha-se por todas as partes do mundo o uso das camisas de côr como distinctivo de partidos politicos
>
> *(Serviço especial da U. J. B. para o "Diario do Rio Claro")*
>
> Coube a Mussolini a iniciativa da moda das camisas de côr para distinctivo de partidos politicos. Foram os "camisa negra", nos tempos modernos, os primeiros a usarem o original uniforme [...]
>
> [...] Dentro em pouco apparecia Hitler, assumindo o comando do partido nacional-socialista allemão e fardando todos os seus companheiros com a camisa parda. Berlim e todas as grandes ou pequenas cidades da Allemanha assistiram ao desfile das legiões pardas, acostumaram-se a vêr alentados cidadãos de camisa escura e a cruz gammada ao braço, passeando seu fervos nacionalista nas imediações das residencias dos judeus...
>
> Na Irlanda, o general O'Duffy, chefe dos fascistas irlandeses, adoptou um uniforme mais complicado. A camisa é azul, gravata preta, calças escuras e "casquete". [...] Na Belgica, os fascistas adoptaram a camisa verde, installando a sua "Casa Verde", séde do partido fascista belga. Os suissos, por sua vez, possuem o seu partido fascista, chefiado pelo architecto Theodor Fischer, tendo como distinctivo a cruz gammada, em preto, sobre uma bandeira amarella. [...]
>
> Nos Estados Unidos ha um partido de "camisas prateadas", chefiado pelo major Powell, havendo ainda em Captown um agrupamento nacional-socialista que usa camisas cor de cinza. Na Islandia, finalmente os fascistas adoptam a cruz gammada presa por um alfinete dourado.
>
> E no Brasil, completando a revista ás camisas de côr temos os integralistas, cujo nucleo principal está em São Paulo, com Plinio Salgado á frente. Usam a camisa oliva ao que parece, porém, sómente com muito recato, pois não é facil encontrar-se nas ruas um cidadão com a camisa politica...
>
> (Diario do Rio Claro, 13 janeiro 1934)

A comparação não apenas é lógica, como tem evidente intensão de denúncia ao crescimento do integralismo no país. Contudo, o posicionamento contrário a tais movimentos não era hegemônico, com pessoas os defendendo, questionando seus críticos nacionais e internacionais, com a dúvida de que sejam notícias falsas, já que havia também informações

positivas quanto a estes, dificultando a todos, principalmente às pessoas comuns, ter uma noção profunda do que as ideologias defendiam. No campo de combate informacional, o indivíduo fica perdido em informações contraditórias e acaba tendo que, com seu esparso conhecimento, fazer ligações e interpretar sua realidade. Podemos ver, a exemplo, a defesa do farmacêutico rio-clarense Alberto Oncken quanto a Alemanha e sua política do período:

A Allemanha de hoje

Tenho observado que todos os artigos que o DIÁRIO traz com relação á Allemanha, são collaborações de autores que se pronunciam contra o regimen hitlerista, evitando propositalmente de citar outros autores, com especialidade ingleses e americanos, que admiram a nova orientação na Allemanha como ultima expressão do sentimento cívico de um povo e como mais elevada comprehensão de nacionalismo e integralismo.

O que entende Barbusse, o francez, do que se passa actualmente na Allemanha?

E os outros criticos tambem, que noção têm elles da actual mentalidade de um grande povo, escravisado e humilhado durante quinze annos, e agora libertado do estado de miseria em que se achava?

Essas phrases: "volta á barbárie", "retrocesso da cultura", "oppressão da liberdade", soam muito bem e sempre servem de joguete aos tribunos nos seus discursos tendenciosos.

Mas definam, primeiro, o que é "liberdade".

O que é liberdade? Quem de nós é livre? – Todos nós somos, apenas, élos, partes de um todo, presos por convenções de toda especie. Hitler diz: "a vontade e a liberdade individual devem ser subordinadas á vontade unitaria da Nação, para o bem da Nação e, ipso facto, para o bem do cidadão". E Mussolini diz o mesmo.

Barbusse condemna as dictaduras porque vê nellas a oppressão da liberdade individual e a volta ao estado da barbarie.

Mas nações notoriamente mais civilisadas viram-se na emergencia de adoptal-a. Esse facto só prova a necessidade dessa forma de governo no momento actaul.

A ultima finalidade que visa um chefe de Estado, qual é? – Certamente estabelecer o equilibrio material e social do Estado, com o intuito de restabelecer o bem estar e a prosperidade do cidadão. Pois bem, não podendo conseguir esse desideratum por meio de um parlamento, cheio de partidos com interesses partidarios, resta-lhe, apenas, o meio draconiano de uma dictadura.

E' muito prematuro ao estrangeiro dar o seu parecer sobre a Allemanha contemporanea e sobre a nova forma de governo implantada por Hitler, porque tudo ainda está em evolução. Como factor a nosso favor temos, por emquanto, que nestes ultimos quatro mezes o numero de desempregados diminuiu em um milhão e oitocentos mil homens, graças ás medidas intelligentes adoptadas pelo governo.

Também já estão garantidos os meios para proteger os necessitados contra os rigores do inverno neste anno.

Ninguem soffrerá frio e fome.

Acho que isso vale mais do que gosar a liberdade individual, toda problematica.

Esperem os criticos mais um anno, aguardando os resultados finaes do novo regimen. Si esse regimen fracassar, podem condemnal-o, mas, si vencer, que o adoptem.

Alberto Oncken.

Rio Claro, outubro de 1933

(O Diário do Rio Claro, 07 outubro 1933)

Podemos notar na escrita de Oncken uma defesa que não deixa de estar informada, buscando esclarecimentos de fontes diversas às alemãs. Dentre as informações contrastantes, pareceu-lhe mais lógico que o regime não era aquilo que os seus detratores falavam. Evitando anacronismo e até leviandade para com os indivíduos do período, defendemos que é incorreto considerá-lo "nazista", pois suas concepções e conhecimentos estavam distantes daqueles que possuímos atualmente. Em defesa de nossa afirmação, vejamos 2 artigos jornalísticos, o primeiro de 1934 tem um escritor que, diferente de Oncken (se levarmos em conta apenas o sobrenome), não é descendente de alemães e mesmo assim questiona as fontes que dizem das atrocidades na Alemanha, duvidando que um povo de cultura tão profunda aceitaria os absurdos totalitários; do mesmo ano, outro artigo além de criticar as informações “duvidosas” quanto ao regime hitlerista, também cita um caso que teria ocorrido na Ilha da Madeira, em que britânicos, admirados com os operários alemães ali em férias, elogiaram o “Führer” e seu governo:

O povo allemão não supportaria um tyranno

Camargo de Britto

(Da U. B. L. especial para o “Diario do Rio Claro”)

Não ha logica nenhuma que possa acceitar, como verdadeiras as informações que nos chegam, de fontes conhecidas, das suppostas atrocidades com que o nazismo vae conduzindo a Allemanha.

Essas accusações, não resistam, sem duvida, ao menor exame. E’ de hontem a ascenção ao poder do Partido Nacional Socialista e, no emtanto, cada vez mais se solidifica o seu prestigio na opinião publica.

Hitler encarnava hontem e encarna hoje os proprios anceios, todas as pulsações patrióticas do grande povo, a quem querem negar, num luxo de arbitrio, o sagrado direito de soberania, como si fosse possivel esmagar, com prevenções, uma grande raça. [...]

Quem a salvou da infiltração sovietica? [...] Pode dizer-ser que a elle, o “fuehrer”, se deve a salvação, o renascimento da Allemanha, hoje em marcha accelerada para o equilibrio definitivo, muito embora a hora seja de profundas inquietações para todos os povos do universo.

A Allemanha encontrou o homem predestinado a evitar o seu anniquillamento, precisamente no momento em que ella agonisava, trabalhada pelas ideologias mais contradictorias, minada pelos agentes de Moscou. [...] E a prova de que o seu esforço está sendo compreendido, está no apoio crescente que a nação lhe tributa, na idolatria que os allemães dispensam ao chefe do seu governo, o homem que soube arrancal-os da desordem e da confusão, reintegrando-os no seu antigo fastígio, isto é, no trabalho, na disciplina, no equilibrio indispensavel á sua grandeza. [...]

Não adeanta negar a sua obra. As informações tendenciosas que nos chegam, de fontes suspeitas, não conseguem destruir o monumento erguido pelo “fuehrer”.

O povo allemão carrega varios seculos de civilisação. Um povo desses não supportaria um tyranno.

(Diario do Rio Claro, 13 maio 1934)

Intrigas internacionaes

(Para a "CIDADE")

Quando, no mez de Abril pp., ancoraram, em frente de Funchal, na Ilha da Madeira, tres grandes navios com mais de tres mil operarios allemães em férias proporcionadas pela organisação nacional-socialista "Força pela alegria", ali chegaram tambem dois navios inglezes com turistas em excursão. Em breve estabeleceu-se o contacto entre allemães e britânicos. [...] Affirmaram mais que o povo inglez sonhava ter, um dia, tambem o seu "Hitler", porque as coisas lá pelas bandas da velha Albion, não corriam tão bem, e num dialogo, [...] que se estabeleceu á beira do caes entre allemães e inglezes, estes declararam em presença de jornalistas portuguezes e germanicos que o sr. Hitler "era o maior sustentaculo da paz e o maior estadista dos tempos modernos, um homem extraordinario, cujas idéas em muito superavam as dos políticos de outros paizes. E querem a prova?" – accrescentaram – "O mundo interio, hoje, fala de Hitler e só de Hitler, emquanto de outros estadistas só falam acidentalmente. [...] O mundo olha para a Allemanha nacional-socialista a cada momento imitando-lhe as instituições, adoptando seus methodos de organisação, embrenhando-se de sua philosophia politica e admirando seu progresso social, emquanto escuta os outros estadistas só quando tratam de assumptos politicos internacionaes. Eis como pensa o povo inglez, que não sente odio contra a Allemanha, tão pouco a teme e, apenas, lhe inveja o seu grande "Fuehrer".

Assim falaram cidadãos inglezes a operarios allemães, na Ilha de Madeira! Eis o sentimento de um povo, despido dos farrapos das intrigas politicas internacionaes!

Vejamos, agora, o outro lado da medalha!

O que é que grande parte da imprensa britannica e mundial, diariamente affirma? Justamente o contrario! Não passa dia em que os grandes jornaes da imprensa mundial não gritem, em letras garrafaes, qualquer mentira sobre a Allemanha e o regime nacional-socialista. Pintam o povo allemão como sedente de ódios e vinganças. Falam em guerra, incessantemente. Veem perigos e ameaças contra a paz em todos os gestos dos dirigentes allemães. Mas, emquanto Adolf Hitler celebra o dia de trabalho no meio de um milhão de operarios unidos e contentes, falando em paz e trabalho fecundo, na Russia communista e pacifisca "par excellence" o dia é commemorado por enormes paradas militares, em que se exhibem milhares de proletarios armados até os dentes, e na França, socialista e ultra-pacifista, no dizer de seus dirigentes, se trocam tiros em ardentes lutas partidárias.

Intrigas! Intrigar por toda parte! Conspirações contra a paz movidas por forças occultas e os interesses insaciaveis do capital internacional que alimenta a campanha de odios no mundo inteiro. O povo allemão unido em redor de seu "Fuehrer", não pensa em guerra, pensa apenas no seu trabalho e não deseja senão a paz!

HAD

(Cidade de Rio Claro, 13 junho 1934)

Mesmo que essa história do encontro entre operários alemães com ingleses seja questionável, dado o conhecimento disponível no período, tais informações poderiam passar como confiáveis e verídicas. Por sinal, a organização "Força pela alegria", que realizava turismo para as massas, abarcava principalmente os empregados de colarinho branco, e apenas alguns braçais destacados (GEARY, 2010, p. 71), o que nos leva a questionar até que ponto as opiniões relatadas realmente coadunavam com o pensamento operário alemão, ou se era mais uma arma

propagandística do regime. Não menos importante, havia setores da política inglesa que possuíam bons olhos aos regimes fascista e hitlerista, os quais contribuíam, direta ou indiretamente, para a rede de desinformação totalitária. Tais fatores tornavam o relato mais crível, com aproximações de certos políticos ingleses até 1936 com a Alemanha, como vemos o relato de David Lloyd George, defendendo que Hitler não tinha intenções de guerra:

Hitler não quer a guerra

E' o que diz Lloyd George, de regresso da Allemanha

(UBI) – Regressando de sua viagem á Allemanha, o velho politico inglez Lloyd George disse em resposta á perguntas do redactor do "News Chronicle, de Londres:

"Por minha parte, não sou fascista nem comunista. Fui á Allemanha na qualidade de liberal, voltando como tal. Creio, no entanto, que os liberaes que se negam a fixar os factos como elles são, representam um perigo para o liberalismo".

Referindo-se ao problema do militarismo, disse Lloyd George que, segundo a sua convicção, a Allemanha não alimenta desejo de aggredir a outro paíz e que o "fueher" armou o seu paiz para a defesa e não para o ataque.

"Hitler realisou grandes obras em sua patria, assegurou. E' sem duvida, um grande conductor de povos. Melhorou notavelmente as condições de vida do operário. E' um personagem dynamico. A debilidade da democracia fez da Italia um Estado autoritario."

A debilidade dos partidos democraticos e a incapacidade que demonstraram na Allemanha fizeram desse paiz outro Estado autoritario. Numa hora de grande apuro, – continuou o veterano da politica britanica – o Reich convidado a decidir-se pela liberdade ou pela unidade, resolveu decidir-se por esta ultima, sem que se tenha arrependido até o presente".

Na realidade, só os loucos suppõem que Hitler deseja a guerra. Cremos mesmo que, com excepção da Russia, nenhum chefe de governo deseja que o mundo volte a assistir uma tragedia maior que a de 14.

Uma lucta agora seria, evidentemente, de muito maiores proporções.

(Diário do Rio Claro, 4 outubro 1936)

Panorama Internacional

JOSE' FIRMO

(DIRECTOR DA U. B. I.)

Lloyd George, a quem os annos respeitaram a lucidez do raciocínio, regressando da Allemanha, trouxe de lá, a convicção dos objectivos eminentemente paciifstas de Hitler.

A um jornalista inglez, que o ouviu, o famoso leader expendeu considerações que desmoralisem a litteratura que por ahi existe tentando convencer os ingênuos que a Allemanha prepara, voluptuosamente, o golpe da desforra.

Eu sempre considerei o chefe do governo allemão como um extraordinario conductor de povos, com a visão prophetica dos phenomenos politicos e sociaes da actualidade. [...] Nenhum de seus actos, desde que os acontecimentos o conduziram á direcção dos destinos germanicos, denunciou jámais propósitos de lucta. O "fuehrer" está no inicio de um monumento para a eternidade, reorguendo uma nação que sempre fora grande, mas que ultimamente, depois da catastrophe de 1914, experimentara colapso inquietantes.

> Um estadista que se entrega a uma tal obra não pôde alimentar desejos belicosos. Hitler fez a guerra, luctou nas trincheiras, teve diante dos olhos o olhos o horror do espectaculo que se não descreve. Como iria elle agora jogar o seu povo numa aventura sangrenta, esquecido do que, na realidade, representa uma guerra?
>
> Não é sòmente a Allemanha. Nenhuma nação, com excepção, talvez da Russia, deseja sinceramente a catastrophe. Os povos poderão aceital-a, constrangidos, mas não o provocarão.
>
> A corrida armamentista significa apenas que as nações não querem ficar á mercê da generosidade das outras. Armam-se para que se façam respeitar, temendo uma posição de inferioridade perigosa e humilhante. Mas ninguem quer a luta.
>
> Os povos não enlouqueceram. Ainda elles guardam o raciocinio na desordem contemporanea. Os defensores da these de que a guerra é uma necessidade não têm ainda ás mãos os melhores trumphos. O panorama internacional não é dos mais tranquillos, mas não autorisa que se affirme que o anno de 1937, como querem alguns espíritos pessimistas, será o da "reprise" sangrenta da tragedia de 14. [...] A guerra poderá vir, mas não é inevitavel, como querem quase todos os observadores internacionaes.
>
> Ha mesmo maiores probabilidades de que ella nem tão cedo perturbe a face do mundo, que já não é tranquilla, com as revoluções economicas que nelle se operam. (Diario do Rio Claro, 17 outubro 1936)

Brasileiros, descendentes ou não de alemães (ou de italianos e japoneses), juntamente com ingleses, americanos e toda sorte de países, nacionalidades e etnias, possuíam dúvidas do que seria realmente o hitlerismo ou o fascismo. A dificuldade de obter informações, o receio de estar sendo enganado, notícias contraditórias, denúncias e contra denúncias, o crescimento e defesa de ditaduras pelo mundo todo (incluso no Brasil, com o integralismo e o getulismo), tornavam obscuras as possibilidades de analisar o que ocorria nacional ou internacionalmente. Fora que o inimigo do momento era outro, como vemos nos artigos de Lloyde George, a preocupação e o medo estavam voltados para a Rússia comunista e sua expansão internacional, com o Ocidente vendo os regimes europeus como uma frente de defesa contra tal inimigo.

Não havia apenas todo um espectro que ia do apoiador ao opositor de tais regimes, pois existia até quem diminuísse a capacidade das ditaduras. Apesar de crítico ao momento que vivia, vemos no artigo de João de Scantimburgo-Filho uma incompreensão da importância (nefasta, vale ressaltar), que teria Hitler e Stalin para a história mundial (e outros líderes também inclusos), mesmo que reconheça o problema do crescimento das ditaduras, interessantemente, questiona-se o valor e a eficácia democrática:

> **A decadencia da civilização**
>
> **João de Scantimburgo-Filho**
>
> Para "A Cidade"
> Pagina triste.

> O mundo inteiro está em baixa-mar. No terreno da pathologia social, a civilização já adquiriu os phenomenos de uma triste enscenação visionaria, dessas que carreiam a consciencia collectiva para a bancarrota moral e para os despenhadeiros do fracasso. [...] A tragica hora universal projecta sobre a humanidade uma funda e atra esteira de desespero; o advento das dictaduras preparou a intoxicação politica dos povos, pelo desastre falseador de jungir ao seu imperio submettedor as multidões com quem se affronta e mede no duelo audacioso de suas ideas, calçadas sobre aventado despotismo.
>
> Eu não quero clarinar daqui, a acustica que encarece, apoiada na muleta dos Mecenas cabotinos, os regimes democraticos. Democracia só houve até hoje, no sublinhado colorido dos floculos de rethorica dos discursos [...]
>
> A Inquietude por que passa o mundo tem, porem, raizes mais profundas. A guerra agravou a situação do mundo. Outra guerra se vier augmentará a afflicção, ou, quem sabe? poderá regenerar, vitalizar, galvanisar o quase cadaver do mundo.
>
> Para certos números de sociólogos o responsavel pela vasante é o capitalismo, que fez a depressão economica, com suas machinas que dispensam braços.
>
> O que parece provavel, no entanto, é que o velho estado de cousas sofre a ausencia daquellas personalidades que empolgaram o seculo passado, como um meteoro luminoso, enfeixando em suas mãos poderosas os destinos dos povos.
>
> E é bem verdade. No capacete de Bismarck caberiam as cabeças de muitos Hitlers. Stalim não passa de uma parodia do que poderia ser Napoleão na peior das hypotheses. [...]
>
> E' preciso dize-lo, porque nunca saberão demasiado, que tudo provem das doutrinas: os costumes, a literatura, as constituições, a felicidade dos Estados e seus desastres, a civilização, a barbarie, e essas crises tremendas que varrem os povos, ou os renovam. [...]
>
> Mas, em cada canto do globo, existe um destino em marcha; no barathro escurentado que se sub-roja nos alçapões subterraneos das metrópoles, ha rumores surdos de uma conclamação de turbas que sentiram aproximar-se a hora inexoravel das grandes catastrophes. E' a hora das multidões. Não existe mais fronteiras patrias; ha ambiente circunscriptos. Os povos de todos os quadrantes se contrahiram nos esponsaes das grandes esperanças reivindicatorias [...]
>
> Numa unica comunhão de ideas devem-se unir os homens, e aguardar os fructos da arvore gigante que plantaram: os rhysomas de sua complexissima estrutura arachnidizaram até o amago do mais intimo penetral da savana dos povos. E' só esperar, pois tudo que se vê – esses esbravejamentos de feros impositivos, que borbulham na orgia ebollucional dos desesperos allucinantes, essas manifestações desesperadoras de contrastes, não são mais do que formas errantes de Liberdade, estratificadas no totemismo ancestral de um atavismo inarredavel.
>
> (Cidade de Rio Claro, 21 outubro 1934)

Percebemos, com estes artigos de jornal, tanto do município como transcrições de fora, que as discussões a respeito do que ocorria no mundo era diverso e incerto. É evidente que os jornais são apenas uma das representações existentes, porém a sua importância na formação da visão de mundo de seus leitores não deve ser minorada. Críticas pesadas (e que sabemos atualmente serem reais) se misturavam com críticas leves, elogios ou indiferença, o que nos possibilita, – com essas representações, de relatos, de artigos pessoais e notícias – ver uma

brecha do passado, o qual nunca será igual à vivência de seus contemporâneos, porém seu cotidiano e confusões se tornam, ao menos, mais compreensíveis. O que pulula ao nosso exame é o efeito da propaganda, a qual quando não altera as notícias, afeta a forma do indivíduo lê-las, compondo uma parte do que vê como sendo realidade, com informações contrárias não conseguindo uma posição de destaque ou hegemônica. Movimentos ditatoriais eram analisados tanto como uma afronta à humanidade, como também a sua salvação, com posições que, dada a limitação do saber e dos meios de obtê-lo, são justificáveis e lógicas de ambos os lados.

A conclusão mais correta, parece-nos, é a constatação que a concepção que a sociedade em geral e os grupos étnicos tinham, a respeito dos movimentos políticos, não eram unívocos, tampouco eram possíveis de simplificação. Acusar as comunidades imigrantes ou a sociedade em geral como sendo de determinada corrente política, defendemos, só pode ocorrer por ignorância histórica ou direta intensão de atacá-las. Não visamos com isso criar uma representação da totalidade da população do período como sendo de inocentes e influenciáveis, ao contrário, queremos demonstrar que a variedade de posicionamentos possíveis não deve ser rejeitada, assim não afirmamos a ausência de indivíduos mal-intencionados, conhecedores do que realmente estavam defendendo (mesmo que estes, segundo nossa visão, fosse a minoria).

Dada as experiências que possuíam e as expectativas possíveis, torna-se compreensível a dúvida quanto aos acontecimentos e as notícias correlatas. São indivíduos que estavam no alvorecer dos meios de comunicação que interligavam o mundo, com estes diminuindo as distâncias físicas e informacionais, com a mentira e a propaganda também tendo melhores meios de propagação e convencimento. Em populações com histórico de perseguição no Brasil, o questionamento e o receio, parece-nos, eram os melhores meios de evitar problemas, tendo em vista que a perseguição começa por separar os acontecimentos internacionais da comunidade local, passa a acusar alguns indivíduos específicos, até chegar na acusação e apedrejamento indiferenciado a todos que tiverem determinada origem, além da vigilância e denúncias públicas indiscriminadas e da defesa de assassinar opositores e jogar seus corpos em monturos. Levando em conta as experiências passadas em pouco mais de 20 anos, não é minimamente lógico esperar que qualquer comunidade perseguida tivesse, nesse interim, criado confiança e esperanças de que não sofreriam mais perseguições, ameaças e violências.

Para terminarmos o presente tópico e adentrar, assim, no próximo argumento, vejamos a seguinte notícia sobre o “mundo político” do período, com a citação de países exemplares ao Brasil ao fazer a lei de Segurança:

No mundo politico

[...] Ha um flagrante perigo para o Estado contemporaneo, e mormente o nosso, confiar apenas em ficticios "patriotismos". Se não fora medidas como a que a nossa Camara procura agora, talvez não existissem o Estado Fascista, da Italia, o Estado Nazista da Allemanha, o Estado Democratico de Hespanha e França, a Politica Dirigida de U. S. A., o Estado Parlamentar de Inglaterra.

A lei de Segurança é acertadissima. Oxalá mereça o beneplácito de todos os nossos parlamentares. [...]

***

A politica rioclarense permanece em calmaria. Nada de novo na frente politica. Nos bastidores já se tramam chapas para as longinquas eleições municipaes. Mas nada de interessante se sabe.

J. de S. Filho

(Cidade de Rio Claro, 23 janeiro 1935)

Estado Fascista da Itália, Nazista da Alemanha, "Democrático" da Espanha e França, Política Dirigida dos Estados Unidos e o parlamentarismo inglês, todos citados juntamente de modo positivo. Ao menos politicamente, podemos afirmar que, o problema não era todo e qualquer movimento político e ideológico diverso, a questão focava-se, notadamente, nos movimentos que aconteciam na Rússia.

Anticomunismo

Outro aspecto fundamental do período foi a perseguição a comunistas, socialistas e anarquistas. A perseguição não ficou constrita a uma determinada comunidade ou etnia, apresentando grande variedade tanto do lado perseguidor quanto do perseguido. Mesmo assim, dois elementos devem ser elencados quanto a esta perseguição: 1) As perseguições políticas aos comunistas acabaram por possibilitar um crescendo persecutório que abarcaria os grupos étnicos "do eixo", além de permitir ao governo ditatorial intensificar suas medidas conforme o passar do tempo; 2) Os grupos étnicos, notadamente o italiano, possuía internamente grupos de apoiadores de uma variedade de posicionamentos políticos e, assim, a sociedade ao atacar determinada ideologia, por vezes, acabou atacando também as comunidades imigrantes, como sendo importadores e propagadores de ideias indevidas, impróprias, criminosas, etc.

Do mesmo modo que a violência perpetrada contra os ferroviários do município, anteriormente à Primeira Guerra, "educou" a população quanto aos perigos ou possibilidades de ataques (conforme o lado que o indivíduo ou seu grupo se visse), a perseguição ao comunismo faria o mesmo papel estrutural repressivo. Os ferroviários apresentavam uma

grande quantia de imigrantes e descendentes entre seus operários, logo, tais etnias conheciam uma "prévia" do que viria posteriormente e, o mesmo pode ser dito ao anticomunismo, com a comunidade já alertada do que poderia vir com a perseguição se tornando indiscriminada.

Comecemos com uma notícia desses "credos exóticos" comunistas, socialistas ou anarquistas. Em artigo de 1934, Anselmo Rosas escreve sobre os resultados de eleições em "bairros operários" de São Paulo[32], Brás, Mooca e Belenzinho, marcados notadamente pela presença de imigrantes, os quais apresentam seu "credo vermelho", como vemos:

Credos exoticos

Anselmo ROSAS

As eleições de 14 de outubro, quanto aos resultados apurados nos bairros operarios de S. Paulo – Braz, Mooca e Belemzinho, – acabam de dar, ainda mais uma vez, a prova frisante de que o povo brasileiro, a despeito das aperturas que tem passado, aliás reflexo da situação economica do mundo, mas que ainda não o levaram a aguardar que a visita se retire, para mandar servir as refeições, é decididamente refractario ás idéas extremistas.

Braz, Mooca e Belemzinho, centro do maior operariado do paiz, sempre trabalhados pelos agitadores estrangeiros, a vasa sem patria e sem familia, despejada nestas plagas abençoadas de Santa Cruz por todas as nações do universo, sempre foram considerados, após a instituição do voto secreto, o reducto inexpugnavel das ideologias exoticas, em cujas muralhas iriam as classes conservadoras receber o baptismo da primeira derrota.

Mas, oh! céos! verificado o resultado do pleito, a licção foi tremenda, pois que somente podendo votar o cidadão brasileiro, elle, herdeiro de tradições historicas que se consubstanciam no lemma – Deus, Patria, Familia, – soube demonstrar aos trânsfugas de todas as pátrias que a medicina por estes preconizada póde ser muito boa, muito útil, mas... para uso externo!

Nem por isso, entretanto, nos deve ser licito dormir nos louros da victoria, estupenda e magnifica.

Si, de um lado, veio ella trazer a revelação de que os cordéis do extremismo se acham presos, entre nós, exclusivamente nas mãos de agitadores estrangeiros, constituindo isso um aviso aos responsaveis pelos destinos do paiz, para que os agarrem pela gola do casaco e ponham barra a fora dos nossos portos, de outro lado ocorre-nos o dever de estudar o fenômeno em suas origens, para lhe dar combate antes de uma possivel contaminação do organismo social, coisa que não deve escapar á nossa previsão.

São frequentes as prisões de communistas em nossas grandes cidades, datando de poucos dias a denegação do registro do seu partido, no Superior Tribunal Eleitoral.

Serão sufficientes e efficientes essas providencias, como meio de combate ao famoso credo vermelho? [...] A medida é até contraproducente, pois não ha quem ignore que idéa não se prende, não se encarcera, e idéa perseguida, é quase sempre vencedora.

Prende-se, encarcera-se o individuo, mas o pensamento fica lá fóra, a germinar e propagar-se. [...] Em nosso desautorisado modo de entender, será um erro a guerra

[32] Para uma leitura mais aprofundada destes bairros da cidade de São Paulo, aconselhamos a leitura de "Bairros operários paulistanos no início do século XX: moradia, lazer e educação" de Marisa Saenz Leme (2002).

> ao communismo pela força ou pela violencia, a menos que se trate de repressão á desordem, em cada caso concreto que se apresentar.
>
> A única forma eficaz de combatel-o está na reparação, quanto possivel, das grandes e clamorosas injustiças sociaes. [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 11 novembro 1934)

Apesar do foco ser a crítica voltada ao comunismo e sua penetração no operariado brasileiro, já é notável o reaparecimento do "estrangeiro agitador" vindo dar ideias "exóticas" aos trabalhadores brasileiros. Tal ligação não é inédita, a perseguição à cultura imigrante sob justificativas políticas já acontecera com os alemães na Primeira Guerra, era a oportunidade da violência assimilacionista se fortalecer com motivos de "defesa nacional" contra ideais que, supostamente, não coadunem com o povo brasileiro.

A perseguição ao comunismo se intensificaria com a intentona comunista de 1935, com diversos pedidos de castigos exemplares. Não nos deparamos com críticas a comunidades estrangeiras especificamente, contudo, já se nota a escalada das possibilidades, aceitação e até coadunação social/intelectual com as violências estatais. Conservação da sociedade e da família, luta contra traidores pagos por agentes estrangeiros, redes de espionagem totalitária, a influência na população "ignorante", presença educacional dos "espiões", dentre outros esquemas estruturais persecutórios:

> **Castigo para os trahidores**
>
> O paiz está em estado de sitio. Ante a desordem que irrompeu no nordeste brasileiro e que, em estado latente, se percebe em outros pontos do territorio nacional, a julgar pela propria mensagem do sr. Presidente da Republica ao Legislativo, o Governo tinha que se munir dos amplos poderes que essa medida de excepeção assegura, para agir com a energia que se faz mister, na defesa das nossas instituições politicas e salvaguarda da sociedade e da familia.
>
> Todas as tolerâncias de que o executivo tem dado próva, num respeito que ultrapassa o espirito liberal da nossa Constituição, serviram apenas para animar os inimigos da harmonia e da tranquilidade do pôvo, os quaes foram da audacia em audacia, até culminar em alguns pontos da nação, sem cogitar dos males que causam, da desorganisação que provocam, do empobrecimento que ocasionam.
>
> Interesseiros nus e analphabetos outros, estes ultimos explorados em sua bôa fé por aquelles, os extremistas estão tratando de impedir que o reajustamento da nossa vida enconomico-politica, muito bem encaminhado, seja conduzido a bom termo, para satisfação e proveito de todos os brasileiros. [...]
>
> Os nossos interesses, o nosso prestigio de grande nação, a nossa formação moral e espiritual, tudo o que sentimos e representamos impõe uma punição de que se guarde memoria, que tenha a amplitude da brutalidade de que fomos victimas.
>
> O Governo está a salvo de qualquer censura. Nunca poder algum no mundo, dispondo normalmente de tantos meios de defesa e prevenção, agiu com a beatitude, a magnanimidade de que o nosso tem dado provas cabaes. [...]

O Brasil não póde estar à mercê de trahidores subornados pelo ouro de Moscou ou de qualquer outra procedencia e de politiqueiros que, para subir, aproveitam todas as escadas e descem a todas as abjecções.

Não entoemos a canção do odio, mas vibremos de indignação e sejamos firmes inexoraveis, como as circunstancias aconselham.

Só assim evitaremos novas punhaladas. Só assim livraremos o Brasil da praga nefasta dos extremismos da esquerda e da direita.

Pratiquamos o liberalismo republicano, porem, com as reservas e salvaguardas qae a audacia dos trahidores e despsitados obrigam a tomar.

Para as chagas scoises, não ha outro e melhor remedio que o ferro em brasa.

Diminuam as carnas, mas o que são, puro, escimado de mazellas.

(Cidade de Rio Claro, 27 novembro 1935)

O Brasil não póde ser pioneiro do communismo

Se os enganados pela labia dos agentes subsidiados de Moscou pudessem raciocinar em torno do panorama politico do mundo, sem demora chegariam á conclusão de que a utopia communista no Brasil reveste as formas mais absurdas e não apresenta o menor viso de exequibilidade. [...]

O Brasil não è, geographicamente falando, una Russia de difficil penetração, com fronteiras constituindo defesas naturaes e com invernias insupportaveis para a maioria das raças. Com pequeno esforço de adaptação, os homens dos gelos e dos desertos africanos aclimatam se aqui, vencem a natureza, persistem e triumpham.

Valeu á Russia rubra em 1918 a aspereza do clima, os mares fechados e gelados, carios de margens abruptas e as montanhas hostis. Nada disso acudiria em defesa de um Brasil pioneiro do extremismo na liberal America. [...] Como resistir as forças poderosas conjugadas? Como oppor dique á onda invasora se o paiz tem immensa fimbria marítima e é accessivel por innumeros pontos?

Os inconscientes e desatinados que não digeriram Karl Marx e foram embalados pelo canto da sereia moscovita não comprehendem que, com o seu gesto, càvam a ruina da soberania nacional e attrahem sobre os brasileiros em geral todas as cóleras e vindictas da presente organisação economico-social!

A igualdade de direitos que elles offerecem ao proletariado resulta da degradação da escravatura, na prescripção da irresponsabilidade de facto e de direito de todo um povo por consenso e obra das nações que preponderam e ditam leis ao mundo. O paraiso vermelho desses falsos apostolos da liberdade integral conduz directamente á vida abjecta de uma absoluta dependencia, á perda de direitos sobre o sòlo, à dolorosa humilhação dos que, tendo uma patria, precisam pedir licença ao advena poderoso para nella respirar e se moverem!

E ha cegos que não enxergam esse abysmo para onde alguns vendilhões da independencia da nação nos impellem com mão criminosa, com a mesmissima e desenvolta mão com que empalmaram os multiplicados trinta dinheiros de Judas!...

Que a imprensa, desassombradamente, revele as miserias moraes que envolvem a propaganda communista no Brasil e que o Governo não titubeie, porque da sua acção energica e resoluta depende a sorte de todos os brasileiros.

(Cidade de Rio Claro, 28 novembro 1935)

A “caça às bruxas” era esperada, com a demissão de “súditos do Komitern”, no sentido ideológico, com a repressão a comunistas de toda origem. Nota-se a importância de esferas estratégicas e cotidianas de vigilância da nação, sendo política, exército e educação:

> **O communismo “official”**
>
> A imprensa, em telegramma do Rio, informa constar que o sr. Presidente da Republica vae propôr ao Congresso uma lei especial que, reprimindo o communismo, autorise o Executivo a demittir officiaes do Exercito e da Marinha, funccionarios publicos e professores que professam ou se entregam à propaganda do credo vermelho, esperando-se que essa medida de defesa das nossas instituições politicas seja tomada ainda este anno.
>
> Os acontecimentos deste fim de mez demonstram que uma lei dessa natureza é mais que necessaria – é imprescindivel, [...]. E' inconcebivel que a população que a todos paga – militares, funccionarios, professores – para que a protejam, a sirvam e a instruam, seja pelos mesmos ameaçada na sua tranquillidade e crenças e economia, deservida, envenenada com ensinamentos malsãos, desorientada com pregações exoticas conducentes ao liberticidio, ao caos, ao esphacélo!
>
> ***
>
> A orientação do Governo Federal, se fôr realmente essa que se annuncia e que se impõe, precisa ser seguida em nosso Estado, para defesa do patrimonio moral e material de todos os paulistas.
>
> No seio do funccionalismo, do magisterio e quiçá entre a magistratura, já levantando audaciosamente a grimpa, já apresentando-se camouflada, reponta a ideologia de Lenine, a essencia mephitica da terceira internacional, a linha traçada pelo Komitern!
>
> E em termos claros ou em rodeios cavilosos, abrupta ou subrepticia, a propaganda vermelha se executa e prosegue ganhando consciencias desavisadas, solapando a razão, minando o bom senso.
>
> Os exemplos pululam. As audacias crescem desde que não ha repressão. A impunidade exerce uma influencia nefasta sobre os espiritos e vagarosa mas continuadamente, a collectividade é impellida para o abysmo, a familia é arrojada á voragam, a desagregação se processa! [...]
>
> Não é possivel que perdure o absurdo dessa situação. O surto revolucionario do corrente mez evidenciou á saciedade todos os perigos que nos cercam e do que são capazes os vermelhos infiltrados no organismo do estado.
>
> Alimentar feras no proprio seio cuidando-lhe das garras e das fauces com que nos hão de estraçalhar é tolice que nem mesmo a Calino occorreria. [...]
>
> Identifiquem-se os bichos e dê-se-lhes o destino que merecem, antes que as unhas se desenvolvam e possam praticar damnos irremediaveis ...
>
> Rio Claro, 30/11/35.
>
> (Cidade de Rio Claro, 1 dezembro 1935)

A perseguição era política, porém a sanha assimilacionista também tentava angariar o seu pedaço de violência legitimada na questão. No processo de justificar o anticomunismo, colocava-se o Brasil, os brasileiros e a cultura brasileira em oposição à decadência ideológica vinda de fora. Notamos a tentativa de uma construção do que seria o pensamento brasileiro, no qual é diminuído os conflitos sociais existentes, com afirmações de que “todos são operários

em São Paulo", ou que todas as reinvindicações são atendidas e similares, opondo tal forma de ser ao dito comunismo, que é marcado pela turbulência social:

> **Ideologias forasteiras**
>
> As nações, como organismos, realisam dolorosa e dramaticamente processos eliminatorios. As ultimas perturbações que sacudiram o paiz e que o governo dominou, foram a fatal descarga de uma electricidade ideologica, forasteira e sem raizes nas massas sociaes do Brasil. Na terra da fartura, onde os campos para cultivar sobram numa extensão de mais de uns quatro milhões de quilômetros, é puro cerebralismo, inventar teorias que ficam bem ás nações mortas de fome... Aqui, só não ha trabalho para quem não quer trabalhar. [...] E si qualquer operario se dispuzer a vencer, amanhã tem elle sua tenda de proprietario, ou sua pequena fabrica em funccionamento. [...]
>
> S. Paulo, que é o unico centro ponderavel da industria nacional, assistiu, quasi que com indifferença, o estouro da turbulencia limitada a alguns fócos esporadicos. E' que o operariado de S. Paulo, culto, pacifico e trabalhador, sabe que a melhor maneira de prosperar e de trazer o bem estar á sua familia, é ficar dentro da lei, da ordem e da paz.
>
> Uma sabia legislação social, liberal e activa, defende seus interesses peculiares, com muito mais efficiencia e carinho que as promessas utópicas dos demagogos. [...] Nos paulistas de todas as castas, meus amigos, porque, graças a Deus, em S. Paulo não ha castas, uma vez que todos os paulistas são operarios, embora uns andem melhor vestidos e outros menos elegantes...
>
> Isso de provocar turbulencia não é do temperamento da nossa gente. E isso de andar adoptando idéas forasteiras ao nosso ambiente, ideologicas que não condizem com a indole do nosso povo, é tempo perdido.
>
> Fiquemos alerta contra os possiveis perturbadores, mas continuemos a confiar no futuro. Olhemos para a frente com a certeza de que, para que um futuro inda mais prospero se abra deante dos nossos passos, nos bastam duas coisas apenas: viver dentro da ordem e continuar a trabalhar.
>
> (Cidade de Rio Claro, 06 dezembro 1935)

Seguindo os passos do que ocorria nacionalmente, Rio Claro também iria realizar tal perseguição, com presos sendo levados a São Paulo. Não nos deparamos com aprofundamentos noticiosos ao acontecimento, apenas que houve ações na madrugada no município, com prisões de pessoas marcadas por terem "ideias extremistas":

> **Repressão ao communismo**
>
> A policia local efectuou algumas prisões
>
> O sr. dr. Nelson da Veiga, delegado de policia desta cidade, em cujo cargo vem se conduzindo com muito acerto, usando de enérgicas medidas repressivas ao communismo, esteve na madrugada de hontem, com os seus commandados, em grande actividade, tendo prendido algumas pessoas, cujas idéias extremistas são conhecidas, as quaes foram remettidas escoltadas para S. Paulo, pelo trem nocturno,
>
> (Cidade de Rio Claro, 7 dezembro 1935)

Logo no dia seguinte às ações anticomunistas no município, vemos argumentações defendendo as ações do governo de intensa repressão. As afirmações centram-se na necessidade do governo ser incisivo em suas ações, para proteger o país do terror comunista e de possíveis novos conflitos e perdas humanas:

Em defesa do regime

JORGE VELHO

Punir é sempre a missão mais desagradavel da autoridade constituida. E' claro que é muito mais decorativo, facil e sympathico para um governo, premiar.

Mas a punição é imperativo de justiça. E' necessidade de defeza. E' um acto de segurança collectiva. Dahi a fatal necessidade de ser implacavel a acção do governo, mostrando-se serena e severa na applicação das penalidades aos que consumaram o crime de attentar contra a Republica. [...] Quem tenha lido a gravidade de aggressão desfechada contra o regime verificará toda a extensão do perigo que correu nossa sociedade. As atrocidades consumadas no norte do paiz e capital da Republica–lá em cima agravadas pelo arrombamento e pelo roubo–demonstram que é imprescindivel que o poder publico não vacille em extirpar, para todo o sempre, os fòcos de turbulencia, neutralizando para sempre a acção dos culpados.

Quando, no Brasil, chega a hora do castigo, não faltam, ao sentimentalismo ou á exploração dos interessados recursos para clamar contra violencias, exorbitancia de funcção punitiva, excesso de poder, etc. Todo esse chavão conhecido não tem feito mais que abrandar a mão que castiga e enternecer o coração que sentencia. Entretanto, nessa hora, ninguem pensa com que facilidade e inconsciencia se arma, no paiz, uma sublevação, se trucidam friamente victimas innocentes, se alarma a familia brasileira e se perturba o ryrhmo do nosso trabalho. [...] E' justamente esse mal –tolerancia e exploração opposicionista– que tem estimulado os surtos de desordem e empapado de sangue o bendicto chão da nossa terra.

E' preciso que o povo se compenetre de que a justiça deve ser cega e surda. E' necessario que se convença que a piedade e a tolerancia são dois ácidos que corróem a espada da justiça. E' preciso, enfim, que todos os que têm alguma coisa a perder prestigiem a autoridade constituida, uma vez que ella age não para exercer uma vingança, mas para poupar á familia brasileira novos lutos e novas sangueiras.

Um cidadão qualquer póde esquecer e perdoar uma offensa ou uma aggressão. Um governo, porém, não tem esse direito. E' que elle não defende a si mesmo, mas sim a ordem, a lei, a honra do paiz, o regime, coisas que não são propriedade exclusivamente sua, mas que pertencem a todos, pois são o proprio patrimonio nacional.

(Cidade de Rio Claro, 8 dezembro 1935)

Tais argumentos adquiriam força, tendo em vista que, antes da intentona ocorrer, já havia o conhecimento das atrocidades soviéticas perpetradas pelo regime stalinista. Como podemos ver em artigo, de meses antes de tais acontecimentos nacionais e municipais, em agosto do mesmo ano, sobre o Holodomor:

A socialisação da Terra

Dez annos depois da Guerra Civil: 1917-1919, houve na Russia uma outra guerra tão sangrenta como aquella: Fo a luta dos "Kulacks" contra a Socialisação das

> propriedades Ruraes. Os “kulacks” são componezes mais ou menos Ricos (pouco mais que os nossos “sitiantes”), são usurários e exploram os camponeses pobres. Uma vez esmagada a grande burguezia e os nobres, as vistas do Governo Sovietico voltaram-se para os “kulacks”. Era preciso socializar a Terra.
>
> Na Ukrania e no Caucaso onde a reação dos “Kulacks” foi marior deram-se sangrentos choques entre estes e os funccionarios encarregado da socialisação da Terra. [...] mais de 40 milhões de camponezes no anno de 1933 não colheram um só grão a mais do que neccessitavam para a sua subsistencia, afim de se furtarem a entrega do que lhes exigia o Governo.
>
> Este no entretanto não ficou prejudicado; tirou-lhes á força o que haviam colhido. Hoje não existe na Russia um só “Kulack”. Tres milhões desappareceram. Milhares morreram de fome. Outros apodrecem nas prisões do Estado e muitos não possuem mais que um cavallo e uma vacca... [...]
>
> Caro, muito caro custou-lhes a Socialisação da Terra...
>
> Rio Claro, 13/8/1935
>
> MARIO DINIZ
>
> (Cidade de Rio Claro, 17 agosto 1935)

Com esse conhecimento, mesmo que ainda com informações incompletas e desencontradas, o município ficava informado das violências perpetradas em nome do comunismo na Rússia. Tal fato não deixaria de reaparecer, após as ações da madrugada de 7 de dezembro, e a inicial justificativa no dia 8, trazendo no dia 13 a união dos fatores, com as atrocidades cometidas em solo europeu sendo postas em comunhão com a intentona no Brasil:

> **O Terror Communista**
>
> O Terror, tanto ou mais cruel que aquelle instituído na França do seculo desoito pelo desvairado Robespierre, é o que os assalariados de Moscou pretendiam e pretendem inaugurar em nosso paiz, praticando um crime de liberticidio em detrimento da Familia e da Sociedade brasileira.
>
> Os factos são concludentes. Os planos desvendados depois da investida rubra de 27 de dezembro não deixam margem a duvida.
>
> Ha detalhes com requinte de crueldade que fazem acreditar em paroxismos de loucura. Causa assombro que pessoas creadas dentro da moral christã baixem á condição primitiva de féra tramando o anniquilamento frio e cruel de eminentes compatriotas, de cidadãos uteis á Patria, necessarios á segurança do regimen, insubistituiveis nos quadros politico-administrativos do Brasil contemporaneo.
>
> A trama sinistra de Curityba convence e terrifica.
>
> Quem é que já preparou methodicamente a immolação de semelhantes em pleno templo christão, em meio de tocante cerimonia religiosa, no desenvolver de um ritual em que a alma ascende aos pés de Deus?
>
> Os facinoras mais impedernidos recuam ante a solennidade tradicional, reprimem ímpetos, domam instinctos acelerados, mesmo quando defrontam inimigos pessoaes encarniçados.
>
> O bolchevismo, que praticou o supremo delicto de proscrever Deus, varreu dos corações dos escravos de Prestes tudo o que de nobre e humano abrigavam, e as armas confiadas e esses fanaticos de uma ideologia vesga para a defesa da Patria carregam-se e engatilham-se para chacinas tendo a imagem do Doce Nazareno por testemunha!

> A tentativa frustrada de Curityba não encontra parallelo entre o que se tramou e perpetrou no mundo depois de Lenine lançou, a confusão entre os povos e subverteu a ordem moral do seu paiz.
>
> Se estivéssemos no mesmo nivel onde chafurdam os que pretendem escravisar o Brasil á horda tártara de alem Vístula pediríamos para elles, como represália legitima, uma "Noite de São Bartholomeu", a purificação do gume da espada, da chamma da fogueira, da trave da forca, do córte do machado. E não excederiamos o que póvos ultra-civilisados praticam em semelhante circunstancia.
>
> Não vamos porem a taes extremos. Cremos que bastam por enquanto firmeza de seção por parte do Governo, presteza no punir, repressão que não distinga pessoas e cathegorias, banimento de sentimentalismos piegas que importam em suicidio.
>
> Que o castigo attinja sobretudo os mandantes, os "missionários" intellectuaes, os homens que, como esse magistrado de Nitcheroy, se valem da sua posição para envenenar espiritos de incompleta formação e envez de distribuírem justiça nos moldes ensinados pela moral christã, promovem o ódio de classes, praticam a cizânia, separam, intrigam e tiram toda a belleza da vida, matando estimulos e anniquilando esperanças.
>
> Rio Claro 12/12/35
>
> (Cidade de Rio Claro, 13 dezembro 1935)

Estipulava-se, assim, a defesa da família brasileira, sua sociedade, o cristianismo e a moralidade contra o comunismo. As afirmações religiosas buscavam legitimar a repressão efetuada, mesmo que houvesse o apelo para a realização de uma justiça cristã, colocava-se já como uma missão religiosa o ato repressivo. Tal modelo se repetiria, contra o luteranismo, durante a Segunda Guerra Mundial. De toda forma, o anticomunismo é posto como um elemento para as sensibilidades religiosas, legitimando o processo persecutório ao sacralizá-lo.

A vigilância ao "inimigo externo" começaria a ser juntamente estimulado e justificado. O perigo estrangeiro deveria ser contido, caso contrário isso custaria na perda de vidas brasileiras, era "matar o lobo para poupar as ovelhas", mas para fazê-lo, era necessária uma união social contra qualquer propagação da ideologia externa. Era a cooptação social a participar dos atos de vigilância e perseguição, correndo o risco de serem acusados de serem simpatizantes e/ou envolvidos com movimentos comunistas. Assim podemos notar no artigo de fins de 1935 e outro do início de 1936:

> **<u>O lobo communista</u>**
>
> Enquanto as nações presentes em Genebra se distrahem e degladiam na execução de uma politica que abre sulcos profundos, semeia divergencias e provóca ressentimentos que podem resultar futuramente em hostilidade, a Russia communista, com os seus movimentos inteiramente livres, a coberto da vigilancia que as grandes potencias costumavam exercer sobre a sua acção de propaganda exterior, pratica um intenso proselytismo, visando de preferencia os paizes novos e as nações de segunda plana.

Como resultante immediata desse desembaraço, temos ahi o surto extremista verificado no Brasil, o preparo de um golpe similar no Chile e a larga distribuição de rublos na Hespanha, para armar o braço de sequazes e estipendiar attentados á ordem social reinante.

O processo usado pelos moscovitas é subtil e manhoso. [...] a Russia communista lançou os olhos para os póvos jovens da America e teve a ventura de encontrar alguns aventureiros ambiciosos que se prestaram a fazer o seu jogo politico, não titubeando em sacrificar a independencia da propria patria.

Foi o caso brasileiro. Seria o caso chileno, se o governo de Santiago não estivesse vigilante e disposto a aparar a investida. Por ultimo, a distribuição de dinheiro na Hespanha patenteou toda a amplitude do plano de Moscou, evidenciando que a largueza do campo e a simultaneidade dos golpes obedeciam a um programma offensivo de immensa envergadura, organisado para surprehender e anniquilar resistencias e impor directivas muito ao gosto da Terceira Internacional. [...]

A Russia tinha interesse em distrahir a Sociedade das Nações, em provocar confusões e animosidades, e, sobretudo, em despistar a Inglaterra e a França, para mais livremente minar a organisação politica e economica das sub-potencias e das nações sul-americanas. [...] O Brasil foi victima de um attentado que todos julgavamos impossivel. O Chile esteve ás portas de uma catastrophe igual. A Hespanha atravessa momentos de incerteza. Muitos pequenos paizes identificam a cada passo a mão sangrenta dos assassinos de alem Dnieper!

Em Genebra, em Londres, em Pariz, que saibamos, nenhuma voz se ergueu para apontar a perfidia russa, para desmascarar a manobra vermelha e gritar às democracias continentaes e insulares que se detenham nas pequeninas luctas em que consomem energias e attentem no inimigo commum, [...]

Na Sociedade das Nações, uns estadistas certamente respeitaveis, mas inquestionavelmente falhos de visão, por causa de um amontoado de tribus de um territorio calido desencadearam um inverno aspero, provocaram baixas de temperatura que affectaram as proprias almas. Em meio desse clima propicio, o lobo mau e voraz de Moscou movimenta-se com desenvoltura, abocanha os cordeiros impunemente, desfalca e enfraquece o rebanho, preparando-se para ficar sosinho em campo, senhor absoluto de um mundo que elle pretende moldar á sua imagem e semelhança, com toda hediondez do seu aspecto e toda a maldade do seu intimo.

Senhores que ainda ditaes leis aos povos: Laval, Hoare, Roosevelt, soôu a hora da solidariedade e da escopeta aperrada, para abater o lobo trahiçoeiro, manhoso e famanaz,

Monteal-o é um direito e um dever de todos os povos, sobretudo daquelles que guardam as melhores armas e assumem, com ou sem o assentimento das pequenas nações, uma indisfarçavel tutella economica e politica que se expressa em entrechoque de prestigios, offerecendo espectaculos pouco edificantes ao mundo já de si convulso e instável de após Guerra

Rio Claro, 16/12/35.

LUDOVICO ROSAS

(Cidade de Rio Claro, 18 dezembro 1935)

Unamo-nos contra o communismo

A palavra autorisada e serena do sr. Presidente da Republica revelando aspectos pouco divulgados da investida communista contra o nosso paiz acaba de ser confirmada pelo orgam official da Terceira Internacional.

Não resta pois a menor sombra de duvida, porque é proprio do Komintern quem diz, que foram agentes sovieticos os instigadores dos maus brasileiros que em

> novembro ultimo empunharam armas contra os seus irmãos, praticando um crime de lesa patria de que não julgavamos capaz de um só patrício nosso.
>
> A figura esconsa e ignominiosa de Calabar ressurgiu nesses individuos, atraz dos quaes se antevê o gorro de astrakan e o reluzir dos rublos. [...] collaboração franca com um inimigo de alem fronteiras, inimigo mais perigoso que aquelle que se apresenta para roubar uma nesga de territorio, pois o communismo visa tirar-nos não só a independencia economica e politica, como ainda e sobretudo, os sentimentos bons da nossa formação moral e affectiva, os principios christãos que abrigamos em nosso intimo, a belleza em nosso intimo, a belleza da nossa existencia americana, isenta do egoísmo das velhas e enfermas raças e ainda a organisação pura e respeitosa da familia brasileira.
>
> A' cavilação soviética devemos imputar esse crime do desvio de um punhado de brasileiros e todos os horrores dos dias trágicos de novembro, quando a alma nacional se refrangeu nas horas dolorosas da expectativa e da incerteza, tendo presente a amostra de assassínios friamente perpetrados, como índice do que seria se os communistas se apossassem do Brasil!
>
> [...] emprestemos o nosso apoio decidido aos poderes publicos na resistencia ao inexoravel inimigo do Brasil, porque assim fazendo, nos preservamos de calamidades iguaes ou maiores que as soffridas pela Russia desde 1917.
>
> Rio Claro, 2/1/36
>
> (Cidade de Rio Claro, 03 janeiro 1936)

Estava dada as bases de justificação para o que seria um novo golpe, a ser feito dentro do regime iniciado no golpe de 1930. As conspirações do que seria o constructo chamado "Plano Cohen" passavam, com a manipulação propagandística das informações nacionais e internacionais, a ser não apenas críveis, como também fundamentadamente temidas. Podemos ver artigos alarmistas em outubro de 1937, o primeiro sendo referente ao quadro nacional e o segundo ao municipal, demonstrando como a concepção de mundo estava interligada, e como já havia um preparo, para a justificativa do golpe que viria a ocorrer em novembro do mesmo:

> A acção criminosa do Komintern no Brasil
>
> Foram publicados em Genebra diversos trabalhos destinados a reumir as actividades internacionaes do Komitern nos ultimos annos. De accordo com essas publicações, a acção communista na America do Sul teve inicio em 1922. Mas a propaganda effectiva foi começada em 1925, quando se creou a secretaria especial do Komintern relativa, exclusivamente, ás actividades na America Latina.
>
> Já no anno seguinte a publicação denominada "Correspondencia Internacional" incluía a lista das secretarias que funccionavam em vários paizes americanos. [...] Começaram a fomentar revoltas de trabalhadores, agitações estudantinas, infiltração nas classes armadas, etc., sempre em obediências ás directrizes emanadas do Komintern. [...] Muitos communistas sul-americanos foram chamados a Moscou afim de aprenderem methodos de acção communista e receber instrucções directas do Komintern. Desta forma, os movimentos revolucionários, motins populares, levantes militares, agitações estudantinas e, especialmente, greves de caracter subversivo, etc., registradas em quase todos os paizes latino-americanos, tiveram essa origem communista. E' o que se conclue da leitura das publicações alli

> apparecidas, cuja veracidade, aliás não pode ser atacada, uma vez que ellas mesmas expressamente declaram seu caracter official e autorisado.
> (Cidade de Rio Claro, 22 outubro 1937)

> A Lei de Segurança
>
> Se a Lei de Segurança tiver um dia applicação no Municipio de Rio Claro, não será certamente para cohibir criticas justas e fundamentadas a uma administração municipal que está abaixo de critica.
>
> Ella será usada contra os que sempre mantiveram relações vermelhas, os que discutem vermelhamente nos cafés em altos berros, sendo ouvidos em um raio de trezentos metros; contra os que se infiltraram em uma corrente democrática, "obedecendo ás instrucções do Komintern", segundo a autorisada opinião do illustre commandante da 7.a Região Militar, Coronel Azambuja Villanóva.
>
> A Lei de Segurança e o estado de guerra não foram feitos para favorecer politicos aventureiros e inimigos da ordem e do regime e sim para castigar essa casta perigósa.
> (Cidade de Rio Claro, 26 outubro 1937)

A perseguição comunista intensificada, como justificativa ao regime ditatorial varguista, fortalecia e ampliava os mecanismos persecutórios, tanto a vigilância social como a aceitação da repressão, a qual se apresentaria conforme a "necessidade" ou vontade dos detentores de poder. Instauravam-se os meios, os quais foram usados para perseguir uma variedade de indivíduos e seus grupos, pois a aceitação de medidas rígidas permitia ações mais amplas e severas, com menos possibilidades de estas serem questionadas ou opostas pela população.

O medo anticomunista era, como vimos, um dos enfoques principais ao período, não que já não houvesse críticas a outras ideologias políticas, mas nota-se que a perseguição ao comunismo era abrangente na sociedade, sendo usada como arma retórica de movimentos políticos, tirando de si a mira persecutória e estabelecendo uma união contra o comunismo. Se a visão quanto aos regimes totalitários era ampla e diversificada, é inegável que o medo ao comunismo foi, nessa década de 30, ao menos politicamente, o alvo comum e direcionado. Não menos importante, é com base no anticomunismo que a ditadura getulista deu um golpe dentro de seu golpe, baseando-se no suposto plano Cohen de dominação comunista do Brasil, iniciando o Estado Novo em 1937. Não devemos, contudo, tirar de vista que entre os comunistas (mas não somente entre eles) havia pensamentos e ideais que não eram contrários a regimes ditatoriais e totalitários. O que percebemos é uma disputa de poder político e propagandístico, de diversos posicionamentos, com um que se destacou e conquistou o poder político, o Estado Novo, o qual galgou o seu crescimento com o combate contra o que era tido como o inimigo principal no período, o comunismo, assim subindo os degraus de dominação.

Com o crescimento do ditador Vargas, os próximos passos seriam voltados para o controle não apenas hegemônico, como também único, da nação. A tal processo se aliaria o ideal assimilacionista, um dos meios de criticar a falta de "brasilidade" das comunidades de origem estrangeira, o que se exponenciaria com a entrada brasileira no conflito. Mesmo não sendo o primeiro ato de conquista política ditatorial, podemos afirmar que foi fundamental ao seu enraizamento. Pudemos perceber que a violência assimilacionista tentava ligar os grupos estrangeiros aos movimentos políticos indesejados, ao elencarem a vitória de candidatos mais à esquerda nos bairros marcados pela presença imigrante. Focando na questão persecutória às etnias analisadas, percebemos que as intenções de destruição cultural já estavam presentes e procurando melhores justificativas para se intensificar. Como o comunismo estava marcado pelo regime russo, tal fato permitia algum distanciamento das comunidades, enfraquecendo a tentativa de ligar diretamente etnia e ideologia específica. Contudo, posteriormente, isso ocorreria com o nazismo, fascismo e imperialismo nipônico, colocando os grupos étnicos como supostos defensores atuantes destes movimentos, visando mudar hábitos e costumes brasileiros. Assim, a defesa de uma suposta "cultura brasileira" serviu de justificativa ao poder ditatorial, com o ideal assimilacionista se colocando como arma de controle ditatorial para alcançarem mutualmente seus objetivos.

Outros preconceitos

Apesar do enfoque da nossa pesquisa, não visamos com isso realizar a afirmação (absurda) de que somente os grupos analisados sofriam preconceito étnico no período. Outros grupos estavam sujeitos a ofensas e embates, dentre esses destaca-se, não só no município, como em todo o país, os afrodescendentes. Pudemos perceber, mesmo não sendo o objetivo de nossa análise, alguns aspectos da relação da sociedade rio-clarense com este grupo étnico (ou "racial", segundo as afirmações do período e/ou de alguns pesquisadores contemporâneos).

Começando a questão de "raça" no período, em 1934 um jornal alemão, em evidente propaganda do regime nazista, fazia declarações minorando o racismo presente em seu país. Afirmando que não havia a consideração de que fossem superiores (o que, evidentemente sabemos ser uma mentira), sendo que, no período, a dúvida era predominante. Também é afirmado – e isto realmente foi um fato (GEARY, 2010, p. 21) – que outros países europeus, incluso a Inglaterra, e as américas com os Estados Unidos, tinham processos eugênicos e de

diferenciações raciais (com o Brasil não sendo diferente, na eugenia e embranquecimento). Vejamos o que diz o jornal alemão em artigo especial para o Jornal Cidade:

RAÇA E POLITICA

(Da "Auslands Nachrichtendienst" especial para a "CIDADE")

Quando alguns paizes tiraram as primeiras consequencias legislativas dos resultados da doutrina moderna de raças, este procedimento foi, por parte de alguns povos, mal entendido e mal interpretado. Levantaram-se, aqui e acolá, vozes que chamaram de contrario á civilisação qualquer introducção de idéas racistas na vida politica, ou declarando-a atè politicamente perigosa.

Taes juízos, já por si só, deviam provocar surpreza, porque grande parte dos povos civilisados sempre tem tido principios evidentes racistas, bastando a lembrar a posição e procedimento da Inglaterra e dos Estados Unidos da America do Norte.

A adversão contra idéa racista só se explica pela habil e systematica diffamação que especialmente interessados promoveram contra as concepções racistas, e, visando sobretudo as da Nova Allemanha.

O pensamento racista não se identifica de forma alguma com o menosprezo de outras raças, nem pretende consideral-os de inferiores, mas accentua, para todas as raças e povos do mundo, a necessidade de guardar e desenvolver as propriedades caracteristicas que o Creador lhes deu.

Assim, não se fala na Allemanha da "inferioridade" de quesquer grupos humanos, mas tão sómente da sua "variedade", rejeitando o cruzamento quando considerado prejudicial para ambas as partes.

Com esta concepção, a Allemanha encontra-se no mesmo ponto de vista em que se acham, ha muitos seculos, entre outros, os povos do Oriente, cujo conceito pronunciado de familia e culto dos antepassados lhes impõem o dever de zelar pela pureza das suas familias.

Assim, o conceito racista não conduz, absolutamente, á hostilidade e lutas mutuas, mas antes á consideração reciproca que é a unica base para crear relações pacificas entre homens e povos.

Dr. Ernesto Müller

(Cidade de Rio Claro, 24 abril 1934)

Quanto a aspectos culturais, vemos uma crítica feita por um contribuinte brasileiro, provavelmente de Rio Claro, quanto ao samba, possuidor de uma "cadência africana":

O samba – legitima expressão racial?

Luiz G. ALVES

A offensiva victoriosa do samba na sociedade carioca será um fenômeno transitorio ou permanente?

A sua descida dos morros para os salões da metropole maravilhosa, não é, felizmente, remota assim, que faça supor o seu eterno reinado. [...] Que expressa o palavreado banal dos sambas? Porque elle se affirmou victorioso, descendo dos morros onde vivia, penetrou nos bairros chics tornou-se u'a manifestação dos costumes de um povo e de uma nação? [...] O samba assolou tudo, empolgou todas as classes, contaminou as cidades e enebriou a nossa gente. Precipitou-se das "favelas" cariocas e sentiu-se bem nos ambientes dos salões, de luxo quer nas espeluncas, nos lupanares, nos cortiços e até no recesso dos lares, humildes ou pontentados! [...] Hoje

só ha uma cousa verdadeira e seria no Rio: é o samba, com seus saracoteios, seus compassos acafegestados, sua linguagem pornographica e sua cadencia africanizada.

Onde está a sua belleza? a sua harmonia ou sua arte? Ninguem sabe e nem procura saber. Todos se deixam levar pelo enthusiasmo “patriotico" inexplicavel, sem attentar para as suas causas logicas.

E assim vamos caminhando para um ponto obscuro e mysterioso, levados pela mão invisível das cousas futeis e sem evolução. E para provar a cruel verdade destes conceitos, basta ouvir-se a todo o momento do dia e da noite os apparelhos de radio espalhados por toda a parte, transmittindo, sem cessar, sambas cantados por dezenas de “artistas” da “melodia” que disputam a primazia na arte como os politicos disputavam a presidencia da Republica. [...]

Vivemos uma phase trepidante em que todos os povos se atiram febris á obra de sua grandeza e á solução dos enormes problemas creados pela propria inventiva humana. [...] O Brasil é um paiz de enormes possibilidades, mas um paiz pobre ainda nas suas organizações demonstradoras de uma civilização digna do seu adeantamento pouco aproveitado... Os seus filhos precisam volver suas vistas para as coisas que o engrandeçam e nunca para as coisas futeis e banaes.

Deixemos os sambas porque elles não nos engrandecem aos olhos do mundo civilizado.

Façamos musica digna dos nossos valores artisticos porque nella encontraremos, sem duvida, tudo quanto há de bello, poetico e artistico.

(Cidade de Rio Claro, 05 maio 1940)

Lemos certas notícias, e até irradiações, que apresentam caráter racista. Vemos uma crítica feita a um dos bairros do município, de condições socioeconômicas precárias, a qual é atacada pesadamente juntamente com seus moradores, de maioria afrodescendente, onde a escrita nada elogiosa e de forte preconceito racial chegou a ser apresentada pelo rádio em 1944:

FAVELA

A PRF. 2, em irradiação de cronica bem feita, apontou em frases fortes esta mazela que existe na formosa Cidade Azul, nodoa que destôa da claridade intensa de Rio Claro

Cidade de trabalho fecundo, de iniciativas boas, bem traçada, com otimos prédios e lindas praças, – tem encravada no seu perimetro a Favela. Tirou o nome da do Rio, bairro escuso do “capoeira”, da navalha, da faca à ponta, da jogatina barulhenta, dos botequins de pinga, dos sambas e dos crimes.

Era o bairro dos negros, e seus habitantes davam enorme trabalho à policia.

Aqui, a Favela é uma vergonha. Negros sujos, negras mal encaradas, de carapinhas imundas, vestes rotas, em predios sem higiene, numa promiscuidade de indecencias cheia, perigo constante para o sossego e para a moralidade publica. Pretas viciadas, tresandando a cachaça, despudoradamente sentadas, quase nuas, numa exibição revoltante, convidam os que passam para entrar. E meninos e mocinhos, criaturas na alvorada da vida, ali encontram a perdição, o vicio, as molestias venerias, uma serie de males.

E’ preciso uma providencia urgente, ação conjugada da policia e da prefeitura. E a ação deve ser energica e quanto antes.

Dr. CRUZ MARTINS

4 – 2– 44

(Cidade de Rio Claro, 05 fevereiro 1944)

O bairro que formava a “favela” de Rio Claro mudou sua localização diversas vezes, pois há outras notícias de violências e expulsões dessas populações de suas localidades. Destacamos tal crítica frente a outras notícias, por demonstrar ofensas raciais diretas. Além do preconceito racial, há o socioeconômico e até de formação educacional também presentes, tendo em vista que é notório o processo de favelização que as populações africanas sofreram desde a tardia abolição da escravidão (GONÇALVES, 2022, p. 19). Não deixa de estar presente conjuntamente o pensamento “higienista” (sic) de retirar, violentamente se necessário, tais grupos dos centros urbanos, elemento de exclusão e de busca do embranquecimento dos locais.

Nos aspectos policiais nos deparamos também no pós-guerra com associações preconceituosas, no caso com a caracterização de uma moça, em 1946:

> **Empregada infiel**
>
> Aparecida de tál, vulgo “King-Kong”, é uma preta dobrada e que se emprega em misteres caseiros. [...]
>
> Agóra, prestando serviços na residencia de um distinto médico desta cidade, a “King-Kong” deitou a mão a uma nota de 100 cruzeiros e a um anél.
>
> Com parte do dinheiro, andou fazendo comprinhas e se divertindo. Com o anél, “fez faról”.
>
> Resultado: xadrez e possivel processo por ladroices.
>
> Do cáso, o interessante é o dito cujo da “King-Kong”, que promete...
>
> (Cidade de Rio Claro, 05 abril 1946)

Apesar da cultura africana ser parte constituinte do Brasil e o ideal assimilacionista reconhecer isto, nada impediu que o racismo se mostrasse com força. Também não queremos diminuir outros conflitos existentes, sendo que os grupos que estudamos tiveram também desentendimentos, e até coisa pior, para com grupos minoritários anteriores a eles, como vemos uma notícia veiculada sobre um caso ocorrido em Araçatuba:

> **O japonês matou o neto recem-nascido porque tinha cara de “brasileiro macaco”**
>
> [...] A história teve seu inicio há um ano, quando, na localidade de Lavrinha, municipio de Valparaiso, um caboclo brasileiro enamorou-se de uma brasileira filha de japonês. Todos os esforços do lavrador japonês foram baldados para impedir a realisação do casamento.
>
> Raptando a moça, ambos fugiram para a séde do municipio onde se casaram, tendo o casal tempos depois, uma criança. O odio do japonês pelo genro aumentava dia a dia [...] Aproveitando-se da ausencia do genro, o japonês dirigiu-se à casa da filha, raptando mãe e filho.
>
> No caminho que os levava a Araçatuba, o japonês estrangulou o recem-nascido, dizendo à filha que a criança tinha as caracteristicas do pai, que era “caboclo

> brasileiro, com cara de macaco e, portanto, indigno de ser seu neto". Resolveu ainda para consumar seu nefando crime, incinerar o cadaver da criança.
>
> Sabendo do fato, o pai da criança deu parte ao delegado regional de policia de Araçatuba, tendo o japonês sido preso. No 6.o dia de sua prisão o japonês, procurando fugir as consequências praticou o "hara-kiri", servindo de uma lamina gilete. Transportado para a Santa Casa local, veio a falecer.
>
> (Diário do Rio Claro, 12 julho 1944)

Não visamos com isso afirmar que japoneses (ou qualquer outro grupo enfocado) eram preconceituosos, tal afirmação seria absurda e até estigmatizante. O que demonstramos é que conflitos existiam e que não necessariamente eram unilaterais, pois não há indícios de que apenas brasileiros brancos iam contra alemães, italianos ou japoneses. Logo, conflitos étnico-raciais podem ter ocorrido mutualmente entre africanos e tais grupos em Rio Claro, entretanto não encontramos uma questão deste tipo diretamente envolvendo o município. Outro aspecto que elencamos, mesmo sendo de Araçatuba, é que os envolvidos no triste acontecimento são de grupos que sofrem preconceito racial, asiáticos e afrodescendentes, assim, não é pelo fato de um indivíduo ter prejuízos sociais que este deixará de realizar danos a outros.

Outra notícia nos chamou a atenção, uma curiosa apreensão de espiões nazistas no Rio de Janeiro feita em 1943, na qual um alemão e um holandês de pele preta foram presos:

> **A Policia Fluminense exerce o seu dominio**
> **Sôbre a maior rêde de espionagem que seria ampliada pelo continente sul-americano**
>
> Foi dado ao conhecimento de todo o Brasil, o êxito sem precedentes da Polícia Fluminense, ao prender dois espiões nazistas, que se dirigiram ao Brasil, afim de reiniciar os trabalhos de espionagem, o qual deveria extender-se à tôda a América do Sul, notadamente em Buenos Aires.
>
> O fato ocorrido a 10 de Agosto de 1943, não foi dado à publicidade, para facilitar as diligências da Polícia Fluminense que, após dez meses de constantes serviços e dedicação, vê coroados os seus trabalhos com um sucesso inegável.
>
> Wilhen Baarn, holândes, preto, com 35 anos de idade, e Guilhermo Kopt Chavez, alemão, de 42 anos de idade, foram devidamente praticados na aprendizagem dos mais vis processos de espionagem, embarcando para o Brasil, onde sua missão era reiniciar as atividades já sufocadas pela Polícia Brasileira, e expandir a sua ação pelo continente sul-americano, principalmente à Argentina, centro também de grande importância para os nazistas.
>
> Transportados por um bote de borracha, pelos imprevistos surgidos, o preto e o alemão que viajavam num barco de pesca francês, desembarcaram à meia noite de 10 de Agosto de 43, num ponto deserto do litoral fluminense, cinquenta quilômetros da cidade de Campos, trazendo em seu poder grande quantidade de dinheiro inglês, argentino, norte-americanos, português e brasileiro, além de um possante rádio-transmissor e outros objetos mais necessários para o êxito de sua infamia. [...]

> A Policia Fluminense realizou o maior trabalho sôbre à espionagem nazista no Brasil, conseguindo interceptar a mais terrível tentativa de espionagem nazista a extender-se por tôda a América do Sul.
> (Diario do Rio Claro, 01 julho 1944)

Apesar de não ser um afrobrasileiro, sendo um holandês, a notícia se destaca pela sua presença. A descrição de sua classificação também é marcante, "o preto e o alemão", ao invés de "o holandês e o alemão", determinação racial a um e ao outro a nacional. Também se destaca o fato de uma pessoa de pele preta estar envolvida com a tentativa de reestabelecer uma rede de espionagem nazista, regime declaradamente racista. A notícia acaba por nos informar a amplitude e variedade que podia ser encontrada entre os atos de espionagem, passando longe da concepção de espiões conforme a estereotipia racial, englobando qualquer característica, racial ou nacional. Conjuntamente, vemos a importância dos materiais que carregavam, visando um novo fortalecimento da ampla rede de rádios clandestinos para espionagem nas Américas, que vinha sendo combatida desde 1942 (SANDER, 2007, p. 92-93). Obviamente, tal fato não é evidência da participação de afrodescendentes na espionagem (apesar de não ser impossível), sendo apenas um acontecimento que destoa por esse fator, mostrando as dificuldades relacionadas ao controle e eliminação da espionagem.[33]

Uma contradição da sociedade do período é a do pensamento assimilacionista com seu desprezo cultural aos imigrantes, convivendo com o desejo racista de embranquecimento. Vemos assim duas forças concorrentes, o conflito entre o desejo racista contra o desejo do preconceito cultural, pois ao combater o imigrante e sua forma de ser, combate-se também a sua vinda; assim, sem novos indivíduos de pele branca, há menos brancos e menos mestiços, logo menos "embranquecimento" desejado pela eugenia brasileira. Notamos uma notícia que lamenta o aumento populacional no país, do maior nascimento de crianças pretas às brancas:

> **Não póde ser!**
> RIO, 8 (ASAPRESS) – Segundo as estatísticas, para cada criança branca nascida nascem oito pretas, atualmente, no Brasil. Essa estatistica foi publicada num vespertino, que tratou do aumento da população preta no Brasil, dizendo que a mesma tem sido impressionante.
> (Cidade de Rio Claro, 05 fevereiro 1944)

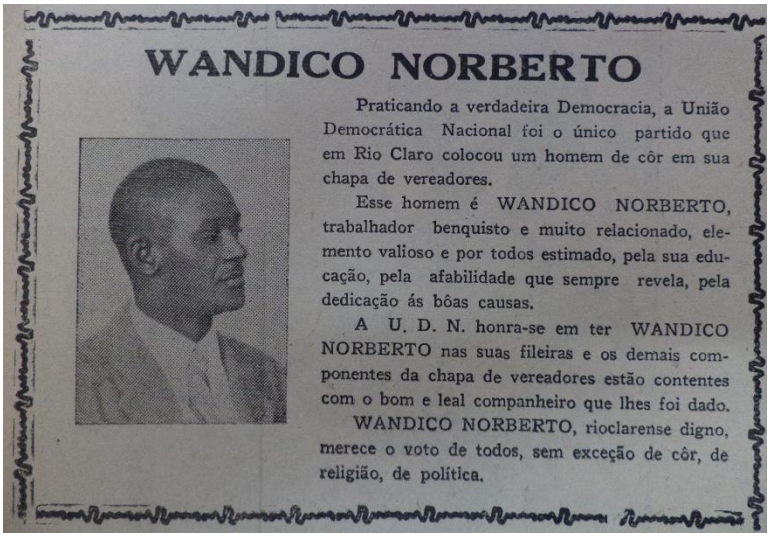
[33] Apesar de não ser o enfoque da presente pesquisa, vale destacar que haviam conflitos internos na Frente Negra Brasileira (FNB), entre alas simpáticas aos movimentos fascistas/integralistas e sua forma de organização, contra as alas críticas a estes e sua forma de pensamento. Para uma leitura mais aprofundada recomendamos a dissertação de Oliveira (2006), e sobre Rio Claro o capítulo II da tese de Pereira (2009).

Não podemos com isso realizar a absurda afirmação que os imigrantes eram bem-quistos. Entendemos que pode haver a acusação de "contradição", contudo, defendemos que se até o indivíduo já convive com (às vezes não notando ou podendo até defender) questões contraditórias em sua vida e forma de ser ou de pensar, quanto mais o pode ser dito de grupos (étnicos, econômicos, sociais, políticos, etc) e, pior ainda, de toda uma sociedade. O preconceito étnico-cultural a imigrantes e o preconceito racial aos afrodescendentes se retroalimentavam, exponenciando a contradição social. Quanto mais imigrantes, maior o incomodo com sua cultura, assim, contraria-se sua vinda, diminuindo o projeto racista de embranquecimento, que da sua parte volta a defender a vinda de imigrantes e o modelo prossegue a girar.

Contudo, nem tudo era preconceito, racismo e discriminação, havia também momentos de aproximação, aceitação e comunhão sociais, com reconhecimento cultural, étnico (e/ou "racial"), social, econômico, etc. Uma dessas ocasiões foi divulgada e elogiada, sendo uma homenagem à ex-escravizados do município em 1938:

> ***Almoço em homenagem aos ex-escravos de Rio Claro***
>
> Terá lugar, hoje, no salão nobre do Gymnasio Municipal Joaquim Ribeiro, com inicio ás 11 horas, uma carinhosa homenagem que o corpo discente daquelle estabelecimento de ensino vai prestar a todos os ex-escravos de Rio Claro em commemoração ao cincoentenario da Abolição.
>
> Essa homenagem constará de um almoço, do qual participarão innumeros velhos de nossa cidade, ultimos sobreviventes do tempo da escravidão.
>
> Dentre os homenageados de hoje, tomarão parte 1 velho e 4 velhas, os quaes vivem sob o tecto protector do Asylo de São Vicente, de nossa cidade.
>
> E' digna de applauso essa iniciativa dos Gymnasianos
>
> (Cidade de Rio Claro, 13 maio 1938)

Vimos também notícias elogiosas referentes a formação do centro cívico "Luiz Gama" no município, o qual era marcado pela presença de afrodescendentes. No pós-guerra, há a presença do único candidato afrodescendente no município, o senhor Wandico Norberto, pela U.D.N., a qual o dono do jornal estava envolvido e foi candidato à prefeitura, Humberto Cartolano, de origem italiana. Nas páginas do jornal Cidade, por vários dias, a candidatura de Norberto teve destaque, um interessante aspecto de valorização da ancestralidade africana, mesmo que para fins propagandísticos, em um jornal cujo dono era descendente de italianos.



WANDICO NORBERTO

Praticando a verdadeira Democracia, a União Democrática Nacional foi o único partido que em Rio Claro colocou um homem de côr em sua chapa de vereadores.

Esse homem é WANDICO NORBERTO, trabalhador benquisto e muito relacionado, elemento valioso e por todos estimado, pela sua educação, pela afabilidade que sempre revela, pela dedicação ás bôas causas.

A U. D. N. honra-se em ter WANDICO NORBERTO nas suas fileiras e os demais componentes da chapa de vereadores estão contentes com o bom e leal companheiro que lhes foi dado.

WANDICO NORBERTO, rioclarense digno, merece o voto de todos, sem exceção de côr, de religião, de política.

Imagem 12 WANDICO NORBERTO. Fonte: Cidade de Rio Claro, 23 outubro 1947

Deste modo, destacamos certas similitudes, mesmo reconhecendo as especificidades, entre a condição cultural africana e italiana em Rio Claro. O ideal assimilacionista e de embranquecimento (os quais são lados de uma mesma moeda) atuaram nestes grupos. O africano, visto pelo racismo como elemento deletério, ao mesmo tempo era reconhecido como parte da formação cultural nacional, mesmo que estes elementos culturais devessem ser "higienizados" (sic), então não seria exagero afirmarmos uma aceitação, parcial e limitada, da cultura afrobrasileira, ainda que não desejosos de sua expansão. Ao italiano, sua cor era engrandecida pelo racismo do embranquecimento (em contraposição ao alemão, o qual mesmo sendo branco "destoa da qualidade racial desejada no Brasil", ou seja, latina, mediterrânea e ibérica), com sua cultura tolerada, objetivando que fosse apagada pelas ações da política de assimilação, havendo um desaparecimento cultural gradual.

Não estamos aqui afirmando questões raciais do período ou contemporâneas, as quais não nos interessa ao escopo de nossa análise, mas ao aspecto cultural tais comparações são possíveis. De todo modo, fica registrado o racismo que os afrodescendentes rio-clarenses sofreram no período, o qual acabava por afetar sua cultura, apesar desta ser incentivada até certa medida. Deparamo-nos, assim, com uma sociedade com péssimos olhos para as pessoas de pele preta de modo geral, com a perseguição cultural não sendo tão ampla, apesar de ter existido e não poder ser desconsiderada. Tal perseguição, no pós-guerra, continuou na sociedade contra a cultura e identidade dos imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses, além de, também, os preconceitos raciais e exclusão socioeconômica contra afrodescendentes.

Como adendo, apesar de não se tratar especificamente de questões étnicas, algumas notícias, de fora do município, tratam de críticas ao que hodiernamente compreendemos como sendo membros do grupo LGBTQIA+. Tais notícias abordam pessoas trans, normalmente homens trans que, ao falecerem, sua genitália é "descoberta" e toda uma discussão se instaurava. Outros casos são de moças que faziam "trabalhos masculinos", não tendo como sabermos se elas se vestiam como homens para conseguir melhores serviços, por serem crossdressers ou homens trans. Não aprofundamos nesta discussão, pois fugiria demasiadamente do tema, contudo, devemos reconhecer os preconceitos de cunho sexual e de gênero do período, além de apontá-los para pesquisadores interessados em tais questões.

A questão religiosa

Apesar de não ser uma população composta apenas por evangélicos, não deixava de ser uma característica marcante da comunidade alemã a sua ligação. Exatamente por isso, como vimos, na Primeira Guerra Mundial, a Igreja Luterana foi alvo de ataques, apedrejamento e invasão. O marco simbólico era evidente, e a relação com a população germânica era socialmente declarada, sendo popularmente conhecida como "Igreja Alemã" ou "Igreja Evangélica Alemã", além dos anúncios escritos em alemão, feitos em períodos prévios.

Os japoneses também, e por motivos evidentes, possuíam diferenças religiosas para com a sociedade predominantemente cristã e, mais especificamente, católica. Entretanto, a sua presença reduzida e recente não fez com que as atenções voltassem à sua religiosidade; além disso, o fato de serem de outra "raça", considerada inferior, e a "exoticidade" das diferenças culturais, foram 2 elementos que se sobressaíram. Não excluímos, contudo, a possibilidade de que tenha havido ofensas e preconceitos religiosos, os quais passaram desapercebidos, ou de que sequer tenham sido denunciados e, não estranhamos, que tenham sido silenciados das memórias imigrantes. Quanto aos italianos, não é necessário maiores detalhes, sendo em sua maioria católicos e, portanto, não tiveram sua fé perseguida.

Os alemães seriam analisados, comparados e postos a escrutínio de modo geral. A religiosidade alemã, independente de qual período fosse, seria posta em evidência e dada como motivo aos acontecimentos europeus. Podemos notar ligações e comentários que trazem as religiões pagãs da antiguidade, da chamada mitologia germânica, do culto a Odin, Thor, Týr, dentre outras divindades, da presença das Valquírias e a elevação dos mortos em combate ao

paraíso Valhalla.[34] Tais rememorações visavam trazer a imagem de violência aos alemães, como podemos ver em uma suposta análise da psicologia alemã, feita em 1942:

> **Psicologia dos alemães**
>
> **MARQUES DA CRUZ**
>
> Professor da Universidade de São Paulo
>
> (Exclusividade da C.E.C. para a "Cidade de Rio Claro"
>
> "A Alemanha, – disse Goethe –, nada significa; cada alemão, entretanto, vale muito; infelizmente, eles pensam o contrario". Goethe, o maior genio alemão, friza, nestas simples palavras, o que é um alemão individualmente e o que é coletivamente. Que diferença!
>
> O mesmo Goethe diz: – "O maior perigo que um alemão pode correr é exaltar-se em meio de seus compatriotas. Muitas vezes sentí grande magoa, pensando no povo alemão, conjunto temivel de individuos respeitaveis".
>
> Numa carta escrita de Veneza, aonde fora ver um carnaval, disse Goethe: – "Que divertimento, que alegria, que colorido nesta festa; mas para nós seria mais interessante, assistir a uma parada militar".
>
> Está aqui vincada a sigla psicologica. O alemão exalta-se coletivamente com o esplendor das misticas. Hegel e Nietzche afirmam que eles são uma raça superior. Arianos puros. Super-homens. O Kaizer e Hitler clarinam a idéia. E todos se agrupam, num impulso coeso, forte, de obediencia servil a um chefe. Reaviva-se neles o preceito da antiga mitologia escandinava: – "As Valquirias só recebem no Valhala os homens que tombam no campo de batalha". E os batalhões marcham, num "fatum" incoercivel, para a guerra, para a desgraça propria e alheia. No espirito alemão vigora a volupia sanguinolenta da prepotencia. São de um barbarismo impar. A guerra atual tem mostrado com nitidez o carater germanico que, em todas as oportunidades que se oferecem, manifesta o alto grau de sua tendencia para a tirania e de sua inclinação para as chacinas humanas.
>
> O quadro sugestivo dos governantes germanicos bem mostra os épicos movimentos catastroficos da Alemanha:
>
> Carlos V foi um grande chefe. Sonhou fazer a Monarquia Universal e acabou no convento de São Justo, na Espanha, arrependido, a rezar.
>
> Frederico III foi um grande chefe. Depois de conquistar a Silésia, porém, parou, e morreu feliz Foi inteligente!
>
> O Kaiser foi um grande chefe. Pôs a Europa toda a arder. Acabou em Dorn, na Holanda, rachando lenha...
>
> Hitler é um grande chefe. O mundo todo arde, á mercê de seus desvairos e de sua suprema inconciencia. Dir se-ia que gargalha perante as carnificinas que comanda. O pranto lhe chegará. Como será o seu fim?
>
> (Cidade de Rio Claro, 10 abril 1942)

Diferente das análises de Norbert Elias (1997), que notava e dava as devidas conotações à mentalidade guerreira presente nos alemães conforme o período respectivo e, até mesmo, a relação possível de ser estabelecida nas diferentes temporalidades, o artigo do jornal não tinha

[34] Tais comparações com a mitologia germânica foram utilizadas amplamente no período, com Carl Jung chegando a afirmar em 1936 que a Alemanha e Hitler estariam possuídos pelo arquétipo de Wotan (ou Odin) e que, nos próximos anos e décadas, coisas inesperadas poderiam ocorrer pelo caráter violento e tempestuoso (JUNG, 1990)

os mesmos objetivos. O problema era visto como cultural, o que se aproximava das questões assimilacionistas correntes e predominantes: da exaltação das incompatibilidades e diferenças de pensamento e costumes; do "perigo" da educação estrangeira que os levariam à traição e ataque; da paranoia para com os imigrantes, com toda reunião, até mesmo familiares, como propagadoras de espiões e de uma cultura não desejada. Tais condições já eram discutidas anteriormente à Segunda Guerra Mundial, como vemos em certa discussão entre Alberto Oncken e Ludovico Rosas no Diário do Rio Claro de 1935, iniciando-se com a crítica de Rosas:

O ne'o-paganismo nazista

Regista-se presentemente na Allemanha um formidavel movimento néo-pagão, visando especialmente a Igreja Romana, apesar da concordata assignada com o Vaticano ha poucos annos.

Como todos os movimentos desencadeados pelo nazismo, esse que agóra empolga a grande nação do centro da Europa obedece a uma rígida disciplina e assume proporções nunca vistas. Restricção de garantias, prisão de padres, suppressão do ensino religioso, sujeição do culto constituem os principaes aspectos da guerra que o Reichsfuhrer move á poderosa e millenar instituição fundada por São Pedro. [...]

Porem, combater a Igreja é uma temeridade a que raros homens de governo se abalançaram, fazendo-o quasi sempre com inteiro insucesso. E os que foram bem succedidos, não transmittiram, na melhor hypothese, os frutos da victoria aos seus successores, porque a Igreja, que nunca dá uma causa por perdida, persistindo na campanha diplomática, acabou invariavelmente por triumphar.

Hitler, por mais que tenha feito, não chegou ainda ao nível do unificador e creador do Imperio Allemão, o complexo e indefinido Chanceller de Ferro.

Bismarck, o maior estadista da Europa no seculo dezenove, afortunado em trez guerras consecutivas, feliz em todos os prelios diplomaticos, amargou ante a Igreja a sua primeira e unica derrota. Tambem elle, pouco afeito á religiosidade, intentou, de 70 a 73, um movimento caracteristicamente pagão, embora sem a amplitude do actual.

Insurgiu-se de principio contra a infalibilidade do Papa, prolamada no Concilio do Vaticano por Pio IX, por temer que o dogma lhe deminuisse o poderio dentro da Allemanha, disputou com bispos, proclamou no Parlamento a sua ogerisa ao clero e tentou fazer calar o líder do Partido do Centro, que defendia o catholicismo, sendo fragorosamente batido por esse parlamentar, o calmo e modesto Windthorst, pelo que abandonou intempestivamente a tribuna.

Depois disso, sentindo que perdia terreno, ensarilhou as armas e por occasião da sagração de Leão XIII atribuiu aos seus auxiliares os excessos que havia praticado, restabelecendo relações diplomaticas com a Igreja.

Conseguirá Hitler agóra o que o poderoso Bismarck não alcançou no seu festigio de poder? E' de presumir que não.

Embroa o Papa Pio XI, intelligente e ponderado, não possua a combatividade de pio IX e o facto diplomatico de Leão XIII, a Igreja difficilmente sahirá vencida dessa refrega, porque os seus methodos de acção assentam na fé sempre viva das multidões, na segurança dos dogmas e no espirito de sacrificio dos seus abnegados servidores. Se as opiniões politicas variam com os tempos e os acontecimentos, a consciencia religiosa é immutavel e de uma solidez que desafia todos os ardores dos antagonistas, por mais poderosos e ousados que sejam.

Rio Claro, 15/7/35

LUDOVICO ROSAS

(Cidade de Rio Claro, 18 julho 1935)

Apesar de ser voltado à religião católica, o texto de Rosas trata do cristianismo de modo geral, e como a sua importância está sendo diminuída na Alemanha hitlerista. O foco de Rosas, desse modo, acaba por realizar uma análise da história política alemã e suas relações conflituosas com a Igreja Católica, porém não nos parece que esta seja uma crítica ao luteranismo ou aos evangélicos em geral. Em 1935, relembremos, as informações a respeito do nazismo eram contraditórias, até mesmo pela ação da propaganda alemã no país, diminuindo ou mesmo mentindo a respeito do que vinha ocorrendo lá: as perseguições aos judeus e o grau do racismo defendido. Desse modo, vemos a resposta do farmacêutico Alberto Oncken, questionando tais aspectos e criticando o artigo de Rosas, trazendo o mesmo título:

> **O ne'o-paganismo nazista**
>
> Sob este e outros epigraphos tendenciosos apparecem ultimamente artigos que attribuem á Allemanha ou ao Nazismo a volta ao paganismo.
>
> A Historia, porem, é muito differente, do que contam.
>
> Em primeiro lugar precisamos definir, o que é paganismo. A Egreja Catholica considera pagãos todos que não são do seu credo. Outros consideram pagãos todos que não são christãos. Pelo Diccionario Paganismo é idêntico com Idolatria.
>
> Os allemães, porem, tanto catholicos como protestantes, são christãos porque a sua religião se baseia na doutrina de Christo.
>
> O Protestantismo segue muito mais aos mandamentos fundamentaes e simples que Christo estabeleceu e que a Biblia traduz.
>
> O Catholicismo fez das doutrinas simples de Christo um poderio mundial, com pomposo apparato, adoração de santos e santas, procissões etc, instituições estas postas em pratica em pleno desaccordo com os ensinamentos de Christo.
>
> Mas isso a parte.
>
> O que acontece hoje na Allemanha, é uma coisa bem logica.
>
> As Egrejas, tanto catholica como protestante, formavam Estados dentro do Estado, impedindo e perturbando as directivas do Governo. Hitler, porem, que é mesmo catholico activo e dotado de sentimentos religiosos profundos, não admitte a intromissão da religião na politica. Lutas de seitas contra seitas perturbam a ordem publica e desviam o interesse do cidadão das suas obrigações para com o Estado. Eis porque Hitler mandou que as diversas seitas protestantes se unificassem. Quanto á Egreja Catholica sabemos que antes que Hitler subisse ao poder, o Centro que era o partido mais forte na Allemanha, representava uma força e influencia, sem a qual o Parlamento nada podia resolver.
>
> Hoje a Egreja Catholica não quer se conformar com a perda da sua influencia politica e dahi resultam os conflictos.
>
> As innumeras prisões de padres, frades e freiras prendem-se á questão das devisas monetarias, isto é ao desvio de marcos e outros valores para o extrangeiro, bem como outros actos de contrabandismo.
>
> E' logico que os religiosos e religiosas, uma vez provada a sua culpabilidade estão sujeitos as mesmas penas do Codigo, como qualquer outro mortal.
>
> Rio Claro, 18/7/35
>
> ALBERTO ONCKEN
>
> (Cidade de Rio Claro, 19 julho 1935)

Apesar de Rosas não ter discriminado os evangélicos, é compreensível que Oncken tenha posto mais em evidência a divergência entre as duas correntes cristãs, se lembrarmos toda a sorte de violências que o luteranismo sofreu anteriormente. Destacamos tais aspectos, pois vemos que Oncken realiza uma defesa do protestantismo e, até mesmo, um ataque ao catolicismo em seu texto, mesmo que coloque Hitler como um "católico ativo e dotado de sentimentos religiosos profundos", minorando a crítica feita anteriormente a tal corrente. Afirmamos que Oncken está sob influência de propaganda nazista, que diminui os fatos que transcorrem na Europa, até por outro artigo que este realizou em 1933 e que transcreveremos agora (antes de voltarmos à contrarresposta que Rosas realizou):

> **A Allemanha de hoje**
>
> Tenho observado que todos os artigos que o DIÁRIO traz com relação á Allemanha, são collaborações de autores que se pronunciam contra o regimen hitlerista, evitando propositalmente de citar outros autores, com especialidade ingleses e americanos, que admiram a nova orientação na Allemanha como ultima expressão do sentimento cívico de um povo e como mais elevada comprehensão de nacionalismo e integralismo.
>
> O que entende Barbusse, o francez, do que se passa actualmente na Allemanha?
>
> E os outros criticos tambem, que noção têm elles da actual mentalidade de um grande povo, escravisado e humilhado durante quinze annos, e agora libertado do estado de miseria em que se achava?
>
> Essas phrases: "volta á barbárie", "retrocesso da cultura", "oppressão da liberdade", soam muito bem e sempre servem de joguete aos tribunos nos seus discursos tendenciosos.
>
> Mas definam, primeiro, o que é "liberdade".
>
> O que é liberdade? Quem de nós é livre? – Todos nós somos, apenas, élos, partes de um todo, presos por convenções de toda especie. Hitler diz: "a vontade e a liberdade individual devem ser subordinadas á vontade unitaria da Nação, para o bem da Nação e, ipso facto, para o bem do cidadão". E Mussolini diz o mesmo.
>
> Barbusse condemna as dictaduras porque vê nellas a oppressão da liberdade individual e a volta ao estado da barbarie.
>
> Mas nações notoriamente mais civilisadas viram-se na emergencia de adoptal-a. Esse facto só prova a necessidade dessa forma de governo no momento actual.
>
> A ultima finalidade que visa um chefe de Estado, qual é? – Certamente estabelecer o equilibrio material e social do Estado, com o intuito de restabelecer o bem estar e a prosperidade do cidadão. Pois bem, não podendo conseguir esse desideratum por meio de um parlamento, cheio de partidos com interesses partidarios, resta-lhe, apenas, o meio draconiano de uma dictadura.
>
> E' muito prematuro ao estrangeiro dar o seu parecer sobre a Allemanha contemporanea e sobre a nova forma de governo implantada por Hitler, porque tudo ainda está em evolução. Como factor a nosso favor temos, por emquanto, que nestes ultimos quatro mezes o numero de desempregados diminuiu em um milhão e oitocentos mil homens, graças ás medidas intelligentes adoptadas pelo governo.
>
> Também já estão garantidos os meios para proteger os necessitados contra os rigores do inverno neste anno. Ninguem soffrerá frio e fome. Acho que isso vale mais do que gosar a liberdade individual, toda problematica.

> Esperem os criticos mais um anno, aguardando os resultados finaes do novo regimen. Si esse regimen fracassar, podem condemnal-o, mas, si vencer, que o adoptem.
>
> *Alberto Oncken.*
> Rio Claro, outubro de 1933
>
> (O Diário do Rio Claro, 07 outubro 1933)

Não parece demais conjecturar que o referido estava sendo enganado pela propaganda hitlerista. Poder-se-ia argumentar que o farmacêutico estivesse mentindo e soubesse da real natureza do regime, contudo, insistimos não ser o que transparece, lembremos que não eram apenas descendentes de alemães que possuíam bons olhos aos regimes ditatoriais, apresentando estes também visão distorcida sobre os acontecimentos, descredibilizando as vozes contrárias. As "fake news" são tão antigas quanto, ou até mais que, a propaganda. De todo modo, a tréplica de Rosas, na discussão de 1935, não adentrará na polêmica de oposição entre catolicismo e protestantismo, realçando o paganismo, seja para uso retórico cultural do regime, como para ampliar o termo e abarcar e relacionar a adoração/glorificação a um líder político em seu bojo:

> **<u>O paganismo nazista</u>**
>
> O movimento néo-pagão desencadeado na Allemanhã pelo nazismo manifesta-se em acontecimentos que não deixam margem a duvidas e em actos de franca tedencia para a idolatria. As provas accumulam-se e não admitem sofisma.
>
> As attitudes são claras e positivas. Ha francas affirmativas de entidades respeitaveis a indicar que o nazismo se afasta do Christianismo e envereda pelo culto divino prestado a criaturas mortas e vivas.
>
> Até a Biblia, tão cára ao sentimento de todos os povos christãos, romanos, scismaticos ou orthodoxos é amoldada á propaganda nazista, numa parodia de onde a fé está completamente excluida.
>
> O culto ao fuehrer, a Hidemburgo, ao grão-duque Henrique de Lion reveste um indisfarçavel aspecto de divinisação, na qual Deus é preterido.
>
> Em Kiel, um dos ultimos números do Boletim da Universidade contém a seguinte declaração: "A qualificação de néo-pagão não é para nós uma injuria, mas ao contrario um titulo de honra. Temos orgulho da nossa fé allemã e do nosso paganismo nordico. Não queremos na Allemanha a religião judaica. Não acreditamos mais no Santo Espirito, mas somente no sangue sagrado".
>
> Quando muito, para encobrir um tanto as apparencias e não chocar demasiadamente o sentimento christão do povo teutonico, sobretudo dos rhenanos, colloca-se Deus nos documentos officiaes, ao lado do sr. Hitler, como um favor concedido ao Senhor dos Mundos.
>
> Lutas de seitas, na Allemanha, não existem ha muitos annos. Cada Igreja tem o seu campo de acção, havendo mutua tolerancia e respeito reciproco.
>
> Nada justifica, portanto, a campanha repressiva do Estado, excepto o deliberado proposito de rumar para o paganismo e de colocar guerreiros e políticos no lugar que compete á Divindade Suprema.
>
> Quando um centro cultural, com o prestigio e renome da Universidade de Kiel, revela o seu orgulho no paganismo nordico, nós temos por força que aproximar o nacional-socialismo allemão do perigoso credo de Moscou, porque é também essa a

> linguagem dos comissarios do povo da Russia. E' mais um traço de união entre methodos que, mau grado o antagonismo dos que os applicam, se assemelham e confundem nos seus pontos essenciaes.
>
> O bolchevismo prohibiu as praticas religiosas e excluiu Deus do culto das multidões. Conservou entretanto um preceito christão, que é o respeito a todas as raças, sejam brancas ou pigmentadas.
>
> O nazismo investe contra as Igrejas, procura empanar o brilho divino que irradia de Deus e só respeita e concede direitos e garantias ao povo aryano. Tudo o mais é rebutalho indigno, cujo contacto deve ser evitado pelo povo eleito, segundo a moral nazista. Os atravessados, mesmo que, não tenham nas veias uma gota de sangue africano, representam os intocaveis que o visionario Gandhi procura erguer da sua abjecção historica e fatal!
>
> Se isso não é paganismo puro, então temos que confessar que os diccionaristas nos andaram enganando com as suas definições...
>
> Rio Claro, 22/7/35
>
> LUDOVICO ROSAS
>
> (Cidade de Rio Claro, 23 julho 1935)

Não podemos concluir que o texto de Rosas estivesse estigmatizando o luteranismo, mesmo que reconheçamos que a presente pesquisa parta do ponto de vista das comunidades perseguidas, pois seria um erro e um ataque infundado ao articulista realizar uma afirmação destas. É evidente que aspectos culturais e históricos dos alemães seriam apontados, pois estes eram utilizados pela ideologia nazista. As críticas ao regime acabaram por estigmatizar a população germânica (incluso a rio-clarense), mesmo que nada indique que tenha sido a intenção de Rosas. Reafirmamos e reforçamos o nosso argumento, pois o processo de "germanização" das escrituras sagradas o qual ele faz referência foi notícia no ano anterior, em 1934, no qual é especificado ser uma igreja protestante que estava a realizar as mudanças, assim, se Rosas intentasse atacar o luteranismo, não haveria motivos para ele ter ocultado tal fato:

> A "germanização" da bíblia
>
> Berlim (U. J. B.) – O serviço de imprensa da egreja protestante de Coenigsberg, na Prussia, distribuiu o seguinte communicado ás folhas" do paiz:
>
> "Com o fito de germanizar a lithurgia do serviço divino luterano, as autoridades ecclesiasticas propuseram-se a substituir as expressões hebraicas "Amen" e "Alleluia" por palavras do idioma allemão. A palavra "Amen" será substituida por "Das walte Gott", que significa "Deus assim o faça", e "Alleluia" passará a "Lobe den Herrn", que significa "Louvae o Senhor". Essa germanização da linguagem religiosa corresponderá ás aspirações de innumeros partidarios da communidade luterana".
>
> (Diário do Rio Claro, 09 janeiro 1934)

Finalizando a discussão Rosas-Oncken, podemos certificar que as estigmatizações estavam em processo de efetivação (ou de novo fortalecimento, pois o mesmo ocorreu na

Primeira Guerra), as quais punham em seu bojo todo aspecto da vida, história e cultura alemã.[35] A ligação religiosa iria até o passado, com comparações "psicológicas" das crenças antigas dos deuses pagãos, mas a destruição da imagem religiosa alemã não ficaria fechada a essas, os protestantes voltariam a ser atacados. Antes de aprofundarmos nos ataques diretos, vejamos que já em 1933 havia a correlação nazismo-protestantismo nos jornais do município:

> "O movimento libertador que tem Hittler como chefe, é ordenado por Deus"
> Depois de eleito o chefe geral da Egreja Evangelica Allemã, o bispo Muller faz um discurso em favor dos racistas
>
> BERLIM – O bispo Muller foi eleito, em Wittenberg, chefe geral da Egreja Evangelica Allema.
>
> Fallando depois da eleição no synodo local, o bispo Muller expoz principios da missão da nova egreja e proseguiu: "A Egreja Evangelica sempre reflectiu o caracter allemão, porque ao contrario da Egreja Romana, foi desde a sua origem dividida de dissenções nefastas. Hoje, abre-se uma éra nova. A época do individualismo irresponsavel passou. Consideramos que o movimento libertador, que tem Hittler como chefe, é ordenado por Deus".
>
> O orador accentuou, em seguida, o caracter racista da Egreja e desenvolveu a theoria de Hittler de que a igualdade dos homens entre si, desigualdade essa creada, mantida e desejada por Deus. [...] "Não desejamos – concluiu – vêr a Allemanha despedaçada por luctas religiosas. A nova Egreja deve crear uma comunidade no caminho do sacrificio. Implora as bençãos de bens para Hittler, para o povo da terra". (Diário do Rio Claro, 30 setembro 1933)

As ligações já estavam feitas antes da guerra, contudo, quando esta estoura, novos noticiários, dessa vez nacionais, acabariam por fortalecer a visão do luteranismo como um antro de "quinta-colunistas" e traidores (sic). Os acontecimentos são referentes à prisão de líderes luteranos ocorrida no Sul, por ações de espionagem em 1943:

> **Inimigos do Brasil**
> Conspiração de fundo nazista descoberta em Cruz Alta
> Em despacho do Rio, o "Diario da Noite", de São Paulo, publicou ontem o seguinte:
>
> Informam de Porto Alegre que a imprensa daquela capital divulga importante correspondencia recebida de Santa Maria, anunciando que o sr. Francisco Anselmo Chagar, auditor de guerra, em face das robustas provas colhidas no inquerito policial-militar competente, determinou a prisão preventiva de todos os compenentes da trama sinistra contra o Brasil. [...] O promotor da Justiça Militar em Santa Maria apresentou ao auditor de guerra da 3.a Auditoria, que tem sua séde na capital rio-grandense, uma denuncia circunstanciada contra numerosos individuos residentes em Cruz Alta e que eram os figurantes da conspiração contra a nossa Pátria.
>
> Entre os mesmos, encontravam-se praças, cabos, sargentos, um tenente, pastores luteranos e outros civis, que agiam dentro da extensa e insidiosa rêde.

[35] sobre as relações conturbadas e os conflitos do cristianismo alemão (protestante e católico) contra o regime hitlerista, suas ideias e ideais radicais, além das vertentes de ressurgimento pagão nazista, aconselhamos a leitura de: GEARY, 2010, p. 86-87.

> Aparecem, entre eles, o tenente convocado do Exercito, Arthur Stilzner, e os pastores protestantes Augusto Henrique Hast, M. Germano e José Beccker.
>
> O tenente Arthur trabalhava na Casa Ktahe, e o pastor M. Germano era presidente do sinodo da Igreja Luterana do Brasil. Os espiões aconselhavam os nossos soldados a desertarem e a atirarem contra os proprios brasileiros, se acaso as tropas do "eixo" invadissem o Brasil. Esses maus brasileiros, que se acham a serviço dos que pretendiam a ruina da nossa Patria, realizavam acampamentos noturnos clandestinos, em que os nazistas assalariados eram instruidos nos misteres militares. Conseguiram ainda levantar plantas dos principais estabelecimentos militares e industriais, máxime da cidade de Cruz Alta assinalando, cuidadosamente, os pontos de maior relevancia, que deveriam servir de alvo na hora da luta. Retiravam, clandestinamente, do quartel do 8.o R. I., munições e outros apetrechos de guerra, depositando esse material em suas residencias.
>
> A denuncia do promotor, que é o sr. Benjamin Sabat, é longa e brilhantemente fundamentada no volumoso inquerito policial-militar a que procedeu o capitão Flammarion Barreto Pina.
>
> (Cidade de Rio Claro, 11 fevereiro 1943)

O luteranismo estava marcado, sua presença na comunidade alemã já era notável e historicamente apontada, e agora havia presos por traição nazista. Com isso, a estigmatização aos alemães acabaria, consequentemente, recaindo também ao luteranismo. Apesar de criticarmos a injustificável perseguição religiosa que foi correlata, não condenamos que espiões e traidores (que realmente tenham cometido tais atos e não os casos de falsa acusação levadas adiante) tenham sido presos. Podemos ver, no mesmo ano de 1943, uma resenha de livro coadunando com os preconceitos nele contido, ligando Lutero a Hitler diretamente:

> **O Livro da Semana**
>
> **"Lutero" – Funch-Brentano – Biografia – Editora Vecchi – Rio – 1943**
>
> Raramente uma biografia constitue um livro de palpitante atualidade. Sem embargo, este o é, já que, como observa Eloy Pontes em seu judicioso prologo. Nele se encontram as provas e as demonstrações de como brotou o nazismo, a ultima forma dos velho sentimentos racistas de pandominação, que sempre inquietaram os povos da Europa central. Ao tempo de Lutero, esses povos não tem unidade de especie alguma. Constituem ducados, núcleos em luta, burgos expostos ás ganancias de principes ociosos, fanáticos e rudes, vivendo à sombra do papado e deste extraindo prestigio, soberania e meios de dominar camponeses, artesãos e classes produtoras. Nem mesmo haviam prevalecido as vantagens dum idioma seguro e completo.
>
> E' quando surge aquele monge agostinho que, levado pelos próprios impulsos de raça, se insubordina, consegue desarticular o mundo, com a Reforma, que derrota o poder romano, criando mundo á parte, com energias, logo aceitas e triunfantes.
>
> "Estudando a obra de Lutero, intrepidamente, Funck-Brentano, autor deste livro, mostra que, com ela, nascerá o nazismo, ou sejam as arrogancias da raça germanica, com seus sonhos mórbidos de dominio universal. Com a unidade racial, com a unidade religiosa, Lutero fomentará os sentimentos, que o tempo havia de ampliar sempre. Lutero já falava na "grande Alemanha". Para ele, o povo germanico era o "povo eleito", que deveria dominar os outros povos. Dai a turbulencia, com que rompe os laços, atados pelas "tiranias de Roma". Lutero foi o profeta da "grandeza",

> capitaneando a insurreição da Reforma. Atribuindo aos principes os poderes arrebatados aos papas, fortaleceu o sonho da missão de dominio, que sempre constituira o fundo da alma germanica. Desde Lutero o "povo eleito" se acostuma a receber todas as sugestões. Igrejas, universidades, institutos cientificos, conquistas artisticas, escolas literarias se constituiram dependências do Estado. Lutero criou a alma passiva de seu povo, feita de arrogancias confusas, que a falta de escrúpulos coordena e estimula.
>
> "O Nazismo não é novidade. Peculiar á raça, que lhe deu agora esse nome, o nazismo constitue um estigma, que só os cautérios dos séculos poderão desvanecer. [...] A vida e a obra de Lutero foram encaradas de cima. O pai da Reforma marca a cesura de dois mundos. Estes ainda se encontram em divergencia. A divergencia não será decidida pelas armas, a despeito das incompreensões. Diante do espetaculo, que a atualidade caracteriza, não vemos de que modo explicar a inópia e a obtusidade de quantos imaginam a aplicação das doutrinas, oriundas dos esforços pan-germanistas, a outros povos. [...] Lutero é a prova de que, nem sempre, a delicadeza de animo, o equilíbrio e o bom gosto formam elementos de triunfo... Será que, com métodos análogos, alguem revolucionaria os povos de formação latina? Eis a dúvida, que nos dominou ao cabo destas páginas..."
>
> "Lutero" é a obra mais notavel do grande biógrafo e historiador Funck-Brentano, um dos maiores vultos da Academia Francesa. [...] Com este livro a Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, inaugura uma nova coleção de biografias, sob a sugestiva epígrafe de "Vidas Extraordinarias."
>
> **L. G. A.**
>
> (Cidade de Rio Claro, 28 junho 1943)

O texto deixa evidente o seu caráter de nítido preconceito religioso, estipulava-se a "religião do inimigo", deixando esta à cargo da revolta da população. Não estranhamos de tal forma que nossa entrevista com Liselote Augusta Eichemberg Palotta, em 2019, tenha trazido à tona uma perseguição sofrida na Segunda Guerra, a de populares querendo tirar o galo do vento da igreja por esse supostamente ser "antena de transmissão nazista". Tal fato também é relatado no livro de Roger Trimer (1994) sobre a história dos Koelle. A Igreja Luterana, ficava assim marcada como um elemento de traição nacional e de vigilância constante, mesmo que seus membros pouco ou nada tivessem interesse no assunto internacional.

A questão religiosa, apesar de focada nos alemães e, mais especificamente, luteranos, também iria comentar dos problemas europeus, trazendo-os para o município. Não visamos com isso demonizar os jornalistas e articulistas, são pessoas inconformadas com o que ocorrem em solo Europeu e que os afetava de diversas formas, por outro lado também não podemos rejeitar que, como produto indesejado, as estigmatizações já existentes acabassem sendo "fortalecidas" pelas situações relatadas e criticadas. Tal situação podemos ver em um bombardeio que fora realizado no Vaticano, o qual foi atribuído aos alemães sua realização:

O agressor do Vaticano

Silveira Peixoto
(autor de “Falam aos Escritores”)

Em princípios de novembro último, todos devem estar lembrados, a Cidade do Vaticano foi bombardeada por um avião que, aos primeiros momentos, não pôde ser identificado com a necessária exatidão. Num artiquete que sobre o fato, imediatamente escrevi para as rêdes de intercâmbio cultural da U. J. B., logo demonstrei que o aparelho agressor não poderia ser aliado, portanto certamente pertenceria à aviação de Hitler.

Não me foi difícil chegar a essa conclusão. Bastou-me, para isso um rápido exame do que o noticiário dos jornais oferecia. Deu-me plena certeza de que a razão estava comigo a simples leitura do breve comunicado com que o quartel general das forças aéreas aliados declarou: “meticulosa verificação mostrou que, naquela noite, todos os bombardeiros aliados daquela área estiveram pousado no sólo”. [...] Impunha-se a conclusão a que cheguei nada provaria as acusações que já fazia o rádio germânico à aviação aliada, por certo não fariam parte das fôrças da liberdade o aparelho que agredira a cidade papalina. [...] Declarou, então, a certo momento, S.S., que “esse ataque deliberadamente planejado e escondido de maneira deshonrosa e inútil por detrás do anonimato, é difícil de explica a não ser pela profundesa da desorientação espiritual e decadência moral em que mergulham algumas mentes.

Na realidade, seria de desejar um pouco mais de clareza, com a identificação explicita do agressor. Cumpre notar, entretanto, que Pio XII não poderia arriscar-se a maiores vexames do que os que já lhe têm feito passar os nazistas que, como se sabe, dão ao Vaticano o tratamento de cidade militarmente ocupada.

Com os esbirros de Hitler às portas de seu palácio, como iria o Sumo Pontífice dizer com tôdas as letras que era nazista o avião agressor? E as represálias que logo tomariam os sequazes do ditador alemão com a habilidade que lhe é peculiar, disse-o, no entanto, Pio XII. Interessante é que, parece, nessa emergência não se esquece S. S. de que, em regra, o tedesco sómente consegue rir de uma boa piada vinte e quatro horas depois de ouvi-la.

E’ sintomática, não há dúvida, a expressão – “desorientação espiritual e decadência moral em que mergulham algumas mentes” – constante do discurso papalino. Uma ligeira reflexão sobre essas palavras, logo indica que aí claramente se retrata a Alemanha nazista, em especial as “mentes” de Hitler e seus asseclas mais graduados. Só os nazistas, talvez, não compreenderão o sentido de tais palavras.

(Diário do Rio Claro, 06 janeiro 1944)

Podemos, dessa maneira, afirmar que houve perseguições de cunho religioso por associação. A religião, parte importante da vida daqueles que creem, não iria passar o período sem sua influência na forma de ser e pensar da população. O que destacamos é que houve ataque ao luteranismo, ligando-o ao nazismo, Hitler e às atrocidades europeias. O judaísmo não era bem-quisto no período, como já vimos com ataques integralistas nos jornais, porém, uma perseguição direta não ocorreu no município, pois não havia (ou parece-nos não ter havido) uma comunidade judaica constituída. Quanto a religiões orientais, vindas com imigrantes nipônicos, não vemos nada sendo comentado que fuja da visão do “exótico”, mas não necessariamente persecutório. Tal situação quiçá tenha se efetivado por ser uma comunidade pequena e em formação no período, fora que desconhecemos qualquer construção ou espaço

religioso formal para suas reuniões, nada referente é dito nos jornais ou entrevistas que realizamos. Não tendo uma construção, templo, mesquita, monastério ou similar edifício religioso, a perseguição e vigilância se tornam menores, porém não impossíveis.

Vimos isso com as entrevistas, com reuniões luteranas sendo impedidas, mesmo nas residências, o que caracterizava crime no período, que proibia até reuniões familiares do grupo étnico. Então, mesmo quando não possuindo ou não estando no edifício religioso, a perseguição poderia se efetivar, porém fora da questão alemã/luterana, não nos deparamos com problemas referentes à religiosidade. Nas entrevistas com descendentes de japoneses, a questão religiosa foi unânime na vontade dos pais de que seus filhos se tornassem cristãos (apesar deles manterem suas religiões tradicionais), talvez por tal motivo não tenham sido marcados, apontados e perseguidos neste aspecto específico da fé. Também pelas entrevistas notamos uma grande proximidade dos japoneses com os italianos, então ao se aproximarem do cristianismo, ao menos nesse momento inicial e de perseguição nacional aos supostos "súditos do eixo", a vertente que seguiam era a católica, a qual, convenhamos, não foi perseguida no município.

Conflito com católicos vimos apenas uma discussão, com presbiterianos, a qual não apresentou qualquer questão étnica envolvida no embate, por isso não aprofundaremos. Mesmo que houvesse grande presença de imigrantes, notadamente alemães, no presbiterianismo, não nos deparamos com essa questão sendo elencada. Para um breve resumo, até para os interessados na questão e demais pesquisadores, a polêmica cercou-se quanto a utilização da imagem de Jesus Cristo crucificado em repartições públicas e escolas, sendo que não foram todos os presbiterianos que levantaram o questionamento. Nas vias de argumentação, há a afirmação da laicidade do Estado, o qual a imagem de Jesus na cruz indicaria adoração de imagem e contrariaria a fé presbiteriana. Contra-argumentos de que o Estado era laico, porém não ateu, e que em nada ofendia o cristianismo o uso de seu salvador em uma imagem, e assim por diante. Contudo, apesar da discussão durar vários dias, ela foi se arrefecendo e sumindo das páginas, mas fica o nosso apontamento aos interessados nos conflitos religiosos.

Terminando esse assunto, em entrevista com Evaldo Isler em 2025, há o relato de certas brigas escolares entre os alunos de fé católica e os de presbiteriana, sendo estas ocorridas após a Segunda Guerra Mundial. Nenhum aspecto étnico, da sua origem ou de seus familiares ser germânica entrou no bojo de tais brigas. Fica o registro de que havia certos desentendimentos, os quais não parecem ter sobrevivido no passar dos anos e, dado os nossos conhecimentos da

contemporaneidade, parece-nos não mais haver qualquer rusga entre tais grupos, quiçá até mesmo havendo boas relações e trocas.

Ainda na questão religiosa, separamos alguns excertos referentes à fé católica, mais especificamente quanto à realização de missas no período da Segunda Guerra. Não buscamos aqui um estudo aprofundado da vida católica rio-clarense, mas sim entendermos e analisarmos a atuação de uma religião que não foi perseguida. Poderíamos afirmar até que o catolicismo pode, por ser a religião mais aceita, ter apresentado um meio de tranquilização da população frente ao monstruoso inimigo que a propaganda construía, o qual, lembremos, era visto como presente, com "quinta-colunas", espiões e sabotadores maquinando ataques sorrateiros.

Podemos ver uma missa realizada no ano de rompimento das relações do Brasil com o Eixo. Em sua descrição vemos que será rogado à Nossa Senhora Aparecida esclarecimento e conforto para o país, seu governo e povo:

> **Missa na Aparecida**
> ***Pela vitória da civilização cristã***
> O Vigario o Paroquia N. S. Aparecida, Pe. Paulo, convida e comunica ao povo de Rio Claro, que será celebrada u'a missa hoje, ás 8 horas, com o comparecimento das autoridades locais e de todas as associações, pedindo a N. S. Aparecida, Patrona de nossa Patria, o esclarecimento e conforto e bençans do céu para nosso povo e governo, e Vitoria final dos postulados e principios da civilização cristã, assim esperando, a aurora ditosa da Vitoria, que trará a justiça e amor e dignidade ás nações da terra.
> (Cidade de Rio Claro, 27 agosto 1942)

Fazia-se, assim, presente uma questão religiosa ao assunto, com a clara e evidente distinção entre os lados. O perigoso inimigo não apenas é uma afronta à humanidade, vai além, ofende e ataca os valores cristãos, sendo necessário manter a vigilância e atenção, rogando a Deus por proteção. Tal construção nos evidencia a complexidade da construção de uma visão de mundo, interligando diversos aspectos da vida com as questões nacionais e internacionais.

Não apenas o combate ao inimigo (real ou imaginário) era enfocado nas práticas religiosas; também vemos a união de missas às manifestações, como no caso das que foram realizadas pela recuperação da saúde de Vargas:

> **Manifestações de jubilo pelo restabelecimento do Presidente Getulio Vargas**
> [...] Realizam-se hoje imponentes manifestações de jubilo pelo restabelecimento do Presidente Getulio Vargas, em nossa cidade. A Prefeitura Municipal, fará celebrar solene missa na Igreja Matriz, onde estarão presentes todas as autoridades e alunos das Escolas Secundarias locais. [...] Conforme comunicado expedido pela Prefeitura Municipal, haverá formatura geral da Juventude Brasileira às 8 horas. Partindo da

> Praça da Liberdade o desfile percorrerá as ruas principais da cidade, passando pela Prefeitura Municipal, onde se encontrarão as autoridades locais. Precedido pelo Tiro de Guerra local, tomarão parte todos os estabelecimentos de ensino secundário, em uniformes de gala. Voltando ao ponto de partida os estudantes dispersarão defronte á Igreja Matriz, precisamente às 9 horas, assistindo á missa solene.
>
> A' noite, no salão nobre da Biblioteca Pública Municipal será realizada sessão solene em homenagem ao Presidente Vargas e comemorando o Dia da Juventude Brasileira, com amplo programa artístico-literário. Essa sessão, que tambem contará com a presença das autoridades locais, será presidida pelo Excelêntissimo Senhor Juiz de Direito da Comarca, prevendo-se enorme afluência de elementos da sociedade [...] (Diario do Rio Claro, 29 agosto 1942)

> **Solene missa campal em regosijo pelo restabelecimento do Chefe da Nação**
>
> O povo rio-clarense terá oportunidade de manifestar hoje os seus sentimentos de simpatia e admiração pela eminente Presidente da Republica, dr. Getulio Vargas, cuja notavel e decidida ação governamental constituirá uma brilhante pagina da História Brasileira, assistindo á solene missa campal, que sob o patrocinio da Prefeitura Municipal de Rio Claro será celebradas ás 9 horas, na Praça da Liberdade.
>
> Essa solenidade religiosa contará com a presença de nossas altas autoridades, todos os estabelecimentos de ensino locais, primarios e secundários.
>
> E' convidado todo o povo de Rio Claro para assistir a este ato religioso, manifestando assim não só o seu vibrante patriotismo pelo Brasil, condignamente representado pelo ilustre dr. Getulio Vargas, mas tambem o seu inteiro apoio ás firmes resoluções tomadas por S. Excla., e inteira confiança na sua ação inteligente.
>
> O "Diario" recebeu do dr. Solon Rego Barros, ilustre Prefeito Municipal, oficio convidando-o para assistir á esta cerimonia, pelo que apresenta agradecimentos. (Diario do Rio Claro, 01 setembro 1942)

Percebemos uma ligação entre manifestações públicas, políticas, sociais, educacionais e religiosas, envolvidas na bem-querência do "líder" nacional. Realizava assim uma comunhão dos elementos cotidianos da vida, orbitando-os ao poder nacional, o qual era justificado e engrandecido, em uma frente contra a leviandade e destruição mundial. Vargas conquistava, desse modo, espaços da intimidade individual, além da sua constante presença por imagens, rádio, notícias, adentrava também à questão da fé.

Não é de estranhar que o fim do conflito apresentaria, como parte das comemorações, a realização de missas. Dentre os dias das manifestações de júbilo, apresentou-se então uma missa campal, na Matriz, convidando todo o povo a conferi-la:

> **Os festejos da Vitoria**
> **Missa Campal, hoje, ás 9 horas**
>
> A nóssa população tem continuado, com muito entusiasmo, a festejar a completa vitoria das armas aliadas, que são as armas do Brasil, havendo todas as celebrações decorrido em perfeita ordem.

> Ante-ontem à noite, acompanhados por uma corporação musical, os operarios do bairro Aparecida vieram ao centro da cidade em passeata, visitando as autoridades, redação deste jornal e Radio.
>
> Hoje, dia feriado, em prosseguimento às comemorações, terá lugar, às 9 horas uma tocante Missa Campal, no Largo da Matriz, estando o povo convidado para essa expressiva cerimonia.
>
> (Cidade de Rio Claro, 10 maio 1945)

"As celebrações decorridas em perfeita ordem" é elemento questionável na notícia, tendo em vista que sabemos de conflitos e desentendimentos. Fica por outro lado demonstrada a participação popular nos movimentos, com passeatas musicais e concentrações religiosas.

Não menos importante, devemos ressaltar que há algumas notícias de cultos realizados na presbiteriana, tanto quanto à guerra, como para o ditador brasileiro. São comunicados mais curtos, mas apresentam algum elemento de união dos protestantes à sociedade, possibilitando exercerem sua fé no período. Quando vemos alguma menção à Igreja Luterana, ela é feita por "Igreja Evangélica" e nada mais, sendo apenas o mais necessário e direto em seus informes.

Também é fundamental reconhecermos que utilizamos o "Diário do Rio Claro" e o "Cidade de Rio Claro", mas pode ter havido outras publicações, as quais podem não ter atacado os luteranos, tampouco tenham dado mais espaço ao catolicismo. Contudo, os dois jornais enfocados no período eram os principais no Município, com maior circulação, então mesmo que seja uma representação da sociedade, não sendo o seu todo, não deixa de nos apresentar o conteúdo visto e discutido pelos rio-clarenses, parte importante da formação da opinião pública.

A perseguição assimilacionista se estabelece

Angariando poder e se protegendo nos argumentos e justificativas de defesa nacional anticomunista, o assimilacionismo conseguiria tomar posição de destaque para a defesa da dita "brasilidade" contra o inimigo "estrangeiro", seja este quem for. A partir da dicotomia do que era nacional como bom e, o que era estrangeiro como ruim, as comunidades de imigrantes e descendentes seriam visadas e atacadas. O "perigo" imigrante não era algo novo, os grupos de população estrangeira já eram vistos como disruptivos, como mecanismos de desestruturação dos poderes estabelecido: Perigo à manutenção da escravidão, ao poder local coronelístico estabelecido, ao poder político e/ou ditatorial, ao capitalismo, à "brasilidade", aos costumes e hábitos nacionais, à integridade do Brasil como sociedade una e coesa.

Com o aprofundamento ditatorial, inaugurando-se o Estado Novo, certos "deveres" eram inventados, estipulados, impostos à população. A defesa do regime, a vigilância social aos "traidores", e o comportamento e a cultura tidas como aceitáveis à nação. Assim, podemos ver artigo de 1938 defendendo a "obrigação" da modificação cultural dos imigrantes, elencando os "quistos" de seus grupos como um perigo, os núcleos coloniais como uma doença ao país:

> **DEVER CIVICO**
>
> **HORACIO DE ANDRADE**
>
> (Redactor do "Diario Popular", de S. Paulo)
>
> O brasileiro tem um dever a cumprir a cumprir: o de abrasileirar-se. Abrasileirar-se é querer mais bem ao Brasil. E' sentir, com o coração e com o espirito, a necessidade de defendel-o. E' vibrar com as suas grandezas naturaes. E' reconhecer seus defeitos. E' corrigir suas lacunas sociaes. E' tornar-se uma parcella efficiente de sua estructura moral, physica e politica. [...] Não é possivel continuarmos de braços cruzados deante do mare-mare de gentes de todas as raças e de todas as origens que aqui aportam e fixam seus usos, costumes e até seu patriotismo originario. Todos quantos chegam ao Brasil devem ser bem recebidos. Nossa terra é grande, é feraz, é benigna. Acolhe fraternalmente quantos a procuram. [...]
>
> A reciproca tambem é necessaria. As gentes que nos procuram têm o dever de se modificar. Se acharam a terra bôa que fiquem por cá. Se se desgostaram que a abandonem. Se deixaram suas terras de origem é porque, naturalmente, tiveram decepções, passaram difficuldades. Podem aqui morar guardando na alma, como num sacrario, o nome de sua Patria. E' natural. E' logico. E' defensavel. Procurar, porem, incutir no coração de seus filhos nascidos aqui o mesmo sentimento, já não é natural, nem é logico, nem é defensavel. As creanças nascidas no Brasil são brasileiras. Já não podem pertencer a terra originaria de seus paes, a não ser que estes para lá regressem definitivamente. E ao brasileiro um só credo resta seguir: o de querer bem ao Brasil, o de sentir-se orgulhoso de ser uma parcella da grandeza deste "gigante pela propria natureza".
>
> A defesa do Brasil, nesse terreno, está em nossas mãos. Que se faça a reacção em todas as espheras. Os kistos do nosso progresso e do nosso civismo estão fincados nos nucleos coloniaes que tomaram conta de varias zonas do nosso paiz. Os governantaes do Brasil devem tomar providencias para cural-os. Devem chamar para um outro convivio todos quantos nasceram em nosso solo. E as providencias, nesse sentido, não devem ser difficeis. Pelo menos não são impossiveis. [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 22 outubro 1938)

A presença estrangeira era vista como um problema a ser resolvido, sendo representada pela sua cultura, costumes, ideias, instituições, ações, construções e, apontadas em destaque, a educação e a língua. Passavam a ser vigiados todos os meios de formação, manutenção e propagação das culturas étnicas, bem como seus resultados, materiais ou simbólicos, proibindo-os de exercerem seu orgulho identitário e as ações que estivessem relacionadas a este. A questão dos "quistos" era relacionada tanto ao seu isolamento, quanto ao medo de que as escolas não

estivessem ensinando o currículo brasileiro e a língua portuguesa, mas sim os ideais dos países totalitários, sua linguagem e oposição ao Brasil (LOCHERY, 2015, p. 63).

Os processos de violência assimilacionista são complexos e multifacetados, acontecendo simultaneamente. Apesar de reconhecermos tal fato, realizemos uma análise por temas das ações repressivas, começando pela questão educacional. Sendo esta luta vinda desde a Primeira Guerra Mundial, com parte dos apedrejamentos já direcionados às construções simbólicas e culturais da identidade germânica rio-clarense: o Colégio Alemão e a Igreja Luterana. O ódio assimilacionista tinha por presa especial a educação e formação do indivíduo, o que não necessariamente significou ataque aos que se silenciaram frente a tais repressões.

Com isso, veremos artigos defendendo a "nacionalização" das iniciativas educacionais imigrantes, impondo regras e limites para a sua continuação, principalmente voltados aos aspectos comportamentais e de hábitos, atacando a identidade étnica. Dentre esses artigos, destacou-se à nossa leitura dos jornais dois escritos pela intelectual brasileira Francisca Pereira Rodrigues, conhecida como Chiquinha Rodrigues, os quais são exemplares quanto à questão e a forma que era abordada, o primeiro sendo de 1938 e o segundo, já durante a guerra, em 1940:

> Nacionalização de escolas
>
> **Chiquinha Rodrigues**
>
> Da Bandeira paulista de Alphabetização
>
> Problema que está exigindo a attenção patriotica do governo dos Estados brasileiros é a nacionalização do ensino uma medida, o ponto de partida para assimilação dos immigrantes que aqui vêm cooperar comnosco na questão do povoamento do solo.
>
> Em traços rapidos apresentamos hoje á observação dos estudiosos alguns números que mostram uma faceta do estado actual das escolas paulistas em algumas regiões.
>
> Assim se expressou o Delegado de ensino de Santos:
>
> "Em agosto de 36 funccionava na zona de immigração japoneza (zona delimitada no mappa da região que juntei ao relatorio de 35 e que V. S. fez publicar no ultimo Annuario), 6 grupos com 25 classes e 43 escolas isoladas estaduaes, ou 68 unidades, na proporção por 1.000 habitantes, quando no Estado a proporção por 1.000 habitantes era de 1,53. De julho de 32, anno do meu exercício, para julho de 36, o aumento de unidades nessa zona foi de perto de 90%. As unidades eram rigidas por menos de 50% de normalistas, e na proporção de 89,7%. Pela nacionalidade, as crianças se distribuíam assim: brasileiras, 86,43%; japonezas, 13,1% e de outras nacionalidades 0,47%. [trecho danificado e perdido] Das 17 restantes, 7 eram exclusivamente da língua portugueza.
>
> Assim ne nota em que situação estavam as escolas daquella região.
>
> Que os governantes e governados, autoridades escolares e professores conjuguem os seus esforços em pról da assimilação do immigrante.
>
> (Cidade de Rio Claro, 30 novembro 1938)

Escolas estrangeiras

Chiquinha Rodrigues

Quem sabe quantos estrangeiros vivem em São Paulo?

Quem sabe quantas escolas elles mantêm?

O que os brasileiros de São Paulo sabem e lamentam é a impossibilidade em que estamos de dar escolas a quantos aguardam vagas nos nossos estabelecimentos de ensino primário.

Impossibilitados de frequentarem escolas publicas, estrangeiras, conjugam os seus esforços e abrem a sua escola.

Segundo dados que colhemos na Delegacia do Ensino Particular, existem actualmente em S. Paulo 37 escolas estrangeiras:

Nacionalidade	N.º de Escolas
Japonezes	6
Italianos	5
Alemãs	5
Hungaras	6
Syrias	1
Israelitas	2
Lithuanas	4
Inglezas	2
Polonezas	2
Armenias	2
Arabes	1
Portugueza	1

Mas, a nós se nos afigura limitado, o numero de escolas estrangeiras na Capital, São de 38, diz a nota official. Quantas porem, existem por ahi, escondidas?

Quem nos garante não existir em São Paulo, nos seus 6 milhões e tanto de almas, um terço de estrangeiros, estrangeiros mesmo, nascidos doutro lado do mar?
(Cidade de Rio Claro, 03 abril 1940)

Chiquinha Rodrigues atuava política e educacionalmente na questão do imigrante no Brasil, com diversos discursos, os quais, segundo Eliana de Jesus Reis (2006), estavam voltados à preocupação da manutenção da autonomia brasileira e, assim, favorável à assimilação e integração do imigrante, mas não seriam, em sua essência, possuidores de caráter xenófobo. Apesar de compreendermos o posicionamento de Reis, analisamos e constatamos que havia uma ânsia de ataque às etnias – notadamente alemã e japonesa –, ao menos em seus trabalhos uma expressão da vigilância social (no caso, na esfera intelectual) e de indicação do "problema" a ser combatido, nem sempre de modo amigável ou cordial. Nossa análise partiu especificamente dos dois artigos publicados no Cidade de Rio Claro, sendo assim outros discursos da intelectual podem ter se apresentado com maior ou menor incisão contra a educação exercida nas comunidades imigrantes. De todo modo, dado o nosso recorte, possuindo ou não intenções de exercer preconceito para com as comunidades, tais discursos acabaram

auxiliando na concepção de realidade da sociedade, a qual, consequentemente – e obviamente não apenas ligada a esta intelectual – acarretou violência contra os grupos étnicos.[36]

A importância dos intelectuais, nas mais diversas esferas, seja política, universitária, escolar, na imprensa ou vida artística, é profunda e explicitamente detalhada e explicada em artigo escrito em 1942, ano de intensa onda persecutória, dada a entrada do Brasil na guerra:

> **Responsabilidades dos intelectuais**
>
> **J. P. Coeli**
>
> Foram os intelectuais mais independentes e concios dos deveres de brasilidade, que derem o alarma, creando o policiamento das inteligências patrícias, quando as idéias anti-brasileiras começaram a rondar nossa Pàtria. Os brasileiros não podiam entregar a nacionalidade ao nipo-nazi-facismo e os estrangeiros, aqui recebidos para trabalharem e viverem em igualdade de condições conosco, precisavam corresponder à nossa hospitalidade, e não minar nossas instituições. Foi porisso que os verdadeiros nacionalistas patricios opuseram as idéias tipicamente, brasileiras contra as estrangeiras. [...] Até ontem, podiam discutir místicas, aventar problemas, expor dúvidas. Hoje, não. As forças dissolventes dos inimigos não atuam apenos militarmente. Atuam tambem, e em primeiro lugar, literariamente. As ondas hertzianas não levam do Brasil somente informes dos espiões, para que submarinos do "eixo" torpedeiem nossos navios; trazem para nossa terra o virùs da desconfiança, acêrca das nossas possibilidades, e apregoam as vantagens do "paraiso" nipo-nazi fascista. Vê lá se contam a escravização dos paises conquistados, com a imposição de trabalho forçado e a extinção da liberdade de opinião...
>
> Os mestres-escolas incentivando o desabrochar da mentalidade infantil e os catedráticos auxiliando a sedimentação da cultura da mocidade; os jornalistas noticiando e esclarecendo os ultimos acontecimentos, para orientar a opinião publica; os sociólogos analizando os poblemas nacionais e os historiadores desfazendo duvidar históricas; os poétas antevendo futuras preocupações e adiantando soluções; os romancistas corrigindo os tipos da propria vida, ressaltados ou empalidecidos pela literatura; – todos aqueles que pensam e assumen a responsabilidade de passar adiante as suas idéas, são chamados a colaborar, agora que estamos em guerra, para a mobilização psicológica dos brasileiros.
>
> Passou a éra da "torre de marfim" que afastava os intelectuais dos problemas politicos; hoje, que a arte se estrutura no social, o homem de letras tambem vive, luta e sofre como os outros homens. [...] E nenhum intelectual que se preze, pode deixar de condenar a escravidão das inteligências, que ficam proibidas de pensar livremente. Porque o intelectual tambem é operário, cuja máquina de trabalho é a pròpria conciência. Viva a liverdade! Abaixo os tiranos!
>
> **U. J. B.**
>
> (Cidade de Rio Claro 24 outubro 1942)

Como explicado, e constatado nos outros artigos, os intelectuais observavam e vigiavam as supostas ideias estrangeiras sendo difundidas no país. Faziam parte do aparato ditatorial, intencionalmente ou não, os trabalhos destes pesquisadores, jornalistas, professores etc., tanto

[36] De 1937 a 1941, 774 escolas "desnacionalizantes" foram substituídas por 885 públicas (MOTA, 1980, p. 78)

na violência assimilacionista quanto no convencimento e aceitação da "cultura brasileira". Nisso, incluíam a doutrinação nacionalista, instruindo a população à aceitação do regime, além da vigilância, perseguição e decorrente violência contra os "invasores" inimigos. Igualmente reveladoras são as constantes afirmações que não são inimigos aqueles que rejeitem a sua origem étnica, que se afirmem "brasileiros acima de tudo" e que desconheçam aspectos ancestrais, como sua cultura, história, língua ou orgulho identitário. Era estipulada a instrução às comunidades étnicas: rejeitar seu passado, cultura e identidade, assumindo-se "brasileiras".

Vejamos aspectos desta perseguição cultural, partindo de notícias de 1938, a respeito do fechamento de escolas no Sul e sobre o decreto-lei relacionado à nacionalização do ensino do Brasil, justificando o "problema" de se ter "costumes e mentalidade" estrangeira no país:

> Em observancia ás determinações do governo com relação ás escolas estrangeiras no Rio Grande do Sul, foram fechadas quatro escolas na localidade de Roland. Essas escolas não requereram os seus respectivos registos em tempo habil e continuavam a leccionar em língua allemã.
> (Cidade de Rio Claro, 04 dezembro 1938)

> Falando á reportagem sobre o recente decreto-lei a proposito de nacionalização do ensino no Brasil, o sr. Abguar Renault, director do Departamento Nacional do Ensino, declarou: "Nenhum problema merece mais attenção dos poderes publicos. [...] Em nosso paiz, uma massa de estrangeiros impõe ás crianças brasileiras o ensino estrangeiro e em escolas estrangeiras, formando-lhe, portanto, os habitos, os costumes e a mentalidade, num rumo absolutamente estranho e mais do que isto, contrario á consciencia nacional. Ha, neste momento, no Brasil, 436 escolas japonezas com 25.000 crianças brasileiras, filhos de japonezes a receber, ensino primário. Maior é o numero destas escolas no Brasil do que na Mandchuria e na China, segundo dados officiaes do Ministro da Educação do Japão".
> (Cidade de Rio Claro, 07 dezembro 1938)

De modo similar, vemos a notícia de 1941 do afastamento de pessoas estrangeiras que fossem responsáveis pelo ensino:

> **Só brasileiros natos**
> RIO – O Ministerio da Educação está providenciando para o afastamento imediato de diretores de estabelecimentos de ensino que não sejam brasileiros natos. No proximo ano letivo, já não será permitido o funcionamento de qualquer instituto de ensino secundario dirigido por estrangeiros.
> (Diario do Rio Claro, 23 novembro 1941)

Aspecto que destacamos no artigo sobre o decreto-lei de 1938, sobre o afastamento de estrangeiros em 1941, juntamente com os artigos de Chiquinha Rodrigues, é que as comunidades imigrantes, a partir de esforços de seus membros, construíam escolas e ensinavam seus infantes, de forma autônoma, orgânica, internamente, mas não somente, admitindo alunos de outras origens. Entretanto, a violência assimilacionista aos grupos se evidenciaria por todo o país, onde houvesse comunidade e suas instituições formativas. Nas comunidades japonesas, os alunos se viram obrigados a estudar de forma clandestina, escondida e à noite, caso contrário, se a escola fosse descoberta, o professor seria preso e o material queimado (ARAI; HIRASAKI, 2008, p. 119, 120). Similarmente, as escolas italianas vão ser nacionalizadas, com a língua proibida (COLOGNESE, 2004, p.48). Quanto aos alemães, o processo de nacionalização implicava na imposição de currículo (língua, cultura e história brasileira) e de professores nacionais (FOUQUET, 1974, p. 106-108). A língua alemã vai ser proibida, sendo símbolo do chamado "perigo alemão", podendo acarretar violência física e até tortura (ou morte) aos que a pronunciasse; proibindo-se seu ensino nas escolas, além do incentivo às crianças denunciarem os pais caso estes desobedecessem às leis (ARNOLD, 2018, p. 49). Tal processo resultou em intenso pânico nas comunidades, que se viram forçadas a destruir livros e documentos escritos em alemão (ou tentar escondê-los) para aplacar a fúria assimilacionista, destruindo com isso memórias, conhecimentos e elementos culturais, religiosos, educacionais etc. (p. 57). Rio Claro, como era de se esperar, infelizmente, não foi diferente, com diversos livros do Instituto Koelle (antigo Colégio Alemão) e da Igreja Luterana sendo queimados (TRIMER, 1994, p. 66).

Nossa pesquisa, como já afirmamos, teoricamente parte do ponto de vista dos descendentes de imigrantes, mas não é por isso que rejeitamos ou desconsideramos a necessidade e legitimidade da preocupação quanto a possibilidade de tais crianças estarem sendo educadas em movimentos totalitários. A questão que elencamos é que as medidas tomadas foram além, exercendo violência cultural, pois visava a sua extirpação mesmo que não apresentassem elementos controversos e, até mesmo, realizassem o que a ditadura e os intelectuais “nacionais” não conseguiam realizar (segundo os artigos) na mesma velocidade, ou seja, a expansão da educação na população, instruindo um maior contingente, alfabetizando-o e podendo melhor qualificar a mão-de-obra e, quiçá, até os serviços intelectivos citados. Tais questões não são uma leitura de uma parcialidade injustificável da pesquisa, podemos ver em artigo de 1939 o reconhecimento da importância dos avanços educacionais nos grupos étnicos:

Nacionalização e bom senso
(U. J. B)

Hernani Pereira

> Depois de mais de meio seculo de indesculpavel cochilo, sem cuidar da nacionalização dos contingentes imigratorios recebidos, o Brasil, desperta sobressaltado com o barulho que se vae fazendo em torno do caso, disposto, intransigentemente, a reparar o mal que deixou de crescer, com o firme proposito de erradica-lo rápida e definitivamente.
>
> Daí vivemos uma significativa época de nossa historia, em que as mais profundas forças do sentimento nacional, galvanizadas pela centelha imperialista dessa quadra confusa da humanidade, coordenam-se em uma ação energica, visando a nacionalização e assimilação de certos nucelos de nossa população.
>
> Os contingentes do Exercito destacados para essa delicada e grandiosa tarefa, vão agindo de modo a deixar a Nação confiante em um proximo futuro em que se vera amplamente livre da ameaça que lhe pesa. As noticias que nos dão conta dessa campanha nacionalizadora, estão a nos convencer que ela marcarà época em nossa historia pelo esclarecimento e patriotismo com que vai se desenvolvendo; prometendo, destarte, para breve, a solução do complexo problema.
>
> Todavia é preciso não esquecermos que si o tivemos pela frente, foi por exclusivo descuido de nossa parte, quando não soubemos ou não pudemos encaminhar racionalmente as levas emigratorias facilitando lhes a assimilação, ou quando, nos mantendo no erro, não provicendiaram as autoridades nacionais, as escolas que certos nucleos estrangeiros não podiam dispensar, e nisto temos que o louvar, deixando que lançassem mão dos proprios recursos para que seus descendentes não crescessem analfabetos e incultos. Tivessemos provido as escolas que careciam e hoje não teriamos a triteza de ver patrícios nossos ignorando até a língua nacional... [...]
>
> E' preciso, portanto, que não precipitemos as coisas que não nos divorciemos do elementar bom-senso, nessa campanha nacionalizadora, para que não comprometamos a vinda de contingentes emigratorios de que tanto carecemos. Procuremos atingir o objetivo sem violencias inúteis e contraproducentes, pela instrução e educação adequada, fazendo do imigrante e de seus descendentes, brasileiros pelo sentimento e pela razão.
>
> Do contrario nos veremos em dois desastres: – não faremos a nacionalização que pretendemos e comprometeremos, irreparavelmente, toda a nossa politica Imigratoria com a qual esperamos acelerar a evolução étnica nacional no sentido, que melhor convem á nossa grandeza e á nossa soberania.
>
> (Diario do Rio Claro, 27 julho 1939)

A defesa de "atingir o objetivo sem **violências inúteis e contraproducentes**" (destaque nosso) indica que o ideal assimilacionista, ou de "nacionalização", não descartava o uso da força para a imposição de seus elementos. Não menos interessante é notarmos e destacarmos que muitos descendentes de imigrantes desconheciam a língua portuguesa, questão que compreendemos sua importância, tendo em vista que era necessária a compreensão e trocas sociais, econômicas, informacionais entre as comunidades e a sociedade como um todo e com o governo. De modo igual, ao que afirmamos quanto à repressão do ensino de ideias autoritárias, reiteramos o argumento de que determinada necessidade não justifica o cometimento de ataques à cultura dos grupos, sua língua, seus costumes, modos e mentalidade. Parece-nos nítida a intenção de extermínio cultural, com a possibilidade de medidas intensivas para esse fim.

Com isso, ficava-se estipulado os padrões persecutórios e a quem estes estariam direcionados, porém isso criava um problema, o de separação desse grupo, o dos "vigiados", daqueles que eram descendentes de estrangeiros. Tal problemática não passou desapercebida, com a defesa dos "neo-brasileiros", ou seja, dos que possuíam uma identidade brasileira apesar de sua origem imigrante, incluindo-se a identidade regional, mais especificamente a paulista:

OS NE'O=BRASILEIROS

RUBENS DO AMARAL

(Autor de "Terra Roxa")

(Copyright da I. B. R. para "CIDADE DE RIO CLARO")

Não é possivel deixar de applaudir a campanha nacionalizadora que se está desenvolvendo actualmente no Brasil. Somos dos que acreditam absolutamente na força assimiladora da terra, ao ponto de acreditar tambem que os néo-brasileiros só excepcionalmente não serão optimos patriotras na primeira geração, sem que offereçam a menor duvida nas gerações seguintes. E falamos com os olhos postos em S. Paulo, que recebeu injecções massiças de sangue extrangeiro e que entretanto, é um dos reductos inexpugnáveis da nacionalidade. Aqui filhos de italianos filhos de hespanhóes, de portuguezes, allemães ou o que for, são tão bons paulistas como os de quatrocentos annos salvo casos especialíssimos que não abalam a nossa perfeita confiança na nacionalização integral dos filhos de extrangeiros nascidos em S Paulo. Mas, ha um facto, que precisa ser levado em conta mesmo pelos que, como nós, são partidarios da introducção de largas correntes immigratorias para povoamento e aproveitamento do Brasil: temos em maior numero filhos de nações totalitarias e imperialistas, como a Italia e a Allemanha, sem falar na Pollonia, que está na sua orbita, e no Japão, que apenas começou a mandar as suas sobras demographicas E ahi é que está o perigo, não no numero, mas na composição das massas immigratorias.

XXX

Entretanto, não confundamos nacionalismo com jacobinismo. Sobretudo, não tratemos como extrangeiros, hostilizando-os, os néo-brasileiros, que são bons patriotas e que, se soffressem injustiças da nossa parte, se veriam forçados a voltar-se, em reacções naturaes, para a patria dos seus maiores Se aqui nasceram, se acceitarem o nosso **jus soli**, se se declaram e se sentem nossos compatrícios, porque como taes não os havemos de tratar? Seria supremamente iniquo e criminosamente inhabil estabelecermos nós distincções contra elles, levando os a arrepender-se da adopção da sua terra de nascimento a que apenas chegaram um pouco depois de nós outros. Portanto, haja tacto e prudência nas medidas officiaes, para que não se dêem choques onde deve haver atracção; e haja cordialidade e sympathia nas relações particulares, para que assim cada um de nós contribua, do seu lado, para maior approximação e melhor integração entre os elementos tradicionalmente brasileiros e os das camadas ultimamente superpostas: A esse respeito, não sabemos o que se passa alhures. Quanto a S. Paulo, estamos vendo por todas as maneiras por que se possam vêr estas coisas, que os filhos de extrangeiros são excellentes brasileiros e que não nos compete levantar contra elles questões de nacionalidade, irritantes e prejudiciaes.

XXX

Restam vivos poucos immigrantes dos tempos em que elles chegavam ás dezenas e centenas de milhares. O que predomina actualmente é a sua primeira geração. Já avulta, porem, a segunda geração, que timbra em se declarar filha de brasileiros, que nada sabe da língua de seus avós e que se cruza sem a menor restricção tanto pelo seu convivio integral com os elementos nativos como pela acolhida que entre estes recebe, tambem irrestrictamente. Não falemos dos filhos e netos de

> portuguezes que não se distinguem da massa geral da população siquer pelo nome; mas os descendentes de hespanhóes, de italianos, de allemães, de todos os extrangeiros, aqui, estão fundidos, de alma e coração, nos sentimentos e nos ideaes da sua terra natal. Não vamos, por excessos e desvios de nacionalismos, desnacionalizal-os. Ao contrario, é de nosso dever não só, mas tambem de nosso interesse consideral-os brasileiros que chegaram agora ou chegaram ha vinte, ha cincoenta annos, ao passo que nós chegámos ha cem, duzentos ou quatrocentos annos, com Martim Affonso ou Duarte Coelho. Parece que não seria necessario dizel o, mas cumpre assentar umas tantas orientações antes que os perigos se manifestem. Dahi esta advertencia, que tem razão de ser, sobretudo para os que julgam os factos de longe, isto é, sem os conhecer.
>
> S. Paulo – novembro.
>
> (Cidade de Rio Claro, 16 dezembro 1938)

As comunidades imigrantes não eram ignorantes, a indicação do que lhes era cobrado foi captada. Rejeitar sua ancestralidade era uma medida protetiva óbvia, sendo socialmente cobrada, não havia convívio cultural com predileção à brasilidade, esta identidade deveria ser a única, a pluralidade possível era regionalista. Como vemos em uma declaração de um jovem, afirmando-se "brasileiro de São Paulo":

> **Sou brasileiro de S. Paulo, respondeu orgulhosamente Helio Marincek**
>
> – Não, senhor, não sou estrangeiro, nem eu nem meus paes. Sou paulista, sou brasileiro de São Paulo – respondeu orgulhosamente Helio Marincek ás perguntas que lhe fizeram hontem no campo do Vasco durante a estrondosa manifestação de que foi alvo por parte de 70 mil pessoas que assistiam ao jogo Vasco da Gama – Flamengo.
>
> E de facto, Helio Marincek, o menino-prodigio, o aviador de 14 annos, constitue um orgulho para o Brasil, um orgulho para o Brasil, um orgulho para São Paulo
>
> (Diario do Rio Claro, 18 julho 1939)

Não podemos afirmar que o caso relatado em 1939, do menino Helio, tenha sido por motivações protetivas ou por convicção real do rapaz e sua família, entretanto, o que fica evidenciado é a importunação realizada a quem possuísse um sobrenome "destoante", com a necessidade (voluntária ou não) de confessar sua rejeição. Sinaliza-nos, também, a notícia como sendo um "exemplo a ser seguido", instruindo o que era esperado dos atores sociais conforme os papéis, um de cobrar e o outro de confessar a sua brasilidade frente a qualquer outra coisa.

Outro elemento de distinção, de destaque, é a questão linguística, pelo conhecimento de línguas que a sociedade não compreende, incluindo o sotaque, o qual "denunciava" que a língua usada cotidianamente não era o português. A perseguição linguística não ficaria fechada à violência contra os colégios étnicos, para obter resultados de mudança de língua, obliterando o conhecimento da linguagem ancestral, era necessário controlar outros ambientes de contato,

seja sociedades, instituições, comércios, imprensa, ou até o lar. Vejamos, primeiramente, 2 artigos referentes à possibilidade de contato entre membros de mesma origem étnica:

> Importante decreto sobre immigração
>
> **Serão prohibidos os nucleos estrangeiros**
>
> RIO, 14 – Está para ser assignado pelo sr. Presidente da Republica um importante decreto relativo á localisação de immigrantes. Pelo mesmo, ficarão terminantemente prohibidos os nucleos exclusivamente de estrangeiros, devendo ter os mesmos um minimo de 30% de brasileiros natos. Na falta de nacionais, essa percentagem poderá ser de portuguezes.
> (Cidade de Rio Claro, 15 dezembro 1938)

> Examinando o pedido de registo da Sociedade Italiana de Mutuo Socorro de Piracicaba, São Paulo, o sr. Francisco Campos approvou o seguinte parecer da Secretaria da Justiça e do Interior: "A interessada satisfez as exigencias constantes de despacho de 16-12-38. O pedido está devidamente instruido. Trata-se uma sociedade civil legalmente constituida e com finalidade licita (beneficiente, cultural e recreativa), sua administração é formada por italianos natos (conforme o art. 3.º dos estatutos); consideram-se socios todos os italianos natos. Penso que seja necessario fazer constar, nos referidos estatutos, prohibição expressa de admissão de brasileiros, em qualquer categoria do seu quadro social, e que, no caso de existencia de socios brasileiros, quando da publicação da lei vigente, que estes se afastem espontaneamente da sociedade. Satisfeitas essas exigencias, parece não haver inconveniente na concessão da licença e registo de que trata o decreto-lei n. 383, de 18-4-38". [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 24 janeiro 1940)

O problema estava voltado para comunidades imigrantes específicas, com uma delas sendo considerada de igual valor ao de nacionais, a portuguesa. Os objetivos eram diretos, evitar que formassem "quistos" sem a presença brasileira (ou portuguesa). Tal decreto, poderia ser defendido ao afirmar que se tratava de melhor integrar os imigrantes, sem necessariamente desejar destruir sua cultura. Contudo, baseando-nos em outras medidas que foram tomadas, vemos a intenção destrutiva estando inclusa ali, mesmo que indiretamente. A exemplo disso, é a notícia da proibição de brasileiros natos de ingressarem em sociedades italianas, estando estas exclusivas para italianos natos, havendo o pedido direto de desligamento de descendentes de italianos nascidos no Brasil e de outros brasileiros, os quais apesar de não terem esta origem, apresentavam-se como simpatizantes e propagadores de tal cultura. A busca de fechar ou controlar as associações étnicas, tinham por objetivo fazer cessar as festas e o aprendizado da língua italiana, afetando sua manutenção cultural (COLOGNESE, 2004, p. 47-48).

O controle das relações humanas era absoluto, ao menos para os que fossem das etnias perseguidas. Interessante notar que até mesmo os italianos, os quais apesar de perseguidos eram mais aceitos que os alemães e japoneses (pois sendo "latinos" seriam "mais propensos a assimilação"), foram perseguidos em suas possibilidades de reunião e contato interno. Coadunando com nossa argumentação, veremos que os questionamentos e tentativa de controle invadiam a intimidade dos indivíduos, de sua família:

> Que língua fala habitualmente em casa?
>
> Ha cerca de dois annos iniciou-se no Brasil, providencialmente, uma politica deliberada de nacionalização dos nucleos de população alienigena. Essa politica se fez mais necessaria nas regiões em que a predominância de línguas estrangeiras constituia um elemento de desintegração do paiz.
>
> As medidas tomadas pelo poder publico revelaram que, em numerosas escolas e igrejas, não se falava absolutamente a língua do paiz. Não ha muito tempo foi noticiado com destaque o caso de jovens brasileiros natos que se apresentavam para o Serrviço Militar não sabendo exprimir-se em portuguez. Mesmo aquella personagem de romance que, na qualidade de candidato a cargo de representação popular, se dirigia ao eleitorado em idioma estrangeiro, não parece pura ficção.
>
> A solucção integral do problema evidentemente demanda tempo e persistencia. Era e é assim de importancia fundamental, para o estudo desse caso da integração dos estrangeiros e seus descendentes na vida do paiz, o conhecimento da exacta extensão de um mal que se vem aggravando de geração em geração. Cumpre, effectivamente, investigar o grau de insulamento das colonias estrangeiras atravez da verificação da língua que falam habitualmente os seus componentes. Essa pesquiza, de significação realmente consideravel para a unidade nacional, será realizada por meio destes dois quesitos do questionario geral de Censo Demographico de 1.º de setembro proximo: "18. Fala correntemente o portuguez? 19. Que lingua fala habitualmente no lar?"
>
> As informações recolhidas sobre taes questões revelarão com segurança o mais importante symptoma da indispensavel integração do elemento alienigena na vida cultural do paiz – ou seja o uso mais generalizado, ou menos generalizado, da língua official do Brasil entre as colonias estrangeiras radicadas entre nós. Dahi, evidentemente, uma das boas influencias do Recenseamento Geral de 1940 na obra de consolidação da unidade nacional.
>
> (Cidade de Rio Claro, 07 julho 1940)

> **Fala Portuguez?**
>
> Muitas das autoridades judiciarias que foram consultadas pela direcção central do Serviço Nacional de Recenseamento sobre a maneira por que se processou a operação censitaria no municipio sob a sua jurisdicção, já enviaram as suas respostas.
>
> São depoimentos de absoluta insuspeição e compreensivos de consideravel numero de pessoas de differentes classes sociaes, com as quaes o magistrado do interior tem contacto seja nas reuniões do jury, seja nas audiencias publicas e de casamentos, ou no exercicio quotidiano das funções tutelares dos menores e orphãos. [...] Das informações enviadas por magistrados da zona colonial de alguns Estados do sul, cumpre destacar as difficuldades oppostas, ao bom andamento da operação censitaria, pelo desconhecimento da lingua nacional entre nucleos importantes da população daquellas zonas.

> E' o serio, o agudo problema da assimilação dos immigrantes de alguns paizes, indicado num traço bem vivo.
>
> Ao empreendermos a somma do elementos integrados no paiz [...] esbarramos com a difficuldade de entendimento com esses elementos e, em regra, com seus filhos e netos já aqui nascidos.
>
> E esse reparo vem accentuar a opportunidade do quesito incluido no boletim do censo demographico destinado a inquirir qual a lingua que o recenseado fala habitualmente no lar. Intensificam-se medidas governamentaes com o fim de ampliar o apparelhamento do ensino publico **nacional** em substituição a grande numero de escolas extrangeiras existentes nas regiões coloniaes. [...]
>
> A identidade da lingua tem sido proclamada como uma das garantias mais positivas da unidade nacional. Entretanto, estava assumindo proporções ponderaveis o desconhecimento dessa lingua dentro do nosso territorio, renovando-se gerações refractarias á indispensavel assimilação.
>
> O censo informará em numeros idoneos a extensão do problema no momento exacto em que soffre um necessario e vigoroso ataque.
> (Cidade de Rio Claro, 04 dezembro 1940)

Os questionamentos e os atos repressivos baseavam-se em um problema legítimo, pois o desconhecimento da língua portuguesa por um vasto contingente populacional poderia angariar problemas dos mais diversos. Combater as escolas "estrangeiras" era uma opção dentre outras possíveis, e a sua destruição não era elemento obrigatório para alcançar determinados fins. Era esperada a necessidade de união nacional, notadamente por uma língua em comum, porém, isso não justifica a opressão ao conhecimento do idioma ancestral. Notamos, também, notícias e irradiações de aprendizado da língua inglesa por exemplo; ou seja, o problema era ter conhecimento de idiomas específicos de certos imigrantes. Assim, o ataque linguístico voltava-se à desagregação etnocultural.

As ações contra a chamada "imprensa estrangeira", mesmo para o uso misto de idiomas, acabavam por afetar todo o país. Destacamos esse aspecto do gradual desaparecimento de outras línguas nos jornais rio-clarenses (Cidade de Rio Claro e Diário do Rio Claro), notadamente o alemão e depois o italiano, pois tal ocorrência acaba por minar a integração e convívio harmonioso entre as etnias e a sociedade como um todo. Ao imigrante, ou mesmo o descendente, que estava em vias de aprender o português, possuía ali alguns elementos do idioma ancestral, quiçá podendo melhorar o seu contato com as questões nacionais, seja com produtos ou até com a língua portuguesa. Duas breves notícias são elucidativas nesse quesito:

> O presidente da Republica attendendo a uma exposição que lhe foi encaminhada pelo sr. Lourival Fontes, sobre a situação da imprensa que se edita em linguas estrangeiras, em nósso paiz, determinou que seja concedido aos jornaes, revistas ou quaesquer outras publicações periodicas enquadradas naquellas condições,

> o prazo de seis mezes para adoptarem exclusivamente a lingua brasileira, sob pena de lhes ser cassado o registo.
> (Cidade de Rio Claro, 09 fevereiro 1941)

> **Nacionalização da imprensa estrangeira**
>
> O dr. Getulio Vargas presidente da Republica, prorrogou por mais trinta dias o prazo para a nacionalização da imprensa estrangeira. O novo prazo é improrrogavel e vae até o dia 30 de Agosto.
> (Diario do Rio Claro, 02 agosto 1941)

O controle social e a violência cultural visavam ser absolutos, no sentindo de ampla e profundamente onipresentes, vigiando todo aspecto da vida cultural do indivíduo. Estava proibido ser de determinadas etnias, com suas formas de expressão tolhidas sob o pretexto de defesa contra o totalitarismo. Entretanto outro dado é importante para a análise, o de qual seria o ideal, certo, correto e exemplar no comportamento cultural. Entrava-se nesse quesito o que seria a "brasilidade", de ser brasileiro em amplo sentido, o que deveria valorizar, como se comportar, mas também o que e como falar, além de quem deveria defender ou atacar.

Apesar de citarem os "estrangeiros", certos artigos sobre a dita "brasilidade" focam-se, sobretudo, na delimitação, e consequente instrução, do que seria um nacional. Um dos fatores envolvidos era a submissão e admiração ativa ao regime ditatorial estabelecido, uma união sinérgica de poder ditatorial com a violência assimilativa. Obtinha-se, desse modo, justificativa e opções de ação conforme ambos os interesses. O país seria para os "verdadeiros" brasileiros, meio no qual o braço repressivo ditatorial encontrava para impor-se a todo e qualquer indivíduo, de qualquer origem. Não se combatia apenas as culturas imigrantes, davam a estas características estereotipadas e que indicasse comportamento indevido e, por ser um comportamento, mesmo os brasileiros natos, sem ancestralidade destas culturas, poderiam também estar cometendo. Vejamos a construção do que é "brasileiro":

> **<u>O Brasil para os brasileiros</u>**
>
> **Atahyde Puccinelli**
>
> (Copyright U. J. B. para o "Diario")
>
> Felizmente, graças a Deus, as cousas no Brasil estão, cada dia, tornando-se mais brasileiras. Nós brasileiros, filhos destas plagas *verde-amarelas*, estamos com isso, imensamente satisfeitos e orgulhosos. Sob a égide do Estado Novo, criado de acordo com a índole da nossa gente, tudo, por aqui, vai se normalizando.
>
> Queremos isso! E' a voz do povo que assim proclama: o Brasil para os brasileiros! Quem quizér constatar essa verdade e notar o contentamento dos brasileiros, que percorra o nosso vasto "hinterland", que vá onde o homem do campo, satisfeito, lavra a terra, onde o operario, contente, marcha para o trabalho, ambos

cheios de esperanças no chefe da nação e no regime instaurado a 10 de novembro de 37, que novo rumo deu ao país.

Já se cuida, em nosso país, de uma juventude brasileira, de uma historia brasileira, de uma escola brasileira, de uma nacionalização, enfim em tudo e em todos os sentidos. Antes de 10 de novembro, presenciamos, aqui no interior, numa sociedade estrangeira, a "não permissão da entrada de um nosso patrício", alegando os seus diretores, estrangeiros, que aquela sociedade éra exclusiva "deles, estrangeiros". [...]

Hoje, porem, com o Estado-forte, as cousas mudaram.

A nacionalização é hoje, entre nós, um fato indiscutível. Os magnatas, egoístas, os interesseiros, os inimigos da nossa patria remordem-se diante de tal acontecimento.

Assim é que para nós brasileiros, os atos de nacionalização aumentam o nosso amor, o nosso patriotismo, a nossa confiança, a nossa fé no Estado Novo, na clarividencia do presidente Getulio Vargas e na grandesa do Brasil.
(Diário do Rio Claro, 30 maio 1941)

A alma civica brasileira

Arraigado no espirito do povo brasileiro como se tudo quanto de abstrato existe, estivesse em completa comunhão com o proprio corpo, o sentimento de brasilidade, o patriotismo, o civismo incomparável bem representa uma das nossas inexauriveis fontes de riqueza.

Não vem de hoje nem ontem esta qualidade da nossa gente. Muito antes ainda de nos vermos envolvidos em lutas contra invasores da nossa terra, já aqui, na Terra de Santa Cruz, existia a conciencia forte desse sentimento de posse por tudo aquilo que na verdade nos pertencia. Veiu do indio que lutava contra a mão opressora do português escravagista, diante das proprias e duras necessidades. "Esta terra tem dono", "nossa gente é livre", gritavam nossos avós indios. O Brasil pertence unicamente aos brasileiros, que o fecundaram com o seu trabalho, enriqueceram-no com sua incansavel lida e libertaram-no á custa de seu proprio sangue que correu em todos os Estados do Brasil, que já não mais podia suportar os grilhões de uma corôa despota e uma insubmissão incrivel.

No trabalho do negro, na audacia do indio e nas conquistas dos portugueses, reflete o mesmo animo civico que animou a alma dos paulistas que se embrenharem pelo desconhecido a dentro, levando quasi ás praias do Pacifico os limites de nossas fronteiras, que já abrangiam quasi toda a Sul-America, de norte a sul. A bravura que animou o cacique Martim Afonso de Souza, o "Ararigboia", não foi diferente da mesma que levou Camarão, o mameluco, a expulsar o invasor que tentava apoderar-se do nordeste, como tambem não houve diferença entre a epopeia de Manuel Bento e a inconfidencia chefiada por Tiradentes, pois nenhum deles almejava outra coisa senão a independencia da patria escravizada.

Com a mesma alma que expulsamos os paraguaios invasores de nosso territorio; com o mesmo entusiasmo que revidamos uma afronta levada a cabo pelo genio utopico de Lopez, ainda hoje abraçamos os irmãos do sul, confraternizados nos mesmos ideais, tomando as mesmas atitudes, visando o mesmo fim.

As épocas que sucedem, os homens permutam-se de gerações a gerações, mas a alma civica brasileira não perece e cada vez se mostra mais forte, mais poderosa, cada vez mais brasileira.
(Diario do Rio Claro, 10 fevereiro 1942)

O “brasileiro”, segundo os artigos, tem a índole do Estado Novo, com a classificação étnica definida, ele é indígena, africano e sobretudo português. Vemos a reconstrução da história nacional em seu uso propagandístico, para abarcar o combate ao “estrangeiro invasor”, exemplo de construção do inimigo, dando um sentido identitário e justificativa à perseguição etnocultural e a submissão ao regime. Além da imagem de Getúlio Vargas, o qual seria engrandecido por ser o ditador, havia também outros nomes a serem reverenciados, com estes tendo posição de destaque frente a outros. Um desses nomes é de Rui Barbosa, o que é simbólico à nossa análise, se lembrarmos da ação desse intelectual e político na estigmatização da comunidade alemã. Como vemos em uma notícia onde o político teria sido “ofendido”:

Rui Barbosa insultado

(C. E. C.)

Em certa cidade importante do Estado de São Paulo, ha poucos mêses, deu-se um caso que bem devia merecer a atenção dos poderes públicos.

Tipo execrado do adulador e vergonhosamente sabujo, o prefeito dessa cidade, para se ilustrar perante o interventor que recentemente foi exonerado, substituiu o nome de uma rua que se chamava “Ruí Barbosa” pelo nome do aludido interventor.

Tratando-se de um áto insultuoso ao grande heroi das letras nacionais, o individuo que o praticou, símbolo de carater pouco lisonjeiro, deveria merecer punição severa, pois, a personalidade de Ruí Barbosa, além de admirada e consagrada, deve ser respeitada. [...] O que nos surpreende foi a sucstituição insultuosa para o imortal patrício. Nenhum nome brasileiro póde substituir o de Ruí Barbosa em homenagem que consagram o seu gênio. E muito menos o de um homem que não possue e nunca possuiu lastro político e significação inteletual longinquamente comparavel a Ruí.

(Cidade de Rio Claro, 13 agosto 1941)

A construção do princípio de realidade, juntamente à da identidade nacional, utiliza-se da História e de nomes em destaque. O ideal de liberdade e coragem passa a ter um povo específico, com exemplos a serem seguidos, como Rui Barbosa e Getúlio. Um contraste, entretanto, acabava por aparecer: uma população tão próxima da liberdade e dos ideais nobres iria defender um regime ditatorial? Uma nação contrária ao totalitarismo aceitaria um ditador?

Esta contradição era notada, pois não deixava de ser um problema na construção identitária “brasileira” (ou ao menos a sua versão propagandística), que ao mesmo tempo procurava defender o regime, mas atacava-o indiretamente. O brasileiro seria então ditatorial ou totalitário? Segundo o pensamento nacionalista e assimilacionista, a resposta é que “não”:

HAVERÁ ALGUM BRASILEIRO TOTALITARIO?

Roberto Alves de Campos

Exclusividade da C. E. C. para a “Cidade de Rio Claro”

> Em toda a imprensa do pais e do Continente temos visto os mais fartos comentarios a respeito das atividades nazistas em todo o hemisfério. Sabotagens, espionagens, conspirações, subversões, penetrações revolucionarias e uma imensidão de atos da chamada "quinta coluna".
>
> Nos mínimos detalhes das atividades totalitarias, podemos ver nitidamente o maleficio que causam á paz de nossa vida e á segurança da nação. [...]
>
> Depois de procedermos a uma perfeita e acurada observação, qualquer brasileiro, ciente e consciente dos seus deveres, pode constatar que as ditaduras só podem ser nocivas e perniciosas á existencia dos povos.
>
> Um brasileiro que tenha responsabilidade patriotica e que seja honesto, integro, alfabetizado, e até medianamente inteligente, percebe a dimensão do desastre que atingiria o Brasil se um dia viesse a ser dominado pelas doutrinas de opressão e de força. [...] Não ha mais, portanto, oportunidade para alguem neste pais democratico, ser totalitário sem se considerar e se qualificar de traidor e conspirador da patria.
>
> Ser totalitario é ser contra o Brasil, é ser contra a humanidade, é ser contra a civilização.
>
> O assunto não merece mais interpretações, esta definido pela soberba politica nacional que colocou o pais na posição que a sua estatura historica exigia.
>
> (Cidade de Rio Claro, 18 abril 1942)

O problema persiste, mesmo que seja parcialmente esquivo quanto à defesa do ditador Vargas, apenas não reconhecendo que o país estivesse em uma ditadura, ou apenas não comentando a respeito (durante o Estado Novo, pois o pós-guerra o colocará como ditador e próximo aos totalitarismos). De todo modo, há diversos esforços para criar a "brasilidade", com acadêmicos, intelectuais, políticos, artistas e jornalistas, na tentativa de construir a cultura nacional, tentando moldar sentimentos e identidades. Não devemos, entretanto, imaginar como um constructo fixo e imutável, pois as discussões sobre a identidade nacional tiveram suas mutações durante o regime, como podemos ver na notícia de um "Congresso de Brasilidade":

> **SENTIMENTO DE BRASILIDADE**
>
> Sob a presidência do Ministro Gustavo Capanema, titular da pasta da Educação, dar-se-á hoje no Rio de Janeiro, a posse do sr. Ataulfo Paiva no cargo de diretor do Congresso de Brasilidade, a ser instalado em nosso país.
>
> Como a própria denominação esclarece, o Congresso de Brasilidade terá a discorrer sôbre assuntos de marcante expressão pátria, envolvendo em suas téses e pareceres, o mais firme e vibrante sentimento de patriotismo. [...] Vai o Brasil a caminho de uma consagração raríssimas vezes atingidas pelos grandes países, porque é dirigido por denodados batalhadores de uma causa a edificar a glória perpetua de uma potência: a nacionalização.
>
> O conflito atual veio trazer para o país, um impulso bastante definido perante si próprio, elevando o seu prestigio, salientando a sua dignidade, engrandecendo a sua sobrenaria. Lutando ao lado das nações independentes, o Brasil manifesta tôda a sua imponente fibra de bravo defensor dos altos destinos da Liberdade, mobilizando-se de norte a sul, de leste a oeste, para formar uma só alma, um só espírito, uma só fôrça para proceder à defesa de sua integridade territorial. [...]
>
> *MARA*
>
> (Diario do Rio Claro, 15 junho 1944)

As construções culturais nacionalistas “favoreciam” certos grupos e desconsideravam os outros. Aos desconsiderados não era possível manter a cultura e identidade de seus familiares, pois se nasceram no Brasil teriam que apresentar o que construíam por identidade nacional, e aos que imigraram restava aceitar e apoiar tais medidas. O não aceite da violência assimilativa seria então tido como deslealdade ao país de adoção, independentemente do que pensavam ou faziam. Rejeitar a imposição assimilacionista era, para tal movimento, uma inaceitável traição. Dois artigos, que aparecerem em Rio Claro, são elucidativos nesse aspecto, com o primeiro sendo escrito por um imigrado, o Conde Emmanuel de Bennigsen, defendendo a ação ativa dos imigrantes alemães e japoneses no exercício de sua lealdade ao Brasil; o segundo artigo é cobrando “lealdade” para uma suposta integração do imigrante, exigindo que obedeçam aos deveres cívicos:

Prudencia e lealdade, dever dos estrangeiros

Conde Emmanuel de Bennigsen

(Exclusividade da C. E. C. para a “Cidade de Rio Claro”

Tendo emigrado ha mais de um quarto de seculo, compreendo a situação delicada em que se encontram atualmente em todes os paises, mesmo não beligerantes, os estrangeiros e, entre eles, sobretudo, os nacionais dos países com os quais poder-se-á talvês entrar logo em guerra. Essa situação exige deles uma grande prudencia e uma ainda maior lealdade para com os países que habitam. E é então que nos encontramos deante da questão da espionagem e daquilo que se costuma denominar “5.a coluna”. Na minha juventude, a espionagem e todas as atividades analogas, eram consideradas como ocupação vergonhosa, mas, desde então, as opiniões mudaram e atualmente coloca-se entre as obrigações de cada cidadão, tambem esta: informar as autoridades de seu país de tudo que conseguem observar no estrangeiro de interessante para defeza de sua patria.

Podia-se antigamente admitir esse ponto de vista, porem, desde há 30 anos complicou-se com a questão da “dupla nacionalidade”. Conhece-se a lei alemã de Delbruck, segundo a qual os alemães naturalizados noutros paises conservam a sua nacionalidade alemã e com ela todas as suas obrigações para com a Alemanha. O mesmo principio foi adotado pelo Japão, sem que se tenha no entretanto, publicado uma lei especial.

Dessa maneira, após o bombardeio de Pearl Harbour em 7 de Dezembro ficou constatado que, entre os informadores do Consulado Japonês, que era tambem o centro de espionagem no Hawaii encontravam-se muitos japoneses naturalizados nos Estados Unidos. Considerava-se nesse pais que o juramento de fidelidade prestado por cada naturalizado bastava para garantir os interesses do país, porem, a realidade mostrou que não se podia mais ser tão otimista para com os alemães e japoneses. Os jornais americanos afirmam que sómente unidades sobre os 150.000 japonêses que habitam o Hawaii (sobre uma população de 450 000 habitantes) tomaram parte nessa espionagem; porem, esse fato bastou para tornar suspeitos todos os japoneses. E póde-se ainda dizêr que, esses espiões japonêses e os espiões alemães – nos outros paises – tornaram gravemente suspeitos e, não sómente nos Estados Unidos, todos os representantes dessas duas nações, o que explica as medidas tomadas contra eles.

De outro lado, essas medidas impõem aos japoneses e alemães concienciosos, a obrigação de redobrar os cuidados para se conservarem leais para com a sua patria de adopção. Compreende-se por toda a parte que, não se poderia responsabilizar a todos, pelos crimes de alguns de seus compatriotas; porem, eles devem contribuir sinceramente para impedir a repetição desses crimes no futuro.
(Cidade de Rio Claro, 01 março 1942)

Hospitalidade, sim, mas lealdade tambem

Comentário da Inter-Americana

O Brasil pode vangloriar-se legitimamente dos sentimentos de hospitalidade do seu povo e do seu Estado. Nossas leis são generosas e humanas para todos aqueles que se acolhem às terras brasileiras, e tão generosas e humanas são que nunca procuram saber os motivos que os cá trouxeram. Nossa gente honra as nossas mais puras tradições de solidariedade humana e guarda as suas melhores maneiras para não tornar, pelo menos, desagradável a vida aos homens de outras paragens e de outros Continentes, [...]. Basta-nos, como Govêrno, que todos, brasileiros ou não brasileiros, se submetam, com dever cívico, ás prescrições das nossas leis, de resto tão compreensivas e humanas, e, como nacionais, temos apenas o direito a esperar que todo aquele que, por qualquer circunstância de ordem pessoal com a qual nada temos, se sinta mal humorado no nosso meio procure melhor disposição longe da nossa companhia. O Brasil não retem ninguem contra sua vontade. Felizmente – digamo-lo em honra da verdade – a grande massa da população estrangeira, que entre nós vive e trabalha, está definitivamente integrada na vida do nosso Brasil, que considera, sinceramente, não apenas como a sua segunda Pátria, mas como a sua nova Pátria.

O estrangeiro nunca nos interessou pela sua origem nacional; interessa-nos somente pela sua conduta. O Brasil é, talvez, entre todas as comunidades humanas, a que mais nega as concepções raciais. Pode ser que nos tenhamos de arrepender um dia pelo amplo critério que determina as nossas normas de convivência com os outros, tanto mais que aqueles que fizeram das concepções raciais um dos postulados mais primários, mas também mais intransigentes, dos seus fins de guerra, já demonstraram com fatos tão convincentes como sejam os ataques injustificados á nossa Marinha Mercante que são inimigos declarados do Brasil. [...]

Nessas condições, toda a justiça nos assiste para esperar do estrangeiro que aqui reside, senão amor, pelo menos lealdade para conosco. Ultimamente nossos serviços policias teem descoberto e reprimido atividades subversivas, que atentam contra a nossa segurança. A ninguém saberemos exigir que deixe de sentir pela sua Pátria de origem o aféto que lhe deve, mas dada a conduta do nosso govêrno e do nosso povo, temos o direito, repetimos, de reclamar, pelo menos, lealdade para com o Brasil. E quem tiver pontos de vista tão singulares e estranhos que não possa tornar compatíveis esses dois sentimentos, só têm um caminho a seguir: abandonar voluntariamente o Brasil, o que ainda é em última análise, um gesto de lealdade de que nos julgamos merecedores. Para os que assim não procederam, não pode haver fraquezas sentimentais de consideração subalterna. Caiam sôbre êles, implacavelmente, o peso das nossas leis, e que lhes sejam aplicadas as medidas, mesmo excepcionais, que a nossa defesa reclame como indispensaveis. [...]
(Diario do Rio Claro, 19 março 1942)

Em ambos os artigos, há a defesa de uma fidelidade absoluta ao Brasil, que incluía o ato de aceitação e submissão que fossem contrários a si, a seu grupo e sua cultura, à custa de serem

expulsos ou de sentirem o peso das leis. A obrigação e vigilância eram voltadas a todo pertencente aos grupos perseguidos, sejam eles imigrantes ou descendentes no país, devendo realizar pronunciamentos em prol do Brasil, com a sua ausência sendo também considerada ato de traição à "bondosa nação sem preconceitos":

Dupla Nacionalidade

A dupla nacionalidade que individuos mantêm dentro da terra onde nasceram, vivem e prospera, é o maior crime que se póde cometer contra a propria patria, porque revela intenções malignas, propósitos traiçoeiros de possivel concretização.

Para esses refalsados e abjetos individuos a cidadania conhecida e contante do registo publico vále apenas para, iludindo a lei, tramarem contra a soberania do país que lhes serviu de berço, do país que não amam nem admiram, porque seus páis lhes ensinaram a exaltar a nação que fica do outro lado do oceano e lhes incutiram no espirito, desde a infancia, que a terra de nascimento é apenas o prolongamento da patria dos seus maiores, presunção que eles confiam seja homologada por conquista, com a ação quintacolunistica de todos os elementos da mesma origem racial.

A posição do Brasil, nesta lúta sem quartel das democracias contra os estados agressores, veio revelar que ha brasileiros tanto ou mais perigósos que subditos do "eixo" inadaptados ou para aqui vindos com missões de espionagem e preparação militar clandestina. E' essa casta de individuos que tem o nome nos livros do registro civil mas tambem figura nos assentos consulares, onde se lhes atribue, como local de nascimento, cidades japonêsas ou de outros países, conforme a origem dos páis.

A bondade de alma do nósso pôvo, a ausencia de preconceitos da nóssa raça, a prosperidade propria e dos páis aqui alcançada, em contraste com a miseria da vida nas terras de onde procederam os seus ascendentes não desvia esses maus e indignos brasileiros da senda tortuósa em que foram colocados e não ráro, constituindo familia, levam os descendentes à mesma trilha de traição ao país que os abriga e sustenta.

E' para esses perfidos brasileiros que o nósso ilustre representante no Uruguai, dr. Batista Luzardo, recomenda o maximo rigor, pois não se concebe que os leais e valentes filhos da Nação Brasileira, a imensa maioria, felizmente, acorram ao chamado da Patria tendo ás suas costas, oculto mas pronto para ferir, o punhal da infamia e da traição.

O momento não admite duplicidades e atitudes ambiguas.
(Cidade de Rio Claro, 12 abril 1942)

Amigos ou Inimigos

Frente ao inominavel crime da brutalidade "eixista", perpetrado contra os bens e vidas de brasileiros em aguas do Brasil, quando criancinhas brasileiras, mães patrícias, marujos e soldados, nossos irmãos, tombam na superfície glauca do oceano onde tubarões vorazes espadanam aguardando a presa inocente que a sanha totalitaria lhes arroja em traiçoeiro golpe, este jornal não precisa definir sua atitude porque ela é conhecida de todos que habitam este municipio – dos que sempre o aplaudiram e acompanharam nas convicções manifestadas, e dos que o combaterem om as mesmas insidiosas armas empregadas no assassínio de centenas de filhos do nosso amado Brasil.

E' uma atitude que remonta ao seu aparecimento no cenário municipal e que, através de todas as situações e acontecimentos, circunscritos e mundiais, se foi acentuado e precisando a despeito de perigos e obstáculos levantados no seu caminho, obstáculos que perduram como que fazendo parte de um sinistro plano organizado

> para fazer calar uma voz que sempre propugnou pelos ideais de justiça e decencia humana e que fez da dignidade e prestigio de nossa Patria um refrão a todo o instante anunciado.
>
> Atentos, observando em silencio, nós vimos e continuamos vendo que todos aqueles que procuram a destruição deste jornal pertencem, a pezar de todas as mascaras com que se cóbrem, a essa especie de gente que o Presidente Vargas tenciona mandar para o sertão do Brasil, de enxadão, pá e picareta ao ombro para realisar, compulsoriamente, algo de mais util e nobre do que trair os irmãos a soldo do nipo nazi-fascismo.
>
> A deshumanidade totalitaria, sem equivalencia na historia dos povos civilizados, o crime que fez rolar a pedra da montanha, segundo a expressão exáta do prof. Cardoso de Melo Neto, trouxe até a nossa casa a guerra que ponderados e refletidos sempre procuramos evitar. E', porem, nesta fáse inicial, uma guerra de vigilancia e expurgo, porque é dentro deste imenso lar brasileiro que se encontram usando os mais variados disfarces, perdidos na multidão ou alcandorados em posições habilmente alcançadas, os mais terríveis, nefastos e perigosos inimigos que o Brasil já conheceu. [...]
>
> Nesta hora decisiva que vivemos, quando o "eixo" nos arrasta á guerra e nos agride em nósso proprio territorio com uma audacia reveladora do odio mortal que nos vota, dos propósitos de destruição de que se acha possuído a nosso respeito, não há mais lugar para a timidez, porque o medo não salva e nem preserva e todos os povos que se agacharem atemorizados foram implacavelmente esmagados pelo tacão da bésta. Nesta hora unica da nacionalidade brasileira, silencio e indiferença são sinônimos de traição, de concordância e colaboração com o sanguinário inimigo, o bandido que arma ciladas á nossa porta e abate crianças e mulheres fria e calculadamente vangloriando-se da ação miseravel que praticou.
>
> Atentai, brasileiros e filhos de outras terras que sentis brasileiramente: todo aquele que procura justificar o gesto dos bandoleiros do mar ou cála e se esquiva a um pronunciamento, é assalariado do "eixo" e traidor e como tal deve ser apontado e denunciado.
>
> O instinto de conservação, a livre e soberana existência da Patria, a sobrevivência do Brasil que os nossos maiores criaram reclamam, impõem essa conduta firme e destemerosa a todos os brasileiros dignos, a todos os amigos do Brasil, a quantos esposam a nobre causa das Nações Unidas – Nossa Causa.
>
> Amigos ou inimigos – eis a questão simples de definir mas de importancia capital para nossa Patria.
>
> (Cidade de Rio Claro, 20 agosto 1942)

Tal questão, poder-se-ia argumentar, seria então voltada apenas às culturas que estivessem em conflito direto com o Brasil, respeitando-se consequentemente os grupos de imigrantes e descendentes que não estivessem envolvidos. Contudo, não é isso o que se constata documental e bibliograficamente, pois, apesar de haver grupos mais perseguidos que outros – notadamente os tidos como súditos dos países do Eixo, havendo até entre eles diversos níveis persecutórios e ações específicas conforme a etnia –, outros imigrantes e até mesmo refugiados da Guerra Mundial também deveriam se submeter às normas assimilacionistas.

Podemos ver 2 artigos, um de 1941, durante o conflito, e outro em 1944 perto de seu fim, sobre a questão de novas correntes imigratórias, com indivíduos que não possuíam mais um país que pudesse apontar nos mapas como sendo de origem. A despeito de quem fossem, entretanto, deveriam ser registrados, e consequentemente vigiados como estrangeiros, para melhor "integrá-los" à nova nação, com o mesmo sendo válido para a sua entrada, sendo sobreviventes ou refugiados, como vemos:

HOMENS SEM PA'TRIA

Na estatística, ultimamente divulgada, dos estrangeiros entrados no país pelos portos do Rio de Janeiro e de Santes, no primeiro trimestre dêste ano, figuram nada menos de 34 indivíduos declarados "sem patria."

São decerto filhos de países que desapareceram do mapa como nações independentes e agora não têm uma nacionalidade a mencionar. O fato é bem de uma época em que, como já na anedota se acentuou, o ensino da geografia politica depende da leitura do jornal do dia.

E' de vêr a dificuldade que a multiplicidade de perdas de nacionalidade acabaria por oferecer ao nosso censo demográfico, realizado já em plena fase de guerra e outras vicissitudes internacionais. Foi, assim, ao mesmo tempo prudente e sábia a orientação seguida do preenchimento dos questionários, em setembro do ano passado, com relação à declaração do país de nascimento dos estrangeiros. Como país de nascimento se entendeu a condição da terra natal no ano em que o recenseamento nasceu. Evitou-se qualquer constrangimento da parte do declarante, abstruindo se uma questão de natureza política, e se obteve informação precisa e extreme de qualquer dúvida, como convém a fins estatísticos.

A exigência de registro de estrangeiros, as medidas do Conselho de Imigração e Colonização e outras providências de contróle da presença do elemento alienígena na composição da população brasileira, conferem já hoje ao assunto a importância que bem merecia. Mas no Recenseamento Geral de 1940 é que caberá prestar um grande volume de informações, pois o estudou em conjunto sob aspectos até hoje ainda não apreciados, fixando fielmente o processo de integração do imigrante na vida nacional. (Cidade de Rio Claro, 20 junho 1941)

Correntes imigratórias

O governo de Minas Gerais tomou a iniciativa de instalar em suas terras vinte mil familias de colonos estrangeiros. A iniciativa, em principio, é merecedora de aplausos, porque de fato, o nosso país precisa de braços para a sua lavoura.

O assunto, entretanto, oferece delicadezas que é necessário não esquecer. O Brasil já pagou bastante pela facilidade que abriu seus portos e suas fronteiras ao elemento estrangeiro, sem um criterio de seleção. E o que ocorreu com os colonos alemães e japoneses deve servir de exemplo, para tomarmos cautelas com o problema de imigração.

Com o fim da guerra, as correntes imigratorias nos procurarão. E' um fenômeno natural da miseria que a guerra trouxe para a Europa. Entretanto, o Ministerio do Exterior, em conjugação com o Departamento Nacional de Imigração, poderá estudar o assunto, com elevação e criterio, tendo em vista, acima de tudo, os interesses da segurança nacional.

Um jornal da Baia, tratando da deliberação do governo de Minas, concita o governo baiano a encarar o problema, tendo em vista a grande extensão do territorio

> do Estado, que reclama braços para a lavoura e para a exploração das suas riquezas minerais.
>
> Afinal, todo o Brasil quer gente para trabalhar. Todavia a questão da entrada de estrangeiros deverá ficar sempre submetida ao criterio do governo federal.
>
> (Do "Diario Carioca" de 8 do corrente)
>
> (Cidade de Rio Claro, 15 dezembro 1944)

Assim estava dada a violência assimilativa, a qual atingia a todos os imigrantes e seus descendentes, mesmo que a alguns grupos com mais afinco e agressividade. Essa sanha cultural nacionalista estaria voltada a todo tipo de estrangeiro e suas ações no país, ações essas que por vezes eram notadas como, comparativamente, de maior eficácia pelos próprios perseguidores, como vimos na questão educacional. Mesmo que a definição do que era "ser brasileiro" não estivesse bem delimitada, com construções variantes no tempo e espaço, os membros dos grupos étnicos deveriam apresentar-se não apenas como exemplos de brasilidade, como também pronunciá-la orgulhosamente dada as oportunidades. A permanência de elementos culturais era tida como traição, quinta-colunismo, espionagem, incluindo-se aí toda forma de reunião, a qual, quando era permitida, seria somente para imigrados e não seus descendentes.

Afirmamos que a violência assimilativa era arma do governo, pois era utilizada para manter o controle e submissão ao regime, com os intelectuais propagadores da nacionalização defendendo tais armas do Estado e suas brutalidades. Evidentemente que não era apenas esse aspecto que está imbuído a ditadura Varguista, indicamos a questão assimilativa pela pesquisa estar centrada nas questões culturais do período, com grupos que apresentam profundas cicatrizes de tais perseguições. De todo modo, fica-se constatada a sinergia de tal construção de "brasilidade" com as violências estatais ditatoriais, sendo elemento imprescindível na análise de qualquer grupo étnico presente no período (incluso os de origem nacional), pois foram afetados, em maior ou menor grau, por tais imposições de violência cultural.

Portugueses são estrangeiros ou nacionais?

Como vimos, a formação cultural que se pretendia "brasileira" era a de uma mescla, construída por intelectuais e políticos, supostamente baseados na "realidade" nacional, a qual seria formada pela cultura africana, indígena e portuguesa. Não afirmamos, com isso, que estas 3 fossem simuladas de forma digna ou correta para com as etnias que elas representariam. Contudo, mesmo que deformadas aos desígnios dos assimilacionistas e do regime ditatorial,

tais culturas tiveram destaque e "defesa" frente às "invasoras" que deveriam ser preteridas. Apesar de serem vistas como elemento constituinte da nacionalidade, as partes africana e indígena continuavam a sofrer preconceitos raciais, destacava-se assim, entre as priorizadas na "brasilidade", a portuguesa. O favorecimento da cultura lusitana, de tal modo, fortalecia duas frentes de repressão cultural do período: assimilação (ou nacionalização) e embranquecimento.

Alguns problemas não deixariam de se apresentar. O imigrante continuava sendo o que era, um estrangeiro e, mesmo que privilegiado por ser português, não deixava de ser visto como um "forasteiro" no país. Ainda pior, apesar de que o Brasil também estivesse em uma ditadura, Portugal estava, de modo similar à sua ex-colônia, com um ditador em posição de neutralidade ao combate, mas com maiores tendências ao Eixo. Tais condições não passaram despercebidas, porém com consequências brandas, quando não inexistentes, aos portugueses. Mesmo assim, não devemos desconsiderar que tiveram sua cultura vitimizada nas violências assimilativas, contudo e apesar, de serem um dos elementos que compunham o "ideal" de tais agressões.

Vimos anteriormente que as colônias deveriam ter no mínimo 30% de brasileiros natos e, se não fosse possível, a presença de mesma porcentagem de imigrantes portugueses seria obrigatória (Cidade de Rio Claro, 15 dezembro 1938). Os portugueses possibilitariam, assim, a assimilação de outros imigrantes, pois sendo parte formadora da "cultura brasileira", eram somente preteridos se comparado a outros brasileiros. Esta "hierarquia do preterimento" era conhecida, o problema era o "não latino" (excetuando os italianos, ainda indesejados). Podemos ver esta argumentação que diferenciava o português de outros imigrantes no artigo:

> A proposito das vantagens ethicas e economicas da immigração portugueza para o Brasil, que o Conselho de Immigração e Colonisação da Republica pretende incentivar com o fim de preservar as virtudes raciais do povo brasileiro, disseminando-a nos maiores nucleos de raças não latinas fixadas no Sul do nosso paiz, a Associação dos Antigos Alumnos da Faculdade de Direito de S. Paulo, por intermedio do seu presidente, enviou [...] a seguinte missiva: "Em nome da Associação [...] felicito sinceramente esse illustre Conselho pelo voto de hontem, com que approvou a indicação do sr. João Carlos Muniz, relativa á immigração portugueza.
>
> Não apenas a consideração de nossos interesses economicos mas tambem o conhecimento de nossa origem e de nosso destino historico, impõe-nos o dever de differenciar o immigrante portuguez do immigrante de qualquer outra nacionalidade. (Cidade de Rio Claro, 12 novembro 1938)

Vemos que o conflito com a comunidade portuguesa ocorre, brevemente, com o fim do teatro europeu da guerra. O ditador lusitano lamentou a morte de Adolf Hitler, e tal fato iria implicar consequências aos imigrantes, com os olhos sendo voltados ao seu grupo. Contudo, a

perseguição não era igualmente virulenta como era para os "súditos do Eixo", permitindo que os portugueses mantivessem elementos culturais, falassem e fossem ouvidos pela sociedade:

> **Salazar está de luto!...**
> **Os portuguesês do Brasil estão em festa**
>
> A colonia portuguesa do Rio critica acerbamente a atitude do governo português decretando dois dias de luto nacional pela morte de Adolf Hitler.
>
> Essa demonstração nazista do governo de Portugal – afirmam os portuguêses – muito virá prejudicar a integração de sua patria no conjunto das Nações Unidas.
>
> O ex-marinheiro da Armada de Portugal, João de Deus, que ha 5 anos se encontra exilado no Brasil, procurou a imprensa carioca para protestar em nome dos portuguêses livres contra o gesto do sr. Oliveira Salazar decretando luto por morte de Hitler. O ex-marujo português disse que abandonou sua Patria por não tolerar o governo fascista que nele manda e desmanda, acentuando: "Nós, portuguêses livres, não estamos de luto pela morte de Adolf Hitler. Nós estamos em festa".
> (Cidade de Rio Claro, 05 maio 1945)

Logo no dia seguinte, há novo artigo defendendo que os portugueses no Brasil são contra o discurso de Salazar, trazendo carta de "portugueses anti-fascistas" enviada ao ditador:

> **A indignação dos portuguêses do Brasil**
>
> Elementos da colonia portuguesa de São Paulo, discordantes da politica seguida pelo chefe do seu governo, e de sua atitude em decretar luto oficial pela morte do ditador nazista enviaram ao sr. Oliveira Salazar o seguinte telegrama:
>
> "Em nome de 500 portugueses anti-nazi-fascistas residentes em São Paulo, Brasil, protestamos energicamente por sua atitude de decretar luto por Hitler. Como carrasco e ditador do governo português, pedimos a bem da patria e da humanidade sua demissão a)– Neves Duarte".
>
> Informa o sr. Neves Duarte que os portugueses anti-fascistas de São Paulo irão reunir-se em uma entidade representativa para lutar contra a ditadura de Oliveira Salazar
>
> O "Diario da Noite", do Rio, publica uma longa declaração-protesto de inúmeros portugueses livres radicados no Brasil e pertencentes a diversas filiações ideológicas democráticas e socialistas, em que se profliga o ato do governo português que declarou luto oficial em sinal de pesar pelo "maior facinora da humanidade".
> (Cidade de Rio Claro, 06 maio 1945)

Os portugueses não somente eram ouvidos, eram também acreditados diretamente e não possuíam elementos impeditivos de exercerem sua voz. Mantinham sua identidade, eram portugueses brasileiros, algo que outros imigrantes não tinham direito, ao menos não sem consequências das mais diversas, com gravidades igualmente variáveis. Sendo estrangeiros, não deixaram de sofrer perseguição e agressões assimilativas, mas é inegável que estas foram mais brandas, por serem vistos como principal e mais desejado aspecto da formação cultural

brasileira, não sofrendo racismo como os outros elencados na construção da nacionalização, tampouco eram combatidos e silenciados como os "inimigos" do Brasil.[37]

Podemos afirmar, de tal modo, que no bojo das culturas estrangeiras, os portugueses eram os mais beneficiados. Apesar dos italianos serem também de origem "latina", sua cultura não fazia parte da "brasilidade", sendo vistos como mais desejados, dentre os grupos odiados, por sua suposta tendência a serem assimilados. A "latinidade" do italiano o colocava numa posição que, mesmo contrária à sua cultura, o ideal assimilacionista não combatia com mesma intensidade do que a vinda de alemães e japoneses. Vejamos agora questões referentes aos "menos" odiados dos considerados "abomináveis" pela ditadura e pela *intelligentsia* brasileira.

Amigos Italianos, o que aconteceu com vocês?

Apesar de serem parte dos grupos perseguidos no período, os italianos possuem certos aspectos que são destacados quanto aos discursos proferidos e ações tomadas contra eles especificamente. A cultura da comunidade de imigrantes e descendentes italianos seria estigmatizada como "fascista", assim como os alemães com o nazismo e os japoneses com o imperialismo e a *shindo renmei*. Tal correlação persecutória e estigmatizante era visada pelos assimilacionistas e pelo regime ditatorial, porém, eram vistos ao mesmo tempo como um povo desejado, por serem latinos e, consequente e supostamente, mais fáceis de serem assimilados, além de auxiliarem no processo do embranquecimento populacional.

Lembremos que o fascismo não era, necessária e completamente, considerado deletério pelo mundo, com posicionamentos elogiosos ao regime. Antes era visto como uma resposta possível ao "perigo comunista", e até mesmo como um aliado contra o dito monstro vermelho. A sua aproximação com o nazismo e consequente ataques aos países aliados que tornaria o fascismo e, por decorrência, os imigrantes italianos, como elemento perigoso, inimigo e invasor. Não devemos com isso cometer 2 erros possíveis, causados seja por anacronismo ou por descuido analítico: 1) não reconhecer as especificidades da perseguição aos italianos, com ampla defesa de sua permanência e novas ondas imigratórias, com esforços de descolar o

[37] Para uma leitura focada nos imigrantes portugueses, sua vida e a contradição entre aceitação da sociedade e antilusitanismo, recomendamos o artigo centrado na cidade de São Paulo: "Nem cá nem lá: cotidiano, cultura e trabalho. Imigrantes portugueses São Paulo 1890-1950" de Maria Izilda Santos de Matos (2005)

estigma fascista do grupo imigrante; 2) defender que por estas especificidades os italianos foram “menos” perseguidos, ou que deixaram de sofrer consequências culturais por isso.

O que visamos demonstrar é que as estratégias de violência assimilativa e ditatorial foram diferenciadas, mas nem por isso menos deletérias. De toda forma, não podemos desconsiderar o fato de que a imigração italiana era desejada e que os italianos, incluso até o ditador Mussolini, eram bem-quistos mundialmente, não nos esquecendo que antes de sua aliança a Hitler, havia tentativas de convencê-lo a fazer parte de uma frente contra o comunismo e, depois, também contra o nazismo (ORWELL, 1943/2017, p. 54-62).

Um exemplo da suposta “vantagem” dada a italianos está na questão da locomoção pelo estado, em que estes teriam maior liberdade em comparação aos outros “súditos do Eixo”:

> **Livre locomoção dos italianos neste Estado**
> **Excluidos da concessão os fascistas e simpatizantes do “eixo”**
>
> Comunica a Superitendencia da Segurança Politica e Social:
>
> “O superintendente da Segurança Politica e Social, major Olyntho de França Almeida e Sá, quando do rompimento das relações diplomaticas e comerciais do Brasil com os paises do “eixo”, depois de severo exame da situação, entre outras providencias relacionadas com a segurança e a tranquilidade publicas, resolveu determinar a exigencia de salvo-conduto para os cidadãos italianos, alemães e japoneses que desejassem viajar.
>
> Com essa determinação, cujo alcance não é preciso encarecer, pode a nossa Policia não só exercer um controle rigoroso sobre os movimentos daqueles elementos, como obter meios de prevenir atividades perniciosas e, tembem, ajuizar, com segurança, as verdadeiras intenções de que se achavam possuidos com relação ao nosso país, que os acolhera de braços abertos, como verdadeiros amigos.
>
> A medida, executada com o maximo de energia e serenidade, proporcionou ás autoridades o ensejo de uma ação mais severa e acauteladora dos nossos interesses e, ao mesmo tempo, a conclusão de que há que destacar, no seio da colonia italiana domiciliada em S. Paulo, uma grande maioria de cidadãos, aqui radicados desde a infância e que muito teem contribuído para o progresso geral do Estado. São, geralmente, os velhos e dignos italianos, que respeitam as nossas leis, acatam as autoridades e trabalham, sem qualquer preocupação politica, compreendendo, sobretudo, que nem na própria pàtria deles, atualmente, encontrariam um regime de liberdade e segurança como no Brasil.
>
> O major Olyntho de França, auxiliado pelo delegado Ribeiro da Cruz, da Ordem Politica, após meticuloso estudo e observação a respeito do procedimento honesto desses cidadãos e convencidos de que absolutamente não oferecem qualquer perigo á segurança pública, resolveu que, a partir do dia 15 do corrente mês, fiquem eles dispensados da exigência do salvo-conduto, podendo locomover-se com plena liberdade dentro e fora do Estado.
>
> Da presente concessão, porem, ficam excluidos todos os italianos declaradamente fascistaz, ou fichados na Ordem Politica e os que se teem mostrado ou venham a mostrar-se, de qualquer modo, simpáticos à politica dos países do “eixo” e, consequentemente, hostís á nossa pátria.
>
> A Superintendência de Segurança Política e Social, absolutamente prevenida e aparelhada para qualquer emergência e, ainda, segura da situação, adverte, entretanto,

> que suspenderá em qualquer tempo essa medida de consideração se os benefícios não corresponderem à expectativa."
> (Diario do Rio Claro, 04 julho 1942)

Fica evidenciado a diferença de tratamento, com a comunidade italiana sendo mais bem-quista que a de alemães ou nipônicos, refletindo a política imigrantista desejada. Por outro lado, temos que nos atentar ao que é descrito: 1) A exclusão daqueles que se declararam publicamente fascistas ou foram fichados pela polícia era óbvia; 2) Mas o acréscimo daqueles que supostamente tenham "mostrado ou venham a mostrar-se, de qualquer modo, simpáticos à política dos países do 'eixo' e, consequentemente, hostis à nossa pátria", denuncia que todo italiano, por qualquer motivo, poderia ser considerado como suspeito e, assim, necessitaria de salvo-condutos. Os processos de ameaça estavam presentes, independentemente de se verem obrigados ou não a requerer suas permissões de viagem.

Corroborando à nossa afirmação de que os países possuíam bons olhos para com a população italiana, vemos o artigo escrito por um italiano, o Conde Nicola Florenzi, de Nova York, para o jornal "Cidade de Rio Claro", comentando sobre os problemas militares que a Itália, um inimigo dos Estados Unidos e do Brasil, estava enfrentando:

> **O italiano não é soldado covarde**
> **Conde Nicola Florenzi**
> (Exclusividade do C. E. C. para a "Cidade de Rio Claro"
> NOVA YORK, – Apesar de ser considerado anedoticamente um pessimo soldado, na verdade, o italiano não é covarde. Trata-se de circunstancia que precisa ser analisada. A situação moral, politica, economica e religiosa do povo italiano, absolutamente não permite que ele desenvolva uma ação heroica e arrojada nesta guerra contra doutrinas e paises que lhe são simpaticos.
> A aliança efetuada com a Alemanha por Mussolini não correspondeu nunca aos desejos da nação. Um povo revoltado, desgostoso, descontente, incompativel com seu governo e contrario a uma guerra injusta, póde lutar heroicamente? – Não, nunca! E é isso que ocorre com os italianos. Jamais admitimos os italianos de lutar contra a Inglaterra, tradicionamente amiga da nossa patria.
> E nunca pudemos supor que estivéssemos ao lado da Alemanha para lutar contra quem quer que fosse, pois nunca tivemos qualquer afinidade com os alemães. Por esses e outros inúmeros motivos, explica-se porque o soldado italiano não tem se preocupado em se ver chamado de covarde...
> (Cidade de Rio Claro, 01 maio 1943)

A tentativa é a de desassociar os italianos do regime ao qual estavam sendo soldados, o que convenhamos poderia ser dito a qualquer país em qualquer guerra. O diferencial é a possibilidade de um italiano ter conseguido escrever e divulgar tal opinião, de distanciar a si e

a sua comunidade – e até aqueles que ficaram no país –, do nazifascismo. Não devemos desconsiderar a estratégia tomada, ao falar que até mesmo os italianos na Itália, lutando no exército fascista, são vítimas das circunstâncias e, por consequência lógica, o imigrado e seus descendentes teriam ainda menos relação com tal ideologia.

Seguindo a mesma forma de ação, vemos um artigo de Arlindo del Picchia, em formato de carta aberta a todo povo italiano, publicado originalmente no "Roteiro" de São Paulo:

> **ITALIANOS, conquistai a vossa liberdade**
>
> **(carta aberta ao povo italiano)**
>
> ARLINDO DEL PICCHIA
>
> Uma grande desgraça, italianos, se abateu sobre as vossas cabeças!
>
> Se, há vinte e tantos anos o sorriso fugira dos vossos labios e nas vossas gargantas adoçadas pelo sol do Mediterraneo emudecera a conçoneta que sempre brotára expontanea dos vossos corações cheios de amor e paixão – porque sempre tivestes um coração sensível –, hoje os vossos peitos são inundados de amargura e desespero.
>
> A desolação penetrou nos vossos lares e, desgraçadamente, foi preciso que a tempestade se desencadeiasse sobre vós para que despertasseis dum entorpecimento que vos transformára, em face do Mundo, num povo que reunciára a todas as virtudes privilegiadas que aprenderamos a admirar.
>
> O vosso Risorgimento, só ele, bastava para revelar aos homens de que matéria luminosa era feita a vossa alma. Não vos contentastes, porem, com isso e fizestes com que a Humanidade tomasse como seus os vossos filhos mais ilustres. [...] Os vossos conventos napolitanos, onde nunca se apagou a chama da ideia que se opunha à tirania transitoria dos poderosos, as vossas télas, as vossas esculturas, os vossos monumentos, a vossa musica, a vossa prodigiosa contribuição à ciencia e à filosofia, tudo o que em vós sincronizava com os mais altos ideais de Estetica e Cultura do universo, transpôs as vossas fronteiras e foi diluir-se nas fronteiras ilimitadas da Humanidade, tornando-se patrimonio comum dos homens.
>
> E foi por tudo isso, italianos, que o Mundo passou a amar a vossa Italia talvez tanto quanto a amáveis vós próprios.
>
> Hoje, italianos, há lagrimas nos vossos olhos, luto nas vossas familias, escombros nas vossas cidades, confundindo-se as ruinas da Nova Ordem na qual ingenuamente acreditastes com as ruinas famosas que exibiei aos outros povos como documentos das vossas glorias passadas, glorias que aceitavamos e até chegávamos a vos perdoar porque acreditavamos que nunca as tomaríeis como sugestão historica para repetirdes nos nossos dias o espetaculo morto das legiões romanas conduzindo, mundo-á-fóra, o surto imperialista da vossa Roma faustosa e milenária. [...]
>
> Nem por terem a pele tisnada pelo sol africano os etíopes terão chorado menos do que vós. E fostes vós, italianos traídos pelo fascismo, os causadores de cada uma dessas lagrimas! Tinheis, sob os céus sufocantes da Abissinia, uma esquadrilha aérea que se chamava "Disperata". E nessa quadrilha, havia um celerado de nome Bruno Mussolini para quem "era um esporte divertido atirar gases sobre os negros e ve-los correr em disparada pelas macegas africanas". Essa enorme covardia foi o maximo de heroismo que vos pode oferecer um falso líder, procurador legal da vossa monarquia não menos criminosa e não menos responsavel por toda essa miseria, quando dispunha de inumeras portas abertas por onde se por a salvo de toda essa putrefação.

> Insensibilizados por um dos mais infames engodos da Historia, convencidos de que os fascios litorios que dormiam na poeira dos vossos museus tinham encontrado a sua hora de ressurreição [...], esquecestes nesse instante de delírio coletivo a concepção de Direito e Justiça que havíeis dada ao Mundo, assim como esquecestes o fanatismo ináto à Liberdade que cada povo vem sustentando sobre montanhas de cadáveres na ésteira dos séculos, fanatismo que vós próprios num momento glorioso – aqui, sim, realmente houve gloria – tambem sustentastes sobre as sepulturas dos vossos sublimes garibaldinos.
>
> Dói-nos, italianos, saber que sobre as vossas estradas há botas opressoras, assim como duplamente nos doeu quando vimos as botas dos vossos soldados invadirem as estradas da Abissinia, na Espanha, da Albania, da Grecia, da Iugo-Eslavia, da França da Russia, [...].
>
> Vêde, italianos, nesta hora de dor em que, mal despertando dessa longa noite de infamias fascistas, começais a sentir na vossa propria carne que a violencia gera a violencia, vêde, italianos, quanto não deve ter sido duro, quanto não lhes deve ter ardido nos olhos as lagrimas vertidas [...], precisamente porque sobre as suas estradas os vossos soldados conduziam os embotados fascios litórios duma Roma que devia continuar nos muséus...
>
> Felizmente, para honra e redenção vossa, nesta hora que ainda é de luta mas que deve ser a primeira hora de arrependimento construtivo, [...] finalmente a se desintoxicar da morfina que o fascismo lhes injetou na alma.
>
> O fascismo, para felicidade vossa ficará em vossa historia como pavoroso pesadelo que nunca será suficientemente execrado. Abrí os olhos, italianos, e deixai que o vento da Liberdade, que ampara no ar bandeiras dos nossos soldados, sequem as vossas ultimas lagrimas [...] E os vossos filhos poderão crescer em paz sem que, à medida que se façam homens se acentue o terror que se apossava de vós ao imagina-los inutilmente apodrecidos dentro dum uniforme numa sortida de bandoleiros.
>
> Crêde, italianos, que há neste mundo livre milhões de braços – braços que queríeis esmagar num instante de loucura – aberto para vos receber como filhos resgatados da familia universal
>
> (Transcrito do "Roteiro", de S. Paulo, edição de 30 de novembro de 1943)
> (Cidade de Rio Claro, 12 dezembro 1943)

Este tipo de escrita era esperado, dada a liberdade que possuíam no estado de São Paulo para escrever, visto que era uma parte considerável da população. Os artigos, de Florenzi para Rio Claro e de Picchia para São Paulo, demonstravam a mesma estratégia: ao criticar a situação que a Itália estava, mostravam-se contra o fascismo. Ambos também optaram a não falar dos imigrantes e descendentes, evitando a acusação de estarem escrevendo em vantagem própria.

Seria, entretanto, incorreto afirmar que não houve escritos falando diretamente da comunidade imigrante italiana, os quais, interessantemente, foram publicados próximo ao desembarque da força expedicionária na Itália. Podemos ler uma defesa apaixonada à

comunidade italiana brasileira, realçando, sobretudo, que muitos filhos desta foram lutar em nome do Brasil[38] e estão prestes a desembarcar na terra ancestral:

> **Os italianos amigos leais do Brasil**
>
> Só mesmo de má fé se poderia afirmar que os italianos radicados há longos anos no Brasil são nossos inimigos. A maioria nasceu na Italia, é verdade. Todavia, eles não vieram da Italia fascista de Mussolini, entontecida pelos planos de conquista engendrados pelo antigo ditador. O elemento italiano que vive no Brasil, de corpo e alma integrado no ritmo da vida brasileira, sensivel às nossas alegrias e às nossas tristezas, jamais se prestou à sutil modelagem ideológica dos caixeiros-viajantes do fascismo, mantendo se fiel às imagens democraticas da nossa vida Já é tempo, portanto, de fazer uma distinção necessaria entre os pouquissimos elementos da colonia italiana, que seguiram as instruções vindas da Roma guerreira de Mussolini, e os velhos italianos, leais amigos do Brasil, os quais nunca se iludiram com as miragens imperialistas urdidas pelos corifeus do totalitarismo peninsular.
>
> O Brasil não declarou guerra à Italia culta de Pirandelo, à Italia liberal de Nitti, à Italia melhorista de Benedeto Crocce, à Italia vanguardista de Ignazio Silone, à Italia democrática do Conde Sforza. O Brasil aceitou, isso sim, o desafio do fascismo e decidiu combatê-lo de armas na mão afim de contribuir, juntamente com os exercitos redentores das nações aliadas, em favor da libertação do belo país mediterraneo, ao qual estamos indelevelmente ligados por laços solidos de amizade. [...]
>
> Dentro em breve estará cortando o Atlantico, com destino aos campos de batalha da Europa, a Força Expedicionaria Brasileira. Pois bem: entre os bravos soldados que integram o exercito que irá colaborar em favor do advento de um mundo melhor figuram milhares de filhos de italianos, brasileiros cem por cento porque receberam dos pais, amigos verdadeiros do Brasil, que os acolheu de braços abertos, o sagrado ensinamento de amar, acima de tudo, a terra onde nasceram. Numa palavra: a sua verdadeira patria.
>
> Os bons italianos, os italianos que sempre testemunharam a sua ternura pelo Brasil, bem merecem de nossa parte um tratamento diferente, até porque sem duvida eles não contribuiram para que Mussolini, em 1922, fizesse a Marcha sobre Roma e se lançasse depois a uma politica sinistra, precursora sombria da guerra brutal que estalou em setembro de 1939. As diretrizes traçadas pelo presidente Roosevelt, nesse particular, constituem um exemplo de sabedoria politica. As autoridades norte-americanas não dificultam a vida dos estrangeiros comprovadamente amigos da América do Norte. Ao contrario. Considerando que os italianos – pelo menos a maioria absoluta – eram vitimas do fascismo, Roosevelt captou-lhes a simpatia, obtendo deles uma colaboração total para o esforço de guerra, através de medidas tocadas de alto e nobre senso de justiça, como a que levantou as restrições que pesavam sobre os seus bens naquele país.
>
> E', pois, um belo esemplo que devemos e temos que seguir, porque os filhos da Italia no Brasil estão plenamente integrados na comunhão brasileira e não devem perdurar os onus de guerra que gravam os seus haveres. Está claro que os que liam pela cartilha do fascismo, não façam jus a esse tratamento, mas não é justo que os inocentes paguem pelos pecadores. E os inocentes integram a maioria absoluta da colonia italiana, tão amiga do Brasil, tão grata à nossa hospitalidade. Já é tempo de esquecer ressentimentos injustificaveis e o constrangimento reciproco ocasionado pela guerra O momento é oportuno para que retomemos a harmoniosa convivencia humana de antigamente.

[38] Descendentes de alemães também estavam presentes na F.E.B. (FOUQUET, 1974, p. 221). Entretanto, não encontramos qualquer notícia a estes nos jornais rio-clarenses.

(Do “Diario de S. Paulo” de ontem)
(Cidade de Rio Claro, 02 junho 1944)

O artigo é bem compreensivo e demonstra o posicionamento, brasileiro e norte-americano, quanto aos descendentes de imigrantes. A argumentação da separação daqueles que apoiaram os movimentos totalitários ao resto da comunidade é notável e acaba denunciando indiretamente a perseguição indiscriminada aos grupos étnicos, pois se havia a abertura de se expressarem, não deixava de ser real a perseguição que os vitimava. Incluso nessa crítica às violências sofridas, vemos uma reafirmação cultural frente aos ataques assimilacionistas, defendendo elementos culturais italianos e seus intelectuais, apartando-os do fascismo.

Analogamente, sendo tais elaborações demonstradas em um artigo feito em Rio Claro, defendendo a Itália e sua cultura ao culpar Mussolini e o fascismo pela guerra:

Italia

Mussolini, o megalômano, arrastou a Italia a uma guerra injusta e brutas Fez com que as suas hostes de camisas pretas ficassem ao lado dos alemães, num combate contrario a todo um passado de glorias, de anseios, de liberdade e de embates e de lutas pelo direito.

A Italia, berço da religião, a fonte sublime e clara do Direito, a terra das artes, a Italia admiravel sob multiplos aspectos, a Italia, coroada de rosas, como foi chamada por Montalvão da Italia que aprendemos a amar e a admirar, ainda pequeninos, nas paginas imortais do “Coração” de D’Amicis, deixou-se subjugar por um grupo relativamente pequeno, de ambiciosos, de politicos, visando proveitos pessoais, e calcando, esmagando sentimentos proprios da raça, sentimentos que ninguem arranca do coração do povo italiano. Mas, a reação que vinha se esboçando, já ha algum tempo, tem crescido, aumentando de modo bem sensível.

E aqui no Brasil, nossa impresna, já está fazendo justiça, jornalistas de merecimento, já tem feito vêr que o italiano é nosso amigo. De fato, tem sido um dos maiores colaboradores do progresso nacional e especialmente de S. Paulo. Dir-se-á que muitos, muitos têm enriquecido. Fruto do trabalho persistente e bem orientado, porem, fortunas que aqui ficam, que aqui têm sido bem aplicadas, concorrendo para o bem geral e para o progresso de nossa terra e de nossa gente. Posso citar entre muitos outros casos, o de Geremias Lunardeli. E’ meu conhecido e amigo ha muitos anos. Assisti ao crescimento de sua fortuna. Como passou de posição humilde para altos postos na administração municipal e na sociedade. Vi o cuidado e o carinho para bem educar os filhos Sei dos seus atos de caridade e de generosidade.

E assim existem muitos outros. Gente bem nossa, italianos que ajudaram a derrubar matas enormes e espessas, que plantaram os cafesais, o ouro verde e outras riquezas fizeram crescer e florescer na terra paulista, italianos, que sempre viveram ao nosso lado, comungando de nossos ideiais, sentindo nossa dores, compartilhando de nossas alegrias, italianos que em estabelecimentos de ensino espalharam muita luz e muita graça, artistas, artifices, em toda a parte, o italiano foi nosso colaborador.

E este italiano que aqui reside, é na quasi totalidade gente nossa, bem nossa, bem ligada à nossa terra e à nossa gente. E esta afirmação de justiça e de verdade está sendo feita de um modo que alegra e consola porque repara.

> Ainda bem que assim se procede nesta terra do direito e da justiça, que é a terra de um Ruy Barbosa e de um João Mendes.
>
> Rio Claro, 2–6–44.
>
> CRUZ MARTINS
>
> (Cidade de Rio Claro, 13 junho 1944)

O artigo acaba por referenciar o anterior, do "Diário de São Paulo", elogiando a imprensa pelo seu trabalho em reconhecer e demonstrar a importância da comunidade italiana no estado de São Paulo. No texto, assinado por Cruz Martins, comenta de um amigo de origem italiana e compara-o aos outros, afirmando serem diversos os exemplos de seus esforços para o crescimento econômico, mas vai além, falando de educação e arte. Era a oportunidade de criar mais uma camada de proteção à cultura italiana dos imigrantes, tratando de sua importância como colaborador na edificação do Brasil.

Podemos levantar a hipótese de que, além dos italianos serem um grupo imigrante em grande quantidade no estado de São Paulo, a mescla com alemães e japoneses se deu exatamente por também serem imigrantes, mas com maiores possibilidades de se autoafirmarem socialmente. O italiano se via em duas condições simultâneas e contraditórias: a) seu orgulho étnico era combatido, por associação ao fascismo, devendo ser assimilados; b) sua presença e novas levas de imigrantes eram almejadas, possuindo alguns direitos de fala e defesa frente às acusações. Não nos estranha que a presença italiana seja mais notada no estado, mesmo que menos do que seria se não houvesse perseguição (ou assim imaginamos), enquanto à japonesa e alemã, tais possibilidades eram anuladas e, com o mutismo, diminuíam sua presença ativa. Assim, dada a sua comunidade ser populosa e estar em duas condições, a do imigrante perseguido e o do nacional patriota, acabavam servindo de ponte e aproximação dos dois lados.

Um exemplo de aproximação vimos na entrevista com Dirce Akamine (2025), na qual afirma que sua família tinha grande proximidade com as famílias italianas vizinhas, cuja convivência era amigável e próxima. Desta resultou, e com incentivo dos pais dela, que a primeira geração no Brasil crescesse na religião católica e fosse aprendendo gradualmente a língua portuguesa com os italianos. Igualmente, na entrevista com Carlos Yabuki (2025), é relatado que seu pai era amigo muito próximo de um italiano que morava perto de seu comércio, o interessante é que ambos sabiam pouco a língua portuguesa, e ainda assim conseguiam ter algum elo comunicativo e de ajuda mútua. A condição de estrangeiro e a vigilância que sofriam, acabavam por ser elementos suficientes para a união e companheirismo das comunidades.

Vimos também no mestrado (BOVO, 2019), que diversas famílias rio-clarenses, incluso a dos entrevistados, apresentavam mescla entre alemães e italianos. Assim, mesmo que tenham tido mais tempo em terras brasileiras, o que permitiu sua aproximação, vemos similar condição dos italianos com a comunidade japonesa, apesar de seu tempo de contato menor. Pedro Wenzel (2019) afirmou, com veemência, que não apenas os alemães eram perseguidos, mas também os italianos e os japoneses, demonstrando consideração pelas outras comunidades, contando que um vizinho amigo seu era italiano e gostava de ouvir através dele o que acontecia na guerra.

Seja no estado de São Paulo ou especificamente em Rio Claro, os italianos acabavam não apenas sendo "amigos leais do Brasil" (como disse uma das manchetes), ampliaríamos para "amigos leais de outros imigrantes", auxiliando-os a aumentar sua aceitação pela sociedade brasileira. Não visamos com isso dizer que as trocas e os benefícios não eram mútuos, pelo contrário, as comunidades imigrantes ao se juntarem conseguiam o fortalecimento frente às adversidades. Uma possibilidade dessa articulação se deu pelos italianos, por serem numerosos, imigrantes desejados e, consequentemente, possuidores de melhores meios de proteção frente às atrocidades assimilacionistas.

Realidade Brasileira

No jornal "Cidade de Rio Claro", uma sequência de artigos intitulados "Realidade Brasileira", relacionava as condições brasileiras frente ao conflito mundial, por vezes trazendo alguma informação sobre o município de Rio Claro em seu texto. Tais matérias acabam por ter variações conforme os acontecimentos que a cercavam. Dentre eles, selecionamos o primeiro e os números II, V, VI, VII e VIII. No primeiro desta sequência, vemos um texto que relata os ataques realizados por submarinos alemães aos navios brasileiros, o que vai dar as bases e o modelo para as próximas escritas sequenciais:

> **Realidade brasileira**
>
> Matando os nóssos irmãos, desrespeitando nóssa Bandeira alçada no tope dos mastros, sujeitando nóssos diplomatas a brutalidades e vexames a horda totalitaria levanta aos olhos dos brasileiros o espantalho do medo para anular sem combate uma das presas que mais cobiça – este territorio vasto, de riqueza multiforme e de população proporcionalmente escassa.
>
> Os insultos á dignidade nacional têm um ritmo precipitado. O numero de vitimas cresce. Não passa um dia sem que um ultraje nôvo se junte ao ról dos muitos já ocorridos. A noticia do afundamento do "Arabutan" sucede, com intervalo de horas, a da destruição do "Cayrú", de cuja tripulação e numero de passageiros muitos estão faltando, sendo impressionantemente incerto o seu destino, porque três dias se

> passaram desde que o submarino nazista partiu ao meio, com um torpedo, esse indefeso barco mercante brasileiro.
>
> Como é forte o animo da imensa maioria de filhos deste pais, que pensam e sentem brasileiramente, sem cogitar de origens raciais, de discutível "pureza de sangue" e sem criminósos deslumbramentos ante sucessos de truculencia cujo limite se aproxima; como não é conforme com o espirito da raça brasileira o pavor que acovarda e a ofensa tolerada, o rumo se abre aos nossos olhos e por ele caminharemos orientados por guias dignos, enérgicos e pundonorosos.
>
> São de presentimento e expectativa as horas que vivemos, e as significativas reformas operadas ontem na Constituição Federal, restringindo direitos de propriedade e dando poderes especiais ao Senhor Presidente da Republica, não deixam duvida quanto ao caminho que o Brasil trilhará em futuro quiçá bem proximo.
>
> Na verdade, devemo-nos capacitar de que a posição de expectador não nos preserva do infortúnio se, por desgraça da humanidado, o "Eixo" esmagar as nações unidas que neste momento lútam pela propria existência e pela vida de todos os póvos que prezam a autonomia alcançada em anos de labôr continuo.
>
> Se essa calamidade se verificasse, o Brasil deixaria de ser "clima" propicio a todos aqueles que não são nem "quislyngs" nem "quintacolunistas", e os que não imitassem o tragico gesto de Stefan Sweig, tombariam ante pelotões de fuzilamento ou, no caso de conservarem a vida, ficariam escravos do azorrague de "disciplinadores" sem alma.
>
> Esta é a verdade, dura, fria, sem rebuços, a verdade que tôdos os brasileiros devem pesar e medir e à qual devem subordinar a sua nórma de ação
> (Cidade de Rio Claro, 12 março 1942)

Em sua argumentação, afirma que o "sentir brasileiramente" não leva em conta a origem racial, sendo uma "raça brasileira", o que sabemos ser uma leitura errônea, bastando comparar a outros artigos citados (principalmente no subcapítulo "Outros Preconceitos"), tratando-se de uma tentativa de engrandecimento da brasilidade. O autor aponta, então, alguns indícios de que o Brasil entrará em guerra, defendendo que o país estaria correndo perigo de ser conquistado pelo Eixo, tornando-o em uma nação de "quislyngs" e "quintacolunistas", ou seja, de traidores e espiões. O artigo, que deseja mostrar a "realidade", possui um tom propagandístico de alarme, incentivando os leitores a tomarem atitude, seja pela vigilância ou manifestação contra o Eixo.

A sua sequência acaba sendo ainda mais esclarecedora do posicionamento do autor, demonstrando a sua defesa da ditadura varguista, de sua "purificação patriótica", do panamericanismo e da relação simbiótica entre poder governamental e imprensa:

> **<u>Realidade brasileira</u>**
>
> II
>
> Nesta hora carregada de perigos e apreensões, quando brasileiros são assassinados em meio de tarefas pacificas de comercio e civilisação, um jornal que honra a imprensa do país, a "Gazeta", de S. Paulo, alerta os paulistas contra os inimigos declarados e ocultos que, certamente organisados, com traiçoeiras

> empreitadas a realizar, apenas aguardam a ordem secreta dos chefes totalitarios para nos apunhalar pelas costas.
>
> Em correspondencia do Rio, desse esse valente matutino:
>
> "O carioca tem orgulho da potencialidade paulista e olha, carinhosamente, para o panorama bandeirante. E' o nosso maior centro de produção e um dos maiores do mundo. Não tem rival, na America do Sul, a riqueza do seu sólo e o valór de seu parque industrial. Aí devem ser maiores os cuidados e mais permanentes as atenções. Se houver, amanhã, surpresas a lamentar, será S. Paulo, naturalmente, a maior vitima. Por isso precisa ser hoje a mais acordada sentinela. São muito variadas, aí, as divisões do quintacolunismo e parece até que é mais vivo o interesse de alguns, em que não se alerte e esclareça o povo, sobre as ameaças dos totalitários."
>
> Esse "interesse de alguns, em que não se alerte e esclareça o pôvo", percebe-se em conversas e procedimentos incluindo pessôas cujos deveres para com a Patria e fidelidade ás funções de cargos que ocupam deveriam obriga-los a não serem cegos nem surdos por conveniencia, comodismo, indiferença ou por algo péor.
>
> Infelizmente e nós o afirmamos com absoluto conhecimento de causa, por lhe havermos sofrido os efeitos e consequencias – para certos homens ainda não tocados da purificação patriotica que o Governo Federal opôs ao veneno partidario, o brasileiro que no passado esteve em campo politico diverso sem nunca haver deixado de ser brasileiro acima de tudo merece menos, ainda agóra, quando o Brasil se defronta com a agressão injustificada, que os derrotistas desabusados, que os sabotadores da unidade panamericana – essa casta de individuos que ainda ousa criticar a atitude do Brasil na Conferencia dos Chanceleres e alude, com estudada manobra, ás conquistas territoriais dos refalsados niponicos, fazendo com esses exitos iniciais o habilidoso trabalho quintacolunista do amedrontamento e da neutralização.
>
> O panorama bandeirante apresenta complexidades do mais delicado aspecto. Ha aqui toda a sorte de problemas que reclamam dos poderes competentes firmeza e patriotismo, não o patriotismo desmoralizado das discurseiras líricas, mas o patriotismo da ação, positivo, direto, inflexivel, congregando TODOS os brasileiros que não tenham os olhos deslumbradamente postos em Berlim, em Roma, em Toquio.
>
> Quanto ao papel que cabe aos jornais fazemos nossas estas palavras da "Gazeta":
>
> "Para o caso de S. Paulo parece-nos que o melhor remedio é um contacto mais permanente entre os seus homens de imprensa e os homens do governo da Republica." (Cidade de Rio Claro, 13 março 1942)

Baseando-se e referindo a uma correspondência do Rio de Janeiro ao jornal "Gazeta" de São Paulo, o autor argumenta a respeito do perigo do quintacolunismo no estado paulista. Em sua escrita, acaba colocando os opositores de suas ideias, as quais coadunam com a da ditadura, como sendo ação de quintacolunistas para amedrontar a população e/ou fragmentar o poder. Novamente assume a posição de incentivo à congregação de "TODOS os brasileiros que não tenham os olhos deslumbradamente postos em Berlim, em Roma, em Tóquio", em uma chamada de ação patriótica direta e não discursiva. Ao final defende a relação entre o poder de imprensa e a do governo da República. A vigilância aos grupos étnicos é entendida mesmo que indiretamente, ao indicar que São Paulo possui uma grande variação da quinta-coluna, o que se confirma ao final quando se refere aos países do Eixo.

Em seu quinto número, vemos o aprofundamento desta estratégia, desta vez sendo mais direto e direcionando sua crítica à comunidade japonesa e aos poderes locais:

Realidade brasileira

V

A "união de todas as forças vivas do país em torno de seus dirigentes, prodigalizando-lhes a mesma soma de confiança e oferecendo-lhes a colaboração de todas as dedicações e renuncias para que o Brasil se encontre aparelhado ao enfrentar os perigos que o ameaçam", é o nosso desejo, é o desejo da imensa maioria dos brasileiros e de muitos filhos de outras terras que conosco vivem e regulam pelo nosso o seu sentimento de fraternidade e confiança no ideal panamericanista.

Tal união, se outros e mais elevados motivos não a ditassem, ser-nos-ia impósta pelo principio coletivo da legitima defesa e preparação da resistencia organisada, de modo a evitar os atropelos e balburdias de uma ação de ultima hora quando o mal já se encontre dentro de nossa casa, dentro da Patria Brasileira.

O instinto de conservação ordena que nos unamos, porque o totalitarismo é traiçoeiro, e dele, como elemento que não devemos perder de vista, destaca-se o enganador amarelo, que sabe ocultar o veneno que fulmina atraz do mais candido e doce sorriso.

Todos esses misteriósos niponicos que a policia nacional, nas mais variadas latitudes do pais, tem apanhado em flagrante, pelo que se averiguou, pertencem ou pertenceram ao exercito japonês, trazendo consigo, bem escondidas, fardas e bandeiras. E'-nos licito suspeitar que são chefes militares atuando junto a nucleos para um exercicio de comando em dado momento. Cada um deles tem provavelmente a sua unidade. Possuirão tambem armas ocultas?

Existem regiões, em nossa Patria, particularmente neste Estado, onde esse elemento predomina no sentido populacional do numero. Até ha pouco, pelas suas mesuras e exemplar comportamento, podiamos compara-lo á inofensiva cobra amestrada dos faquires. Sabemos agora que a estrita obediencia e a desindividualização constituem plano traçado pelo governo de Toquio e que a giboia ensinada transforma-se, por ordem superior, no mais terrivel réptil.

União e vigilancia, eis do que carecemos, porque, como bem diz o "Jornal do Comercio", "todas as dissenções e rivalidades neste instante constituem elemento negativo a emperrar o preparo urgente da nação, que precisa fortalecer-se tanto no campo moral, como no terreno material".

Lamentavelmente, em alguns setores da Patria, fazendo uma politica de odio partidário, atuando de maneira impatriótica contra as normas sãs traçadas pelo Senhor Presidente da Republica, cuja orientação é a única pela qual devemos pautar a nossa conduta, certos detentores de cargos sabotam de proposito a união reclamada, sofismam, perseguem, preterem, prestigiam elementos reconhecidamente totalitários, essa mesma especie de gente que o Governo Federal manda vigiar ou chama á responsabilidade.

Enquanto tais detentores de cargos não forem alijados, enquanto não houver em todas as repartições publicas o expurgo que o supremo interesse da Patria está reclamando, a união nacional não será completa e eficiente e o quintacolunismo, tolerado e protegido, viverá para ameaçar a autonomia da nação e a tranquilidade dos lares brasileiros.

(Cidade de Rio Claro, 17 março 1942)

Inicialmente há a adição de “muitos filhos de outras terras que conosco vivem”, desde que eles tenham fraternidade com o Brasil e o ideal panamericano, no processo de união contra as forças que ameaçam o país com seus movimentos. A defesa é contra o “totalitarismo traiçoeiro”, na qual “destaca-se o enganador amarelo”, comentando então das prisões de japoneses, os quais são identificados como militares, questiona-se então se há um exército oculto no país, organizado e militarizado. Seguindo a afirmação do número II, vemos a reafirmação de São Paulo como receptora de imigrantes e propensa a ter problemas, chamando de “cobras” e “jiboias” os japoneses, os quais estariam prontos a seguir qualquer “plano traçado pelo governo de Toquio” contra a pátria receptora. “União e vigilância, eis do que carecemos”, segue-se então uma crítica ao “ódio partidário” que divide a população de forma “impatriótica”, não seguindo, ou questionando, as determinações do “Senhor Presidente da República”, e “prestigiam elementos reconhecidamente totalitários”. Então milita em favor da demissão destes “detentores de cargos”, o que seria uma caça ao “quintacolunismo”.

O tom aumentava conforme as condições políticas e sociais assim permitissem, a cada artigo e ação pública realizada que não fosse criminalizada pela ditadura, sendo até incentivada por ela, consentia que a perseguição social intensificasse. Uma união entre ditadura, imprensa e sociedade se estabelecia, a qual dava base recíproca de sustentação, exponenciando suas oportunidades de ação, legitimando-as mutuamente.

Manifestações passariam a acontecer, realizando apagamento histórico de nomes, que remeteriam aos “eixistas”. Aliado a isso vemos a população sendo usada como arma da violência assimilativa, contra a presença e cultura dos grupos indesejados, trazendo à tona um caso ocorrido em Rio Claro:

> **Realidade brasileira**
> VI
>
> Em varias partes do pais, o povo, demonstrando um sentimento de nacionalismo sadio que desejáramos ver generalizado, andou mudando a denominação de ruas cujos antigos nomes, em vista das brutalíssimas agressões totalitarias aos nossos marujos, não podiam merecer a simpatia e tolerancia dos brasileiros. [...]
>
> Muita gente supõe, erroneamente, que o Governo Federal veda todas as manifestações de indignação que nasçam dentro de peitos brasileiros originadas pelos atentados e afrontas de que o país é vitima por parte dos totalitarios. Não pode ser assim, não é assim, na realidade, como o noticiário da “Hora do Brasil” nos está indicando. A repulsa traduzida em publico protesto, quando não fira vidas e bens, é o mais convincente apoio que podemos dar á conduta firme e pundonorosa do Governo da Republica.
>
> Um gesto coletivo de civismo ativo e alertado dá ao Chefe da Nação o justo conhecimento de como sentem e procedem as populações nesta hora perigosa. Não é

> nos acorvardados, nos indiferentes e nos que se prendem as ligações rasteiras contrarias ao interesse nacional que o Governo vai confiar quando os acontecimentos exigirem dos brasileiros uma ação desassombrada, de luta e sacrificio.
>
> Não se confunda exaltação patriotica, altivez frente á ofensa, com o excesso cego, sem limites que o contenham.
>
> Já tivemos nesta cidade um pequeno "caso". De quem a culpa? A nosso vêr, do imprudente niponico, que teimou em manter um letreiro que nenhum brasileiro digno podia olhar com simpatia depois do indecoroso procedimento do governo de Toquio para com os nóssos diplomatas.
>
> Se o peixeiro tivesse feito antes o que realizou depois – a eliminação da parede de seu estabelecimento do adjetivo indesejavel – um brasileiro simples e talvez um tanto primitivo na sua manifestação de sentimento patrio, mas brioso e valente, não teria passado algumas horas no xadrez, para satisfação de inimigos do Brasil e de quintacolunistas envoltos na capa da piedade.
>
> (Cidade de Rio Claro, 20 março 1942)

Em seu sexto número, a coluna se torna, abertamente, incentivadora das agressões sociais e ditatoriais sobre as comunidades. O processo de eliminação de nomes de ruas, nas manifestações de indignação pública, é vista de modo elogioso tanto pelo jornal, como é afirmado que a propaganda do governo, através da "Hora do Brasil", teceu louvores aos atos do público. Tal enaltecimento acabou provando que o poder não apenas não proibia a manifestação, como ambicionava que estas acontecessem, desde que "não fira vidas e bens". Comenta-se, então, o caso de Rio Claro, em que uma peixaria nipônica é atacada por ter "um letreiro que nenhum brasileiro digno podia olhar com simpatia", do qual não é dado maiores detalhes do que nela continha, apenas de que apresentava um adjetivo ligando à sua origem, assim, o articulista vê como legítimo e justificável o ataque. A culpa é posta no dono da peixaria, que deveria ter retirado qualquer elemento de ligação ao seu país de origem, evitando ofender os brasileiros, com o artigo lamentando que o referido "brasileiro simples" ficasse algumas horas preso, o que teria garantido a "satisfação de inimigos do Brasil e de quintacolunistas envoltos na capa da piedade".

A perseguição aprofundava-se, chegando a Rio Claro (ou ao menos a ponto de ser noticiado) os atos de violência popular espontânea, os quais eram prontamente justificados e apoiados pela imprensa e pela propaganda, reverberando a aprovação pelas páginas de jornal e pelas transmissões radiofônicas. Aos grupos imigrantes restava o silenciamento e, se conseguissem, autoeliminação de sua presença, desaparecendo sua cultura e seu passado nos locais que viviam, ou seja, verdadeiro apagamento de sua existência sociocultural. Apesar de referirem diretamente aos japoneses, outros momentos falam dos países "eixistas", logo, os italianos e alemães igualmente deveriam ficar atentos e se adequar.

A sequência iria propagar ainda mais o medo, iniciando a discussão dessa vez através do que havia acontecido em Fortaleza:

> **Realidade brasileira**
>
> VII
>
> O "Jornal do Comercio", do Rio, em sua edição de 18 do corrente, publicou o seguinte despacho:
>
> "*Fortaleza*, 17 – (J. do C.) – As autoridades de Joazeiro comunicaram ao sr. Ruy Monte, Secretario da Segurança Publica, que remanescentes do integralismo festejavam ali o torpedeamento dos navios brasileiros. O Secretario da Segurança determinou imediatamente [...] severas providencias. Realmente, elementos nazi-integralistas, por ocasião dos torpedeamentos de navios brasileiros, levaram a efeito reuniões nos bars da cidade e, entre libações alcoólicas, comemoravam os feitos.
>
> O Capitão Araujo prendeu os principais elementos, que são o sr. Manoel Diniz, Secretario da Prefeitura local; Manoel Pimenta de Oliveira, guarda do Serviço de Febre Amarela; e o individuo José Vicente. Encontra-se foragido o agitador integralista José Sabiá.
>
> O Secretario da Prefeitura de Joazeiro já foi demitido de suas funções, tendo sido os detidos removidos para Fortaleza e entregues á Policia Civil."
>
> Onde se é brasileiro acima de tudo e contra todos que atraiçôam o Brasil, o procedimento é esse que as autoridades cearenses tiveram pondo de ládo sentimentalismos suicidas e considerações que esta hora perigosa não admite. Não se trata de mera divergencia politica ao sabor dos tempos pretéritos. Agora, temos simplesmente de saber quem é pela Patria e quem é contra a Patria. Não se permitem evasivas e simulações. As averiguações fazem-se, para cada individuo, pelas ligações de ontem e pela conduta de hoje. Onde não houver sinceridade e desassombro, é cabível a suspeita e a cuidadosa observação.
>
> Na terra de Iracema, energica e sumariamente, mas á base de prôvas, pune-se e demite se funcionarios que compartilham das alegrias do desalmado inimigo sem se importarem com o luto que envolve lares brasileiros.
>
> Essa norma de ação ha de tornar-se geral em todo o país, porque assim ordena o Governo Federal. Esse inflexivel procedimento prevalecerá em todos os rincões da terra paulista, porque a Superintendencia da Segurança Politica e Social está confiada a um briôso e energico militar, e onde o Exercito Brasileiro estiver presente os agentes do "eixo" perdem todas as possibilidades de continuar tramando, solapando, cochichando, sorrindo hipocritamente.
>
> Aqueles que toleram junto de si ferrenhos totalitarios para quem a "voz do sangue" sobreleva o sentimento nacional; aqueles que admitem que subordinados seus proclamem, ufanos, que preferem o campo de concentração a combater contra a patria de seus páis ou avós, esses, não tenhamos duvida, hão de ter, com seus subordinados, o mesmo destino que teve o Secretario da Prefeitura de Joazeiro.
>
> Quanto ao "caso" local, o da peixaria niponica, temos a acrescentar que o brasileiro brioso e resoluto, alem de passar muitas horas no xadrez, ainda perdeu três dias de serviço, o que não é positivamente justo, em se tratando de uma empreza nacional.
>
> (Cidade de Rio Claro, 21 março 1942)

O caso ocorrido em Fortaleza, foi o de que um grupo de indivíduos "nazi-integralistas" realizaram festejos em um bar quanto aos ataques que o Brasil sofreu. Alega-se, então, que

investigações devem ser feitas "para cada indivíduo, pelas ligações de ontem e pela conduta de hoje", atendendo às ordens do Governo. As comunidades étnicas são então citadas, novamente de modo indireto, tratando-os como aqueles que "preferem o campo de concentração a combater contra a pátria de seus pais ou avós", ou seja, somente aos que possuam supostamente lealdades ao país de sua ancestralidade. Entretanto, já vimos que o arcabouço de atos que poderiam estar inseridos como "impatrióticos" é extenso e envolve a cultura dos grupos. O texto termina com críticas ao que aconteceu ao "brasileiro brioso e resoluto", considerando incorreto ter passado horas preso e, ao ser solto, perder 3 dias de trabalho.

Novamente devemos destacar as relações de escala na política e propaganda, o que ocorre em outras regiões brasileiras, ou até no mundo, dizem respeito ao local. O poderio das comunicações eliminava, ao menos parcialmente, as distâncias e, conjuntamente, trazia a si os problemas. É indicativo desse processo o artigo começar com os ataques à frota brasileira, partir para as comemorações em Fortaleza, trazer essa questão ao estado de São Paulo e terminar com o caso de Rio Claro. Os inimigos são, notadamente, aqueles que não querem "combater contra a pátria de seus pais ou avós". Assim, mesmo que os presos e afastados no Nordeste não apresentassem (baseando-nos em seus sobrenomes) ligação aos alemães, italianos ou japoneses, essa era feita para o caso paulista e municipal.

O comentário sobre os campos de concentração viria trazer essa questão ao município, sendo que vemos posteriormente notícias de que o governo brasileiro iria colocar os criminosos de guerra, os "súditos do eixo", na chamada "Ilha das Flores", como noticiado tanto pelo jornal "Cidade de Rio Claro", quanto pelo "Diário do Rio Claro":

> **O Brasil frente á guerra**
>
> Presos em S. Paulo um almirante alemão
>
> RIO, 26 – A policia de S. Paulo acaba de efetuar uma importante detenção. Trata-se de um almirante alemão, que chegou áquela capital há apenas 5 mêses e viera incumbido de dirigir todas as organizações nazistas que praticam a espionagem e preparam golpes em conexão com outros elementos do "eixo".
>
> Esse almirante é um personagem de relevo, sendo conselheiro milítar de Hitler.
>
> No Pará, foi preso um oficial superior da armada niponica.
>
> Em vista da situação, a Policia Militar teve o seu efetivo aumentado para 6.081 homens.
>
> A Ilha das Flores foi transformada em campo de concentração, seguindo para ali, amanhã, 100 suditos do "eixo".
>
> Por informações prestadas pelo governo português, a situação dos nossos diplomatas, no Japão foi suavizada. Em vista disso, foi amenisada a situação dos diplomatas niponicos em nosso país. [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 27 março 1942)

Serão recolhidos à Ilha das Flores todos os suditos das nações do "eixo" ultimamente presos

RIO – Afim de combinar com o chefe de Policia, as medidas relativas ao recolhimento á Ilha das Flores de todos os suditos dos paises da "eixo", ultimamente presos nesta capital e nos Estados, em virtude de suas atividades nocivas aos interesses nacionais, esteve na chefatura de polica, em demorada conferência, com o major Felinto Muller, o diretor daquela ilha, sr. João Martins de Andrade.

As autoridades policiais aprisionaram elevado numero de elementos estrangeiros, acusados de exercerem perigosa ação de espionagem no território nacional.

Esses presos, cujo numero se eleva amais de cem, vão ser recolhidos áquela hospedaria de imigrantes, devido á circunstância de os presídios da policia não comportarem, no presente momento, tão elevado acréscimo de detidos.
(Diario do Rio Claro, 28 março 1942)

Vale destacar que a política de campos de concentração no Brasil já tinha se estabelecido desde janeiro de 1942, mas as prisões e internamentos aconteceram na segunda metade deste ano (PERAZZO, 2009, p. 103-104). Há algumas discussões se estes campos deveriam ser assim chamados, ou se deveriam ser referenciados como "campos de internação", tendo em vista que há uma diversidade de tipos e nem todos indicariam aqueles que foram notadamente utilizados contra os judeus na Europa, os de extermínio (RABINOVITCH, 2004, p. 58-60). Optamos por manter a classificação utilizada na época, mesmo que não seja específica de sua utilização, as quais eram variadas e não todas iguais mesmo no Brasil (PERAZZO, 2009), assim reconhecemos que existe discussões terminológicas posteriores ao período, as quais respeitamos, porém não utilizamos. Em Rio Claro, pudemos constatar com a entrevista de Odair Büll (2019) a ação da captura varguista, que levava e desaparecia com imigrantes e descendentes. Tal relato nos é indicativo do conhecimento de prisões, o que pode estar ligado ao envio a tais campos. Ainda mais importante é a constatação do desaparecimento destes, o que indica o assassinato dos que eram vistos como dissidentes. A ameaça dos campos era, portanto, uma realidade para os rio-clarenses descendentes do "eixo", os quais se viam vigiados e coagidos pela população, imprensa e governo.

Por fim, analisemos o número VIII, o último dessa sequência em nosso recorte:

Realidade brasileira

VIII

O vespertino "Diario da Noite", do Rio, em sua edição de 20 do corrente, publicou uma entrevista que lhe concedeu o ex-prefeito carioca dr. Pedro Ernesto, tendo por objetivo a atitude do Brasil frente á situação internacional.

O dr. Pedro Ernesto, inicialmente, declarou:

Não posso compreender a indiferença de qualquer cidadão pelo grave momento que atravessa o mundo. Hoje a alternativa é esta: os povos terão que optar

> entre a liberdade e a escravidão. Não ha mais lugar para sonhos, ilusões e conjeturas ótimistas em torno do destino que está reservado a todas as nações que não quizerem enfrentar a dura realidade desta tragedia da humanidade."
>
> Prosseguindo, disse o ex prefeito carioca "A atitude do governo brasileiro é acertadíssima. Não posso admitir que nenhum brasileiro, nesta hora tormentosa de todo o mundo, coloque acima dos interesses nacionais seus ressentimentos pessoais, suas opiniões politicas ou seus caprichos e rancores ideologicos. Neste momento só existe uma unica ideologia: ser brasileiro, conciente de seus deveres para com a Patria. Os que a repudiarem serão mais nocivos, mais nefastos e mais perigosos que nossos proprios inimigos. Só existe um unico caminho a seguir: a união de todos os brasileiros."
>
> Palavras sensatas essas. Quem se iludir ou conjeturar otimisticamente, prejudica-se a si proprio e mina, inconcientemente, os alicerces da Patria. E que dizer do brasileiro que, "nesta hora tormentosa de todo o mundo, coloque acima dos interesses nacionais seus ressentimentos pessoais, suas opiniões politicas ou seus caprichos e rancores ideologicos"?
>
> Infelizmente, como temos frizado nestes comentarios, nós conhecemos individuos, eventual e imerecidamente guindados a postos, que nesta grave emercencia se guiam apenas pelos velhos e estereis rancores politicos, preferindo os inimigos declarados da Patria áqueles que, sendo brasileiros para todos os efeitos e a despeito de todos os riscos, tiveram no passado uma opinião politica diversa.
> (Cidade de Rio Claro, 22 março 1942)

O artigo acaba sendo mais uma constatação do que já havíamos visto nos anteriores, sendo um alarme e chamada de atenção para a população, pedindo atitudes mais enérgicas da sociedade e da política, além de pedir união nacional. O final, novamente, faz referências gerais ao cotidiano rio-clarense, no qual teria indivíduos em postos de poder que teriam simpatia aos "inimigos declarados da Pátria", que já mostraram no passado opiniões políticas contrárias aos sentimentos nacionais.

Os pedidos de atuação mais enérgica em Rio Claro alcançariam resultado, fazendo com que essa passasse a ser realizada, com a demissão de indivíduos que tivessem origem específica, ligada aos países do eixo, e/ou que fossem vistos como suspeitos:

> Foram exonerados, a pedido, os srs. dr. Mariano Arouche de Toledo Franco e João Augusto Hoefling, dos cargos de presidente e membro, respectivamente do Conselho Administrativo da Caixa Economica de Rio Claro.
> (Cidade de Rio Claro, 15 março 1942)

Não apenas os casos de demissão aconteceriam, houve também a atuação social, além do referido caso da peixaria nipônica, vemos o da "Farmácia Alemã", pertencente a Alberto Oncken sendo visada pela população. Lembrando que Oncken já apareceu profusamente na tese, pois publicou alguns artigos nos jornais rio-clarenses, nos quais defendia o regime alemão

(vale recuperar que ele demonstrava não ser grande conhecedor dos pormenores, acreditando na propaganda totalitarista, que no período de seus artigos não estava proibida de circular). O farmacêutico foi denunciado e investigado em 1940, pois estaria usando símbolos indevidos em suas embalagens (DIETRICH, 1997, p.33), com o caso transcorrendo de tal modo:

> Alberto Oncken, gerente da *Farmácia Alemã*, de propriedade de sua esposa Ellen Oncken, foi denunciado por J. Carvalho Parreiras, diretor do Serviço de fiscalização do Exercício Profissional do Departamento de Saúde da Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública por utilizar a cruz gamada nos rótulos dos impressos de receitas. Em 1940, a Delegacia de Polícia de Rio Claro Abriu um inquérito para ouvir o acusado, os proprietários das tipofrafias onde foram impressos os formulários e alguns clientes. [...] Oncken alegou que utilizou a cruz gamada nos rótulos das receitas sem finalidade de propaganda política e que não pertencia a nenhuma célula nazista. Já utilizava a "Águia Negra" nos rótulos e com a implantação do regime nazista, apenas a substituiu pela cruz gamada, pois era a insígnia de seu país de origem. Este inquérito policial foi levado ao Tribunal de Segurança Nacional. Atendendo o Ministério Público, este tribunal deferiu o arquivamento do inquérito, pois os autos não ofereceram elementos de culpabilidade do acusado. (ALVES, 2006, p. 143-144)

Mesmo sendo absolvido das acusações em 1940, a sua presença continuaria desagradando a sociedade. Dois dias após o último "Realidade Brasileira" que analisamos, o de número VIII, vemos o aparecimento de um grupo de justiceiros agindo no município, o qual vai roubar a placa da farmácia:

> **A placa da "Farmacia Alemã"**
>
> A placa de vidro da "Farmacia Alemã", que não estáva sendo vista com bons olhos, devido á aguia imperial e à denominação, amanheceu ante-ontem no corredor que dá acesso ás oficinas deste jornal.
>
> Encontrava-se ela depositada sobre uma escada de madeira, devendo a sua colocação ter-se dado por vólta das 6 horas.
>
> Junto á placa encontrava-se o seguinte bilhete:
>
> "*A'* "*Cidade de Rio Claro*"
>
> *Não admitimos a aguia alemã no Brasil, país da Liberdade.*
>
> *Os Membros do* **V**
>
> *L. R. D. L.*
>
> Dita placa foi por nós entregue á Delegacia de Policia, onde nos parece que fica muito bem, para um futuro aproveitamento do vidro, apenas.
>
> (Cidade de Rio Claro, 24 março 1942)

Infelizmente não nos deparamos com nenhuma outra matéria, documento histórico ou bibliográfico que citassem o grupo "V" em Rio Claro. Contudo, mesmo que seja apenas uma matéria, denuncia-nos a presença de grupo, ou quiçá grupos, que visavam a vigilância, denúncia e até "retribuição" àqueles que fossem vistos como inimigos. Isso nos traz uma concepção de

como o período poderia ser visto pelas etnias, com estigmatizações, proibições culturais, desconfiança generalizada, vigilância, campos de concentração, prisões, desaparecimentos, vandalismos e até golpes econômicos (a questão de golpes veremos em subcapítulo posterior). A perseguição era complexa, com múltiplos atores e consequências, visando uma variedade de características consideradas deletérias, as ameaças de prisão, ou até de algo pior, que acabavam impelindo os grupos étnicos a se submeterem e aceitarem as violências assimilacionistas.

Tal situação era uma contradição a qual os imigrantes e descendentes tinham que conviver e sobreviver: ao mesmo tempo que eram considerados estrangeiros e inimigos, tinham que demonstrar distanciamento de sua cultura e orgulho étnico. Essa imposição era hegemônica, estando política, social e judicialmente presentes, como vemos nas determinações policiais quanto à necessidade do uso de salvo-condutos mesmo aos que fossem naturalizados:

<u>Interessa aos estrangeiros</u>

Determinações Policiais

O secretario da Segurança Publica fez expedir, a todas as Delegacias de Policia do Estado, a circular abaixo transcrita: – "Circular n. 5 – Sr. Delegado de Policia – Ainda que os brasileiros natos, e tambem os estrangeiros naturalizados não pertencentes a qualquer dos países do "eixo", independam de salvo-conduto para viajar, é certo que muitos deles têm procurado a policia, solicitando algum documento que os ponha ao abrigo de possíveis duvidas e embaraços

Tais solicitações deverão ser atendidas, expedindo-se em favor dos interessados um atestado de nacionalidade brasileira, desde que a vosso critério, tenham feito prova dessa qualidade. Atenciosas saudações. O secretario da Segurança Publica (a) Acacio Nogueira".

Instruções aos hoteleiros

Comunicam-nos da Superintendencia de Segurança Politica e Social:

"Tendo em vista a situação excepcional porque vimos passando, lembramos aos senhores proprietarios de hotéis, pensões e casas de cômodos, de que não poderão, sob pena de multa, receber hospedes sem exigir dos mesmos qualquer prova de identidade, e, no tocante aos estrangeiros de nacionalidade alemã, japonesa ou italiana, sem a exibição, pelos mesmos, da respectiva carteira de permanencia legal no país e dos que estiverem em transito, dos respectivos salvo-conductos. Das fichas de entrada dos estrangeiros deverá constar, sempre, o numero da carteira de permanencia".

Intervenção do Governo nos hospitais Alemão e Japonês

Comunicam-nos da Superintendencia de Segurança Politica e Social:

"Por portaria assinada pelo superintendente da Segurança Politica e Social, major Olinto de França Almeida e Sà, foram designados os srs. Miguel Coutinho, diretor da Assistencia Policial do Estado, e José Maria de Freitas, professor da Escola Paulista de Medicina, para exercerem as funções de interventor, respectivamente, no Hospital Alemão e no Hospital Japonês, instalados nesta capital".

***

Tendo um jornal de S. Paulo publicado que nenhuma providencia fora tomada com relação aos italianos, alemães e japoneses naturalizados, ficando os mesmos gozando de todos seus direitos políticos, a Agencia Nacional, está autorizada a comunicar que a referida noticia carece do fundamento.

> Conforme comunicação da Superintendencia da Segurança Politica e Social, "os naturalizados dessas potencias são, no atual estado de emergência, equiparados aos italianos, alemães e japoneses natos, com relação à exigencia de salvo-conduto e ao porte de armas, ficando excluídos dessa determinação os brasileiros, estrangeiros e naturalizados das potencias que não pertençam aos paises do "eixo".
>
> (*Do "Diario de S. Paulo")*
>
> (Diario do Rio Claro, 7 fevereiro 1942; Cidade de Rio Claro, 6 fevereiro 1942)

Em nada ajudava o fato de que a Alemanha considerava como nacionais os descendentes de imigrantes em qualquer lugar do mundo, o que fez com que a comunidade ficasse permanentemente como suspeita, e fazendo com que a opressão fosse generalizada e afetasse a todos (PERAZZO, 2009, p. 77, 82). A prática da prisão e do uso de campos de concentração em nada contrariava as práticas dos aliados na guerra, lembrando que nos Estados Unidos houve o encarceramento de 40 mil japoneses e mais 70 mil norte-americanos que possuíam essa origem (AGAMBEN, 2004, p. 38).

Os tenebrosos japoneses

Desde o pré-guerra, ou até antes da imigração acontecer, a comunidade japonesa vinha sendo vista como exótica, de uma "raça" e cultura demasiadamente distinta da brasileira, cuja miscigenação significaria até uma "degeneração racial" do brasileiro. Em Rio Claro sua presença aumentava gradualmente, tendo sua imigração sendo a mais recente se comparada a dos italianos e mais ainda a dos alemães.

A noção de serem povos perigosos vinha da "exoticidade", mas também do avanço do império nipônico e sua colonização da Ásia. Tais fatores de contato histórico entre o ocidente e o Japão traziam do passado uma série de desconfianças e de relações nem sempre amigáveis:

> **O PERIGO AMARELO**
>
> **MARQUES DA CRUZ**
>
> (Eminente Professor da Universidade de São Paulo. Exclusividade da C. E. C. para a "cidade de Rio Claro"
>
> O PERIGO AMARELO! Expressão, que nos fins do seculo passado surgiu como um fantasma na linguagem internacional. Vários escritores o indicaram, inclusive Eça de Queiroz. O almirante japonês Suetsugu, em 23 de Setembro de 1934, disse num discurso em Hsinking: "A crise mundial é uma consequencia do conflito, que existe entre a raça branca e a de côr. A Inglaterra e a America dominam o mundo por meio de tratados injustos. A raça amarela deve preparar-se para executar a "Vontade do Céu". O sábio francês Richet disse em dezembro de 1934: "Daqui a dez anos, se continuar assim o aumento demografico do mundo em 1944 a Europa terá mais de 20 milhões de habitantes; a America, 40; a Asia, 120."

> Que aumento fantástico! O choque entre brancos e amarelos aí está. O que vale aos brancos é não estarem todos os amarelos unidos. Felizmente, a China briga com o Japão. Será sempre assim, no futuro? Já Charles Cross, sábio francês, dizia, no fim do seculo passado: "Os Germanos aniquilarão os Latinos; os Eslavos aniquilarão os Germanos; Os Amarelos aniquilarão os Eslavos e cobrirão a Terra".
>
> Será essa a "Vontade do Céu"?
>
> Conheci, ha anos, em São Paulo, um japonês engenheiro, a quem ensinei Filosofia. Espirito vivo, inteligente, indagador, loquaz (coisa rara na raça). Fiz-lhe muitas perguntas sobre a "psyché" japonesa. Disse-lhe um dia: "Diga-me francamente: os amarelos acham mais inteligente, mais bonita a raça branca? Resposta: "Sim, inteligente, mas é franca demais; bonita, sim, mais bonita". Contou o jornalista brasileiro Austregesilo de Ataíde, que, tendo ido ao Japão, em 1930, conheceu a bordo, um chinês formado nesse ano em Oxford, e que voltava á patria. Falando sobre os europeus disse: Os amarelos acham que os brancos são bobos: falam e riem demais; pôem alma á mostra; os amarelos não riem; sorriem.
>
> Boa observação. Os amarelos são mais antigos. A velhice sorri. A juventude ri. A infancia brinca, ri, gargalha. A Asia é velha. A Europa é jovem. A America é creança. A America nunca sofreu, porque não teve guerras sérias ainda. A vida é facil. Com vida facil, toda a gente está contente. Realmente, nunca vi tanta alegria como na America.
>
> Brancos, cuidado! Cuidado com a "Vontade do Céu"! Céu de cubiça, de ambição e ânsia de dominio!
>
> (Cidade de Rio Claro, 10 fevereiro 1942)

"Brancos, cuidado!" o perigo da "raça amarela" era a da dominação mundial, em uma contraposição em que os asiáticos eram mais antigos e, portanto, mais estratégicos e taciturnos, com os europeus e americanos sendo mais novos, adultos e criança respectivamente, estando ameaçados pelo avanço do Oriente. Tal concepção de medo continuava, já que havia comunidades japonesas nos países americanos:

> **Todas as Americas devem desconfiar dos japonêses**
>
> NOVA YORK, (Inter-Americana) – As Americas devem estar vigilantes contra o quintacolonismo, ou seja contra a espionagem moderno. Os famosos G-Men continuam a fazer sensacionais descobertas de manobras de alemães, italianos e sobretudo de japoneses. São exemplos que podem ser imitados, e com certeza estão sendo, tanto na America do Sul como na America Central. Recentemente os G-Men prenderam três padres niponicos num Templo Budista. Pois, bom, um desses padres era o famoso funcionario da policia japonesa Koyo Tamanaha, Yaohoi Takatayashi, um modesto dono de uma tinturaria, tambem preso, confessou ser um intimo dos irmãos do Imperador Hirohito. Dentre os empregados do Yokohama Specie Bank de São Francisco que foram presos estão Harui Aoki e Uma Ikoda, dois tecnicos do exercito japonês.
>
> Tão grandes tem sido a atividade dos japoneses na Costa Ocidental dos Estados Unidos que o governo estuda a possibilidade de transferir todos os "japs" para uma outra parte do país. Várias ligações entre japoneses e sobretudo alemães tambem foram descobertas.
>
> (Cidade de Rio Claro, 14 março 1942)

O governo dos Estados Unidos “estuda a possibilidade de transferir todos os ‘japs’ para uma outra parte do país”, o que já vimos que realmente ocorreu, não apenas realizando uma transferência forçada, como os aprisionaram em campos de concentração. Destaca-se que os imigrantes das 3 nações do Eixo estavam envolvidos em atividades questionáveis e em manobras traidoras da quinta-coluna, principalmente as ações de alemães e japoneses, os quais possuiriam contato entre si.

Essa animosidade iria fortalecer também ao Brasil, depois de um acontecimento diplomático importante, em que a comitiva brasileira foi destratada:

> Atrevimento e insolencia do Japão
>
> **(C. E. C.)**
>
> A atitude grosseira, petulante e brutal do governo japonês em relação aos representantes do Brasil em Toquio despertou indignação entre os brasileiros que, felizmente, têm homens de pulso que lhes governam e lhes defendem.
>
> O nosso Embaixador e cônsules têm sido tratados no Japão como se fossem prisioneiros de guerra, sem o mínimo gesto de cavalheirismo. Odioso, repelente, provocante esse ato niponico, aliás muito caracteristico da raça hipócrita, fingida, traiçoeira desses amarelos.
>
> Há poucos dias, ouvimos o Ministro Inglês, sr. Stafford Cripps, revelando as barbaridades que são inflingidas aos prisioneiros britânicos no Japão.
>
> Já isso nos provocou cólera, pois, alem de se tratar de amigos do Brasil, esse procedimento contraria todos os principios de direito e sobretudo de humanidade.
>
> Como poderemos ter contemplação com povo dessa categoria que não reconhece a hospitalidade que sempre lhe dispensamos? Como nos manter indiferentes deante dessa selvageria covarde e insolente? Como responder esse atrevimento, senão como o fez o nosso governo? Que represalia será justa para esse pais e o seu povo?
>
> Tal arrogancia recairia sobre os subditos japoneses aqui no Brasil, todavia, como desejamos paz e tranquilidade para o Brasil, precisaremos ser prudentes e apenas, mante-los em vigilancia e afastados com o nosso desprezo, exigindo que respeitem rigorosamente tudo que se refira ao Brasil e aos brasileiros, sob pena do governo nacional, defensor íntemerato da nossa honra, se torne mais severo nas medidas de repressão a esses palidos individuos que só retratam desconfiança e fingimento.
>
> (Cidade de Rio Claro, 19 março 1942)

As características elencadas aos japoneses são as de “raça hipócrita, fingida, traiçoeira”, devido ao tratamento inadequado aos diplomatas brasileiros, continuando o questionamento de como deveriam responder a afronta, o que fazer a esse governo e seu povo. Do internacional ao nacional, a mesma questão é aplicada sobre a comunidade imigrante, recomendando que a sociedade exerça vigilância e desprezo quanto aos japoneses. As notícias da presença de ex-

militares japoneses ilegalmente no Brasil influiriam conjuntamente na decadência das relações já conturbadas entre o grupo étnico e a sociedade em geral:

> O delegado de Ordem Politica e Social, sr. Ribeiro da Cruz, segundo instruções do major Olyntho de França, superintendente da Segurança Politica e Social, procura desvendar o misterio em torno [...] individuo Junko Kinobaro de 30 anos presumíveis, domiciliado em Ourinhos, fronteira norte de São Paulo – Paraná. Sabe-se que Kinobaro é um militar japonês, com a graduação de sargento comandante de seção de metralhadoras. Até o ano passado, serviu ele na guerra sino japonesa e por sua ação destacada mereceu diversas condecorações militares.
>
> Em 1941 veiu para o nosso Estado. Ao ser preso a policia encontrou em seu poder diversas maletas contendo documentos suspeitos [...], um fardamento de inferior do exercito niponico, uma grande bandeira de guerra do Japão, e verdadeiro arsenal de papeis e documentos diversos, entre os quais, selos de correio, sinetes japoneses, correspondencia volumosa, mapas, traçados, etc.
>
> A parte de toda essa bagagem comprometedora, Junko Kinobaro não possuia um só documento referente á sua situação ou permanencia em nosso pais, a qual, aliás, ficou provado ser ilegal. A superintendencia de Segurança Politica e Social, está insistindo em investigações rigorosas em torno das atividades do detido, contra quem se avolumam as suspeitas de atividade criminosa.
>
> As provas colhidas pela nossa policia e os interrogatorios a que Kinobaro tem sido submetido indicam ser ele, efetivamente, um personagem misterioso a serviço dos interesses do Japão.
>
> (Cidade de Rio Claro, 15 março 1942)

O receio e o medo piorariam, conforme casos de crimes e traição cometidos pelos japoneses apareciam nos jornais, com um se destacando:

> **TENEBROSO**
>
> **Plano Niponico**
>
> **Preparado o assalto ao Estado de S. Paulo – Entre os objetivos visados pelos amarelos, contam-se as oficinas da Paulista, nesta cidade – Armas em profusão, inclusive canhões.**
>
> RIO, 21 – Um nipo-brasileiro, em carta dirigida a uma alta autoridade, acaba de denunciar um tenebroso plano japonês contra o Brasil, especialmente contra o Estado de S. Paulo. Essa carta, que causou viva sensação, está sendo em parte divulgada pelos meios oficiais e pelas estações de radio, as quais advertem os brasileiros para estar alerta.
>
> Segundo o missivista, oficiais superiores do exercito, niponico espalhados por todo o Brasil, notádamente em S. Paulo, têm sob suas ordens um verdadeiro exercito, com divisões, brigadas, regimentos e batalhões.
>
> Essas unidades dispões de metralhadoras, fuzís, armas portateis e até canhões anti-tanques, trazidos criminosamente para o nosso país por empresas niponicas mencionadas na carta e citadas hoje pela "Hora do Brásil". Alem disso, os japonêses fabricaram explosivos em nósso territorio.
>
> Sómente na capital de S, Paulo, os n1ponicos possuem 25 mil homens treinados para um assalto aos quarteis do Exercito e da Policia, pois eles sabem, por nipo-brasileiros que prestaram serviço militar, que a guarda comum dos quarteis é constituida por poucos homens.

> Logo que recebessem ordem de Toquio, os japoneses pretendiam ocupar a capital bandeirante em meia hora, assaltando os quarteis de surpreza, com granadas de mão. Avançariam ocultos em caminhões.
>
> Ocupando pequenas propiredades, os niponicos estabeleceram-se em pontos estrategicos, de S. Paulo a Taubaté, à margem da Central, na Noroeste e na Sorocabana.
>
> O audacioso plano inclue o assalto e destruição de estabelecimentos químicos, mecanicos e ferroviarios, inclusive as Oficinas da Cia. Paulista, em Rio Claro.
> (Cidade de Rio Claro, 22 março 1942)

> **Tenebroso plano niponico**
>
> **A traição á terra hospitaleira pelos japoneses – Um impressionante documento divulgado em São Paulo**
>
> **S. PAULO**, 21 – Um filho de japoneses nascido criado e educado no Brasil, acaba de dirigir a uma alta autoridade uma longa carta em que denuncia toda a organisação dos nipões em S. Paulo. Revelando-se com profundos sentimentos nacionais, o missivista pede, por motivos óbvios, que o seu nome seja ocultado na divulgação de suas informações verdadeiramente impressionante. Da carta, que é longa, damos, abaixo os trechos principais: [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 24 março 1942)

Não realizamos a transcrição da carta por essa ser longa e não dar maiores informações quanto ao recorte rio-clarense, mas o que se destaca de tal plano é a sua amplitude, com o município de Rio Claro sendo um de seus alvos. As notícias – também pronunciadas na Rádio pela "Hora do Brasil" –, tratam da infiltração japonesa no Brasil, com planos de tomada militar e intensa destruição de infraestrutura. Os japoneses já teriam 25 mil homens armados, até com explosivos, espalhados pelo estado de São Paulo, esperando somente as ordens do imperador.

A notícia é, naturalmente, alarmista e imoderada quanto ao perigo real que representaria a parcela totalitária de qualquer grupo étnico, com a intenção sendo igualmente evidente, a de criar animosidades com a comunidade japonesa e impedir futuras imigrações deste contingente. Não afirmamos, com isso, que não houvesse elementos criminosos entre as comunidades imigrantes, tampouco que estavam ausentes de indivíduos dispostos a entregar o Brasil nas mãos dos países do Eixo, mas a totalização dos japoneses a partir dessa parcela problemática é o que apontamos. O problema se concentra no fato de que em todas as camadas e grupos étnicos, do e no Brasil, havia aqueles que se interessavam e passavam a seguir e defender regimes totalitários, mas aos imigrantes era dado atenção especial à sua repressão, essencializando e até racializando as questões, impedindo-os do distanciamento de sua cultura para protegerem-se.

As animosidades contra a imigração nipônica continuariam a inflar, relembrando a sua aceitação controversa e limitada de entrada no país, a qual é lamentada, mesmo sendo em número reduzido se comparada a outras imigrações:

> **Ameaça amarela**
>
> **J. P. COELI**
>
> De tempos a tempos, volta à baila a infiltração niponica no territorio brasileiro. Na Constituinte de 1934 foi que se restringiu a entrada de estrangeiros em nossa terra, com percentagens estabelecidas, das quais á imigração japonesa coube uma das menores, graças ao movimento encabeçado pelo saudoso Miguel Couto.
>
> Então, foram raras as vozes que apoiaram a livre entrada de imigrantes japoneses, o que levou o Imperio do Sol Nascente a procurar conquistar nossa simpatia, convidando jornalistas e intelectuais patricios a visitar aquelas terras exoticas [...] Enquanto isso, e apesar das restrições impostas pela quota imigratória os suditos japoneses foram sorrateira mas persistentemente formando quistos em quase todos os pontos estratégicos de nosso país. Não faltou quem escrevesse em livro que a infiltração nipônica constituía ameaça das mais perigosas, porque se estendia ao longo da faixa litoranea sul-americana, que ia do Brasil ao Chile.
>
> Além disso, havia a dificuldade de adaptação de uma raça completamente diferente ao nosso **habitat** e ao nosso tipo racial, tanto que até hoje foram raríssimos os descendentes de japoneses que se consorciaram com brasileiros. Economicamente, se bem que o colono niponico seja trabalhador, não se chumbava, através da aquisição de gleba [...] De modo que racial e economicamente os japoneses constituíam quistos. Tudo isso não foi relembrado senão devido á irradiação japonesa, em que pessoa autorizada de S. M. Hirohito, reclamava contra os maus tratos que estávamos emprestando aos japoneses aqui domiciliados.
>
> De fato, nossa policia tem estado atenta para evitar qualquer surpreza de elementos que não merecem nossa confiança. Mas nada de arbitrariedades e sim vigilancia.
>
> Nem podia ser diferente, diante da ameaça amarela... Ou queria que tomássemos ópio? Pearl Harbor ainda é muito recente.
>
> **(U.J.B)**
>
> (Cidade de Rio Claro 10 outubro 1942)

A partir da leitura algumas questões aparecem, no próprio texto é apresentada a condição do imigrante no Brasil, de indesejado, cuja vinda foi postergada e quase completamente evitada, ao mesmo tempo, que demonstram a posição da sociedade para com os japoneses, há a reclamação de que se fecham em "quistos". O texto termina relembrando o ataque à *Pearl Harbor*, além de afirmar de que a polícia está vigiando atentamente as comunidades japonesas.

Os japoneses são vistos como deletérios, a sociedade os exclui e, ressaltando, a reclamação é que se "fecharam" em "quistos", sem questionarem a inação ou a falta de estratégia da política imigrantista na recepção e convívio com essa população. Tais afirmações são comprovadas ao vermos o posicionamento de um notável nome de Rio Claro, ao abordar sobre como são os japoneses e a sua opinião sobre a vinda ao Brasil:

NAVARRO DE ANDRADE
E a imigração niponica

Edmundo Navarro de Andrade não foi apenas o criador do maravilhôso Horto Florestas da Cia. Paulista, o maior e mais rico da America Latina, cuja localização, em nósso municipio, tornou universalmente conhecido este Rio Claro amado.

Navarro de Andrade não foi somente o agrônomo esclarecido, que vencendo relutancias e principios rotineiros fez com que se generalizásse a cultura do eucalipto em nósso país, particularmente neste Estado, atalhando sensivelmente as calamidades resultantes da devastação das matas e possibilitando, com a guerra que sobreveio, a continuidade da tração motorizada por meio do emprego do gás pobre.

Sua visão abrangeu outros e mais vastos problemas, aqueles que dizem respeito à formação da raça e à segurança nacional. São de Navarro de Andrade os tópicos que seguem, condenatorios da imigração niponica, tópicos esses contidos no seu livro a "A' Volta do Mundo", publicado em 1.920:

"O que impressiona seriamente, sobretudo a quem viaja pelo Oriente, é a idéa que em todo ele se faz do japonês e a serie enorme de precauções tomadas por todos os países civilizados para evitar, impedir a sua entrada".

"O Brasil deveria ter estudado maduramente esta questão antes de se ter resolvido, levianamente, a aceitar de braços abertos a imigração japonêsa, ou, o que ainda peor é, subvencionando-a, estimulando-a por tôdos os meios".

"Se o Japão perde em ser conhecido de perto, muito maior é o prejuizo para o japonês. Este, no seu país, é muito menos simpático do que no estrangeiro e está longe de ter a polidez que lhe querem emprestar. E' tal o seu odio ao branco que ele, que tão bem sábe esconder os seus sentimentos, ainda o não conseguiu disfarçar. Não suporta o inglês, não o tolera, apesar de todas as falsissimas declarações que faz sempre em contrario, e dos "brancos" o único de que gosta, admira e procura imitar, é o alemão".

"Estou firmemente convencido de que não póde haver brasileiro nenhum que, depois de ter visitado o Japão, ainda ache que a imigração japonêsa convenha ao nósso país. Não ha duvida nenhuma de que é a peor de que poderiamos lançar mão e de que muito brevemente nos arrependeremos de a ter aceitado e subvencionado. Mesmo a impossibilidade de receber agóra qualquer outra não a justifica".

Navarro de Andrade cita depois fatos colecionados em suas viagens de estudos pelo Oriente, revelando-se um sociologo de visão segura e penetrante, com advertencias que devemos lastimar não terem sido observadas à risca em nóssa patria, (Cidade de Rio Claro, 09 setembro 1943)

O texto é revelador, não apenas por ser um nome reconhecido e ligado ao município de Rio Claro, como também por comentar diretamente, e de modo pejorativo, de 2 grupos étnicos estudados. Ao comentar que os japoneses, supostamente, odiavam os brancos, é feita uma exceção, afirmando até que eles admiravam, os alemães. A matéria foi publicada em 1943, mas o texto era de 1920, momentos após toda a perseguição e violência sofrida pela comunidade alemã de Rio Claro e de todo o Brasil. Unia-se, assim, os preconceitos étnicos, colocando alemães e japoneses como sendo parecidos em suas características, criticando-os como nocivos ao país. A matéria acaba unindo três períodos históricos do município e escrevendo sua história direta ou indiretamente, ao abordar: os impeditivos à imigração japonesa; a comparação aos

alemães como sendo um defeito; e por fim, terminada a citação de Navarro, vemos a reflexão lamuriosa do escritor de não terem levado em conta as afirmações feitas em 1920.

Aproveitadores, golpes e imposições

Como vimos na Primeira Guerra Mundial, os alemães e descendentes foram obrigados a hastear a bandeira nacional, para que assim evitassem o apedrejamento de suas casas e comércios. Quando se deparavam com uma casa que não havia o pavilhão em suas portas, os manifestantes assim obrigavam a apresentação da flâmula, incluso a casa daqueles que julgassem como "germanófilos", portanto não somente à etnia, mas incluso a seus amigos e conhecidos. Criava-se um mecanismo padrão de cobrança e demonstração de "nacionalismo", cuja ação era esperada e estratégia comum de proteção. Aliado a isso estava a venda de tais bandeiras, liquidando seus estoques e aumentando o lucro, num processo que não havia escolha, era adquiri-las ou sofrer as consequências materiais, físicas e psicológicas da perseguição.

Na Segunda Guerra Mundial o procedimento foi similar, com práticas questionáveis de aproveitamento da condição nacional. Vemos, assim, a extorsão se disseminando, com a ameaça impelindo os grupos étnicos, e os munícipes com medo de serem ligados a estes, a perderem parte de seu dinheiro. Uma notícia a esse respeito nos chamou atenção, apesar de não ter ocorrido em terras rio-clarenses, relata a exoneração de um investigador, por este ter extorquido um cidadão estrangeiro de país cujas relações com o Brasil foram cortadas:

> **MUITO BEM!**
>
> O major Felinto Muller, chefe de policia do Distrito Federal, baixou a importante e seguinte portaria:
>
> "Resolvo demitir, a bem do serviço publico, o investigador extra-numerado Fernando Porto Richard. Esse funcionário, indigno pela ação que cometeu, de exercer a função policial, foi apanhado em flagrante quando extorquia determinada quantia a um cidadão estrangeiro. Dizendo-se incumbido de promover diligencias em torno de suditos estrangeiros, esse investigador entrou em entendimentos com um cidadão de nacionalidade do pais com o qual o Brasil rompeu relações; protestando transigir com o cumprimento de sua suposta missão, exigiu desse estrangeiro uma recompensa que oscilava entre um a dez contos de réis.
>
> Procedida a necessária sindicância em virtude da queixa apresentada pelo referido súdito, foi possivel a constatação do flagrante desse ato indecoroso, pois as cédulas que lhe foram entregues por aquele estrangeiro tinham as suas características previamente anotadas."
>
> (Cidade de Rio Claro, 10 fevereiro 1942)

Não é contado quem era o imigrante em questão, tampouco a sua origem, fica entendido que seria uma das que formavam o Eixo. Pensando a inserção de tal notícia no município de Rio Claro, podemos entendê-la como uma denúncia a práticas que estariam, ou poderiam estar, se disseminando pelo território nacional. Também devemos lembrar novamente que os donos do jornal "Cidade de Rio Claro" eram de origem italiana, portanto parte das comunidades visadas pela ditadura, propensas a ameaças e imposições, desse modo, a divulgação podia visar o alerta desse perigo. Instruía-se, mesmo que indiretamente, como evitar a situação ou reportá-la, com o exemplo do "súdito" marcando as características das notas (presumivelmente, o seu número de série), provando posse anterior delas e confirmando a sua versão do acontecimento.

A imposição quanto a presença da bandeira nacional reapareceria nos jornais, afirmando esperar que as casas estivessem no dia 19 de novembro "festivamente embandeiradas":

> **Bandeira Nacional**
>
> Ha poucos dias, a imprensa da capital do Estado publicou vibrante manifesto, subscrito pelo que ha de mais alto em nossa administração, no clero, nas forças armadas, na industria e no comercio, entre intelectuais e artistas [...] concitando o povo paulista a acrisolar o seu culto á Bandeira, numa publica e tranbordante manifestação de civismo, de amor á unidade nacional.
>
> Assim, no proximo dia 19 de Novembro, as fachadas das nossas casas deveriam amanhecer festivamente embandeiradas, com o auriverde símbolo drapejando virilmente á brisa paulista, a conclamar ostensivamente o nosso orgulho de ser brasileiro, a nossa alegria de fazer parte desta nação. [...] S. Paulo todo vai hastear, com supremo orgulho, em cada casa, a Bandeira Nacional, a mesma que inspirou seus antepassados a construir todo esse passado, capitulo honroso da Historia do País.
>
> (Diario do Rio Claro, 29 julho 1942)

O combate ao pensamento regionalista é notado no discurso, continuação direta do processo de destruição de símbolos estaduais ocorrida em 1937 (MARIANTE, 2016, p. 31-33; ROSE, 2001, p.155). Não menos importante, a isso está ligado o controle e impedimento de novas revoluções e revoltas contra a ditadura, a exemplo do ocorrido em 32. Por tais motivos é tão enfocado que "o povo paulista" e "todo São Paulo" participará das manifestações patrióticas, exibindo a bandeira nacional. Comparando aos idos da Primeira Guerra, nesse momento, o regime varguista não fazia distinção de quem era obrigado a apresentar a bandeira, todos deveriam. Aos grupos perseguidos e já visados como "traidores" e "integrantes da quinta-coluna", fazê-la era o básico para sobreviverem à violência ditatorial ou social.

Os golpistas, então, não deixariam tal oportunidade escapar, aproveitando a imposição de símbolos como distintivo de orgulho nacionalista e aliadófilo, iriam em seu ardil prejudicar

a população. A criminalidade, utilizando de campanhas falsas, forçava a compra de seus "produtos", quinquilharias superfaturadas, cuja abordagem consistia na afirmação de que a venda auxiliaria campanhas cívicas, utilizando-se de nomes e instituições reais no golpe:

> **ALERTA CONTRA OS EXPLORADORES**
>
> Os falsos patriotas multiplicam-se! Os velhacos exameiam! Os aproveitadores de situações excecionais pululam! Uma intensa corja de patifes investe contra a bolsa do povo fazendo uso e abuso, para os seus assaltos, do sagrado nome da Patria! Chantagistas experimentados, gatunos hábeis, – a fina flôr da malandragem perfumada e elegantemente vestida – empreendem impunemente excursões de rapinagem pelo interior do Estado e constrangendo, amedrontando, arrancam dos cidadãos o fruto das suas economias, mascarando os seus assaltos com a nobre roupagem de campanhas civicas!
>
> Em pouco tempo, os habitantes de Rio Claro, principalmente os comerciantes e industriais, foram vitimas de investidas ladravazes, que os sessangraram em muitas dezenas, quiça centenas de milhar de cruzeiros! Ludibriando pessoas e entidades respeitaveis, os meliantes apresentam-se tão bem credenciados que o seu "trabalhinho" se torna relativamente facil.
>
> Falando em nome de cruzadas de patriotismo ou beneficencia, persuasivos, amenos ou autoritarios, conforme as circunstancias e as pessoas a quem se dirigem, alcançam o fim a que se propõem, que é o de explorar o proximo Até agora, o seu êxito tem sido completo, seguro, incrivelmente seguro. Duplo êxito, porque enganam o povo em cujos bolsos enfiam as mãos enluvadas e enganam as entidades que lhes fornecem credenciais.
>
> As placas "Somos Aliados" representam a mais recente rapinagem praticada nesta cidade contra comerciantes, industriais e capitalistas. A colheita parece que foi vultosa, porque os gatunos se apresentavam desfraldando o estandarte de uma conceituada instituição cientifica que muitos e relevantes serviços está prestando ao país. Feita a razia do interior, os biltres, que já levavam uma existencia regalada, atiraram-se à jogatina dos casinos de luxo, zombando do publico explorado e da instituição que de bôa fé os credenciou. [...]
>
> Deixemos de ser ingênuos e receiósos e quando tivermos de contribuir para uma instituição de evidente utilidade, façamo-lo em forma direta, sem intermediarios, principalmente sem intermediarios desconhecidos que não possamos ter constantemente sob as vistas, para um chamado a contas.
>
> Os meios de divulgação, radio e imprensa, precisam repelir firmemente as quadrilhas que intentem "operar" em nóssa terra, sejam quais forem os enfeites com que se disfarcem. Se não está na sua alçada agarrar os meliantes pela góla para que o xadrez os receba, é do seu dever mostrar-lhes a pórta da rua.
>
> Se radio e imprensa tiverem de quebrar o silencio, que seja para advertir o publico contra o assalto em perspectiva.
>
> Essa orientação será rigorosamente observada por esta emissora, que não quer de maneira alguma concorrer para que os rioclarenses sejam defraudados em suas economias.
>
> Esses canalhas da campanha "Somos Aliados" realizaram, em proveito proprio, uma nefasta ação de quintacolunismo que nós desejamos ver rigorosamente punida pela justiça do país.
>
> Portante, amigos ouvintes – alerta contra os tratantes e espoliadores.
>
> (Cronica lida ao microfone do Radio Clube de Rio Claro – PRF-2)
>
> (Cidade de Rio Claro, 04 abril 1944)

Não devemos nos esquecer que a Primeira Guerra havia terminado aproximadamente a 20 anos, com a memória de seus acontecimentos ainda presente. Assim, comerciantes e industriais, e em certa medida os habitantes de modo geral, se viram coagidos a comprar os produtos. Se as consequências antes eram apedrejamento e ameaças de morte pela sociedade e imprensa, a Segunda Guerra manteve a ameaça social, porém com a imprensa censurada e com repressão estatal, ou seja, prisões, tortura e até "desaparecimentos" podendo ocorrer.

Sobressai também à análise a acusação de "quintacolunismo" de tais atos, não que não houvesse motivos para assim afirmarem, porém o termo é amplo e abrange uma vasta camada de possibilidades de indicação. Tão relevante quanto é notarmos que essa notícia foi propagada pela rádio, o que indica que foi espalhada também pelos alto-falantes, ou seja, tanto escrita quanto ouvida nas casas e praças, devido a importância da questão.

Entretanto, onde entraria o poder público nessa questão? Os desejos são de que a justiça encontre e faça as devidas medidas contra os golpistas, mas até que ponto o poder não estava igualmente envolvido nas imposições? Não devemos esquecer que a ditadura personalista e nacionalista cobrava a presença de imagética determinada, com a sua ausência sendo motivo para suspeitas ou retaliações. Vemos a denúncia explícita de tais questões em 1945, em que imposições eram feitas pelo poderio policial a comércios de diversos tipos, intimando-os a apresentarem retratos para que não houvesse retaliações:

> **Um Equivoco**
>
> O sr. João Alberto, chefe de Policia do Distrito Federal, ao palestrar ontem com os jornalistas, disse, entre outras coisas, o seguinte: "Não ha instruções da policia obrigando a quem quer que seja colocar retratos do sr. Getulio Vargas nas paredes das casas que ocupam. Se lá se acham é porque os donos ou locátarios o permitem, no uso, aliás, de um direito. Não podemos nem devemos cercear a liberdade do cidadão".
>
> O sr. João Alberto falou de boa fé. Não temos duvida em reconhece-lo. Acontece, porem, que ao se dar o golpe de 10 de novembro, o sr. João Alberto achava-se ausente do Brasil, desempenhando uma missão diplomatica no Canadá. Por consequencia, alheio ao que se passava por aqui.
>
> Essa historia de retratos é tipicamente facistas A policia não baixou nenhuma ordem para que as casas comerciais colocassem os retratos do ditador nas suas paredes. Fez pior. Obrigava os comerciantes de cafés, botequins, restaurantes, etc., a pregar aqueles retratos bem, á vista, sob pena de prisão, espancamento, deportação, e outras violencias mais ou menos nazistas Daí essa avalanche de retratos em toda parte. O sr. Getulio Vargas tornou-se socio comanditario de todas as casas comerciais do Rio de Janeiro graças aos metodos, arbitrarios de nossa policia.
>
> Ha, portanto, um ligeiro equivoco do sr. João Alberto, que nos apressamos a desfazer, a bem da verdade.
>
> (Do "Diario Carioco", de 15 do corrente)

(Cidade de Rio Claro 18 março 1945)

Apesar de ser a reprodução de um artigo veiculado pelo "Diário Carioca", não deixa de apresentar uma realidade nacional, sendo que a sua presença na "Cidade de Rio Claro" é indicativa de concordância e prosseguimento da denúncia realizada. Desse modo, podemos afirmar que havia, ao menos em parte, certo conluio, ou até competição de "mercado", entre o poder político/policial e os embusteiros, em angariar "consumidores" dos símbolos propagados.

A prática extorsiva era, obviamente, proibida política e judicialmente. Entretanto, a repressão ditatorial facilitava ou até mesmo realizava tais atos. A população, e, notadamente, aqueles cuja perseguição era mais evidente, viam-se em uma encruzilhada: por um lado deveriam buscar todos os meios de se protegerem de ameaças e questionamentos, por outro, precisavam evitar o contato com os golpistas, os quais aproveitariam da situação para acusar o não interesse nos produtos ou "campanhas" como sendo atitude de quinta-coluna, fascista, nazista, traidor e outras imputações.

Inegavelmente os grupos étnicos se viam em condição de vulnerabilidade a tais mecanismos, tendo que demonstrar, novamente, além do orgulho patriótico brasileiro, o seu distanciamento das origens. Seja pela imposição de bandeiras, faixas, doações, retratos ou o que for, os perseguidos além de verem sua cultura criminalizada e correrem risco de morte, tinham problemas empregatícios e ainda estavam suscetíveis a perder dinheiro.

Quinta-colunismo

Em uma guerra, certas estratégias utilizam-se de indivíduos que possam se infiltrar entre os inimigos, outro meio é o convencimento dos descontentes na colaboração do outro lado. Tais parâmetros de guerra não eram novidade, estes existiram e foram planejados para aplicação aos inimigos e/ou para evitar sofrer de tal mal, podendo ser visto, a exemplo, desde antes do século 5 antes de Cristo (ou antes da era comum, como preferir) com o estrategista Sun Tzu na China (TZU, 2006, p.139-147). Anteriormente, mesmo na tese (ou no mestrado, BOVO, 2019), vimos a questão já presente na Primeira Guerra, com a comunidade alemã sob suspeita de traição, acusada de ser dissimulada e maquinarem a conquista do país internamente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a busca em evitar essa estratégia do inimigo, colocaria as comunidades étnicas alemã, italiana e japonesa na mira. Tal fato se dá pela união

e influência do pensamento assimilacionista, presente no ideal nacionalista e de nacionalização – chamada por nós de violência assimilativa – da ditadura varguista. O foco nas comunidades é assim explicado, mesmo que os nacionais e/ou os estrangeiros desejados não deixassem de apresentar entre si a dita quinta-coluna.

De tal modo, as táticas tomadas em território nacional iriam ser baseadas nessas práticas históricas que vinham desde a Antiguidade:

> **O Brasil frente á guerra**
>
> Sensacional entrevista do general Rabelo – Diligencias policiais
>
> RIO, 27 – O general Manoel Rabelo, em sensacional entrevista á imprensa, enfrentou desassombradamente o problema do quinta-colunismo, especialmente no que se refere a S. Paulo. Disse o illustre militar que "se os niponicos são maquiavélicos, os alemães são ainda mais perigosos". Precisou os perigos a que o Estado de S. Paulo está expôsto e revelou que em conversa com o dr. Fernando Costa, interventor federal, s. excia. lhe havia dito que não dispunha de meios para ação eficiente.
>
> Ficou averiguado, em diligencias policiais, que esta capital era o maior centro de espionagem totalitaria da America do Sul.
>
> O Convento de São Francisco, na Baia, foi varejado pela noticia.
>
> Em Botucatú, S. Paulo, foram presos dois niponicos que tinham estações radio-transmissoras.
>
> (Cidade de Rio Claro, 28 março 1942)

Segundo o general brasileiro, os japoneses eram ardilosos, com os alemães conseguindo ser ainda piores. O estado de São Paulo seria, assim, o maior centro de espionagem da América do Sul, com o interventor não possuindo os meios suficientes para impedi-lo. O tom alarmista, munido da construção do inimigo indiferenciado e astuto, direcionava-se ao público, esperando dele certa reação, positiva ao governo e contrária aos grupos étnicos.

A imprensa iria também ser usada como instrumento de incentivo para a ação popular, aplicando nela certo alarmismo:

> **Alerta!**
>
> Neste instante de amargor que a Nação está vivendo, são do todo injustificaveis os comodismos e os indiferentismos por parte daqueles que aqui aportando, estabilisaram suas vidas, não raro formando pecúlio em nosso meio.
>
> Nesta guerra a que fomos compelidos ante os inomináveis assaltos da pirataria "eixista", a atitude não póde ser de titubeios: ou se é pelo Brasil, lutando com ele pela sobrevivência de sua integridade, ou se está contra ele, e como tal, deve ser combatido.
>
> Porisso, mais do que em qualquer outro instante da vida nacional, devemos estar alerta, a nossa atenção voltada – irredutivel e perspicaz – aos minimos movimentos que, na sombra – como é de seu estilo – a "quinta-coluna" certamente prepara com o fito de nos atraiçoar.

> O exemplo desse abjéto individuo que "pretende" pintar sua casa com o sangue de brasileiros após a vitoria do "eixo", deve ser frizante e estar em todos os pensamentos como um sinal de vigilancia!
>
> Como esse assalariado do paranóico de além-ar, muitos outros – quem sabe quantos? andarão certamente por aí, a "profetizar", "prometer" e "ameaçar" cousas sobre cousas, numa desesperada tentativa de dividir a nacionalidade, promovendo a sabotagem e outras mesquinhezas de igual jaez!
>
> Esteja, porém, descançada a "quinta-coluna" pois que agora, mais do que nunca, a Nação está unida num só bloco, um só pensamento vibrando em todos os corações: Vitória!
>
> E será essa união de todos os brasileires; será esse desejo irrefreavel de vingar a vida daqueles que os sátrapas da "Nova Ordem" sepultaram nas aguas de nosso Oceano, que levará os brasileiros a contribuir para que seja varrida da face da terra essa "companhia" de monstros e aberrações que se dizem "super-civilizados", "super-homens" do mundo"
>
> Estejamos, portanto, de atalaia! E ao mais simples sinal dos que aqui pretendem nos atraiçoar, ajâmos sem vacilação!
>
> Lembremo-nos em cada hora, em cada minuto e em cada segundo destes dias tormentosos que passam, que há algo que devemos fazer sobreviver: o BRASIL!
>
> **J. Sylvio**
>
> (Cidade de Rio Claro, 27 agosto 1942)

Eis que o indivíduo, não nominado, que pretende "pintar sua casa com sangue brasileiro" retorna (tal qual o do "Alpha" de 2 dezembro 1918)! A diferença é que na Primeira Guerra este era classificado como alemão ou germanófilo, passando, neste momento, a ser classificado dentro de mais dois grupos étnicos (isso sem contar os movimentos políticos associado ou não a estes). As ações deveriam ser firmes, mesmo ao menor sinal de traição, que poderia ser interceptado conforme as concepções do vigilante quanto ao dito invasor.

Algumas instruções eram passadas, sendo em sua maioria pela própria força policial, com os jornais repercutindo na sociedade:

> **Delegacia de Policia**
>
> A Delegacia de Policia local, pede-nos dar á publicidade o seguinte:
>
> "O povo de São Paulo tem demonstrado o seu apoio mais veemente ao governo nesta fase grave da vida da nação e bem compreendido de que sómente dentro da ordem e disciplina é possivel trabalhar para organizar o país com o escopo de enfrentar a situação a que foi levado na defesa da dignidade nacional e na repulsa a atos inqualificáveis de agressão e insulto. Não é demais entretanto, que se concite a todos os brasileiros e estrangeiros residentes neste estado, que continuem a trabalhar dentro da disciplina até agora demonstrada, mobilisando todos os seus valores e energias em beneficio da segurança e defesa da patria, exercendo vigilancia justa contra aqueles que, desmerecendo da nossa hospitalidade - atraiçõem os nossos interesses e ideais, não esquecendo nessa vigilancia os que, intoxicados por ideologias exoticas sejam capazes de mentir as tradições de lealdade, patriotismo e bravura do povo brasileiro - entretanto, tudo deve ser conduzido por maneira que não sofram vexames aqueles que conosco colaborar no labor pacifico e se mantenham dentro das determinações do

governo, que vem cuidando dos interesses da patria brasileira com acrisolado patriotismo e indefenso zelo"
(Diario do Rio Claro, 16 setembro 1942)

Campanha contra a quinta coluna
Oportuno aviso da Delegacia Regional de Botucatú

O dr. Rolim Rosa, delegado regional de Policia de Botucatú, mandou publicar o seguinte aviso:

"Peço o concurso da população e de todos os brasileiros para uma energica campanha contra os "quinta-colunas" – que enxameiam escondidos por aí – nos desvãos das portas e das esquinas – nas ruas e praças nos bars e botequins e cafés e mesmo nas casas de famílias e que vivem conosco, em nosso convívio – usam a nossa terra – tiram dela o melhor proveito – usam das nossas amizades – comem o nosso pão e tudo obtém e se enriquecem à nos a custa e depois nos vendem e nos atraiçoam.

Não devem ter contemplações com eles e devem denuncia-los á policia – imediatamente – quando pilhados em conversa ou comentarios favoraveis ao "eixo" e servindo aos interesses dos inimigos da nossa Patria".
(Cidade de Rio Claro, 22 setembro 1942)

Incentivado e instruído pela polícia, hegemonizava-se na sociedade a prática da vigilância e retaliação social. As orientações eram voltadas à dúvida quanto às afirmações de lealdade, devendo-se levar em conta o passado dos indivíduos e o que defendiam anteriormente, denunciando-os imediatamente a qualquer comentário visto como favorável aos países do Eixo.

As diretrizes e correções às formas de vigilância seriam feitas, igualmente, pela sociedade e imprensa, as quais iriam pedir maior autocontrole na vigília:

Mais discreção!

Está o povo brasileiro preocupado com o combate aos inimigos da Patria. Todos querem colaborar com as autoridades, todos querem auxiliar a descoberta de espiões e de traidores. E' um zelo muito louvavel, não ha duvida. O que está profundamente errado, é a maneira pela qual essa colaboração se exerce.

Um espião é um individuo hábil, desconfiado, sempre pronto a desaparecer ao primeiro indicio de qualquer suspeita e, sobretudo, a eliminar os menores indícios da sua atividade nefasta. Para colhê-lo, portanto, toda cautela é pouca. Que fazemos nós, então? Discutimos em publico nossas suspeitas, lançamo-lhe á cara nossa acusação, publicamos até nos jornais uma descrição detalhada de todos os indícios! E no fim de tudo isso reclamamos que a policia nada mais consegue apurar...

Toda a discreção é pouca, num caso desses. Leve-se qualquer suspeita ao conhecimento da policia ou outra autoridade mais proxima, **e de mais ninguem absolutamente.** Ela é que investigará e decidirá si, mesmo sendo fundada a suspeita, não convirá deixar o criminoso por ora em liberdade, para observar suas atividades e descobrir seus cumplices. E sendo infundada, evitar-se-á assim o vexame que constitue para todo cidadão uma denuncia publica dessa ordem. **(A. N.)**
(Cidade de Rio Claro 17 outubro 1942)

A matéria acaba demonstrando dois processos que ocorriam na sociedade, a do amplo conhecimento, divulgação e discussão do assunto da espionagem, e a das acusações indiscriminadas, feitas em público, de modo confrontativo. A cautela estaria exatamente envolvida nestes dois modos de vigilância, recomendando realizar as denúncias apenas às autoridades, além de não importunar o criminoso, para que esse continue a agir e, através da vigilância, se descubra seus comparsas.

A sociedade havia tomado para si tais obrigações, evidentemente não podemos falar de sua totalidade, reconhecendo que a imprensa (ou qualquer outro documento histórico) é uma representação do próprio período que chega até nós, mas as instruções e as medidas corretivas para melhor realizar o intento social de patrulha são demonstradas.

A política e sociedade viriam novamente a mirar os inimigos que estivessem presente em cargos, mirando em seus empregos e postos, principalmente os do poder público, de igual forma aos alemães em 1917 e 1918, agora a todos que seriam do "eixo":

> Funcionarios suspeitos ao regime
>
> O sr. José Rodrigues Alves Sobrinho, secretario da Educação e Saude Publica assinou um ato sobre a permanencia, em cargos públicos, de funcionários que, pelas suas ideologias, não podem apoiar com lealdade a luta em que nos empenhamos contra os paises do "eixo".
>
> Nos "consideranda" que precedem a sua louvavel e patriotica resolução, o titular da educação faz sentir que é imperiosa obrigação dos poderes públicos [...] exercer a maxima vigilância, para evitar a repetição de exemplos recentes, de países que pereceram pela inadvertencia criminosa dos seus governantes, vitimas da traição de inimigos internos, ocultos sob mil formas de disfarce.
>
> Trata o sr. Rodrigues Alves Sobrido da seria ameaça que paira sobre as instituições governamentais, quando os cargos administrativos são ocupados por servidores graduados ou não que, até pelas armas, pretenderam a substituição da ordem politica dominante e conclue com a seguinte resolução:
>
> a) – recomendar, antes como brasileiro do que como chefe e secretario, a todos os diretores de departamentos, de diretoria ou de serviços, dependentes dessa Secretaria, que exerçam com empenho, a maior, mais severa e constante vigilancia sobre seus subordinados, comunicando a esta Secretaria os nomes dos que, por qualquer motivo fundado são suspeitos á causa do Brasil, podendo afasta-los, desde logo, do exercício dos seus cargos, para, apurada, incontinente, e de forma conveniente a procedência das acusações, serem demitidos e processados.
>
> b) – determinar, outrossim, que se oficie á Secretaria da Segurança Publica, solicitando-lhe, com urgencia, remessa de uma relação completa dos nomes de todos os filiados a ideologias politicas contrarias ás que vigoram no Brasil.
>
> (Cidade de Rio Claro, 22 setembro 1942)

OS SUDITOS DO 'EIXO'

J. P. COELI

> Sómente depois que os japoneses invadiram a Mandchuria foi a imigração brasileira sofreu as restrições encabeçadas por Miguel Couto, na Constituinte de 1934. Posteriormente, o Japão convidou intelectuais e jornalistas patricios a visitarem o império japonês, afim de captar simpatias e forçar conivencia. [...]
>
> Ao passo que os nipões procuravam infiltrar-se em nossa terra, Mussolini proibia a imigração italiana, porque a Italia, superpovoando-se, caminhava para as guerras de conquista. Idem, com a Alemanha. Não foi senão a rapida industrialização e o desajustamento social acarretado pela revolução industrial, que provocou a guerra de 1914 que foi, póde dizer-se, a gêmea da guerra atual.
>
> O Brasil, que sempre recebeu de braços abertos os filhos de outras patrias que aqui vinham procurar vida mais suave, não desconfiava de ninguem. Mas os discursos do outro lado do Atlantico, começaram a ser berrados ameaçadoramente e nações pacificas e desarmadas foram invadidas... Italianos de nascimento mas brasileiros de coração viram-se coagidos a transformar sociedades de socorro mútuo em casas da Italia e Hitler mandou fiscalizar as escolas alemãs do Brasil, para preparar a germanização dos brasileiros.
>
> Tudo isso, que é recente, obrigou o governo nacional a tomar medidas preventivas contra os suditos do "eixo". Nem todos serão quinta-colunas. Mas as leis teem caráter geral. Na ocasião de aplica-las é que se examinam as particularidades de cada um. E é facil averiguar as idéias, que ainda ontem alguem alimentava e observar como estão sendo recebidas as ordens marciais brasileiras. Que nosso governo não copia felizmente a "justiça" nazista, basta ler o decreto-lei n. 4.638, de 31 agosto ultimo, que faculta a dispensa do trabalho de suditos das nações inimigas.
>
> Não se trata de lei sumária, que atinja indistintamente a todos. "A prática de qualquer áto contrario ao bom andamento do serviço, da produção ou á segurança nacional é reputada falta grave" (Art. 42). Nem podia ser diferente. E, embora seja "licito" desde logo, a suspensão do empregado" (Art. 19) faltante, é preciso ordem do Ministério do Trabalho para dispensá-lo. O legislador procurou coibir os excessos dos tempos de guerra. Mas as cautelas da nossa lei vão ao ponto de averiguar quantas pessóas dependem do faltoso, perguntando "estado, idade, profissão e nacionalidade" (Parágrafo único do art. 29). Não seria justo que estrangeiros apenas de nascimento, que aqui cresceram, casaram com brasileira e deram filhos para o Brasil, fossem enquadrados como inimigos nacionais.
>
> Nossos inimigos são os quintacolunas, mesmo que hajam nascido em nossa terra; para vergonha nossa e do Brasil.
>
> **(U J B)**
>
> (Cidade de Rio Claro 06 outubro 1942)

Ambos os artigos tratam de afastamento daqueles indivíduos cujas suspeitas tenham algum fundamento, reconhecendo que não são todos das comunidades que seriam da quinta-coluna. Coeli, em seu texto, partindo do exemplo dos italianos, vai afirmar que nem todos os "do eixo" realmente assim o são, ao falar das leis afirma que elas têm caráter geral, com as particularidades de cada caso atendidas em sua aplicação. Não sem razão, o articulista defende que o legislador buscou evitar os excessos de guerra (talvez uma referência ao que ocorrera em Rio Claro e no Brasil durante a Primeira Guerra, ou seja apenas uma constatação geral), sendo injusto que os nascidos no Brasil, casados com brasileiras, fossem vistos como inimigos.

Destaca-se o meio encontrado para defender uma análise mais ponderada, para melhor discernir o amigo do inimigo, evitando equívocos: a comunidade italiana. Poderíamos analisar que o articulista assim o fez para proteger aos seus (levando em conta que o sobrenome Coeli remete a uma origem italiana), mas também em fervor nacionalista brasileiro conseguir extirpar aqueles que via como inimigo em seu grupo étnico. Seja qual caso for, é relevante apontar novamente como os italianos acabavam servindo de ponte argumentativa para uma convivência, ao menos mais tolerante, com os grupos estrangeiros.

A questão do conflito entre origem étnica e a lealdade ao país de recepção era relevante e intensa no período. Obviamente não dispunham e/ou não eram tão divulgados os métodos interpretativos que possuímos atualmente, assim certas confusões ocorriam, as quais tinham resultados trágicos. Era a mistura entre noções de origem e etnia, com o de nacionalidade, patriotismo, fidelidade e raça, uma mixórdia que afetava a forma que os indivíduos eram interpretados e tratados socialmente. O artigo escrito por Conde Emmanuel de Bennigsen demonstra e aborda bem o desarranjo conceitual e suas consequências no próprio período:

Quislings, quinta-colunistas e traidores

Conde Emmanuel de Bennigsen

(Exclusividade do C. E. C. para a "Cidade de Rio Claro)

A atual guerra levantou em quase todos os países a questão da fidelidade á patria de forma como nunca anteriormente foi levantada. Antes da Revolução Francesa todos deviam ser fieis apenas ao seu monarca. A Revolução substituiu a monarquia pela nação e então, o monarca passou a desempenhar papel de minima importancia. O termo "nação" compreendia, então, todos os subditos de quaesquer que fossem as nacionalidades.

Um alemão vivendo na Alsacia se chamava francês e combatia pela França como todos os outros franceses. Mas, pouco a pouco, a situação tornou-se mais complicada. Depois da guerra de 1870 na Alemanha nasceu uma nova teoria que todos os alemães dispersos pelo mundo inteiro continuam membros da familia alemã e devem-lhe fidelidade. Essa teoria exerceu influencia na lei Delbruck sobre a dupla nacionalidade.

Um alemão mesmo naturalizado num outro país nunca estaria libertado de suas obrigações perante a Alemanha. Durante a guerra 1914-1918, essa teoria não tinha muita aplicação. Na Russia, os alemães das províncias bálticas, na sua maioria, declararam fidelidade ao Tzar e esse juramento não abrangia o imperio russo. E quando a Russia transformou-se numa republica eles se declararam libertos de todas as obrigações contraídas com seu país de origem.

Depois da grande guerra começou um período de perturbações intelectuais. De um lado as teorias super-nacionalistas e de outro, internacionalistas, afirmavam que cada subdito de qualquer pais é juiz de sua conduta em face desse país. Cada um se julgava assim, capaz de julgar da conduta do seu governo, mesmo nos momentos mais criticos da vida nacional.

Já temos alguns exemplos das catástrofes oriundas desses "quislings" ou "quintacolunistas", mas que é tempo de chama-los traidores.

> Vidkur Quisling que esqueceu as suas obrigações de oficial e de antigo ministro da Noruega e entregou seu país aos alemães foi só o primeiro. Traidores tambem foram os franceses que simpatizando uns com os Soviets e outros com a Alemanha, não deram em 1940 o apoio completo ao seu governo.
>
> E assim tambem merecem a qualificação de traidores os subditos dos outros paises em guerra que, chamando-se de partidarios de certo partidos politicos extrangeiros, se opõem ás medidas governamentais ou, como membro das minorias nacionais, se consideram obrigados de ajudar os inimigos da sua patria de adoção.
>
> Só merecem eles o desprezo de todos os homens honestos e como traidores devem ser castigados com a maior severidade. A patria é o que temos de mais sagrado na vida terrestre e lhe devemos todo o apoio mesmo se o governo que a dirige atualmente não é simpático a nós outros.
> (Cidade de Rio Claro 03 outubro 1942)

Bennigsen faz uma análise histórica devida, partindo do desenvolvimento da lealdade baseada inicialmente na servidão ao monarca, substituída pelo patriotismo da nação em que vivia independentemente de sua origem e, por fim, da mistura entre o nacionalismo e a origem (ou seja, sua etnia), o que ocasionava dúvidas quanto a fidelidade dos indivíduos. Tal trajetória é pensada a partir da lealdade ao país hospedeiro, mas podemos aprofundá-la. No exemplo, por ele citado, dos alemães da Alsácia, vemos esse típico conflito entre a identidade cultural e étnica, com a identidade nacional ou patriótica, havendo uma confusão que envolve até noções biológicas/raciais, fazendo com que os conceitos de cultura, nacionalismo e "raça" sejam misturados; com os alsacianos sofrendo então nas mãos alemãs por serem leais à França, mas também nas mãos francesas por serem vistos como parte da Alemanha devido à sua origem e cultura (FINKIELKRAUT, 1988, p. 42-43, 53-56). Igualmente vimos acontecer em Rio Claro com os alemães na Primeira Guerra, em que a perseguição étnica era motivada pela sua indiferenciação da nacionalidade, tornando um grupo entre dois mundos. Na Segunda Guerra Mundial não seria diferente, temos além desses recortes de jornais, alguns relatos sobre a família Koelle, coletados e estruturado em narrativa por Roger Trimer (1994), onde é comentado que além do fechamento e das proibições, o Colégio Koelle passou a receber cartas de ameaças nazistas, vindas de Campinas, por não abrir espaço para reuniões totalitárias em seus edifícios (p. 66-67).

Por serem alemães, eram suspeitos de quinta-colunismo e, por serem brasileiros, acusados de não ter lealdade a Hitler. O alemão rio-clarense vivia, portanto, crise similar aos alsacianos na Europa, tendo sua cultura e seu patriotismo atacados. A mesma situação podemos comparar a dos italianos e dos japoneses rio-clarenses, vitimados pela violência assimilativa e ditatorial brasileira, ao mesmo tempo que também eram prejudicados pelos grupos totalitários

internos. Argumentamos que um dos elementos que aprofundaram esse problema foi o ideal nacionalista e sua decorrente agressão assimilativa, sendo que estratégias não violentas à cultura e identidade étnica poderiam ter utilizado melhor a comunidade, aliando-se a ela contra o problema totalitário que viviam. Assim afirmamos, pois qualquer demonstração cultural interna, vista por agentes infiltrados nas comunidades, poderia ser considerada ato de traição e respondida com violência e até mesmo tortura para a confissão (QUADRADO, 2014, p. 47).

Em outro artigo assinado por Coeli, vemos uma proposta de criação do "sexta-colunismo" em resposta ao dito "quinta-colunismo":

Sextacolunismo

J. P. COELI

O Brasil prepara todas as suas forças, tanto militares, de terra, de mar e de ar, como as civis, de usinas, de lavoura e de pensamento, para estar á altura das necessidades da guerra moderna, na qual nenhum setor deve falhar e, pelo contrario, todos devem trabalhar juntos e com maior eficiência, para a vitória das democracias.

Sempre que seja exigido maior sacrificio do povo brasileiro, convem lembrar a derrota do povo francês, que não estava preparado para a luta e não queria compenetrar-se do necessario espirito de sacrificio, [...] O desfibramento moral que a propaganda alemã conseguiu em França, subdividiu os franceses. A França de 39 não correspondeu á França de 14 e ninguem podia esperar Dunquerque depois de Verdun... E' que não se dava importancia ao solapamento dos "quislings".

Tudo isto os brasileiros não podem esquecer agora que estamos em luta, porque qualquer descuido poderá nos custar caro. Na retirada de Dunquerque não era apenas o povo que fugia pelas estradas a esmo; oficiais, que deveriam comandar as tropas de reação, tiravam gasolina de aviões militares para fugir com seus automóveis... Enquanto isso, a aviação alemã bombardeava as tropas francesas, que não dispunham de aviões para contra-ataca-la.

Não! Conosco não acontecerá assim, porque todas as nossas forças estão vigilantes. E' preciso agir. Afastar dos postos onde haja perigo de sabotagem todos aqueles que não nos inspirem absoluta confiança. Nada de deixar os traidores minarem nossas instituições civis ou militares. Ha tantos serviços para os quinta-colunas, a partir do amaino da terra, que não se justifica que eles continuem infiltrados entre nós.

O sextacolunismo deve ir apontando os suspeitos, que serão afastados dos lugares onde possam ser perniciosos.

(Cidade de Rio Claro 22 outubro 1942)

Comparando ao seu artigo anterior, no dia 6 do mesmo mês, a escrita é mais incisiva e direta, defendendo o afastamento de "todos aqueles que não nos inspirem absoluta confiança". De uma abordagem mais ponderada e trazendo que descendentes de imigrantes, exemplificando com os italianos, estavam para combater em nome do Brasil em terras europeias; passa a uma interpretação mais resoluta, direta e sem pormenores, necessitando confiança absoluta. A tal diferença, podemos supor que tenha sido até pensada para a própria proteção, pois em uma

escalada rápida dos sentimentos de insatisfação, quem pede por ponderação é visto como inimigo. Situação análoga vimos com os alemães em 1917, com um artigo distanciando a comunidade dos acontecimentos internacionais e os seguintes já atacando-a, até chegar ao ponto de defender não só apedrejamentos como até a morte de alemães e "germanófilos".

Continuando nosso exame comparativo, relembremos que o colégio alemão foi apedrejado na Primeira Guerra, e que a sanha assimilacionista apontava os centros de ensino que não fossem nacionais para serem perseguidos no período entreguerras. O novo conflito, com os governos totalitários, acabaria por mostrar uma situação de união destes dois momentos, de acusação que as escolas estariam formando traidores:

> **A propaganda nazista**
>
> RIO, via aérea (press Parga): – O nazismo procurou infiltrar-se, por todos os meios no Brasil, tirando imenso partido da ação exercida por alemães no campo do ensino publico.
>
> É o que se evidencia de um processo que corre no Ministerio do Trabalho a proposito da rescisão de contrato de trabalho de quatro alemães que, desempenhando funções de professores na Sociedade Escolar Vila Mariana, se tornaram vulgarizadores das ideias nazistas, desintegrando seus alunos do ambiente brasileiro.
>
> Revela o mesmo processo varios aspectos da mentalidade desses perigosos educadores da juventude brasileira. Depondo perante as autoridades brasileiras, tais agentes do hitlerismo confessam que se acham de pleno acordo com a politica de guerra do Reich. Não discutem absolutamente os atos de pirataria dos submarinos germanicos nas costas do Brasil. Tudo está muito certo. Fieis a Hitler estão de perfeito acordo com tudo quanto se faz por ordem deste sem procurarem investigar as razões ou a causa.
>
> Aí está uma prova convincente do mal que se fazia á mocidade brasileira, colocando-a, em muitos estabelecimentos de ensino, sob os cuidados pedagogicos de agentes da propaganda do imperialismo agressivo da Europa e da Ásia.
> (Cidade de Rio Claro, 14 janeiro 1944)

Novamente, nos vemos obrigados a afirmar que, o problema que elencamos não é a prisão justa daqueles que realmente tenham propagado o indefensável, é o de delimitação de quem é ou não criminoso e, ainda mais grave, o de generalização como sendo a educação étnica inerentemente ligada aos totalitarismos. Dito isso, temos que realçar que o período apresentava uma valorização da expulsão étnica dos "súditos do eixo" (principalmente os alemães e japoneses) dos quadros educativos, proibindo suas escolas e a atuação pública no ensino, limitando a ação social baseado em discriminação por origem.

Desse modo, o movimento contra o quinta-colunismo acabou representando um combate aos traidores do Brasil, legitimando as ofensivas assimilativas nacionalizadoras. As

tentativas de evitar maiores ataques às comunidades foram tentadas, porém, as defesas teriam que ser feitas cuidadosamente para não engolirem os debatedores como parte do problema. A ideia de existir indivíduos organizados para a destruição do país, além de ser um medo típico dos momentos de guerra, foi utilizada como justificativa para outras perseguições internas, validando-as e incentivando-as, com a atuação da ditadura, da imprensa e da sociedade nestas.

Antes dos ataques sofridos pelo Brasil, vemos cada vez mais o país se aproximando dos aliados e em discurso do dia 1ª de maio, Getúlio Vargas afirmando sua solidariedade aos Estados Unidos e comenta, brevemente, sobre os atos de contraespionagem:

> **A ATITUDE DO BRASIL**
>
> **Agamenon Magalhães**
>
> O Presidente Getulio Vargas, no seu discurso de 1.o de maio, definiu, mais uma vez, em termos claros, inequívocos e sinceros, a atitude do Brasil, diante dos acontecimentos internacionais.
>
> A solidariedade americana como um imperativo dos compromissos de ordem e unidade continental, levou-nos a romper as relações diplomaticas com os paises que agrediram aos Estados Unidos. Não poderíamos mudar nem a nossa situação geografica nem o curso da nossa historia. Não poderíamos ficar indecisos diante dos compromissos de ordem moral, politica e economica que nos ligam a todas as nações da America. [...] As medidas de ordem interna contra a espionagem são atos de politica. O que o Presidente Getulio Vargas deixou, por fim, fora de duvida ou de qualquer interpretação é que o Brasil é uma nação que não provoca, que não é imperialista, que está decidida a viver com honra e realizar o seu destino.
>
> (Diario do Rio Claro, 20 maio 1942)

O inimigo interno devia ser trazido à tona, sendo este um dos elementos legitimadores da ditadura e sua opressão. Mesmo antes de ter navios atacados, a posição era a esperada, de desconfiança interna transparecendo nos discursos sobre acontecimentos mundiais.

Brasileiros! De pé pelo Brasil!

Apesar das evoluções diplomáticas terem trazido o Brasil para o lado aliado, ainda predominava um posicionamento de não interferência direta. A situação mudaria com o constante ataque de navios brasileiros pelos navios nazistas, com a população se revoltando em comícios pelo país, com Rio Claro não ficando indiferente:

> **O AFUNDAMENTO dos cincos navios brasileiros**
>
> De norte a sul, numa vibrante exaltação patriotica, o Brasil se manifesta, veementemente, contra mais um inominavel atentado do “eixo” torpedeando e afundando, em aguas brasileiras, entre a Baía e Sergipe, cinco dos nossos vapores [...]

No Rio e em São Paulo os estudantes e o povo, reunidos num único anseio de protestar publicamente contra a covarde agressão, realisaram vibrantes manifestações, falando vários oradores

A atitude da classe estudantila local -
Grande comício, hoje, no Jardim Público

A patriotica iniciativa partiu do Instituto Comercial de Rio Claro, que suspendeu suas aulas de ontem, protestando assim contra o afundamento de mais cinco navios brasileiros e de repulsa por mais esse ato praticado pelo "eixo".

A diretoria do "Instituto" e seus alunos telegrafaram a Radio Tupy, do Rio de Janeiro, comunicando a atitude tomada e hipotecando sua inteira solidariedade ao Brasil nessa hora em que todos os brasileiros estão de pé, ao lado do nosso pais.

O Centro Estudantino Prof. Artur Bilac, numa manifestação de brasilidade, lançará hoje seu veemente protesto, realizando ás 19 horas, no Jardim Público, grande comicio. Para participarem dessa manifestação a brava juventude estudantina do Instituto Comercial convidou todas as nossas autoridades, os estudantes de todas as escolas e estende esse convite ao povo rio-clarense, para em praça pública, lançar igualmente o seu protesto.

Durante o comicio usarão da palavra vários oradores.

(Diario do Rio Claro, 19 agosto 1942)

As manifestações rio-clarenses teriam intensa participação dos estudantes, os quais iriam angariar novos movimentos, conforme organizavam suas passeatas. Juntamente outras instituições vão se unindo, incluso as de Imprensa:

A mocidade de Rio Claro, de pé, pelo Brasil!

As grandes demonstrações patrióticas de ante-ontem e ontem – imponente comício – desfile – Notas

Desde o instante em que tomou conhecimento dos novos atos praticados pela selvageria eixista contra a Nação, Rio Claro inteira, pela sua mocidade, pôs-se de pé, acompanhando passo a passo o desenrolar dos acontecimentos, vibrando como uma só alma, ao lado da nacionalidade.

O primeiro protesto de nossa mocidade, partiu dos estudantes do Instituto Comercial de Rio Claro que, na noite de terça-feira, solicitaram á direção daquele educandário, em sinal de pesar pelo atentado, a suspensão das aulas daquela noite. Ato continuo, os comercialinos locais, em conjunto com a direção do "Instituto", telegrafaram á Radio Tupi do Rio de Janeiro, informando-a da resolução, [...] Efetuaram, então, os estudantes daquele estabelecimento de ensino, rapidas visitas ao estudio do Radio Clube de Rio Claro, bem como ás redações do "Diario" e da "**CIDADE**" dando conta do protesto que vinham de fazer".

[...] logo ás primeiras horas da manhã, os alunos do nosso "Ginasio do Estado "Joaquim Riberio" soliticaram tambem a suspensão de suas aulas, vindo então para as ruas da cidade, entoando hinos patrioticos e visitando igualmente a imprensa e o Radio rio-clarense. Os alunos do "Colegio P. P. Coração de Maria" seguiram esse movimento, igualmente promovendo rapidos desfiles pela cidade.

A pedido dos estudantes rioclarenses, que desde logo contaram para isso com a colaboração patritotica e entusiástica da direção do Radio Clube de Rio Claro, o comercio teve suas portas cerradas ás 15 horas da tarde, [...] Nem um estabelecimento siquer permaneceu com suas portas abertas, pois que até os bares da cidades conservaram-se, a partir da hora fixada, com suas portas fechadas.

– 0 –

A ideia do grande comicio desfile da noite de ontem, teve sua origem na noite de ante-ontem, surgida nos meios estudantinos. A' hora marcada, para mais de 3 mil pessoas achavam-se localizadas no Jardim Publico e vias adjacentes: Ginásio do Estado "Joaquim Ribeiro", "Instituto Comercial de Rio Claro", "Escola Normal Livre" e "Escola Profissional Masculina Secundaria", participaram da manifestação.

A essa realisação estudantina tambem aderiu a PRF.2, Radio Clube de Rio Claro, que fez na integra, a transmissão de todas as alocuções proferidas.

Executando o Hino Nacional pela Corporação Musical "União dos Artistas", usou a palavra o dr. João Elias Cruz Martin, Juiz de Direito da Comarca, que presidiu o comicio. A seguir, falaram varios professores e alunos de nossos educandarios, especialmente convidados para esse fim.

Finalizando o comicio com o Hino Nacional, teve inicio o memoravel desfile da mocidade estudantina rioclarense, que teve a acompanha-la grande massa popular, percorrendo as ruas centrais da cidade [...] com grande vérve, e com uma ordem digna de todos os elogios, carregavam espirituosos disticos alusivos aos chefes totalitarios, expressivos cartazes com a fotografia do Presidente Vargas e dizeres alusivos ao ato, bem como uma simulação de enterro do chefe nazista. Dissolvendo-se defronte á estação da Companhia Paulista, os manifestantes procederam á queima de todos os disticos e cartazes alusivos ao "eixo", falando ainda uma vez, numa recomendação de paz e ordem a todos os presentes, o dr. Juiz de Direito.

Desfile dos reservistas

Após a realisação do desfile dos estudantes, realisou-se em nossa cidade, ás 21,30 horas, um entusiastico desfile dos reservistas rioclarenses, [...]
(Cidade de Rio Claro, 20 agosto 1942)

<u>O ataque ao Brasil pelos submarinos do "eixo</u>

[...] Durante a vibrante manifestação do povo e estudantes ao presidente Vargas, o Chefe da Nação dirigiu-lhes, em resumo, as seguintes palavras:

"Bem compreendia os sentimentos de pezar e de exaltação patriotica que no momento enchiam aqueles corações vibrantes. Todos os brasileiros deviam participar desses sentimentos e ao mesmo tempo da revolta e da indignação com que fôramos colhidos de surpreza, por um ato de pirataria. [...] Tudo isso não devia ficar impune. Os navios pertencentes aos paises agressores seriam incorporados ao patrimônio brasileiro para pagamento dos prejuízos causados; os bens dos subditos do "eixo" adquiridos no Brasil [...] seriam tambem responsaveis. Os quinta-colunistas, os espiões, todos aqueles que traissem os interesses brasileiros e que teriam sido denunciantes da partida dos navios afundados, todos os que houvessem trabalhado contra os interesses da patria, todos esses cujos patrões nos querem cortar as vias marítimas, iriam de enxadão, de pá e picareta ao ombro, cortar estradas no interior do Brasil. [...] aos manifestantes, que regressasem todos aos seus lares, com a conciencia tranquila e de cabeça alta, levando aquela bandeira que era uma flamula de esperança e que deveria significar para todos, que as ocorrências contra as quais se protestava, não podiam afetar o coração do Brasil, porque o Brasil era imortal". [...]

O diretor do DIP informou que levará ao Presidente Vargas a sugestão para que sejam fechados os jornais contrários ás tendencias brasileiras e que no momento silenciam quando está em jogo a causa nacional.

A nossa cidade logo pela manhã movimentou-se com a passeata dos estudantes do Ginásio do Estado "Joaquim Ribeiro", que percorreram as ruas a protestar publicamente contra o torpedeamento, em aguas do Brasil, dos cincos navios nacionais. Os estudantes detiveram-se em frente ao "Diario". Lamentamos que, áquela hora da manhã, ninguem os tivesse recebido. [...] No entanto hipotecamos-lhes a nossa

> solidariedade, e aqui estamos ao lado do Brasil e dos brasileiros vibrando com a alma nacional.
>
> Pelas 10 horas os estudantes, em numero aproximadamente de 300, reunidos aos colegas de outras escolas, dirigiram-se ao Radio Clube Rio Claro e pelo microfone fizeram uso da palavra os jovens estudantes Fernando Luiz Miquelini e Nelson Fernandes. [...] Ouvindo-os, em arroubos de exaltação cívica, sentimos todos nós brasileiros que a mocidade das nossas escolas só conhece um dever: *"TUDO PELO BRASIL!"*
>
> Outro estudante apelou ás casas comerciais da nossa cidade cerrarem suas portas em atitude de solidariedade brasileira e de luto pelas vitimas dos navios torpedeados. [...] Atendendo justamente ao apelo dos estudantes e da Radio Clube Rio Claro, ás 15 horas as casas comerciais cerraram suas portas, enquanto os bancos locais, Comercial, Mercantil e Brasil, encerraram o expediente do dia. [...] Uma turma de alunos do Ginásio do Estado "Joaquim Ribeiro", do Instituto Comercial e da Escola Normal realisaram o bando precatório, percorrendo as ruas da cidade a solicitar de todos os brasileiros um obulo pró-familias dos naufragos dos navios brasileiros.
>
> Igual inciativa movimentou os diretores da Radio Clube Rio Claro que abriu a lista com esse mesmo e filantrópico objetivo.
>
> Aplaudimos calorosamente gestos tão patrioticos.
>
> – O –
>
> Precisamente ás 19 horas, no Jardim Público, onde o povo afluiu em massa, notando-se a presença de alunos de todos os estabelecimentos de ensino e no coreto as nossas autoridades, dr. João Elias Cruz Martins, meretissimo Juiz de Direito da comarca e dr. Solon Rego Barros, digno Prefeito Municipal, professores de todas escolas secundárias, teve inicio o grande comicio promovido pela classe estudantina local como manifestação de desagravo contra aos insultos á honra e á dignidade nacional pelos representantes do "eixo". [...] Todos os discursos, vasados num patriotismo flamejante, que definiu exatamente o ardor cívico dos oradores, inflamando ainda mais o entusiasmo e a vibração de brasilidade da massa do povo que se comprimia no nosso Jardim Público. [...] O dr. Juiz de Direiro, encerrando o comicio, concitou ao povo a vibrar de entusiasmo, porem a se manter na mais perfeita ordem, honrando os nossos foros de cidade civilizada e população pacata.
>
> Deixando o Jardim os manifestantes desfilaram pelas ruas centrais da cidade, empunhando cartazes com os seguintes disticos: os dois primeiros de saudação e homenagem ao presidente Getulio Vargas; um deles trazia de ambos os lados grandes fotografias do Chefe da Nação. Foram vários os cartazes com desenhos humoristicos: "Hitler, o Apostolo da Paz" – "Mussolini – Corre" – "Abaixo o Eixo!" "Canalhas, covardes, inimigos do Brasil" – "Chegou a hora de dansar o samba" (Hitler).
>
> Finalizando o imenso cortejo estudantes carregavam alto um caixão mortuário seguido do dístico "Abaixo o Eixo!" [...] Todo o desenrolar da grande manifestação foi irradiada pela Radio Clube Rio Claro. [...] O dr. Solon Rego Barros, digno Prefeito Municipal, o dr. Juiz de Direito e sr. João de Campos, sub-delegado em exercício, acompanharam os manifestantes na passeata pelas ruas da cidade. [...] O Serviço de Alto Falantes Primavera, transmitiu todo o comicio, proporcionando assim aos moradores dos bairros acompanhar todo o grande movimento cívico.
>
> (Diario do Rio Claro, 20 agosto 1942)

Tanto os estudantes quanto a população estavam unidos e realizaram diversos elementos simbólicos, com a presença de um enterro de Hitler, além de carregarem cartazes elogiosos ao governo nacional e contrários ao Eixo. A participação da cidade foi intensa, com os comércios

fechando em homenagem ao desfile cívico estudantil. Discursos foram proferidos pela rádio e ecoados pelos alto-falantes.

Das manifestações, não nos deparamos com referências nos jornais quanto às violências ocorridas contra os grupos étnicos, mas sabendo do processo de censura da imprensa e do silenciamento memorial, torna-se possível supor que mais ataques ocorreram, mesmo que não noticiados ou comentados. Não eliminamos a possibilidade também de que tenham sido manifestações pacíficas, pois nem todas as aglomerações resultam em violências contra aqueles vistos como inimigos. Segundo o comunicado da Prefeitura, é pedido aos estudantes e a sociedade em geral a ausência de excessos:

> Comunicado
>
> A Prefeitura Municipal de Rio Claro, louvando as manifestações de protesto promovidas pela classe estudantina rioclarense, próva de patriotismo sadío e elevada compreensão dos seus deveres cívicos, deliberou encerrar o Expediente às14 horas, [...] Aprovando a iniciativa dos estudantes rio-clarenses, = deseja a Prefeitura Municipal lembrar as recomendações do snr. Superintendente da Segurança Politica e Social, para que "aguardem todos, tranquilos e confiantes, a acção do governo [...] saberá ressalvar o interesse da honra e dignidade nacionais". Néssas condições, devem ser evitados excessos prejudiciais à ordem e ao trabalho, [...] sendo do dever da classe estudantina zelar para que as manifestações se processem na melhor órdem possivel, comprovando, mais uma vez, o elevado gráo de cultura dos rioclarenses em geral.
>
> *Dr. Sólon do Rego Barros*
>
> Prefeito Municipal
>
> (Diario do Rio Claro, 20 agosto 1942)

Depois dos ataques e das consequentes manifestações de descontentamento com os afundamentos de navios, o país então declara guerra aos países do Eixo:

> **O BRASIL reage ao insulto "eixista"**
>
> [...] País que não ameaça mas não se amedronta, país que preza a honra, que não abdica de sua dignidade mesmo que haja perigos a correr e sacrifícios a realisar, o Brasil esta, desde ontem, no posto que não podia recusar sem desdouro para a sua posição de potencia americana, [...] O Brasil está em posição de beligerancia contra os dois parceiros do "eixo", a Alemanha e a Italia. Melhor diremos: O Brasil reconhece uma situação creada pelos regimes de aventura e pilhagem que colocam fora da lei esses dois paises da Europa.
>
> Submarinos dessas duas nações, depois de assaltarem navios brasileiros empregados no intercambio marítimo do Continente, puzeram-se de tocaia em nosso proprio litoral para levar a efeito uma "façanha" caracteristicamente nazi-fascista – a destruição de pacíficos navios de passageiros que as tripulações totalitarias sabiam, por informações dos seus agentes em nosso país, repletos de mulheres e crianças e até de romeiros que vinham participar do Congresso Eucaristico de São Paulo!
>
> Nações em guerra aberta mas obedientes aos principios de humanidade e ás regras do direito internacional, quando, na execução das duras leis de beligerancia, pelos seus agentes ativos, têm de afundar um navio de passageiros, nunca o fazem

> sem aviso prévio, sem ordenar a todos que tomem os salva-vidas. E' assim que procedem os governos honestos e os marujos dignos desse nome.
>
> O Brasil não estava em guerra com o Reich e a Italia. Os cinco navios brasileiros torpedeados na cósta sergipana nem podiam ser objeto de suspeita para qualquer beligerante, pois iam de um a outro porto nacional. Os nóssos barcos tinham mulheres e crianças no seu bojo, transpôrtávam pessóas cujo único crime, para os anti-cristos do "eixo", era pretenderem participar de um congresso de fé e amôr a Deus e aos homens. [...] A historia da covardia e da maldade tem agora, graças a essa abominavel ação de miseraveis de que o proprio mar se enoja, a sua mais negra e repelente pagina. E' um crime que brada por vingança. E, uma afronta que lavaremos com sangue nos campos de batalha.
>
> XXX
>
> Repetindo as nossas palavras de ha dias, atentemos, brasileiros e leais amigos do Brasil, para o que se pássa em redor de nós. Não percamos de vista os inimigos da Patria, os traidores que têm estado a soldo do nipo-nazi-fascismo tramando com o estrangeiro o aniquilamento da nóssa soberania.
>
> Por felicidade, as nóssas autoridades estão vigilantes e neste Rio Claro mesmo, nésta nóssa querida terra, onde a Policia está confiada a um brasileiro digno, já alguns "quinta colunas" sentiram os primeiros efeitos do castigo que receberão por não saberem honrar a Patria que lhes foi berço.
>
> Passou a hora das transigencias e considerações porque o Brasil está acima de tudo o que póssa tolher a nóssa ação patriotica, o cumprimento do dever de cada um. [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 23 agosto 1942)

A guerra havia sido declarada, os elementos trágicos das perdas dos tripulantes são comentados, o sentimento de revanchismo alcança o seu máximo. O que se destaca para nossa análise, é o final do trecho, em que a guerra é internalizada à sociedade, comentando-se da necessidade de vigiar os inimigos. Não menos revelador é a afirmação que "alguns 'quinta-colunas' sentiram os primeiros efeitos do castigo", demonstrando que estava ocorrendo, e não sendo noticiado, ataques às comunidades imigrantes. Os traidores do "nipo-nazi-fascismo" estariam então no município e teriam que ser visados e acossados, pela polícia e sociedade.

DIARIO DO RIO CLARO

FUNDADO EM 1.o DE SETEMBRO DE 1856

Fundador-diretor : JOSE' DAVID TEIXEIRA (1-9-1856 — 16-3-1934)

Redator-gerente : JODATE DAVID (16-3-934 — 27-5-1934) Redatora-gerente : ZORAYDE DAVID

ANO LVI | RIO CLARO — (Estado de São Paulo) Domingo, 23 de Agosto de 1942 | N.o 16.426

Diário do Rio Claro

Jornal de maior circulação na cidade e município

ASSINATURAS :

Ano 200$000
Semestre 100$000
Trimestre 50$000

BRASILEIROS ! DE PÉ PELO BRASIL !

ESTAMOS EM GUERRA COM A ALEMANHA E A ITALIA

Desagravada a honra nacional !

Imagem 13 Anúncio da declaração de guerra do Brasil contra o Eixo. Fonte: Diário do Rio Claro, 23 agosto 1942.

Aliando o discurso de orgulho nacional à necessidade de honrar a Pátria e os assassinados nos torpedeamentos, é que são realizadas as exaltações populares (imagem 13). Entretanto, não bastava apenas esse entusiasmo, era fundamental estipular os inimigos externos e, mais importante ainda, os internos. As instruções sociais, imbuídas do clamor da sociedade em geral, eram a de demonstrações de patriotismo e de denúncias aos suspeitos de espionagem:

> **Brasileiros! O Brasil, hoje mais do que nunca, está acima de tudo! Vigiae os inimigos da Pátria!**
>
> Desde o momento em que nossa extremecida Pátria, pela vóz do sangue, plea vóz da conciencia e da honra, declarou o estado de beligerancia com a Alemanha e a Italia, reagindo á altura da nossa dignidade e do orgulho de nação livre, que somos, as autoridades brasileiras manteem, agora, mais do que nunca, severa e rigorosa vigilancia contra os nossos inimigos e os "quinta-colunistas". [...]
>
> E' vasto o campo de ação patriotica dos verdadeiros brasileiros. Devemos, unidos, cooperar tambem com as nossas autoridades, empenhadas em castigar os traidores, os nossos inimigos, os "quinta-colunas".
>
> Em Rio Claro onde eles tambem existem, vem se fazendo sentir e com o rigor necessário, desde a hora suprema em que o Brasil desagravou sua honra, declarando-se em estado de beligerancia com a Alemanha e a Italia.
>
> Os verdadeiros brasileiros, os que sabem manter o brio de filhos do Brasil honrando a grande Pátria em que nasceram e os sinceros amigos do nosso país devem cooperar na ativa e patriotica ação da nossa policia, vigiando e denunciando os traidores e aqueles que, dentro do Brasil, são contra o Brasil.
>
> Brasileiros! Com o Brasil e pelo Brasil – avante!
>
> (Diario do Rio Claro, 25 agosto 1942)

As afirmações de solidariedade e de atuação na repressão à "quinta-coluna" não seria feita apenas pela imprensa escrita ou radiofônica, tampouco ficaria circunscrita à população, a união era geral, incluindo, assim, o governo. Não é de estranhar então que o governo de Rio Claro defenderia uma lealdade e dedicação irrestrita ao bem da ordem nacional, obedecendo os ditames do líder da nação e realizando o cerco aos inimigos infiltrados na pátria:

> Solidariedade do Foro ao Governo
>
> **Còpia da**
>
> Audiencia realisada em 26 de agosto de mil novecentos e quarenta e dois.
>
> Juiz de Direito: Excelentissimo Senhor Doutor João Elias Cruz Martins.
>
> Porteiro: João Abdalla.
>
> Aberta ás treze horas com as formalidades legais, na casa de residencia do Meretissimo Juiz, á avenida 7 n. 394, compareceu o dr. Carlos Schmitt Corrêa e disse que em seu nome o dos advogados do fôro local, que assinarem o presente termo, bem como em nome dos escrivães, escreventes e oficiais de Justiça, vinha requerer ao M. Juiz que ficasse consignado no protocolo desta audicencia, do cartório do Juri, a manifestação de completa solidariedade de todos os do fôro ao Governo do Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas no momento que atravessamos. A atitude de S. Exa. traduzindo o sentir do Exercito, da Marinha, da Aviação e do povo em geral encontrou em Rio Claro a mais completa simpatía e solidariedade sobre todos os pontos de vista, pois pela Patria tudo faremos tendo em vista nosso passado, nossa dignidade. [...] Pelo M. Juiz foi dito que deferia **in totum** o pedido feito manifestando de coração sua interia solidariedade ao Governo Brasileiro em tudo que preciso fôr e que pela Patria não deve ser recusado sacrificio algum; que deve haver auxilio e concurso de todos, especialmente na vigilancia constante aos elementos perigosos, aos que esquecidos de que são brasileiros ou extrangeiros que aqui ganham o pão e muitos fizeram fortuna são ingratos e não sabem compreender qual é o dever nesta hóra historica. O dever é de solidariedade irrestrita ao Governo Brasileiro. O dever é confiar na sua ação vigilante e patriotica. O dever é cumprir rigorosamente as obrigações decorrentes do momento que atravessamos. Oficie-se na fórma pedida remetendo-se cópia do termo de audicencia e que o presente termo seja assinado por todos os do fôro, advogados, escrivães, oficiais de Justiça e escreventes. Nada mais, – para constar lavrei este, que lido e conforme, vai assinado. [...]
>
> Rio Claro, 26 de agosto de 1942
>
> O Escrivão do Juri, interino:
>
> ai Osorio Morato Filho.
>
> (Cidade de Rio Claro, 29 agosto 1942)

As demonstrações cívicas e suas afirmações já estavam, de certo modo, exasperadas, não permitindo qualquer posicionamento que não fosse o de total dedicação e entrega ao Brasil. Deparamo-nos, talvez, com um dos discursos mais completos disponibilizados pelos jornais rio-clarenses, o qual foi feito por um professor, Benedito de Almeida, apresentado no dia da Pátria. Realizamos então a longa transcrição do discurso publicado, onde o orador, reconhecidamente, não freou suas palavras:

DIA DA PATRIA

Discurso pronunciado pelo prof. Benedito de Almeida

Nas comemorações cívicas realizadas no Dia da Patria, á noite, no Jardim Publico, o talentoso prof. Benedito de Almeida do Ginasio do Estado local, pronunciou o seguinte discurso:

Brasileiros! Como soldado do Brasil, cumpro ordens.

Aqui estou por determinação do Tiro de Guerra 293, para dizer-vos algumas palavras sobre o momento e para fazer uma saudação à Patria no dia em que o calendario regista a data comemorativa de nossa maior conquista nacional.

Conscio de meus deveres para com o país e cônscio da gravidade do instante que atravessamos, dir-vos-ei apenas aquilo que julgo necessario ser dito em praça publica, nesta fase de mobilização de todos os recursos materiais e de todas as reservas morais, visando ao completo desempenho da gloriosa missão que temos de cumprir.

Este não é momento de discursos ricos de palavras bonitas e tropos oratórios, mas pobres de sentido civico.

Esta é hora de ação constante e vigilancia continua. [...] é dever de todo o cidadão, amante de sua patria, quando convocado, acorrer aos comícios populares para repetir, alto e bom som, quais as tarefas de cada um e qual a missão de todos, ao lado ou á retaguarda de nossas forças armadas! [...] Tudo o que aqui se disser, deve servir á causa de nossa segurança, de nossa liberdade! E deve, portanto, ser proferido com alma e calor, com vibração e sinceridade! [...] Enquanto nossas forças armadas zelam a defesa do Brasil atentas á ameaça do exterior, o povo deve dar toda a sua contribuição aos esforços do governo, trabalhando e fiscalizando.

O setor de defesa do Brasil cabe especialmente ao povo. Devemos auxiliar todas as iniciativas que visem, direta ou indiretamente á segurança da patria ameaçada.

A campanha do metal, liderada pelos estudantes brasileiros, vem sendo bem apoiada. Mas é preciso fazer mais ainda.

Contra os exercitos de Hitler, precisamos agir, preparados e resolutos. Contra os aviões, os tanques, os canhões e as metralhadoras de Hitler (digo Hitler apenas, visto que Mussolini está rebaixado ao posto de... cabo bagaceiro), contra as hostes aguerridas de Hitler, nós teremos de lançar, não palavras bonitas nem boas intenções, mas sim: metralhadoras, canhões, tanques e aviões! Por isso, todo o metal que possamos dispensar, embora com sacrificio momentaneo, precisamos encaminha-lo, o máis depressa possivel aos postos de arrecadação. Auxiliai e intensificai a grande campanha que os estudantes de Rio Claro estão desenvolvendo neste municipio, afim de que o tributo dos rioclarenses corresponda á expectativa.

A nossa vigilancia contra as manobras da 5.a coluna deve ser incessante e inteligente, para que não sejamos jamais apanhados de surpresa.

Basta o que já nos fizeram quinta-colunistas e espiões, fornecendo aos corsarios do "eixo" informes preciosos, que redundaram no torpedeamento de navios brasileiros e no sacrificio de centenas de vidas inestimaveis!

Bastam as comunicações radiográficas, que estações clandestinas enviaram e enviam ainda aos chefes da Gestapo, em Berlim, sobre nossas atividades de policia e defesa! E' preciso por termo á existencia dos focos de espionagem e traição.

Ou seremos implacaveis contra o 5.a colunista e o espião, ou correremos o risco de ver muitas dezenas de navios mercantes do Brasil torpedeados pelos submarinos do "eixo", carinhosamente informados por gente aqui de dentro!

Ou estaremos constantemente em guerra, ou seremos apunhalados pelas costas á primeira ordem nesse sentido, dada pelos camisas-pardas que governam a Alemanha.

Mas, como a obra do quintacolunista e do espião se processa às escuras ou camuflada com as cores que nos são mais mais caras, nós precisamos agir, ora ás abertas, ora na penumbra, mas sempre com tacto e inteligencia. Contra a arrogancia

do fanático, a nossa coragem, o nosso peito aberto. Contra a astucia e a manha da sabotagem pró-"eixo", toda a nossa habilidade e toda a nossa calma.

Neste momento, quem não está, abertamente, com o Brasil, com o Governo, contra a ideologia nefasta do nazi-fascismo; quem não é, claramente, pela libertação das nações hoje ocupadas e subjugadas pelas horas que Hitler dirige; enfim, quem não é pelos ideais que nossa patria defende, nesta hora trágica, está contra nós, está contra os principios humanos de liberdade e está contra o povo brasileiro!

Não é bastante, entretanto, que alguem se diga pelo Brasil, e traga o laço auri-verde na lapela. E' necessario tambem que se trabalhe, que se sacrifique, sendo necessàrio, pela nessa causa.

Não basta tambem dizer-se contra o quinta-colunismo. E' preciso não só combater essa praga que as camisas coloridas andaram plantando em todo o universo, como tambem é imprescindivel que, por complacencia ou descuido de nossa parte, o espião, o traidor não se apodere de informações preciosas á nossa defesa.

Tenhamos, pois, muito cuidado. Muito cuidado com aquele que, com ares de santarrão, anda espalhando que a Alemanha não quer guerra conosco.

Muita atenção com aqueles que continuam na propaganda deshumana contra o povo judeu, bode expiatório de Hitler e seus sequazes! [...]

Muito tento com esses individuos que continuam a admirar chefes nacionais que, ausentes do país, e embora tenham sido adeptos dos fabricadores de camisas pardas e camisas negras, ainda não vieram manifestar, de publico e raso, seu repúdio e sua revolta contra o assassínio de crianças e mulheres brasileiras, inocentes e desprevenidas! Esses chefes precisam dar uma satisfação ao povo brasileiro. Eles devem explicar as razões de seu silencio e da sua impassibilidade. Eles precisam declarar que, estando com o Brasil, estão, em qualquer campo, contra Hitler e o bagageiro barrigudo-Mussolini! Enquanto isto não fizerem, teremos o direito de apontá-los á vigilancia do povo, e assim os poucos brasileiros que continuarem a tê-los como guias ou chefes!

Hoje, só nos cumpre servir o Brasil, e o nosso chefe é o homem que, quanto mais atacado pelos "eixistas", mais defenderemos: Getulio Vargas!

Não queiram, pois, certos politicos emigrados ficar á sombra, na esperança de poderem amanhã reger a orquestra nacional com a batuta que hoje conservam no exilio comodo, talvez para transmitir sinais ao inimigo. [...]

Brasileiros! Muita cautela tambem com as pessoas que só vivem a falarem calma e tolerancia, hoje que estamos em guerra, e que, no entanto, nunca se lembraram de pregar calma e tolerancia áqueles que, pela imprensa, pelo livro e pela tribuna, viviam a fazer propaganda do fascismo, cujos processos de luta vão desde o "maganello" e o oleo de rícino até o fuzilamento sem processo algum!

Calma e tolerancia, sim, meus senhores! Maxime para estrangeiros súditos do "eixo", que aqui trabalham pacifica e honestamente, ansiando pelo bem-estar do nosso Brasil, que deu e dá a seus filhos um ambiente de liberdade e fraternidade! Mas que os falsos apóstolos não se aproveitem das benemerencias de nossas leis e da docilidade de nossos costumes para levar avante a obra nefasta da quinta-coluna!

Toda a vigilancia, toda a cautela é pouca, visto que a 5a coluna lança mão de mil recursos, cada qual mais apropriado, mais inteligente. Nossa responsabilidade perante a história é imensa. Ajudemos, pois, as nossas autoridades nesta luta sem tréguas contra o inimigo de fora e de dentre. [...]

Todos os brasileiros que, enganados pela propaganda astuta do fascismo internacional, alimentaram, por um momento, qualquer simpatia que hoje é contraria aos nossos interesses e á nossa honra de povo soberano, se são sinceros, só teem duas coisas a fazer: 1.a) declarar, sem reservas mentais que estão com o Brasil e contra o banditismo dos chefes nazi fascistas, que assassinam crianças e mulheres indefesas!

> 2.a) colocar-se á disposição de nossas forças armadas para receberem ordens e as cumprirem, na defesa da causa aliada!
>
> Façam assim, porque só assim terão resgatado o erro cometido.
>
> Venham para o exercito forte e valorosos da liberdade e da justiça!
>
> Selem, com sangue, se preciso fór, o grande compromisso para com a patria que não podendo ser esmagadas pelas botas dos exercitos da opressão e da pilhagem, apela para a união de todos os seus filhos, esquecidas as antigas diferenças as antigas diferenças ideologicas!
>
> Brasileiros! Há cento e vinte anos o Brasil se declarava nação soberana.
>
> Esta soberania, nós juramos defende-la a todo instante. Nosso juramento será cumprido. [...] No dia do ajuste de contas, nós lá estaremos para pedir vingança. Sim, os nossos mortos, os nossos mártires, serão vingados!
>
> E a nossa vingança será: castigo para os chefes do fascismo internacional e destruição das camisas coloridas em todos os quadrantes do Universo, onde ao lado das bandeiras da civilização, se agitará, sempre, orgulhoso e bonito, o pavilhão auri-verde do Brasil!
>
> (Cidade de Rio Claro, 12 setembro 1942)

O discurso foi feito como palavra de ordem às ofensas perpetradas contra o país, mas não somente, era dada as orientações pormenorizadas do que cada indivíduo deveria fazer, conforme a sua posição e papel social. Aos acusados de serem da "quinta-coluna" é dada uma longa lista de obrigações, para então serem aceitos pela sociedade, provando que realmente estão ao lado do Brasil e não de seus inimigos. Percebemos também diversas comparações pejorativas aos ditadores europeus, sobretudo a Mussolini, chamado de "cabo bagaceiro e barrigudo", sendo apenas um servo de Hitler.

Destaca-se esse discurso, exatamente pelo apontamento de quem deve ser perseguido, elencando principalmente à memória da população de cobrar todos os envolvidos nos partidos políticos totalitários. Não menos importante, há a afirmação de que todos deveriam participar das movimentações e protestos, com a demonstração de ponderação ou receio sendo vistas como elemento de desconfiança. Às comunidades, mesmo que não diretamente nomeadas, referidas apenas como "estrangeiros", é dado a obrigação de se mostrarem brasileiros como todos os outros, não deixando dúvida de sua lealdade absoluta à pátria receptora.

A todos aqueles que foram no passado ligados aos movimentos, que no momento do discurso aviltam contra a dignidade nacional, deveriam não apenas negar e injuriar seus credos políticos antigos, como se apresentar para o exército brasileiro para se voluntariar a lutar contra os representantes do totalitarismo europeu. Não bastava se posicionarem a favor dos aliados, era necessário "corrigir os erros do passado", nem que fosse com sangue.

Para a sociedade é implorado que não diminuam o seu fervor, que continuem exaltados e não diminuam a sua vigília contra os inimigos infiltrados, os espiões e sabotadores. Apesar do reconhecimento que há estrangeiros e descendentes dos países do Eixo que não defendem os regimes, tampouco as atrocidades cometidas, é recomendado atenção máxima. A sua origem, portanto, era um elemento a ser destacado, com a "exclusão" da lista de inimigos àqueles cuja lealdade seria ao Brasil (incluso aí a submissão aos ditames ditatoriais e suas violências assimilativas), servindo para comprovar a necessidade de desconfiança.

Por último, trazemos um artigo de discussão a respeito de um passado recente ao articulista, escrevendo a respeito da guerra mundial precedente:

> "Baboseira"
>
> GERALDO RUFFOLO
>
> (Filos. Bach. – Do Inst. H. G. S. Paulo)
>
> Durante o nosso largo tempo de chefe de carteiras, outras funções delicadas e organizador dos Dividendos semestrais do respeitavel BANCO DE SÃO PAULO, [...] – era um dos acionistas do Banco o amigo e conspícuo lente de Direito Comercial na Faculdade de Direito de S. Paulo o professor dr. GAMA CERQUEIRA.
>
> Numa dessas suas vindas para receber os Dividendos, fizemos-lhe esta pergunta: "Professor: seria possivel assistirmos, uma vês ou outra, às aulas da sua Faculdade? "Respondeu-nos: "Para você, vou arranjar isso, Mas, um conselho: não pérca o seu precioso tempo com a "BABOSEIRA" de "ECONOMIA POLITICA".
>
> Impressionados pelo juízo "baboseira" e o conselho de "não perder tempo com ela", registámos isso. Isso foi em 1913, isto é, no mundo, no Brasil e no S. Paulo sem a Guerra GERMANICA de 1914-18 e a corrente de seus corolários, que é a guerra "duplamente" Eixista da atualidade.
>
> Sofísticos de todos os lados costumam chamar aquela guerra de "Conflagração Geral, Européa, Guerra Mundial, etc.". Sofismas escamoteadores dos véros inventores, porque lhes convinha, e hoje, porque mais ainda lhes convém, "tiradores do corpo" da atual, por ser consequencia daquela, com caras de ingênuos e santos, para que campeie o outro eixismo visádo: – os cambios negros desde os tecidos até os pepinos. – Portanto, a guerra "GERMANICA ou ALEMÃ" é o titulo cérto, e "autores" – todos alemãis – que estiverem nela de arma em punho contra o mundo sem exceção dos que vieram para o Brasil e nele o estão principescamente, com ares de santos e dignos de privilegios patrios, o primeiro de os cambios negros serem gerações suas, não os atingindos por força da geração, e reduzindo a cacos o viver do nativo, do pobre, do médio, corrompendo tudo e deixando para o Historiador o arquivo desse quadro indigno do Brasil desde o Descobrimento a qualquer porvir.
>
> X X X
>
> A extranhêsa que nos causou o juizo do sábio, de Economia Politica ser "baboseira", provinha, agora é que vemo-lo, da nossa menor experiencia e mais reduzido testemunho das ações ditas "humanas", isto é de gente, e não de irracionais. [...] No epitafio do excelso mestre do territorio livre do Largo S, Francisco, caberia, ampliando, o profetico juízo do vidente: "Baboseira". Não pérca o seu tempo com Economia Politica."
>
> (Cidade de Rio Claro, 15 outubro 1944)

Geraldo Ruffolo, em seu texto, vai apresentar profunda construção estigmatizante aos alemães. Não apenas dá o nome da Primeira Guerra como sendo "Germânica ou Alemã", como acusa os alemães imigrantes de serem de igual vileza, destruindo a vida dos brasileiros, corrompendo a sociedade. Trata-se de um texto, o qual está cobrando posicionamento mais incisivo da academia, da intelectualidade, a qual não poderia se omitir nas discussões do que o articulista julga como importante. A ação intelectiva demonstrada é a da construção desse inimigo global, que já se infiltrou. Ainda mais notável é o texto ser baseado nos idos da Primeira Guerra, os quais, como sabemos, foram de intensa perseguição aos germânicos do município.

De toda forma, temos que reconhecer dois elementos fundamentais em tais manifestações e discursos. O primeiro é de que fica visível à análise que o controle ditatorial brasileiro era amplo, abarcava imprensa, intelectualidade, artistas, exército, política, enfim, com isso os assim vistos "inimigos da nação" não tinham "escapatória", a sociedade estava contra eles. Não apenas a população em geral, como os próprios membros dessa comunidade poderiam se ver vitimados pelos totalitaristas internos, ou pela vigilância e atos impensados de fora. O segundo elemento que elencamos é que pode ser notado uma maior sofisticação nos termos, se compararmos aos utilizados na Primeira Guerra aos alemães, não havendo uma perseguição declarada a todo e qualquer descendente, tampouco artigos de jornais defendendo a retirada de indivíduos de sua casa para o linchamento. Apesar de sofisticado, não podemos olvidar que a ditadura, com palavras mais rebuscadas, pela propaganda e pela coadunação da intelectualidade, atuou com repressão mais intensa, com prisões arbitrárias e desaparecimentos.

Último ano da Guerra e seu fim

Depois de anos em guerra, a Europa começava a ver em seu futuro próximo a possibilidade de paz, o Brasil que se manteve neutro no início, estava lutando com os aliados e ansiava pelo fim do conflito desde que os ataques ocorreram aos seus navios. O momento tão aguardado se aproximava gradualmente e, com esse, notícias diversas chegavam, tanto sobre os combatentes como quanto ao fim das batalhas. Vemos então a notícia sobre um soldado rio-clarense que tombou pelo Brasil:

> **Morreu na Italia um Rioclarense**
>
> Em operações de guerra, morreu na Italia, no dia 18 de fevereiro ultimo, um valorôso expedicionario cabo Basilio Zecchin Junior, que nasceu em nóssa cidade em 7 de dezembro de 1919.

> O extinto, que residia em Bragança, onde fazia parte do côrpo coral da Sociedade Sinfonica "Amadores da Arte Musical", era filho do sr. Basilio Zecchin e de d. Luiza Zecchin.
>
> A comunicação à familia, feita pelo general Conrobert Pereira da Cósta, exaltou as qualidades do jovem expedicionario, que foi o primeiro rio-clarense a tombar na Italia.
>
> (Cidade de Rio Claro 06 março 1945)

Além dos soldados que participaram da guerra, que caíram lutando pelo Brasil, houve também o caso de um rio-clarense que estava ligado ao nazifascismo na Europa:

> **Preso, na Italia, um traidor que residiu em Rio Claro**
>
> ROMA, 18 – Entre os traidores de ambos os sexos présos ultimamente na Italia e na Alemanha, os quais, em suas atividades radiofonicas, insultavam o Brasil e incitávam as fôrças expedicionarias brasileiras à deserção, está o individuo Felicio Mastrangelo, de origem italiana e que residiu durante muitos anos no Rio de Janeiro.
>
> N. da R. – Felicio Mastrangelo, o caluniador agorá preso, residiu ha muitos anos em nóssa cidade, sendo aqui empregado da antiga Casa Farani, ao tempo em que a mesma tinha uma secção de alfaiataria.
>
> Depois, transferiu-se para a Capital da Republica, e lá, maneirôso e ativo, conseguiu certa posição nos meios intelectuais e de radio.
>
> Depois, com certa pratica de locutor, foi para Roma, onde se pôs ao serviço do fascismo e se esmerou na injuria contra os homens e coisas do Brasil.
>
> Agóra, vai ter a justa pága das suas infamias.
>
> (Cidade de Rio Claro, 19 junho 1945)

Em ambos os casos e notícias, o que se destaca são os sobrenomes (demonstrando serem italianos) e a sua relação com Rio Claro. Contudo, somente o traidor é identificado como sendo de origem italiana, podendo ser indicativo de ter nascido lá, vindo para o município e depois voltado, ou a intenção foi de apontar que tinha ancestralidade dita do Eixo. De toda forma, acabam sendo notícias complementares para entendermos a atuação dos rio-clarenses no conflito e sua diversidade.

As notícias dos momentos finais da guerra começavam a chegar nos jornais rio-clarenses, e ao mesmo tempo aconteciam as reações a essas informações:

> **A entrada dos russos em Berlim**
>
> Manifestações de regosijo em nossa cidade
>
> A entrada dos valórosos exércitos sovieticos dos marechais Zukhov e Koniev em Berlim foi festejada, na madrugada de domingo, com alguns fógos de estrondo que alertáram a população.
>
> Ao principio da noite, improvisáda mas nem por isso menos brilhante, teve lugar uma entusiástica manifestação no Jardim Publico, havendo falado a profa. D. Laura P. Joly, o prof. José Cardoso e a senhorinha Marina Sardinha.

> Milhares de pessôas tomaram parte nessa manifestação, havendo a banda União dos Artistas prestado o seu concurso.
> (Cidade de Rio Claro, 24 abril 1945)

Mais manifestações ocorreram com o rendimento alemão, e continuando os festejos espontâneos da população, juntavam-se outras instituições, com discursos e procedimentos simbólicos, que já se tornara uma tradição, a do enterro dos ditadores:

> **Regosijo popular pela Vitoria**
>
> A nóssa população vibrou ontem com a noticia da capitulação da Alemanha, havendo o comercio cerrado as pórtas às 13 horas.
>
> A essa hora, as alunas da nóssa Escola Normal realizaram uma bonita e vibrante passeata, vindo a esta redação, sendo saudadas, em nóme do nósso jornal, pelo sr. Ricardo Normandia Moreira, falando, em agradecimento, o sr. prof. Odilon Correa. Os oradores foram muito aplaudidos.
>
> Lógo após, recebemos a visita de um numerôso grupo de operarios da C P, os quais fizeram o enterro simbolico de Hitler.
>
> De uma das janelas deste jornal, falou aos manifestantes o nósso colaborador sr. Silvio Pezzotti, cujas palavras foram recebidas com vivo entusiasmo.
>
> A' noite, houve uma gigantesca concentração, havendo os manifestantes – operarios, estudantes, classes conservadoras e população em geral abarrotado o Jardim Publico e ruas adjacentes. Foi das maiores multidões que se congregou em Rio Claro. Do palanque armado, falaram varios oradores, todos fartamente aplaudidos.
>
> Realizou-se depois uma explendida passeata, conduzindo os manifestantes caixões dedicados aos ditadores mortos e a Hirohito.
>
> De uma das janelas deste jornal, falou à multidão o nósso colaborador sr. Afonso Quirino, que foi muito aplaudido.
>
> Hoje, dia feriado nacional, prosseguirão as manifestações de regosijo.
>
> O nósso prezado amigo conterrâneo dr. Alfredo J. Fontes enviou-nos de S. Paulo um telegrama de felicitações pela Vitoria.
> (Cidade de Rio Claro, 08 maio 1945)

> **Vitoria das Nações Unidas**
> **Sessão solene, hoje**
>
> Promovida pelo Centro Municipal da Legião Brasileira de Assistencia terá lugar hoje, às 20,30 horas, uma sessão solene pela Vitoria das Nações Unidas e em homenagem às autoridades superiores do país.
>
> Farão uso da palavra os srs. padre Antonio Martins e Silva, José Pimentel Junior, secretario da Legião, e prof. Armando dos Santos, Inspetor do Ensino.
>
> A nóssa população é convidada para essa prometedora cerimonia.
> (Cidade de Rio Claro, 10 maio 1945)

Podemos afirmar que a comemoração se estendeu por esses dias, de 8 a 10 de maio (quiçá até mais dias), com caixões e enterros simbólicos dos três ditadores do Eixo (dois dos quais realmente haviam morrido), músicas, passeatas por todo o município, rojões, discursos

inflamados, aglomerações populares e cerimônias. Estas celebrações se expandiam pela região, com a notícia de que estavam ocorrendo em Corumbataí:

> **Noticias de Corumbatai**
>
> Comemorou-se com grande júbilo, a capitulação da Alemanha. Desde os primeiros instantes, os Alto-Falantes irradiaram para todos os seus ouvintes a noticia da rendição incondicional da Alemanha.
>
> No dia seguinte, o "Dia da Vitoria", o S. A. esteve o dia inteiro em atividades, em conjunto com a Radio Nacional do Rio. A' noite, pelo seu microfone, fizeram-se ouvir varios oradores como sejam: Sr. Antenor Chiossi, Sub-prefeito local; Sr. Amim Bichara e prof. Sebastião Pedroso. Havia por todo Corumbatai o estrondo de foguetos joaninos. Logo após, foi oferecido a tôda população um grandioso baile em regosijo ao memoravel dia.
>
> XXX
>
> Hoje, (Sabado) Corumbatai receberá a visita de S. Exma. D. Gastão Liberal Pinto, Bispo da Diocese de São Carlos. A população local já está tratando da recepção do ilustre visitante.
>
> S. Exma. será hospedado na residencia do sr. Eugenio Romano.
>
> Do Correspondente
>
> (Cidade de Rio Claro, 12 maio 1945)

Nenhuma das notícias referentes aos festejos, tanto em Rio Claro como em Corumbataí, comentam de nova onda de violências. Contudo, vemos em Roger Trimer (1994) o relato a respeito de 2 depredações ocorridas: a primeira sendo uma multidão realizando ofensas a italianos e jogando garrafas vazias contra o Hospital Santa Filomena, cuja propriedade era de um italiano, dr. José Marciano (p. 72); a segunda contra a o Colégio Koelle, repetindo o quadro de depredações da Primeira Guerra, com pedras e rojões direcionados às janelas e telhado, o que resultou em intensa discussão entre os vândalos e o professor Paulo Koelle (p. 72-73).

O ódio às comunidades estava sedimentado, atacá-las física ou narrativamente era a atitude hegemônica, unindo os mais diversos opositores políticos, os quais tentavam "empurrar" o problema para o outro lado da disputa. Com isso, podemos ver notícias como a do relato de Oswaldo Aranha de que Vargas não queria entrar na guerra:

> **O sr. Getulio Vargas e os Ministros da Guerra e da Marinha eram contrarios à declaração de guerra ao Eixo**
>
> Afirmações do sr. Oswaldo Aranha em Recife
>
> RECIFE, 4 ("Correio da Manhã")– Publica o "Diario de Pernambuco" a entrevista abaixo, que lhe foi concedida pelo sr. Oswaldo Aranha:
>
> –"O que me traz ao Recife é motivo particularmente grato para mim: pronunciar uma conferência sôbre a personalidade do presidente Roosevelt. [...]
>
> Quanto à minha atitude politica, já foi eficientemente esclarecida nas declarações prestadas à imprensa do pais. Formarei ao lado do brigadeiro Eduardo

> Gomes, convicto de que de outro modo não estaria sendo fiel á minha formação democrática".
>
> A propósito da tentativa de ridicularização que o jornal do ministro da Justiça empreendesse publicando um texto apocrifo do discurso e atribuido ao ministro Oswaldo Aranha, declarou nos o entrevistado: "Um amigo me informou acerca deste facto. O que me admira é que um jornal que se diz de propriedade de um ministro de Estado se exponha ao ridiculo de veicular textos apocrifos [...] além de publicarem apenas certas partes, ainda assim deturparam-lhe o sentido. Aliás já tive oportunidade de classificar este processo tambem intentado pela "A Noite", do Rio, de canalhada ridícula". "O facto é que o sr. Getulio Vargas estava acidentado quando tivemos a noticia do atentado contra a nossa Marinha Mercante por submarinos do Eixo.
>
> Na qualidade de ministro das Relações Exteriores, tomei as primeiras medidas para efetivação do Estado de Guerre a que tinhamos de passar. Conferenciei, então, com os ministros da Guerra e Marinha, da parte dos quais ouvi com surprêsa argumentos contrários à minha opinião. Não sómente deles como do próprio ditador.
>
> Escudaram-se no argumento evidentemente falso de que a declaração de guerra não era uma deliberação que se tomasse, assim, de improviso, pois carecia de determinadas formalidades constitucionais. Estas formalidades, segundo insinuavam, se resumiriam numa consulta ao povo. Havia o intuito evidente de não levar o Brasil para a orbitra democrática. O que eles queriam e tentaram a todo custo, era retardar a resolução, fingindo intensões de consultar ao povo. Por que não o faziam com respeito à própria Constituição outograda?
>
> Ferindo de leve esse assunto, é que pronunciei o discurso de que estão fazendo carro de batalha. Disse que para determinadas medidas, principalmente as de caráter internacional, os govêrnos dispunham de meios mais imediatos que não os demorados e aparentemente democráticos de consultar a Nação.
>
> E' claro que, em face de uma provocação, consultar a opinião pública sôbre se se deve ou não revidá-la, constitue uma provocação maior ainda.
>
> Queria aludir á simplicidade do processo, porque tanto a Inglaterra como os Estados Unidos entraram no conflito.
>
> Quanto a alusões à ordem de 1937, a imprensa honesta do Rio é testemunha de que nunca usei de público a expressão "Estado Novo". Tanto a imprensa como tambem todos os que já me ouviram.
>
> Sou inimigo de posições escusas e falsas, e naquela hora verifiquei que não era outra a disposição do govêrno.
>
> Desincumbi me de minha missão pública, empenhando todos os esfôrços para participarmos da guerra e estreitarmos assim cada vez mais os laços de união tradicionais entre os povos do Brasil e da América.
>
> Esta é a verdadeira história. Deturpar de má fé o pensamento de qualquer cidadão, tomando partes de suas declarações públicas e modificando-as a seu bel prazer, é um processo tipicamente fascista".
>
> (Do "Correio da Manhã", de 5-6-45)
>
> (Cidade de Rio Claro, 08 junho 1945)

Quando caiu a ditadura, os seus críticos acabariam por utilizar das "armas" já postas na mesa. Não se trata de contrariar Oswaldo Aranha, cujas declarações são de alguém que estava no governo e realmente fez parte das discussões diplomáticas, o que está em questão é o uso feito pelos opositores de Vargas. Destacamos essa problemática devido ao nosso ponto de partida e referência analítica, o das comunidades imigrantes, que tinham acabado de passar por

um período prejudicial à sua cultura e identidade, e passavam a um novo, em que consolidaria as estigmatizações construídas e imputadas através dos desastres civilizacionais genocidas ocorridos na Europa e Ásia.

Por outro lado, não é incorreto de nossa parte assegurar que a ditadura varguista era persecutória aos grupos étnicos alemão, italiano e japonês, visando o seu culturicídio; como que ao mesmo tempo possuía aproximações e bons olhos às ditaduras do Eixo, principalmente à alemã e italiana. Tal garantia nos é dada, não apenas se lembrarmos do anticomunismo prévio à guerra, em que o Ocidente tinha olhos favoráveis ao nazifascismo como um elemento de freio ao avanço comunista, como também por 2 elementos que elencamos. O primeiro é que o governo ditatorial manteve enquanto pode as relações político-econômicas com o Eixo, tendo um caso inusitado, talvez um boato, de que Oswaldo Aranha, defensor da entrada do Brasil na guerra, apareceu sem avisos durante uma reunião que estava acontecendo entre Vargas e os diplomatas alemães, com o ditador pedindo que estes se retirassem pelas portas do fundo do gabinete, para evitar maiores problemas (BARONE, 2018, p. 69). O Segundo é que mesmo na Europa houve caso de perseguição étnica entre os países do Eixo, como os grupos no Tirol do Sul tendo sua cultura alemã suprimida por Mussolini, com diversas cartas de socorro direcionadas à Hitler sendo enviadas por esses moradores, implorando pela libertação deles da tirania romana (que proibia o uso da língua alemã, demitia alemães étnicos dos seus serviços, fechavam sua imprensa e atacavam fisicamente suas reuniões ou demonstrações culturais) (DARGIE; FLANDERS, 2022, p. 133-134).

Desse modo, não há contradição alguma na simpatia varguista pelo totalitarismo nazifascista, com a sua prática de perseguição étnica e culturicídio dos grupos imigrantes alemão, italiano e japonês. Mesmo assim, as armas utilizadas pela ditadura na tentativa de destruição das etnias, seriam utilizadas contra o ex-ditador, acusando-o de ser um “eixista” enrustido, ou seja, um “quinta-coluna” no poder. O embate de narrativas, contudo, não é de nosso interesse, independente de qual lado esteja correto, o que destacamos é que os grupos étnicos perseguidos tiveram sua cultura e sua comunidade estigmatizada, sendo utilizados como símbolo decadente, cuja associação era ofensiva, uma pecha dada a um inimigo. Também vale destacar que a imagem positiva quanto ao Estado Novo e seu ditador se manteve, pois, notoriamente, a busca pelos documentos e por responsabilizações foram demoradas e negligentes, diminuindo consequentemente as possibilidades de análise acadêmica e social do período e suas violências (CONTREIRAS, 1998, p. 131-133).

Os silêncios que bradam do passado

Dos casos que encontramos quanto à questão da tradição oral apaziguada, saltou-nos aos olhos, a entrevista com Teodoro Kölle. Em sua entrevista (2019) a questão persecutória foi minorada, com comentários breves de problemas na Primeira Guerra Mundial e com a Segunda Guerra Mundial tendo ainda menos conflitos devido ao fato da família e dos responsáveis pela escola já serem brasileiros. Tais afirmações nos são fundamentais na compreensão dos silêncios e medos, que não são necessariamente conscientes, mas incrustados na memória histórica. Assim defendemos, pois, Teodoro havia emprestado, no dia da gravação, obras que possuía em seu acervo para que pudéssemos realizar uma cópia, demonstrando clara e evidentemente não possuir nada a esconder, colaborando para a manutenção memorial escrita e oral da história dos imigrantes. Todavia, o que notamos com tais livros e pesquisas emprestados é um contraste com o relato dado, demonstrando as perseguições e violências sofridas pela família e pela comunidade alemã no período, relatando violência perpetrada também contra italianos ao findar-se a Segunda Guerra Mundial.

Os contrastes existentes, acabam por demonstrar o esforço que o senhor Teodoro e sua família tem na manutenção histórica e cultural, onde podemos analisar dentro do contexto 3 veias memoriais: I) o relato da entrevista, mostrando a tradição oral predominante na comunidade alemã, a qual busca uma maior coesão com a sociedade local, diminuindo possíveis conflitos; II) os trabalhos escritos por acadêmicos, os quais abordam diretamente a respeito da família Kölle e/ou da imigração em geral, emprestando as obras para termos acesso; III) a tradição oral de outro momento histórico coletada e transformada em livro, de Roger Trimer (1994), no qual, com a anuência da família, foi publicado. Reforçamos e defendemos a hipótese de que, o contraste entre essas 3 manutenções memoriais, de modo e maneira alguma se tratou de tentativa de ocultar ou forjar a história, até mesmo pelo fato de que, se qualquer intenção do tipo estivesse presente (o que nunca esperamos acontecer com nenhum dos entrevistados, que fique claro), haveria uma ocultação das informações que não coadunassem com uma construção memorial específica e desejosa de privilégio.

De igual modo, vimos na entrevista de Carlos Yabuki (2025) condição similar, onde o mesmo descobriu posteriormente que o comércio de sua família havia sido vandalizado durante a Segunda Guerra Mundial. Sendo tal informação contada a outrem pela própria mãe, a qual não comentava do assunto com ele ou com a família. Na entrevista com Luiz Paulo Bressani (2025), ficamos sabendo que seu pai havia combatido na Revolução de 32. Contudo, apesar da

família possuir documentos a respeito, nada era comentado, nem sobre a Revolução ou do período das guerras. De modo interessante, não nos deparamos com entrevistados, no mestrado ou doutorado, que desabonassem a própria origem. Os desconhecimentos eram parte integral do silêncio de grupos perseguidos, os quais mantêm o seu orgulho étnico, mesmo que desconheçam largas porções de seu passado.

Os estudos após a guerra

Por curiosidade, e como prévia do próximo capítulo, trazemos uma notícia que nos deparamos no Jornal Cidade, 1 ano após o fim da Segunda Guerra Mundial: "VAI PESQUISAR Encontra-se em Curitiba, a caminho do interior do Estado, o professor Emilio Willems, que vai fazer pesquisas antropologicas" (Cidade de Rio Claro, 10 agosto 1946). Segundo o professor Willems, Rio Claro seria um exemplo de "absorção cultural" (WILLEMS, 1980, p. 145). O que podemos afirmar, em contrapartida, é que o referido pesquisador encontrou uma comunidade alemã, no Brasil todo, com cicatrizes profundas e feridas ainda abertas e, defendemos, que se há alguma característica cultural predominante nesse período é o do emudecimento protetivo (ou até mesmo a auto rejeição de caráter defensivo), tanto para salvaguardar as conquistas econômicas, quanto para, mais importante, continuarem vivos.

4-II.1 As ondas de rádio aos ouvidos de Rio Claro

Pudemos constatar, a partir dos jornais, a presença da programação da rádio do município, como também de transmissões de produções nacionais e internacionais, além das realizadas em língua estrangeira a partir das ondas curtas. Contudo, não tivemos um maior contato com as produções notadamente locais, mas com transmissões que atravessavam Rio Claro, a ligando ao país como um todo e, até certa medida, ao mundo.

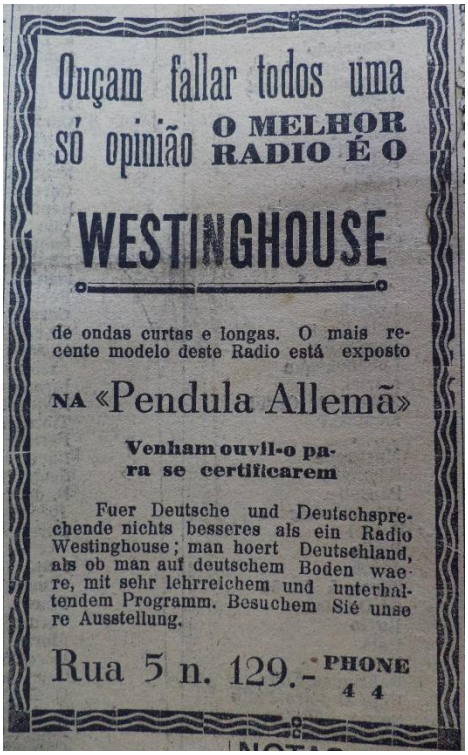
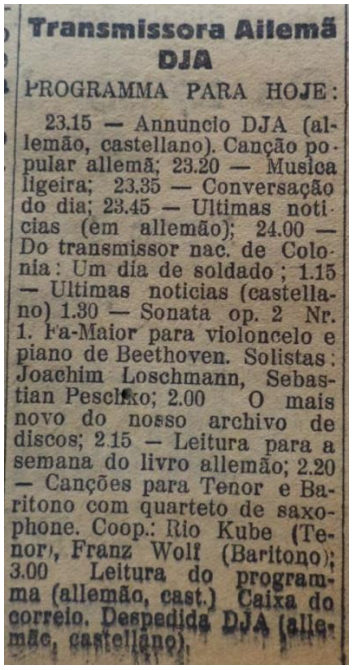


Imagem 14 Anúncio venda de rádios em português e alemão. Fonte: Diário do Rio Claro, 24 maio 1934.

Aspecto notável durante a pesquisa foi a relação próxima das comunidades para com a obtenção de informações pelo Rádio. Quanto aos italianos, essa ligação era mais do que óbvia, tendo em vista que a dona do Jornal Cidade de Rio Claro do período, a família Cartolano, de origem italiana, possuía também a rádio PRF-2 de Rio Claro; quanto aos alemães e japoneses essa presença foi notada nas entrevistas realizadas, com todos relatando que suas famílias ouviam rádio no período. As propagandas (imagem 14) eram escritas para a venda de rádios que captassem tanto as ondas curtas quanto as longas, os escritos em alemão incentivam a compra da marca, pois essa faria escutar a programação como se estivessem na Alemanha.

Não menos importante, é o fato de que os jornais apresentavam para além da programação das rádios locais, diversos anúncios sobre as "ondas curtas", da transmissora alemã "DJA" (imagem 15), até 1939. Podemos ver com isso que a comunidade alemã não estava sendo vista como deletéria, tampouco excluída da sociedade, com sua língua aparecendo nos jornais e até na programação a ser ouvida.



Transmissora Allemã
DJA

PROGRAMMA PARA HOJE:

23.15 — Annuncio DJA (allemão, castellano). Canção popular allemã; 23.20 — Musica ligeira; 23.35 — Conversação do dia; 23.45 — Ultimas noticias (em allemão); 24.00 — Do transmissor nac. de Colonia: Um dia de soldado; 1.15 — Ultimas noticias (castellano) 1.30 — Sonata op. 2 Nr. 1. Fa-Maior para violoncelo e piano de Beethoven. Solistas: Joachim Loschmann, Sebastian Pescliko; 2.00 O mais novo do nosso archivo de discos; 2.15 — Leitura para a semana do livro allemão; 2.20 — Canções para Tenor e Baritono com quarteto de saxophone. Coop.: Rio Kube (Tenor), Franz Wolf (Baritono); 3.00 Leitura do programma (allemão, cast.) Caixa do correio. Despedida DJA (allemão, castellano).

Imagem 15 Anúncio Transmissora Allemã DJA. Fonte: Diário do Rio Claro, 28 novembro 1934.

Nesse momento, quanto à comunidade italiana, também vemos notícias de transmissões dos discursos de Mussolini:

> **Um discurso de Mussolini que será retransmittido no Brasil**
>
> Hoje, das 12 ás 12,20 horas, Benito Mussolini, dirigirá um discurso ao povo italiano evocando a marcha sobre Roma, cujo 15.o anniversario transcorreu hontem. Essa oração, será irradiada pelo Ministerio da Imprensa e Propaganda da Italia, que solicitou ao nosso Departamento de Propaganda a sua retransmissão para o Brasil.
>
> A retransmissão será feita pela P. R. F. 5, Radio S. Paulo que transmittirá a palavra do Duce em rêde com as 25 estações do Estado.
>
> (Diario do Rio Claro, 01 novembro 1936)

O rádio era um avanço o qual eliminava as distâncias, possibilitava aos indivíduos o contato com a terra ancestral. Tal fato era válido igualmente a outras pessoas de diferentes origens, intensificando-se as trocas culturais, possibilitando a influência mútua.

Além da implosão (parcial) da diferença espacial, o rádio representou uma revolução tecnológica do cotidiano. Escutar os programas se tornava cada vez mais uma necessidade, ampliava o conhecimento, permitia alguma forma de distração, descanso e diversão:

> O rádio foi o eixo em torno do qual a revolução nas comunicações gravitou. Pela primeira vez, na história moderna, entretenimento, notícias, idéias, entravam nos lares para acompanhar as tarefas domésticas; sua integração na vida cotidiana foi realçada pela colocação do entretenimento no contexto das notícias, por uma parte, e da

> publicidade, por outra. Dentro de pouco tempo, o rádio converteu-se numa necessidade; sendo uma necessidade não podia ser um prêmio, uma recompensa. Todos começamos a sentir que tínhamos pleno direito ao entretenimento proporcionado pelo rádio. (SELDES, 1974, p.237)

Apesar da maioria dos entrevistados terem eles, ou suas famílias, tido contato com o rádio no período da Segunda Guerra, temos que reconhecer que nem todos os munícipes possuíam condições econômicas para a obtenção de um aparelho. Muitos indivíduos, sendo ou não de grupos imigrantes, estavam na luta pela sobrevivência, não permitindo que obtivessem "luxos" como um rádio em casa. Mesmo assim, é inegável a popularização que o rádio teve nacionalmente, permitindo o acesso de informações a uma população marcada pelo analfabetismo, sendo seu início na década de 1920, com grande amplitude e aceitação nas décadas de 30 e começo de 40, permitindo diversão, informação e propaganda a uma população que era 56,4% iletrada (PINTO, 1995, p. 43-44, 52,53). Rio Claro, similarmente, no censo escolar de 1934, constatou que 57% das crianças eram analfabetas (75,6% na zona rural e 29,3% na urbana) (PENTEADO, 1978, p. 178). Também é fundamental constatarmos que o rádio era um meio de trazer notícias para as mulheres, marcadas pela vida doméstica. Em Rio Claro, a primeira rádio seria inaugurada em 1933, a Rádio Clube, PRF2 (MACHADO, 2012, p. 31).

Não devemos considerar, contudo, que as produções radiofônicas tivessem papel diminuto na sociedade. Para aqueles cuja condição financeira não os permitia obter um aparelho, ou se proibidos pela sua origem (quando assim o foram ao Brasil entrar na guerra), havia diversos autofalantes espalhados pela cidade, os quais transmitiam a rádio para todo ouvinte. No caso, no município, o Serviço de Alto-Falantes "Primavera" foi iniciado em 1937, sendo intensamente ampliada em 1941, abrangendo diversos bairros e, portanto, considerável parcela da população rio-clarense (CAMPOS, 2012, p 221). Não menos importante, foi em 3 de janeiro de 1938 que o ditador Vargas passa a ter suas mensagens irradiadas das 20 às 21 horas, pela "Hora do Brasil" em todo o país, possibilitando a sua atuação direta e frequente na população, através de um meio popular e massificado (SILVA, 1998, p.135; LOCHERY, 2015, p. 63). As produções e propagandas, assim, acabavam chegando aos ouvidos dos cidadãos, seja pelo rádio na casa, pelos autofalantes ou pela conversa miúda com outros habitantes. Fica evidente a importância do que era apresentado, devido à capilaridade que adquiria.

Os alto-falantes estavam espalhados por todo o município, com eles se tornando, por vezes, até um incômodo cotidiano:

Prohibido o funccionamento dos alto-falantes!

Até que emfim vae terminar o supplicio! – A nota da Prefeitura Municipal prohibindo o funccionamento dos alto falantes

A victoria nos chegou mais cedo do que realmente a esperávamos. Mal iniciámos a campanha em pról do silencio, do precioso silencio ha muito banido da nossa bella avenida, pela infiltração maléfica de seis (meia duzia!) de alto-falantes, sendo quatro delles installados no mesmo quarteirão, já conseguimos vel-a triumphante. Estamos satisfeitos, realmente satisfeitos porque reputamos dupla a nossa victoria. Primeiramente pelo facto de sentirmos manifestada a opinião publica amplamente favoravel a attitude do DIARIO combatendo positivamente a praga dos alto-falantes e em segundo logar pela immediata attenção que o importante assumpto mereceu por parte do dr. Prefeito Municipal, solucionando-o com justiça e com o direito que a lei lhe faculta, como se depreende pela publicação oficial que hoje inserimos nesta mesma pagina.

Está prohibido, portanto, de hoje em deante, o funccionamento de alto-falantes em vias publicas centraes da cidade. Isso para nós todos que aqui residimos neste infernal quarteirão, nós, os torturados; para aquelles que já nem mais encontravam o mesmo prazer em passeiar na avenida, pois o barulho estridente, ensurdecedor dos alto-falantes abertos em todo o volume; o horrivel contraste das musicas não lhes permitia conversar siquer; para as moças que passavam tapando os ouvidos (quantas vezes não presenciei esse gesto!) [...] e tambem para que Rio Claro, nesse ponto, não continue a desmerecer no seu gráu de civilisação, isso representa a valta da nossa paz, do nosso socego, o retorno do silencio que nessas circumnstancias vale o peso do ouro.

O DIARIO sente-se no dever de transmittir seus agradecimentos ao digno governador da cidade, sr. Solon do Rego Barros, pelas immediatas providencias que vieram acabar com o barulho infernal dos alto-falantes nas ruas centraes da cidade.
(Diario do Rio Claro, 25 março 1941)

Prefeitura Municipal de Rio Claro
Boletim

22 – 3 – 1941

Azis Haick – Concedo autorisação para o funcionamento dos alto-falantes da "Radio Jornal Primavera", a titulo precário, desde que: – a) se localizem na seguinte conformidade: – 1) Rua 6 esquina da Av. 2, 2) Praça da liberdade 3 e 4) Jardim Público em ponto a ser determinado pela Prefeitura. b) fique determinado o horario de funcionamento até as 21 horas no maximo. C) que o volume de som seja moderado e sempre a juiso da Prefeitura. Radio Clube de Rio Claro – Nada há que decidir. Não se cogita de distinguir com relação à *espécie* da Emprêsa que tem instalado os seus alto-falantes. A proibição foi motivada, exclusivamente, tendo em consideração o que facultam as leis quando ameaçado o socêgo publico, pelo qual deve o município zelar. [...] Vólte o interessado, querendo, com requerimento nesse sentido, citando, quantos ato-falantes pretende instalar, que a Prefeitura designará os pontos em que éssa colocação poderá ser feita. Trata-se de instalaçõo, que será feita em vias de lougradouros públicos, onde é da exclusiva atribuição do município dar o seu consentimento ou negal-o, si julgar conveniente. Quanto à irradiação de caráter cultural, cívico ou patriótico, em datas de significação nacional, ésta Prefeitura fará concessões especiais, facultando a instalação de alto-falantes em qualquer parte da cidade, afim de que o publico tenha o melhór conhecimento das mesmas. No caso especial das homenagens que se projétam ao eminente e digno brasileiro Getulio Vargas, esta Prefeitura faz grande empenho na sua divulgação, para cujo fim poderão as emissoras contar com a colaboração da Prefeitura Municipal que contribuirá para

> que éssas festividades tenham, nésta cidade, todo o brilho e realce a que o eminente Chéfe da Nação faz jús, pelo muito que o paiz lhe é devedor, em face dos grandes e inestimaveis serviços que vem prestando a nóssa patria.
> (Diario do Rio Claro, 26 março 1941)

Não vem ao caso, do presente recorte da tese, a pormenorização dos conflitos que aconteciam sobre as permissões e proibições dos alto-falantes. De toda forma, o que é relevante notarmos é a existência dessa disputa, pois demonstra que a presença das radiotransmissões era tão intensa e onipresente (ao menos em sua parte urbana) a ponto de realizarem ações para a sua proibição ou regularização de horários limites.

Das produções nacionais, podemos levar em conta os pronunciamentos radiofônicos do ditador e as notícias a respeito da Segunda Guerra, sendo ambos uma obrigação das redes informacionais, mas também fonte de interesse de todo cidadão. Entretanto, mesmo quando há programações que não temos acesso/conhecimento do que foi transmitido, podemos analisar, de modo geral, músicas, radioteatros, discursos etc., do período.

O rádio é um documento direto e indireto em nossa análise. Direto na medida em que as transmissões eram uma realidade social e local intensa, com poucos entrevistados que não possuíam acesso a um rádio ou alto-falante no período. Indireto para os não possuidores de rádio, que eram indiretamente informados por outras pessoas, assim como para nós, que ao não sabermos tudo que foi transmitido nas casas e praças, acessamos as produções de modo geral.

Outro elemento importante, é a inegável influência estrangeira nas ondas radiofônicas, tanto por relação com as rádios nacionais ou por filiais de seus países, legais ou não, fazendo parte do esquema de espionagem quando proibida. A disputa e a tentativa de conquistar o espaço radiofônico era um conflito internacional, com o Brasil sendo um "campo de batalha":

> Em 1938, num movimento ousado de expansão internacional, a BBC lança um serviço em árabe para o Oriente Médio e, logo em seguida, em espanhol e português para a América Latina. O Empire Service é renomeado como BBC Overseas Service em 1939 e até 1942 já havia serviços transmitindo em ondas curtas em praticamente todas as línguas europeias, além de inúmeras línguas faladas na Ásia [...] Esse expansionismo radiofônico teve razões muito pragmáticas desde o início. [...] Itália e Alemanha já transmitiam para a América Latina em português e espanhol, o que impunha ao Reino Unido uma considerável desvantagem geopolítica. A guerra de propaganda radiofônica entre britânicos, de um lado, e italianos e alemães, do outro, começou, portanto, ainda em 1938, um ano antes do início formal da Segunda Guerra Mundial. (THOMAZ, 2018, p. 12)

As rádios nacionais e estrangeiras iriam, conforme o país entrou na guerra, realizar produções em conjunto e/ou trocas de informações. De tal modo, as notícias eram trabalhadas e transmitidas a um grande conjunto populacional, de condição socioeconômica variada, dispersas pelo município, que obtinha notícias nacionais e internacionais:

> **Noticias de guerra**
>
> Afim de colocar a população de Rio Claro ao par da atual situação do mundo, a *Primavêra* vem apresentando todas as noites das 21 horas às 21,30 um compléto Jornal-Falado, com as ultimas noticias fornecidas pelas principaes agencias telegraficas nacionais e extrangeiras. Ouçam todas as noites ás 21 horas esse Jornal-Falado, que é oferecido pela grande Casa Castelo, pelos possantes alto-falantes da *Primavera*.
>
> (Diário do Rio Claro, 14 dezembro 1941)

Devemos destacar que era reconhecido e comentado abertamente a importância do rádio na sociedade e para o conflito, com notícias sendo transmitidas em toda sua duração. Podemos ver uma matéria a respeito das transmissões inglesas para o mundo e para a Europa, relatando a sua importância para a realização da resistência aos invasores nazistas:

> **Serviços da B. B. C.**
>
> A "British Broadcasting Corporation", irradiada em 27 linguas, fornecendo diariamente 140 boletins diversos. Os programas são irradiados simultaneamente em ondas longas, medias e curtas. Com exceção de um intervalo de 1 hora e três quartos, êste serviço é ininterrupto nas 24 horas do dia.
>
> Qualquer noticia importante, emitida pela B. B. C., torna-se conhecida da maior parte das pessoas da Europa Ocidental, exceto na Alemanha, dentro das três horas depois de irradiada e nenhuma noticia importante deixa de, dentro de uma semana, ser divulgada em toda a Alemanha. Os quinhentos jornais clandestinos da Europa ocupada dependem principalmente da B. B. C. quanto a noticias e orientação. A potência dos aparelhos transmissores da B. B. C. foi aumentada afim de anular a interferência alemã nessas irradiações.
>
> (Cidade de Rio Claro, 03 março 1945)

Tendo isso em vista, vejamos alguns programas e notícias que eram veiculadas pelas rádios brasileiras. Reconhecemos que o ideal seria o contato com produções do município (as quais não estava possível o acesso), porém as transmissões mais gerais nos serão elucidativas. Desse modo, podemos nos utilizar de produções as mais variadas, sendo que elas podem ter sido ouvidas pelos munícipes, permitindo-nos analisar e entender, mesmo que indiretamente, a composição do que chegou à sociedade local.

Algumas Notícias de Guerra

Os jornais radiofônicos, transmitidos nas casas e ressoando pelo município com os alto-falantes, serviam para rememoração dos momentos de guerra e para as irradiações de emergência tanto local, nacional ou global:

> **Prefeitura Municipal de Rio Claro**
>
> 2.o aniversário do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o "eixo"
>
> O dia 28 do corrente assinalará o segundo aniversário do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os paises do eixo. O fato se reveste, para o povo brasileiro e seus dirigentes, de suma importância. [...] Com o objetivo de comemorar a data, o sr. Prefeito Municipal convidou o Dr. João Elias Cruz Martins, Meretissimo Juiz de Direito da Comarca, para proferir uma alocução no Rádio Clube de Rio Claro, a qual ficou marcada para às 19 horas, na séde daquela emissora, à rua 3 n. 1423.
>
> A Prefeitura convida a população para comparecer à séde da emissora local, ou a ouvir a alocução do Meretissimo Juiz de Direito pelos seus rádio-receptores.
>
> (Diario do Rio Claro, 27 janeiro 1944)

> **A invasão da Europa**
>
> **Os exércitos aliados desembarcam na costa setentrional da França**
>
> [...] Rio Claro acompanhou com vivo interesse e constância o desenrolar dos acontecimentos referentes à invasão da Europa. Desde as primeiras horas da manhã, sintonizando as grandes emissoras brasileiras, os rioclarenses tiveram a satisfação de conhecer a sensacional noticia, e desde aí, durante todo o dia até as altas horas da noite, Rio Claro quer pelo rádio, quer pela imprensa, teve conhecimento dos fatos realizados.
>
> A Rádio Clube Rio Claro apresentou grande noticiário, com as empolgantes informações que ainda vibram em toda a sua plenitude de norte a sul do país, como a aproximar mais ainda os aliados dentro da guerra atual.
>
> Desde às 8.15 hs. da manhã, o Serviço de Alto-Falantes "Primavera", primeiramente retransmitindo as irradiações da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, e depois das 10 hs., o vasto e palpitante noticiário apresentado pela poderosa Rádio Nacional do Rio de Janeiro, demonstrou a sua cooperação nos momentos de intensa pujância para todo o mundo livre. [...]
>
> (Diario do Rio Claro, 07 junho 1944)

As programações da rádio do município e a de outros locais compartilhavam os mesmos locais de irradiação, com transmissões diretas e retransmissões. O próprio meio de informação era pensado nesse contato e sobreposição, com produções até feitas em conjunto e apoio, entre nacionais ou até com estrangeiros. Tivemos acesso a algumas radiotransmissões do período, com muitas delas se tratando de notícias como as de jornal, falando sobretudo da guerra.

Em “Noticiário especial sobre o ‘Dia D’, na Segunda Guerra Mundial”[39], as invasões e operações feitas na Europa são explicadas, comentando o quão difícil ou grave são as condições. No noticiário sobre o dia D, feito dia 6 de junho de 1944, pela Rádio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro, ouvimos diversas referências de notícias vindo principalmente das redes britânicas, com destaque à agência Reuters. Diversos telegramas e notícias urgentes são lidas sobre o estado da guerra, seus líderes, as condições de batalha e a participação, notadamente, das tropas inglesa e estadunidense. Afirma-se que a invasão surpresa foi bem-sucedida, apesar de pesadas perdas de ambos os lados. Escuta-se, em transmissão direta, o discurso do rei inglês. Termina-se com diversas notícias de outras partes do conflito europeu, com destaque ao mar do norte.

Produzido em julho de 1944, pela Columbia Broadcasting System e pela National Broadcasting Company e transmitida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, algumas notícias sobre a situação da Guerra[40]. A Alemanha está cercada, com diversos ataques da força aérea aliada, arrasando Munich e sua importante rede ferroviária. As ameaças do terceiro Reich são de trazer a maior destruição possível à Europa antes de caírem. Noticia-se então a libertação de cidades francesas, com a presença norte-americana e rechaçamento dos nazistas. Intensas perdas são sentidas, mas o maior número de baixas é alemão. Os Russos conquistam os caminhos pelo Leste, e os alemães “tremem” ao vê-los. É então referenciado os avanços em outras frentes de combate, com os respectivos avanços na Europa, Oceano Pacífico e África.

A anunciação do fim da Segunda Guerra[41], foi transmitida em 8 de maio de 1945. Comenta-se sobre a ordem de colocar alto-falantes espalhados pela capital, onde tocará músicas, marchas militares e notícias conforme chegarem. Escuta-se a recepção do público ao saberem da paz na Europa, com populares festejando às ruas e soltando fogos. A Inglaterra dava a notícia de que a Alemanha se rendeu incondicionalmente. Abordam os comentários realizados pelo “presidente” Vargas e, também, as palavras de Churchill e Truman sobre o fim do conflito. No programa, o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra, realiza um discurso, comemorando o fim do conflito e homenageando a memória dos soldados brasileiros caídos. O radialista então comenta sobre o Itamaraty e a sua importância no panamericanismo, com a mensagem enviada do ministro José Roberto de Macedo Soares do ministério das relações exteriores para os norte-americanos, relatando as comemorações brasileiras e engrandecendo a

[39] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/noticiário-especial-sobre-o-dia-d-na-segunda-guerra-mundial/
[40] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/notícias-da-segunda-guerra-mundial/
[41] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/fim-da-segunda-guerra-mundial/

relação dos dois países. Outro convidado é Vatentim Bouças, membro da comissão dos acordos com Washington, o qual fala sobre a vitória e do grande esforço dos expedicionários para ajudar os aliados. Bouças elogia os norte-americanos e seu crescimento militar, na defesa da liberdade no mundo e, por fim, exalta o papel do Brasil na defesa da humanidade.

Discursos de Vargas

Conjuntamente aos arquivos de áudio disponibilizados pelo Arquivo Nacional, utilizamo-nos, para este subcapítulo, da coleção de discursos de Vargas, realizado pela Câmara dos Deputados e organizado por Maria Celina D'Araujo (VARGAS, 2011).

Aspecto fundamental de tal coleção, é que esta agrupa toda a atuação política de Vargas, de 1923 até 1954, permitindo-nos selecionar alguns recortes de períodos distintos do referido político. Pudemos comparar dois discursos referente aos imigrantes, descendentes e seu ensino étnico, antes do golpe de 1930 e, posteriormente ao golpe de 37, em um discurso de 1940:

> Durante muitos anos encaramos a imigração exclusivamente sob os seus aspectos econômicos imediatos. É oportuno entrar a obedecer ao critério étnico, submetendo a solução do problema do povoamento às conveniências fundamentais da nacionalidade. [...] Não só o alienígena e seus descendentes, porém, necessitam de instrução efetiva e gratuita. Se a eles se deu preferência, com o intuito de mais rapidamente nacionalizá-los, a verdade é que os interesses da nacionalidade não são menos exigentes no tocante à alfabetização dos habitantes das zonas do interior [...] (VARGAS, 02 jan. 1930/2011, p. 287, 295)

> A nacionalização do ensino e do professorado constitui iniciativa vitoriosa. Fecharam-se as escolas de língua estrangeira, substituindo-as por escolas nacionais. Os ensinos secundário, superior e profissional passaram por completa remodelação [...] (VARGAS, 11 nov. 1940/2011, p.418)

Ambos os discursos demonstram o ideal de violência assimilacionista/nacionalizadora contra as etnias. Comprovando-nos que tal projeto já estava presente antes mesmo do golpe de 30, provando a rejeição e ímpeto destrutivo contra as culturas imigrantes consideravelmente antes da guerra começar. Também reforça nosso argumento de que aproximações com ditaduras não significa a aceitação da cultura dessas (tal como vimos nos alemães perseguidos culturalmente na Itália fascista), então afirmar que a ditadura varguista e sua afinidade com regimes totalitários seria uma contradição ou impossível é, indubitavelmente, incorreto.

Outro importante discurso[42] é o que foi proferido no início do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, com o ditador justificando a "revolução" que foi instaurada, com uma longa lista de questões que estariam trazendo perigo à nação. Com intensas críticas aos partidos políticos, defende a centralização do poder e união nacional, em prol da segurança nacional contra o perigo estrangeiro. Comenta problemas econômicos e a necessidade de investimento em siderurgia e indústrias de base. Defende o investimento nas forças armadas. Critica as instituições e suas falhas, justificando "reformas" para que se "ajustem à realidade nacional". Ao final aborda a gravidade do que foi relatado e a necessidade de reestabelecer a ordem contra as "ameaças de Guerra Civil", clamando pela "restauração nacional" contra "influências desagregadoras internas ou externas". Toca-se, então, o Hino Nacional.

Em 1940 o ditador faz um discurso[43] comemorando os 10 anos da "Revolução" de 1930. Relembrava o processo que levou ao golpe, com voz embargada e com defensores concordando entusiasticamente ao discurso. Comentava das fraudes eleitorais, da crise econômica de 29 e da falta de direitos dos trabalhadores. A Revolução "já estava nas almas", era o "descontentamento generalizado do povo brasileiro, que queria substituir um regime de artifício por um regime de realidade". Comenta-se da morte de João Pessoa, das violências e de como as superaram por terem o apoio popular contra os "caciques eleitorais". Então vêm críticas aos "extremismos" e "regionalismos" que resultou "no dia 10 de novembro de 1937", um movimento com o objetivo de "restaurar o Brasil, nas suas tradições históricas, nas glórias do seu passado, nas realizações do seu presente, nas aspirações do seu futuro". Getúlio então afirma que a "Revolução" de 30 somente terminou em 37, "sem uma gota de sangue" por ser de "inspiração nacional".

Podemos perceber a ação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) na formulação de tais discurso, tanto na escrita como nos elementos que seriam transmitidos: A plateia com aplausos efusivos; o espectador emocionado que grita palavras de apoio; a variação no tom de fala; as pausas planejadas para as palmas; as afirmações de legitimidade do governo. A transmissão foi elaborada não apenas para se ouvir o discurso, trouxe consigo a plateia e a atitude que dela se esperava, de apoio e sinergia entre Getúlio e a população. Afirmamos então que a propaganda, através do DIP, buscava todos os meios disponíveis para convencer e

[42] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/discurso-do-presidente-da-república-getúlio-vargas-na-instalação-do-estado-novo/

[43] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/discurso-de-getúlio-vargas-nos-10-anos-da-revolução-de-1930/

doutrinar seus ouvintes, passando a mensagem legitimadora do regime em comunhão com (o que deveria ser) a reação da população.

Quanto à legitimação da perseguição etnocultural, vemos outros dois discursos, o primeiro em 1941 após o ataque aos navios brasileiros, e o segundo dias após a entrada do país na guerra em 1942, com ambos abordando o problema de agentes infiltrados e traidores:

> Não faltaram, por certo, os incitamentos de agentes estrangeiros que tentaram exercer suas atividades desagregadoras, como aliás o fazem, atualmente, em todos os países. Mas reagimos a tempo contra a ação perturbadora desses elementos mediante medidas diretas e outras destinadas a acelerar a integração dos núcleos imigratórios na vida nacional. Entre essas medidas, cabe citar as de simples vigilância policial sobre elementos adventícios, a proibição de publicações periódicas em língua estrangeira, a nacionalização de escolas e associações estrangeiras, a proibição do uso de distintivos e símbolos de partidos políticos, assim como de qualquer atividade a eles vinculadas. [...] Foi assim que conseguimos anular a ação dissolvente dos agentes extremistas e eliminar os resquícios particularistas em suas diversas formas. (VARGAS, 1 mai. 1941/2011, p.440)

> Seremos implacáveis no combate aos invasores e aos seus agentes infiltrados [...] Os nacionais dos países com os quais estamos em guerra, que aqui vieram e construíram os seus lares de forma regular e honesta, nada devem recear enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país. De modo bem diverso serão tratados os que [...] auxiliarem de alguma forma os inimigos, com eles mantiverem entendimentos, espionando ou fazendo sabotagem. A esses, aplicaremos, com rigor, as leis de guerra. E, em relação aos semeadores de boatos e derrotistas de qualquer nacionalidade, nenhuma complacência existirá. Serão segregados do meio social, reduzidos à condição de suspeitos e declarados indignos da cidadania brasileira. (VARGAS, 7 set. 1942/2011, p. 451-452)

Os discursos coadunam obediência e lealdade às leis, as quais estavam impregnadas e fundamentadas na legitimação de violências assimilativas e nacionalizadoras contra os grupos étnicos, sua identidade e costumes. A indiferenciação entre traição e orgulho etnocultural era intencional, mesclava a justificável defesa nacional com as atrocidades cometidas em nome da pátria e sua nacionalização. Aceitar (e até colaborar para) a destruição de características culturais, notadamente presentes na vida escolar e associativa, era elemento essencial para a consideração do indivíduo como moralmente apto à cidadania brasileira. Com a ditadura chegando perto do fim, vemos um discurso das "conquistas" e, dentre elas, a da nacionalização:

> Na execução do amplo programa que nós traçamos de reconstrução nacional, não vacilamos um só instante. Fizemos a nacionalização do ensino e da imprensa; suprimimos as agremiações, ligas e entidades sociais estrangeiras de ação política reconhecidamente nociva e desagregadora; [...] Podemos, pois, afirmar que a reforma

> política de 37 foi providencial para a defesa dos supremos interesses da nação e salvou a democracia brasileira da contaminação das ideologias extremistas. (VARGAS, 2 mar. 1945/2011, p.493)

Mesmo após o fim do regime e a sua nova atuação política, – desde senador (1946-1947) até o seu suicídio em 1954 – vimos algumas referências orgulhosamente feitas e defendidas quanto a sua atuação política pregressa (VARGAS, 2011). Condição *sui generis*, em que um ex-ditador no processo democrático defende o regime pelo qual foi responsável, o que atesta a leniência quanto a esse período persecutório e a decorrente boa visão social, acadêmica e política dos golpes de 30 e 37, de Vargas e seus sequazes (CONTREIRAS, 1998, p. 131-133).

A Marcha do Tempo

O programa era baseado nas notícias de guerra de todas as frentes, obtidas através de correspondentes da imprensa norte-americana. O seu formato era de um radioteatro, com atores citando discursos importantes ou construindo alguma história que envolvesse o tema do dia. Dos arquivos consultados, em sua maior parte eram comentários sobre a guerra e suas batalhas, com roteiro variado, juntando partes documentais com atuação de drama e, por vezes, de comédia, com diversos efeitos sonoros. As gravações que seguiam esse modelo, a exemplo, foram os episódios "a Cruz Vermelha"[44], "a escola de submarinos"[45], "a história do voo a Tóquio"[46], "encruzilhada no deserto"[47] e "os engenheiros"[48]. Ainda nos mesmos moldes teve "a Inglaterra é um navio"[49], na qual é comentado a respeito de um filme de mesmo nome, que infelizmente não encontramos nada a respeito de sua existência na pesquisa.

Da "Marcha do Tempo" demos maior atenção ao episódio "a Conferência do Rio de Janeiro (1942)"[50], que foi transmitido em 1943. Nele vemos um programa mais documental, com os atores fazendo o papel das delegações dos países e seus discursos. Em sua maior parte,

[44] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/marcha-dos-tempos-a-cruz-vermelha/
[45] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-escola-de-submarinos/
[46] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-o-voo-a-tóquio/
[47] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-encruzilhada-no-deserto/
[48] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-os-engenheiros/
[49] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-inglaterra-é-um-navio/
[50] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-conferência-do-rio-de-janeiro-1942/

estes são pela defesa de uma unidade e solidariedade interamericana. Entra então o discurso de Oswaldo Aranha sobre o rompimento das relações do Brasil com o Eixo. Destaca-se em nossa análise os projetos comentados durante o programa, notadamente aqueles que buscavam "varrer do Hemisfério Ocidental os agentes do Eixo, sabotadores e espiões, por meio da censura, vigilância de grupos subversivos e do rompimento de todos os meios de comunicação com as potências totalitárias", sendo que os países deveriam atuar em conjunto para tal feito.

Espírito da Vitória

O programa "Espírito da Vitória"[51], transmitido durante a Segunda Guerra, trazia elementos sobre as resistências na Europa. Através de recursos de sotaques (estereotipados, mas até certo necessário para diferenciar os personagens), construía-se uma imagem do terror nazista, amalgamando o "alemão" ao criminoso de guerra, enquanto as vítimas eram elementos trágicos, não raramente mártires que, para atacar o monstro nazifascista, se sacrificavam. Tal produção, que fique claro, não é um problema em si, faz parte dos esforços de guerra, sua propaganda, o problema que vemos é que o "alemão" não necessariamente ficava como sendo só o europeu, mas passava a incluir o imigrante e descendente.

Não nos estranha o fato que o "grupo V" tenha agido na coerção de alemães em Rio Claro próximo à transmissão deste programa. Não podemos afirmar categoricamente que foram baseados especificamente no "Espírito da Vitória", contudo não é exagero reiterar que esta é uma representação das produções do período. O "alemão" era transformado em intrinsicamente mal, com a propagação dos hediondos crimes de guerra por um lado, e a elaboração e difusão de símbolos, sinais, discursos das vítimas e dos libertadores aliados por outro. Das transmissões que ouvimos, notamos um padrão: esforço de alistamento militar e construção do inimigo.

Apesar de levantarmos a probabilidade do grupo de vigilantes ter sido influenciados por tal programa, temos que reconhecer que outras produções do período também possuíam o mesmo emblema. Uma dessas possibilidades é a escrita de músicas como "O V da Vitória", título que foi repetido por diferentes autores (BARONE, 2018, p. 129).

[51] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/programa-espírito-de-vitória-seleção-1/ https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/espírito-de-vitória-a-resistência-iugoslava/ https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/espírito-da-vitória-2/

Radioteatro nas Américas

Radioteatro nas Américas em seu primeiro episódio tratou, de modo especial, do "O Brasil em guerra"[52] de Pompeu de Sousa. A apresentação começa com notícias dos ataques ao navio brasileiro Buarque e o protesto de seu afundamento. O país passava a sentir a "primeira punhalada pelas costas do pirata nazista". As conversas brasileiras eram "com bandidos como esse só mesmo a bala, afundaram navio desarmado com carga e gente pacífica dentro" e "eles ficaram furiosos conosco por causa da nossa atitude na Conferência dos Chanceleres, disseram que achavam que nós devíamos ficar de braços cruzados" e que deixassem que "atacasse o nosso país como os povos que eles esmagaram porque só viram o perigo quando já era tarde demais e eles já estavam dentro do seu território guiado pela quinta-coluna". Listam-se os países que não teriam motivo para suspeitar do avanço nazista e que foram conquistados, até chegar ao Brasil. Há a encenação sobre o ataque e de suas vítimas. Relata-se, então, aprisionamentos de navios e submarinos alemães feitos pela Força Aérea Brasileira (FAB). Das vozes contra os afundamentos estão as falas de Vargas e de seus ministros: estava declarada a guerra.

O episódio de "Radioteatro das Américas", que mais se destacou em nossa análise foi "o julgamento final"[53], de abril de 1943, baseado na peça de Moss Hart. A história se passa em uma localidade imaginada, uma cidade obliterada da Tchecoslováquia ou da Rússia, nela é feito o julgamento do povo contra Hitler, com Abraham Lincoln representando o povo, e o Diabo na defesa do ditador. São chamadas então as testemunhas, a primeira é uma mulher polonesa, que relata a morte de seu marido e filhos por serem judeus, com o Diabo satiricamente comentando: "havia judeus de mais não havia?". A acusação é da morte de 2 milhões de judeus na Polônia e de outros milhões de outras "raças", como tchecos, polacos e noruegueses, destruição dos direitos iguais e de liberdade religiosa, com crueldade desumana a homens e mulheres.

Segue-se a segunda testemunha, "August Wolf", alemão de Berlim, enviado a um campo de concentração, por ter orado com um amigo pelo bem do pastor, que havia sido preso. Mesmo sendo preso e enviado para um campo simplesmente por orar, ao terminar seu relato, ele faz saudações efusivas ao ditador. A acusação então coloca a denúncia da perversão da educação, da destruição do lar e o crime de envenenar a mente infantil (como o foi com "Wolf").

[52] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/radioteatro-das-américas-o-brasil-em-guerra/
[53] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-o-julgamento-final/

Entra, brevemente, uma testemunha de 15 anos da juventude hitlerista, o rapaz afirma desejar morrer por Hitler, sendo que denunciou o próprio pai por criticar o ditador.

O diabo chama então "George Gomes", um americano. O seu relato é recheado de antissemitismo, afirma que "alguns dos meus melhores amigos são judeus", mas logo afirma que os judeus pegavam o dinheiro da Alemanha. A sua defesa continua, de que o nazismo evitou a Europa do risco comunista (o que, realmente, era um discurso hegemônico). Afirma então que não acredita nos jornais e nas rádios, pois estão cheias de "propaganda e nada mais", de que exageram os acontecimentos e não são confiáveis. Termina defendendo a política de não interferência dos Estados Unidos na guerra, com grande satisfação do Diabo ao ouvir tais coisas. Lincoln então passa a questionar Gomes, citando as contradições de Hitler, o qual afirmava que não iria invadir determinado país e logo após o fazia, como fez na Polônia, Áustria, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia, Iugoslávia e até ao bombardear Londres. Afirma, então, que Gomes não é uma pessoa de má índole, mas é "estúpido", pois caiu na política de divisão e ódio. Termina com a acusação de tentativa de acabar com a esperança.

Por fim, há um embate entre o Diabo com Lincoln, com o primeiro tentando diminuir as atrocidades de Hitler, afirmando que outros no passado fizeram o mesmo e ninguém se importava mais. A resposta foi sobre a irrelevância se era ou não novidade, pois o ditador era ainda o pior de todos, tentou voltar a escravizar a humanidade, contrariando o ideal abolicionista que Lincoln e os Estados Unidos defendiam.

Variedades

Um programa de variedades que nos deparamos, de junho de 1945, é o "Só Pena que Voa"[54], feito pela British Broadcasting Corporation (BBC) e pela Força Expedicionária Brasileira (FEB). Apesar de não ser um radioteatro em si, há piadas e casos contados por atores, cantores convidados a mostrar suas músicas, homenagens à memória de camaradas, campeonatos musicais de calouros. O programa termina com a frase "Aqui termina a edição de hoje de 'Só Pena que Voa', programa que o expedicionário brasileiro oferece à sua família e aos demais ouvintes da BBC no Brasil, enquanto espera o grande dia do regresso".

[54] Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/só-pena-que-voa-feb-na-itália/

A presença de músicas e canções feitas pelos expedicionários não é de ser estranhada, tendo em vista que eles levavam instrumentos consigo para a guerra (BARONE, 2018, p. 139). Apesar da distância de suas famílias, podiam ter um momento descontraído antes, ou depois, dos conflitos diários. A presença de um programa de variedades no meio da guerra, demonstra-nos a humanidade dos soldados, tentando sobreviver física e mentalmente aos momentos difíceis sob o olhar da morte.

Seriam as músicas apenas divertimento?

Um olhar mais desatento poderia deixar passar comentários que referenciassem músicas transmitidas pelas rádios, sejam locais, nacionais ou internacionais. A música, por vezes, considerada como elemento cotidiano pouco notado, pode acabar não sendo analisada, ainda mais em momentos que os jornais – uma das poucas fontes disponíveis de acesso, quando não única, ao que estava sendo transmitido localmente – comentavam a respeito dos momentos que tocariam músicas, mas sem especificá-las, com "momento musical", "selecionadas" e similares.

A problemática se fixa na compreensão da música como elemento cultural, mas que pode conter elementos políticos, étnicos, sociais e/ou econômicos, seja em suas letras, momento ou local de transmissão. Compreender a presença musical, mesmo sem maiores detalhes, nos permite analisar um dos elementos que auxiliavam na construção do imaginário da população em seu cotidiano. Tornava-se, assim, uma arma de convencimento e espaço a ser conquistado, com os aliados, sobretudo os Estados Unidos, influenciando as músicas feitas no Brasil:

> A partir de 1942, quando o Brasil optou pelos Aliados, a cultura americana começou a influenciar o país, com o cinema e a música. No rastro da política de boa vizinhança de Roosevelt, lançada em 1936, na visita ao Brasil, as gravadoras americanas instaladas no país (RCA-Victor, Columbia), por inspiração do Departamento de Estado, trataram de engajar compositores nacionais em ampla campanha subliminar de simpatia pelos Estados Unidos. A invasão do Charleston e do fox-trot, que haviam desbancado o melancólico tango argentino, e a influência do cinema falado, popularizando o linguajar dos caubóis, tornou fácil a tarefa de incluir expressões ianques em dezenas de músicas brasileiras, que usavam "yes", "hello", "c'mon", evocando a terra de Tio Sam, em composições como "Alô Alô Tio Sam", composta após a entrada do Brasil na guerra, e que dizia "Alô Alô Tio Sam, alô/ Dizem que você está pintando o sete/ Se precisar de mim/ Pode chamar que eu vou"... (MUYLAERT, 2012, p. 43-44)

Mas não foram apenas músicas influenciadas por estrangeiros que tiveram grande repercussão, com diversos artistas nacionais se utilizando do conflito mundial para realizar suas obras. A criatividade artística iria para os mais diversos temas possíveis do período, apresentando notadamente sátiras aos acontecimentos e figuras políticas:

> Se por meio de jornais e rádios os acontecimentos da guerra ganhavam cada vez mais espaço no cotidiano dos brasileiros, naquela época, grandes cantores e cantoras também marcariam para sempre o panorama da música nacional, com sambas e canções inesquecíveis. As notícias que chegavam do *front* serviram de inspiração para um sem-número de sambas e marchinhas que caíam na boca do povo, antes e logo depois de o Brasil entrar no conflito, em agosto de 1942. [...] Por causa da guerra, uma grande safra de sambas surgiu na forma de sátiras explícitas e ao mesmo tempo ingênuas, que usavam as figuras de Mussolini e Hitler, ou dos traidores da quinta-coluna, com o objetivo de fazer pilhéria aos inimigos declarados. Os valentes brasileiros e a cobra que fuma – a FEB – serviram para enaltecer os valores nacionais e os esforços dos Aliados para a vitória final. (BARONE, 2018, p. 99-100)

A música acabava por intensificar subjetividades do período, humilhando as nações inimigas, promovendo a união com os aliados, engrandecendo os soldados brasileiros, mas também realizando ataques aos ditos "quinta-colunas", os quais como sabemos, e já vimos anteriormente, era um termo amplo para a realização de perseguições (podendo abarcar até aqueles desejosos de manter algo de sua cultura étnica). Se não fossem necessariamente criadoras de tais questões, as músicas eram, indelevelmente, importantes para a intensificação das construções do imaginário do período. As canções, por se popularizarem e serem de fácil memorização, acabavam internalizando os objetivos propagandísticos de modo lúdico.

Os eventos (dentre eles o carnaval), de apelo popular, também fariam alusões e referências diretas ao conflito mundial. Havia uma concatenação de forças que se apresentavam na música, juntando o poder da propaganda, rádio, eventos e festas populares. As canções, abordando os temas do conflito, eram votadas em concursos, ouvidas nas rádios e alto-falantes:

> Se durante o Estado Novo os brasileiros não podiam votar para seus representantes na política, ao menos votavam nas melhores marchas de carnaval, nos vários festivais de música popular que eram realizados pelas grandes cadeias de rádios daqueles tempos. [...] A ideia era popularizar as marchas e as canções que enaltecessem o valor e o garbo nacionais e que pudessem representar nossas tropas [...] Entre os muitos exemplos de canções enaltecedoras, houve o caso de duas músicas com o mesmo nome: "O V da vitória". Uma foi composta pelo popularíssimo Lamartine Babo e cantada por Francisco Alves, uma dupla de peso da música brasileira da época. Era uma marcha carnavalesca, que tinha em comum com a marcha militar a ideia de reunir os participantes de um bloco para cantar um tema enaltecedor, fortalecido por uma batida empolgante. A outra canção era uma toada, algo sertaneja, composta pela dupla Torres e Florêncio. Eram semelhantes apenas no título, pois a de Lamartine, cantada

> pelo conhecidíssimo Francisco Alves, tinha mais sutilezas e riqueza poética, enquanto a da dupla sertaneja dos anos 1940 mostrava ingenuidade brejeira e enaltecia explicitamente a figura do "presidente" Vargas (BARONE, 2018, p. 129)

A música acabava sendo mais do que simples divertimento, seu conteúdo impactava os ouvintes, os quais acabavam por refletir sobre o momento vivido. A classe artística buscava ter essa influência e consequente sucesso comercial, em uma relação complexa entre músico e público, variando entre convencimento e aceitação, entre manipular e ser manipulado.

Conforme os ânimos referentes à Segunda Guerra diminuíam, a comunidade italiana vai sendo "reabilitada", não apenas por ter diversos descendentes de tal etnia, como pela intenção de novos fluxos imigratórios "latinos" para o Brasil. Juntando ao esforço de desassociação dos italianos ao fascismo, a presença e as práticas culturais italianas da comunidade estabelecida voltariam, em homenagens ao grupo. Vemos no Jornal Cidade, em 1946, uma homenagem a "Laboriosa Colônia Italiana", com destaque e imagem no jornal (imagem 16). Esta constatação era esperada, tendo em vista que a família Cartolano, dona do jornal e da rádio, era italiana.

Imagem 16 Magnifica homenagem DE PRF.2 A' Laboriosa Colonia Italiana. Fonte: Cidade de Rio Claro, 12 julho 1946.

Apesar de um "retorno" ao que era anteriormente, sabemos que tais tentativas de recuperação de espaço cultural eram controladas e possibilitadas, mesmo que pouco, mais à comunidade italiana e não às outras perseguidas. Contudo, elas sequer se aproximavam da liberdade e presença de tais grupos anteriormente à Segunda Guerra, principalmente para com os alemães e sua comunidade. Também não nos deparamos mais com qualquer manchete, notícia, propaganda etc. escritas em alemão ou italiano.

4-II.2 Rio Claro vai ao cinema

A produção cinematográfica mundial não deixou de realizar seus impactos no município de Rio Claro. O conflito da conquista subjetiva de uma população através de filmes se efetivou na localidade, marcada tanto pela imigração de alemães e italianos, como também os seus detratores. O cinema acabaria por atrair a atenção e o gosto de uma população majoritariamente analfabeta (de modo similar ao rádio), com sua propagação nacional nos centros urbanos em 1909 e intensivamente já em 1920, expandindo e se popularizando ainda mais nas décadas de 30 e 40, com a passagem do cinema mudo para o sonoro (PINTO, 1995, p. 42-43, 53-54). Em Rio Claro, o cinema chegou em 1901 no teatro Fênix, expandindo o número de cines já na década de 1910, em 1914 surge o Cine Teatro Variedades, o qual em 1926 traria sessões musicadas, com o primeiro filme sonoro já sendo exibido em 1930 e, o primeiro colorido em 1938 na inauguração do Cine Excelsior (CAMPOS, 2012, p. 204; PENTEADO, 1984, 34-36; PEREIRA, 1985, p. 77-78).

Partindo de listas de reprodução demonstradas nos jornais, pudemos constatar as obras que eram passadas e, conforme a disponibilidade, consultá-las. Algumas produções possuíam anúncio mais elaborado, com imagens e destaque separado, outras chegavam a ter uma breve resenha/crítica, mas a maior parte aparecia listada sem maiores explicações. Pudemos constar a presença de animações, filmes e, também, de documentários, dentre eles cinejornais. Evidentemente que, realizar uma análise com todos os filmes apresentados nos jornais, mesmo que somente os que referenciem os grupos e as guerras, acabaria por resultar em uma pesquisa à parte. De todo modo, realizamos o recorte de alguns filmes.

A luta moralizante contra o cinema

Um aspecto importante quanto ao estudo de determinada mídia, no caso o cinema, são as tentativas de minorar a sua influência social e cultural. Dentre os argumentos de seus opositores há a questão da imoralidade, da quebra dos valores tradicionais e do ensino do que é impróprio/indevido, desde falhas comportamentais até crimes. Podemos ver em 1934 um apelo contra a presença de menores (ou ao menos o seu controle) nos cinemas locais, acusando os filmes de levarem a juventude ao crime e até o assassinato:

> **Um appello ás nossas autoridades**
>
> Rio Claro de um mez a esta parte tem vivido dias apprehensivos com a numerosa serie de roubos aqui verificados.

> A pacatez da população rio-clarense vem sendo sobresaltada pela leva de malfeitores [...] Ha quem conteste semelhante asserção. Ha quem diga que os ladrões não são forasteiros provindos de paragens mais "magras", mas daqui, deste Rio Claro tido sempre como exemplo de cidade modelar, e onde a virtude é um facto e o crime uma lenda... Talvez tenham razão os que pensam ser Rio Claro a genetrix desses amigos do alheio. Notamos, por quase todos os recantos da cidade, as maltas de moleques em constante depredação. [...]
>
> Ha pouco, rebentou nos Estados Unidos uma formidavel campanha contra os filmes actuaes, em que a immoralidade impera de modo vergonhoso. Todas as seitas religiosas têm se batido em pról desse movimento repressor, imputando ao cinema a culpa tremenda de que a elle cabe a maior parte da decadencia e da prostituição moral da humanidade. Com a mesma energia dessa campanha contra os filmes indecorosos, nós, destas columnas, iniciamos a nossa campanha contra os moleques, os quaes, por desleixo dos paes, ou por qualquer outro motivo, vêm bebendo, na sordidez dos meios nefastos, a cicuta que lhes ha de minar o organismo moral, produzindo-lhes as tendencias criminosas. Se o cinema é escola de immoralidades, a rua o é de bandidos.
>
> Nas classes baixas da população, onde todos vivem numa promiscuidade perniciosa, é que se desenvolve, no espirito de crianças inexperientes, o germe do assassino, do proxeneta, do ladrão. Em vez de prepararmos as crianças de hoje, [...] abandonamol-as, para que sejam, no futuro incerto, não a lanterna da sciencia illuminando uma nova descoberta, mas uma lanterna illuminando, na penumbra de uma casa, o cofre do semelhante... E' isso que preparamos á nossa mocidade. E é contra isso que a "Cidade" vem trazer o seu protesto junto ás autoridades locaes, para que se proceda ao saneamento moral dessas crianças, criminosas de amanhã.
> (Cidade de Rio Claro, 21 setembro 1934)

A jornada moralizante estava presente, previsivelmente, nos movimentos totalitários e seus apoiadores. Rio Claro teve presença considerável de integralistas, sendo que, deste modo, a defesa do que imaginavam ser o "correto" apareceria nos jornais. Vemos, na parte de seção livre, não atrelado portanto ao jornal, um artigo integralista aprofundando os supostos males que o cinema causa, onde estes estariam levando a civilização americana ao seu fim, além de apontar os "culpados" pela "degeneração" social pelo cinema nas Américas e agora no Brasil:

> **O MAU CINEMA**
>
> (Jairo Pimentel – Secret. Do D. M. O. P. da A. I. B.)
>
> A immundicie do cinema moderno, degradante, escandaloso, sem uma censura séria que o torne menos pernicioso a nossa Nacionalidade ainda levemente esboçada e que precisa livrar-se de todo extrangeirismo nella contido, é um factor dynamico da nossa desagregação social e moral.
>
> Por detraz de filmes captivantes, de dramas sentimentais, de comedias hilariantes, as scenas mais baixas de adulterio, os caminhos mais monstruosos de crimes e assaltos, as escalas relapsas de combate á moral, appareceu impunemente, arrebatando a nossa mocidade pouco habituada a ler e a pensar, atirando-a a seguir ao materialismo da Civilisação norte americana, que ha muito já viu o começo de seu fim. [...] Há por detraz dos bastidores alguem que trabalha para a escravisação de todos os povos. O americano ha muito é escravo desse alguem. E agora suas vistas estão voltadas para a America do Sul. E para isso, apoderou-se do cinema. O cinema pouco a pouco vae nos algemando.

> Por detraz das lascivias dos films, trava-se o grande combate ao nosso povo e trama-se a destruição de nossa Patria. E' alli que o judeu age. O judeu que nos odeia, que odeia a todo o mundo. Que pensa que a sua raça foi predestinada por Deus para dominar toda a humanidade. [...] Porém como uma barreira de 400.000 peitos heroicos, o Integralismo se alevanta, contra a escravisação da nossa patria. E' o movimento verde de esperança e fé que se ergue das terras do Brasil, carbonizadas pelas influencias extrangeiras e destrutivas. Contra os escravizadores de todos os systhemas, contra o Judeu miseravel e internacional, se contrapõe o Integralismo a sua doutrina de reconstrução da Nacionalidade.
>
> O sofrimento duma patria e a agonia dum povo que a mais de dois seculos o judaísmo capitalista suga as energias, soube crear a escola dos homens, dos que ouvirem a supplica da Nação já destroçada. E a Nação foi despertada para marchar ao seu destino, esmagando com seus passos de gigante os rastejantes escravizadores dum povo e os comentaristas inuteis duma sociedade inutil.
>
> (SECÇÃO LIVRE)
>
> (Cidade de Rio Claro, 23 março 1935)

O antissemitismo integralista é regurgitado pelo artigo. Assim, mesmo como já tenhamos visto, houvesse vozes contrárias ao antissemitismo no município, essa oposição e conflito interpretativo ocorria de todo modo. A trama do "judeu internacional" contida nos "Protocolos dos Sábios de Sião", traduzido pelo líder integralista Gustavo Barroso, juntamente à sua série de livros "História Secreta do Brasil", deixava suas marcas e sua defesa na imprensa de Rio Claro. O cinema, cuja presença de empresários judaicos era notável, acabaria por virar alvo fácil da jornada moralizante integralista. O que destacamos é que, curiosamente, Hollywood, considerada a Meca cinematográfica mundial, ficaria até os anos de 1939 sem realizar filmes contrários ao nazismo, pois, como defende Ben Urwand em seu livro "O pacto entre Hollywood e o nazismo" (2019), a influência totalitária nos estúdios era soberana, com até produtores de origem judaica realizando memorandos à Alemanha com saudação à Hitler (p. 15, 163). Não menos interessante, é que certas produtoras americanas até editavam e distribuíam propaganda totalitária, o que abordaremos logo mais a respeito disso.

Contudo, mesmo com os ataques ao cinema promovidos pelos moralistas e pelos integralistas, o cinema vai ser um ponto de divertimento importante no município e, também, aos movimentos propagandísticos. Como veremos, as telas proporcionaram, inicialmente, a pluralidade de posicionamentos, com filmes de americanos, ingleses, fascistas e até nazistas sendo apresentados. Entretanto, conforme as alianças iam se formando e a ditadura se distanciava do Eixo, como era esperado, passou-se a exibir filmes contrários aos regimes autoritários europeus, com descrições e "críticas" de cinema elogiando-os pelo valor educativo.

Aprender com o cinema!

A "nova" arte do cinema tinha 50 anos desde sua origem nos fins do século XIX. Como vimos, o cinema em Rio Claro já estava consolidado, mas o importante é pensarmos como esse "entretenimento" era visto, seria apenas um mero passatempo? Uma forma de aprendizado? Um retrato fidedigno da realidade? Fonte de informação? Propaganda política? A resposta é complexa, pode-se dizer que era isso tudo, com essas divisões não sendo necessariamente compreendidas ou notadas. Filmes tidos como representação da realidade do período, dramas que são vistos como retrato dos acontecimentos ou até mesmo documentário, aliado à cinejornais falando do conflito nos complementos, ajudavam a construir o senso de realidade da população. Os jornais e o rádio (incluso os alto-falantes espalhados pela cidade) acabam tendo papel conjunto ao cinema nesse aspecto, os quais são parte da imprensa como um todo. Desse modo, precisamos perceber o cinema como um elemento de diálogo com o indivíduo e a sociedade, alterando suas concepções.

Nosso entendimento atual e vivência hodierna com as mídias, exponenciadas pela internet, tendem a minorar a importância midiática em comparação quando olhamos ao passado, o que defendemos ser um erro, pois essa mescla do real e do fictício se exerce com força nos períodos enfocados na pesquisa. Realizamos tais afirmações, pois, como podemos ver, a imagem dava uma interpretação de realidade ao indivíduo, contrastando o imaginado pela leitura e o "real" visto. Assim, quando foram passar um filme relembrando a "Grande Guerra", ou seja, a Primeira, pois não sabiam ainda que teria uma segunda, o jornal afirma o seguinte sobre o documentário cinematográfico:

> **A grande Guerra**
>
> 20 anos vivemos na ignorancia do que foi, realmente, a Guerra Mundial.
>
> A vastissima literatura nascida dos escombros horrorosos do edifício da civilisação! o testemunho pessoal dos personagens que conseguiram sobreviver a imaginação fertil e poderosa do engenho cinematographico e todos os meios que serviu-se o homem para mostrar como foi a guerra; nada, absolutamente nada pode revelar com precisão e cores vivas o que foi e como foi a mais horrivel chacina da historia da humanidade.
>
> Fox Film realizando uma campanha de paz digna de todos os títulos, adquiriu, do archivo secreto das nações, todos os negativos filmados pelos operadores officiaes de 1901 a 1920 e, coordenando-o em.... 400.00 pés de pellicula, com 1.132 reias, apresenta ao mundo uma reportagem nunca vista e que constitue a obra mais gigantesca do cinema!
>
> (Cidade de Rio Claro, 14 março 1936)

O cinema conduzia o imaginário ao que seria a "realidade" ou o "princípio de realidade" das sociedades. Obvia e evidentemente que não é uma relação passiva de pura aceitação às telas, mas há o argumento de veracidade imagética no período, a qual vai se estender e abarcar obras propagandísticas, cinejornais, documentários, romances e outros gêneros de filmes. Vargas, cuja compreensão propagandística é reconhecível, idolatrado até contemporaneamente, notou junto ao seu círculo interno a importância que as telas trariam à sua ditadura:

> O presidente Getulio Vargas assinou um decreto-lei, criando, sob a presidencia do diretor-geral do DIP., o Conselho Nacional de Cinematografia, comporto de representantes dos produtores cinematograficos brasileiros, distribuidores de filmes nacionas ou sindicatos de exibidores importadores de filmes estrangeiros. [...] O decreto-lei mantem a obrigatoriedade de inclusão, em todos os programas, do Complemento Nacional. [...] O decreto-lei eleva para 180 metros a extensão minima dos filems do Complemento e dá ao diretor geral do DIP autorização para aumentar a proporção dos filmes nacionais de grande metragem, sendo exibidos obrigatoriamente em todos os cinemas.
> (Cidade de Rio Claro, 31 janeiro 1942)

O ditador, assim, encontrava um meio de conseguir doutrinar e alienar a população, com a produção cinematográfica do Departamento de Imprensa e Propaganda, que ia de documentários até ficções e chanchadas (BARROS, 2008, p. 51). Também não devemos considerar a população como ingênua. Possuíam noção de que a propaganda tende a exacerbar aquilo que retrata, porém não podemos descartar que, mesmo sabendo desses excessos, o efeito na subjetividade permanece. Por vezes, até o ato propagandístico (e suas alterações) é visto com bons olhos, como podemos ver com o comentário sobre a importância do cinema no período:

> **O CINEMA E A GUERRA**
> [...] Embora cumpa o seu dever, para com a Patria, Hollywood não deixarà de produzir films. As mais altas autoridades civis e militares dos Estados Unidos reconhecem que a industria cinematografica desempenha um grande papel na presente guerra, não somente como veiculo de propaganda mas tambem como motivo de distração para os soldados e civis. A chamada ás fileiras de quantos trabalham na industria do cinema e estão em idade militar será feita, por isso, paulatinamente. Os diretores incorporados comparecerão durante alguns meses na tropa, para regressarem depois a Hollywood e serem substituidos nas fileiras por outros. Assim a produção de films não será prejudicada maiormente. Quanto ao pessoal o cênico, se està procedendo á substituição da miter-numero possivel de homens por mulheres.
> (Cidade de Rio Claro, 10 março 1942)

Afirmamos que há uma relação e penetração na subjetividade social, pois o próprio embate entre realidade e ficção na construção cinematográfica é reconhecida, mas nem por isso

deixa de ser dado a entender que há algo de real ali. O confronto no imaginário é compreendido e notado, não deixando de se ver importância educativa às películas. Assim, a propaganda e censura eram de conhecimento comum, mas nem por isso deixavam de realizar o seu efeito:

> **CINEMA**
>
> **Cruz Martins**
>
> [...] O cinema hoje faz com que os estudantes conheçam a geografia facilmente. Todos os pontos da terra, os mais distantes, passam na tela, em fitas bem tiradas, mostrando as belezas naturais e artisticas, de cada região. [...] Sentado comodamente, sem o perigo e inconvenientes das viagens, passeiamos pela terra inteira. [...]
>
> E' certo que havia excesso em algumas fitas. Um realismo crú, por vezes, era prejudicial, principalmente à infancia e à mocidade. Porém hoje existe uma censura rigorosa, bem feita e tudo é feito com cuidado e acêrto. [...] Ainda existem perigosas fitas, porém, estão censuradas. Há o necessário aviso. Depende dos chefes de família, principalmente das mães o cuidado com os filhos para que não assitam tais filmes. Os comissários de menores, que são zelosos, estão cumprindo o dever. O Juiz não pode pessoalmente fazer tudo, não tem o dom de multiplicar-se. [...]
>
> (Diário do Rio Claro, 28 março 1943)

A presença estrangeira, principalmente norte-americana, se fez notar no município. As produções de filmes, cinejornais, documentários, chegavam e eram bem quistos, tendo até exibições gratuitas, com irradiações pelo rádio local e nos alto-falantes espalhados:

> **Exibições de filmes norte-americanos**
>
> Alcançou extraordinario sucesso a exibição ontem realizada no Auditorio de PRF.2, promovida pelo COORDENADOR DOS ASSUNTOS INTER AMERICANOS, com filmes educativos e de grande atualidade.
>
> Essa exibição proporcionou ao povo de nossa cidade um espetaculo ainda inedito, pois foram exibidas as ultimas reportagens da guerra atual, mostrando o poderio das forças aliadas.
>
> Hoje novamente, n'uma gentileza do Coordenador dos Assuntos Inter Americanos, serão levados a efeito no AUDITORIO dois espetaculos inteiramente gratuitos. O primeiro será iniciado ás 14 hs. prolongando-se até as 18hs. O segundo terá inicio ás 20 hs. até as 22hs.
>
> Serão exibidos otimos filmes, destacando-se a apresentação da grande Orquestra Sinfonica Infantil da California, que apresentará a 5.a sinfonia de Tschaikovsky, Vozes da Primavera, Variações sobre o tema: Pum Soltou a Doninha, Professores e cantores de Nuremberg de Wagner, Sonatinha, solo de piano por uma menina de 6 anos e America Marcha para frente.
>
> Esta seleção a PRF.2 irradiará n'um serviço especial ás 12,30 hs. afim de que todos possam primeiramente ouvir o valor desta película, para depois então irem assistir pessoalmente no Auditorio ás 14 hs. e ás 20 horas.
>
> Não deixem de ouvir a PRF.2 hoje ás 12,30 horas e não percam tambem os espetáculos gratuitos hoje no Auditorio no horario já mencionado
>
> (Cidade de Rio Claro, 17 abril 1943)

Vejamos, agora, sobre alguns dos filmes e produções correlatas que passaram nos cinemas rio-clarenses. Comecemos por uma obra de propaganda estrangeira, com intermediação norte-americana, mas não do lado que viria a ser dos aliados...

Mussolini Fala! (1933) e filmagens do Eixo

No jornal Diário do Rio Claro de 1933 (imagem 17), podemos ver anunciado o filme "Mussolini Fala!", versão nacional de "Mussolini Speaks" feita pela Columbia Pictures.

Imagem 17 MUSSOLINI FALA! Fonte: Diário do Rio Claro, 17 setembro 1933.

A imagem vem acompanhada dos seguintes dizeres, os quais nos são elucidativos:

> **VARIEDADE & PHENIX**
> – Quinta-feita, dia 21 de setembro –
> **O homem do momento universal!**
> As attenções do mundo inteiro se convergem para MUSSOLINI e para a sua obra, discutida, mas jamais negada
> O primeiro filme completo, authentico e exclusivo sobre a vida do famoso "Duce!"
> **Oito partes de emoção e drama verdadeiro!**
> Este fil'me não tem legendas. O dialogo e a apresentação são explicados "em brasileiro" por Francisco da Silva Junior
> O filme da hora que passa
> (Diário do Rio Claro, 17 setembro 1933)

O anúncio engrandece o material, e não deixa de ser uma produção propagandística do fascismo e sua expansão. O conteúdo deste filme/documentário é a biografia heroicizada de Mussolini conjuntamente com os seus "feitos" na Itália, sendo produzida em comemoração aos 10 anos da Marcha sobre Roma (ERBAGGIO, 2016). Tal obra foi realizada a partir de gravações do Instituto Luce, o qual era controlado pelo próprio Duce:

> Em 1925, o Gabinete de Imprensa assumiu o Instituto Luce, uma entidade voltada para a produção e a distribuição de material cinematográfico. Mussolini comandava a instituição e, de sua sala de projeção na Villa Torlonia, via tudo previamente e editava as notícias. [...] O Luce também produziu imagens do Duce, impressas e montadas em álbuns para serem aprovadas por Mussolini. (DIKOTTER, 2022, p. 31)

Tal fato, não apenas era anunciado ao público, mas também era exaltado, como sendo autêntico e fidedigno ao pensamento de Mussolini, como podemos ver em 2 notícias:

> **Mussolini fala!**
>
> Todos falam a seu respeito. Todos lêm cousas que lhe dizem respeito. Todos se enthusiasmam pela obra monumental, erguida na Italia, que saiu da maior catastrophe guerreira de todos os tempos. Todos querem vel-o e ouvil-o...
>
> Elle é Benito Mussolini, o "Ducce" admirado pelos seus correligionários de idéas politicas e ainda respeitado pelos seus proprios inimigos. Póde-se divergir dos seus princípios e de suas idéas, mas depois de assistir o filme "Mussolini fala!", ninguem poderá duvidar das realisações patentes, concretas, insophismaveis, que elle pôz em pratica.
>
> (Diário do Rio Claro, 17 setembro 1933)

> **Mussolini falla!**
>
> E' amanhã, finalmente, que será exhibido o monumental filme da "United", "Mussolini falla", confeccionado sob patrocinio directo de Benito Mussolini, trabalho de valor historico, fidedigno, que vem marcando, em toda a parte, grande successo.
>
> A "United Artists", offereceu, em São Paulo, em sessão especial dedicada a S. Ex. o embaixador da Italia, uma exhibição particular desse filme, comparecendo ao espetáculo elementos dos mais representativos da colonia italiana domiciliada na capital.
>
> O filme documentario da vida do "Duce" despertou extraordinario interesse na platéa, que, por vezes, explodiu em calorosas salvas de palmas aos trechos de maior vibração da eloquencia magnetica de Benito Mussolini.
>
> (Diário do Rio Claro, 20 setembro 1933)

O documentário foi dirigido pelo austro-judeu Edgar G. Ulmer, que não foi creditado no documentário ou nos posters, os quais declaravam o ditador como "Man of the Hour who is making History" e de que havia narração de descrições e interpretações por Lowell Thomas (MINERVINI, 2019, p. 199-200). A sua versão brasileira em pouco destoava, com a descrição

similar de “O homem do momento universal!”, quanto a dublagem “O diálogo e a apresentação são explicados ‘em brasileiro’ por Francisco da Silva Junior”, com o símbolo da Columbia próximo ao braço estendido do Duce. Interessante realçar que a propaganda não era voltada apenas à comunidade italiana, mas sim de modo geral, por isso a dublagem “em brasileiro”, visando angariar um contingente maior de adeptos, não fechando-se a um nicho específico.

Infelizmente não conseguimos obter contato com essa produção, contudo temos as descrições realizadas em pesquisas internacionais que consultaram a versão em inglês do documentário. Baseando-nos no trabalho de Minervini (2019, p. 200-203), podemos afirmar que a produção se trata mais de um documentário, na qual apresenta uma colagem de diferentes produções do Instituto Luce, iniciando com uma longa biografia do Duce, passando para o seu discurso em Nápolis em 1931 (e que acaba sendo o foco e parte principal), logo após é comentado da arte e cultura italiana, por fim mostrando os avanços econômicos e sociais.

Tendo isso em vista, com a afirmação de se tratar do discurso em Nápolis de 1931, fomos consultar o referido discurso (MUSSOLINI, 1958, p. 48-52), datado de 25 de outubro. Trata-se de uma fala de teor comemorativo para os 9 anos da Marcha sobre Roma, rememorando o passado e a trajetória que foi feita por ele e pelos fascistas. No discurso Mussolini faz várias referências lisonjeiras à Nápolis e seus habitantes (o que era esperado, dado ser a localidade que estava), critica aspectos de tratados de paz que empurram povos para o abismo (provavelmente uma crítica ao Tratado de Versalhes no fim da Primeira Guerra), elogia como o país está prospero e distante do bolchevismo e da economia liberal, comenta que os avanços são perceptíveis tanto aos italianos quanto aos estrangeiros, além de traçar as diretrizes para o futuro (a respeito da agricultura, indústria, navegação, artesanato e turismo). Por fim, realiza novos elogios à unidade e força do fascismo, com afirmações ardentes sobre a caminhada que realizarão em direção aos 10 anos da Marcha sobre Roma e do poderio fascista, afirmando que será difícil, mas que irão superar, terminando com uma saudação à “revolução”.

Apesar de desconhecermos as particularidades da versão dublada nacional, isso não nos impediu de compreender seu conteúdo e as possíveis implicações na comunidade local. Destacamos, assim, alguns aspectos notáveis dessa produção no município: a) dado a numerosa comunidade italiana, o filme acabava por ser um incentivo a ingressar no partido fascista; b) a dublagem “em brasileiro” permitia a população de outras origens a também se interessar e apoiar o fascismo italiano, ou sua versão nacional, o integralismo; c) a presença norte-americana no município era notável, com essa propaganda autoritária, e talvez outras, chegando

à Rio Claro pelos estadunidenses; d) podemos confirmar que, de certo modo, o mundo estava com olhos elogiosos a Mussolini.

A influência do Duce se manteria no passar dos anos. Podemos ver também em 1938 a presença de produções italianas em Rio Claro, no caso, feitas pelo próprio instituto Luce:

> **Mussolini passa em revista**
>
> Os nossos cinemas focalisarão hoje, em suas ambas sessões, um optimo natural, que fixa aspectos do Duce passando em revista tropas do exercito italiano. Trata-se de excelente pelliculla da Luce Filme, cuja opportunidade de ver ninguem deve perder em nossa cidade. (Cidade de Rio Claro, 14 janeiro 1938)
>
> Mussolini e Hitler, no Variedades e Phenix
>
> No mundo politico dos nóssos dias, Mussolini e Hitler representam as bases do eixo Roma-Berlim. E não é esse eixo que gira, e sim a diplomacia internacional que se desloca em torna do mesmo. Esses dois conductores de homens, de muitos milhões de homens disciplinados e providos das melhores armas, têm nas suas mãos o destino da humanidade.
>
> Cada encotro desses estadistas marca o caldeamento do eixo famoso e rijo, que no cáso da Hespanha próva a sua rija tempera.
>
> E' um desses encontros decisivos que veremos hoje no Variedades e Phenix, atravez de uma reportagem nítida e opportuna da Ufa. (Cidade de Rio Claro, 18 maio 1938)

Destas produções, as aproximações de Mussolini com Hitler seriam destacadas também, onde vemos, no mesmo ano, gravação sobre a visita do Reich à Italia, a qual, pelo menos ainda, não apresentava visão contrária ou crítica aos movimentos:

> **HITLER EM ROMA**
>
> A visita de Hitler a Roma foi, nestes ultimos tempo, o acontecimento da maior sensação e resonancia politica. A recepção que Mussolini preparou ao chefe nazista não tem precedentes. A parada militar em honra do estadista allemão excedeu em brilho tudo quanto fôra realisado até então, seja pelo numero de homens que desfilaram, seja pelo poderoso material apresentado.
>
> Os rioclarenses, que tiveram noticia dessa visita iaustósa atravez do noticiário dos jornaes, vel-a-hão na proxima semana, maravilhosamente filmada, em uma pellicula de grande metragem, nos theatros VARIEDADES e PHENIX.
>
> A pujança da Italia totalitaria explende nesse filme-documento, cuja visita, a todos interessando, diz particularmente respeito a italianos e allemães. (Cidade de Rio Claro, 16 julho 1938)

Para o nazismo, a propaganda, principalmente cinematográfica, era fundamental no processo de construção da realidade que visavam formular na mente dos alemães e do mundo, arma de desinformação de Goebbels e de mitificação e propagação do regime por Hitler, com 1 cinegrafista em cada unidade do exército incumbido de gravações para filmes e cinejornais

(VIRILIO, 2005, p. 73, 137-142). A última notícia que nos deparamos referentes às produções do eixo no município é de 1939, sendo gravações aprovadas pelo próprio Reich nazista:

> **A LINHA SIEGFRIED**
>
> No Variedades, hoje, a visão completa das formidaveis fortificações da Allemanha
>
> Apresentando hoje, o THEATRO VARIEDADES, uma visão cinematographica completa e nítida da LINHA SIGFRIED, filme natural tirado com a expressa autorisação do governo do Reich, torna-se oportuno fazer uma descripção dessas formidaveis fortificações que a Allemanha fez levantar na sua fronteira com a França.
>
> Na LINHA SIEGFRIED estão neste momento milhões de homens, promptos para a defeza e para o ataque. Nessa cinta fortificada e no espaço que a separa da Linha Maginot, deverão ser travadas as maiores batalhas a que o mundo já assistiu. [...]
>
> (Cidade de Rio Claro, 21 novembro 1939)

A quantia reportada, em 1935, de imigrantes e descendentes de alemães e italianos de Rio Claro, acompanhando os filmes de seus países de origem, equiparam-se, sendo 1/3 do público total (PEREIRA, 2009, p. 76-77). Contudo, tal informação serve-nos apenas para a constatação de que a propaganda se difundia, mas não que fosse similar a que corria em solo europeu, pois como já vimos, as manchetes e informações nos jornais eram de agências visando minorar as ideologias e a gravidade do racismo e perseguição/genocídio que ocorriam na Europa, portanto nada indica-nos que os filmes fugissem a tal regra. Não menos importante, a visão para com os países totalitários eram positivas até o início da Segunda Guerra em 1939, com Estados Unidos e Inglaterra, tecendo elogios, criando laços comerciais e até buscando alianças com tais regimes, sem contar as Olimpíadas de Berlim em 1936 (ORWELL, 2017; JASPERS, 2018, p. 85-86). Devemos notar que, pela nossa pesquisa, a propaganda do eixo se efetivou até 1939 no município, tratando-se do último ano possível a esta ser aceita. Com o conflito na Europa se deflagrando e os lados se pondo conforme as alianças, como esperado, as produções nazifascistas foram sendo abafadas em favor das aliadas.

Confissões de um Espião Nazista (1939)

Apesar do subtítulo aludir a um filme de 1939, vejamos anteriormente uma notícia de 1933 que, de modo interessante, acabaria sendo profeticamente realizada, a do cinema sendo inimigo e até “derrubando” Hitler. Destacamos essa notícia tendo em vista que o cinema no período não era combativo no início dessa década, o que se mudou ao seu fim:

> **... Hitler** vem de ser vencido pelo mais inesperado de seus inimigos: o cinema. Foi Hollywood quem derrotou o chefe do governo do Terceiro Reich. Fiél ao seu programma de salvação da legitima raça aryana, Hitler resolveu que todos os artistas cinematographicos allemães regressassem á sua patria.
>
> Entretanto, os "astros" e as "estrellas" que fulgem nos Estados Unidos estão, ao que parece, contentíssimos com a colheita farta de gloria, e principalmente de dollares, que a formidável organisação da indústria de filmes norte-americanos faculta aos que se sobresahem no "cast" das pelliculas que correm todo o mundo sob os auspícios das empresas "yankées". Assim, Dorothéa Wienck, protagonista de "Senhoritas de uniforme", declarou, nos Estados Unidos, que não obedecerá á ordem do líder nacional-socialista porque já firmou um contracto para cinco annos, com uma empresa productora de filmes. Ernest Lubitsch, o famoso director germanico, declarou que pretente permanecer nos Estados Unidos mais 11 annos e iniciou os trabalhos para naturalisar-se. Gottfried Reinhardt, filho de Max Reinhardt, afirmou, ante a ordem de Hitler, que é sloveno... Por outro lado, considera-se significativo o facto de Marlene Dietrich, agora em viagem para os Estados Unidos, não ter visitado a Allemanha durante a sua excursão pela Europa.
>
> A resistência dos artistas allemães tem provocado, entretanto, sérios receios entre os productores "yankées". A Allemanha constitúe, um optimo mercado para as pelliculas norte-americanas, e é de temer que Hitler prohiba as exhibições, naquelle paiz, dos filmes em que tomem parte os "astros" desobedientes. Ao líder nacional-socialista resta unicamente essa vingança contra a cidade dos milhões e da gloria, que poz em cheque o seu prestigio de dictador...
> (Diário do Rio Claro, 8 outubro 1933)

Entretanto, as relações entre Hollywood e o nazismo acabariam favorecendo o lado de Hitler, levando mais 6 anos de boas relações depois desta notícia. Um dos primeiros filmes declaradamente antinazistas – após um longo período de subjugação voluntária dos estúdios norte-americanos ao regime nazista (URWAND, 2019) – foi "Confissões de um Espião Nazista" de 1939, feito pela Warner Bros., no qual era apresentado uma narrativa que não se tratava das questões em solo europeu, mas sim no americano, com as células nazistas e seus espiões protagonizando a trama. Com uma distinta intenção instrutiva, o filme não teve boa repercussão em solos nazistas, com seus envolvidos sendo ameaçados e processados (PEREIRA, 2019, p.8). No Brasil, o filme teve ampla divulgação, com diversas revistas e jornais tratando sobre o seu conteúdo declaradamente contrário às ambições alemãs, retratando um caso real (mesmo que possuindo elementos ficcionalizados) de espionagem nos Estados Unidos (ANDRADE, 2019, p. 32).

Em Rio Claro, o filme foi amplamente difundido, com anúncios e resenha incentivando a população a assistir ao filme. Apesar de feito em 1939, sua exibição no município foi em meados de 1942:

"Confissões de um espião nazista"

> O famoso filme-libelo da Quinta Coluna será finalmente apresentado hoje ao publico de Rio Claro!
>
> "Confissões de um espião nazista" é um tremendo libelo contra as atividades da quinta coluna. Com uma riqueza de detalhes impressionantes, a produção da Warner Bros. teve como objetivo primordial alertar o publico americano contra a ação subterranea dos agentes totalitários, servindo como aviso ao mesmo tempo ás outras nações suscetíveis aquelas manobras.
>
> Os fatos elucidados pelo Bereau Federal de Investigações de Washington foram levados á tela sob a direção de Anatole Litvak, que os reproduziu obedecendo á realidade documentada, de tudo resultando um verdadeiro drama, um dos mais tremendos que até aqui se tem revivido no cinema. Como muito bem disse um eminente critico americano, "confissões de um espião nazista", como documentario é indiscutível, importa na qualidade de espetaculo em uma realização impossivel de ser superada.
>
> Um grande valor desse filme tinha que ser encontrado, portanto, no seu desempenho. Este, entregue a astros experimentados, de fato estabelece uma compreensão profunda para os personagens e os episodios que percorrem o filme. Edward Robinson, Francis Lederer, George Sanders e Paul Lukas conduzem de módo perfeito as suas partes.
>
> "Confissões de um espião nazista", enfim, será entregue hoje ao nosso publico pela Emprêsa Cinematográfica Dias & Padula, satisfazendo assim o indisfarçavel interesse com que o mesmo vinha sendo aguardado...
> (Cidade de Rio Claro; Diario do Rio Claro, 14 junho 1942)

A defesa da "realidade" da película se alicerça por esta se basear em um caso real que foi ficcionalizado em um roteiro. A espionagem teria ocorrido em Nova York, com um dos investigadores do caso se envolvendo diretamente na produção do filme, como afirma Urwand:

> A ideia de fazer seu filme sobre espionagem veio de uma das histórias mais sensacionais que chegara aos jornais americanos no ano anterior. De maio de 1936 a fevereiro de 1938, um desertor do exército americano chamado Günther Rumrich havia realizado investigações para a Abwehr (a agência militar de inteligência alemã) da casa, em Nova York. Ele conseguira adquirir o Z-Code – o sinal usado pelo exército americano para transmitir mensagens dos navios à costa – e havia sido pego na tentativa de obter cinquenta passaportes em branco e os planos de mobilização do exército para o litoral leste. O interrogatório a que foi submetido posteriormente por um agente especial do FBI, Leon G. Turrou, levou à prisão de uma rede de espionagem nazista que operava nos Estados Unidos. Em 20 de junho de 1938, o dia em que dezoito indivíduos foram indiciados por um tribunal de Nova York por espionagem, Turrou demitiu-se do FBI e três dias depois vendia os direitos cinematográficos de sua história à Warner Brothers. (URWAND, 2019, p.231)

A produção, apesar de fiel aos acontecimentos, exacerbava a participação das comunidades alemãs estadunidenses no caso, servindo de propaganda e incentivo à vigilância da população aos imigrantes e descendentes:

> a Warner Brother concluía o primeiro grande filme antinazista. Os nomes dos personagens haviam sido mudados, mas em todos os demais aspectos, *Confissões de um espião nazista* revelou-se um relato notavelmente fiel dos eventos que haviam ocorrido em Nova York. O filme também não hesitava em pegar pesado, retratando todos os nazistas – fossem eles espiões ou membros do German American Bund – como fanáticos radicais que recebiam ordens diretas de Berlim. Os cidadãos americanos foram incentivados a exercer estrita vigilância e resistir a essa perversa ameaça à forma de governo democrático (URWAND, 2019, p.232)

O contraste entre ficção e realidade foi de se notar nos Estados Unidos com maior veemência do que reparamos em Rio Claro, onde o filme recebeu elogios pela sua capacidade de instruir a população contra os supostos espiões. A crítica norte-americana foi profundamente focada nos problemas propagandísticos do filme, na sua estereotipia étnica e de roteiro simples, desagradando os críticos:

> *Confissões de um espião nazista* era um filme B óbvio, com personagens alemães exagerados, um narrador grotesco e um roteiro ingênuo. [...] Era apenas uma história estereotipada de espionagem, com os nazistas no papel de vilões. Muitos resenhistas ressaltaram a precariedade da produção e lamentaram que a Warner Brothers não tivesse situado sua batalha num nível mais elevado. "Hitler não vai gostar dele; nem Goebbels", comentou o *New York Times*, "Na verdade, nós tampouco tivemos uma impressão muito favorável." (URWAND, 2019, p.233)

Ao vermos a produção, algumas características se destacaram (nos utilizamos da versão dublada e a comparamos com a original "Confessions of a Nazi Spy"). A produção se inicia de modo direto, especificando e declarando sua função educacional, tanto na referência de ser baseado em um caso real, como para alertar a população para realizar estrita vigilância. Coadunamos com Urwand quanto a estereotipia dos personagens, com alemães sendo malévolos ou, quando possuidores de uma moral não tão decadente, sendo intelectualmente deficitários, com capacidades mentais que beiram a comicidade em alguns momentos. Retrata-se, assim, uma comunidade de pessoas malignas, com os mais inteligentes sendo mal-intencionados, e as pessoas simplórias dessa origem retratadas como facilmente influenciadas por qualquer argumento, seguindo o erro dos outros, ignorantemente. O filme, conjuntamente, vai alegar que os locais de divulgação cultural alemãs são centros propagadores da ideologia nazista, trazendo à atenção da população toda e qualquer reunião de alemães. Quando não realizadas em bares de cultura alemã, a própria casa e as amizades entre essa etnia são mostradas como potencializadoras do problema, com as relações familiares e de proximidade "auxiliando" a tendencia a realizar serviços de espionagem e traição.

O filme, de tal modo, rodado em Rio Claro em 1942, passava uma direta justificação para as perseguições etnoculturais a imigrantes e descendentes de alemães, além de incentivar os munícipes à vigilância absoluta à comunidade e sua identidade. O quinta-colunismo, enquanto ideologia de perseguição, tinha fortes alicerces no ataque às culturas, seja alemã, italiana ou nipônica, mas não somente, viam-nas como elementos detratores da cultura nacional, como se essas realizassem um ideal assimilacionista (de modo contrário ao que ocorria no Brasil), ou seja, temiam que houvesse uma "germanização" do país, aumentando os seus traidores em prol da Alemanha. No filme, de modo caricatural, também apresentam discursos nazistas contrários à assimilação dos imigrantes alemães na América, criando assim a imagem do "inimigo" como aquele que é contrário ao assimilacionismo e às violências culturais contra seu grupo. Ligado a isso, é apresentado um conflito físico entre germano-americanos que defendem o americanismo e os que são de mesma origem, mas que defendem o partido nazista na América; nisso fica estampado a questão da assimilação como elemento definidor do "bom" imigrante ou descendente de alemão, enquanto o "mal" seria aquele desejoso de manter elementos de sua identidade e cultura. Pior ainda, mesmo os que aceitassem o americanismo deveriam ser duvidados, pois é demonstrado a estratégia de se infiltrarem no orgulho americano para transformar internamente os Estados Unidos em nazista, com intensa produção e difusão de propaganda hitlerista, para angariar as massas. Ao final, após as ações do FBI para derrubar a rede de espionagem, vemos os espiões sendo julgados. O julgamento, e o monólogo decorrente deste, nos é elucidativo e demonstram o interesse dos nazistas pelos Estados Unidos e pela América do Sul. Além disso, são mostradas notícias em jornais da ação de espiões e membros da chamada quinta-coluna nos países europeus, demostrando que estes caíram devido a essa rede de infiltrados.

Reforçando a questão da construção subjetiva das mídias na população em geral, pudemos ver um relato que aborda, muito possivelmente, elementos que foram influenciados por tais produções. Em entrevista realizada com Milton Schneider, em 2019, foi-nos relatado um boato do período, o qual ele havia escutado, porém que não possuía certeza até que ponto poderia confirmar a sua veracidade. Tal rumor era a respeito da presença de um espião nazista vivendo em uma base americana. Poderíamos levantar a hipótese de que esse boato tenha se fixado na família Schneider, chegando até nós pelo relato, devido ao fato de um dos personagens principais do filme "Confissões de um Espião Nazista", um germano-americano, possuir o nome Kurt Schneider (o qual acaba se tornando um espião), intensificando a

estigmatização que já era sentida, quiçá armando detratores de mais justificativas à discriminação, impropérios e até violência que a família vinha sofrendo.

Apesar de não podermos confirmar que o boato tenha se originado devido aos filmes, os elementos de suas composições são compatíveis. A presença em cinemas do município era considerável, mas afirmar que se tratava de uma parcela majoritária – incluindo os imigrantes e descendentes, já receosos de saírem devido ao conflito – seria um julgamento exagerado. Unindo com as afirmações de um contato próximo entre as comunidades e o contato de alguns membros dessas com a sociedade em geral, ficava edificada uma rede de informações que circulavam nos encontros eventuais cotidianos. Dito isso, não é uma impossibilidade que, a partir de uma transmissão longa, certos elementos fossem distorcidos, aumentados, diminuídos, acrescentados ou retirados, conforme a compreensão do elo anterior da corrente informativa. Não estranha, assim, o fato de que um filme declaradamente instrutivo e de denúncia às comunidades estrangeiras (notadamente a alemã) tivesse repercussão no público, o qual passaria adiante, tanto pela comunidade local através do medo desses "invasores", quanto pelas comunidades imigrantes receosas de mais ataques e perseguições. Entretanto, as produções não se fecharam apenas à essa obra, com a espionagem sendo um tema de interesse geral, outras obras apareceriam, levando a estigmatização comum do alemão invasor.

O Grande Ditador (1940)

No jornal Cidade de Rio Claro e no Diário do Rio Claro, de 28 de março de 1943, podemos ler o anúncio descritivo sobre "O Grande Ditador", de 1940, que estaria sendo passado nos cinemas locais:

> **Carlitos tregeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo do mundo!**
>
> O têma escolhido por Charles Chaplin para fundamentar "O grande ditador", o discutido e tão anciosamente esperado filme que ele produziu, musicou e interpretou, é um desses que qualquer pessoa esperaria do homem cujo coração possue um conhecimento profundo daquilo que traz alegria ao povo. É um têma nascido dos sonhos e dos desejos de milhões de pessoas – a prazenteira zombaria das forças que oprimem os homens do mundo trabalhador de hoje. Para conseguir isso, Chaplin escolheu para protagonista do seu filme a única personagem hoje existente que, mais do que qualquer outro ser humano – guia essas forças de opressão contra os povos inocentes – Hitler.
>
> Ele representa "O Grande Ditador" sob um espirito de sátira, de comedia, e de acusação. Usa as roupas e os gestos de Hitler, mas usa-os com a bufoneria e o genio característicos de Carlitos. Ele tregeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo da humanidade, e faz-nos rir às gargalhadas porque sabemos, que

> nas mãos de Chaplin, esses são os cômicos caprichoso de um dos maiores amigos do mundo.
>
> Si bem que a produção é quasi todo o trabalho de Chaplin – como tambem o trabalho de Jack Oakie e Paulette Goddard é excelente. Jack Oakie é mais "mussolinesco" que o proprio Cezar Moderno, e as cenas com Hynkel – nas quais cada um deles tenta ultrapassar as aprovadas de outro são hilariantes!
>
> No elenco dessa extraordinária satira, a maior que ja se fez às forças ditatoriais do nazi-fascismo, destacam-se [...] e muitos outros.
>
> "O Grande Ditador" será apresentado somente hoje e amanhã nas télas dos cinemas Excelsior e Variedades.
>
> (Diário do Rio Claro; Jornal Cidade de Rio Claro, 28 março 1943)

Apesar da demora de 3 anos entre a produção e a exibição no município, o filme não deixa por isso de exercer o seu papel antinazista. A produção de Chaplin já era conhecida mundialmente como uma sátira profunda a Hitler, devido às suas semelhanças físicas, as quais acabam sendo o foco do enredo, como fala Orwell em seu artigo crítico sobre o filme:

> Não é de admirar que Hitler, a partir do momento em que chegou ao poder, tenha banido os filmes de Chaplin na Alemanha! A semelhança entre os dois homens (quase como a de gêmeos, é interessante lembrar) é cômica, especialmente nos movimentos rígidos de seus braços. [...] Do ponto de vista de quem acredita em super-homens, é um acidente dos mais desastrosos que o maior de todos os super-homens seja quase uma sósia de um absurdo judeuzinho enjeitado com uma tendência a cair em baldes de cal. (ORWELL, 1940/2017, p. 39)

Tal comparação não era, entretanto, novidade ou desconhecida para os rio-clarenses. Podemos ver a notícia sobre o descontentamento e revolta na Alemanha quanto a um "gag" de Chaplin em 1933:

> **<u>Os bigódes de Hitler</u>**
>
> *(Serviço especial da U.J.B. para o "Diario do Rio Claro")*
>
> A imprensa allemã dedicou ha pouco paginas inteiras, repretas de invectivas e de injurias, ao popular Carlitos, o das fitas comicas. Descobriram os jornalistas do Terceiro Reich que Charles Chaplin nasceu em um bairro miseravel de mendigos londrinos, Whitechapel, se não nos falha a memoria; [...] A imprensa nazista, por diversos dias, deu-se ao proveitoso trabalho de trazer á publicidade os defeitos do artista e do homem, atacando-o em sua arte, condemnando quem se desfaz em gargalhadas ante suas momices e criticando os seus amores, a sua roupa, o seu modo de sentar-se á mesa, etc.
>
> ***
>
> – Mas – perguntará o leitor – por que tudo isso? Qual a actuação de Carlitos contra as doutrinas de Hitler? Como póde um comico, genial, é verdade, porém, sempre um homem que não se leva a sério, irritar a tal ponto todo um paiz que a tanto tempo vem sendo rudemente atacado e um regime alvo de cerrada campanha em todas as partes do mundo?
>
> O crime de Carlitos...

> Numa fita que está fazendo agora, o comico "yankée" incluiu uma scena humorística, uma passagem que na língua arrevesada dos productores de fitas se chama "gag", considerada altamente offensiva a Hitler. O celebre comico entra em um salão de barbeiro. Esperando a sua vez, distrae-se a olhar as fotografias de personalidades mundiaes, expostas mais ou menos artisticamente pelo gosto do figaro. Subitamente, Carlitos vê um retrato de Hitler, com o respectivo bigodinho. Carlitos olha, examina, torna a olhar, agarra vivamente uma navalha, tacteia o seu bigodinho mundialmente conhecido e o decepa com um gesto de vivo desgosto...
>
> Foi tamanha a tempestade de doestos contra o comico "yankée", por esse crime inominável, que os distribuidores de seus filmes lhe pediram que cortasse o "gag" irreverente para não impedir a exhibição da pellicula na Allemanha, que é um grande mercado para as fitas norte-americanas. O comico, não cedeu ante o dictador germanico. Irreductivel, negou-se a continuar com o bigodinho que Hitler copiou. E a fita terá por certo um successo enorme de bilheteria, pois Carlitos sem bigódes é uma cousa que ninguém deixará de querer vêr.
>
> O unico perigo, tendo-se em conta a indignação da imprensa allemã, que certamente não passa de um reflexo da indignação do líder nacional-socialista, é que a Allemanha venha a declarar guerra aos Estados Unidos, por esse sacrilégio de um vulgar comediante. Mexam com a camisa parda dos nazistas, mantenham as clausulas do tratado de Versalhes, recusem ao paiz a paridade de armamentos, protestem contra a campanha anti-semitica, critiquem a queima de livros em praças publicas, mas – mein Got! – não toquem nos bigodes de Hitler!
>
> **M.R.**
>
> (Diario do Rio Claro, 12 outubro 1933)

Chaplin chegou a afirmar em uma revista em 1939, um ano antes de lançar "O Grande Ditador", que o bigode foi concebido após muitas pesquisas, sendo que sua escolha a esse tipo de pelo supralabial foi motivada por parecer-lhe risível (VEILLON, 1992, p. 57). O ator e diretor sabia das relações estabelecidas entre ele e o ditador alemão, como já satirizado no "gag" citado pelo jornal Diário de Rio Claro, o novo comentário de 39 só vinha a reforçar a sua ofensa ao déspota. Os ataques de Carlitos, no uso do bigode postiço, comparando o judeu ao "ariano", vale ressaltar, começou em momento que o mundo dialogava e procurava entendimento com o "chanceler" Hitler, desembocando posteriormente na construção de um marco cinematográfico cômico antinazista (VEILLON, 1992, p. 62). O diretor comediante, assim, trazia os horrores da guerra para os estadunidenses, muito antes dos ataques *kamikaze* em *Pearl Harbor*, momento que despertaram e sentiram diretamente o conflito (VEILLON, 1992, p. 63).

Desse modo, podemos afirmar que a presença de Chaplin se mostrou em diversos momentos contra o regime hitlerista no município. Tanto quando se tinha dúvidas a respeito das atrocidades do regime nazista em 1933, anteriormente à guerra, como durante ela, em 1943, com o icônico filme. Vale destacar, entretanto, que não encontramos referências à exibição do

“gag” em Rio Claro, apenas a sua notícia, o que não deixa de ser uma prévia satírica do que apareceria em suas telas de cinema 10 anos posteriormente.

As exibições do filme em Rio Claro foram resultado de uma longa construção dessa “arma propagandística”, a qual correu riscos de não ser feita. Chaplin estava relutante quanto à sua construção fílmica e pensava em abandonar o projeto e, para piorar a situação, a Paramount (que mantinha relações comerciais com a Alemanha) defendia que, se o filme satírico fosse realizado, faria com que a Warner Bros. tivesse as suas mãos sujas de sangue judeu; tal situação somente mudou com o posicionamento favorável de Roosevelt para a realização do filme, após reunião deste com Jack Warner, fazendo com que Chaplin voltasse ao projeto (URWAND, 2019, p. 230-231). A questão não se fechou nisso, o próprio Carlito acabou aliviando sua produção comparativamente à ideia original:

> Antes, em novembro de 1938, quando os primeiros relatos sobre a Noite dos Cristais chegavam aos jornais americanos, Chaplin correu para entregar a primeira versão de sua história ao Escritório de Direitos Autorais americano. A história se desdobrava assim: Hinkle, o ditador da Ptomânia, havia concebido um teste para discriminar judeus de arianos. Todos os judeus foram enviados a campos de concentração, e um deles, Charlie, que tinha uma semelhança inquietante com Hinkle, fugiu. Ele foi confundido com o ditador, e fez um discurso que convenceu o país a abandonar o fascismo. De repente, a música encheu as ruas. Todos começaram a dançar. Os prisioneiros foram soltos dos campos. Os membros das tropas de assalto dançavam com os judeus. O roteiro terminava com um epílogo: “Em meio à música, sobressai o toque de uma corneta. A cena volta para o campo de concentração. Charlie acorda com um sorriso, na hora em que um soldado da tropa de assalto entra. Charlie sorri para ele. O soldado começa a retribuir o sorriso, mas se envergonha de sua gentileza e berra: ‘Levante, seu judeu! Onde diabos você acha que está?’” (URWAND, 2019, p.245)

A mudança foi intensa, com alterações que diminuíram o impacto dos temas retratados:

> Chaplin pegou essa ideia assustadora e transformou-a num filme hilariante, mas menos eficaz. Ele mudou a localização da perseguição aos judeus do campo de concentração para um gueto. Faz um discurso longo, divagante, no clímax do filme, que não tem praticamente nada a ver com a questão judaica. E substitui a virada no final – na qual seu discurso revela ser o sonho de um prisioneiro de capo de concentração –, colocando sua plateia reagindo com vivas e aplausos. (URWAND, 2019, p.245)

Escrever, produzir, modificar e filmar a película foi em si um campo de batalha, com o resultado sendo um clássico do cinema utilizado como propaganda aliada. Reafirmamos a concepção de um campo social e de batalha, pois os passos de realização, os envolvidos e os

conflitos “nos bastidores”, nos diz muito sobre como os lados já estavam buscando conquistar terrenos midiáticos antes e durante a guerra. Depois do filme ser concluído, com a sua feitura afetada e resultante de tais disputas, uma nova batalha se apresentaria: a de divulgação e expansão da produção. Com isso entendemos as dificuldades enfrentadas até chegar nos cinemas municipais, vindo em momento em que o país já estava inserido no conflito, com outras produções já tendo sido exibidas.

Mesmo assim, o filme não deixa de ter seu efeito, com sua abertura já demonstrando o ataque humorístico: “Nota: qualquer semelhança entre o ditador Hynkel e o barbeiro judeu é meramente proposital”, continuando com “esta é a história de um período entre duas guerras, durante o qual a loucura imperava, a liberdade desapareceu e a humanidade foi chutada não se sabe pra onde”, e aí sim apresentando o começo do filme, ambientado no fim da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, mostrando a “Ptomânia” já sob o regime “hynkelista”, o gueto judeu é demonstrado com as marcas classificando as construções como pertencentes a pessoas de origem judaica. Interessantemente, apesar das mudanças realizadas (dar grande enfoque ao gueto na primeira metade da película), Chaplin não deixou por isso de fazer diversas referências aos campos de concentração, com ameaças a esse destino sendo proferidas. Outro momento, um dos generais (representando Göring) tenta falar animadamente sobre um “gás venenoso que vai matar todo mundo”, sendo interrompido por Hynkel, que não estava interessado naquele momento. Quando preso, a ser perguntado aonde iria, o barbeiro diz “a um salão de fumaça”, isso no campo de concentração.

Em contraposição aos filmes propagandísticos do Eixo, principalmente ao já comentado “Mussolini Fala!”, Chaplin realiza intensa sátira dos ditadores alemão e italiano, demonstrando a mudança da imagem destes nos cinemas de Rio Claro em um período de 10 anos. Dos discursos de Mussolini em um documentário dublado de 1933, que chegou ao município através dos Estados Unidos, passa-se à imagem do barbeiro judeu disfarçado de “Hynkel”, culminando em um filme de comédia defendendo a liberdade e a democracia.

Alô, Amigos! (1942)

A aproximação cada vez maior dos Estados Unidos com a América do Sul, a busca de reforçar os laços comerciais e angariar aliados para o conflito mundial levou à criação de uma animação que demonstrava essa aliança e amizade. “Alô, Amigos!”, feita pela Walt Disney em

1942 e de direção de Wilfred Jackson, Jack Kenney e Hamilton Luske, trata de um importante marco simbólico quanto aos tratados que estavam sendo discutidos e realizados entre a potência norte-americana e seus vizinhos ao sul. Os objetivos não deixam de ser bem claros, com o filme demonstrando os produtores, desenhistas e animadores em viagem, além do próprio título, aludindo à amizade e um senso de unidade entre as Américas. Evidentemente que a animação não trata das intenções de aliança militar entre as nações, mas a presença de uma animação saudando os países e as relações bilaterais traria uma melhoria da concepção pública a respeito dos Estados Unidos:

CINEMAS

"Alô Amigos" – Aquarela do Brasil

Walt Disney apresenta o seu novo e sensacional "astro":

Zé Carioca

(O papagaio brasileiro)

Walt Disney, quando aqui esteve ficou encantado com tudo o que viu e ouviu; a nossa paizagem, a nossa musica, a nossa dansa. Mas, uma coisa seduziu-o demais, e, Disney nos prometeu naquela ocasião transformar essa coisa numa figura de projeção que iria rivalisar com Pato Donald, o Pluto, Mickey Mouse, etc.

Si Disney prometeu melhor o fez. O nosso papagaio, a "coisa" que tanto seduziu Disney, vem de ser transformado em "astro" de primeira grandeza e sob o nome de ZÉ CARIOCA, faz um "debut" em "Alô Amigos" – Aquarela do Brasil, aparecendo ao lado de outras celebridades creadas por Disney. "Alô Amigos" é o primeiro filme de uma seria que Disney pretende fazer sobre temas sul-americanos, consta de quatro sequencias; uma sobre a Argentina, mostrando o Pateta transformado em gaúcho, outra sobre a Bolívia e o Perú, mostrando o Pato às voltas com os Incas, outra sobre o Chile, mostrando Pedro, um aviãozinho que faz a travessia dos Andes, e finalmente, a ultima sobre o BRASIL, mostrando não só belíssimas vistas de nosso país, como ainda o nosso Carnaval em cores, e o ZÉ CARIOCA que serve de cicerone ao Pato Donald, um turista americano. Na parte referente ao BRASIL ouviremos "Aquarela do Brasil", de Ari Barroso, que aliás dá nome à sequencia, e "Tico Tico no Fubá" de Zequinha de Abreu. Entre outras coisas, ZÉ CARIOCA mostra o Pato Donald como se dansa o legitimo samba brasileiro.

Nêsse filme, vemos, pela primeira vez, nossas coisas enriquecidas pelo lápis maravilhoso de DISNEY e pelo Colorido sem igual de suas tintas.

É uma apoteose ao nosso país e ao nosso povo...

"Alo Amigos" será apresentado somente hoje e amanhã nas télas dos cinemas Excélsior e Variedade. É em técnicolor e falado em português.

(Cidade de Rio Claro; Diário do Rio Claro, 21 março 1943)

A propaganda era multifacetada e visava uma ampla gama de indivíduos, compreendendo todas as idades. Deparamo-nos com outras animações sendo citadas, normalmente como complementos, sendo tanto aqueles propagandísticos como também os que foram feitos anteriormente ao conflito. O destaque que damos ao "Alô, Amigos!" é por tratar-se de um filme de aproximação nítida e declarada da política norte-americana com o Brasil, a

qual teve críticas mais extensas e elogiosas. Assim, outras animações se apresentaram, tanto as grandes da Disney como “Pinóquio” ou “Branca de Neve”, como produções mais episódicas. De todo modo, é reforçado o argumento da presença cultural estadunidense no município, com a localidade não se vendo desabastecida de produções culturais e propagandísticas.

Os Filhos de Hitler (1943)

O filme “Os Filhos de Hitler” apresenta, já em seu início, a declaração de que a história foi construída a partir do livro “Educando para a Morte” de Ziemer. Antes de adentrarmos na notícia sobre o filme, vejamos uma resenha do livro feita 1 ano antes da película:

> **O LIVRO DA SEMANA**
> “EDUCANDO PARA A MORTE”
> Rio – 1943
>
> E’ este o título sugestivodo livro de Gregor Ziemer, que o Editorial Calvino Limitada, do Rio de Janeiro acaba de oferecer ao público [...] Educar para a morte! [...] o nazismo educa para a morte! Porque toda a mocidade do país é alí preparada, num trabalho persistente e inafastavel, para a guerra e, consequentemente, para a morte. [...] Toda a história dolorosa da educação da criança e dos moços, todo o panorama da sua juventude, moldada numa moral belicosa, feita exclusivamente para o Estado, numa especie de adoração ao FUEHRER, se desenrola, nêsse livro, palpitante de atualidade.
>
> O Partido Nazista, diz o autor, recebe o garotinho aos seis anos da NSV (Organização Nacional de Bem Estar Socialista), dele cuida até os dez anos. A Organização Pimpf é o primeiro passo para as atividades da juventude hitleriana e na Junlvolk. [...] Aos dez anos o Pimpf – garotinho – é submetido a rigoroso exame, para verificar-se se já [...] está em condições, portanto, de passar para a Junlgolk. “Se êle fracassar nesse exame fazem-lhe sentir que fora melhor ter morrido”. “Se éle é aprovado, fazem-lhe ver que deve estar pronto para morrer pelo FUEHRER como já o devia estar no estágio Pimpf”.
>
> Estas simples considerações de Ziemer dizem do que é a educação nazista; mas é preciso ler o livro. Todos os instantes da criança e do moço, nêsse ambiente extranho da educação, em que a própria mãe dedica seu filho a Hitler, mesmo antes de ter nascido, vão sendo vividos nêsse trabalho, em linguagem simples mas persuasiva.
>
> O livro regista, portanto, com oportunidade uma época da humanidade que ficará marcada, por certo, na Alemanha como arrazadora dos principios mais sagrados da liberdade e do direito. Depois desta guerra – êsses moços e homens educados para a morte, verão que a guerra a que foram arrastados pela loucura do seu chefe e ídolo veio coroar de sangue e de horrores a ideologia em que se afundou o nazismo.
> (Cidade de Rio Claro, 12 setembro 1943)

Apesar de desconhecermos quantos indivíduos tiveram realmente acesso ao livro, não se trata de um exagero afirmar que certos elementos da vida intelectual rio-clarense tinham ao menos conhecimento a respeito dele. A resenha também permitia que a população em geral o

conhecesse, contudo devemos reconhecer que é difícil afirmar o contato desta com a questão. De toda forma, 1 ano depois, o filme passaria em Rio Claro, permitindo um contato maior com os argumentos de Ziemer pelo cinema, sendo este descrito de modo geral pelo jornal:

> **"Os filhos de Hitler"**
>
> (Baseado no livro de Gregor Ziemer: "Educando para a morte")
>
> Produção de Edward S Goldren e direção de Edward Dmytryk para RKO. Radio Filmes, com: Bonita Granville – Tim Holt – Otto Kruger – H. B. Warner e outros.
>
> "Mulheres do Mundo Livre!" Vejam o que Hitler faz às mulheres alemãs que não professam suas ideias politicas!
>
> A negação da maternidade... A todas as que não se conformam com as leis infames de um regime que esqueceu o amor, o lar, o casamento...
>
> Terrivel! Porque mostra como as crianças são educadas para a morte! Terrivel! Ouvir uma mulher gritar: "Deixe-me ser a mãe de um soldado de Hitler"!
>
> Romance! Amor! Casamento! Que significado pode ter tudo isso numa terra onde o proprio amor é dirigido pelo Estado? Onde se exigem que as mulheres tenham filhos ilicitamente!
>
> A educação da nova Alemanha! Para os homens, a espionagem, a brutalidade, a guerra! Para as mulheres, a função exclusiva de dar filhos ao Estado, dar carne para canhão!
>
> "OS FILHOS DE HITLER"
>
> a ser estreado quinta-feira em ambos os cinemas.
>
> (Cidade de Rio Claro, 26 setembro 1944)

Ao assistirmos a película, vemos um drama que aborda os principais pontos de Ziemer em sua obra. Desse modo, não se trata exatamente de uma transcrição direta do livro, mas uma abordagem que tenta abranger ao máximo as questões levantadas dentro de um romance entre uma estudante americana de origem alemã, estudante de um colégio estadunidense para imigrantes na Alemanha, com um aluno alemão de colégio nazista vizinho ao dela. A propaganda não é disfarçada, com o filme não fugindo do tipo das produções de época críticas ao sistema nazista, um romance trazendo em questão a vida no regime alemão.

Interessamo-nos na análise do filme, pois ele, apesar do latente antigermanismo do período, dá uma visão humanizada, ao menos a uma parte, da cultura alemã e sua população, com ideias alemãs do passado que contrariam os ideais nazistas. Não menos importante, é demonstrado uma juventude alienada dos pais e escravizada mentalmente pelo nazismo, com os mais velhos temerosos pela vida caso se opusessem à ditadura totalitária. Contudo, mesmo que as produções pudessem trazer essa visão humanizada ao alemão e sua cultura e crítica específica ao nazismo, não vemos o mesmo acontecendo nas notícias que analisamos sobre os alemães no Brasil, possuidoras de uma germanofobia e nipofobia intensa e implacável.

Produções sobre a aeronáutica

Como bem afirmava Paul Virilio (2005), o avanço do cinema teve uma sinergia inegável com a aeronáutica, com a produção de imagens aéreas sendo elemento fundamental para a guerra e suas estratégias. O avanço tecnológico e o espetáculo decorrente das habilidades dos pilotos acabariam por chamar a atenção, o público se interessava pela novidade e pelas imagens que tais máquinas produziam e/ou apareciam. Assim, filmes e documentários foram feitos mostrando, dentre algumas de suas cenas, filmagens reais de voos e até conflitos aéreos, que possuíam grande apelo, incentivando a curiosidade do público e a sua presença nos cinemas.

Nos jornais, pudemos ver diversas campanhas pró-avião, seja para comprar aviões de treino para o clube de aviação municipal, ou para conseguir ajudar no esforço de guerra e sua compra de munições ou mesmo aviões. Não aprofundamos nestas notícias por fugir ao recorte, sendo que nomes de todo tipo de origem apareceram contribuindo para tais campanhas e esforços, sendo, portanto, a questão étnica de segunda importância (porém não esqueçamos que, caso os indivíduos de origem "indesejada" não participassem, havia a possibilidade de serem acusados de "quinta-colunismo"). De todo modo, filmes sobre a aviação apareciam no município próximo a tais campanhas.

A presença de tais filmes também foi variada, tanto que pudemos ver, além dos filmes estrangeiros, uma animação e uma produção nacional abordando o assunto. "Vitória pela Força Aérea", animação da Disney, foi referida como "Deslumbrante desenho colorido em longa metragem" (Diario do Rio Claro, 21 setembro 1944), onde a apresentação de cores não era comum e o destaque é compreensível, quanto ao desenho (assistimos a versão em inglês), era um documentário animado, que vai desde a invenção dos aviões (dando a criação aos irmãos Wright, mas sem deixar de reconhecer a importância de Santos Dummond), passando pelo seu uso na Primeira Guerra e como estava sendo usada na Segunda Guerra. Apesar de ser uma animação e ter um apelo infantil, não deixou de apresentar questões como o ataque *kamikaze* à *Pearl Harbor*, ou as estratégias utilizadas na Europa, e do que necessitam em seu país para vencer a guerra em ambos os fronts que estão atuando, o europeu e o do Pacífico. Vale notar as imagens do fim do documentário, onde uma chuva de bombas atinge o Japão, causando destruição que, em partes, lembra o que ocorreria com as explosões atômicas em 1945 (lembrando que foi feito em 1943 e passada em Rio Claro em 1944), sendo logo seguida, simbolicamente por uma águia vencendo um polvo e seus tentáculos nas ilhas.

Outro filme que vimos citado é “O Segredo das Azas”, que era “Mais um grande sucesso do cinema brasileiro!” (Cidade de Rio Claro, 03 março 1945). Realizado com apoio da Escola de Aeronáutica Campo dos Afonsos, com as canções sendo feitas pela Banda e pelos cadetes da Escola, o filme não chega a 50 minutos de duração, apresentando gravações reais que entrecortam a história que desenrola. Um aviador, oficial da força aérea brasileira, tem que realizar um pouso forçado em uma fazenda e começa a conversar com a moça, com dificuldades de locomoção que lá mora, sobre técnicas de voo e a sensação de voar. O oficial então começa a contar sobre a aviação no país, e o filme toma assim ares de documentário, com imagens da Escola, as provas para a entrada dos cadetes e o cotidiano dos egressos, incluso os voos. Logo após, comenta sobre a formatura e como o “chefe da nação passa em revista toda a escola”, mostrando então imagens gravadas de Getúlio Vargas durante a cerimônia, além do minuto de silêncio por aqueles que morreram durante o curso, seguido do juramento do oficialato. Chega-se, então, outro avião e o oficial se despede, é passado então jornais com notícias sobre a entrada do Brasil na guerra. O filme termina com o oficial junto com sua esquadra passando por cima da fazenda, assim como prometido à moça, encerrando com a flâmula brasileira tremulando. A obra, que é um documentário ao mesmo tempo, tem aspectos propagandísticos para a força aérea, com uma breve menção elogiosa ao “chefe da nação”, mas sem mencionar, ou apresentar, qualquer estigmatização aos grupos étnicos ou a posicionamentos políticos.

Com similar premissa de filme documentário, vemos uma produção do Reino Unido sobre a sua força aérea e atuação contra a Alemanha, sendo anunciada:

> **“Alvo para esta noite”**
>
> *Filme feito com a mais ampla cooperação da RAF. Inglesa, sob o fogo das metralhadoras e dos canhões anti-ae’reos das grandes cidades da Alemanha! Um filme em que tudo e’ real, autêntico e de fàtos sensacionais, copiados fielmente dos fátos que ocorrem diariamente.*
>
> *Resumo do que será visto neste filme documentário:*
>
> Esta é a primeira crônica autorizada pelo governo de S. M. Britânica, mostrando as atividades da Royal Air Force, a gloriosa e infatigavel RAF, em um dos seus ataques a um grande arsenal inimigo. A narrativa começa quando se tomam as fotografias do local que se quer atacar e se fazem cálculos exatos para que as bombas cáim sobre os objetivos que se quer destruir.
>
> Já formado o plano de ataque, facil é para os pilotos seguir as instruções de seus superiores e efetuar o bombardeio. A isto segue a perfeita apresentação de como se leva a cabo o trabalho de preparar os aviões, consultar as reportagens dos peritos sôbre o estado do tempo, dar instruções às tripulações dos aeroplanos de combate, etc. Depois, a tensão nervosa, causada pela espera, até que chegue o momento em que as sombras da noite envolvem a paisagem e as naves fantásticas se elevam às alturas, atravessando as nuvens e descendo, depois entre o furioso bombardeio das baterias inimigas e o espetacular momento de arrojar as bombas sôbre o arsenal... O inferno das explosões, o chispeante cruzamento de fogo das metralhadoras de brodo e de terra,

> a fumarada e a angustiosa volta, com os aviões avariados e um homem ferido gravemente, na camara do comandante da esquadrilha...
>
> A partir de hoje, nos cinemas Excelsior e Variedades
>
> Acompanham este filme, "Londres sabe sofrer", natural em 1 parte e "Passaram o Natal debaixo de fogo", Atualidades em 1 parte, ambos da Warner Bros. (Diário do Rio Claro, 13 abril 1943)

O filme "Alvo para esta noite" (consultamos a versão original "Target for Tonight" de 1941), começa com as afirmações já descritas no anúncio, de que a produção foi feita com "total cooperação da Royal Air Force", com as músicas sendo tocadas pela sua Banda. Sua história e narrativa é baseada no planejamento de um ataque à Alemanha, com os atores sendo oficiais atuantes da força aérea, com algumas cenas de combate. Não podemos afirmar com certeza, mas há indícios que o filme "Segredo das Azas" tenha sido inspirado nesse, apresentando similar duração e desenvolvimento. Esta similaridade não deixa de nos informar como a propaganda era pensada no período, uma comunhão entre entretenimento e a informação.

Por último, abordemos um longa-metragem, ultrapassando 2 horas de duração, feito nos Estados Unidos em 1941 e passado no município em 1944:

> **"Demônios do Céu"**
>
> *(Em maravilhoso colorido!)*
>
> *COM Fred Mac Murray – Ralph Beliamy – Robert Armstrong e Alexis Smith*
>
> "Demonios do Céu" não é um filme de guerra. Nêsse espetáculo a Warner reuniu a simpatia que sempre inspira Errol Flynn ao deslumbramento de Tecnicolor e à sedução irresistível da ação mais intensa.
>
> Em cada cêna oferece uma fortíssima emoção. Uma aventura vertiginosa em que os temerários pilotos lançam os projetis com certeira pontaria, para se cravar no coração dos que assistirem êste drama épico da Warner Bros.
>
> Do terrífico ao sublime das cênas vão se sucedendo em magia de ação e de cores deslumbrantes. [...] Os modernos bombardeiros têm que voar a maior altura e com velocidade simplesmente vertigiosa, porque os aviões adversários tamém procuram incessantemente ganhar mais velocidade e alcançar této mais alto! Por isso os pilotos têm que ser homens excepcionais de físico e de alma, para vencer tantos perigos com inquebrantável tenacidade! [...] Vejam os bombardeiros... mergulhando a 500 milhas por hora, que é a velocidade mais vertiginosa a que um homem pode resistir... vejam ainda a reunião de 2 grandes ídolos: Errol Flynn e Fred Mac Murray!
>
> Eis "Demonios do Céu", que o Excelsior apresentará a partir de hoje.
>
> (Diário do Rio Claro, 18 janeiro 1944)

A obra americana "Demônios no Céu" (consultamos o original "Dive Bomber"), possuiu a cooperação da marinha norte-americana na produção, sendo feita em dedicação aos pioneiros médicos cirurgiões de voo e seus esforços na medicina de aviação. Diferente da obra inglesa e brasileira, esta é mais organizada e pensada como filme, com atores de cinema, mas

sem deixar por isso de mostrar filmagens reais. A história centra-se na pesquisa médica que permitiu a criação de equipamentos que facilitassem o voo, principalmente no momento do mergulho do avião (e por isso o nome original de "Dive Bomber"). Ser pensada mais como filme, e não filme-documentário, não o impediu de ser uma produção propagandística, destacando-se ainda por ser em cores.

Constatamos, assim, a espetacularização do armamento militar aéreo, com tais filmes sendo exibidos em Rio Claro, que também possuía um campo de aviação e treinamento. A empolgação retratada nos anúncios, para além de buscar angariar público, nos mostra o interesse e até preocupação da população em compreender os avanços tecnológicos militares, a intenção de conseguir novos alunos para a aviação e o apoio popular aos esforços de guerra. Desse modo, mesmo que os filmes selecionados não tenham demonstrado o inimigo (incluso o imigrante) de modo estigmatizado, não deixa de ser elemento constituinte do imaginário social do período de interesse aos assuntos de guerra.

Os "nipões" no cinema

Vemos no "Diario do Rio Claro" de 02 de outubro de 1943:

> **"Nossos mortos serão vingados**
> *(Wake Island)*
>
> As principais lembranças que vivem na memória de um homem estão sempre relacionadas com mulheres: sua mãe, suas irmãs, sua primeira namorada, sua esposa. Mesmo das mulheres que êle gostaria de esquecer, mesmo essas que deixam recordações que lhe podem ser uteis em certas circunstancias da vida!
>
> Mas, não! Nada há que lhe possa dizer que o conforte neste momento!
>
> Agora é como eu – um homem que só tem recordações – mas, não estamos sós. Nesta guerra – em qualquer canto do mundo onde houverem jogado um punhado de bombas – êles tornaram milhares iguais a nós – homens, sem filhos – espoliados da última cousa que amavam ou que conservavam carinho!
>
> Para homens assim, resta uma só obra: Lutar! Lutar com fuzis e baionetas, com tanques e navios e aeroplanos! Lutar para destruir a destruição!
>
> Tal é o nosso dever.
>
> E foi assim que os norte-americanos lutaram com todas suas forças para vencer a destruição da ilha de Wake.
>
> A partir de domingo, a' noite no Excelsior.
>
> (Diário do Rio Claro, 02 outubro 1943)

O filme (consultamos o original "Wake Island") é baseado na história real dos combatentes norte-americanos mortos na Ilha de Wake. Trata-se de um drama bem típico, com

alguns momentos engraçados e reconfortantes, para criar reconhecimento e empatia do público, a ponto de ter até mesmo filhotes de cachorro sendo cuidados pelos soldados. Os personagens então lutam até o final, tendo uma morte heroica pelo bem da humanidade. Os japoneses são, como seria de se esperar, estereotipados. A película encerra-se com o comentário de que há milhões de fuzileiros sedentos para vingar seus camaradas mortos. A matéria do jornal acaba sendo bem fidedigna ao conteúdo do filme: homenagear soldados mortos e realizar propaganda.

Outro filme sobre os japoneses se destacou em nossa análise dos jornais:

> **"Invasão Atômica"**
> Produção da RKO Radio Filmes. [...]
> Um filme que é um relato de glória e heroismo, do primeiro soldado yankee a entrar em Tóquio, momentos antes de ser atirada a bomba que determinaria a rendição incondicional do Japão.
> (Cidade de Rio Claro, 08 março 1946)

A atenção dada ao filme (consultamos o original "First Yank into Tokyo") foi motivada por essa produção conter o que seria chamado atualmente como "yellow face", uma pessoa não asiática com maquiagens e adereços para assim se "parecer", além de realizar movimentos e sotaque estereotipado. O filme, contudo, apresenta asiáticos reais, com chineses e coreanos possuindo uma representação não ofensiva. Aos japoneses, ao menos quanto a representação dos soldados, o tratamento é de mostrá-los como totalitários, controlados mentalmente pelo regime. A história é uma ficção em que um soldado norte-americano passa por cirurgia plástica para se "parecer" com um japonês, podendo assim entrar no país inimigo e realizar sua missão de infiltrar-se em um campo de prisioneiros. Interessantemente, o filme encerra-se com uma gravação da explosão atômica em Hiroshima.

Por fim, vemos no jornal "Cidade de Rio Claro", comentário a respeito de uma ocorrência em Marília, onde japoneses ao assistirem um filme sobre a guerra, ovacionaram uma cena em que aparecia o imperador:

> **Estamos bem arranjados**
> **Manifestação a Hiroito num cinema em Marilia**
> Os nossos colegas do "Correio de Marilia" noticiaram em sua edição de 14 de Março o seguinte fato:
> "Domingo ultimo os dois cinemas locais exibiram um filme em que aparece a figura de Hiroito.
> Nessa noite nada ocorreu de anormal. Ante-ontem, isto é, segunda feira, foi reprisado na tela do Cine S. Luiz. Poiz bem, a casa de diversões da rua 9 de Julho apanhou uma enchende de suditos do Micado. Até ai nada de mais, porém, quando surgiu na tela a figura do imperador do Japão, a plateia, com esmagadora mioria

> nipônica, prorrompeu em aplausos, num verdadeiro desrespeito ao nosso pais, uma vez que o Brasil está de relações rotas com o imperio do Sol Nascente.
>
> Essa atitude dos japoneses dá o que pensar sobre a hipotese da colonia amarela ser articulada por associações secretas lideradas por fanaticos. Note-se que a publicidade do filme, tanto para domingo como para segunda-feira, foi a mesma. Porque na "reprise" quando os possiveis agentes ou lideres já conheciam a famosa cena, houve a enchente e o que é pior, a manifestação ruidosa a um chefe de estado de nação com quem não mantemos relações diplomaticas? Será que não houve algum arauto, de porta em porta, preparando a deploravel manifestação?
>
> O fato concreto que disso se tira é que ha unidade de ação entre os nossos hospedes, e que sejamos francos, eles não escondem a ingratidão com que recebem a liberdade dos nossos cortumes, sendo que neste caso cabe perfeitamente uma pergunta: que aconteceria a um grupo de brasileiros que se atrevesse a tanto, no Japão?"
>
> (Cidade de Rio Claro, 07 abril 1945)

A notícia nos é reveladora na medida em que comenta a respeito dos "boatos" sobre uma associação secreta de fanáticos, assim como a constatação indignada dos aplausos ao líder, cuja relação diplomática o Brasil havia cortado. O artigo termina com um comentário a respeito da "ingratidão" dos japoneses para com o Brasil, tornando a atitude dos fanáticos como sendo algo de toda a comunidade. Os filmes estigmatizavam o grupo étnico, por vezes acontecia a realização de "yellow face" e, para piorar, a ação dos fanáticos os oprimia e fazia com que toda a sociedade também os reprimisse por conta disso.

Rio Claro no cinema

Interessante também notar alguns filmes históricos gravados em Rio Claro. Sabemos pelas notícias que diversas filmagens foram realizadas, tais como gravações de visitas de Interventores no município, ou a respeito da cervejaria de Rio Claro etc. De todo modo, 2 filmes se destacam, os quais foram amplamente divulgados. Tais produções se tratam, na realidade, mais de produção jornalística típica do período histórico, sendo que ambos estão disponíveis online ao público.[55] Vejamos as notícias referentes aos 2 filmes:

> **Sensacional!**
> **Não deixem de assistir aos dois significativos filmes de Rio Claro**
> **1.927: "Centenario de Rio Claro"**
>
> Extraordinarias reportagens de Rio Claro! Quem não conheceu Rio Claro ha 18 anos, poderá vê-lo na comemoração brilhante do seu centenario! Quem conheceu Rio Claro ha 18 anos e que tenha participado das grandes festas realizadas naqueles inesqueciveis dias de 1.927, terá a oportunidade de revê-lo com saudades!

[55] Ambas podem ser consultadas no canal do youtube: https://www.youtube.com/@grupobanzo

1.945: "Congresso Eucaristico Regional de Rio Claro"
Uma eloquente manifestação religiosa que marcou data nos anais de Rio Claro!!! Um filme que dispensa maiores comentarios!!!
As duas mais espetaculares manifestações realizadas em Rio Claro!!!
ATENÇÃO: Estes filmes serão exibidos somente dia 30 (Sexta-Feira) nos seguintes horários:
No Excelsior – 4 grandiosas sessões às 16 – 18 – 20 e 22 horas
No Variedades – 2 grandiosas sessões às 19,30 e 21,30 horas.
(Cidade de Rio Claro, 24, 25 e 30 novembro 1945)

Os filmes que todos querem ver de novo!
Novamente em exibições amanhã (UNICO DIAS) nos cinemas EXCELSIOR E VARIEDADES, às 20 horas os dois grandiosos filmes de Rio Claro:

"Centenario de Rio Claro" no ano de 1.927
Significativo documentario de Rio Claro, filmado por ocasião das brilhantes festividades comemorativas do centenário da cidade, há 18 anos!
Quem tenha participado das grandes manifestações do centenário de Rio Claro assistirá este filme com saudades!
Um filme que deve ser visto por todos os rioclarenses!

"Congresso Eucaristico Regional de Rio Claro" em 1.945
Eloquente manifestação religiosa que marcou data nos anais de Rio Claro!
Empolgante espetaculo de fé e patriotismo que maravilhou Rio Claro!
Milhares e milhares de pessoas assistiram, numa parada impressionante de beleza, jámais vista, às cerimonias do "Congresso Eucaristico de Rio Claro", mas nenhum só poude contemplar toda a grandiosidade do espetaculo, tal como se vê neste filme de longa metrages que a "Lux Filmes" produziu!
1.927 – 1945: Duas datas épicas!
1.927 – 1945: A Gigantesca evolução de Rio Claro em 18 anos!
(Cidade de Rio Claro, 18 dezembro 1945)

A primeira produção, datada de 1927 nos atrai mais a atenção. De acordo com o historiador José Roberto Sant'Ana[56], esta é a sequência apresentada no filme:

> 01) Vê-se uma cidade de cultura europeia dada sua formação basicamente por portugueses, espanhóis, alemães e italianos. A colônia síria fará entrega de busto do senador Vergueiro, hoje no Museu, ato que não está registrado no filme.
>
> 02) Representantes do governo estadual chegam à Estação Ferroviária. Segue desfile de tropas.
>
> 03) Em desfile, o cortejo segue para o Jardim Público, que tinha as duas quadras separadas pela Avenida 1. Os homens usam paletó, gravata, chapéu ou palheta. Inclusive as crianças.
>
> 04) Segue visita das autoridades ao Horto Florestal.

[56] Disponível em: https://marvadacarne.wordpress.com/2019/06/23/rio-claro-192-anos-por-jose-roberto-santana/

05) A comitiva visita a Escola Profissional, hoje ETEC “Armando Bayeux da Silva”.

06) Na Estação Ferroviária chega o Tiro de Guerra de Campinas, que desce a Avenida 1. Na esquina com a Rua 3 vê-se o Teatro Fênix. Na esquina com a Rua 4 vê-se o portal da festa. À esquerda, a Farmácia Solon e à direita, o antigo Correio.

07) Partida de futebol entre Velo e Santos. No campo do Rio Claro, hoje Espaço Livre.

08) Inauguração do Obelisco do Centenário na Praça da Liberdade.

09) Procissão com banda de música segue até o palacete de Nicolau Mazziotti, na esquina da Rua 3 com a Avenida 3. O prédio seguia modelo dos casarões da Avenida Paulista, de São Paulo, e havia sido inaugurado no ano anterior. No início dos anos 1930, o imóvel tornou-se propriedade da família Cartolano.

10) Barracas de quermesse são abertas na Praça da Liberdade. Representavam as comunidades de Boa Morte, São Benedito, Santa Cruz, São João Batista, Nossa Senhora de Aparecida. As mulheres têm roupas europeias.

11) Aviões da Força Pública fazem show em duas quadras abertas no atual bairro Consolação. O comandante Orton Hoover voltaria a Rio Claro quase vinte anos depois para criar o Aeroclube.

12) Desfile de trabalhadores no Jardim Público.

13) Rio-clarenses moradores em Santos inauguram placa no prédio onde hoje é o Paço Municipal. A placa traria imagem de Rui Barbosa. Hoje, seu paradeiro não é conhecido.

14) Na inauguração, vê-se o líder político da cidade por décadas, Marcello Schmidt, já velho. Ele viria a falecer dois anos depois.

15) Inauguração do pavilhão da Santa Casa. O prédio havia sido inaugurado há seis anos. São vários os veículos da marca Ford chamados de tipo bigode, no pátio.

16) A Sociedade Hípica Paulista realiza prova de saltos e outras no campo do Rio Claro.

17) Exposição agroindustrial no Mercado Municipal. Que já não abrigava a Companhia de Metralhadoras, mas era propriedade do Exército. O filme destaca as empresas Bruno Meyer, Cervejaria Rio Claro e Café Cabral. Outros expositores da feira não aparecem no filme.

18) A colônia italiana faz entrega da estátua em mármore do Anjo da Concórdia. Discurso do prefeito Irineu Penteado.

19) Créditos da versão original e desta versão reduzida.

Alguns aspectos, seja pela descrição de Sant’Ana, ou por assistirmos a versão reduzida das filmagens, acabam se destacando tanto se pensarmos em sua produção em 1927, quanto na reexibição em 1945. Como já vimos anteriormente, a Primeira Guerra já estava silenciando a comunidade alemã, a qual teve casas, escola e igreja apedrejadas, com jornais defendendo

violências contra aqueles que fossem imigrantes, filhos ou netos de alemães. No filme é sintomático a falta da presença desta comunidade, com uma breve aparição do coronel Marcello Schmidt poucos anos antes de sua morte, o qual mesmo assim não é destacado nas gravações, estando presente em uma inauguração de placa de rio-clarenses em Santos que homenageava Rui Barbosa. Destacamos este aspecto, pois um perseguido em Rio Claro, com charges e matérias no município e nos jornais da capital do Estado, aparece apenas de relance e em uma inauguração de placa que homenageia um estigmatizador de alemães na Primeira Guerra.

Além dessa falta dos germânicos rio-clarenses, há a presença direta de outra comunidade, a italiana, com a inauguração do "Anjo da Concórdia" no Jardim Público. Tal aspecto dá-se pela forte presença de italianos, os quais, mesmo tendo problemas com fazendeiros, não chegaram a ter sua coletividade estigmatizada com mesma intensidade aos de origem germânica. Inaugurava-se, assim, um símbolo de orgulho para italianos e descendentes no município, com seu início podendo ser rememorado pelas gravações. Interessa-nos a comparação com o ano de reexibição, pois o reforço, do processo de silenciamento alemão e presença pontual italiana, vinha a calhar igualmente no pós-segunda guerra. Assim, a cultura alemã era vista como deletéria e inimiga da nação; já os italianos eram desejados pelo ideal assimilacionista por serem "latinos" e "mais condizentes com o ideal racial brasileiro", possibilitando a demonstração do orgulho etno-cultural-identitário italiano, desde que não exacerbado. Contudo, no pós-guerra, a estátua acabou sendo vítima de vandalismo.

Outras produções e filmagens sobre Rio Claro estão disponíveis online, mas a notícia dessas duas, principalmente a primeira, demonstra sobremaneira as estruturas socioculturais rio-clarenses e a sua manutenção temporal. Os japoneses se apresentavam em número reduzido, com sua comunidade ainda em formação, portanto era esperado que não aparecessem realmente em 1927, mas o fato de os alemães, presença reconhecida (e perseguida) já historicamente na região, não aparecerem, é um alerta à nossa crítica.

Breve conclusões sobre o cinema em Rio Claro e as etnias analisadas

Pudemos perceber, ao estudar alguns filmes que passaram no município, a relação que o cinema teve para com a população, principalmente quanto ao conhecimento que possuíam da Segunda Guerra. Filmes e documentários eram utilizados como propaganda, de ambos os lados inicialmente e, depois, com o fim da neutralidade, apenas as produções dos países aliados.

Interessante notar a distância temporal da produção dos filmes e a sua rodagem no município. Distância aproximada de 1 ano, o que não necessariamente significava algo obsoleto, tendo em vista que o conflito ainda estava em andamento e, mesmo que algo demonstrado tivesse terminado, o filme servia de rememoração aos acontecimentos. Tal condição de atraso na exibição não era exclusividade do município, tanto que, como vimos, colonos nipônicos, filiados à Shindo Renmei, ao assistirem filmes de propaganda contrário aos japoneses, realizaram diversas falas, aplausos e vaias conforme o que era mostrado em cena.

Os filmes de tal modo, além de seu reconhecido valor educativo, acabavam sendo ferramenta de propaganda e, posteriormente, manutenção dos conflitos. As películas estigmatizavam as etnias, enquanto ensinavam a sociedade como exercer a vigilância e, se necessário – ou se assim o achar –, denunciar o imigrante (e o descendente). Juntando ao ideal assimilacionista, as produções, sejam elas de filmes, documentários ou de notícias, marcavam as comunidades étnicas no país com os acontecimentos da Europa e da Ásia, culpabilizando tais grupos pelas mazelas internacionais e, também, nacionais.

A visão de mundo, o princípio de realidade, que a população brasileira passava a ter, acabava por ser influenciada pela propaganda, com a produção cultural mundial atuando no imaginário e nas ações dos indivíduos. A visão estigmatizada do imigrante e seus descendentes ajuda-nos a compreender as violências perpetradas, tendo em vista que a interpretação da realidade estava contaminada pela propaganda, tornando as violências um justo revide aos "monstros" infiltrados. Ao descendente restava distanciar-se destas imagens, renegando a sua origem, para assim garantir a sua atuação na sociedade e, consequentemente, a sobrevivência.

CAPÍTULO 5

História Deteriorada – Consequências das Narrativas Incriminatórias

As estruturas discriminatórias que se solidificaram no país a respeito dos imigrantes, como vimos, possui uma trajetória cujas raízes remontam à discussão anterior à vinda dessas populações, tendo em vista que foram organizadas e, como toda estrutura, fora alterando seus componentes ou se metamorfoseando em uma nova aos poucos, ao mudar o seu fundamento, o qual acabava por ser, de alguma forma, ligado ao anterior. Notamos, portanto, 2 padrões persecutórios, sendo o primeiro o que poderíamos chamar do "inimigo infiltrado", que perdurou da vinda até pouco após a Segunda Guerra Mundial, sendo que no pós-guerra tal visão se manteve e foi se modificando lentamente até o padrão do "inimigo diluído" que perdura até os dias atuais e não deixa de possuir consequências individuais, étnicas e sociais intensas.

Enquanto "infiltrado", era incriminado por amotinação social, maquinação política, sabotagem econômica, enquanto que "diluído" as acusações vão se referir ao suposto passado de infiltrado, com diferença no modelo, passando a sobretudo diminuir, por vezes ainda criminalizar, o orgulho étnico e cultural. Há uma diferença evidente no processo de ataque, de direto para indireto com potencial a atacar diretamente, de tentativa de silenciar para a manutenção e consolidação desse silêncio. Enquanto um suposto diluído lhe é forçado a assumir um papel e atuar conforme a interpretação narrativa consolidada, forçando a polos prejudiciais, mas que são posições que a sociedade (mancomunada à *intelligentsia*) determinou a tais indivíduos, o de aculturados e logo iludidos por afirmarem o seu orgulho, ou criminosos extremistas políticos. Apenas em escassos e específicos casos lhe é considerada realmente a etnia e identidade, nestes há um padrão imutável e extensa de características que na menor das mudanças, ou variabilidades, lhe é rejeitado impositivamente o pertencimento cultural.

Analisemos, mesmo que brevemente, algumas questões atuais sobre as consequências ainda vivas do período de pico persecutório a esses povos, sem com isso exaurir toda a complexidade atual, sendo que objetivamos apenas a constatação de certos elementos, deixando, propositalmente, aspectos em aberto. Apesar do foco principal ter sido até o momento o município de Rio Claro, teremos que expandir num contexto mais geral, tendo em vista que diversos aspectos dialogarão com a diversidade e amplitude dos meios digitais, sobretudo o uso da internet que, além de conectar muitos lugares do mundo, permite anonimizar seus usuários.

A pacata Rio Claro

A finalização do conflito não significou o fim das perseguições, tampouco de suas consequências. Entrava-se então 3 processos que, combinados, iriam solidificar o preconceito étnico a esses grupos na cultura e pensamento brasileiro, que eram: a) o fim do conflito resultou na fuga da Europa tanto de judeus, cidadãos alemães não envolvidos com o nazismo e, também, os envolvidos, inclusos criminosos de guerra, com as mais que justificadas caçadas aos participantes do genocídio tendo um lado negativo, mesmo que não intencional, de continuação da estigmatização étnica dos grupos; b) as ações da *shindo renmei* que, ao não reconhecer a derrota nipônica do conflito, realizaram ataques internos à comunidade japonesa, mas que também vitimou brasileiros, causando assim uma imagem negativa a todo o grupo como sendo um perigo à nação; c) as atrocidades cometidas pelos países do Eixo acabaram por correlacionar os países, sua cultura e seus habitantes aos crimes contra a humanidade e, por ser uma generalização, acabou afetando aqueles que não estiveram envolvidos, como foram vítimas, a saber toda sorte de imigrantes, seus descendentes e suas comunidades.

Desse modo, apesar de parecer uma fuga do escopo temporal da pesquisa, a compreensão dessas consequências não deixa de ser uma continuação depreciativa dos anos enfocados. Analisaremos então, não as décadas de 50 em diante de modo integral, mas o que da primeira metade do século XX insiste em continuar vivo de 45 até a atualidade. Assim, diversos elementos aparecerão brevemente, porém não serão aprofundados, os quais são importantes para a história nacional e local, mas não à análise da presente pesquisa.

À guisa de curiosidade, vemos um artigo sobre Rio Claro ser uma "cidade pacata", a qual as notícias são insuficientes, necessitando notícias de outros locais para completar o jornal:

> **O que Rio Claro tem de bom**
>
> Rio Claro, pelo seu ritmo moroso de vida, pela sua rotina costumeira, não oferece quasi assunto sensacional para os jornais. Forçados, sômos, a reconhecer isso, porque em nossa cidade nada de "anormal" acontece e quando surgem assuntos mais interessantss logo desaparecem.
>
> E' assim mesmo. Ninguem poderá negar de que as notícias locais se resumem quasi que unicamente à festas sociais e futebol, tanto que é nossa primeira tarefa ao se iniciarem os trabalhos cotidianos, saber as notas esportivas e sociais da semana. E' bem verdade que, muitas vezes, nos desdobramos para redigirmos notícias de nossa cidade, porque nossa obra jornalística visa, acima de tudo, o engrandecimento e expansão de Rio Claro.
>
> [...] Temos que nos "virar" para os jornais cariocas e paulistas em busca de mais noticiário. Não nos queixamos dessa morosidade em que vive Rio Claro quanto à falta de notas-sensação. Absolutamente, não queremos que trajedias aconteçam, fatos desagradáveis se reproduzam. A vida rioclarense, assim indolente e tranquila, normal

> e simples, é o que o Rio Claro tem de bom. E' uma cidade calma e amiga, sincera em seu desenvolver, feliz em seu programa rotineiro.
>
> MARA
>
> (Diario do Rio Claro, 07 fevereiro 1946)

Se relembrarmos os anos pregressos, vistos em ambas as partes do capítulo 4, o comentário de "MARA" poderá soar inusitado. Contudo, sua percepção não é absurda, pois se analisarmos as datas que os fatos mais graves ocorreram, veremos que eles se concentram em certos momentos específicos, por vezes alguns casos sequer viraram notícia. Não podemos nos esquecer que, apesar dos avanços tecnológicos, as informações a respeito de conflitos nem sempre conseguiam chegar aos órgãos dos sentidos de algum jornalista. Seja devido ao fato dos momentos mais turbulentos se concentrarem em datas específicas, ou pelas ocorrências não chegarem até os jornais, Rio Claro mantinha-se de cotidiano moroso, a despeito de possuir um passado com apedrejamentos, desaparecimentos, retaliações contra "membros da quinta-coluna", dentre outras ofensas e violências perpetradas.

5.1 O pós-guerra

O momento posterior ao fim da guerra, não representa uma quebra com as formas sociais estabelecidas. Trata-se de um novo período, porém há continuações, com as modificações e adaptações às novas condições se dando progressivamente. A intensificação da *shindo renmei* promoveria uma continuação da tensão para com as etnias "súditas do eixo", e a divulgação das atrocidades cometidas em solo europeu também iriam assombrar os grupos com acusações e culpabilizações ilógicas pelo que ocorreu no velho mundo. Além do medo de reafirmar o seu orgulho étnico e ser confundido com um nazista/fascista, podia se ver obrigado a rejeitar sua identidade e cultura, para ser aceito socialmente e/ou diminuir os processos de exclusão social.

Aprofundando na questão da *Shindo Renmei*, pudemos constatar em Rio Claro alguns acontecimentos referentes à sua presença e violência contra a comunidade nipônica do município. Realçamos que estes acabaram por não aparecer nos jornais analisados, apesar de demonstrações de preconceito étnico, além de piadas para com as ações do grupo totalitário em outros municípios, como veremos adiante.

Diferentemente dos alemães e italianos que poderiam "se misturar" aos outros brancos nacionais (desde que rechaçassem sua origem, principalmente no caso alemão), o japonês

acabava tendo a questão racial imbricada à sua etnia e reconhecimento social desta. Sendo assim, dificultava-se a essa comunidade elementos de distanciação de tais problemáticas e/ou sua demonstração de discordância, ao menos sem antes ser apontado como um asiático, "possivelmente terrorista", violento, ou coisa similar.

A Shindo Renmei em Rio Claro

Através dos jornais, pudemos ver como as notícias a respeito dos ataques internos à colônia japonesa se efetivavam, assim como quais notícias, e o seu teor, era transferida ou citada diretamente de outras instituições de imprensa. Tal estudo não nos permitiu, contudo, encontrar citações a casos da Shindo Renmei diretamente no município, o que reforça a nossa hipótese de que, apesar de acontecerem muitas coisas, pouco chegava às mesas de redação, ou aos olhos de jornalistas, quiçá até mesmo da polícia. A perseguição interna aos grupos, ou da sociedade para com estes, aconteciam e não, necessariamente, eram divulgados ou, se eram, acabavam sem maiores detalhes. Tal condição nos demonstra duas possibilidades não excludentes, a já mencionada dificuldade de saber o que se passava em Rio Claro, mas também um certo "desinteresse" (ou ao menos a sua demonstração) para as questões envolvendo a localidade. Quanto à falta de interesse, esse pode ser realmente descaso com questões específicas (por qual motivação seja), como pode ser que, pelos jornais Cidade de Rio Claro e Diario do Rio Claro ter sua história ligada à aproximação com comunidades imigrantes, o suposto desleixo pode ter sido artificial, visando não aumentar os ânimos internos. De toda forma, tais questões permanecem ainda como hipótese, apesar de termos alguns novos focos de entendimento.

Como pudemos ver nos jornais antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, Rio Claro possuía diversos problemas de policiamento, com um destacamento pequeno ao tamanho do município. Tal fato, parece-nos, um argumento considerável à falta de notícias a respeito de violências entre a sociedade e os grupos étnicos, com os anos pós-guerra havendo ampla e farta reclamação de vandalismos a praças, jardins, muros etc. Adentrando a questão da *Shindo Renmei* nos jornais, veremos assim notícias mais relacionadas aos municípios vizinhos, nos quais a violência atingiu limites que não poderiam ignorar ou desconhecer. Podemos ver uma notícia sobre a atuação da sociedade fanatizada no município de Bastos:

Fanatismo niponico
OS AMARELOS DE BASTOS NÃO ACREDITAM NA DERROTA DO SEU PAIS

> Os japoneses do municipio de Bastos estão no firme propósito de manter a crença por eles criada de que o Japão não perdeu a guerra. O boato que anda de boca em boca ali é de que quem se rendeu incondicionalmente foram os norte-americanos e não os nipônicos. Um fotógrafo japonês do lugar, chegou mesmo á audacia de exibir uma fotografia do general Kawabe e outros oficiais niponicos quando eram conduzidos, presos, pelo general Mac Arthur e outras altas patentes do Exército norte-americano, como a da rendição dos EE. UU., tendo o cuidado de acrescentar do lado esquerdo do general japonês, uma espada que ele não possui por ter sido desarmado. Sobre a fotografia, foi escrita em caracteres japoneses: "Rendição incondicional dos EE. UU.".
>
> Há dias foi assassinado em Bastos o sr. Ikuta Mizobe, Superintendente da Cooperativa japonesa local, [...] Até hoje a policia trabalha incessantemente para descobrir o criminoso. [...] Logo após a terminação do conflito, obediente a proclamação do imperador Hirohito aos japoneses de todo o mundo, justificando a derrota dos exércitos nipônicos e apelando para seus suditos no sentido de a aceitarem como fato consumado autorizado pelas autoridades brasileiras, promoveu uma reunião na colonia japonesa de Bastos, pondo-a ao par do ocorrido.
>
> A reunião foi concorrida, mas seus resultados foram negativos. Os amarelos não acreditaram no que disse o sr. Ikuta Mizobe e passaram a olhá-lo como inimigo da patria (deles), [...]. Começaram as cartas anonimas e as ameaças, entrando em ação a "Shindo Remei".
>
> Conhecendo o fanatismo de seus patricios, o sr. Ikota pediu garantias á policia, passando sua residencia a ser vigiada por um guarda-noturno do pequeno destacamento policial local.
>
> Nessa altura, 16 moços da juventude niponica de Bastos procuraram o sr. Ikota Mizoba, exiginfo a destituição de dois funcionários da Cooperativa, sob a alegação de que estavam dando prejuízos á mesma. Como o sr. Ikuta Mizobe recusou-se a atendê-los, promoveram uma greve com o fim de forçar as destituições dos referidos funcionários, sendo mais uma vez mal sucedidos.
>
> Na noite do mesmo dia, porém, dia 7 do Março, o sr. Ikuta Mizobe foi assassinado com um tiro, a traição, no quintal de sua residencia, apesar de estar esta vigiada por individuo cuja identidade até o momento não se estabeleceu.
>
> Como se vê, o sr. Ikuta Mizobe morreu porque acreditou na derrota do Japão. (Cidade de Rio Claro, 02 abril 1946)

A notícia de Bastos nos mostra como a *Shindo Renmei* realizava a propagação de seus boatos, utilizando-se até de falsificações a fotos conhecidas. Dentro de uma condição em que o imigrante se via desvalorizado e perseguido pela sociedade, o conflito de informações poderia fazer com que cressem em tais forjas. Contudo, aqueles que não eram convencidos e continuavam crendo na rendição nipônica, tinham suas vidas ameaçadas:

> **Um grupo de japoneses no Estado paulista não perdeu seu fanatismo**
>
> Os jornais de São Paulo vêm oferecendo aos paulistas, amplo e vasto noticiário em torno da ação terrorista que os japoneses fanatizados ainda pelo seu regime, [...] Na capital, já se registraram vários fatos sôbre o assunto, chegando-se ao assassinato de Ikuta Misobe, em sua própria residencia. Os japoneses fanatizados não admitem que seus patricios sejam de opinião de que a sua longínqua pátria é hoje uma nação derrotada.

> E, através de "complots" que se armam em todo o Estado, os "filhos de sol nascente" procuram pôr em execução os seus objetivos, os quais iniciam-se por fazer desaparecer seus patricios que não concordam com seus propósitos.
>
> Por exemplo, transcrevemos abaixo um dos trechos da grande reportagem publicada pelo "Diário da Noite" de ontem, e que fala sôbre a população japonesa domiciliada no interior:
>
> **"Em sobressalto a população japonesa do interior**
>
> A colonia inteira está apavorada em todo o interior. Os elementos exploradores têm o cuidado de realizar terrivel propaganda alarmista e de tal vulto, que o panico a domina. Os "jovens suicidas", filhos de japoneses, aqui nascidos, mas educados sob a inspiração e dever de obediencia á "Shindo Remmei", não têm apenas a missão do massacre, que já teve inicio em nosso Estado. Entre os elementos da colonia, distribuem os "comunicados de morte", afixam placas nas tumbas das famílias com o nome das futuras vitimas, anunciam telefonicamente a morte dos "escolhidos" tal como ainda ocorrera ontem em nossa capital, conforme tambem já é do conhecimento da policia paulista."
>
> (Diario do Rio Claro, 03 abril 1946)

A notícia destaca que mesmo filhos de imigrantes, nascidos no Brasil, participavam da prática coercitiva interna às colônias. Os quais, por nascerem em condição desfavorável, acreditavam nas histórias inventadas pelo movimento, chegando ao ponto de acreditarem que Getúlio Vargas estaria preso no Japão:

> **A "Shindô-Remmei" também agia em Campinas, onde a polícia efetuou várias prisões**
>
> Com grande interesse vimos acompanhando as diligências efetuadas pela policia de São Paulo, não só na Capital como também em todo o interior do Estado, em torno da "Shindô-Remmei", [...] Elevado número de prisões fez a polícia de São Paulo na capital e também em Marilia, Baurú, Tupã, etc. Os membros da "Shindô-Remmei" estão sob perfeita vigilância e, assim, a polícia espera poder concretizar a sua obra dentro do mais breve tempo possivel.
>
> Notícias de Campinas, dizem que alí, também, os japoneses faziam parte da secreta sociedade, realizando reuniões onde o niponismo era pregado abertamente. O Japão venceu a guerra, era o que os chefes da "Shindô-Remmei" infundiam no espírito de seus membros. [...] E, como complementos dessas notícias contraditórias, eram ditas outras. Por exemplo, o sr. Getulio Vargas havia sido embarcado para o Japão onde se encontrava prisioneiro. São Paulo havia sido visitado por um avião japonês. E as mentiras surgiam umas atrás das outras, afim de fanatizar o espírito dos japoneses que pertenciam à "Shindô-Remmei".
>
> Prosseguindo em suas investigações, a Polícia de São Paulo irá exterminar com a secreta sociedade, dando aos culpados os devidos castigos.
>
> (Diario do Rio Claro, 18 abril 1946)

Em outras notícias, vemos a questão racial e cultural presentes, seja agradecendo pelo fato de estarem apenas realizando assassinatos entre membros da comunidade étnica ("cuja cor

não nos diz respeito"), como também pelas diferenças das práticas culturais, como a prática, ou a imposição dela, do suicídio ritual:

> Os japoneses fanaticos ainda não deixaram o seu espirito de vingança contra seus patricios
>
> A's 20.30 horas de ante-ontem, em sua residencia – à rua 2 n. 5 – Bosque da Saúde, São Paulo, foi morto a tiros o ex-coronel Jinsaku Wakyana, pelos seus próprios patricios agora pertencentes à "Tokatai", organização continuadora da obra iniciada pela "Shindo-Rommei".
>
> Os assassinos procederam do interior do Estado, três de Tupã e um de Pompéia, trazendo para o ex coronel niponico uma carta, uma bandeira japonesa com os dizeres nos cantos e uma arma do "jara-kiri" – a "tantô". A carta dava conhecimento ao ex-coronel Wakyana, dos motivos que o levariam a suicidar-se.
>
> Recusando-se a praticar o suicídio, o ex-coronel nipônico foi ali mesmo, naquele momento, prostado a três tiros de revolver.
>
> Os assassinos, quando recebidos em casa da vitima, conduziram-se como cavalheiros e mostravam-se sorridentes e amigos. Após a consumação do crime, os assassinos apresentaram-se á prisão, relatando o ocorrido.
>
> Esclarece-se que os criminosos há cerca de mais de um mês embarcaram para São Paulo, aguardando o momento para entrar em contacto com o ex-coronel Jinsaku Wakyana.
>
> (Diario do Rio Claro, 04 junho 1946)

> O "Jornal de São Paulo" e o "Diário de S. Paulo" relatam, em extenso e sensacional noticiário, os entendimentos diplomáticos havidos, nos Campos Elisios, entre o Govêrno do nosso Estado e a mui poderosa e não menos cabulosa Shindô Renmei, cuja eficiência bélica, louvado seja Deus, tem objetivado até agora gente cuja côr não nos diz respeito.
>
> Pelo relato dos referidos jornais, os shindistas não mudaram de parecer e obtiveram concessões que talvez venham a repercutir no panorama politico internacional.
>
> Do ponto de vista brasileiro, o que houve sómente pode conceber-se como ação da mais fina e sutil diplomacia, cujo objetivo não possa ser apreendido de imediato.
>
> Entrementes, o "castigo dos que creditam" prossegue, vindo de Borborema a noticia de uma punição total.
>
> (Cidade de Rio Claro, 21 julho 1946)

A situação, contudo, mudaria quando a "cor" passou a dizer respeito dos moradores. Podemos ver a notícia de que a população procurou realizar retaliações em Osvaldo Cruz, devido ao assassinato de um morador do município, o qual não descendia de nipônicos; não menos interessante, é o caso de Bastos em que um batalhão feito por brasileiros e japoneses buscavam combater as ações da *Shindo Renmei*:

> Havendo o chofer Kabate Massame, filho de japoneses, assasinado em Osvaldo Cruz o seu colega Pascoal Alves de Oliveira, os brasileiros dessa cidade paulista, já exasperados com as criminosas atividades da "Shindo-Remmei",

> exaltaram-se e atacaram os nipônicos. Já há noticia de 4 japoneses gravemente feridos, 15 levemente e 30 com escoriações generalizadas.
>
> Tornou-se preciso recorrer a tropas do Exército para acalmar os animos.
>
> [...] Na Constituinte, o deputado sr. Osvaldo Pacheco declarou que, em São Paulo, os terroristas nipônicos gosam de mais regalias que os trabalhadores nacionais!
> (Cidade de Rio Claro, 03 agosto 1946)

> Para combater os terroristas nipônicos, os civis de Bastos, de acordo com a Prefeitura e a Policia organizaram um batalhão, do qual participam brasileiros e japoneses mais esclarecidos.
>
> (Cidade de Rio Claro, 03 setembro 1946)

Quando se tratava do município de Rio Claro, entretanto, não nos deparamos com nenhuma notícia a respeito da ação do grupo pela ou contra a comunidade nipônica. Apesar disso, não deixavam de realizar comentários irônicos sobre a situação, como vemos:

> **Shindo Remmei**
>
> Sr. Redator.
>
> Os japoneses, adeptos de uma ideologia que remonta a milhares de anos, fanáticos até a medula dos ossos, não crêem na verdade dos fatos, [...] que a sua ex-celeste pátria foi absorvida pelo tufão da derrota na última guerra. Esse inveterado fanatismo não admite que patricios seus creiam na vitória dos aliados sôbre o seu invencível pais – matam-nos friamente afrontando as nossas leis e costumes.
>
> Agora, pensando bem esse fanatismo que impele os nipônicos a cometerem tanta barbaridade contra os seus patricios é justiça que lhes estão aplicando, porque deixaram de crer na invencibilidade do Império Nipônico. Ora, pelas leis desses fanáticos, tais patricios são passiveis da pena de morte. Na sua terra isso seria admitido, todavia.
>
> Falando mal, não seria oportuno crear-se, entre nós, uma Shindô-Remmei, para uso interno, contra os ladrões que nos flagelam; contra esses tubarões e piranhas do cambio negro, contra esses que vendem sacos de farinha a 600 cruzeiros e o quilo a 12 cruzeiros, adquirindo por meio desse negócio torpe fortunas da noite para o dia?
>
> A carne, a gordura, o azeite, o açucar e tudo o mais, se não estão escondidos, são vendidos a preços exorbitantes. O pão, queremos dizer, o bolo de fubá, tão bom ele é, que já está fazendo mal a muita gente, será um ótimo sucedaneo do tijolo para construções. E para tudo isso os homens que recebem pão de farinha pura de Buenos Aires dizem: esteja eu quente, ria-se a gente.
>
> E é por isso que apelamos por uma Shindô-Remmei que venha por cobro, sumariamente, a tanta patifaria.
>
> LEITOR
>
> (Cidade de Rio Claro, 22 agosto 1946)

O texto busca, de modo irônico, criticar o "cambio negro" que ocorre no município. Para tal propõe a criação "entre nós" de uma sociedade similar a *Shindo Renmei*, para dar o revide às práticas econômicas abusivas. Fora o gracejo, como dissemos, não vimos qualquer

notícia sobre a ação do grupo (o real e não o do “LEITOR”) em Rio Claro, tampouco encontramos alguma referência nos inventários do Deops (DEZEM, 2000).

Em contraponto, pudemos, através de entrevistas realizadas, constatar a ação da *Shindo Renmei* no município de Rio Claro e suas proximidades. Os relatos demonstram como tais movimentos violentos estavam presentes nas comunidades e de difícil afastamento, ou seja, o imigrante e descendente estavam em situação desvantajosa a se proteger, podendo ser ameaçados e intimados, com a realização de golpes econômicos internos ao grupo. Além do preconceito étnico-racial que sofriam da sociedade, ainda eram ameaçados internamente, tanto contra a sua vida, como aos seus ganhos.

Na entrevista com Carlos Yabuki (2025), é nos dado a informação que sua família foi abordada por um suposto membro da *Shindo Renmei*, o qual oferecia uma proposta de compra de terras, as quais o Japão teria conquistado com a sua “vitória” na guerra. No caso, eles não caíram na conversa, entretanto viram pessoas que compraram os papéis de terras que nunca existiram, com os respectivos golpistas nunca mais sendo vistos na região.

Os vigaristas se passavam por membros da organização ultranacionalista para angariar a simpatia das localidades que passavam, obtendo-a, tentavam vender as tais terras conquistadas no Pacífico e nas Américas (ARAI; HIRASAKI, 2008 p.155, 157). Outros golpes estavam voltados à venda de: condecorações, fotos do “rendimento” dos aliados, câmbio de notas e venda de passagens, todas igualmente forjadas e/ou adulteradas (LESSER, 2001, p. 242-243).

Por outro lado, em entrevista com Dirce Akamine (2025), ficamos sabendo que eles chegaram a discutir com outros familiares a respeito do fim da guerra. Ela e seus pais acreditavam que o país ancestral havia, realmente, perdido a guerra. Ao afirmarem isso, o familiar que eles foram visitar retira uma arma de fogo e os manda sair imediatamente da casa, atirando para o alto, o que eles obviamente fizeram, não tendo maiores repercussões a sua descrença na vitória dos aliados, quiçá pela discussão ter sida com alguém de parentesco.

O procedimento que a *Shindo Renmei* se utilizava, para aliciar e cooptar as famílias imigrantes, era o de abordá-las quanto a um assunto cotidiano (realizar vendas, conversar, pedir ajuda) e, adentrando em suas casas, ir gradualmente direcionando o diálogo para o propósito real intencionado (ARAI; HIRASAKI, 2008, p.135, 137). Tal nível organizacional e estratégico que permitiu a manutenção da organização (frente a outras de pouca duração), realizavam atos de solidariedade étnica visando o crescimento da comunidade no Brasil por um lado (ao menos

aos que afirmassem a vitória japonesa), mas também realizavam o monopólio da informação, alterando-a conforme os seus interesses, o que permitia convencer os demais de sua ilusão patriótica (LESSER, 2001, p. 241-243; MIWA, 2010 p. 80). Os ataques mais violentos eram feitos pela *tokkotai*, parcela da *Shindo Renmei*, que visavam a eliminação dos chamados "derrotistas" que acreditassem nas rádios e nas notícias da guerra (MIWA, 2010, p. 70-71). A organização não pretendia, entretanto, ter conflitos com brasileiros (mas vimos que não acabou acontecendo), apenas reprimir, ou eliminar os membros de sua própria comunidade (p. 81).

As imigrações voltam à discussão

O último caso de vandalismo que nos deparamos, contra grupos étnicos europeus em Rio Claro, no período do pós-guerra, foi uma troça realizada com o "Anjo da Concórdia", estátua que marca a presença italiana no município, cuja inauguração foi até transmitida nos cinemas. Já vindo de um descaso na manutenção, vemos que alguém teve uma ideia inusitada:

> **As praças públicas de Rio Claro**
>
> [...] Há muito tempo não nos aproximavamos do Anjo da Concordia, traço de união entre os italianos aqui residentes e os rioclarenses. A referida estatua, cuja inauguração constituiu uma solenidade brilhante na vida de Rio Claro, alí está sempre dentro da mesma postura, enfrentando dias de sol e de chuva, calor ou frio, enfim exposto à inconstancia do tempo, mas jamais vencido por êle.
>
> E' porisso que o Anjo da Concordia está "fugindo" da sua alvura, necessitando de novas roupagens. Uma limpeza na estatua já se tornou precisa, afim de não só conservá-la como também impedir que a sua beleza seja vencida pelos estragos que pouco a pouco virão. Um fato que reprovamos, porém que não deixa de ser interessante, chamou-nos logo a atenção. As unhas dos pés do Anjo, foram pintadas de esmalte vermelho. Quem teria tido essa idéia? Quem pensou em "desmoralizar" o Anjo da Concordia, porque um anjo, pela sua beleza própria, não necessita de artifícios para se embelezar?
>
> MARA
>
> (Diario do Rio Claro, 19 março 1946)

Evidentemente que pintar as unhas de uma estátua não é o mesmo que danificá-la à pedradas, mas não deixa de ser uma afronta à comunidade italiana. Entretanto, também há um descaso na manutenção e limpeza dela, o que demonstra um distanciamento do exercício da afirmação de orgulho étnico. A guerra havia finalizado a pouco tempo, demonstrar interesse na cultura e espacialidade de sua origem étnica poderia acarretar olhares tortos, quiçá até acusações de ser fascista. Não menos importante, os jornais apresentavam críticas ainda a alemães e japoneses, não havia motivos para os italianos reaparecerem e sofrer mais prejuízos.

Terminado a guerra, voltava-se à tona a busca por novos contingentes populacionais, mas antes os brios precisavam se arrefecer. Os imigrantes desejados não mudariam o seu aspecto, tinham que ser "latinos", de preferência ibéricos, mas aceitando-se os italianos também. Por outro lado, algumas formas de pensar e de interagir mantinham-se no corpo social, com os imigrantes ainda sendo vistos como um problema a ser combatido. Nesse interim alguns conflitos de posicionamento surgiriam, defendendo ou atacando a nova leva populacional:

Italianos, espanhóis e portugueses

OSVALDO COSTA

Somos um pais que precisa e não pode prescindir do auxilio do braço de fora. Pede-o a lavoura, que vê as suas fazendas despovoadas e as suas culturas abandonadas. Pede-o a industria, que necessita, mais do que nunca, de tecnicos e operarios qualificados para o seu maior desenvolvimento. Reconhece-o o governo que, atendendo ao clamor das classes produtoras, ainda agora manda ao estrangeiro, em missão com esse fim, o ministro João Alberto. Pois foi numa situação dessas que o sr. Negrão de Lima entendeu de colocar a questão do porto de Santos no plano de um chauvinismo estreito, insultando os italianos, espanhóis e portugueses que ali trabalham transformando-os em bode expiatorio das ocorrências verificadas por s. ex. e, não contente com isso, ameaçando-os de deportação.

Imagine-se a perspectiva que abrimos ao espanhol ou português que, insatisfeito com os regimes fascistas de Salazar e de Franco, queira emigrar para o Brasil, na ilusão de que este é realmente um pais de liberdade: canga, chanfalho e, caso proteste, bilhete de volta para as masmorras da Falange e da Legião.

Se negamos ao trabalhador estrangeiro os direitos que, pelo menos no papel, asseguramos ao trabalhador nacional, a que titulo insistimos para que venha para cá? A titulo de escravo, de autômato, de simples maquina de trabalhar e procriar? Ao invés de lhe acenarmos com uma nova patria de verdade, onde ele se sinta uma pessoa humana e um cidadão na plena posse de sua dignidade, nós lhe acenamos com um eito e uma senzala. O resultado é que o estrangeiro, entre nós, se sente cada vez mais estrangeiro, cada vez mais divorciado do nosso ambiente familiar, cada vez mais saudosista de sua aldeia ou cidade distante, cada vez mais preocupado com os problemas, não do nosso, mas do seu pais. E eis ai porque dificilmente conseguimos assimilá-lo.

O contrario fizeram os norte-americanos que não se limitaram a criar condições materiais de existência atrativas para o imigrante, mas lhe abriram as portas da cidadania, incorporando-o, assim, de fato, à comunhão nacional. O italiano que emigra para os Estados Unidos automaticamente se transforma num cidadão, com todas as regalias de cidadão, inclusive a de votar e ser votado. Deixa de ser um estrangeiro, para ser um nacional, como qualquer nativo. Aqui, não. Meio seculo depois de haver chegado ao Brasil, casado com brasileira, tido filhos brasileiros, ele ainda é o "carcamano", sem direito de pensar, de defender seus interesses legítimos, de influir na vida publica.

Certa vez, Julio Prestes me mostrava, alarmado, as cifras oficiais referentes á fixação do imigrante no Brasil. Eram de estarrecer. Em 100 ficavam 45. Tudo porque jámais empreendemos, por simples e pura estupidez, uma politica inteligente nesse sentido. Temos medo de que o imigrante nos "desnacionalize". E graças a esse medo deixamos que ele forme quistos ou viva em coletividades completamente isoladas do resto da comunhão social. Medo, entretanto, não tivemos de entregar o monopolio de nossos serviços publicos, de transporte, de exploração de nossa força hidraulica etc.

> *E magnatas ingleses, norte-americanos, alemães etc. que, distantes em Londres, Nova Iorque e Berlim, nem sabem bem onde fica o Brasil, se na America ou na Africa do Sul. [...] Isso não nos faz medo. O que nos mete medo é o trabalhador que vem pegar conosco no pesado. Não foi esse colaborador anonimo que jogou nas aguas do São Francisco, depois de inutiliza-las, as maquinas da Fabrica de Linhas de Delmiro de Gouveia. Nem que, recentemente, obrigou o sr. Antenor Mairinque Veiga a fechar, pela pressão de um "dumping" escandaloso, a sua fabrica de pregos. Como não foi ele que levou Mauá á falencia.*
>
> *No dicionario do sr. Negrão de Lima, italiano, português e espanhol pode ser sinonimo de "mau elemento". No dicionario do povo, eles o são de "verdadeiro amigo do Brasil". Negão-Patria-Amada: "boca chiusa", não andes a botes e quedas, caramba! E' muito facil ser campeão de futebol em Minas, ministro porem, é difícil.*
>
> (Da "Folha da Manhã", de 23-5-46)
>
> (Cidade de Rio Claro, 25 maio 1946)

O conflito está na concepção quanto aos imigrados, seriam eles aliados ou inimigos? O articulista acaba, indiretamente, denunciando a continuação do preconceito étnico após os conflitos mundiais. Seguidores de Salazar e/ou de Franco, fascistas e "carcamanos", eis as percepções que os detratores da imigração possuíam, contrariando a cultura do imigrante, mas aceitando que empresas internacionais comprassem e controlassem toda a riqueza nacional.

Passado 1 mês, vemos uma outra notícia, elogiosa aos esforços brasileiros em receber refugiados europeus:

> **Brasil, pais da imigração**
>
> Chegou às mãos de Fiorelo La Guardia, diretor geral da UNRRA, o relatório do Comité Especial dos Refugiados, elaborado em reunião realizada em Londres de I.º a 8 de junho, com a presença dos representantes de tôdas as Nações Unidas. [...] Com a franqueza que lhe é habitual, aureola rutilante de um carater extraordinário e raríssimo, Fiorelo La Guardia elogiou o Brasil "como o único país do mundo que até agora apresentou às Nações Unidas uma tentativa de programa sôbre o recebimento destes refugiados". O Brasil quer receber grande número de imigrantes, especialmente agricultores e técnicos. Seu território será a moradía de milhares de homens de outras terras e o Brasil estará disposto a conceder-lhes um tratamento amigo e sincero. O povo brasileiro, dentro de seu espírito sentimental, procura amparar os povos hoje ainda abatidos pelas consequências graves da guerra.
>
> Natural, porém, a nova lei de imigração assinada pelo Presidente da República. As atuais medidas são necessárias ao fortalecimento da Pátria, porque não era possivel que os imigrantes viessem para cá gozando de uma liberdade que, meses ou anos após, seria uma arma de fogo voltada contra a soberanía do país. O número de imigrantes que receberá o Brasil, ainda não foi fixado com exatidão, sendo muito provável que êle oscile de 150 a 200 mil pessoas. Acolhendo os refugiados, o Brasil está acreditando que êsses novos elementos de sua expansão e progresso, venham, também, contribuir para a patenteação da integridade moral e territorial da Nação Brasileira. [...] O Brasil continúa a sua obra de após-guerra com o mesmo espírito de cooperação e apôio à liberdade dos povos. Os elogios de Fiorelo La Guardia ao nosso país, vieram enaltecer mais ainda a medida tomada pelo nosso govêrno quanto ao problema de imigração,

> vieram dar ao Brasil a certeza de estar caminhando, com garbo e altivez, pela restruturação de um mundo de paz e harmonia.
>
> **MARA**
>
> (Diario do Rio Claro, 28 junho 1946)

As condições mundiais estavam mudando, o que antes seria um equívoco passa a ser um ato solidário. Uma breve referência é feita a respeito de uma suposta liberdade excessiva concedida a imigrantes anteriormente, a qual virava "uma arma de fogo contra a soberania do país", uma alusão à quinta-coluna. Excetuando-se esse pequeno pedaço, há a exaltação do Brasil em receber os refugiados, eram as mudanças políticas alterando o quadro de interação humana.

Contudo, o pensamento que ainda predominava era o de crítica ao recebimento de imigrantes, com o desgosto apontado aos alemães e, principalmente, aos japoneses, que sofriam internamente os ataques da *Shindo Renmei*. A defesa então é pela restrição, por estipular uma quota, delimitar quem pode ou não entrar:

> **Fronteiras abertas...**
>
> Como se estivesse estaqueado nas fronteiras um grande cartaz, cujos dizeres fossem, por exemplo, "Precisam-se trabalhadores de todas as raças", vai começar o fluxo imigratório para o Brasil sem distinção de paises, de raças e sem limitação de numero. [...] E quando se dá isso? Numa hora em que enfrentamos a hostilidade perigosa de cêrca de 300.000 japonêses e embarcamos num navio, como expatriados indesejáveis, apenas duas dúzias de alemães. Coincide essa maneira de agir com a noticia chegada dos Estados Unidos sôbre o estabelecimento de quotas e a restrição racial para os imigrantes europeus.
>
> Por um costume velho e censurável, os governos sempre desprezaram as lições proveitosas da experiência. [...] Anuncia-se já a próxima vinda de um mosáico de raças, procedentes de paises europeus mais afeitos a dirimir questões politicas do que a uma disciplina de trabalho rural. A Assembléia Constituinte já versou a matéria, mas sob o pretexto de que essa Camara se formou apenas para votar a Constituição, o que aliás não estará fora de propósito, seus requerimentos, pedindo informações, não conseguem senão respostas evasivas ou são arquivados sem mais preocupação.
>
> O escarmento dos japoneses não nos abala. O que deveríamos resolver, relativamente aos alemães, não merece a devida atenção. Os universalistas do problema imigratório batem palmas, antegozando a vitória de suas opiniões. Nada de restrições. Nem seleção racial, nem comedimento na importação da máquina humana de além-mar. Tudo serve. [...] Concedam-se todas as vantagens ao trabalhador alienígena. Leve-se ao máximo o desprêso pelo trabalhador nacional. Já disse lá fora um diplomata que o Brasil, onde há fome para sua gente, poderá receber imediatamente uma onda imigratória de 400 ou 500 mil pessoas.
>
> Fronteiras abertas, povoamento fraco... e não se pense no dia de amanhã. Ou nas calamidades de hoje.
>
> (Do "Correiro da Manhã", de 31-7-46)
>
> (Cidade de Rio Claro, 02 agosto 1946)

Não visamos aqui discordar da crítica ao descaso com o trabalhador nacional, o que elencamos é o argumento para tal, a referência aos "indesejados" alemães e japoneses. O estigma permanecia, sua cultura e etnia haviam virado símbolo do que deveria ser evitado, virando uma pecha comparativa. Contudo, devemos reconhecer que o alemão estava estigmatizado, mas a perseguição ainda era pulsante contra os japoneses, com os atentados dos negacionistas da derrota, esse estava sendo o ápice do desabono social para com os nipônicos:

> **O empate**
>
> Se alguma coisa mais significativa pudesse aparecer, com relação ao **problema japonês no Brasil**, nenhuma outra poderia ser tão sugestiva e de tão chocante eloquência como a votação verificada na Assembléia Constituinte, a propósito de fechar aos amarelos insulares as fronteiras do pais que eles audaciosamente convulsionam. E grandemente significativa por que? Exatamente por ter havido um empate de opiniões, o qual foi afinal resolvido pelo presidente da casa. [...]
>
> E' possivel que apareçam, se já não tiverem circulado no momento em que escrevemos esta nota, as clássicas declarações de voto. Sabe-se bem que isso já não mudaria o curso do facto consumado. Quer parecer-nos, todavia, que não haveria empate, se estivessem no recinto todos os que ali interpretam o sentimento do povo, aliás sem sacrificio de seus pontos de vista pessoais. Significativo, porém, o empate, como demonstração de que no Brasil o problema imigratório ainda é, para muitos, um enigma, para outros uma questão de somenos valia... [...]
>
> Os bandoleiros da Shindo Remmei devem estar de parabens. Eles já se vangloriavam de haver conseguido uma vitória no palácio dos Campos Eliseos. A esta hora certamente já terão mandado dizer para Tóquio, por suas emissoras clandestinas, que os deputados e senadores do Brasil lhes deram ganho de causa, homologando-lhes todas as tropelias. E se de facto aquela **vontade soberana** ficar na Constituinte, os matadores amarelos saberão como engrossar seu exército... de colonos operosos e necessários á prosperidade do Brasil.
>
> Significativos ainda o empate, e a vitória pelo desempate regimental, como advertência ás autoridades que capturam e processam japoneses no interior paulista. Até o próprio Hiroito atualmente súdito de Mac-Arthur, dirá em segredo aos seus generais e almirantes sobreviventes que no Brasil manda êle...
>
> (Do "Correio da Manhã", de 29-8-46)
>
> (Cidade de Rio Claro, 31 agosto 1946)

Toda a confusão gerada pela *Shindo Renmei* acabava por exercer a continuação, fortalecimento e manutenção hegemônica do discurso da proteção nacional frente ao invasor estrangeiro do "eixo". Contudo, as leis estavam em processo de mudança e, no começo de 1947, certas restrições realizadas contra alemães e japoneses seriam suprimidas:

> **Suditos do "eixo"**
>
> Merece os mais entusiásticos aplausos a atitude da Federação das Associações Rurais do Estado, que em sua ultima reunião estudou a situação dos alemães e japoneses, ex-suditos do "eixo", que se encontram ainda, inexplicavelmente, presos a restrições económicas apenas cabiveis durante a guerra.

> E' uma situação anormal, que isola os natrurais da Alemanha e do Japão, em nosso pais, criando condições muito favoráveis ao enquistamento. Além de representar medida anticonstitucional e que absolutamente não se justifica nessa altura dos acontecimentos mundiais, quando urge pacificar os espíritos e lançar as sementes de uma paz que possa, na pior das hipóteses, durar pelo menos uns vinte anos. O que, pelos modos, parece que já é pedir bastante.
>
> A revogação dessas restrições, pleiteada pela Faresp, é medida que não deve ser protelada. Urge, mesmo, que as demais entidades de classe, [...] secundem a iniciativa da entidade dos agropecuaristas e promovam intenso trabalho junto aos poderes competentes, para que sejam levantadas as restrições ainda existentes.
>
> Não podemos, de maneira alguma, dificultar a movimentação de capitais ou criar embaraços ao trabalho de quem quer que seja, dentro do território nacional. Desde que os capitais se apliquem em beneficio da coletividade e o trabalho seja honesto e produtivo, não cabem restrições, num pais que padece de falta de produção e precisa desenvolver a sua capacidade de trabalho, em todos os setores. [...]
>
> (Do "Jornal de São Paulo", de 7-2-47)
>
> (Cidade de Rio Claro, 09 fevereiro 1947)

Conquanto a escrita seja elogiosa à supressão das restrições impostas, o texto é aberto quanto a sua preocupação: o problema é o "perigo" de "enquistamento", ou seja, de não ocorrer a "nacionalização" ou "assimilação" destes. Outra questão posta não é o de justiça ou de igualdade à identidade étnica e cultural dos grupos, mas sim o interesse na circulação do capital desses indivíduos, na sua possibilidade de investimentos.

Seja como for, o que se percebe é um recuo do ímpeto persecutório aos grupos étnicos, porém retroceder não significava a aniquilação do sentimento de medo e vigilância, e sim o seu redirecionamento. Qual seria o novo inimigo?

O anticomunismo retorna

Conforme as questões da *Shindo Renmei* iam desaparecendo aos poucos, vemos o retorno do anticomunismo nas páginas dos jornais. Não é algo inesperado, toda a conquista de espaço midiático e político, angariado pelos Estados Unidos e Inglaterra no Brasil, resultaria na continuação de sua ação nos destinos nacionais, assim favorecendo o seu lado. As perseguições iriam mudar o seu foco, deixando de ser os grupos imigrantes.

O alarme agora era soado contra os invasores comunistas, que estavam crescendo em seu contingente de adeptos:

Os métodos comunistas

> Em verdade não se sabe bem o que tem levado alguns brasileiros menos patriotas a abraçar o Partido Comunista, filial do governo russo em nosso pais, isto á vista das verdadeiras monstruosidades que os seus agentes vêm praticando com nossa terra.
>
> Ainda não há muito tempo, o secretário geral dêsse partido que tem o presidente em Moscou, acobertado pela proteção que lhe dá uma cadeira de senador, conquistada pelo ludibrio, pelas mentiras, que usam os seus adeptos, declarou que se o Brasil entrasse em guerra com a Russia, êle estaria contra o Brasil, ou seja contra a sua própria pátria.
>
> E' de causar pena a existência de uma agremiação politica dessas que, usando da liberdade desfrutada em nosso pais, recebe e cumpre ordens do govêrno comunista da Russia, mostrando claramente as suas atividades de autêntica quinta-coluna, solapando a existência de um pais livre para transformá-lo em colônia moscovita.
>
> O nosso povo não há de tolerar por muito tempo esse bando de aventureiros, cujo único escopo é a escravização do Brasil, a transformação de nossos trabalhadores em escravos dos senhores da Russia. A nossa formação moral e cristã há de por certo pôr um freio nessas ambições escuras e inconfessáveis de traidores da própria pátria.
>
> Se não reagirmos a tempo, teremos de trabalhar de graça para o estado soviético da Russia, cujos senhores vivem faustosamente, como todos os senhores de escravos.
>
> O Brasil não pode mais tolerar essa quinta-coluna pior que a de Hitler.
>
> (Cidade de Rio Claro, 26 janeiro 1947)

O texto é construído a partir dos históricos conflitos brasileiros, servindo como comparação ao que o autor vê como um novo perigo. A escravidão, chaga do passado pré-republicano brasileiro, aparece em comunhão com as acusações de traição, quinta-colunismo, espionagem, que foram abundantes nas Guerras Mundiais. O comunismo reaparecia como invasores piores que os "traidores" (os grupos étnicos imigrantes), querendo trazer novamente os grilhões da escravidão.

O constructo do espião não seria desperdiçado, a sociedade encontrava o seu novo inimigo, trocando apenas alguns detalhes da classificação. Era o retorno dos boatos, de inimigos ocultos, com ouvidos atentos e atos traiçoeiros:

> Seis cientistas soviéticos que vieram apreciar o eclipse do sol eram espiões da Russia em visita ao Brasil
>
> Causou sensação a noticia veiculada pela imprensa paulista, de que seis cientistas sovieticos que vieram ao nosso país como observadores do eclipse solar eram espiões da Russia em visita ao Brasil. [...]
>
> RIO, 6 – Foi noticiado que a policia, em cooperação com o Exército havia apurado que varios cidadãos russos chegados ao Brasil, integrando equipes que vieram observar o eclipse do Sol, supostamente como cientistas, não passavam de espiões e técnicos em sabotagem e estariam a serviço do Partido Comunista. A proposito, o major Adauto Esmeraldo, falando a um vespertino, contestou inteiramente as informações divulgadas, atribuindo-as a equivoco ou fantasia. [...]
>
> (Diario do Rio Claro, 08 junho 1947)

A Guerra Fria iria, paulatinamente, se apresentar no município. O procedimento lembra o que aconteceu anteriormente nas guerras, o inimigo é apontado, os boatos começam a aparecer, alguns exageros tentam ser contidos e assim vai aumentando o grau persecutório. O mecanismo de poder, de tal modo, acabaria por "repetir" os elementos anteriores, o que resultaria na terceira ditadura brasileira, com justificativas idênticas às da segunda: de impedir o perigo comunista. 1947 já dava os seus primeiros passos para chegar 1964.

5.2 O tempo foi passando, mas o estigma permaneceu

Após estudarmos as guerras mundiais e o momento posterior, – abordando desde a perseguição a alemães étnicos (portanto a diversos países germânicos) na Primeira Guerra, a intensificação dessa na Segunda Guerra, adicionados os italianos e japoneses no bojo e, posteriormente ao conflito, as ações da Shindo Renmei – resta-nos entender como os estigmas criados contra estes grupos foram trabalhados pela sociedade.

Em entrevista realizada com Carlos Yabuki (2025), pudemos ver o preconceito sobrevivendo com considerável força, pois ele juntamente a 3 outros amigos chegaram a sofrer ofensas e humilhações devido às suas origens, até acusações pelo que aconteceu nas guerras. O grupo de amigos, excluído e desprezado pelos outros, era formado por descendentes de um de cada grupo étnico perseguido no Brasil: japonês (o próprio entrevistado), alemão, italiano e um afrodescendente. O que nos salta aos olhos é que esse preconceito à imigrantes se efetivou, segundo o relato, no Colégio Koelle da época. Obvia e evidentemente a família Kölle não possui qualquer culpa a esses deprimentes fatos, entretanto é característico da permanência e insalubridade dos estigmas na sociedade, pois em um colégio, marcado pela sua história na presença e formação de imigrantes e descendentes, havia preconceito à essas comunidades.

Outro caso que tivemos contato é referente ao Cemitério Evangélico, também conhecido popularmente como Cemitério Alemão, cuja origem no século XIX está intimamente ligada ao grupo étnico e à religião luterana. Não encontramos nenhuma notícia de vandalismos a este durante as guerras mundiais, nem no pós-guerra mais imediato (1945-1950), entretanto, tal condição muda em 25 de setembro de 1981, onde o Jornal Diário do Rio Claro apresenta a manchete "Estudantes depredam as instalações de Cemitério". A situação foi de apedrejamento dos vidros dos sanitários na entrada do cemitério, constando também depredações a praças e

colégios próximos, o que pode indicar que tenha sido atos de vandalismo generalizado, ou que um ato pensado contra o grupo étnico tenha ficado misturado nas outras depredações (assim dizemos pelo fato da entrevista com Yabuki trazer a questão do estigma nesse período).

Afirmamos, assim, que as comunidades vão ter sua cultura atacada de maneiras diversas, pois unia-se o preconceito étnico ao racismo, ambos estruturais. Por mais que a etnia, defendemos, não tenha qualquer relação à "raça" ou biologia/genética, é inegável o fato que parte considerável da formação familiar em geral é feita por pessoas com elos biológicos, com alguns casos de adoção. Tendo isso em vista, podemos afirmar de uma maioria "racial" conforme a comunidade, no processo de estigmatização e humilhação aos grupos étnicos. Aos "brancos", se alemães deveriam aceitar as ofensas e emudecer sobre sua cultura e orgulho, feito isso seriam aceitos e elevados à "brancos recessivos", algo positivo ao pensamento do embranquecimento; se italianos desde que não demonstrassem orgulho veementemente, é-lhes concedido exercer alguns aspectos culturais esporádicos. Os "amarelos", japoneses, não sendo "brancos", acabam sendo discriminados racialmente, podendo ser, caso não "exacerbem", vistos apenas como exóticos. Aos "pretos" não é necessário aprofundar, dada a ampla bibliografia acadêmica disponível, na qual, apesar de ser uma cultura supostamente "aceita" na formação da "brasilidade" (portugueses, africanos e indígenas), é de notório saber que são excluídos e postos à margem da sociedade. Por fim, antes de nos aprofundarmos no momento hodierno, temos que falar de uma outra "categoria", a dos "pardos" ou "mestiços", ao nosso ver o grupo que mais pesadamente sofre de todas as estigmatizações comentadas devido ao fato de ser uma mescla étnica, sendo ridicularizados e considerados iludidos se exercem o seu justo orgulho étnico identitário a qualquer uma, ou mesmo à todas, as suas origens. Quanto a isso vem a calhar pensarmos no século XXI.

5.3 O preconceito sobrevive até hoje, mesmo que enfraquecido

Tais processos que abordamos anteriormente não deixam de realizar suas marcas na história, cultura e relações sociais brasileiras na atualidade. Como mostraremos a seguir, o preconceito, ofensa e perseguição étnica contemporânea é esparsa e não chega perto da gravidade e violência que se efetuou na primeira metade do século XX, tampouco ao preconceito e associação aos crimes do eixo da segunda metade do XX. Entretanto, não deixam de acontecer, mesmo que sua intensidade seja branda e não necessariamente levada a sério pela população de modo geral.

O preconceito exercido na internet

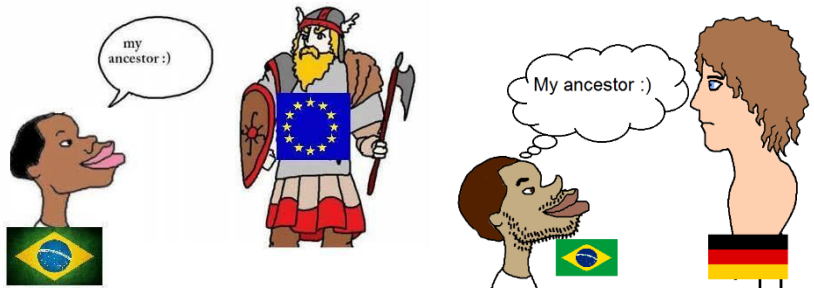


Imagem 18. Alguns "memes" com preconceitos etnoculturais. Fonte: Google imagens.

Sabemos que brincadeiras/"memes" são elementos lúdicos entre amigos e, quando são utilizados de forma pejorativa, visam atacar racistas, nazistas, fascistas e toda sorte de pensamento e/ou ideologia do tipo. O problema que realçamos é o preconceito étnico e, por vezes, também racial que o uso indiscriminado de tais imagens podem causar. Afirmamos isso ao ver no "meme" (imagem 18) uma pessoa de pele preta ou parda, racialmente estereotipada, falando com orgulho de seu ancestral com características europeias. A mensagem é direta e não é necessário grandes análises para notar o tom de deboche a alguém mestiço, ou mesmo que não seja mestiço (como no caso de adoção, onde não há relação entre a origem biológica e cultural), mas que tenha a pele escura, afirmar seu orgulho ancestral europeu. A volatilidade dessas imagens acaba não sendo apenas uma ofensa a racistas, mas também armas usadas por eles no preconceito contra indivíduos de pele preta ou parda de exercerem seu orgulho étnico. Ao descendente é ridicularizada sua afirmação étnica identitária e, se tem pele que não seja branca, também vítima de racismo por se orgulhar de sua ancestralidade e identidade.

Também vemos preconceitos étnicos surgindo ocasionalmente, tanto em notícias como em comentários esparsos pela internet[57]. O conteúdo é o previsível, o ataque de não reconhecimento da cultura étnica dos indivíduos, com afirmações de "se acham (etnia)", mas "não passam de latinos" ou "são brasileiros e nada mais", também "os (europeus/asiáticos) não os consideram como sendo parte deles", dentre outros disparates similares. Interessante notar nesses ataques é a visão dupla do preconceito para com os imigrados e descendentes, ódio histórico de ambos os países que vivem indubitavelmente nestes discursos: do poder brasileiro

[57] Pedimos a compreensão do leitor ao fato de que optamos não citar diretamente tais notícias e comentários, pelo motivo de não ensejarmos qualquer revide a tais pessoas, as quais não queremos que fiquem marcadas por um erro

que no ímpeto do embranquecimento não queria a cultura do imigrante branco, apenas suas cor e sua força de trabalho; por outro vemos a de europeus e asiáticos, principalmente a continuação do preconceito para com as comunidades étnicas no estrangeiro, por serem "mestiços", "atrasados", "apegados a tradição", "iludidos" ou qualquer outro impropério similar.

Sendo assim, vemos a infeliz continuação da violência cultural assimilacionista brasileira, através do discurso de ridicularização e diminuição de um orgulho étnico que destoa da cultura tida como "brasileira", "latina" ou qualquer outra construção impositiva similar. Ainda mais trágico é notar a aliança com o pensamento tipicamente nazista de desconsideração e exclusão dos que se miscigenam e seus descendentes, um suposto pecado de traição para com a raça ariana (sic), o que seria uma traição de sangue (GEARY, 2010, p. 17-18), com essa questão virando uma lei proibitiva em 1935, intitulada "Lei para Proteção da Saúde Hereditária do Povo Alemão", impedindo o casamento com aqueles vistos como inferiores (ibidem, p. 96). Tamanha era a importância de tal questão aos nazistas, que estes realizavam ampla pesquisa e decorrente classificação "genealógica", principalmente para buscar o distanciamento de origens judaicas na ancestralidade, com os indivíduos sendo considerados conforme a quantia de ancestrais "não-arianos" ou, pior ainda na visão deles, de judeus (CONFINO, 2016, p. 74-76, 80; RABINOVITCH, 2004, p. 55-56). Dessa forma, torna-se relevante as questões levantadas por intelectuais quanto ao processo de desnazificação da Alemanha no pós-guerra e sua eficácia, com argumentos de que tenha sido falho, incompleto, desinteressado e até omisso por parte tanto dos americanos, ingleses e franceses, como pelos soviéticos (DARGIE, FLANDERS, 2022; MAMDANI[58], 2020; RABINOVITCH[59], 2004, p. 112-113). Há, desse modo, a união sinérgica do preconceito tipicamente brasileiro com o nazista no ataque às etnias de imigrantes, não apenas no não reconhecimento cultural identitário, como também na tentativa de depreciação e apagamento destes.

Não visamos com isso rejeitar a realidade de que há grupos totalitários e racistas. De toda forma, apesar de concordarmos com o embate a grupos totalitários, é inaceitável a todo defensor da cultura, civilidade, moralidade e valor que, na luta contra o que é indevido, se estereotipe todo um conjunto étnico, diminua sua cultura, seu orgulho, identidade e pertencimento. Também não desejamos depreciar os indivíduos, ou redes de comunicação, que disseram ou participaram de tais ultrajes, pois o que criticamos é o discurso preconceituoso e

[58] para uma discussão mais aprofundada, recomendamos o capítulo 2 "Nuremberg: The Failure of Denazification" da obra "Neither Settler Nor Native" de Mahmood Mamdani de 2020
[59] principalmente capítulo 9 "Reparações Intelectuais"

não vemos, necessariamente, o seu propagador com dolo de prejuízo etnocultural, contudo é imperativo notar que acontece, mas não deveria[60].

Dois casos, relativamente recente, nos revelam alguns problemas que persistem no município: a ação de (neo)nazistas oriundos do Paraná no assassinato de um senhor afrodescendente[61], além de um campineiro que foi preso por possuir materiais de apologia ao nazismo.[62] Apesar de serem casos sérios, não deixam de serem esporádicos, igualmente são poucos os comentários que estigmatizem como racista/fascista/nazista a todo descendente de imigrantes. De todo modo, mesmo que se apresentem os 3 problemas raramente (a saber: a ação de neonazistas de fora; de defensores totalitários e; de estigmatização de descendentes de imigrantes), o seu acontecimento esporádico não deixa de ser preocupante.

Assim, apesar de ainda existente, o que podemos ver de perseguição etnocultural afeta o rio-clarense, descendente de imigrantes, de forma esparsa e mais por decorrência de serem ofendidos pelas construções e ofensas gerais no país. O problema concentra-se, portanto, mais em âmbito nacional, cujo preconceito a essas etnias, apesar de não focado no município, acaba por afetá-lo e a seus grupos. Concluindo, Rio Claro atualmente não está diretamente na mira da estigmatização, como esteve no período das guerras mundiais, porém o indivíduo descendente de tais grupos é afetado nas possibilidades de (re)afirmação etnocultural devido à visão nacional desfavorável ao seu orgulho étnico identitário, mesmo que esta concepção deteriorada esteja focada em grupos – principalmente de alemães, mas também de italianos – da região sul.

Apesar de óbvio, nós reforçamos que não deixamos de reconhecer os preconceitos a afrodescendentes, indígenas, árabes, judeus, chineses, venezuelanos, haitianos e todo outro grupo que esteja no país ou no município. Combater o preconceito a alemães, italianos e japoneses não implica considerá-los superiores ou rejeitar que outros grupos étnicos sofrem preconceitos. Esperamos que esteja evidente que a pesquisa é contrária a preconceitos a todo e qualquer grupo, também ensejamos que seja transparente o nosso posicionamento de inclusão

[60] Esperamos ter deixado claro que não cremos e nem acusamos os indivíduos de serem em si preconceituosos, tampouco nazistas, mas sim quais são as origens de certas concepções, formas de pensar e discursos que proferem
[61] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/04/dupla-acusada-de-espancar-guardador-de-carros-e-julgada-em-rio-claro-sp.html acesso em: 20 jan. 2026
[62] Disponível em: https://www.jornalcidade.net/rc/morador-de-rio-claro-respondera-por-apologia-ao-nazismo-e-pode-ser-preso/153476/ acesso em: 20 jan. 2026

dos mestiços a todas as suas origens étnicas, não os excluindo da possibilidade do orgulho étnico identitário cultural de qualquer uma das, ou mesmo de todas, suas origens.[63]

Dito isso, cabe aos descendentes/membros de tais etnias mais o enfoque na manutenção, recuperação e afirmação de sua cultura, do que uma preocupação quanto a preconceitos contemporâneos, os quais apesar de ainda ocorrerem, dificilmente terão escalada de violência contra a existência do indivíduo ou sua comunidade, como o foi no passado. Sendo assim, a atenção a estes problemas é aconselhável, mas não fundamental para restabelecer/fortalecer sua cultura no município ou no país como um todo, pois o perigo está mais no passado e como ele é interpretado, estudado e relembrado, além das consequências deste para a atualidade. Assim, o enfoque das etnias encontrará maiores resultados se dado a recuperação de características, memórias, festas, literatura, línguas, práticas, senso de comunidade, integração do mestiço, aproximação de simpatizantes (ou seja daqueles que não possuem ligação à etnia), expansão cultural, combater autoritarismos e ideologias nefastas (principalmente o racismo, nazismo e fascismo), realizar ações sociais, de solidariedade, fazer pesquisas acadêmicas e/ou familiares, restabelecer contato com parentes distantes, arranjar reuniões, dentre outras questões, possibilidades e estratégias culturais.

5.4 Diário da Província – um filme sobre a história de Rio Claro

Um filme que se destacou, em nossa análise do período pós-guerra, foi o "Diário da Província" de Roberto Palmari, filmado no município de Rio Claro em 1978 e apresentando exatamente o período histórico que enfocamos. Apesar de não ser diretamente nomeada, a localidade em que a narrativa se passa é Rio Claro, nela veremos os conflitos econômicos, políticos e sociais, com um importante destaque ao Jornal O Alpha, o qual também analisamos e utilizamos na pesquisa. A narrativa do filme aborda a passagem de vários anos, começando nos momentos prévios à quebra da bolsa de valores de 1929 e consequente crise do café, até o começo do Estado Novo.

Os comentários quanto a imigrantes são escassos, o personagem principal, doutor Acácio, comenta brevemente sobre como faziam na República Velha para as vitórias políticas, com votos de cabrestos e obrigando com ameaças armadas a todos votarem, incluso estrangeiros

[63] Também que tenha ficado explicado que não reconhecemos qualquer ligação entre "raça" (incluso cor de pele) com etnia, sendo duas coisas distintas e não correlacionáveis dentro na nossa concepção acadêmica ou de delimitação etnocultural.

“alemães, italianos e húngaros”, pessoas falecidas, nomes que eram remédios e não pessoas reais, dentre outras práticas. Excetuando esse comentário, não deparamos com outros momentos em que um personagem ou alguma fala fizesse alusão direta às questões imigrantes. O filme acaba demonstrando certos aspectos em que a presença imigrante não era o elemento a ser destacado, até pelo motivo deste contingente populacional estar presente em todos os estratos, trabalhadores do campo ou operários, classes médias urbanas, educadores, jornalistas e, também, as elites, tanto a que estão no processo de crescimento conforme a urbanização da cidade, como também a dos fazendeiros e do coronelato (BILAC, 2001). Contudo, o foco principal do filme é a Elite, com as partes em decadência ou ascensão, também vemos nessa problemática a questão da imprensa, jornal e rádio, na obtenção de informações sobre o que ocorria, divulgando as notícias, se envolvendo, incomodando e influenciando o poder local. Também é abordado o drama que as camadas mais baixas sofriam com os mandos e desmandos, com os conflitos e as ideologias que estavam a borbulhar no período.

Palmari visava, usando esse período histórico, dialogar, contrapor, discutir e até criticar os conflitos que via hodiernamente. O Filme foi feito e apresentado nos fins da década de 70, ou seja, já na Ditadura de 64, a isso notamos claramente a sua apaixonada defesa pela imprensa livre, com críticas à censura dos coronéis, dos políticos, dos interventores e da ditadura varguista (e com isso, indiretamente, a ditadura na qual ele vivia). Assim o afirmamos, pois o diretor separa momentos de monólogo do jornalista quanto ao seu trabalho e o que ele pensa, além da sua posição altiva mesmo após ser espancado devido a ordens da elite, efetuada pela jagunçaria, a qual não se importava em demonstrar a mando de quem estavam agindo e seu objetivo de calar o jornal local.

A profundidade da pesquisa conjuntamente com as intenções do diretor já era comentada nas críticas realizadas à sua obra. David Neves (1980) nota em sua crítica como Palmari se colocou no personagem jornalista, interpretado por Gianfrancesco Guarnieri; não menos importante, o crítico evidencia o esmero do diretor na utilização dos documentos históricos, servindo para construir uma representação fidedignamente alicerçada e nesta erigir o seu pensamento e crítica política e social. Por outro lado, Zulmira Ribeiro Tavares (1980) apresenta uma análise menos favorável que a de Neves, vendo problemas na construção da narrativa, que se demonstra confusa, falhando em realizar as relações objetivadas para com a realidade atual da produção do filme. Contudo, ambos reconhecem a presença intensa da caracterização histórica, suas vestimentas, discursos, arquitetura e cronologia. Interessante notarmos que Tavares comenta a respeito de uma cena recortada, talvez censurada, na

reexibição do filme, na qual é demonstrada uma cena de sexo, com o resto do filme sendo passado, incluindo as cenas de defesa da imprensa e crítica ao poder.

Coadunamos com ambos os críticos, mesmo que parcialmente. A narrativa acaba sendo confusa, como salienta Tavares, mas assim o vemos por decorrência não de uma falta de pesquisa e conhecimento histórico do período como ela defende, e sim o oposto, com Palmari representando a complexidade histórica, o qual acaba decorrendo em contradições existentes no período. O agiota e posteriormente político Acácio Figueira demonstra em seus discursos como ele próprio transita nas esferas ideológicas conforme o poder se desloca, reconhecendo, próximo ao fim do filme, como agradou, bajulou, influenciou e militou em quase todos os partidos e movimentos ideológicos, para ser alçado em proeminência e destaque político. Tal complexidade acaba, infelizmente, se mostrando como uma narrativa de difícil orientação, se fazendo mister assisti-lo várias vezes, mesmo àqueles que possuem o olho treinado e sejam interessados ou até mesmo pesquisadores do período enfocado.

Em resumo, mesmo que não tenhamos abordado aqui todos os assuntos que o filme trabalha, destacamos 3 elementos que dialogam com a pesquisa e o cerne de nossas análises:

1) A variedade e convivência de diferentes e contrastantes movimentos políticos e ideológicos, com a presença dos conflitos entre coronéis, entre os republicanos, depois entre o ditador Vargas com os revolucionários constitucionalistas, seguido do pululante crescimento e presença de movimentos de esquerda, de anarquistas e socialistas, e de totalitários e ditatoriais, mostrado principalmente pelos defensores da política de Vargas e pelo movimento integralista.
2) O filme foi realizado com pesquisas feitas em colaboração com o Museu Histórico Amador Bueno da Veiga e com o Museu Militar de São Paulo. Em sua construção de "ficção-histórica" (assim nomeado por Neves), Palmari utilizou proficuamente de documentos históricos, principalmente o jornal O Alpha, contudo não ficou fechado a esse tipo documental. Conforme a cronologia se passava, apresentou documentos que alicerçava o que ali estava sendo transmitido, como: diário de um combatente morto na Revolução de 32; notícias radiofônicas; vestimentas e uniformes do período; arquitetura e mobília; fotografias, emblemas e retratos de políticos (pintura do fazendeiro, o retrato de Vargas e o de Plínio Salgado); além de discursos, livros e panfletos políticos (com "A Doutrina do Sigma" de Plínio Salgado aparecendo diretamente e sendo lido por

Acácio). Enfim, mesmo essa longa lista não representa toda a complexidade documental, política e social que é costurada pelo diretor com o apoio dos museus.

3) Apesar do município ser marcado pela presença de imigrantes e seus descendentes, o filme acaba abordando a questão *em passant* em um comentário, sem muitos aprofundamentos. Conquanto o filme não aprofunde nessa questão etnocultural, ele ainda pode nos evidenciar que o silêncio protetivo dos grupos étnicos fez o assunto sair dos holofotes (e consequentemente do filme também), objetivando evitar novas perseguições e/ou associações levianas de sua origem com movimentos totalitários.

De todo modo, o filme se destaca por ter sido feito em Rio Claro, fundamentando-se em documentação local e no período de grandes convulsões político-sociais. Com o período sendo retratado como tem sido conhecido, com o apagamento/ocultação da questão imigrante e seus conflitos, perseguição etnocultural e violência assimilativa. Também não podemos afirmar ou rejeitar que a escolha por não tratar de tal assunto partiu ou não de motivos etnoculturais, de um processo de silenciamento pessoal/familiar, tendo em vista que Palmari é de origem italiana. Seja por qual motivo for, fica evidenciado uma construção narrativa em que os principais perseguidos do período sequer aparecem na trama, fora um comentário breve, quase inexistente.

CONCLUSÃO

Para um Obituário do Silenciamento

Procuramos no decorrer do trabalho elucidar profundamente as questões apresentadas e, ao mesmo tempo, realizar uma divisão fácil do leitor se localizar. Apesar de deixarmos claro o nosso posicionamento e concepção concentrada na perspectiva dos imigrantes e sua comunidade, demonstramos também a multiplicidade de relações de diversos lugares e espacialidades que se sobrepõe, através de agentes estrangeiros, obras de propaganda, boatos, construções interpretativas de origens as mais diversas, sejam sociais, midiáticas ou acadêmicas. Esperamos que as vinculações e intricamentos das diferentes escalas espaciais e temporais tenham se mostrado, embarcando dessa forma o contexto da formação das comunidades no país através de toda a situação global do século XIX, com as estruturas persecutórias e estigmatizantes aprofundando na primeira metade do século XX, as consequências dessa subjugação no pós-guerra e a contemporaneidade, do primeiro quarto do século XXI, a refletir e agir com relação a esse passado. Assim, foram apresentadas diferentes narrativas, sem deixar de possuir um posicionamento declarado e que não visa destruir outras leituras, indo desde as concepções do imigrante como mão-de-obra desejada e raça a ser aprimorada, com o percalço da cultura a ser apagada, para este sendo visto como culpado das tragédias mundiais e inimigo infiltrado, posteriormente sendo considerado “abrasileirado” e, por fim, as vozes, dentre as quais a pesquisa se insere, de reafirmação cultural e identitária.

C.1 Conclusão acadêmica

Relações entre a dissertação de mestrado e a tese de doutorado

Fazendo um balanço do que vimos no mestrado (BOVO, 2019) e na presente tese, podemos pensar o que foi abordado e aprofundado dado os documentos consultados. Quanto aos alemães conseguimos perscrutar mais detalhadamente os ocorridos na Primeira Guerra Mundial através dos jornais, o que nos permitiu compreender melhor a construção da tradição oral e memorial do período, demonstrando que o medo buscou minorar a questão, ocultando o

que foi possível. Ainda sobre a comunidade germânica, os estudos dos jornais apresentaram alguns detalhes a mais sobre a sua perseguição na Segunda Guerra Mundial, porém as entrevistas realizadas no mestrado foram mais reveladoras quanto às violências sofridas. Importante denotarmos que os casos de violência relatadas nos jornais e nas entrevistas, quanto à Segunda Guerra, não se sobrepõe, ou seja, são acontecimentos distintos, o que nos permitiu a ampliação do conhecimento quanto as ações cometidas contra a comunidade, mas a sequela de tal condição de pesquisa impossibilitou-nos de comparar e contrapor as narrativas tal qual fizemos na Primeira Guerra. Podemos, assim, afirmar que é um dos grupos com maiores consequências deletérias do período, até pelo fato de terem sido impactados por 3 conflitos que envolviam diretamente sua cultura: a Revolta de Ibicaba e as duas Guerras Mundiais.

Quanto aos italianos, eles haviam aparecido brevemente no mestrado, porém não era o foco analítico, mesmo assim a sua mistura com os alemães rio-clarenses é notória, comprovada na pesquisa e socialmente. A tese nos possibilitou analisar e descobrir como, além de perseguidos, foram elemento de coesão entre a sociedade brasileira e os imigrantes "do Eixo", sendo aqueles que eram diferentes dos brasileiros, mas parcialmente aceitos. Os japoneses igualmente se aproximaram dos italianos, com trocas culturais significativas e mesclas étnicas.

A comunidade nipônica foi intensamente visada e perseguida, com os conflitos internos se destacando com a ação da *Shindo Renmei*. Por outro lado, mesmo que a sua cultura fosse atacada pelas ações assimilativas, o racismo do período ao mesmo tempo impedia-os de distanciar de sua origem e identidade, existindo um jogo duplo da sociedade contra a etnia, de destruir a cultura e ao mesmo tempo impô-la racialmente.

Outra confrontação que precisamos realizar é quanto a realização de entrevistas, as quais comparativamente apresentaram número reduzido na tese. As dificuldades apresentadas foram maiores, além do desconhecimento ou silenciamento, temos que levar em consideração a pandemia do covid-19, na qual muitos idosos faleceram e outros temiam a contração do vírus, mesmo após findar o surto e as mortes pela doença. Também devemos levar em consideração certo receio, o qual compreendemos totalmente, quanto a pesquisas acadêmicas, as quais nem sempre são elogiosas, podendo até mesmo (re)estigmatizar suas comunidades e culturas.

Apesar de compararmos o mestrado e o doutorado, ambos se tratam de uma só pesquisa, abordando as perseguições étnicas ocorridas no município de Rio Claro na primeira metade do século XX. Afirmamos a unicidade até pelo fato de sua complementaridade, com o que falta em uma se apresentando na outra, tornando-as compreensíveis se lidas e analisadas

conjuntamente. De toda forma, esperamos ter provado a perseguição aos grupos étnicos e como essa afetou sua cultura até a atualidade.

Resultados específicos

- Apesar do século XIX não ser o foco da pesquisa, pudemos constatar o gérmen persecutório que se intensificaria posteriormente. Vimos que o ideal de branqueamento é fundamental para compreender os incentivos à imigração, contudo, tão segura é a afirmação de que os elementos culturais desses grupos não eram desejados, tornando-os suspeitos. Com Rio Claro apresentando: vigilância e medo com relação aos alemães e suíços da Revolta de Ibicaba; conflitos físicos entre fazendeiros e imigrantes (sobretudo italianos) e; quanto aos japoneses, o desencorajamento de sua vinda devido a motivos raciais.

- Comprovação do silenciamento memorial e histórico a respeito das perseguições e violências a imigrantes e descendentes de alemães durante a Primeira Guerra Mundial. A partir da documentação pudemos provar que os ataques foram além dos elementos simbólicos alemães como a Escola Alemã e a Igreja Luterana, sendo depredadas casas comerciais e particulares. Comprovamos que os ataques não foram feitos por uma turba incontida, que espontaneamente cometeu "excessos". Ao contrário, a documentação demonstra organização e planejamento, apontando nomes de políticos, comerciantes, industriais e operários, os quais deveriam ser vigiados, demitidos, excluídos socialmente, quando não ofendidos, com propriedades vandalizadas e ameaças de violência física e até assassina.

- Evidenciamos que a etnoidentidade interage de modo complexo com as relações e lealdades da sociedade. A identidade pode ser "ativada" ou não conforme as questões e suas possibilidades, indo de irrelevante até fundamental/incontornável. O maior exemplo dessa questão foi o conflito político entre Cartolano e Bilac, onde ambos os lados se orgulhavam da ancestralidade e identidade italiana, mas a colocavam como forma de atacar o adversário.

- Pudemos atestar como, apesar de serem coisas distintas, o ideal de assimilação/nacionalização e a ditadura varguista atuavam sinérgica e complementarmente. As culturas elencadas como "não desejáveis" tinham seus elementos visados para aniquilação culturicida, com a própria etnocultura e identidade sendo postas como elementos de traição, permitindo assim a vigilância, exclusão, denúncia, prisão ou até o "desaparecimento" do tidos como indesejados.

- Demonstramos que os meios de sobrevivência dos indivíduos de etnia alemã, italiana ou japonesa passava pela necessária diminuição, rejeição e apagamento de sua própria cultura e identidade. A aproximação de elementos culturais ancestrais era vista como "quintacolunismo", um demarcador de quem deveria ser acusado pelos problemas nacionais e internacionais.

- O período após a Segunda Guerra foi marcado pela questão da Shindo Renmei, com a comunidade nipônica do município tendo problemas devido a esse movimento. Entretanto, os atentados e práticas não foram tão intensivos, com os jornais apontando os acontecimentos de outras localidades, do estado de São Paulo e/ou do Brasil como um todo. Comprovamos a presença a partir das entrevistas realizadas, de que havia indivíduos da comunidade simpáticos à "causa", e que houve golpes feitos por viajantes que "vendiam" terras conquistadas pelos japoneses, supostamente por terem vencido a guerra.

Resultados gerais

- Comprovamos que o silenciamento é um método cuja eficácia depende de múltiplos indivíduos e esferas sociais. Por um lado, os impositores do silêncio, detentores do controle subjetivo: políticos (e/ou ditador) e intelectuais (acadêmicos e jornalistas). Por outro, a obrigação da aceitação impositiva (ou as consequências, que poderiam ser a ruína econômica ou a morte) por parte dos descendentes dos grupos étnicos. Sobretudo na dissertação de mestrado (BOVO, 2019), demonstramos o silêncio que as famílias tiveram no período persecutório e o consequente desconhecimento dos descendentes. Na tese de doutorado, vimos, através de documentação escrita (com destaque à jornalística), a união do poder político e intelectual na imposição e legitimação da perseguição, instruindo a sociedade nos constructos propagandísticos de aceitação ditatorial e os meios de vigiar, controlar e denunciar as etnias.

- Demonstramos que para se pesquisar um conjunto étnico torna-se imperativo compreender o seu passado, com este delimitando as possibilidades de análise. A pesquisa que não se atentar a tais especificidades corre o risco de julgar e reduzir a cultura e a identidade dos analisados, praticando neles a violência etnocultural do não reconhecimento, silenciamento e apagamento.

Conclusões pessoais

Como não ocultei em momento algum a minha ancestralidade, majoritariamente alemã e italiana, abordarei brevemente como a pesquisa (dissertação e tese) impactou a minha compreensão pessoal e acadêmica.[64]

- A minha expectativa, devido à bibliografia do período, era a de encontrar certo nível persecutório durante as guerras mundiais, porém tal expectativa se mostrou branda ao que me deparei com a pesquisa. Apesar de conhecer as ações de nacionalização forçada e o preconceito étnico do período, não imaginava que a violência (e o seu incentivo) fosse tão intensa e despudorada como o que encontrei nas documentações.

- Sabíamos pela história interna familiar que meu avô Waldemar Fahl teve que parar os estudos no último ano do Colégio Alemão, devido ao apedrejamento. Com a pesquisa descobrimos os artigos persecutórios do jornal "O Alpha", fazendo-nos compreender a motivação de seu pedido de não colocar o sobrenome em mim, pois caso tivesse nascido em sua época, este indubitavelmente me traria problemas. Resolvia-se, então, o maior questionamento de minha vida: o motivo do meu avô, que tentava me ensinar alemão e foi sempre tão afetuoso comigo, ter feito tal pedido. Como resposta às perseguições sofridas durante as guerras, e em homenagem a meu avô, coloquei o sobrenome em 2025.

Síntese da conclusão

Apesar de uma farta produção historiográfica sobre o município de Rio Claro (SP) e suas ondas imigratórias, algumas lacunas sobre o período das guerras mundiais se evidenciavam. Argumentamos que, para a compreensão da cultura desses grupos étnicos, é fundamental e inevitável a análise desses períodos persecutórios.

Através de uma análise multifatorial, investigando e tendo por foco a complexidade do silenciamento e sua atuação política, midiática, social e étnica, foi-nos desvelado que os elementos culturais dos grupos foram incontestavelmente lesados na sua conservação, tanto a nível pessoal, familiar, grupal e social, diminuindo sua presença espacial, afetando a manutenção memorial/histórica, linguística e, sobretudo, cultural identitária. Tendo por

[64] Tal proposta foi realizada durante a defesa da tese, visando a comparação aos meus conhecimentos e expectativas prévias e, como estes foram impactados pelo processo da pesquisa.

parâmetro a complexidade e interpenetração do silenciamento, examinamos principalmente os jornais do município, os quais determinaram os indícios para estabelecermos criticamente as pormenorizadas interconexões destes com jornais nacionais (especialmente os do Estado de São Paulo), discursos políticos, memórias, entrevistas, programas radiofônicos e filmografia.

Pudemos, portanto, concluir que Rio Claro é um caso paradigmático, em que a nossa investigação, baseada na atenção aos silenciamentos etnoculturais, trouxe novas possibilidades de compreensão e complementação às lacunas históricas e memoriais (municipais e étnicas). Comprovamos, assim, os efeitos deletérios que as etnias sofreram e, consequentemente, a indispensável necessidade de abordar a complexidade e especificidade do dado etnocultural de grupos, famílias e indivíduos que possuam um passado violento, no qual sofreram perseguição culturicida, estigmatização, silenciamento e apagamentos histórico-memoriais.

C.2 Conclusão destinada aos grupos étnicos

Neste final de tese, separo um breve espaço para discutir alguns assuntos com os grupos étnicos estudados. A concepção de quem é direcionada essa parte é àqueles que se encaixem como pertencentes às etnias, ou seja, todos que tiverem alguma ancestralidade alemã, italiana ou japonesa. Pessoalmente, descendo de alemães e italianos, contudo não possuo nenhuma origem (ao menos conhecida) que me ligue ao Japão. Mesmo assim, peço permissão de falar também aos japoneses rio-clarenses, dos quais se não sou parte da etnia, me encaixo entre os seus simpatizantes, esperando ter de alguma forma colaborado com a tese e suas conclusões.

Problemas que ainda enfrentamos

A perseguição e degradação da identidade, orgulho e imagem das etnias a qual pertencemos não se trata, absolutamente, de um processo histórico já terminado ou restrito a um período específico. As profundas raízes persecutórias remontam desde o período inicial das imigrações em massa ao Brasil, nos meados do século XIX, intensificada violentamente durante as guerras mundiais, sobrevivendo e consolidando o estigma e as injúrias no pós-guerras. Alia-se a cumplicidade de intelectuais (com e sem dolo) para a negação de nossa cultura, humilhação de nosso orgulho identitário, além do memoricídio e reescrita da história para que erros do passado brasileiro sejam incrustados a todos nós.

O ato de evitarmos nossa autoafirmação, por conta da autonegação protetora incrustada ao nosso *habitus* (uma triste herança de amor e defesa dos que nos precederam), nos protegeu por enquanto. Contudo, a sanha persecutória nunca desapareceu por completo e sobrevive social, política e academicamente, nada indicando que o encobrimento do orgulho étnico cultural continuará proporcionando ao menos a tolerância daqueles elementos, os quais estão prontos a apontar e vociferar contra o "inimigo" social e negá-lo a cultura. Acreditar que a Academia e/ou Imprensa sejam diferentes é inocência, embora haja exceções, historicamente no país a *intelligentsia* forneceu munição intelectual para a legitimação social de estigmas, quando não violências, mascarada de análise da sociedade.

Também há aqueles que com altivez desprezam o nosso orgulho étnico e fazem comparações esdrúxulas, não aceitam nossa cultura e articulam frases do tipo "não passam de brasileiros, nenhum europeu os reconhece", como se não nos víssemos como pertencentes ao Brasil e, pior ainda, como se necessitássemos de qualquer aprovação dos europeus[65], primos distantes, os quais, pela história do século XX, tem mais a aprender conosco.[66] Tal procissão de ignorância, infelizmente, pode acabar contaminando alguns indivíduos dos grupos étnicos, que caem nos erros totalitários, defendendo ideologias sanguinárias e, desse modo, se degradam duas vezes, pois aceitaram a ofensa daqueles que diminuem seu orgulho étnico e, conseguiram fazer ainda pior, abrigaram o estigma como se fosse sua cultura, rejeitando a verdadeira. E assim o maquinário prossegue, piorando todas as questões aqui trabalhadas, ao aumentar o desconhecimento e o engano a respeito das etnoculturas; solidificar e ampliar os preconceitos aos grupos analisados e; o que mais nos deveria alarmar/aterrorizar, faz surgir ou fortalecer movimentos totalitários no seio de nossas culturas, pois não há muito o que fazer contra a palurdice alheia, entretanto podemos agir para que esta não se instaure entre nós.

Em defesa de uma mudança dos nossos padrões comportamentais

Nossos familiares, que viveram o período das guerras, passaram por tempos sombrios, a sua distanciação do mundo, silenciamento e apagamento, foi uma das, ou a única, opção disponível para eles, mas temos que reconhecer que tal condição não deve ser consolidada ou desejada em outros períodos (ARENDT, 2008, p. 19, 31). Através do medo, sofrimento e dor,

[65] O mesmo é válido aos japoneses, os quais não inclui devido ao parágrafo estar na primeira pessoa do singular e do plural, sendo que não pertenço a tal grupo étnico.
[66] Não se objetiva qualquer ofensa aos europeus ou asiáticos, somente e unicamente a crítica àqueles que por ignorância intencional e dolosa rejeitam a cultura de outrem, apenas estes nada tem a ensinar.

o poder e seus perseguidores visaram nos quebrar, reformular e controlar conforme o que desejavam que fôssemos (ORWELL, 2009, p. 311), com a invenção de uma história "objetiva", disfarçando a sua tendenciosidade, com "fatos" que comprovariam a nossa suposta culpa: "Facta! Sim, facta ficta!" ("Fatos! Sim, fatos fictícios") (NIETZSCHE, 2015, p. 198-199). Tais invenções, perseguições e estigmatizações, maquiadas de nacionalismo, visando o divisionismo e a difamação, não são apenas questões de um lado político (GONÇALVES, 2022, p. 43-45, 65), assim, não devemos ser inocentes ou confiantes em qualquer partido ou vertente política.

Creio que a postura devida é a de que nos reafirmemos em nosso autorreconhecimento e orgulho étnico, cultural e identitário (OLIVEIRA,2023, p.57). Através da construção de nossas próprias referências, possibilitando que nos unamos cada vez mais, e consigamos melhor criticar as estigmatizações sofridas (CERTEAU, 2012, p. 34,39). Apesar de recuperarmos elementos culturais, não devemos pensar como um regresso ao passado, mas como reconstrução no presente e futuro, deixando assim de impor certos elementos como "essenciais" (como a língua ou purismo de tradições), tendo em vista que a recuperação deles depende de fatores nem sempre alcançáveis a todos, o que tornaria a cultura em algo elitista, excludente, quando não reacionário (CERTEAU, 2012, p. 148-150, 158-159). Temos que ter a noção de que as mudanças são baseadas tanto em repetição quanto inovação, de que o passado vive em nós, limitando ou abrindo novas possibilidades de futuro (KOSELLECK, 2021, p. 72, 149). Dito isso, vejamos algumas propostas de aprofundamento das novas atitudes.

Algumas propostas sinceras ou a proposta dos 3 R's

A proposta que levantamos é a de um esforço ao ressurgimento obstinado da afirmação do orgulho identitário, a retomada de sua presença social e espacial, além do reflorescimento expressivo das manifestações culturais. Óbvia e infelizmente certos aspectos tolhidos historicamente deparam-se com dificuldades intensas para o reestabelecimento, apesar de esforço contínuo e extenuante, tais como o reaprendizado da língua ancestral, que possui diferenças significativas ao português, e/ou na recuperação memorial das lacunas impostas.

Não devemos nos importar com a declaração de indivíduos mal-intencionados objetivando nos diminuir, com ligações absurdas que possam fazer aos nossos grupos, visando revanchismo eleitoral (independente de qual lado for), compensar frustrações pessoais, criar conflitos nas ou entre as comunidades, reescrever nossa história ou, ainda pior, destruir ou

criminalizar nossas culturas e orgulho étnico. O silêncio nos fora obrigado historicamente, nossa cultura não era bem quista e vista apenas como problema a ser eliminado, o orgulho diminuído à troça ou criminalizado, o emudecimento chegou ao ponto de termos um conhecimento memorialístico esparso e omisso das violências que sofremos.

Um problema que temos que buscar intensamente eliminar é o sentimento de retaliação a ofensas, pois estes tenderão apenas a intensificar os problemas e desrespeitos, recriando ou revivendo conflitos e exclusões. Assim como é fundamental não deixarmos que eventuais conflitos empurrem qualquer indivíduo, principalmente os mais jovens, a cair em erros totalitários, preconceituosos e excludentes. Reconhecer que, mesmo que tenhamos sido perseguidos, não há grupo de tipo algum na história que tenha sido incólume a equívocos, incluso os nossos. Compreender que há sim indivíduos que realizaram e realizam ataques por serem mal-intencionados, porém que muitos o fazem por ignorância ou concepção errada que foi imposta socialmente, vendo-nos como monstros imorais que devem ser combatidos.

Portanto, poderíamos pensar o nosso futuro, caso concordem, no aprofundamento e incentivo a 3 processos que já estão a ocorrer no município:

I) **Restauração** – Recuperação individual, familiar e coletiva de nossos componentes culturais, de nossa presença social e espacial, da memória que foi abafada. Muitas possibilidades se incluem nisso, conforme o interesse, capacidade e as oportunidades da pessoa e/ou do grupo. Gradualmente recuperar a língua que nos foi extirpada e auxiliar aqueles com dificuldade em readquiri-la; recuperar nossa memória a nível familiar e comunitário; readquirir o sobrenome se este foi omitido ou modificado; conquistar espaços e solidificar nossas histórias e orgulho étnico academicamente. Realizar reuniões para o estreitamento de laços; promover eventos e festas típicas para restabelecer e propagar nossa cultura no município. Continuar a criar leis que incentivem projetos ligados à nossa presença e identidade; buscar meios de impedir novas criminalizações de nossa cultura. Tais medidas apresentadas são apenas uma pequena parcela das vias restaurativas que podemos continuar.

II) **Ressurgimento** – Rejeitarmos delimitações externas, as quais desconhecem a história específica de nossos grupos e comunidades. Basear-nos na origem familiar como elemento definidor de pertencimento, desconsiderando elementos raciais, genéticos ou fenotípicos. Corretamente reconhecer que todo mestiço, independentemente de quais povos forem, é integralmente parte de cada etnia que o

compõe, assim eliminando o erro da imposição endogâmica para classificação de nossa comunidade. Não menos importante, o contentamento e incentivo à presença de "simpatizantes", ou seja, todos que possuam interesse em nossa cultura e queiram socializar conosco, aceitando-os e incentivando a participação, mesmo que não possuam ancestralidade alguma de nossos grupos.[67]

III) **Reflexão** – Através do entendimento e da educação nos manter distantes e, mais importante, sem conflitos com os nossos detratores. Abordar tais questões com as novas gerações, as quais podem, por inconformidade ao se sentirem ultrajados, querer adentrar a movimentos totalitários ou suas renovações, o que não devemos deixar acontecer. Portanto, buscar modos de demonstrarmos nosso orgulho identitário, fazê-lo presente e visível socialmente, mas sem levar em consideração as ofensas ou ameaças decorrentes, tampouco permitir que essas levem membros a tomar decisões de ódio e preconceito, sejam elas quais forem.

Espero que tais proposições não tenha, de forma alguma, ofendido aos grupos abordados, ou que tenha soado arrogante ou prepotente. Não me vejo na posição de instruir – tampouco realizar ordens a – tais comunidades, apenas estou encorajando atitudes e construções que me parecem sensatas e lógicas, sempre reconhecendo que tenho mais a aprender do que a contribuir. Desse modo, aproveito e já peço desculpa a todos aqueles que se sentiram afrontados ou lesionados pela pesquisa, sendo que minha intenção foi outra: a de contribuir de alguma forma a todos os descendentes de alemães, italianos e japoneses de Rio Claro e, quiçá, de outros municípios. Também afirmo que estou aberto a dúvidas e questionamentos, tentando auxiliar aqueles que me contatarem ou, se não for capaz de ajudar, indicar pessoas que assim o possam.

[67] Quanto a isso, sinto-me no dever de agradecer profusamente o carinho e recepção que a comunidade japonesa teve para comigo, com minhas dúvidas e pesquisa. Já me considerava um "simpatizante" da cultura e, com toda a atenção que me foi dada, desejo aprofundar cada vez mais tais laços de amizade e companheirismo.

Referências

ABREU, Daniela Cristina Lopes de. **As Estratégias de Escolarização Primária na Cidade de Rio Claro – São Paulo (1889-1920)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poletti. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2004

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008

AKAMINE, Fabio. **Agijabiyo**: do punk rock ao minyo: resgatando histórias da família. 1 ed. São Paulo: Ed. do Autor, 2022.

ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo**. A comunidade alemã sob vigilância do DEOPS. São Paulo: Humanitas/PROIN/Fapesp, 2006

ANDRADE, Liliane Costa. Hollywood e o Antinazismo norte-americano: a indústria cinematográfica no combate ao regime nazista. **Boletim Historiar**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/11746. Acesso em: 5 jul. 2025.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das idéias**: intelectuais e a polícia política (1930-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006.

ANGELERI, Paolo. Imigração Italiana. In: **A História da imigração no Brasil**: as famílias. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1986.

ARAI, Jhony; HIRASAKI, César. **Arigatô**: a emocionante história dos imigrantes japoneses no Brasil. São Paulo: Editora JBC, 2008.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

ARNOLD, Vanilda Meister. **A tua língua te condena**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BARBOSA, Rui. **A Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

BARBOSA, Rui. **Embaixada a Buenos Aires**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

BARONE, João. **1942**: o Brasil e sua guerra quase desconhecida. 2ª ed. Rio de Janeiro: HarpenCollins, 2018.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações. In: BARROS, José D'Assunção; NÓVOA, Jorge. **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008

BARROS, José D'Assunção; NÓVOA, Jorge. **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Revista Antropolítica**, Niteroi, n. 19, p.15-30, 2005.

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Colonos do café**. São Paulo: Contexto, 2019.

BASSANEZI, Mariz Silvia Beozzo; et al. **Repertório de legislação brasileira e paulista referente à imigração**. São Paulo: Editora UNESP, 2008

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; et al. **Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Editora UNESP, 2008

BAUDRILLARD, Jean. **As estratégias fatais**. Tradução de Ana Maria Scherer. - Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **De um fragmento ao outro**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relogio d'Agua, 1991

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barrento. 2 ed. 6 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault**. Tradução Marcos Macionilo. São Paulo, SP: Parábola, 2013

BETHELL, Leslie. Brasil. In: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996

BILAC, Maria Beatriz Bianchini. **As elites políticas de Rio Claro**: recrutamento e trajetória. Piracicaba/Campinas: Editora Unimep/Editora da Unicamp, Centro de Memória da Unicamp, 2001.

BLOCH, March. **Apologia da História** ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLOCH, Marc. **História e Historiadores**. Lisboa: Editorial Teorema, 1998

BONDANELLA, Peter. **The Eternal City**: Roman images in the modern world, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Microcosmos**: Teoria dos Campos. Tradução Sergio Miceli Pessoa de Barro, Clóvis Marques. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025

BOVO, André Luiz. **Uma época de restrições e impedimentos**: Alemães e descendentes em Rio Claro - SP na 1ª metade do século XX (1914-1945). Dissertação (mestrado). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2019.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. Tradução Cid Knipel. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2020.

BRASIL. Annaes do Parlamento Brazileiro, Tomo de apêndice, Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1857. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35064 Acesso em: 20 dez. 2023

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na Época de Filipe II** - Vol. I. Tradução Ministério da Cultura Francês. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983

BRITSKI, Heraldo A. **A FAMÍLIA BRITSCHGI DE RIO CLARO**: Ensaio histórico, passagens sobre membros da família e questões a esclarecer. São Paulo, 2012

BRUCKNER, Pascal. **A tirania da penitência**: ensaio sobre o masoquismo ocidental. Tradução Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **Geografia**. Rio Claro, v. 33, n.2, 2008.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Na Boca do Sertão**: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945). Prefácio de Elizabeth Cancelli. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

CABANEL, Patrick. Jules Michelet. In: SALES, Véronique (org.). **Os historiadores**. Tradução de Christiane Gradvohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CALIMAN, Auro Augusto (Coord.). **Legislativo Paulista: parlamentares, 1835-2011**. 4. ed. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2011

CALLADO, Antonio. **Roteiros de radioteatro durante e depois da Segunda Grande Guerra (1943-1947)**. Daniel Mandur Thomaz (organização e introdução crítica). 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; et al. Arte cultura em Rio Claro. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (org.). **Acirc, 90 anos de história**: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARELLI, Mario. **Carcamanos e comendadores**: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930). Tradução de Lygia Maria Pondé Vassalo. São Paulo: Ática, 1985

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O veneno da serpente**. São Paulo: Perspectiva, 2003

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961. tradução de Lúcia Maurício de Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 108, 2010.

CASTRO, Eduardo Góes de. **Os "Quebra-santos"**: anticlericalismo e repressão pelo DEOPS/SP. São Paulto: Humanitas, 2007.

CASTRO, Jeanne Berrance de; WEHMUTH, Suzana Barthmann. Livros de registro da mortalidade de estrangeiros: cemitério evangélico de Rio Claro (SP) (1866-1967). In: **A cidade e a História - Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. São Paulo: FFLCH-USP, 1974

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERVO, Amado Luiz. Hegemonia coletiva e equilíbrio: a construção do mundo liberal (1815-1871). In: SARAIVA, José Flavio Sombra (org.). **Relações internacionais**: dois séculos de história. Entre a preponderância européia e a emergência americano-soviética (1815 - 1947). Brasília: FUNAG, 2001

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CINTRA, Marcelo. **A imprensa imigrante**: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo. São Paulo: Memorial do Imigrante: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010

CLARO, Livia. Pensando a guerra e a nação: a Liga Brasileira pelos Aliados e suas ideias sobre o Brasil no contexto da Primeira Guerra Mundial (1915-1919). **Revista História: Debates e Tendências**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 292–305, 2014. Disponível em: https://ojs.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4573. Acesso em: 20 abr. 2021.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações Étnicas de Italianos**: identidade e globalização. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004

CONFINO, Alon. **Um mundo sem Judeus**: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista. Tradução Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2016.

CONTREIRAS, Hélio. **Histórias Secretas do Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

COSTA, Virginia (Coord.). **História da imigração no Brasil: As famílias**. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1990

CRÔNICA dos Prefeitos de Rio Claro: 1908-1983. Rio Claro, Arquivo. Publico e Histórico do Município de Rio Claro, 1983.

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. **Rev. Bras. Hist**., São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

DABASHI, Hamid. **Post-Orientalism**: Knowledge and Power in Time of Terror. New Brunswick and London: Transaction, 2009

DARGIE, Richard; FLANDERS, Julian. **A fuga dos nazistas da justiça**: como os seguidores de Hitler tentaram desaparecer sem deixar rastros. Tradução de Fabiano Flaminio. 1 ed. Cotia, SP: Pé da Letra, 2022.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial**: a longa travessia. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941

DE LUCA, Tania Regina. QUESTÃO DE HONRA: A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DA COMPANHIA PAULISTA, 1906. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 69–92, 1986. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/36134. Acesso em: 27 abr. 2026.

DEAN, W. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DEZEM, Rogério. **Inventário Deops**: módulo III, japoneses: Shindô Renmei: terrorismo e repressão. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

DEZEM, Rogério. **Matizes do "amarelo"**: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas**: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. **Inventário Deops**: Alemanha, módulo I. Ana Maria Dietrich, Eliane Bisan Alves, Priscila Ferreira Perazzo e Maria Luiza Tucci Carneiro (org.). Prefácio de Dieter Strauss. Introdução de Nilo Odalia. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997

DIKÖTTER, Frank. **Como ser um ditador**: o culto à personalidade no século XX. Tradução Paula Diniz. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade.** São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984

DURANT, Will; DURANT, Ariel. **12 lições da história**. Tradução Mario Bresighello. 1ªed. Barueri: Faro Editorial, 2018

ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros escritos ocasionais**. Tradução Eliana Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

EISENBERG, Peter. **Homens esquecidos**: escravos e trabalhadores livres no brasil – sec XVIII e XIX. Campinas: Editora da Unicamp 1989

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Organização de M. Schroeter. Tradução de A. Cabral. Revisão técnica de A. Daher. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

ERBAGGIO, Pierluigi. **Editing Mussolini**: Il Duce's American Biographies on Paper and on Screen, 1922-1936. Tese de doutorado. Michigan: University of Michigan, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/38181139/Editing_Mussolini_Il_Duces_American_Biographies_on_Paper_and_on_Screen_1922_1936 Acesso em: 05 jul. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: FAPESP, 1991

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios**: Histórias da imigração. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FERNANDES, Leonardo Nunes Pereira. **Perigo Alemão ou Germanofobia? Os Alemães em São Paulo entre 1889 e 1918**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

FERREIRA, Christiano Eduardo. **O caso Longaretti**: crime, cotidiano e imigração no interior paulista. Dissertação (mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. Tradução Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. Tradução Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FLORINDO, Marcos Tarcísio. **O serviço reservado da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo na era Vargas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006

FLUDERNIK, Monika. **An introduction to narratology**. Tradução do alemão de Patricia Häusler-Greenfield and Monika Fludernik. Nova York: Routledge, 2009

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20 edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999

FOUQUET, Carlos. **O Imigrante Alemão e seus Descentes no Brasil, 1808-1824-1974.** São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação 25 de julho, 1974.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da Romanização. **Revista Heródoto**, v. 3, n. 2, Unifesp/Guarulhos, dez. 2018, p. 246-255.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história**: como os historiadores mapeiam o passado. Tradução de Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. **150 Anos da Câmara Municipal de Rio Claro**. Rio Claro: Câmara Municial; Arquivo Público Histórico do Município de Rio Claro "Oscar de Arruda Penteado", 1996

GEARY, Dick. **Hitler e o nazismo**. Tradução de Alexandre Kappaun. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: **O fio e os rastros** – verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição: São Paulo, Companhia das letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, força. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Versão digital, 2004. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf> Acesso em: 30 mar. 2018

GONÇALVES, Jonuel. **As imposturas identitárias**: África e reflexo Brasil. São Paulo: Garamond, 2022.

GOUVÊA, Flávia Mengardo. **Os Imigrantes Alemães em Rio Claro**: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX. Dissetação (Mestrado). São Paulo: UNESP, 2011

GUEDES, Roberto. De ex-escravo à elite escravista: a trajetória de ascensão social do pardo alferes Joaquim Barbosa Neves (Porto Feliz, São Paulo, Século XIX). In: FRAGOSO João; ALMEIDA, Carla; SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá. (orgs.) **Conquistadores e negociantes**: história de elites no Antigo Regime nos trópicos, América Lusa, séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.337-376

HAACH, Lúcia Tiemi Kobayaski. **"Com Deus Inicio meu Trabalho" ('Mitt Gott fang ich die Arbeit an') Imigrantes de Origem Cultural Germânica e Seus Descendentes – Rio Claro-SP.** Dissertação de Mestrado, UNESP/CAr, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017

HEFLINGER Jr., José Eduardo. **A Revolta dos Parceiros na Ibicaba (The Rebellion of the Sharecroppers in Ibicaba) - Portugiesisch/Englisch.** Limeira: Unigráfica, 2009.

HOBSBAWM. Eric J. **A era do Capital**: 1848/1875. 5 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER (org.), Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Prefácio do Tradutor. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941

HÖRMEYER, Joseph. **O que Jorge conta sôbre o Brasil**. Tradução de Bertholdo Klinger. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1966

HUNSCHE, Carlos Henrique. Imigração alemã no Brasil. In: **A História da imigração no Brasil**: as famílias. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1986.

JASPERS, Karl. **A questão da culpa**: a Alemanha e o Nazismo. Tradução: Claudia Dornbusch. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2018.

JORDÃO, Fernando. **Dossiê Herzog**: prisão, tortura e morte no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora ltda., 1979

JUNG, Carl. **Aspectos do drama contemporâneo**. Tradução Márcia Lucia Pinho. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

KELLER, Johannes. **Bericht über die gegenwärtige Lage der Landschulen im Innern des Staates São Paulo**. São Paulo: Hennies Irmãos, 1919

KIERNAN, Victor. **The Duel in European History**. 1st ed. Londes: Bloomsbury Publishing, 2016

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Prefácio professor Celso Lafer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

KOSELLECK, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo**. Organizado por Hans Ulrich Gumbrecht e Thamara de Oliveira Rodrigues. Traduzido por Luiz Costa Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2021

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

KRIPKE, S. "Vacuous Names and Fictional Entities". In: **Philosophical Troubles**. Collected Papers, Volume 1. Oxford: Oxford University Press, 2011, p.52-73.

KRÜGER, Eldo; KAPPEL, Mauri; BEIG, Darvin; **125 anos de história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro - Estado de São Paulo (1883-2008).** Rio Claro: Divisa, 2008.

LAUDAN, Larry. A confutation of convergent realism. **Philosophy of Science**, v. 48, n. 1, p. 19-49, 1981

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Breve biografia e alguns conceitos. Revista Magistro - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO.** Rio de Janeiro vol. 1, Num.1, pp. 43-63, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1240> Acesso em: 15 set. 2018

LEME, Marisa Saenz. Bairros proletários paulistanos no início do século XX: moradia, lazer e educação. **Estudos de História**. Franca, v. 9, n. 1, p. 101-129, 2002.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Tradução Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001

LOCHERY, Neill. **Brasil**: os frutos da guerra. Tradução Lourdes Sette. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015

LÖWY, M. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 25-26, p. 20–28, 2011. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18578. Acesso em: 12 fev. 2023.

LUEBKE, Frederick C. **Germans in Brazil**: a comparative history of cultural conflict during World War I. 1987. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1176&context=historyfacpub> Acesso em: 17 mai. 2019

MACHADO, Hélia Maria de Fátima Gimenez. A Construção da História da Associação Vinculada ao Desenvolvimento de Rio Claro. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (org.). **Acirc, 90 anos de história**: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Tradução de Andrei Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina,2010

MAGALHÃES, Fernanda Torres. **O suspeito através das lentes**: o DEOPS e a imagem da subversão (1930-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

MALAMUD, Margaret. **African americans and the classics**: antiquity, abolition and activism. London: I. B. Tauris, 2019.

MALAMUD, Margaret. **Ancient Rome and modern America**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

MAMDANI, Mahmood. **Neither Settler nor Native**. Harvard University Press, 2020

MARANHÃO, Ricardo (coord.). **Um Retrato no Jornal** – A História de São Paulo na Imprensa Oficial (1891-1994). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994

MARIANTE, João Gomes. **Getúlio Vargas**: o lado oculto do Presidente. Porto Alegre: Sfera, 2016

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006

MATOS, Maria Izilda Santos de. Nem cá nem lá: cotidiano, cultura e trabalho. Imigrantes portugueses São Paulo. **Estudos de História**, Franca, v. 12, n. 1, p. 173-190, 2005

MCLUHAN, Marshall. **O meio são as massagens**. São Paulo: Record, 1969

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.

MINERVINI, Amanda. Mussolini Speaks: History Reviewed. **The Massachusetts Review**, vol. 60 no. 1, 2019, p. 194-204. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1353/mar.2019.0031. Acesso em: 05 jul. 2025.

MIWA, Marcela Jussara. **Narciso no império dos crisântemos**: interpretando o movimento Shindo Renmei. São Paulo: Annablume, 2010

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005

MORAES, Marieta de (org.). **História Oral** e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3ªed. Porto Alegre: Sulina, 2005

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**: 1933-1974 pontos de partida para uma revisão histórica. 4 ed. 2. impressão. São Paulo: Ática, 1980

MOTA, Isadora Moura. Cruzando caminhos em Ibicaba: escravizados, imigrantes suíços e abolicionismo durante a Revolta dos Parceiros (São Paulo, 1856-1857). **Afro-Ásia**, Salvador, n. 63, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/42159. Acesso em: 18 dez. 2023.

MUSSOLINI, Benito. **Opera Omnia Di Benito Mussolini XXV**: Dal Dodicesimo Anniversario Della Fondazione Dei Fasci Al Patto A Quattro. Editado por Edoardo e Duilio Susmel. Vol 25. Firenze: La Fenice, 1958. Disponível em: https://archive.org/details/opera-omnia-dal-dodicesimo-anniversario-della-fondazione-benito-mussolini-a-cura Acesso em: 07 jul. 2025.

MUYLAERT, Roberto. **1943 Roosevelt e Vargas em Natal**. 1ª ed. São Paulo: Bússola Produções Culturais e Editora Ltda., 2012

NADALIN, Sérgio Odilon; FABRIS, Pamela. A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/5130. Acesso em: 24 abr. 2026.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. **Selvagens e incendiários**: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005,

NEVES, David. Diário da Província. In: **Filme Cultura**. Ed. 35-36. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1980. Disponível em: http://www.bcc.org.br/textos/225393 Acesso em: 28 out. 2025

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre história**. Tradução Noéli Correia de Melo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

NOBRE, Sônia Ap. dos Santos. **Colégio Koelle**: um marco na história da educação em Rio Claro (1883-1933). Monografia para Licenciatura em Pedagogia. Rio Claro: UNESP, 1998

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação Cinema – História. In: BARROS, José D'Assunção; NÓVOA, Jorge. **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008

OLIVEIRA, André Côrtes de. **Quem é a "Gente Negra Nacional"?** Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937). Dissertação (mestrado). Campinas: UNICAMP, 2006

OLIVEIRA, Larissa Carnecine de; FÁVARI, Lourenço Aparecido. **8 décadas de Jornal Cidade de Rio Claro**: patrimônio cultural. Rio Claro – SP: ACIRC, 2017

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo**: ideologia poder. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a primeira guerra mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos CERU**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 2, p. 175–202, 2012. Disponível em: https://revistas.usp.br/ceru/article/view/56989. Acesso em: 23 abr. 2026.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. Posfácios Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORWELL, George. **O que é fascismo?**: e otros ensaios. Tradução Paulo Geiger. Organização e prefácio Sérgio Augusto. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PEDROSO, Regina Célia. **Estado autoritário e ideologia policial**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005.

PENTEADO, Oscar de Arruda. **Miscelânea**. Piracicaba: Skekinah, 1984

PENTEADO, Oscar de Arruda; et al. **Rio Claro**: Sesquicentenária. Rio Claro: Museu histórico e pedagógico "Amador Bueno da Veiga" Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da Guerra**: os súditos do eixo" nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2009.

PEREIRA, Aloysio. **Coisas da nossa história**. Rio Claro: Arquivo do Município de Rio Claro, 1985.

PEREIRA, Flávia Alessandra de Souza. **Organizações e espaços da raça no oeste paulista**: movimento negro e poder local em Rio Claro (dos anos 1930 aos anos 1960). Tese (doutorado). São Carlos: UFSCar, 2009

PEREIRA, Letícia Magalhães. Da Geração Perdida à Grandiosa: Análise do Discurso de Narrativas Cinematográficas. In: **IV CONEC** - Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais. Poços de caldas, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/45541248/DA_GERAÇÃO_PERDIDA_À_GRANDIOSA_Análise_do_Discurso_de_Narrativas_Cinematográficas_FROM_THE_LOST_GENERATION_TO_THE_GREATEST_GENERATION_Discourse_Analysis_in_Film_Narratives Acesso em: 05 jul. 2025.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

PETRY, Leopoldo. **Episódio do Ferrabraz** - Os muckers. São Leopoldo: Rotermund, 1957.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1995

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução de Maurício Santana Dias. Posfácio de Alfredo Bosi. Entrevista com o autor por Sérgio Buarque de Holanda. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

POBLET, Maria Del Mar Ferrer Jordá. **A Dimensão Espaço-Temporal em Fernand Braudel**: Aportes Teóricos para a Geografia. Belo Horizonte, UFMG, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

PRADO JR., Caio. **Evolução Política no Brasil** e outros Ensaios. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963

PRINS, Gwyn. A história oral In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 2001

QUADRADO, Felipe de Faria. **A vigilância sem farda**: a espionagem interna na ditadura civil militar através do DEOPS. Dissertação (Mestrado). Franca: UNESP, 2014

RABINOVITCH, Gérard. **Schoá**: sepultos nas nuvens. Tradução Fany Kon e J, Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004

REIS, Eliana de Jesus. **O parlamento paulista e a questão educacional**: uma análise dos discursos de Chiquinha rodrigues (1935-1937). Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Vitória. **"Contra aquelles que tudo nos querem arrancar"**: Nereu Rangel Pestana, O Combate e a Liga dos Inquilinos (1920). Dissertação (mestrado). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2024.

RIO BRANCO, Barão do. **Obras do Barão do Rio Branco X**: artigos de imprensa. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012

ROSE, R. S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil – 1930-1954. Tradução de Ana de Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

SANTOS, Fábio Alexandre dos. Rio Claro e a greve dos trabalhadores da Cia. Paulista de Estradas de Ferro em 1906. **América Latina en la Historia Económica. Revista de Investigación,** núm. 25, enero-junio, 2006, n.25, pp.95-117. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2791/279122690004.pdf Acesso em: 15 mar. 2026.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. **Rio Claro:** uma cidade em transformação (1850-1906). São Paulo: Annablume, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. Reimpr., São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/10SANTOSMiltonANaturezaDoEspaoPARTE12/page/n1> Acesso em: 19 abr. 2019

SANTOS, Viviane Teresinha dos. **Inventário Deops: módulo v — Italianos**. Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001.

SANTOS, Viviane Teresinha dos. **Italianos sob a mira da polícia política**: vigilância e repressão no Estado de São Paulo (1924-1945). São Paulo: Humanitas, 2008.

SCARANO, Júlia Maria Leonor. "Considerações Preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do Segundo Conflito Mundial." In: **Colonização e Migração – Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. São Paulo, 1969

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993

SELDES, Gilbert. REVOLUÇÃO NAS COMUNICAÇÕES. In: CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Marshall (org.). **Revolução na Comunicação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SEN, Amartya. **Identidade e violência**: a ilusão do destino. Tradução José Antonio Arantes. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2015.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos. **Travessia**, São Paulo, v. 51, p. 5-15, 2005

SEYFERTH, Giralda. Os imigrandes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999

SILVA, Emiliana Andréo da. **O Despertar do campo**: lutas camponesas no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003

SILVA, Hélio. **Entre paz e guerra 1915-1919**. São Paulo: Editora Três, 1975.

SILVA, Hélio. **O Estado Novo 1937-1938**: História da República Brasileira. edições ISTOÉ. ed. São Paulo: Editora Três, 1998

SILVA, Ligia Osorio. Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850. 21d. Campinas: Editora da unicamp, 2008.

SILVA, Priscila Ludovico. O conceito de habitus em elias e Bourdieu. **Mosaico Social** – Revista do Curso de Graduação em Ciências Sociais/ Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Universitária, v. 2, n. 2, 2004.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **IMAGONAUTAS: Revista Interdisciplinaria Sobre Imaginarios Sociales**. , v. 2, p. 92-113, 2011.

SLOTERDJIK, Peter; HEINRICHS, Hans-Jürgen. **O Sol e a Morte** – Investigações Dialógicas. Lisboa: Relógio D'Água, 2001

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Imigração Japonesa. In: **A História da imigração no Brasil**: as famílias. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1986.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

SOUZA, Silvio de. **Saburo Akamine**: um okinawano em Rio Claro. Iconografia José Sebastião Maria de Souza. São Paulo: Editora & Grafica Raiz, 2001

STAHLBERG, Altino. **Imigrantes Alemães e Suíços em Limeira**. Limeira: Unigráfica Indústria Gráfica, 1999.

SWIFT, Jonathan. **Contributions To "the Examiner"**. 1711. Disponível em: https://archive.org/details/swifts-contributions-to-the-examiner-1711/ acesso em: 13 dez. 2023.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **O perigo amarelo**: imagens do mito, realidade do preconceito. São Paulo: Humanitas, 2008.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. Diário da Província: A dimensão do presente. In: **Filme Cultura**. Ed. 35-36. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1980. Disponível em: http://www.bcc.org.br/textos/225392 Acesso em: 28 out. 2025.

THOMAZ, Daniel Mandur. Introdução. In: CALLADO, Antonio. **Roteiros de radioteatro durante e depois da Segunda Grande Guerra (1943-1947)**. Organização e introdução de Daniel Mandur Thomaz. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TOYNBEE, Arnold Joseph. **Estudos de história contemporânea**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

TRABANT, Jürgen. **A linguagem, objeto do conhecimento**: breve trajeto pela história das ideias linguísticas. Tradução e apresentação: Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Marcio Alexandre Cruz. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

TRESPACH, Rodrigo. **1824**: como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da Igreja protestante e de um plano para assinar D. Pedro I. São Paulo: LeYa, 2019.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016

TRIMER, Roger. **Lições de vida:** histórias do Koelle. São Carlos: Riani Costa, 1994.

TSCHUDI, Johann Jakob Von. **Viagem à Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Livraria Martins, 1954.

TURNBULL, Stephen. **Enciclopédia dos samurais**. São Paulo: Editora JBC, 2006

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006.

URWAND, Bem. **O pacto entre Hollywood e o nazismo**: como o cinema americano colaborou com a Alemanha de Hitler. São Paulo: LeYa, 2019.

VARGAS, Getúlio. **Getúlio Vargas**. organização Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

VARNER, Eric R. **Mutilation and transformation**: Damnatio Memoriae and Roman Imperial Portraiture. Leiden; Boston: Brill, 2004

VARUSSA, Éder Rodrigo. **Os imigrantes alemães no bairro rural de Ferraz**: terra, identidade, memórias e patrimônio cultural. Dissertação (Mestrado). Rio Claro: UNESP, 2017

VEILLON, Olivier-René. **O cinema americano dos anos trinta**. Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992

VEYNE, Paul. **Foucault o pensamento a pessoa**. Lisboa: Pilares, 2009

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**: logística da percepção. Tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005

WIAZOVSKI, Taciana. **Bolchevismo e judaísmo**: a comunidade judaica sob o olhar do Deops. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2. ed. il., rev. e ampl. São Paulo: Ed. Nacional, 1980

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é de Todos** (Culture is Ordinary). Trad. Maria Elisa Cevasco. Departamento de Letras, USP, 1958

WILSON, Robert Anton. **Ascensão de prometeu**. Tradução de Camila Zanon. 2ªed. São Paulo: Madras, 2013

WITTER, José Sebastião. **A Revolta dos Parceiros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

WITTER, José Sebastião. **Ibicaba, uma experiência pioneira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

ZUCCOLOTTO, Eder Carlos. **Homens de negócio e poder local no oeste paulista**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Araraquara: UNESP, 2018

Entrevistas realizadas

No Mestrado:

ALMEIDA, Hannelore Graetz Nogueira de. 23/02/2019

ARNOLD, Adriano dos Santos. 09/01/2019

BAUMGARTNER, Marco Antonio. 15/01/2019

BÜLL, Odair. 26/08/2018

FAHL, Laerte. 31/01/2019

HEBLING, Joel. 23/01/2019

IOST, Rene Paulo. 25/08/2018

ISLER, Samuel Bartolomeu. 08/12/2018

KOELLE, Teodoro Paulo. 09/11/2018

KRÜGER, Eldo. 30/01/2019

LUCKE, Maria Elisa. 07/12/2018

MARCHEZIN, Dirce Júlia Tscherne. 24/07/2018

PALOTA, Lizelote Augusta Eichenberg. 01/02/2019

SCHNEIDER, Milton. 09/07/2018

Schneider, Yvone HABERMANN. 09/07/2018

SOUZA, Edvaldo Miguel de. 20/07/2018

Souza, Eleri Aparecida WITZEL de. 20/07/2018

VERNA, Ondina Fahl. 21/01/2019

WENZEL, Pedro. 29/01/2019

No doutorado:

AKAMINE, Dirce. 18/06/2025

BRESSANI, Luiz Paulo. 26/07/2025

ISLER, Evaldo. 01/08/2025

PESCE, Giuseppa Donato. 04/08/2025

YABUKI, Carlos. 29/03/2025

Filmografia

ALÔ, Amigos!. Direção de Bill Roberts, Hamilton Luske, Jack Kinney, Norman Ferguson, Wilfred Jackson. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1942.

CONFISSÕES de um Espião Nazista. Direção: Anatole Litvak. Produção: Warner Bros. Estados Unidos: Warner Bros, 1939

CONFESSIONS of a Nazi Spy. Direção: Anatole Litvak. Produção: Warner Bros. Estados Unidos: Warner Bros, 1939

DIÁRIO da Província. Direção e produção: Roberto Palmari. Brasil, 1978.

DIVE Bomber. Direção: Michael Curtiz. Produção: Warner Bros. Estados Unidos: Warner Bros, 1941

FIRST Yank Into Tokyo. Direção: Gordon Douglas. Produção: RKO Radio Pictures. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1945

FREEDOM Radio. Direção de Antônio Asquith. Estados unidos: Columbia Pictures, 1941.

INVASÃO de Bárbaros. Direção de Michael Powell. Inglaterra: General Film Distributors Ltd., 1941

O Grande Ditador. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin Productions. Estados Unidos: United Artists, 1940

O Segredo das Asas. Direção de Humberto Mauro. Brasil: Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1945

OS Filhos de Hitler. Direção de Edward Dmytryk. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1943.

Q Planes. Direção: Tim Whelan; Arthur B. Woods. Produção: Harefield Productions; Irving Asher Productions. Reino Unido: Columbia Pictures, 1939

SABOTADOR. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Frank Lloyd Productions; Universal Pictures. Estados Unidos: Universal Pictures, 1942

TARGET for To-night. Direção: Harry Watt. Produção: Crown Film Unit; Ministry of Information. Reino Unido: Warner Bros, 1941

VICTORY Through Air Power. Direção: James Algar; Clyde Geronimi; Jack Kinney; H.C. Potter. Produção: Walt Disney Productions. Estados Unidos: United Artists, 1943

WAKE Island. Direção: John Farrow. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1942

Gravações radiofônicas (Obtidas pelo site do Arquivo Nacional do Brasil)

A Marcha do Tempo: a Conferência do Rio de Janeiro (1942). 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-conferência-do-rio-de-janeiro-1942/ Acesso em: 27 jun. 2022

A marcha do tempo: a Cruz Vermelha. 25 mar. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/marcha-dos-tempos-a-cruz-vermelha/ Acesso em: 27 jun. 2022

A Marcha do Tempo: A escola de submarinos. Set. 1942. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-escola-de-submarinos/ Acesso em: 27 jun. 2022.

A Marcha do Tempo: a história do voo a Tóquio. Mai. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-o-voo-a-tóquio/ Acesso em: 27 jun. 2022

A marcha do tempo: a Inglaterra é um navio. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-a-inglaterra-é-um-navio/ Acesso em: 27 jun. 2022

A marcha do tempo: encruzilhada no deserto. 22 abr. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-encruzilhada-no-deserto/ Acesso em: 27 jun. 2022

A Marcha do Tempo: o julgamento final. Abr. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-o-julgamento-final/ Acesso em: 27 jun. 2022

A Marcha do Tempo: os engenheiros. s/d. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/a-marcha-do-tempo-os-engenheiros/ Acesso em: 27 jun. 2022

Discurso de Getúlio Vargas nos 10 anos da Revolução de 1930. Out. 1940. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/discurso-de-getúlio-vargas-nos-10-anos-da-revolução-de-1930/ Acesso em: 27 jun. 2022

Discurso do presidente da República Getúlio Vargas na instalação do Estado Novo. 10 nov. 1937. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/discurso-do-presidente-da-república-getúlio-vargas-na-instalação-do-estado-novo/ Acesso em: 27 jun. 2022

Espírito da Vitória #2. 2 dez. 1942. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/espírito-da-vitória-2/ Acesso em: 27 jun. 2022

Espírito de Vitória: a resistência holandesa contra os nazistas. 20 jan. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/espírito-de-vitória-a-resistência-iugoslava/ Acesso em: 27 jun. 2022

Noticiário especial sobre o "Dia D", na Segunda Guerra Mundial. 6 jun. 1944. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/noticiário-especial-sobre-o-dia-d-na-segunda-guerra-mundial/ Acesso em: 27 jun. 2022

Noticiário sobre o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. 8 mai. 1945. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/fim-da-segunda-guerra-mundial/ Acesso em: 27 jun. 2022

Notícias da Segunda Guerra Mundial. 1944. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/notícias-da-segunda-guerra-mundial/ Acesso em: 27 jun. 2022

Programa Espírito de Vitória #1.[68] s/d. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/programa-espírito-de-vitória-seleção-1/ Acesso em: 27 jun. 2022

Radioteatro das Américas: amanhecer. 20 mar. 1943. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/radioteatro-das-américas-amanhecer/ Acesso em: 27 jun. 2022

Radioteatro das Américas: O Brasil em guerra. Ago. 1944. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/radioteatro-das-américas-o-brasil-em-guerra/ Acesso em: 27 jun. 2022

Só Pena que Voa: FEB na Itália. Jun. 1945. Disponível em: https://www.mixcloud.com/ArquivoNacionalBrasil/só-pena-que-voa-feb-na-itália/ Acesso em: 27 jun. 2022

[68] Esse é um compilado, sendo apresentados:
1) Programa nº 04: Domínio nazista na Dinamarca - BR_RJANRIO_EH_0_DSO_DIS_46;
2) Programa nº 10: Domínio nazista na Grécia- BR_RJANRIO_EH_0_DSO_DIS_53;
3) Programa nº 13: Domínio nazista na Polônia - BR_RJANRIO_EH_0_DSO_DIS_56

Apêndices

Apêndice A

Carta Convite

Meu nome é André Luiz Bovo, sou doutorando da Pós-Graduação de Geografia da UNESP de Rio Claro e venho por via deste documento convidá-lo a participar da minha pesquisa de doutorado, a qual está sob orientação da Prof.ª Dr.ª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

A sua participação é muito importante, por isso gostaria de realizar uma entrevista que será gravada da forma que desejar (com vídeo ou somente áudio, mas peço que pense carinhosamente na primeira opção). Em anexo coloco algumas perguntas para ajudá-lo(a) a se lembrar do período, o(a) encorajo também a fazer anotações do que gostaria de falar e, caso tenha algo a me contar além das perguntas, sinta-se à vontade de relatar livremente. As perguntas são somente um auxílio à memória e para ajudar o andamento da entrevista, o que mais desejo é saber sobre você, sua família e sua história.

Minha pesquisa está centrada nos imigrantes e descendentes de alemães (incluso austríacos e suíço alemães), italianos e japoneses, do município de Rio Claro – SP, no período das duas guerras mundiais (1914-1945) e a Revolução de 1932, procurando compreender como viveram esse período, trabalho, educação, suas dificuldades e problemas enfrentados.

O dia e horário da gravação será o que melhor lhe convier e, caso deseje ou necessite, poderemos realizar mais de uma reunião, sendo que a entrevista poderá ser total ou parcialmente alterada posteriormente caso o(a) senhor(a) queira. Peço que a realizemos em um local privado.

Também solicito que caso possua algum documento, foto, carta, diário, objeto, ou qualquer outra referência do período, me permita realizar uma cópia ou tirar foto. Serão utilizados apenas o que for de seu livre consentimento, com direito de retirar a qualquer momento a sua anuência sem penalidades.

Para marcarmos a entrevista, por favor, entre em contato pelo seu meio de preferência: Telefone (xx) xxxx-xxxx, WhatsApp (xx) xxxxx-xxxx ou E-mail xxxxxxxxx

_____

André Luiz Bovo

Apêndice B

Roteiro de Entrevista

Identificação

01-Qual o seu nome?

02-Data e local de nascimento?

03-Profissão atual e em que já trabalhou?

04-Saberia o nome dos seus pais, irmãos, tios, avós, bisavós?

Origem e Identidade

05-Quais são as origens das suas famílias?

06-Tem noção de quando vieram para o Brasil (aproximadamente)?

07-Sabe alguma coisa sobre sua família no país de origem e/ou motivo da vinda para cá?

08-Como se sente sobre sua origem? Tem orgulho de seus antepassados?

09-Como era a sua relação com seus familiares, pais, tios, avós?

10-Falavam a língua do país de origem ao invés do português em casa? Conhece alguma coisa nesta língua? (música, expressão, palavras, etc)

11-Como se sente a respeito desta(s) língua(s)? Gostaria que as novas gerações a aprendessem?

12-Quais valores, conhecimentos e trabalhos sua família lhe ensinava?

13-Qual sua religião, a de sua família e de seus ancestrais?

14-Sua família valorizava a educação? Ajudavam nos seus estudos?

Guerras Mundiais

15-Como foi o período das guerras mundiais para você e sua família? O que seus familiares contavam sobre este período?

16-Poderia contar alguns acontecimentos marcantes para você, sua família e/ou conhecidos?

17-Sofreram alguma ofensa, discriminação ou violência nesse período?

18-Como era a relação com pessoas de origem alemã, italiana ou japonesa?

19- Como se relacionavam com a sociedade local?
20- Tiveram que mudar algo do cotidiano? (parar de falar alguma língua ou de realizar certas festas, parar de viajar, salvo conduto, etc)
21- Houve problemas quanto a educação? Tiveram que parar de estudar?
22- Como se sentiam sobre o Brasil estar contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão)? Sobre a ida de soldados a Europa?
23- Ficaram sabendo de algo referente a grupos nazistas, fascistas ou ligados à *shindo renmei* (imperialistas japoneses)?
24- Como se mantinham economicamente? Enfrentaram algum problema econômico? Como lidaram com isso? (conseguir emprego, comércio, venda de produtos que plantavam ou produziam em casa, etc)
25- Como ficavam sabendo da guerra? Jornais, rádio, reuniões de amigos?
26- A comunidade religiosa que frequentavam ajudava os de origem alemã, italiana ou japonesa? De que forma?

Revolução de 1932

27- Entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda, houve a Revolução de 1932 contra Getúlio Vargas, isso afetou sua família?
28- Era comentado algo sobre o conflito?
29- Ajudaram financeiramente o movimento revolucionário?
30- Algum membro da sua família ou conhecido participou?

Lembrando que podem utilizar de documentos, fotos, objetos ou o que desejar ao contar suas histórias. Caso queira poderá utilizar anotações baseadas ou não nestas questões. Também ressalto que tais perguntas são apenas para ajudar a sua memória, este é um roteiro para a hora da entrevista e não um questionário, não há necessidade de segui-las à risca, podendo contar o que desejar mesmo que aparentemente não se encaixe nas perguntas.

Apêndice C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução CNS nº510 de 2016)

Venho convidá-lo(a) a participar de uma entrevista, em local privado de sua escolha, a ser realizada por mim, André Luiz Bovo, RG xx.xxx.xxx-x, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro - SP, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

Essa entrevista faz parte de minha pesquisa de doutorado "'Rio Claro estará no Brasil?' – Perseguição, preconceito, exclusão e violência a imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses em Rio Claro - SP durante as guerras mundiais" que trata sobre os imigrantes e descendentes dos povos citados no município de Rio Claro – SP no período das Guerras Mundiais e da Revolução de 1932, abordando principalmente os anos de 1914 a 1945.

Todos os dados coletados na pesquisa ficarão armazenados em arquivo físico e digital sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, para que você possa decidir livremente sobre sua participação e o uso de seus dados no momento e no futuro.

Minha pesquisa trata sobre esse período das guerras, no qual os imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses foram perseguidos e sofreram preconceito pelo governo e pela sociedade, perdendo direitos como os de viajar ou ter rádios, proibições sociais e culturais como a de se reunir, realizar festividades, eventos ou falar a língua de origem. Assim, através da pesquisa de documentos dessa época, como jornais, atas da Câmara Municipal, fotografias e relatórios, procuro desenvolver como foi que esses grupos sobreviveram e as consequências que sofreram e, junto a isso, entender o que os descendentes sabem e pensam a respeito desse passado, a memória que possuem ou as histórias que seus familiares contaram e, por isso, está sendo convidado a participar dela através dessa entrevista.

O objetivo é analisar como e o que os grupos fizeram para não perder sua cultura apesar desse período de dificuldade, com ela permanecendo no cotidiano e na manutenção de sua memória, valores, relações familiares e orgulho dos ancestrais e do passado, sendo que alguns aspectos culturais foram afetados e estes podem ser ou estão sendo recuperados.

Informo que a pesquisa utilizará e publicará, para fins acadêmicos, o seu nome e sua entrevista (áudio ou vídeo), sendo que, caso tenha o desejo de anonimato, de rejeitar ou retirar sua participação parcial ou total, bastará informar a sua decisão que respeitarei suas solicitações e decisões sem penalidades ou constrangimento. Reitero que tanto sua identidade, como qualquer informação, total ou parcial, que nos passar tem direito ao sigilo e confidencialidade, sendo de sua escolha o que poderá ser ou não divulgado. Caso opte pelo anonimato:

I) Seu nome não aparecerá se optar por anonimato total, sendo referenciado apenas como "anônimo" e nada mais. Caso a escolha seja para o parcial, nas partes selecionadas você será anonimizado de igual modo ao total.
II) Para lugares, pessoas, instituições ou qualquer outro tipo de informação que queira sigilo, estes não serão especificados, impossibilitando o reconhecimento.
III) Para as gravações anônimas, estas terão a imagem do vídeo excluída e o áudio distorcido, impedindo identificá-lo(a). Para o anonimato parcial, os trechos requeridos serão retirados do total e tornado anônimo de igual forma.

IV) Não será informado o número de pessoas que optaram pelo anonimato parcial ou total. Se escolher o anonimato parcial, essa escolha não será comentada na pesquisa.

A sua participação pode envolver riscos, os quais são desconfortos e medo de expor demais a própria história ou de sua família, sentimentos de pesar e tristeza ao relembrar momentos difíceis, e que a pesquisa será de acesso público. Contudo, tais riscos serão mitigados:

A. Pela conversa que tivemos e você recebeu a carta-convite e o roteiro de entrevistas.
B. Que você possui o direito, sem qualquer penalidade, de pedir anonimato e de retirar ou modificar a sua participação, seja partes dela ou totalmente.
C. De que possui o direito de buscar ressarcimento a eventuais gastos, danos ou prejuízos decorrentes de sua participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação e compensação material.

Os benefícios de sua participação são culturais, memoriais e de reafirmação do orgulho de suas origens:

1) Sua entrevista será referência documental nesta pesquisa que trata da história dos imigrantes e descendentes em Rio Claro. Sendo que ela poderá ser também usada como referência de novas pesquisas (minhas ou de outrem), desde que estas atendam às seguintes obrigações:
    1.1) a nova pesquisa apresente novo projeto de pesquisa para ser analisado e aprovado pelo Sistema CEP/Conep;
    1.2) seja feito novo consentimento do participante de pesquisa por meio de um TCLE específico referente ao novo projeto de pesquisa;
2) Poderá consolidar partes de sua memória, de sua família e conhecidos, impedindo-as de serem esquecidas e desaparecerem.
3) A sua entrevista ajudará a recuperar e manter a memória, história e cultura dos imigrantes e seus descendentes.
4) Com o seu relato e a pesquisa, outros descendentes e as novas gerações poderão ter meios de fortalecer o orgulho pelas suas origens e a sua presença cultural no município.

Qualquer dúvida ou necessidade adicional será resolvida antes, durante ou após a entrevista. A entrevista será individual; acontecerá em local privado de sua escolha e sem interferência de terceiros; você terá acesso às perguntas antes da entrevista e poderá me contatar a qualquer momento para todo tipo de assistência e acompanhamento referentes à pesquisa.

Informo que esse termo é exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), o qual é formado por especialistas de diferentes áreas do conhecimento e que tem como objetivo garantir a integridade dos informantes, bem como a proteção dos dados fornecidos pelos mesmos, na realização de pesquisas. Caso necessite de alguma assistência, é possível entrar em contato com o Comitê através do endereço: Chácara Butignoli s/n – bairro Rubião Júnior – município de Botucatu CEP: 18618-970 (Localizado na FAMESP) - cep.fmb@unesp.br – tel. (14) 3880-1609 (horário: 08:00h às 12:00h - 13:30h às 17:00h).

Portanto, ao rubricar todas as páginas e assinar as duas vias (uma sua e a outra do pesquisador), numeradas de 1 a 3, você comprovará estar esclarecido(a) com relação à pesquisa e que não está sendo ameaçado(a), constrangido(a) ou forçado(a) a participar, tão menos obteve

ou obterá remuneração pela entrevista, com a devida cobertura a eventuais despesas ou prejuízos decorrentes da sua participação, se houver.

Rio Claro – SP, ____/____/____

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

_____

Assinatura do Participante da Pesquisa/Responsável Legal

Dados sobre a Pesquisa:
Título: "Rio Claro estará no Brasil?" – Perseguição, preconceito, exclusão e violência a imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses em Rio Claro - SP durante as guerras mundiais

Pesquisador Responsável: André Luiz Bovo
Cargo: Pesquisador Responsável/ Doutorando
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Endereço Institucional: Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro. Avenida 24 A, 1515 - Rio Claro/SP - CEP 13506-900
Contato Pessoal: fone: (xx) xxxxx-xxxx e-mail: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Orientadora: Prof.ª. Dr.ª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Endereço Institucional: Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro. Avenida 24 A, 1515 - Rio Claro/SP - CEP 13506-900
Contato Pessoal: fone: (xx) xxxxx-xxxx e-mail: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Dados sobre o Comitê de Ética em Pesquisa CEP-FMB:
Instituição: Faculdade de Medicina de Botucatu - FMB
Endereço: Chácara Butignoli s/nº, Rubião Júnior – Botucatu/SP - CEP: 18618-970 (Localizado na FAMESP)
Horário de funcionamento: de 2ª a 6ª feira das 8:00 às 12.00 e das 13.30 às 17horas
Contato: fones: (14) 3880-1608/3880-1609 e-mail: cep.fmb@unesp.br

CEP-FMB

Chácara Butignoli s/nº, Rubião Júnior – 18618-970 – Botucatu/SP

Telefones (14) 3880-1608/3880-1609

Número do parecer: 7.231.491